EDIÇÃO ESPECIAL SOB O PATROCÍNIO DA
COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO

SERVIÇO DE COMEMORAÇÕES CULTURAIS

História e Tradições
da
Cidade de São Paulo

Volume III

HISTÓRIA E TRADIÇÕES DA CIDADE DE SÃO PAULO

3 desenhos em côres de *Cândido Portinari*
112 bicos-de-pena de *Clovis Graciano*
170 fotografias e plantas de S. Paulo antigo e moderno

VOLUME I

Prefácio de *Gilberto Freyre*
Nota Preliminar
Introdução — *Cidades-Grandes do Brasil*

1ª Parte — *Arraial de Sertanistas* (1554 - 1828)

VOLUME II

2ª Parte — *Burgo de Estudantes* (1828 - 1872)

VOLUME III

3ª Parte — *Metrópole do Café* (1872 - 1918)

Apêndice — *São Paulo de Agora* (1918 - 1954)

Bibliografia
Notas sôbre as Gravuras
Índice de Assuntos e de Lugares
Índice de Nomes

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA

Rio de Janeiro: Rua do Ouvidor, 110
São Paulo: Rua dos Gusmões, 100
Belo Horizonte: Rua Curitiba, 482
Recife: Av. Manuel Borba, 23-C
Porto Alegre: Rua dos Andradas, 717

ERNANI SILVA BRUNO

História e Tradições da Cidade de São Paulo

VOLUME III

Metrópole do Café (1872-1918)
São Paulo de Agora (1918-1954)

★

Prefácio de Gilberto Freyre

★

Com 285 ilustrações, fotografias e plantas
Bicos-de-pena de CLOVIS GRACIANO
Desenhos em côres de CÂNDIDO PORTINARI

2.a edição

EDIÇÃO ESPECIAL SOB O PATROCÍNIO DA
COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO
DA CIDADE DE SÃO PAULO
Serviço de Comemorações Culturais

Livraria José Olympio Editôra
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro — 1954

ÍNDICE GERAL DO

VOLUME III

TERCEIRA PARTE

METRÓPOLE DO CAFÉ (1872-1918) 899

I — Palacetes e Chalés 917
II — As Avenidas e as Árvores 967
III — Marcha para os Arrabaldes 1025
IV — O Trem, o Bonde e os Viadutos 1053
V — Água e Abastecimento 1105
VI — O Mercado e a Oficina 1131
VII — O Caminho da Salubridade 1189
VIII — Dança, Jôgo e Esporte 1215
IX — Em Tôrno da Academia 1253
X — O Piano e a Ópera 1286

APÊNDICE

SÃO PAULO DE AGORA (1918-1953) 1315

BIBLIOGRAFIA 1385
NOTAS SOBRE AS GRAVURAS 1423
ÍNDICE DE ASSUNTOS E DE LUGARES 1473
ÍNDICE DE NOMES 1519

ÍNDICE DE GRAVURAS DO

VOLUME III

114 — Estação do Norte em 1889 901
115 — Largo e igreja da Sé no começo dêste século 905
116 — Viaduto do Chá em 1892 909
117 — Casinhas e chalés na rua Sete de Abril 923
118 — Velhos telhados e aspecto lateral da Sé 927
119 — Sobradões na rua da Imperatriz 931
120 — Edifício da Câmara em 1890 935
121 — Recolhimento de S. Teresa em 1907 941
122 — Claustro do mosteiro de São Bento 945
123 — Sobrado na rua João Bricola em 1902 949
124 — Igreja do Carmo e convento dos Carmelitas 953
125 — Recolhimento de S. Teresa e rua do Carmo 957
126 — Pátio interno do convento da Luz 961
127 — João Teodoro Xavier 971
128 — Ruas José Bonifácio e Quintino Bocaiuva 975
129 — Rua Libero Badaró em 1912 981
130 — Avenida Paulista — Inauguração em 1891 985
131 — Avenida Tiradentes 989
132 — Jardim da Luz em fins do século passado 993
133 — Jardim da praça João Mendes em 1890 997
134 — Prefeito Antônio Prado (1899) 1001
135 — Largo de São Bento em 1888 1005
136 — Pátio do Colégio no começo dêste século 1009
137 — Largo da Sé no começo dêste século 1013
138 — Lampião de gás na rua da Imperatriz em 1880 1017
139 — Fundos do Seminário das Educandas 1033
140 — Rua da Tabatinguera em 1880 1037
141 — Várzea do Carmo e Tamanduateí em 1890 1043
142 — Fachada do convento da Luz 1047
143 — Estação da Luz em 1905 1057
144 — Estacionamento de tílburis na Sé 1063

145 — Limpeza [illegible] 1067
146 — Cocheira [illegible] 1071
147 — Bonde de burros e tilburi na rua Direita 1077
148 — Automoveis [illegible] praça da Republica 1083
149 — Inundação da Várzea em 1892 1087
150 — Demolição da casa dos Barões de Tatuí em 1889 1093
151 — Viaduto do Chá, rua Líbero Badaró e rua Formosa 1097
152 — A casa "Banhos da Sereia" 1107
153 — Bebedouros no largo de São Francisco 1113
154 — Chafariz do largo do Rosário 1119
155 — Pequeno chafariz do largo dos Guaianases 1125
156 — Igreja e largo do Rosário 1135
157 — Ladeira General Carneiro e mercado 1141
158 — Ladeira General Carneiro e Cascata do Palácio 1147
159 — Mercadinho de São João em 1915 1153
160 — Mercado da rua 25 de Março 1159
161 — Depósito de carnes do largo São Paulo 1165
162 — Tenda de Pai Inácio, no mercado velho 1171
163 — Quiosque em frente à igreja do Carmo 1177
164 — Rua da Imperatriz em 1887 1183
165 — Quartel da Guarda Cívica em 1907 1197
166 — Edifício do Asilo de Mendicidade 1201
167 — Edifício do Quartel de Linha em 1914 1207
168 — Igreja do Colégio em 1896 1219
169 — Retábulo da Igreja do Colégio 1223
170 — Imagem da Igreja do Colégio 1227
171 — Fachada posterior do mosteiro de São Bento 1231
172 — Praça da República em 1890 1235
173 — Rua 15 de Novembro em 1896-1900 1239
174 — Inundação na Tabatinguera 1243
175 — Floresta e Ponte Grande em 1905 1247
176 — Face lateral da igreja da Sé em 1910 1257
177 — Seminário Episcopal em 1905 1265
178 — Museu Paulista e Jardim do Ipiranga 1273
179 — Observatório de Couto de Magalhães 1279
180 — Teatro São José em 1918 1291
181 — Teatro Municipal 1297
182 — Pátio do Colégio em 1895 1305
183 — "Ponte da Tabatinguera" (Almeida Júnior) 1309
184 — Maqueta do Edifício Copan 1317
185 — Rua Direita em hora de movimento 1321
186 — Praça da República e Avenida Ipiranga 1325

187 — Parque Pedro Segundo 1329
188 — Anhangabaú e Viaduto do Chá 1333
189 — Passagem subterrânea no Vale do Anhamgabaú 1337
190 — Túnel Nove de Julho 1341
191 — Ponte das Bandeiras 1345
192 — Bairro fabril 1349
193 — Edifícios do Hospital das Clínicas 1353
194 — Maqueta da Catedral da Sé 1357
195 — Decorações da Igreja da Paz 1361
196 — Estádio Municipal de Pacaembu 1365
197 — Hipódromo de Cidade Jardim 1369
198 — Edifício da Biblioteca Municipal 1373
199 — Monumento das Bandeiras 1377
200 — Brasão da Cidade de São Paulo 1383

FORA DO TEXTO — Entre

Desenho de Cândido Portinari .... IV/V
Panorama do centro visto da Várzea do Carmo (1880) .. 1028/1929
Vista aérea da cidade 1326/1327
Fotografia aérea do parque Anhangabaú e parte da área central da cidade 1380/1381
Mapa Turístico da Cidade de São Paulo 1542/1543

TERCEIRA PARTE

METRÓPOLE DO CAFÉ 1872-1918

Desde meados do século dezenove vários fatôres — de ordem econômica, social ou simplesmente técnica — ligados a fenômenos de caráter nacional ou regional se entrosaram de forma a contribuir para que a partir de 1870-1872 aproximadamente se marcasse uma fase nova na existência da cidade de São Paulo. Em primeiro lugar, o reflexo daquela febre de reformas que principalmente de 1851 a 1855 — como observou Sérgio Buarque de Holanda — se registrou no país: o comêço do movimento regular de constituição de sociedades anônimas; a fundação do segundo Banco do Brasil; a primeira linha telegráfica; a organização do Banco Rural e Hipotecário; a primeira estrada de ferro do país[1]. Particularmente agiria sôbre o destino da cidade de São Paulo a ligação dela por estrada de ferro com o pôrto de Santos e depois com a cidade de Jundiaí, também em meados do oitocentismo. E ainda o fato de que nessa época o café começou a suplantar o açúcar na economia da província. Êsse desenvolvimento da cultura cafeeira que — como salientou Prado Júnior — de início fugiu à hege-

[1] Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil,* 1.ª edição, pág. 90.

monia paulistana, ocorrendo no litoral norte da província e no Vale do Paraíba, acabou beneficiando a cidade, não só porque também a zona norte foi articulada ao sistema ferroviário tendo São Paulo como centro, como porque as lavouras de café se deslocaram depois para as terras do oeste, tradicionalmente tributárias da capital da província[2]. Não pode haver dúvida — previa em 1870 o viajante William Hadfield — que São Paulo está destinada a ir para a frente como capital da província e pivô central das comunicações ferroviárias[3]. Essa condição de pivô de tôdas as ligações por caminho de ferro foi mesmo defendida pela cidade, em 1875 a sua Câmara Municipal insistindo para que ela fôsse o ponto de partida da estrada de Bragança[4]. A própria exclusividade da ligação ferroviária com o litoral foi mantida, apesar de que já em 1883 se considerasse insuficiente o tráfego da Santos-Jundiaí, tendo havido quem sugerisse, como solução, a ligação Iguape-Itú, no sul[5], e Taubaté-Ubatuba, no norte[6].

O café — que condicionou o desenvolvimento econômico da província — teve assim em São Paulo a sua metrópole indiscutível. Por outro lado não só

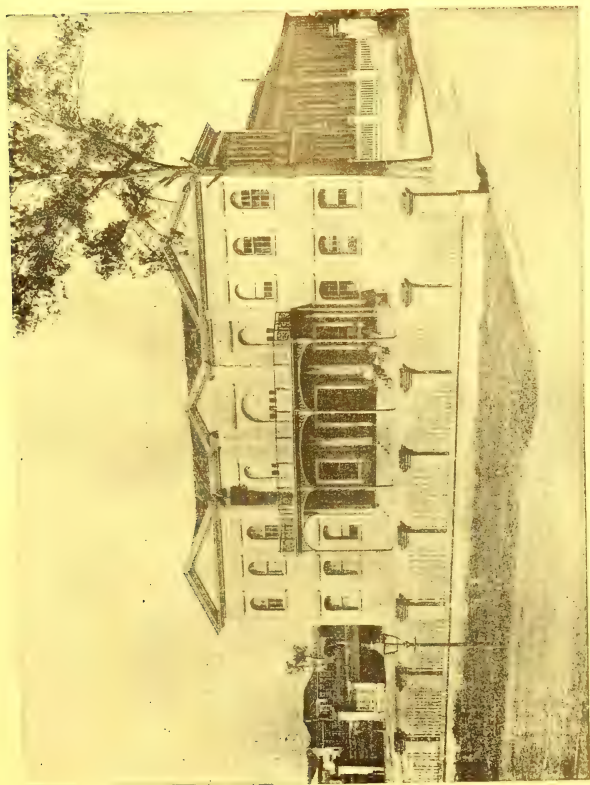
---

[2] Caio Prado Júnior, "O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo", *Geografia,* n.º 3, págs. 259-260.

[3] William Hadfield, *Brazil and the River Plate,* 1870-1876, pág. 169.

[4] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXI, págs. 22-23.

[5] Henrique Ernesto Bauer, *Apontamentos sôbre a Estrada de Ferro Projetada entre o Pôrto de Iguape e a Cidade de Itu,* págs. 5, 6, 7.

[6] Joaquim Floriano de Godoi, *A Província do Rio Sapucaí,* págs. 235 e seguintes.

114 — A Estação do Norte, no Brás, em fotografia de 1889.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

fazendeiros enriquecidos com êsse produto refluíram para a cidade — tendência que se acentuaria com a abolição do cativeiro em 1888 — como comerciantes abastados às vêzes se mudavam para ela, fugindo de epidemias em cidades do interior — como haveria de ocorrer com Campinas, em 1889[7] — ou procurando se esquivar de residência em locais de climas menos agradáveis que o da cidade de São Paulo. Como sede do govêrno e centro de comunicações, indústria e comércio era natural — escrevia o observador Raffard em 1890 — que nela procurassem fixar residência famílias abastadas de Campinas e de Santos[8]. Para isso contribuía ainda o clima agradável, embora muito variável, da capital. Ainda em 1905 observava o escritor português Sousa Pinto que Santos, sendo uma cidade com instituições próprias e população numerosa, dependia essencialmente de São Paulo. "É uma espécie de sucursal, de anexo da capital, cujas casas comerciais ali têm tôdas escritórios, armazéns e arrecadações, o que faz com que ela tôdas as manhãs seja demandada por uma grande turma azafamada que vem de São Paulo fiscalizar e dirigir os negócios, as descargas, as exportações e se retira à tarde porque Santos sofre no verão temperaturas excessivas. Como além disso várias epidemias a têm experimentado, todos os que podem preferem sujeitar-se à viagem cotidiana a habitar ali"[9]. De outra parte, "os únicos mercados de café eram São Paulo e Santos

---

[7] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", *Revista do Arquivo Municipal,* XCIII, págs. 123-125.

[8] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist. Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[9] Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras,* págs. 378-379.

— notava na mesma época Pierre Denis — as cidades do interior não tendo por função concentrar as colheitas"[10]. E o café se tornara coisa de tamanha significação na existência da população de São Paulo que a "saca" passou a ser considerada unidade métrica — observou o viajante português citado — "como o carro o é ainda em certos pontos do Minho"[11].

Também passou a cidade de São Paulo nessa época a se beneficiar com a fixação de imigrantes europeus e os de outras partes do Brasil, e com a residência transitória de gente mais ou menos abastada do interior. Muitas famílias de fazendeiros, sobretudo no inverno, passavam temporadas na capital da província, montando casas e fazendo gastos, o que em parte contribuía — notou Lamberg em 1887 — "para a prosperidade e o esplendor da cidade"[12]. Aliás já vários anos antes — em 1873 — fazia referência uma ata da própria Câmara Municipal paulistana a moradores do interior da província que vinham à capital "procurando distrair-se da vida atarefada e muitas vêzes insípida" em lugares ermos e longínquos, e que "de lá concorriam com o produto de seu trabalho"[13]. Gente de vários pontos da província viu o viajante Június na cidade em 1882, "em grandes ondas nas ruas, nas praças, nos arrabaldes, nos jardins, em tôda parte, dando visìvelmente maior animação ao comércio, mais vida à cidade, e fazendo circular mais dinheiro"[14]. Também pessoas de outras províncias do Brasil se transferiam para São Paulo, no último quartel do século passado, muitas

---

[10] Pierre Denis, *O Brasil no século XX,* pag. 144.
[11] Sousa Pinto, op. cit., pág. 380.
[12] Maurício Lamberg, *O Brasil,* I, pág. 324.
[13] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 46.
[14] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem,* pág. 56.

115 — Largo e igreja da Sé nos primeiros anos do século atual.
(Coleção Paulo Florençano).

para se dedicarem a vários ramos industriais em sua capital[15]. Assim como a cidade e a província passaram a atrair quantidades consideráveis de imigrantes europeus e particularmente italianos, que contribuíram de forma decisiva para o seu crescimento e a expansão de seu comércio e de sua indústria. Em relação a êsse desenvolvimento não podem ser esquecidos aquêles fatôres naturais a que se referiu Caio Prado Júnior: os que, na distribuição da imigração européia na América, fizeram com que fôssem escolhidos para pontos de concentração certos setores privilegiados entre os quais figura esta parte meridional do Brasil, e São Paulo em particular[16].

Foi ganhando assim feição definida o quadro que se esboçava já em 1870, quando Almeida Nogueira escrevia que acabava na cidade de São Paulo o "ciclo dos trovadores" para começar o dos industriais. "O príncipe perfeito, sua alteza sereníssima o estudante, ia ser deposto pelo caixeiro-viajante. Caíam as rótulas, as mantilhas, arruavam-se o campo do Chá, o Bexiga, o Zunega; entravam no alinhamento o Brás, a Mooca, a Ponte Grande. A Penha perdia o encanto, uma vez servida pelas locomotivas, pelo bonde e pelo gás corrente"[17]. O próprio conceito urbano se modificava como observou Richard N. Morse comparando dois regulamentos — de 1856 e de 1873 — que definiam os limites dentro dos quais devia ser cobrado o impôsto predial urbano. O primeiro, em 1856, representava a cidade se confundindo ainda com

---

[15] Június, op. cit, pág. 56.

[16] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, vol. 7, págs. 195 e seguintes.

[17] Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo,* VIII, pág. 128.

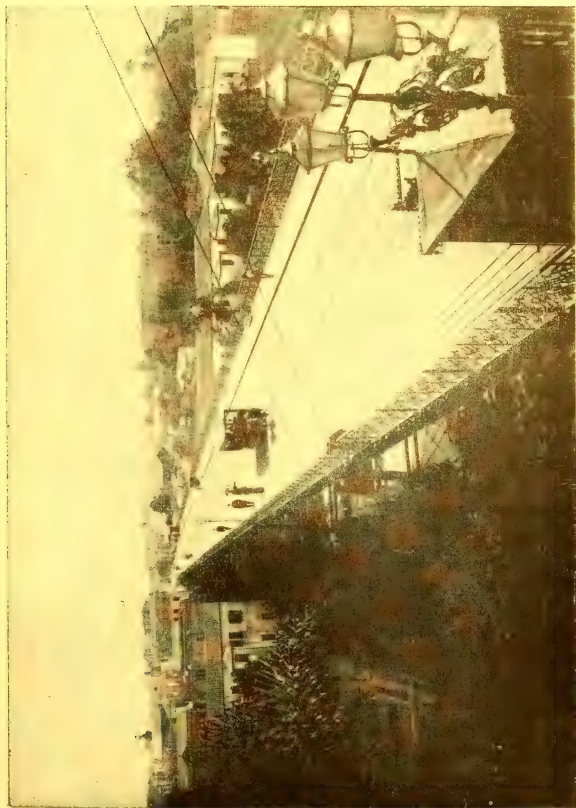
o campo, se estendendo às chácaras de Joaquim Sertório, na Mooca, e de Hermenegildo José dos Santos, na Consolação, e ao vale do Tamanduateí. O segundo, em 1873, baseava essa delimitação em uma abstração moderna, falando da cidade como de algo perfeitamente distinto do campo, encerrada em limites impessoais[18].

Embora em 1885, comparando São Paulo com a Côrte, o viajante Lomônaco achasse que ela não mostrava ainda o movimento rápido e turbulento da capital do Império, acusando ao contrário a alegria tranqüila de uma cidade de província[19], a verdade é que nos últimos trinta anos do oitocentismo ela começou a perder certos elementos que lhe davam um caráter acentuadamente provinciano. A ponto de por exemplo já entre os anos de 1883 e 1886 achar Rodrigo Otávio — como escreveu em suas memórias — que ela não era mais "a antiga cidade das ruidosas tradições acadêmicas". "O progresso, com tôdas as exigências e preconceitos da civilização — acrescentava êle — havia insensìvelmente invadido a velha capital jesuítica e eliminado, de suas ruas e bairros, aspectos e perspectivas tão caros ao espírito e à saudade de tantas gerações estudiosas"[20]. Alguns anos mais tarde — em 1897 — com seus trezentos mil habitantes e apesar de suas ruas maltratadas, seus bondinhos de burro e seu aspecto ainda um tanto "colonial", ela já podia deslumbrar, por exemplo, os estudantes provincianos que vinham de Minas. "Para

---

18 Richard N. Morse, *São Paulo — Raízes Oitocentistas da Metrópole,* págs. 479-480.

19 Alfonso Lomônaco, *Al Brasile,* pág. 122.

20 Rodrigo Otávio, *Minhas Memórias dos Outros,* 1.ª série, pags. 57 a 59.

116 — Viaduto do Chá em 1892 ou 1893, vendo-se no primeiro plano a casinha dos empregados da cobrança do pedágio.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

quem viera de Ouro Preto — observou Caldeira Brant nas suas *Memórias de um Estudante* — aquilo era uma Paris em ponto pequeno. Não me fartava de passear pelo Triângulo, entrando nos cafés e confeitarias"[21].

Consciente ou inconscientemente, o govêrno municipal e o poder eclesiástico iam eliminando da cidade os seus aspectos e os seus costumes de feição tradicional ou provinciana mais acentuada. Em 1878 desapareceram os antigos "passos" onde paravam algumas procissões, e alguns anos depois Von Koseritz observava maliciosamente que nos muros do mosteiro de São Bento se ostentavam anúncios comerciais de berrante colorido[22]. Em 1903 desapareceu a festa que se fazia tradicionalmente na igreja de Nossa Senhora da Penha, atraindo gente da cidade tôda. No ano de 1908 foi proibida pelas autoridades religiosas a realização de outra festa popular: a que se fazia na Santa Cruz do Pocinho. As próprias igrejas antigas, feitas de taipa segundo os rudes moldes coloniais — a de Santa Ifigênia, a de São Bento, a Sé — desapareceram para dar lugar, no comêço do novecentismo, a templos edificados segundo estilos universalmente consagrados e portanto mais de acordo com a feição tanto quanto possível européia que a cidade procurava assumir — às vêzes sem dúvida mediante esfôrço deliberado de administradores como Antônio Prado — escondendo ou eliminando qualquer traço não-europeu ou "caipira" que porventura perdurasse em suas ruas, em suas casas, em seus jardins, em seus costumes. É significativa a referência de

---

[21] Caldeira Brant, *Memórias dum Estudante* (*1885-1906*), pág. 128.

[22] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pág. 254.

D'Atri ao empenho do prefeito Prado no sentido de fazer de sua cidade natal uma cidade rival, do ponto de vista estético (de acôrdo por certo com padrões de beleza estandardizadamente europeus) das mais belas capitais da América do Sul[23]. Realmente Antônio Prado, ao deixar a prefeitura e ao encaminhar ao govêrno do Estado um plano de melhoramentos no centro da cidade, escrevia que êsse plano lhe daria o aspecto de cidade moderna, próspera e civilizada, conferindo-lhe um dos primeiros lugares entre as melhores cidades do continente[24].

A cidade perdia no entanto seus aspectos mais tradicionais e provincianos nessa época sem que êsses traços fôssem substituídos por qualquer fisionomia bem definida, e muitas vêzes sem que o poder público pudesse dar solução aos problemas que se colocavam — tamanha era a rapidez com que se processava o seu crescimento. Com vinte e um mil prédios em 1900, vinte e cinco mil em 1905 e trinta e dois mil em 1910, era São Paulo nessa época — excetuando-se o Rio de Janeiro — o único ponto do Brasil, na opinião de Pierre Denis, onde se podia ver uma multidão[25]. Tinha porisso mesmo a feição de cidade provisória, em que tudo parecia incompleto e sujeito a remodelações contínuas. "As formas de vida e a escala de valores dos paulistanos mudaram completamente durante os sessenta anos que se seguiram à Independência — observou Morse — de maneira que,

---

[23] Alessandro d'Atri, *L'Etat de São Paulo et le Renouvellement Economique de l'Europe*, pág. 190.

[24] *Melhoramentos do Centro da Cidade de São Paulo* (Projeto apresentado pela Prefeitura Municipal), 1911, págs. 3 e seguintes.

[25] Pierre Denis, op. cit., pág. 147.

ao tempo da República, foram suficientes alguns precipitantes para que a curva de crescimento da cidade subisse como um foguete"[26]. Começou então uma fase de progresso material incontrolado, sem coodernação e sem planejamento[27]. Em 1885 já assinalava o viajante Lomônaco que a cidade de São Paulo estava sujeita a um trabalho de contínua demolição e transformação que não podia ser logo completado: "Uma cidade nova tende a substituir a antiga"[28]. Quase na mesma ocasião outro observador, Lamberg, dizia que em São Paulo à primeira vista já se percebia que não se tinha contado com um desenvolvimento urbano tão importante[29]. O crescimento rápido da cidade foi também salientado, em um espaço de trinta e poucos anos (em 1875 e depois em 1907) pelo viajante Charles Wiener[30]. No comêço do século atual — em 1905 — ainda o escritor Sousa Pinto, embora fizesse referências muito elogiosas à cidade, reconhecia que ela não estava ainda "de todo concluída"[31]. E Artur Dias, em seu livro *O Brasil Atual*, na mesma época, escrevia que a cidade de São Paulo, vista do alto, mostrava blocos que davam idéia de "várias cidades sucessivamente agrupadas dentro da linha exterior instável"[32]. É que muitos de seus bairros — como notou Caio Prado Júnior — nasceram ao acaso, sem plano de conjunto, fruto de especulações com terrenos. Bairros desarticulados e desordenadamente distribuídos, não se ligando entre si e não fazendo corpo

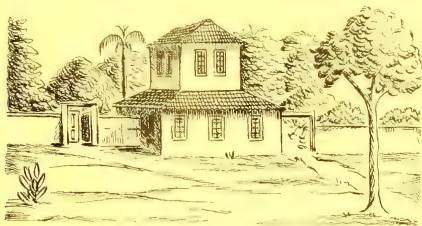
---

[26] Richard N. Morse, op. cit., pág. 456.
[27] Richard N. Morse, op. cit., pág. 470.
[28] Alfonso Lomônaco, op. cit., págs. 116 e seguintes.
[29] Maurício Lamberg, op. cit., I, pág. 322.
[30] Charles Wiener, *333 Jours au Brésil,* pág. 43.
[31] Sousa Pinto, op. cit., pág. 340.
[32] Artur Dias, *O Brasil Atual,* págs. 345-346.

com a cidade "dentro de um sistema lógico e de conjunto"[33]. Essa estrutura não podia deixar de criar ou de agravar problemas de urbanismo, de transporte, de salubridade. Mas era o tributo que o remoto arraial de sertanistas ou o velho burgo de estudantes não podia deixar de pagar para conquistar a posição de metrópole do café.

---

[33] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", cit.

I — PALACETES E CHALÉS

Ao contrário do que ocorrera no período de 1828 a 1872 — quando em linhas gerais a casa paulistana se mantivera fiel aos moldes tradicionais, que vinham da era colonial — na fase da existência urbana que se seguiu (de 1872 a 1918) a transformação foi bastante pronunciada, rompendo-se de forma radical e muitas vêzes condenável com quase tudo o que a experiência havia ensinado aos velhos mestres-de-obra paulistanos.

Isso ocorreu a princípio através de reformas determinadas pelo próprio poder municipal, quando dispôs que fôssem arrancadas das portas e janelas de tôdas as edificações as rótulas, as cancelas e os postigos que se abriam para fora, e pelas disposições do Código de Posturas de 1875 proibiu a construção de

casas de meia-água e de sótãos de cumieira para a frente. Em seguida, pela imposição de circunstâncias que se originaram do próprio crescimento rápido da cidade em conseqüência do enriquecimento de novas zonas da província com o surto do café e as primeiras ligações ferroviárias. Entre os moradores novos da cidade contaram-se numerosos fazendeiros abastados, que puderam com a colaboração de arquitetos e empreiteiros italianos e de outras nacionalidades — muitos radicados em São Paulo com as primeiras levas de imigrantes — edificar palacetes, vilinos e chalés cujas linhas estabeleceram vivo contraste com as da velha casa acaçapada da tradição portuguêsa através da sua adaptação regional. Surgiram assim casas monumentais, solares e outras edificações inspiradas em motivos alemães, inglêses, normandos, suecos.

O último quartel do século dezenove — como os primeiros anos do século vinte — representou período de muita demolição, de muita reforma e de muita construção na cidade e em seus arredores. As próprias edificações religiosas não escaparam a êsse processo de substituição. Os conventos de São Francisco e dos jesuítas — sobretudo êste último — sofreram reformas e adaptações de tôda a espécie. E quase tôdas as igrejas mais tradicionais da cidade foram desaparecendo — inclusive a do Colégio — algumas para dar lugar, no começo do século atual, a templos monumentais, de linhas mais modernas embora estranhas ao passado da povoação.

Nas ruas centrais mesmo as edificações mais antigas foram sendo substituídas por casas de feição "mais sòlidamente européia", inclusive alguns edifícios públicos de caráter monumental que contribuiram para alterar substancialmente a feição do centro paulistano. As residências particulares formaram ràpi-

damente bairros novos e se estenderam em quase tôdas as direções, ostentando luxo e mesmo confôrto notáveis, embora acusassem por vêzes um gosto bizarro e talvez duvidoso, compondo o "carnaval arquitetônico" a que se referiu o escritor Monteiro Lobato. O reverso disso tudo foi a resistência, no centro da cidade e suas imediações, de alguns velhos pardieiros e de muitas pequenas casas antigas de porta e janela, apesar dos protestos dos observadores e dos críticos mais exigentes da estética da metrópole do café. E também a edificação das modestas e às vêzes miseráveis moradias — sem confôrto quase nenhum — que se improvisaram nos primeiros bairros proletários da cidade.

E evidente que também os jardins particulares ganharam em São Paulo fisionomia diversa a partir do último quartel do século dezenove. Ao lado das antigas, começaram a aparecer e se valorizar plantas e flores novas, indígenas ou de fora. E jardins suntuosos passaram a contornar os vilinos dos bairros mais aristocráticos, onde jardineiros italianos foram substituindo os portuguêses.

Entretanto um dos marcos mais significativos da existência da cidade no período que se iniciou em 1872 foi, no capítulo da casa, o fato de que em 1874 as rótulas foram arrancadas de uma vez das edificações, por ordem do poder municipal. Elas e mais os postigos, as cancelas, as portas e janelas "de abrir para fora"[1]. Tudo isso foi proibido logo em seguida também pelo Código de Posturas (de 1875), que passou além disso a não permitir construções de ranchos cobertos de sapé, capim ou palha, casas de meia-água

---

[1] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* I, pág. 44 e II, 123

dentro da cidade e sótãos de cumieira para a frente. Êsse código de 75 também determinava a pintura ou caiação das frentes, oitões e fundos dos prédios, dos muros que deitavam para as ruas e particularmente dos fundos dos edifícios que davam para a Várzea do Carmo. E regulava a altura dos edifícios e seus pavimentos, dimensões exteriores das portas e janelas — prometendo-se estabelecer um padrão[2]. Sabe-se que no ano anterior havia sido aprovada pela Câmara uma indicação segundo a qual as casas térreas edificadas de então em diante não podiam ter menos de quatro metros e quarenta da soleira ao telhado e as assobradadas três metros e noventa e seis. As portas, 2,75 de altura e 1,30 de largura. As janelas, respectivamente 1,80 e 1,10[3]. Essa preocupação do poder municipal em relação a condições melhores de construção e de aparência para as edificações urbanas ocorreu em um tempo de elevação muito grande do índice de construções. Segundo Paulo Rangel Pestana — e de acôrdo com as estatísticas de cobrança do imposto predial — haviam sido coletados em 1834 1708 prédios, em 1843 1840 e em 1875 2.992[4]. Progressão que resultava indiretamente do desenvolvimento de novas zonas da província em conseqüência do surto de café e das primeiras ligações ferroviárias de São Paulo com alguns pontos do interior. Diretamente, do fato de que passou a morar na capital muita gente enriquecida na agricultura, acentuando-se dessa forma uma tendência que se observava particularmente desde mea-

---

[2] João Mendes de Almeida Júnior, *Monografia do Município da Cidade de São Paulo*, págs. 58-59.

[3] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LX, pag. 163.

[4] Paulo Rangel Pestana, "A Cidade de São Paulo — Evolução Histórica", no álbum *A Capital Paulista*, comemorativo do centenário da Independência.

dos do século dezenove. Para construção de muitas dessas novas casas urbanas contaram os moradores de São Paulo com a colaboração dos arquitetos e empreiteiros italianos que começaram a chegar entre os primeiros imigrantes[5]. Adaptando o pomposo barroco dos séculos dezesseis e dezessete a um problema local (a casa de um pavimento sôbre porão baixo) êsses construtores italianos — na observação de Ian de Almeida Prado — edificaram bairros inteiros que deram um aspecto peculiar à arquitetura paulistana no Brasil: Santa Ifigênia, Vila Buarque, Liberdade[6]. Às vêzes porém edificavam-se chalés imitando os suíços, particularmente no Chá, nos Campos Elíseos e na Estrada Vergueiro[7]. Em 1885 o viajante Lomônaco observava que os palacetes particulares se multiplicavam em vários pontos, especialmente na parte nova da cidade: edifícios construídos com bom gôsto, predominando os de tipo chalé, circundados de jardins[8].

Foram solares ou chalés muitas das construções que se fizeram sobretudo a partir de 1875 em seguida à falência do Banco Mauá & Cia. O fato — a falência dêsse estabelecimento — causou pânico na Bolsa de São Paulo, pois quase tôdas as pessoas de recursos da cidade tinham depositadas naquele banco as suas economias. O receio de guardar dinheiro em casa bancaria fêz com que êle fôsse aplicado na edificação de casas numerosas por todos os bairros[9]. A ocorrência parece ter sido providencial, pois nesse mesmo ano e segundo indicação de uma ata da Câmara, ti-

---

[5] Ian de Almeida Prado, "São Paulo Antigo e sua Arquitetura", *Ilustração Brasileira*, Setembro de 1929.

[6] Ian de Almeida Prado, op. cit.

[7] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem*, pág 44.

[8] Alfonso Lomônaco, *Al Brasile*, págs. 116 e seguintes.

[9] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 91.

nham se generalizado os protestos contra o preço excessivo dos aluguéis. Com o afluxo de imigrantes em quantidade cada vez maior — dizia-se na Câmara — de diversos pontos do Império, da Europa "e ùltimamente dos estados platinos", havia carência de casas. E a solução estaria em se criarem companhias que edificassem residências ou adiantassem capitais a juros módicos e prazos largos a quem quisesse construir[10]. O fato é que a cidade, que tinha menos de três mil prédios em 1875, passou a ter onze anos depois mais de sete mil. Entretanto, ainda nessa ocasião, parece que representava motivo de orgulho para os seus donos e talvez para a própria cidade o sobradão de três andares edificado em 1854. "Casa de três andares", dizia orgulhosamente o anúncio do Grande Bazar de Roupas Feitas, de Paiva, no almanaque editado por Jorge Seckler em 1888[11].

As velhas igrejas e os velhos conventos continuavam passando por tôda a sorte de reformas. Em 1872 lançou-se a pedra fundamental do frontispício novo e da tôrre da igreja da Boa Morte[12]. Em 1878 começaram as obras da fachada nova da de São Gonçalo[13]. Mais ou menos no mesmo período foi remodelada quase que totalmente a igreja de São Bento[14]. E feita a restauração da de Santa Teresa. A propósito das igrejas paulistanas em 1883 o viajante Von Koseritz observou: "A cidade, com seus trinta e cinco mil moradores, possui nada menos do que dezenove igrejas, sem contar os templos e conventos

---

[10] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXI, pág. 41.
[11] *Almanach da Província de São Paulo,* 1888, pág. 6.
[12] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 46.
[13] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 40.
[14] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora,* pag. 30.

117 — Casinhas de beiral ao lado de chalés mais modernos, na rua Sete de Abril, em fins do século passado.

(Fotografia reproduzida do álbum de Gustavo Koenigswald *São Paulo*, 1895).

destinados a fins oficiais. No centro da cidade, em distância de três quadras, se encontram sete igrejas, uma sempre olhando para a outra, e às vêzes nascidas aos pares e se tocando como irmãs siamesas"[15]. Referia-se por certo ao fato de serem vizinhas as igrejas dos Remédios e de São Gonçalo; as da Sé — cujo frontispício e cuja tôrre foram mais uma vez reformados no ano seguinte (1884)[16] — de São Pedro e da Misericórdia; e juntas, as do largo de São Francisco e as do Carmo. Mas na mesma época ainda foram se edificando outras, em geral nos bairros. A do Sagrado Coração de Jesus, nos Campos Elíseos, começada em 1881 e acabada em 1884[17]. Entre os anos de 1887 e 1891, as capelas de Santa Cruz, na ladeira Pôrto Geral, e de São Miguel, na rua Antônio Prado (depois Bráulio Gomes), pelo italiano Miguel Aliano e sua mulher Ana Maria Orga[18]. Em 1895 ficou concluída a igreja de Nossa Senhora da Glória, no Cambuci, que se originou de uma capela, havendo primitivamente na parte baixa do morro uma pequena cruz de madeira popularmente conhecida por Santa Cruz do Cambuci[19]. A igreja de São José do Ipiranga foi começada em 1891. A de São José do Belém originou-se de uma capelinha reedificada em 1897[20]. O templo do Sagrado Coração de Maria, na rua Jaguaribe, foi iniciado em 1895 e concuído em 1905[21]. E em 1906 foi inaugurada a nova igreja

---

15 Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pag. 254.

16 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 38.

17 José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* II, págs. 601-602.

18 José Jacinto Ribeiro, op. cit., II, págs. 556-594.

19 José Jacinto Ribeiro, op. cit., II, pág. 595.

20 José Jacinto Ribeiro, op. cit., II, pág. 595.

21 Jacinto Silva, *Cidade de São Paulo — Guia Ilustrado do Viajante,* pág. 106.

do Rosário dos Pretos, no largo do Paissandú, edificada gratuitamente por trabalhadores negros[22]. As igrejas da parte central da cidade eram quase tôdas construções dos tempos coloniais, e excetuando-se talvez a dos Remédios e a de São Pedro, tinham entre si uma semelhança muito grande. Como escreveu V. de P. Vicente de Azevedo, "nuas de ornamentos, de grandes curvas pesadas, privadas quase sempre até da nota risonha dos azulejos — a dos Remédios foi uma exceção — nem uma só das igrejas escapou ao insonso tipo apelidado jesuítico"[23]. Foram muito menos suntuosas que as do Rio de Janeiro, as de Salvador, as de Recife e as de algumas cidades mineiras[24]. E com portais sensìvelmente mais pobres. Salientou Alcântara Machado que as igrejas paulistanas não se comparavam, na perfeição das linhas ou no vistoso do porte, com as da Bahia, de Pernambuco ou de Minas Gerais, acrescentando que os seus construtores não tinham tido a preocupação da beleza e nem mesmo a da duração. Desprezavam "o granito e os elementos nobres", utilizando materiais que não resistiram ao tempo. Daí ter sido forçosa a reconstrução de quase tôdas[25].

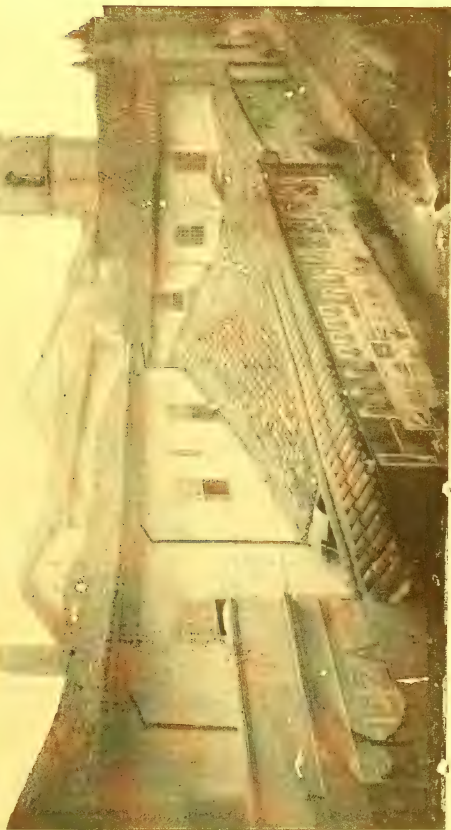
O mesmo acontecia com os conventos. O de São Francisco — onde se instalara a Academia de Direito — escreveu Koseritz que estavá então arruinado e sujo. Com os pátios cobertos de capim e o

---

22 Miguel Milano, *Os Fantasmas da São Paulo Antiga,* pág. 37.

23 V. de P. Vicente de Azevedo, "A Pirâmide do Piques", *Revista do Brasil,* Junho de 1920, págs. 179 e seguintes.

24 Sebastião Pagano, "Aspectos de São Paulo Histórico", *Planalto,* Janeiro-Fevereiro de 1946.

25 Alcântara Machado, *Vida e Morte do Bandeirante,* pág. 40.

118 — Velhos telhados e aspecto lateral da antiga Sé, vendo-se à direita a rua da Esperança ou do Santíssimo Sacramento, desaparecida em 1912.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

calçamento do claustro todo estragado. As janelas arrebentadas. E nas salas de aula as paredes sujas: há anos que não eram caiadas[26]. Sabe-se que exatamente a partir do ano da visita de Koseritz — 1883 — passou o casarão por uma série de reformas amplas por dentro e por fora[27]. Dois anos antes sofrera reformas profundas o convento dos jesuítas. Demoliu-se o corpo perpendicular à igreja e reconstituiu-se o corpo conservado. O edifício perdeu então — segundo Almeida Nogueira — a sua fisionomia primitiva, de modo que ficou "sem a nobreza que nascia de sua antiguidade, nem a distinção da arquitetura moderna"[28].

As reformas porém não se fizeram só nas igrejas e nos conventos. Também nas casas particulares. Ao lado das demolições e das edificações numerosas, em fins do século passado. Em 1884 Dona Veridiana Prado mandou edificar na colina de Santa Cecília, dentro de um belo parque, o seu elegante palacete, dando o exemplo a outras pessoas abastadas que começaram a edificar palácios nos subúrbios paulistanos. Arquitetos hábeis como Ramos de Azevedo e Tomás Bezzi — escreveu Teodoro Sampaio — foram mobilizados para êsses empreendimentos[29]. Ramos de Azevedo fizera em Gand, na Bélgica, o seu curso de engenharia e em 1886 fixou-se na cidade de São Paulo, cabendo-lhe então a construção de muitos

---

[26] Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 264.

[27] Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo,* II, pág. 494.

[28] Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo,* IV, pág. 269.

[29] Teodoro Sampaio, "São Paulo no Século XIX", *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo,* VI, pág. 159.

edifícios públicos e particulares[30]. Entre os últimos, as residências da Marquesa de Itu, dos Pais de Barros, Pádua Sales, Almeida Prado, Barbosa de Oliveira, José Paulino Nogueira e Aguiar de Barros[31]. "Vilas bonitas e um pouco estravagantes viam-se nesse tempo na parte mais nova da cidade", segundo o viajante Andrews[32]. Casas que se ressentiam já da influência da arquitetura italiana[33]. No período de 1887 a 1891 — de acôrdo com as notas de um observador da época — ao lado das construções moldadas "nos singelos riscos de modestos mestres-de-obra de origem lusitana" começaram a aparecer ainda — com a imigração crescente de vários elementos europeus — construções influenciadas por motivos inglêses, normandos, alemães, suecos[34]. Essa "falta de estilo harmônico" não produzia boa impressão — escreveu Maurício Lamberg em 1887 — mas a aparência da cidade nem porisso era desagradável[35]. Com a abolição da escravidão em 1888 acentuou-se por outro lado a tendência de se mudarem muitos fazendeiros para a capital da província. E isso representou mais um fator para que as reformas, as demolições e as novas edificações ocorressem de forma ainda mais intensa. Casas novas, muito mais suntuosas que as antigas, foram se edificando em terrenos até então baldios, embora quase no centro, como à esquerda do

---

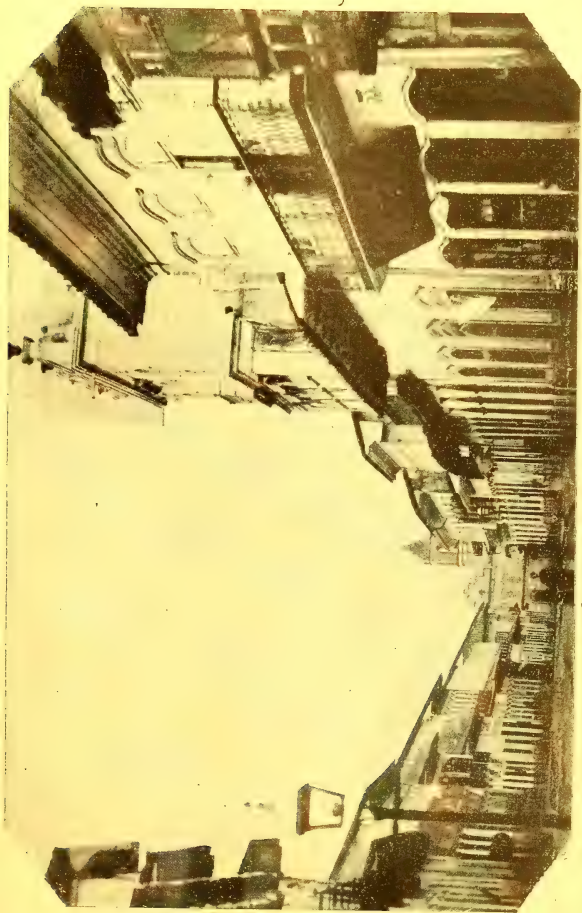
30 J. F. Barbosa da Silveira, *Ramos de Azevedo e suas atividades*, pág. 7.

31 J. F. Barbosa da Silveira, op. cit., pág. 12.

32 Christopher C. Andrews, *Brasil, Its Condition and Prospects*, pág. 144.

33 Giovanni Pietro Malan, *Un Viaggio al Brasile*, pág. 49.

34 Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", *Revista do Arquivo Municipal*, XCIII, pág. 126.

35 Maurício Lamberg, *O Brasil*, I, pág. 322.

119 — Sobradões com largos beirais e sacadas, na rua da Imperatriz (Quinze de Novembro), no período de 1870 a 1880.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

Anhangabaú, valorizados com a construção do viaduto do Chá[36]. Nas próprias ruas centrais já eram muitas as casas com feição pronunciadamente diversa daquela que dominava em meados do oitocentismo. O jornalista francês Max Leclerc, visitando São Paulo na época da proclamação da República, escreveu significativamente que as ruas paulistanas eram ladeadas de "edifícios construídos com solidez e à moda européia"[37]. Já em 1885 escrevera Lomônaco que o aspecto geral das construções paulistanas contribuía para lhe dar um ar de cidade européia[38]. Muitos prédios de São Paulo — dizia por sua vez Raffard em 1890 — tinham feição muito diferente da que predominava em outra época, e isso em parte contribuía para que o aspecto geral da cidade fôsse mais europeu que o de qualquer outro núcleo urbano brasileiro[39]. O tipo comum de construção — assinalava em 1894 o viajante Mácola — era o das cidades italianas de província[40].

É que nas últimas décadas do século passado já muitas casas de feição colonial haviam sido demolidas. As casas "sem estilo e sem graça", que o francês Charles Wiener vira em 1875 e já não encontrou em 1907[41]. Casaria já tôda amarelecida pelo tempo, no fim do século passado, e que ia então ruindo e

---

36 Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., págs. 123, 124, 126.

37 Max Leclerc, *Cartas do Brasil,* pág. 62.

38 Alfonso Lomônaco, op. cit., pág. 108.

39 Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist. Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

40 Ferruccio Mácola, *L'Europa alla Conquista dell'America Latina,* pág. 384.

41 Charles Wiener, *333 Jours au Brésil,* pág. 43.

desabando[42]. "Também se demoliram no centro — escrevia Gustavo Koenigswald em 1895 — grande número de edifícios antigos, para serem substituídos por construções imponentes, entre as quais primam alguns edifícios públicos já acabados e outros por acabar"[43]. Já em 1887 aliás Maurício Lamberg escreveu que vira em São Paulo número relativamente grande de prédios monumentais, parte em construção, parte já acabados[44]. Dois anos antes destacara Lomônaco, entre os edifícios públicos paulistanos, o palácio dos governadores (que era antigo e já passara por uma porção de reformas) "adornado por um peristilo de estilo clássico"[45], e o palácio do Município, pequeno edifício retangular "do modêlo com que são construídas as Câmaras Municipais francesas"[46]. Alguns anos mais tarde foi edificado mais um prédio público de proporções incomuns: o da Escola Normal, na praça da República, em 1894[47]. Mas ainda alguns edifícios particulares se contavam entre essas novas construções que mudaram a feição da cidade nesse período. Como por exemplo o do largo de São Bento onde funcionou a Repartição de Polícia e esteve depois o Hotel Rebecchino. Ou o de construção elegante — segundo o álbum de Jules Martin, em 1905 — e também de três andares, no mesmo largo, onde se estabeleceu o Hotel Bela Vista[48]. Também

[42] Roberto Capri, *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, pág. 11.

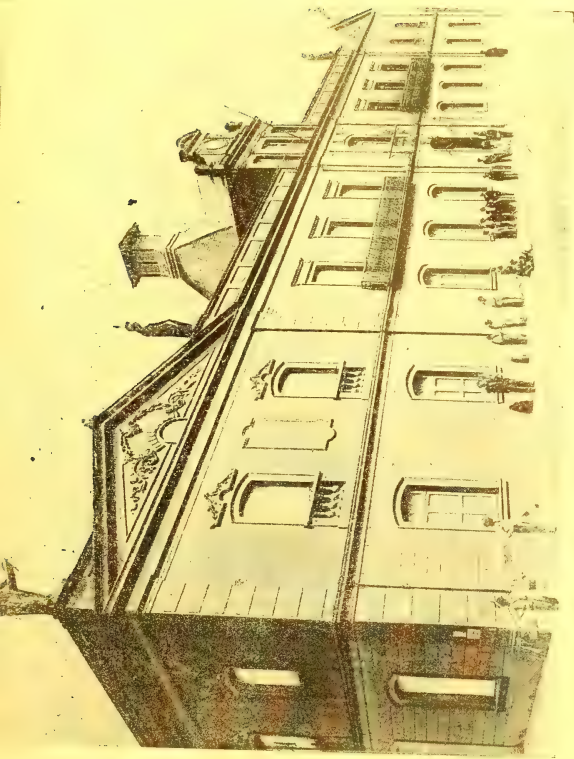
[43] Gustavo Koenigswald, *São Paulo* (álbum de 1895), pág. 10.

[44] Maurício Lamberg, op. cit., I, pág. 322.

[45] Alfonso Lomônaco, op. cit., pág. 108.

[46] Alfonso Lomônaco, op. cit., pág. 115.

[47] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 110.

[48] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, pág. 90.

120 — Edifício da Câmara, no largo da Cadeia (incorporado à praça João Mendes) em tôrno de 1890.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

nas ruas de São Bento, 15 de Novembro, do Comércio — nas quais já em fins do século passado se viam as grandes casas comerciais e bancárias — ostentavam-se edifícios considerados elegantes para a época. Em geral de um ou de dois andares. Isso acontecia um pouco menos na rua Direita, talvez a via pública do centro que no começo do século atual apresentava ainda maior quantidade de edifícios tradicionais. Ao lado no entanto de alguns novos ou reformados, como acontecia por exemplo com aquêle em que estava instalada a Casa Baruel, reconstruído em 1897[49] e ainda existente.

Em 1908 começou a se demolir a parte dos fundos do antigo convento jesuítico, para no seu local ser edificado o novo palácio do govêrno, segundo planta do arquiteto Ramos de Azevedo. Essa parte dos fundos — que havia sido reconstruída em 1882-1884 — era o que restava do convento contemporâneo da fundação de São Paulo[50]. A igreja da Misericórdia e a de São Pedro — esta última tinha em 1900 aspecto lúgubre, por causa das suas paredes enegrecidas[51] — foram derrubadas. Em 1896 — na noite de 13 de março — um vendaval rachou as paredes de terra socada da igrejinha do Colégio — que já destoava um pouco, pela sua extrema singeleza, observou Raffard, no meio de tantas construções modernas e relativamente grandiosas[52] — abatendo seu madeiramento e seu telhado, impondo-se em seguida a

---

[49] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 92.

[50] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 123.

[51] Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* págs. 33, 39, 40.

[52] Henrique Raffard, op. cit.

sua demolição[53]. Pouco mais durou a Sé antiga. Ficava de frente para o então pequeno largo da Sé. Tinha um portal branco encimado pela coroa real portuguêsa, e uma escadaria onde, no comêço do século passado, consta que costumava se sentar um mendigo que foi um dos tipos populares da cidade, o negro velho Zé Prequeté:

Oh Zé Prequeté
Tira bicho do pé
Pra comê com café
Na porta da Sé.[54]

As tábuas do seu assoalho, largas e grossas, cheias de frestas, eram de canela preta, e quando demoliram o templo foram disputadas para mobiliário[55]. Tinha seus fundos a velha Sé na altura da rua Barão de Paranapiacaba, e sua fachada era porisso fronteiriça da igreja de São Pedro. Fachada sombria e triste — dizia-se no álbum de Jules Martin em 1905[56]. Seu característico — na expressão do cronista Cursino de Moura — era nenhum para o estilo arquitetônico da época. Colonial, como qualquer outra igreja antiga da cidade. Mas aquela única tôrre grande, quadrada — escreveu o autor de *São Paulo de Outrora* — os sinos à mostra e aquela porta também enorme, as armas e os brazões imperiais no alto, como uma estampa no tôpo da escadaria abrupta, impavam a vaidade dos paulistanos[57]. Foi demolida em 1912.

[53] Nuto Santana, *São Paulo Histórico,* III, pág. 97, e "Notas à edição definitiva do *Os Guaianases*" de Couto de Magalhães, pág. 122.

[54] Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas,* pág. 36.

[55] Nuto Santana, op. cit., III, pág. 156.

[56] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 94.

[57] Cursino de Moura, op. cit., pág. 23.

Oito anos antes derrubara-se a do Rosário dos Pretos.

É que no comêço do século vinte, no dizer de Adolfo Augusto Pinto, em lugar das velhas igrejas coloniais e de alguns dos antigos conventos precisavam erguer-se edifícios de dimensões maiores e de gôsto artístico mais apurado[58]. De dimensões maiores, sim. De gôsto artístico mais apurado, nem sempre. Embora tenham sido edificadas igrejas como as de Santa Ifigênia e a igreja e o mosteiro de São Bento, em belos estilos estranhos ao passado da cidade e às raízes dos próprios templos. A de Santa Ifigênia teve a sua edificação começada em 1906 e terminada em 1922, obedecendo ao estilo romano, sob a direção do arquiteto João Lourenço Madein[59]. Também do alemão Madein (formado na Bélgica) foi o traçado do conjunto representado pela basílica, mosteiro e ginásio de São Bento, edificado de 1910 a 1914 em substituição à velha igreja e ao mosteirinho de taipa[60], êste último descrito, em alguns de seus aspectos internos, por Cerqueira Mendes, em suas *Figuras Antigas*: "Logo à entrada duas rápidas escadas nos levavam a um corredor infindável, em cuja extremidade uma pequenina janela deixava entrar escassa claridade para produzir curiosos efeitos de luz e sombras esquisitas. Ao alto, apresilhada a essa janela pequenina, a gaiola de uma araponga. Palmilhando ainda os corredores iamos ter à parte mais vetusta do convento, com uns balcões minúsculos dando para um jardinzito alegremente envaidecido na pompa de suas cravinas"[61]. A edificação religiosa

---

58 Adolfo Augusto Pinto, *Homenagens,* pág. 169.

59 Jacinto Silva, op. cit., pág. 103.

60 Jacinto Silva, op. cit., pág. 103.

61 Artur de Cerqueira Mendes, *Figuras Antigas,* 1.ª série, págs. 164-165.

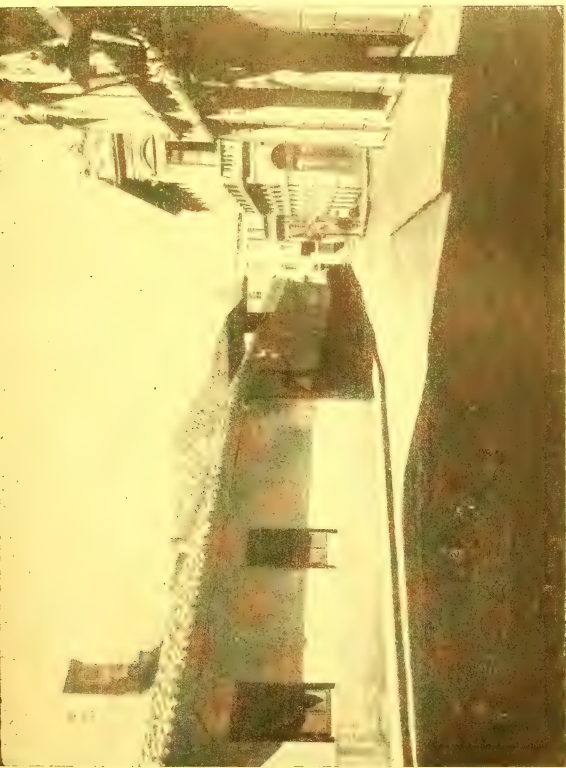
mais importante do começo do século atual seria no entanto a nova catedral da Sé, planejada em 1913. A princípio estabelecera-se que ela devia ser levantada no local da antiga. Mas observou-se que dessa forma não teria o realce pedido por sua estrutura monumental. Decidiu-se então aproveitar em maior extensão a área aberta com a demolição de velhos quarteirões, ampliando-se o largo da Sé. E transferir-se a nova Sé para o trecho mais alto da esplanada, ali se erguendo a nova construção de modo a ter sua fachada posterior no alinhamento da praça João Mendes[62]. Planejada nos moldes do estilo gótico — segundo projeto de autoria do arquiteto Max Hehl, professor de Arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo — porque, no dizer de Adolfo Augusto Pinto, "no domínio, quer do simbolismo, quer dos elementos puramente ornamentais, nenhum outro estilo arquitetônico é capaz de decorar com mais propriedade e beleza um grande edifício destinado ao culto religioso"[63].

Mas no começo do século atual as demolições e as construções é claro que não se limitaram aos edifícios de caráter religioso. Em 1913 demoliu-se um edifício de três andares, na esquina da rua de São Bento com a ladeira do Acu. Fôra edificado em 1814 e representava bem a arquitetura do começo do século passado, contrastando durante muito tempo, pelas suas proporções então enormes, com o casario modesto da ladeira[64]. Na mesma ocasião derrubou-se outra edificação tradicional da cidade: a do pri-

---

[62] Adolfo Augusto Pinto, op. cit., págs. 172 e seguintes.

[63] Adolfo Augusto Pinto, op. cit., págs. 174-175.

[64] Afonso A. de Freitas, *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico, Ilustrado do Município de São Paulo*, I, pág. 43.

121 — Aspecto do recolhimento de Santa Teresa aproximadamente no ano de 1907.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

mitivo quartel de primeira linha[65]. Era forçoso que se demolisse mesmo muita coisa. No seu livrinho *Melhoramentos de São Paulo,* de 1907, Augusto C. da Silva Teles escrevia: "Cresceu a cidade com o afluxo de habitantes desejosos de confôrto compatível com os proventos de safras de café liquidadas a altos preços, e multiplicaram-se as construções, aprimorando-se o gôsto arquitetônico"[66]. Êsse aprimoramento — deve-se dizer — às vêzes com o sacrifício inútil de elementos que já contavam com raízes locais. Era um aprimoramento que se fazia no sentido europeu, e isso impressionava favoràvelmente aos visitantes procedentes do Velho Mundo. "Não sei se proveniente de uma influência italiana — escrevia o português Sousa Pinto em 1905 — é certo que logo à primeira vista em São Paulo nos impressiona muito agradàvelmente o esmêro das construções. Há nesta cidade uma orientação artística, um bom gôsto geral que faz com que ela seja, nos seus monumentos e nas suas habitações, nas suas casas e nos seus palácios, na arquitetura pública e na particular, uma cidade atraente, belamente edificada"[67]. Poucos anos depois o francês Gaffre (em 1811-1812) escrevia que as repartições públicas de São Paulo estavam instaladas em palácios cujo bom gôsto e proporções eram dignos das mais nobres cidades da Europa[68]. Referia-se por certo, entre outros, ao edifício da Secretaria da Fazenda, no pátio do Colégio, construído pelo arquiteto

---

65 Afonso A. de Freitas, op. cit., I, pág. 53.

66 Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo,* pág. 10.

67 Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras,* pág. 340.

68 L. A. Gaffre, *Visions du Brésil,* pág. 158.

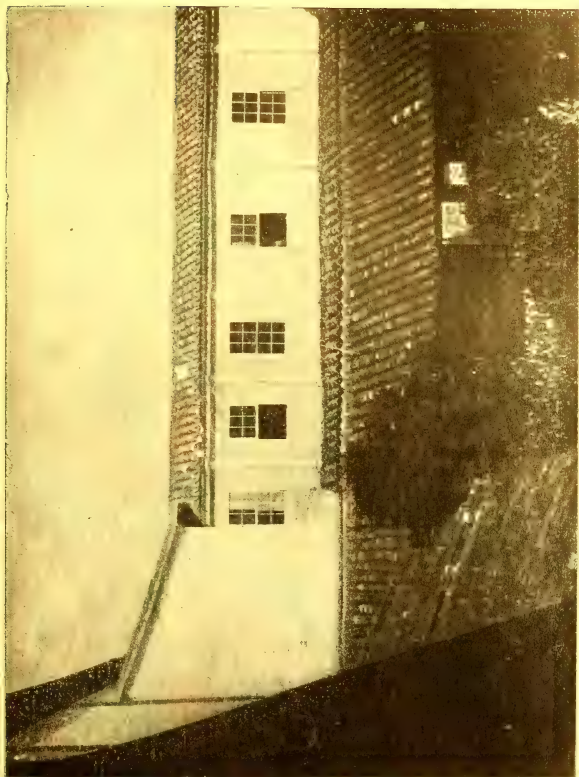
Ramos de Azevedo, e do qual o escritor Júlio Ribeiro dissera: "Gosto imenso da Tesouraria da Fazenda, que está construindo Ramos de Azevedo: é um edifício que honra São Paulo pela severidade e elegância do estilo, pela robustez que ostenta, desde os profundíssimos alicerces até o levantado coruchéu"[69]. E construções como a do Paço Municipal e do Automóvel Clube, "dando ao mesmo tempo sôbre o fundo do vale do Anhangabaú e sôbre a rua Líbero Badaró" chamaram a atenção — em parte com certeza pelo seu sabor nìtidamente europeu — de Paul Walle, que registrou suas impressões em livro sôbre São Paulo[70].

As casas de residência, essas formaram ràpidamente bairros novos. "Em Higienópolis — escreveu êsse francês — bairro novo, reunião de tudo o que São Paulo e o Estado possuem de mais rico e mais distinto, admira-se um grande número de casas suntuosas, vilas confortáveis e luxuosas. Na verdade algumas dessas construções são de um gôsto mais ou menos bizarro. Mas não se lhes pode recusar um aspecto pitoresco, que contrasta com a arquitetura mais sóbria e de melhor gôsto da maioria"[71]. É natural que em centenas de casas se encontre — observava o visitante Sousa Pinto no começo do século — o bom e o mau, o razoável e o hediondo. Havia "desde a pureza de uma frontaria fria à normanda, dos arabescos sinuosos e ilógicos da arte-nova, até ao risonho "cottage" inglês, do ponteagudo dos chalés da neve aos alpendrados espanhois, às cúpulas e minaretes orientais, às va-

---

69 Citado por J. F. Barbosa da Silveira, op. cit., pág. 43.

70 Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* pág. 52.

71 Paul Walle, op. cit., pág. 54.

122 — Perspectiva externa do claustro do antigo Mosteiro de São Bento.

(Fotografia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, São Paulo).

randas cobertas do norte, às vilas graciosas da Itália, às galerias do Renascimento, ao exagêro do barroco ou do plateresco, ao rústico suiço, até a horrível simetria esburacada do estilo pombalino, pesado e bruto"[72].

Eram principalmente considerados elegantes na primeira parte do século atual em São Paulo — pelas suas edificações — além do Higienópolis, a Vila Buarque, os Campos Elíseos e ruas como a Conselheiro Nébias, a Guaianazes, a Aurora, a Alameda Glette[73]. Mas sobretudo a Avenida Paulista. Louis Casabona, no seu *São Paulo du Brésil* (*Notes d'un colon français*) conheceu essa avenida em 1905. Parecia com certeza mais distante do centro do que agora. Dominavam-se de lá "grandes e profundos vales, em um dos quais se estendia a cidade". Entretanto era já uma via pública cercada de casas muito elegantes[74]. Apresentando diversidade enorme de padrões arquitetônicos. O mesmo podendo-se dizer da Brigadeiro Luís Antônio. O luxo das vivendas particulares de São Paulo, comparadas com as de algumas cidades argentinas, foi o que destacou particularmente o jornalista portenho Manuel Bernardez em seu livro de impressões de viagem *El Brasil*[75]. Vivendas essas

---

[72] Sousa Pinto, op. cit., pág. 340. Isso ocorreu na época em tôdas as cidades brasileiras de intenso crescimento. Arquitetos improvisados e estrangeiros sem escrúpulos — escreveu Fernando de Azevedo — encontraram campo para uma atividade sem freios. Inaugurou-se a época da cópia servil de estilos exóticos e modelos históricos. O triunfo do mau gôsto e da estravagância, que Monteiro Lobato qualificou de carnaval arquitetônico. (Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*, págs. 273-274).

[73] *Almanacco della Tribuna Italiana.*

[74] Louis Casabona, *São Paulo du Brésil*, págs. 72-73.

[75] Manuel Bernardez, *El Brasil*, pág. 215.

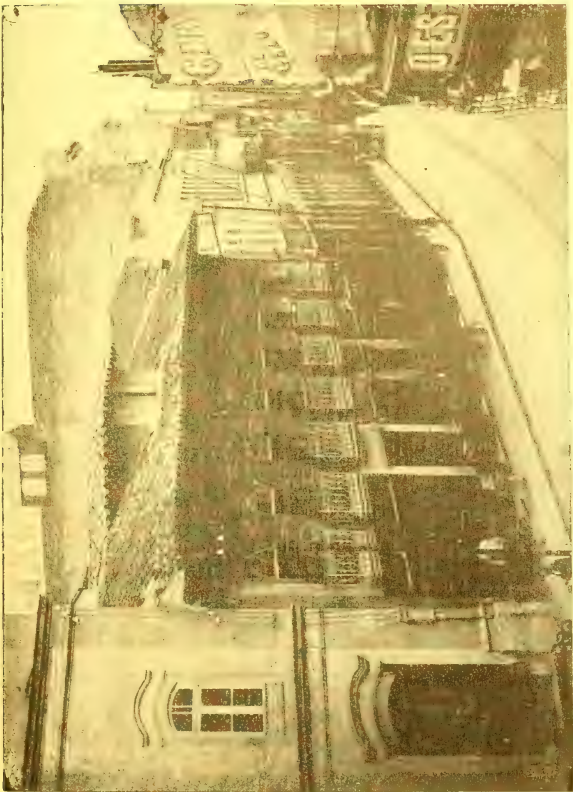
mais ricas — tanto no Higienópolis como na Vila Buarque, nos Campos Elíseos ou na Avenida Paulista ou na Luís Antônio — cuja arquitetura representava uma inovação bem dizer revolucionária. Rompendo radicalmente com o estilo, não só dos velhos sobradões do centro — que passaram a ser considerados pardieiros — como com os das antigas casas térreas de porta e janela grudadas umas nas outras. Rompendo também com "o detestável costume — na opinião do italiano Fanuele — de se pintarem as casas com as mais diversas côres do arco-iris". Em 1910 — segundo êsse observador — a profusão de casas brancas, ostentando suas tôrres e suas cúpulas, dava a São Paulo o aspecto de Nice ou das cidades italianas[76].

Mas a verdade é que as casas "de um gosto mais ou menos bizarro" a que se referiu Paul Walle falando polidamente do Higienópolis, talvez muitas delas fôssem de um gôsto mais do que duvidoso, erguidas de acôrdo apenas com as idéias caprichosas de seus moradores ou dos tais arquitetos improvisados, embora êsse fôsse por excelência o bairro, na época, das residências de aristocratas do café[77]. A predominante nesse tempo parece ter sido no entanto a arquitetura de inspiração italiana, ou pelo menos influenciada por italianos. Os peninsulares representavam três quartas partes dos pedreiros e quase a totalidade dos mestres-de-obra em atividade na cidade[78]. Isso provàvelmente é que fazia com que al-

---

[76] Nicolau Fanuele, *Il Brasile*, pág. 282.

[77] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros* Ano III, v. 7.

[78] Basílio de Magalhães, *O Estado de São Paulo e seu Progresso na Atualidade*, pág. 74.

123 — Sobrado de feição oitocentista no começo do século atual, na rua João Brícola.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

guns viajantes peninsulares sobretudo olhassem com benevolência excessiva a arquitetura de São Paulo nesse tempo. Cusano, em 1910, falava na graça arquitetônica das vilas paulistanas. As casas, os vilinos, os palacetes — observou êle — ostentavam variedade de tintas, de linhas e de estilos que, "apesar de terem um único fundo de entonação italiana, davam bem uma idéia da fantasia e do capricho do amálgama arquitetônico dominante"[79]. Nos bairros novos — observou na mesma ocasião o francês Gaffre — sucediam-se ao infinito as casas à italiana, com balaustres, cornijas, decorações em estuque e estatuetas simbólicas coloridas[80]. Houve um italiano no entanto — o visitante Bertarelli — que viu sem paixão que os vilinos recentes de São Paulo (escrevia em 1914) eram em parte obra de arquitetos alemães e italianos, e mereciam louvores "se bem que lhes faltasse totalmente a inspiração local"[81].

Surgiram em seguida dentro da mesma barafunda arquitetônica as residências aristocráticas da zona centralizada pela Avenida Paulista. Já então — assinalou Prado Júnior — a progressão cafeeira tinha se interrompido e as novas fortunas se originavam da indústria e do comércio, quase tôdas nas mãos de estrangeiros[82]. Em 1910 inaugurou-se o bairro do Jardim América, com grandes espaços livres e casas isoladas no meio de jardins amplos. O caráter dessas residências — escreveu Prado Júnior — se afastou completamente dos modelos urbanísticos herdados do passado, trazendo um cunho acentuada-

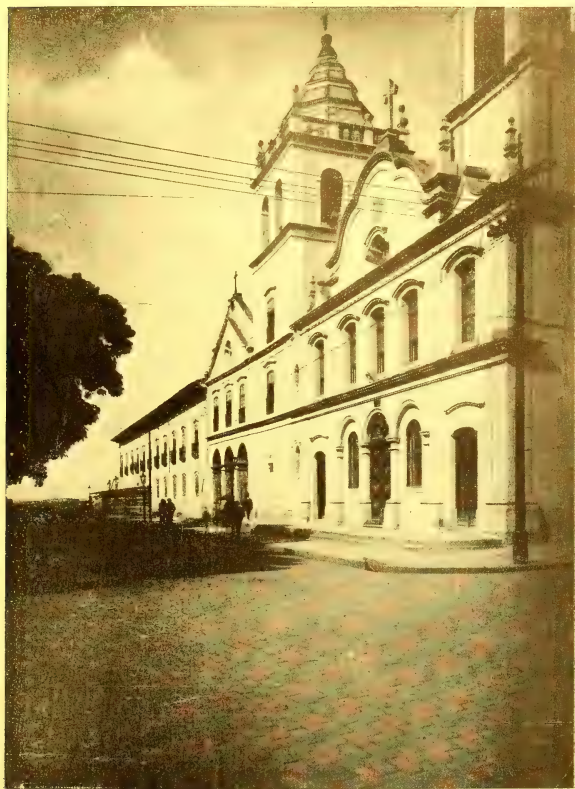
---

[79] Alfredo Cusano, *Itália d'oltre Mare,* pág. 116.
[80] L. A. Gaffre, op. cit., pág. 151.
[81] Ernesto Bertarelli. *Il Brasile Meridionale,* pág. 50.
[82] Caio Prado Júnior, op. cit.

mente anglo-saxão, que lhe foi impresso pela empresa que iniciou a ocupação do bairro[83]. Escreveu-se, na publicação *Brazil Builds,* que aí, como em outras zonas em que depois se edificaram residências aristocráticas em São Paulo, as casas ficaram colocadas no meio de um lote junto à rua, no espaço intermediário algumas árvores e arbustos, e nos fundos espaço para garage e quintal. "Isso não parece corresponder à tradição latina de quintais fechados, mas tornou-se moda"[84].

Entretanto, na primeira parte do século atual, no próprio centro paulistano e principalmente nas suas imediações, restavam muitas casas velhas modestas ou insignificantes, formando o que os sociólogos contemporâneos chamariam de "zonas de deterioração": pequenas casas cujas paredes de taipa mal se equilibravam já, ou velhos casarões relegados à qualidade de pardieiros e transformados em cortiços. Casas que provocavam os protestos de observadores e críticos da estética da cidade. Silva Teles, já citado, achava em 1907 um absurdo que ao lado do futuro Teatro Municipal — que ficaria pronto dentro de poucos anos — se estendesse "uma fila repugnante de fundos de velhas e primitivas habitações". E que no parque Pedro II, no "coração da cidade", se erguessem habitações "pouco higiênicas, dando a tudo um aspecto mesquinho, senão repugnante"[85]. Até certo ponto, o contraste que seria apontado em 1914 pelo viajante Paul Adam. Falando do Teatro Municipal e do aspecto moderno da parte central de São Paulo, referia-se à "sobrevivência de algumas lojas

---

[83] Caio Prado Júnior, op. cit.
[84] Philip L. Goodwin, *Brazil Builds,* págs. 98-99.
[85] Augusto C. da Silva Teles, op. cit., págs. 39, 53 e 54.

124 — Igrejas do Carmo e da Ordem Terceira do Carmo e convento dos Carmelitas, no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

de arcadas azuis, de algumas casas baixas de balcões frágeis e prateados, de algumas feitas com balaustradas brancas, com estatuetas e vasos sôbre o segundo andar de janelas arqueadas"[86].

Também foi nessa época — primeiros anos do século vinte — que apareceram as primeiras tentativas no sentido de se introduzir em São Paulo o arranha-céu de tipo norte-americano. É curioso, a êsse respeito, o artigo publicado em 1906 na revista *O XI de Agôsto,* por Adolfo Konder. Depois de criticar a falta "de intuição artística revelada pelos arranha-céus norte-americanos", dizia: "Mas porque procurar nos Estados Unidos os frutos estéticos do mercantilismo, se os temos tão perto de nós, aqui em São Paulo? Um pacato negociante deu-se ao patriótico trabalho de mandar erguer, em pleno largo do Rosário, um maravilhoso galpão de pedra, arcabuçado de ferro, coroado de ameias, abôrto arquitetônico que é o regalo dos tabaréus"[87]. O primeiro edifício de cimento armado inteiro ficou pronto em meados de 1909. Foi erguido na esquina da rua Direita com a de São Bento pelo engenheiro Francisco Notaraberto. Era de dois pavimentos apenas, fora o rez do chão destinado a lojas, com portas largas e talvez as primeiras cortinas de aço[88]. Logo em seguida — em 1911-1913 — procurou a municipalidade promover o crescimento da cidade no sentido vertical, criando obstáculos à abertura de novas ruas e estabelecendo o mínimo de três andares para os edifícios que se

---

[86] Paul Adam, *Les Visages du Brésil,* págs. 125-126.

[87] Adolfo Konder, "Mercantilismo e Estética", *O XI de Agosto,* Ano IV, n.º 3, 1906, pág. 20.

[88] Aluísio de Almeida, "São Paulo em 1907", *O Estado de São Paulo,* de 29 de dezembro de 1950.

construíssem ou se reconstruíssem em certas ruas: além das mais centrais, as da Conceição, Barão de Itapetininga, São João, Conselheiro Crispiniano e Rangel Pestana. Alcântara Machado, alguns anos depois — em 1917 — confessava o seu êrro de então (estivera entre os vereadores que haviam votado a lei) e perguntava: "Que importa que São Paulo não reproduza, neste ponto, a fisionomia dos centros europeus?"[89] Diria melhor centros norte-americanos.

Mas havia o outro lado das construções suntuosas ou bizarras e dos primeiros ensaios de crescimento vertical: as edificações modestas e mesmo miseráveis dos primeiros bairros proletários. "Nenhum confôrto — escrevia Bandeira Júnior em 1901 — tem o proletário nesta opulenta e formosa capital". E falava das casas infectas que se estendiam pelas pobres ruas do Brás, do Bom Retiro, da Água Branca, da Lapa, do Ipiranga[90]. Casinhas e cortiços — sobretudo as do Brás, do Bexiga e do Cambuci — que sofreram em 1910 a crítica de um viajante italiano: Cusano[91]. Em São Paulo, como em tôda parte, ocorria o fenômeno salientado por Lewis Mumford ao estudar a cultura das cidades: a expansão da vivenda das classes superiores sendo levada a cabo a expensas da das classes humildes. Se uma se dilatava, a outra só podia se reduzir.

O mesmo contraste se observava relativamente à iluminação da casa paulistana dentro do processo de transformação de seus sistemas nessa época. Em

---

[89] Alcântara Machado, *Problemas Municipais,* págs. 134-135.

[90] A. F. Bandeira Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em* 1901, pág. XIV.

[91] Alfredo Cusano, op. cit., págs. 116-117.

125 — Recolhimento de Santa Teresa e rua do Carmo no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

fins do século passado, ao lado do gás, ainda se usava muita vela de sebo e espermacete, muito candieiro, muito lampião de querosene[92]. Em 1886 havia estabelecimentos — como o de Álvares Pereira & Cia. — anunciando lustres de cristal, lampiões, arandelas, pendentes "e mais objetos para gás e querosene"[93]. Do querosene "Luz Diamante", os únicos agentes na província, F. Upton & Cia., declaravam: "Livre de explosão, fumo e mau cheiro, êste querosene é fabricado por uma redistilação especial exclusivamente para o uso doméstico e principalmente onde há crianças. É cristalino como água distilada. Sua luz é clara e brilhante e sem cheiro algum. É tão completamente garantido que se o lampião quebrar-se por casualidade, logo desaparece a chama". Vinha êsse querosene em latas, como o querosene comum, tendo "um sifão de patente", que permitia encher os lampiões "sem a mínima perda do líquido"[94]. Todavia em 1895, em seu álbum relativo a São Paulo, Gustavo Koenigswald escrevia que a iluminação pública era feita a gás, geralmente usado também pelos particulares, ao passo que as firmas comerciais mais importantes do centro já iluminavam seus estabelecimentos com luz elétrica[95]. Devendo-se porém notar que antes — em 1880 — o major Diogo Antônio de Barros — pioneiro da indústria de tecidos em grande escala na cidade — dotara de instalação elétrica o seu chalé

---

[92] Cássio Mota, *Cesário Mota e seu Tempo,* pág. 20.

[93] *Almanach da Província de São Paulo,* 1886, anúncios, pág. 48.

[94] *Almanach da Província de São Paulo,* 1888, anúncios, pág. 17.

[95] Gustavo Koenigswald, op. cit., pág. 13.

da rua da Constituição[96]. Essa instalação elétrica, depois de funcionar direito durante mais de um ano, foi abandonada[97]. Em 1890 perto de trinta casas já faziam uso da eletricidade juntamente com o gás. Abílio Marques, que em 1881 iluminara a luz elétrica a sua casa de residência na rua Barão de Itapetininga, continuou os seus estudos a respeito e fundou mesmo uma companhia para êsse fornecimento de luz[98].

Também os jardins particulares ganharam fisionomia nova no último quartel do oitocentismo e nos primeiros anos do novecentismo: depois de 1880 não se viam já na cidade apenas as velhas plantas e flores do comêço e de meados do século passado: rosas, cravos, begônias, ramos de alecrim, magnólias ou jasmins do Imperador com que se enfeitavam as ruas nos dias de procissão; ou a Flor do Senhor dos Passos, que era como as mulheres chamavam a flor de manjericão com que se ornamentavam os "passos". Plantas novas e flores novas começaram a ser admiradas pelos moradores e cultivadas nos seus jardins. Algumas indígenas — orquídeas e parasitas — em outros tempos completamente desconhecidas ou desprezadas. Outras, de fora. Além de variedades de rosas antigamente ignoradas, apareceram azáleas, gloxínias, fuchsias, epoméias, miosotis, primaveras da Índia, libélias, violetas odoratas e tricolores, echevérrias, saxífragas, balsaminas, cactus e uma porção de qualidades de begônia[99]. Em 1894-1895 o viajante D'Atri podia escrever que dos jardins das residências pau-

[96] Aureliano Leite, *História da Civilização Paulista*, pág. 122.

[97] Henrique Raffard, op. cit.

[98] Henrique Raffard, op. cit.

[99] Június, op. cit., pág. 44.

126 — Aspecto do pátio interno do Convento da Luz.

(Fotografia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, São Paulo).

liscanas se evolavam "perfumes de flores indígenas e delicadas fragrâncias de essências exóticas"[100].

Quem abastecia dessas flores as chácaras e os jardins, com sementes e com mudas, eram em 1880 e anos seguintes três casas: a Casa da China; a do riograndense Frederico de Albuquerque, redator da *Revista de Horticultura;* e a do velho francês J. J. Joly, contando Von Koseritz que o jardim dêste último foi uma das coisas mais notáveis que viu no arrabalde do Brás[101]. Houve logo depois, para os lados do Marco da Meia Légua, (em 1886-1887) uma outra chácara de floricultura: a de Roberto Kirsten[102]. Essa chácara de Kirsten era mencionada no *Almanach do Estado para 1891,* como também a chácara de Júlio Joly, além de outros estabelecimentos de horticultores: Guilherme Carlos Opel, na avenida Rangel Pestana; Francisco Nemitz, na Vila Mariana, e A. J. Serafana & Cia e M. Garcia, na rua de São Bento, este último com depósito da Chácara Japonêsa[103]. E havia também os ambulantes — em geral imigrantes italianos — vendendo flores de casa em casa[104]. As malvas e as cravinas, em fins do século passado — quando muitos sobrados do centro eram ainda residências — "sorriam lá do alto, dentro de caixotes envoltos em papéis recortados, nos peitorís", como escreveu Cerqueira Mendes[105] — uso que parece ter desaparecido logo em seguida, pois em 1911 o viajante Gaffre estranhava que em uma terra onde as

---

100 Alessandro d'Atri, *Uomini e Cose del Brasile,* pág. 223.

101 Von Koseritz, op. cit., pág. 261.

102 Alexandre Haas, carta ao autor.

103 *Almanach do Estado de São Paulo para 1891,* pág. 298.

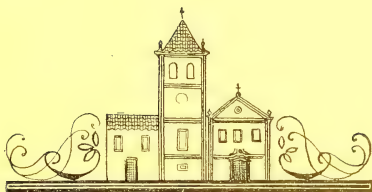
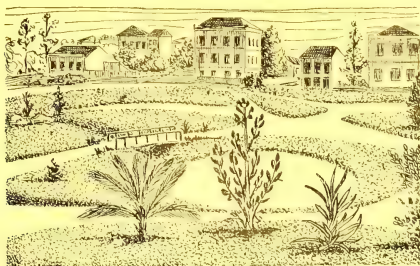
104 Június, op. cit, pág. 55.

105 Artur de Cerqueira Mendes, op. cit., págs. 17-18.

flores brotavam em profusão não se visse nenhuma preocupação por "êsses pequenos jardins aéreos com que gostamos de enfeitar nossos balcões e nossas janelas"[106].

Mas os jardins passaram a ser tratados com mais carinho que em outros tempos. Entre 1880 e 1890 uma das funções em que os imigrantes italianos fixados na cidade procuraram substituir os portuguêses foi a de jardineiro[107]. Um dêsses novos jardineiros — Serafim Corso — anunciava em 1888 encarregar-se de "embelezamentos de jardins, grutas, cascatas, etc"[108]. Em 1910 um visitante escrevia que talvez nenhuma outra cidade em todo o mundo mostrasse tanta riqueza floral no centro como São Paulo, e que suas "vilas" eram contornadas de belos jardins perfumados[109]. "Tôda a luxuriante flora tropical é reunida magnificamente à da zona temperada"[110]. O paulistano demonstrava pela vegetação — observou em 1914 Bertarelli — um amor que se traduzia em cuidado universal pelas plantas e pelas flores. Referia-se com entusiasmo êsse visitante à "flora quase tropical" dos jardins da Avenida Higienópolis[111]. Essa preocupação pela beleza dos jardins teria sua expressão mais perfeita no bairro do Jardim América.

---

106 L. A. Gaffre, op. cit., pág. 152.
107 Henrique Raffard, op. cit.
108 *Almanach da Província de São Paulo*, 1888, anúncios, pág. 55.
109 Alfredo Cusano, op. cit., pág. 116.
110 Alfredo Cusano, op. cit., pág. 116.
111 Ernesto Bertarelli, op. cit., págs. 46 e 52.

II — AS AVENIDAS E AS ÁRVORES

Foi no período de 1872 a 1918 que as ruas, os largos e os jardins públicos da cidade perderam aquêles traços rústicos que traziam do tempo em que a povoação não passava de pequeno arraial de sertanistas. Embora no decorrer das décadas centrais do oitocentismo êsses logradouros tivessem sofrido modificações impostas pela condição da cidade, de capital de província e sede de uma Academia de Direito, e problemas como o da pavimentação por sistemas modernos e o da arborização houvessem sido focalizados pelo seu poder municipal, foi a partir dos últimos trinta anos do século passado — com a povoação se firmando como metrópole do café, cada vez melhor articulada, por caminhos de ferro, com as zonas mais ricamente agrícolas do interior — que uma série de realizações,

no centro e nos bairros, começou a imprimir fisionomia acentuadamente nova à paisagem urbana de São Paulo.

Retificaram-se ruas, regularizaram-se velhos largos tortuosos e desnivelados e sobretudo abriram-se avenidas e se fizeram arruamentos mais perfeitos, de forma que já em fins do oitocentismo um observador podia distinguir com nitidez, pelo desenho dos quarteirões, a parte velha da parte nova da cidade. Êsse esfôrço de remodelação retomou seu impulso no comêço do século vinte, embora por vêzes esbarrasse com o obstáculo representado pelas exigências absurdas dos donos de terrenos necessários a muitas dessas transformações urbanas. Em certos bairros novos foram mesmo se abrindo ruas sem o menor plano de conjunto, visando-se apenas a valorização de terras particulares. É verdade que por outro lado se abriram ruas e avenidas com tôdas as condições para um desenvolvimento amplo, como a Avenida Paulista, que foi por muitos anos um motivo de orgulho para os moradores da cidade. Da mesma forma que a Paulista, algumas avenidas e ruas de ligação do centro com os bairros mereceram pelo seu traçado, na época, os louvores de viajantes estrangeiros. Observadores que se referiram também às ruas comerciais e cosmopolitas do Triângulo, com sua animação e seu tráfego de veículos cada vez mais congestionado. Só não falaram em geral, êsses cronistas e visitantes, das ruas desprotegidas dos primeiros bairros fabrís paulistanos, sem calçamento, sem árvores, sem nada.

No período de 1910 a 1914 executou-se um vasto plano de transformações do centro urbano e dos arrabaldes mais importantes da cidade, em que se previam alargamentos, prolongamentos e melhor pavimentação

de determinadas vias públicas. Mas os problemas iam se acumulando em conseqüência do crescimento cada vez mais rápido da povoação e as soluções foram se tornando progressivamente mais difíceis.

Os jardins públicos — excetuando-se o velho parque da Luz — foram feitos a partir dos últimos trinta anos do século passado. A princípio cercados de grades, dispondo quase sempre de quiosques, de chalés e de repuxos. O próprio jardinzinho do pátio do Colégio teve em volta o seu gradil de ferro. Mas o principal continuou sendo o da Luz. Não houve govêrno, durante as últimas décadas do século passado, que não fizesse alguma coisa para embelezar o antigo logradouro paulistano: êle foi se enriquecendo não só de árvores e de flores novas, como de estátuas, de portões monumentais e até de um observatório. A partir dos últimos anos do oitocentismo parece que por influência do exemplo norte-americano, substituiram-se os jardins cercados de grades por jardins abertos, com canteiros desenhados de acôrdo com novos estilos. Mas isso um tanto desordenadamente até os primeiros anos do século atual, quando o poder municipal passou a se preocupar mais atentamente com a regularização dêles e com a sua arborização e a das ruas. Foi a partir de então que a cidade pôde contar com parques como o do Anhangabaú e da Várzea do Carmo, nas imediações do centro, e como o Parque Antartica e o do Museu Paulista, nos arrabaldes. Ainda nessa época as transformações realizadas na área central fizeram surgir uma praça nova (a do Patriarca) e permitiram a ampliação considerável do largo da Sé mediante a demolição da antiga catedral e dos quarteirões que havia em direção aos seus fundos.

Deve-se acrescentar que ruas, largos e jardins passaram, a partir de 1872, a contar com iluminação a gás, por meio de combustores colocados em lampiões de ferro pequenos e elegantes, que ajudaram também a modernizar a feição da cidade. Nos últimos anos do século dezenove alguns logradouros centrais tiveram iluminação elétrica, luz que passou, de 1900 em diante, a competir com a do gás.

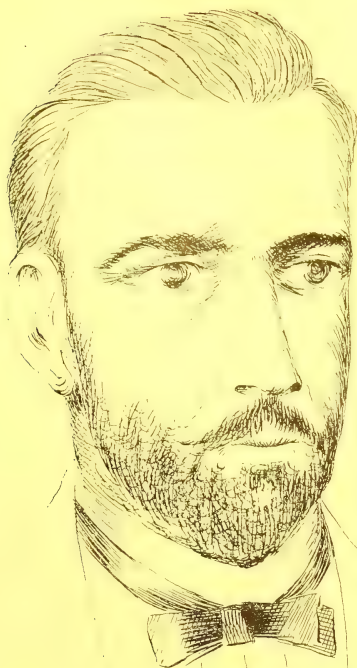
Começando a governar a província de São Paulo em 1872, João Teodoro Xavier se revelou um urbanista de certa visão. Regularizou o grande largo dos Curros (praça da República). Construiu a rua do Conde d'Eu (Glicério), ligando a Tabatingüera ao Lavapés. Abriu a rua do Hospício até a ponte da Mooca. Fez realizar melhoramentos nas ruas do Pari e do Gasômetro[1]. E foi na sua administração que o calçamento da cidade particularmente entrou em fase nova. Alguns anos depois — em tôrno de 1884 — prolongou-se a rua Helvétia até o bairro do Bom Retiro, atravessando ao nível os trilhos da Estrada de Ferro Inglêsa[2]. Mas voltando ao ano de 1872: a municipalidade fazia ver ao govêrno da província a necessidade de que se consignasse no orçamento a quota de vinte contos de réis por ano para o calçamento das ruas "pelo sistema paralelepípedos"[3]. No ano seseguinte lembrava-se como necessidade urgente a pavimentação, por êsse sistema, da rua Direita e em seguida das ruas de São Bento, Imperatriz (15 de Novembro), da Quitanda e do Comércio[4]. Contratou-se também a pavimentação dos largos do Ro-

---

[1] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora,* pág. 167.

[2] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* II, pág. 92.

[3] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LVIII, pág. 26.

[4] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 46.

127 — João Teodoro Xavier (presidente da província de São Paulo, 1872-1875) dotou a cidade de vários melhoramentos urbanísticos.

(DESENHO DE CLOVIS GRACIANO).

sário e da Sé[5]. A concorrência de propostas para a nova pavimentação da rua Direita, sugeriu-se que se anunciasse também na Côrte[6]. Em 1877 registrava-se em uma ata da Câmara Municipal que a preparação dos paralelepípedos estava sendo feita nas pedreiras de São Bento, em Santos, e que parte do material já chegado pela estrada de ferro a São Paulo devia satisfazer a Câmara pela sua "perfeição e qualidade"[7]. O fato é que dos logradouros centrais já podia dizer em 1879 Azevedo Marques, nos seus "Apontamentos", que tinham um bom calçamento[8]. Logo em seguida — em 1881 — o govêrno foi autorizado a gastar a importância de cem contos de réis só com a pavimentação da rua da Constituição (Florêncio de Abreu)[9]. É verdade que houve alguns recuos e modificações nos planos de pavimentação traçados nessa época pelo poder municipal. Nesse mesmo ano de 1881 propunha-se que a Câmara suspendesse o calçamento a paralelepípedos do largo Municipal (João Mendes), fazendo por êsse sistema apenas a frente do Teatro São José, ao passo que as frentes da igreja de São Gonçalo e do Paço Municipal fôssem somente apedregulhadas, e a frente da igreja dos Remédios pavimentada pelo velho sistema das pedras irregulares. Que se fizesse com paralelepípedos, em compensação, o calçamento da rua do Imperador[10].

---

[5] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 151.

[6] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 122.

[7] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 182.

[8] Azevedo Marques, *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo, I,* pag. 81.

[9] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 118.

[10] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXVII, pág. 51.

E ainda em 1881 Augusto dos Santos e Geo N. Harral propunham à municipalidade fazer a pavimentação das ruas paulistanas pelo sistema de Macadam, adotado nas cidades da Europa "com preferência a qualquer outro"[11].

Essas preocupações urbanísticas e de melhoramento dos leitos das ruas se refletiram no Código de Posturas de 1875. Determinava-se nele que tôdas as ruas ou travessas que de então por diante se abrissem na cidade — ou mesmo em outras povoações do município de São Paulo — tivessem a largura de treze metros e vinte e dois centímetros, salvo quando não fôsse possível lhes dar essa dimensão por obstáculo invencível. E impunha o calçamento das frentes ou testadas das casas com pedra de cantaria lavrada[12]. Talvez em parte como conseqüência dessas disposições, em fins do século passado já era possível distinguir perfeitamente a parte antiga da cidade de sua parte nova, como fêz Koseritz em 1883, escrevendo: "Na parte antiga as ruas são estreitas, tortuosas, ligadas em tôdas as direções. A parte nova, que se estende para o sul e para o norte, é regularmente construída, possui quarteirões bem desenhados, ruas largas e tem aspecto moderno". O jornalista teuto-brasileiro observou ainda que a cidade era calçada em quase tôda a sua extensão, mas só nas ruas principais o calçamento tinha sido feito a paralelepípedos, sendo o das outras áreas executado com pedras irregulares[13]. Essa última informação de Koseritz não concorda porém com a de outros observado-

---

[11] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXVII, pág. 48.

[12] João Mendes de Almeida Júnior, *Monografia do Município da Cidade de São Paulo,* pág. 55.

[13] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* págs. 254-256.

128 — Pavimentação com pedras irregulares no cruzamento das ruas José Bonifácio e Quintino Bocaiuva, no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

res da cidade na mesma época. Um dêles, o italiano Alfonso Lomônaco, que em 1885 notava que havia, ao lado de ruas bem calçadas, outras ainda cobertas de relva ou de simples terra, e impraticáveis no tempo das chuvas[14]. Outro, E. V. Pereira de Sousa, que nas suas "Reminiscências Acadêmicas" (1887-1891) escreveu: "Poucas ruas eram calçadas e pouquíssimas a paralelepípedos, imperando na cidade a poeira e a lama"[15]. Ainda outro — êsse talvez rigoroso em excesso — o italiano D'Atri, que na mesma ocasião observava não haver senão duas ou três ruas "praticáveis", entre as quais a de São Bento era a melhor[16].

A cidade tendo se irradiado do núcleo primitivo — sôbre a elevação — as estradas antigas, como observou Caio Prado Júnior, fixaram a direção das grandes artérias que não começaram a se estender para os bairros, revestidas do caráter de vias urbanas: entre as várzeas do Tietê e do Tamanduateí, a Brigadeiro Tobias e a Florêncio de Abreu; entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, a Liberdade, continuada pela Vergueiro; procurando as margens do rio Pinheiros, a Quirino de Andrade e a Consolação; começando no vale do Anhangabaú, no ponto em que recebe o riacho Saracura, a de Santo Amaro[17]. Esta última — a de Santo Amaro — ladeira de declive acentuado como muitas outras, em conseqüência da topografia irregular

---

[14] Alfonso Lomônaco, *Al Brasile,* págs. 116 e seguintes.

[15] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", (1887-1891), *Rev. do Arquivo Municipal,* XCIII, pág. 111.

[16] Alessandro d'Atri, *L'Etat de São Paulo et le Renouvellement Economique de l'Europe,* pág. 191.

[17] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, v. 7.

da região em que a cidade se estabeleceu e cresceu[18]. Dela falaram, nas penúltimas décadas do século passado, dois estudantes de então em São Paulo: Silva Jardim e Valentim Magalhães. O primeiro dizendo que era uma rua suja e feia, habitada por estudantes e freqüentada por caipiras que se dirigiam para o mercado[19]. O segundo, que ela devia ser "rua quiçá dos diabos, que nunca daquele santo. Tortuosa, grimpante, esburacada, triste: sorte de ruela romanesca, propícia a deslombamentos e derriços"[20].

Entretanto, ainda nos primeiros tempos da República — escreveu Cássio Mota — São Paulo era uma cidade de ruas estreitas e tortas, sem calçamento, algumas calçadas com pedras irregulares, raras a paralelepípedos[21]. Um calçamento que no comêço do século atual atentaria contra os pneus de um dos primeiros automóveis que apareceram na cidade: o de Henrique Santos Dumont, irmão do inventor, que porisso requereu baixa no lançamento do imposto sôbre o seu "automobile"[22]. Talvez aborrecido com o acanhamento das ruas paulistanas em fins do século dezenove — ou preocupado em desafogar um pouco o trânsito das suas ruas centrais — foi que Jules Martin publicou um folheto propondo a construção de duas grandes galerias cobertas, em forma de cruz, imitando as existentes em Milão, em Nápoles e em Bruxelas. Essas galerias deveriam ocupar o centro do quarteirão de casas velhas limitado pelo largo do Rosário, rua de São Bento, rua Quinze e travessa do Comércio.

---

18 Caio Prado Júnior, op. cit.

19 Silva Jardim, *Memórias e Viagens*, pág. 74.

20 Valentim Magalhães, *Quadros e Contos*, pág. 215.

21 Cássio Mota, *Cesário Mota e seu Tempo*, pág. 20.

22 Citado por Nuto Santana, *São Paulo Histórico*, V, pág. 32.

Contariam com quatro entradas grandiosas e calçamento de mármore, com vinte metros de largura e catorze de altura. Plano que o francês amigo da cidade não conseguiu converter em realidade[23]. No entanto o álbum editado em 1905 pelo próprio Jules Martin já assinalava a existência de uma bela galeria na rua Quinze de Novembro — a Galeria Werbendoefer — "única no Brasil", servindo de comunicação entre aquela rua e a da Boa Vista. Tinha uma cobertura de cristal suportada por arcos de ferro, contando trinta e seis armazéns no andar térreo e cinquenta e quatro escritórios no primeiro andar.[24]. E em relação ao próprio traçado das ruas centrais ia se fazendo aos poucos alguma coisa. Em seu livrinho *Melhoramentos de São Paulo* — em 1907 — Silva Teles reconhecia essa mudança. Tinham-se alargado e retificado ruas até então estreitas e tortuosas no centro — por certo se referia ao realinhamento das ruas Quinze de Novembro, Álvares Penteado e Quintino Bocaiuva, nos primeiros anos do século, por iniciativa de Antônio Prado[25] — cuidando-se ao mesmo tempo de sua pavimentação. Mas mostrava Silva Teles que não se tinha podido fazer ainda tudo o que devia ser feito. E principalmente, que se deixava que certas ruas se formassem ainda erradamente, segundo o capricho de proprietários de terrenos ou casas. Pensava êle por exemplo que a rua de São José (Líbero Badaró) de-

---

[23] Afonso Schmidt, "Galerias de Cristal", *Jornal de São Paulo.*

[24] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 98.

[25] Nuto Santana, "O Prefeito Antônio Prado", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* pág. 101.

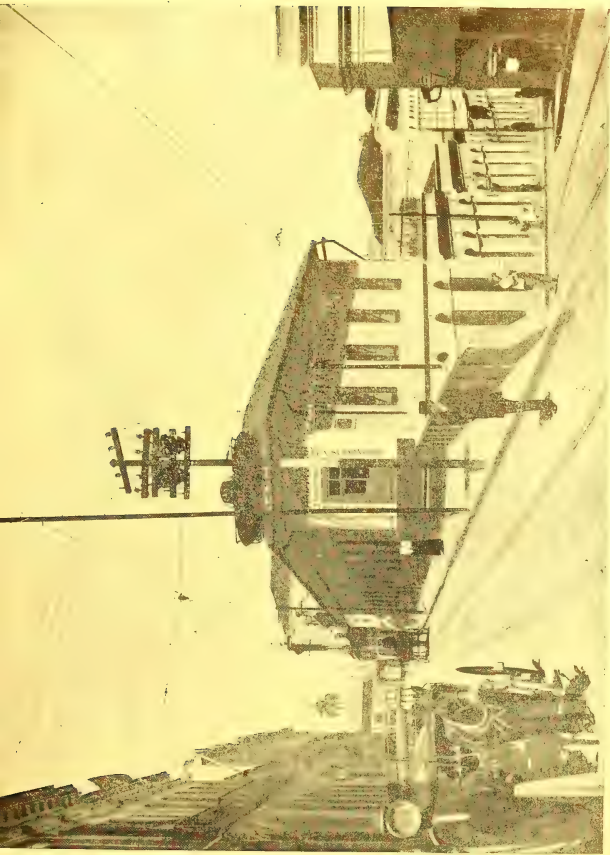
[26] Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo,* págs. 12-37.

via ser transformada de forma radical, impondo-se o seu alargamento[26]. Alargamento que representaria poucos anos mais tarde — em 1910 — um dos pontos básicos do plano de obras elaborado por Vitor da Silva Freire e Eugênio Guilhem e encaminhado pelo prefeito Antônio Prado ao govêrno do Estado[27]. Achava também Silva Teles que os proprietários eram por demais exigentes nos casos de necessidade de desapropriação. E que isso atrasava os melhoramentos de ruas que se tornavam precisos. Não compreendiam êsses donos de casas gananciosos que seriam beneficiados com a retificação ou a regularização de muitos alinhamentos e alargamentos de vias públicas que seus terrenos atravancavam. Citava Teles como exemplo o bairro de Santa Cecília, então em formação: as ruas Ana Cintra, Abranches, Barão de Tatuí, Lombardi e outras, tinham alinhamentos que indicavam ser o delineamento da cidade não raro "dado pelo interêsse dos proprietários de alguns metros quadrados de terreno, para depois custar a reparação do mal os mais pesados sacrifícios ao município, com as custas da indispensável desapropriação". E como Santa Cecília falava o autor de *Melhoramentos de São Paulo* de outros bairros novos, em pontos interessantes e pitorescos, em que se permitiam aberturas de ruas "sem o menor plano de conjunto e em grande parte visando exclusivamente a valorização de terrenos particulares"[28].

Ao lado disso entretanto abriam-se ruas e avenidas com todos os elementos para um desenvolvimento

---

[27] *Melhoramentos do Centro da Cidade de São Paulo*, (Projeto apresentado pela Prefeitura Municipal, 1911), págs. 3 e seguintes.

[28] Augusto C. da Silva Teles, op. cit., págs. 7, 28, 30, 31.

129 — Rua Libero Badaró em 1912, antes do seu alargamento. À direita a ladeira Doutor Falcão.

(Arquivo do Departamento de Cultura)

normal, desde fins do século anterior. Entre os anos de 1890 e 1894, por exemplo, sabe-se que Joaquim Eugênio de Lima abriu em seus terrenos diversas ruas e entre elas a Avenida Paulista, que seria por muitos anos motivo de orgulho para a cidade[29]. Louis Casabona, em seu livro *São Paulo du Brésil,* foi uma das coisas que louvou em São Paulo. "Havíamos atravessado uma boa parte da cidade, e chegado a uma larga avenida arborizada, situada sôbre uma elevação e que tem o nome de Avenida Paulista. É um dos mais interessantes pontos de vista. Dominam-se de lá grandes e profundos vales, em um dos quais se estende a cidade". Escrevia isso em 1905[30]. Nessa época media a Avenida Paulista cerca de dois quilômetros e projetava-se o seu prolongamento. Era admiràvelmente traçada e podia rivalizar — dizia-se na publicação *L'Etat de São Paulo,* em 1906 — com as mais belas avenidas do Velho Mundo[31]. "Eu não saberia comparar a Paulista senão a certas avenidas de Nova York", confessou em 1912 o francês Gaffre[32]. Mas havia outras ruas e avenidas também notáveis no comêço do novecentismo. "Nada se poderia imaginar mais bem traçado e arborizado — notou o mesmo escritor — que as ruas da Liberdade e da Consolação"[33]. Dois anos depois era o italiano Bertarelli quem achava que a Avenida Higienópolis "podia competir vitoriosamente com as mais belas vias públicas das cidades européias"[34]. Também admirá-

---

[29] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 146.

[30] Louis Casabona, *São Paulo du Brésil,* págs. 72-73.

[31] *L'Etat de São Paulo* (Guides de l'Etoile du Sud), 1905, pág. 26.

[32] L. A. Gaffre, *Visions du Brésil,* pág. 159.

[33] L. A. Gaffre, op. cit., pág. 159.

[34] Ernesto Bertarelli, *Il Brasile Meridionale,* pág. 46.

veis, sob o ponto de vista do traçado e da arborização, eram nessa época as ruas que compunham o então chamado Boulevard Burchard, criação do teuto-paulista Martinho Burchard. Eram catorze ruas (Itatiaia, Angélica, Itambé, Sabará, Cubatão, Aracaju, Itacolomi, Bahia, Maranhão, Sergipe, Piauí, Alagoas, Mato Grosso e Goiás) — trecho do bairro do Higienópolis — com uma área de quinhentos e cinquenta mil metros quadrados[35].

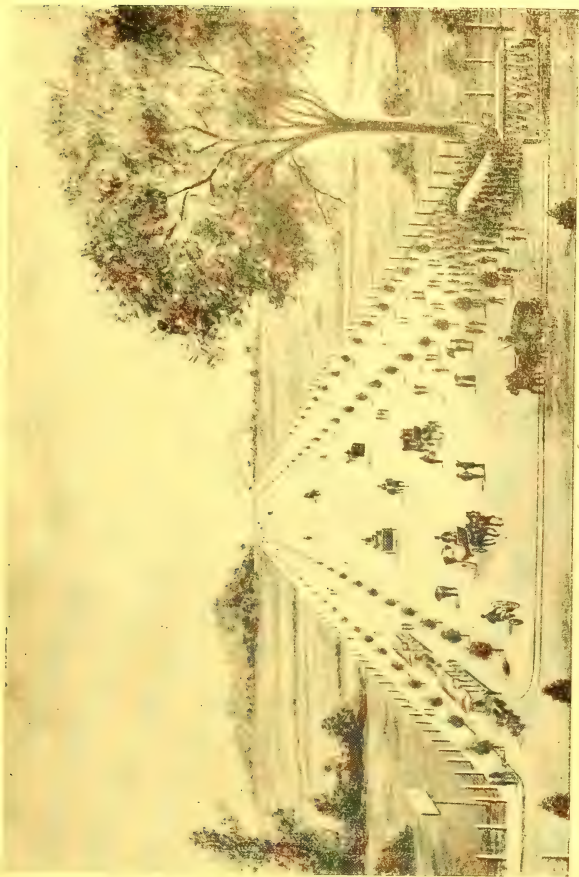
O viajante Casabona descreveu no comêço do século também as ruas do centro, fixando-se mais particularmente na rua Quinze, sede de quase todos os bancos — inglêses, brasileiros, italianos — e da maior parte dos jornais. Era animada, escreveu o francês, como tôdas aquelas da parte central, por grupos que estacionavam nas calçadas, tornando já por vêzes difícil o trânsito[36]. Talvez por seu cunho comercial e cosmopolita, a rua Quinze tinha à noite mais animação — no depoimento de Moreira Pinto em 1900 — do que a rua do Ouvidor, do Rio de Janeiro[37]. Animação de gente que aliada ao tráfego de bondes fazia com que ela, a de São Bento e a Direita se tornassem já em 1910 zonas de aglomeração intensa[38]. É claro porém que havia o outro lado da cidade. O das ruas desprotegidas dos primeiros bairros fabrís de São Paulo. Bandeira Júnior, em seu estudo sôbre as indústrias paulistanas em 1901, falava do que observara no Brás, no Bom Retiro, na Água Branca, na Lapa,

---

[35] Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* págs. 250-251.

[36] Louis Casabona, op. cit., pág. 68.

[37] Moreira Pinto, op. cit., pág. 225.

[38] Archibald Forrest, *A Tour through South America,* pág. 304.

130 — Avenida Paulista por ocasião da festa de sua inauguração em 1891.
(Desenho de Jules Martin — Museu Paulista).

no Ipiranga: ruas sem calçamento e sem confôrto quase nenhum[39]. O Brás, "imenso bairro popular e laborioso" — no depoimento de Gaffre em 1912 — estava ainda com suas ruas, nesse tempo, sem luz e sem pavimentação[40].

Alguns anos depois, já na época da primeira Grande Guerra, Paul Walle escrevia que São Paulo era uma cidade que contava com cinqüenta e cinco avenidas muito bem arborizadas — devendo-se recordar que em 1912 Solorzano observara que nos anos recentes tinham sido plantadas mais de vinte mil árvores nas ruas e praças da cidade[41]. Citava Paul Walle as avenidas Rangel Pestana, para leste; Tiradentes — que em fins do século passado, segundo Martins, parecia ainda um pátio de fazenda[42] — para o norte; as grandes ruas da Liberdade, de Santo Amaro, de Santo Antônio, para o sul; e a da Consolação, para sudoeste. E ainda a Barão de Piracicaba, a Alameda Glette, a dos Bambus e a mais bonita de tôdas, a Avenida Paulista. Construía-se a da Independência. E projetava-se transformar o vale do Anhangabaú em longa avenida central[43]. Sabe-se que no período de 1910 a 1914 executou-se em parte um vasto plano de transformação do centro da cidade e de seus arrabaldes principais — plano traçado pelo arquiteto francês Bouvard. Entre os empreendimentos previstos contavam-se o alargamento da rua de São João até a Lopes de Oliveira e a sua transfor-

---

[39] Bandeira Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901,* pág. XIV.

[40] L. A. Gaffre, op. cit., pág. 160.

[41] Juan Solòrzano y Costa. *El Estado de São Paulo,* 1913, pág. 121.

[42] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 16.

[43] Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* pág. 53.

mação em avenida de trinta metros de largura; e o prolongamento da rua Dom José de Barros até a de Santa Ifigênia[44]. Ao mesmo tempo começava-se o asfaltamento da Avenida Paulista e da rua das Palmeiras[45].

Mas vários outros problemas se acumulavam e se complicavam em conseqüência da rapidez com que a cidade crescia. Em 1914 o viajante Bertarelli notava que por causa de ser uma cidade excessivamente espalhada, com muitas ruas espaçosas e casas "em meio ao verde", a limpeza das vias públicas era coisa difícil de se fazer com eficiência[46], embora desde 1912 São Paulo dispusesse de um forno de incineração para lixo[47]. Por outro lado Adolfo Augusto Pinto, em livro de 1912 — *A transformação e o embelezamento de São Paulo* — abordava uma série enorme de questões que precisavam ser estudadas e solucionadas em virtude do crescimento da área urbana e do desenvolvimento econômico da cidade. Entre elas, o alargamento da rua de São Bento entre o largo de São Bento e a praça Antônio Prado, e o da rua Barão de Itapetininga[48]. Nessa época outro observador e crítico do crescimento da cidade, Milcíades Porchat, em seu trabalho intitulado *Do que precisa São Paulo,* fazia observações no tipo das de Silva Teles. Criticava o fato de se ter dado o antigo alinhamento para a nova igreja de São Bento, fazendo-se com que a rua Florêncio de Abreu se mantivesse estreitíssima bem no seu trecho principal. O que se fêz com o

---

[44] Albert Bonnaure, *Livro de Ouro do Estado de São Paulo,* 1914, pág. 75.

[45] Albert Bonnaure, op. cit., pág. 78.

[46] Ernesto Bertarelli, op. cit., pág. 46.

[47] Albert Bonnaure, op. cit., pág. 83.

[48] Adolfo Augusto Pinto, *A Transformação e o Embelezamento de São Paulo.*

131 — Avenida Tiradentes, com grandes árvores, em fins do século passado.
(Fotografia reproduzida do álbum de Gustavo Koenigswald *São Paulo*, 1895).

alinhamento do edifício do London Bank, no começo da rua da Quitanda. E o que se deu com o comêço da rua Quintino Bocaiuva. O resultado é que era dada a muitas ruas a largura de becos. "Do que se faz hoje se arrependerá amanhã", avisava Porchat[49].

Com exceção do Jardim da Luz, datam dos últimos trinta anos do século passado os jardins públicos de São Paulo. A princípio, todos êles cercados de grades, alguns com seus chalés, seus quiosques, suas cascatas e seus repuxos, tudo de acôrdo com o "sistema inglês", pelo qual se encarregou de fazer jardins na cidade Joaquim Gaspar dos Santos Pereira, que conseguiu para isso em 1873 um privilégio por cinqüenta anos[50]. Um ano antes pedira Santos Pereira que êsse privilégio fôsse por setenta anos, para ajardinar à sua custa todos os lugares e praças da capital que "estivessem no caso de ser ajardinados"[51]. Cercado de gradis foi o jardim da praça João Mendes, feito em 1879 e resultado de uma idéia infeliz, segundo João Mendes Júnior, pois o local, contando com um teatro, duas igrejas e as repartições da Assembléia e da Câmara, exigia espaço para que o trânsito não ficasse congestionado[52]. Em 1881 o zelador dêsse jardim pedia à municipalidade um quiosque dentro dêle para morar, afim de evitar os estragos que de noite os malfeitores faziam ali, quebrando grades e roubando plantas[53]. Em 1890 Raffard achou que estava muito melhorado o jardim da praça João Men-

---

49 Milcíades Porchat, *Do que Precisa São Paulo,* pág. 10.

50 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 59.

51 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LVIII, pág. 69.

52 João Mendes de Almeida Júnior, op. cit., pág. 81.

53 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXVII, pág. 231.

des[54]. Também gradeados foram o jardim do pátio do Colégio, construído quando foi derrubado um corpo do antigo convento dos Jesuítas, e que em 1886 teve também a sua cascata, além de um pórtico ornado com quatro medalhões representando os rios principais da província[55]; e o do largo de São Bento, que ficou pronto em 1887[56], com dois portões gigantescos, que se abriam de manhã e se fechavam na boca da noite. Nas suas grades, tôdas bordadas, o francês Fourchon pendurava as plantas que cultivava com a sua paciência de jardineiro velho[57]. Em 1897 foi ajardinado também o Campo Redondo[58]. Possìvelmente essas cêrcas de ferro que resguardaram os primeiros jardins públicos — além de um meio de defesa contra a invasão dos canteiros e a destruição das plantas por bichos soltos nas ruas apesar da proibição das posturas — representavam a reminiscência do significado de certa forma aristocrático dos jardins, pois êles — como observou Gilberto Freyre — foram por muito tempo reservados ao uso de "gente de botina, de cartola, de gravata, de chapéu de sol"[59]. Ou ainda para evitar que fôssem estragados os jardins em conseqüência das tropelias feitas pelos que procuravam se abastecer de água nos chafarizes, como sugeriu Heraldo Barbuy em seu romance *Beco da Cachaça*[60]. Também no largo da Sé

---

54 Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

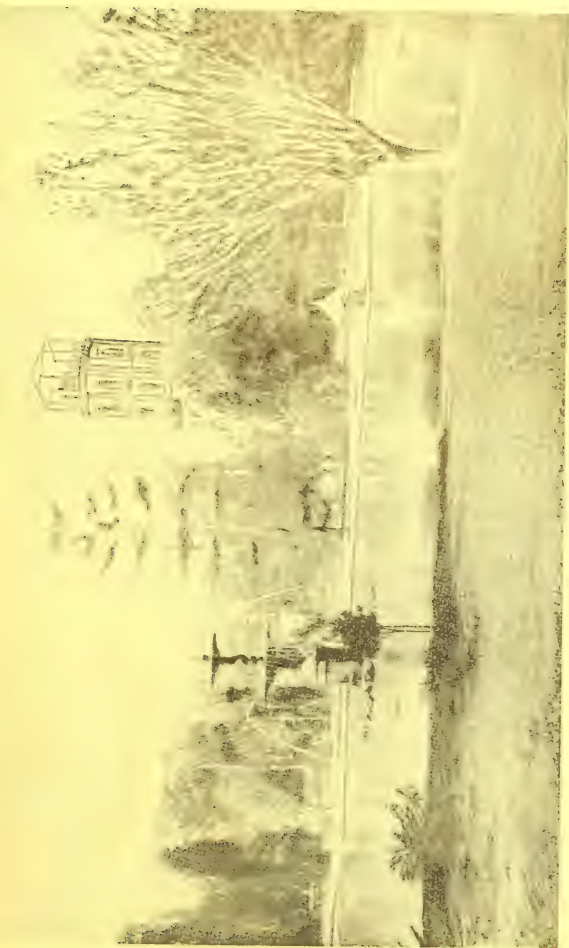
55 José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* I, pág. 677.

56 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 118.

57 Cursino de Moura, op. cit., pág. 43.

58 Miguel Milano, *Os Fantasmas da São Paulo Antiga,* pág. 49.

59 Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos,* 1.ª edição, pág. 16.

60 Heraldo Barbuy, *Beco da Cachaça,* pág. 75.

132 — Jardim da Luz em 1880, vendo-se o lago central e o Canudo do Dr. João Teodoro

(Fotografia reproduzida do álbum *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, 1905).

pensou-se em colocar gradis de ferro acompanhando a fachada e as faces laterais da catedral, mas em 1874 registrava uma ata da Câmara o ponto de vista de que sendo êsse logradouro muito acanhado, com o gradil não restaria espaço para acomodação do povo e da tropa que nos dias festivos costumavam se acumular ali[61]. Cercado de gradis de ferro era também o Jardim da Luz, pelo qual se interessou em seu govêrno João Teodoro Xavier, mandando vir do Rio para êle uma porção de mudas de árvores e de flores, e construindo a tôrre que serviu de observatório[62]. Ficava essa tôrre na sua aléia central, em frente à Estação da Luz, e como era cilíndrica passou a ser conhecida pelo nome de Canudo do Doutor João Teodoro. Tinha uns vinte e poucos metros de altura, com quatro ou cinco andares, e acesso por uma escada interna. No alto, um mirante. Em 1890 já estava em abandono e fechada ao público. E no fim do século foi demolida, talvez porque se tornara ponto predileto de encontros mais ou menos escandalosos[63]. Deveu ainda o Jardim da Luz a João Teodoro as suas quatro estátuas de mármore representando as estações do ano e uma outra de Vênus, tôdas compradas no Rio de Janeiro. E a canalização das águas do Tanque Reuno para o seu chafariz e o do bairro de Santa Ifigênia[64].

Na administração de João Teodoro foi ainda que se ajardinaram os barrancos que flanqueavam o morro do Carmo, e que se construiu a chamada Ilha dos Amôres, no Tamanduateí, saneando-se ali terrenos

---

[61] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 30.
[62] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 140.
[63] Nuto Santana, *São Paulo Histórico,* IV, pág. 137.
[64] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, págs. 140-141.

paludosos e miasmáticos. Ilha que no entanto não teve duração muito longa, pois em 1890 já havia deixado "murchar as suas flores"[65]. Regularizou-se também no tempo de Xavier o grande largo dos Curros, depois Sete de Abril e mais tarde praça da República[66]. Êsse porém foi apenas regularizado, pois em 1885 a "Gazeta do Povo" noticiava irônicamente que no largo Sete de Abril a mata crescia soberbamente à lei da natureza, "demonstrando a fecundidade do solo americano"[67]. Ainda em 1872 cogitou a Câmara da arborização de outros largos: os da Glória e da Misericórdia[68]. Alguns anos mais tarde — parece que de 1880 a 1883 — tendo sido arrazadas as ruínas da Casa da Pólvora abriu-se espaço para a formação do pequeno largo da Pólvora[69], e demolindo-se um velho prédio térreo pegado à igreja dos Remédios estabeleceu-se comunicação entre o largo de São Gonçalo (João Mendes) e do Pelourinho (Sete de Setembro)[70].

Mas o Jardim Público da Luz continuou até o fim do século passado merecendo as atenções de todos os governos. No de Florêncio de Abreu (em 1881) mandaram-se fazer fechos novos para êle, porque os antigos ameaçavam ruína, e organizou-se um projeto que anexava ao logradouro todos os terrenos que fi-

---

65 Henrique Raffard, op. cit.

66 Cursino de Moura, op. cit., pág. 167.

67 Citado por A. J. de Carvalho, *São Paulo Antigo*, pág. 48.

68 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LVIII, pag. 8.

69 Afonso A. de Freitas, *Prospecto do Dicionário Etimológico, Histórico, Topográfico, Estatístico, Biográfico, Bibliográfico e Etnográfico Ilustrado de São Paulo*, pág. 24.

70 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 41.

133 — Jardim da praça João Mendes por volta de 1890.

(Arquivo do Departamento de Cultura)

cavam à sua frente. A Câmara, porém, protestou contra isso, e o govêrno da província resolveu que as novas construções ficassem apenas dez metros além do muro antigo, recebendo a obra 166 metros de gradil de ferro dividido em lances de pilastras de mármore verde de Pantojo. Foi nessa ocasião que se delineou o seu suntuoso portão flanqueado para quatro pilastras de mármore verde e preto — gradil e portão feitos na fábrica de ferro de São João de Ipanema. Referências, tôdas essas, de Antônio Egídio Martins[71]. Gostaram do velho logradouro paulistano muitos visitantes ilustres da cidade nas últimas décadas do século passado. "Reúne o caráter de jardim ornamental — escreveu Koseritz em 1883 — ao de jardim botânico. O arranjo é no gôsto dos jardins paisagísticos e há grupos maravilhosos de árvores, moitas de arbustos coloridos, em suma, tudo o que se continha em um parque dos primeiros decênios dêste século. Há uma quantidade de plantas, árvores e arbustos raros, cuidadosamente tratados, mas faltam a palmeira imperial e a urânia, que tão belo efeito produzem no Rio. O clima de São Paulo não se presta para essas plantas importadas de zonas tropicais, e mesmo o "chapéu de sol", essa curiosa árvore que estende a sua fronde em forma de terraço e que eu vi no jardim de Santos, não tem aqui senão raquíticos exemplares"[72]. Opinião combatida — no que respeita à palmeira imperial — por Adolfo Augusto Pinto em 1912: "Nem se diga que a palmeira imperial cresce mal em São Paulo. Há provas positivas em contrário. Por exemplo à rua Aurora n.º 80 vêm-se dois exemplares plantados pelo sr. Pedro

---

71 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 141.
72 Carl Von Koseritz, op. cit., págs. 270-271.

Vicente de Azevedo, que ostentam o mesmo garbo e completo desenvolvimento dos mais belos tipos cariocas"[73]. Em 1885-1887 o viajante Frank Víncent se referiu ao belo jardim público da cidade, "com uma alta tôrre de onde se podia apreciar a paisagem vizinha"[74]. Na mesma época — em 1890 — Raffard assinalava nas suas notas sôbre São Paulo que o parque, embelezado constantemente, se tornava cada dia mais atraente[75]. O que o Jardim da Luz não chegou a ser foi o parque botânico e zoológico em que seriam cultivados e criados os produtos da flora e da fauna paulistas. Ficou em autorização o plano dado então nesse sentido pelo Congresso ao govêrno da província[76].

Nos últimos anos do oitocentismo começou a se fazer sentir a influência norte-americana, não apenas na substituição dos jardins públicos cercados de grades de ferro por jardins abertos — no jardim do largo de São Bento o gradil de ferro foi retirado nos últimos anos do século passado ou nos primeiros anos do atual[77] — como no próprio feitio dos canteiros e no plantio das flores e dos ornamentos vegetais[78]. Mas isso um tanto desordenadamente. Falando da cidade nos primórdios da República lembrou Cássio Mota entre outras coisas que os seus largos e praças viviam ainda quase que entregues à sua própria sorte, em abandono. Com touceiras de grama e plantas do mato

73 Adolfo Augusto Pinto, op. cit., pág. 22.

74 Frank Vincent, *Around and about South America*, pág. 260.

75 Henrique Raffard, op. cit.

76 José Jacinto Ribeiro, op. cit., pág. 372.

77 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 118.

78 Cursino de Moura, op. cit., pág. 43.

134 — Antônio Prado quando Prefeito de São Paulo em 1899 (Fotografia reproduzida do livro *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado*).

em certos pontos[79]. Só no começo do século atual — com Antônio Prado na Prefeitura — procurou-se fazer alguma coisa em benefício do traçado dos largos e das praças e também da arborização dêles e das ruas. Dizia o prefeito nessa época que estava farto dos plátanos e principalmente dos eucaliptos, que além de crescerem demais arrebentavam os passeios com as suas raízes possantes, danificando até a canalização de águas e esgotos. Pretendia porisso o conselheiro mandar fazer ensaios de diferentes espécies, do porte da murta, preferindo os que fôssem mais floríferos e de folhagem miúda, para não sujarem as ruas nem obstruirem as bocas de lobo das águas pluviais[80]. Alguns anos mais tarde — em 1912 — o viajante francês Gaffre escrevia de São Paulo: "Não creio que haja duas avenidas vizinhas plantadas com as mesmas árvores. Plátanos do Canadá, carvalhos da Europa, lilás do Japão, sucedem às plantas mais notáveis do país"[81].

Deveu-se ainda a Antônio Prado o alargamento do pátio do Rosário (com a tradicional Ilha dos Prontos), que foi batizado com o seu nome. E que passou a ser, durante alguns anos, o "coração da cidade". Em cujas esquinas e confeitarias — como refere o álbum publicado por Jules Martin em 1905 — reuniam-se os rapazes elegantes da cidade. E por onde passavam tôdas as linhas de bonde[82]. Ainda em 1912, em livro fixando cenas da vida paulistana, José Agudo

---

[79] Cássio Mota, op. cit., pág. 20.

[80] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado*, págs. 222-223.

[81] L. A. Gaffre, op. cit., pág. 159.

[82] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 92.

escrevia: "Os passeios laterais e a tradicional Ilha dos Prontos, no centro, estavam literalmente obstruídos de gente. Uns esperavam seus bondes, outros esperavam a possibilidade aleatória de um convite para o vermute ou a farmácia, e alguns não esperavam nada, mas matavam o tempo em ver o que nada tinha de vistoso"[83].

O pátio do Colégio, êsse em 1905 estava — segundo Louis Casabona — ornado com bonito jardim cercado pelo palácio do govêrno e as sedes das Secretarias[84]. Já no século passado — em 1885 — aproveitando-se a derrubada, alguns anos antes, de uma ala do corpo principal do antigo convento dos Jesuítas, abrira-se ali um jardim gradeado. A área ajardinada — como se pode ver em uma das estampas do álbum de Jules Martin — era franqueada por um pequeno portão, aparecendo no primeiro plano um pórtico meio empetecado, com uma cascatinha e a estátua da mulher despejando água em um tanque[85]. Havia nesse jardim aléias sombrias sob as palmeiras e os fetos, dispostos em formas fantásticas e misturados com os cactos. Foi em um de seus bancos, ouvindo o canto dos passarinhos, o ruído dos carros, o pregão dos quitandeiros, em um domingo de sol, que o viajante Forrest sentiu o que escreveu em seu livro de 1912: "Seria difícil imaginar cidade e povo mais felizes"[86]. Mas nesse tempo a necessidade de ampliação do largo do Palácio já era apontada como

---

83 José Agudo, *Gente Rica*, pág. 119.

84 Louis Casabona, op. cit., pág. 68.

85 *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 9.

86 Archibald Forrest, op. cit., pág. 306.

135 — Largo de São Bento em 1888, com seu jardim protegido por gradil de ferro.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

problema imposto pelo engrandecimento de São Paulo e seu centro comercial[87].

Foi também o comêço do século vinte a época em que se fizeram melhoramentos no largo de Santa Cecília, sendo retirado dali o antigo chafariz da Misericórdia[88], e em que se começou a reformar a Várzea do Carmo. Com o leito do rio regularizado e as margens gramadas e arborizadas, o local mostrava já aspecto muito diverso do de outros tempos. A encosta do convento, tôda gramada e cortada de ruas sinuosas — dizia-se no álbum de Martin — dava feição aprazível à subida para a praça bem cuidada que ficava no alto[89]. O diabo é que — como escrevia Silva Teles em 1907 — o parque, podendo ser uma coisa soberba, estivesse aos poucos sendo invadido por habitações mesquinhas que enfeiavam o ambiente[90]. O ajardinamento da Várzea do Carmo e do Anhangabaú representou logo em seguida — em 1910-1911 — a preocupação central focalizada no plano de Vitor da Silva Freire encaminhado pelo prefeito Antônio Prado ao govêrno de São Paulo. Com o ajardinamento do vale do Anhangabaú — observava o engenheiro Vitor Freire — ficaria o centro da cidade dotado de aspecto característico e original "como os que procuram modernamente constituir as cidades mais adiantadas, que cuidam de seus programas edilícios sempre que a topografia natural lhes permite o tipo das longas avenidas banais e sem tão favoráveis condições de estética". A êsse logradouro, acrescentava Freire, faria companhia o que deveria

---

[87] Adolfo Augusto Pinto, *A Transformação e o Embelezamento de São Paulo*.

[88] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 10.

[89] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, pág. 20.

[90] Augusto C. da Silva Teles, op. cit., págs. 53-54.

mais tarde ser feito ao lado da várzea do Tamanduateí, pelo seu ajardinamento e pela ligação da rua da Boa Vista com o largo do Palácio, "encastoando por essa forma o coração da cidade entre dois belíssimos parques e emoldurando-o entre dois soberbos panoramas de natureza diferente mas esplêndidos ambos pela harmonia e suavidade das suas linhas"[91]. O Jardim da Luz também mereceu as atenções do prefeito Antônio Prado no comêço do século vinte. Fazendo sua primeira visita ao logradouro, ficara êle mal impressionado com o seu aspecto. Estava muito cheio de canteirinhos, vários dêles com cercaduras de garrafas de fundo para cima, e abrigando apenas perpétuas, semprevivas e manjericão. Tudo muito provinciano, teria pensado o prefeito. Passou então o parque por uma transformação completa, à moda inglêsa, com gramados e canteiros artísticos, ostentando flores mais aristocráticas[92]. O lago central, em forma de Cruz de Savoia — escreveu Nuto Santana — adornava-se entretanto ainda com oito estátuas medíocres, aquelas que datavam de 1874. Tinha o jardim três entradas amplas nessa época: pela rua José Paulino, pela praça Visconde de Congonhas e pela Avenida Tiradentes[93].

O largo da Sé passou por modificação radical, ampliando-se consideràvelmente, depois que se derrubou a catedral antiga em 1912. Êsse templo estava construído muito abaixo do local em que hoje se ergue a catedral. Seus fundos correspondiam mais ou menos à altura da rua Barão de Paranapiacaba, de modo

---

91 *Melhoramentos do Centro da Cidade de São Paulo,* cit., págs. 6 e seguintes.

92 Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* pág. 221.

93 Nuto Santana, *São Paulo Histórico,* IV, págs. 139-140.

136 — Pátio do Colégio no comêço do século atual.

(Reprodução do desenho publicado no livro de Archibald Forrest *A tour through South America*, 1913).

que sua fachada era fronteiriça da igreja de São Pedro, no ponto em que agora existe o edifício da Caixa Econômica. E tôda a parte superior do largo de agora era ocupado por vasto quarteirão limitado pelas ruas do Imperador (depois Marechal Deodoro), da Freira (Senador Feijó) e pelo beco do Mosquito, além de um prolongamento da antiga rua de Santa Teresa[94]. Por acôrdo firmado em 1913 com a Prefeitura foi assentado, ao contrário do que a princípio se projetara, aproveitar em sua maior extensão a área aberta entre as ruas Marechal Deodoro e Capitão Salomão, para abertura de um logradouro amplo, ao mesmo tempo que se resolveu transferir a situação da catedral para o trecho mais alto da esplanada[95]. Nessa mesma ocasião, entre os empreendimentos previstos no plano Bouvard — de transformação do centro paulistano — incluía-se a formação de uma praça entre as ruas Líbero Badaró, de São Bento e Direita: a praça do Patriarca[96]. Fizeram-se os jardins da praça Buenos Aires[97]. Logo depois foram ajardinados o largo do Paissandú, a praça José Roberto, a Ponte Grande e o que fica em frente ao Instituto Ana Rosa. Ainda outro logradouro transformado no começo do século foi a chamada praça da Independência, no bairro do Ipiranga. Em 1907 o govêrno do Estado incumbiu o arquiteto paisagista Arsênio Puttemans, de ajardinar essa praça. Deu-se então ao palácio de Bezzi — o do Museu — escreveu Taunay, aquêle complemento indispensável para que ressaltasse a elegância de sua linha arquitetônica. Puttemans

[94] "Ruas e Praças de São Paulo", série publicada no *Correio Paulistano*.

[95] Adolfo Augusto Pinto, *Homenagens*, pág. 174.

[96] Albert Bonnaure, op. cit., pág. 75.

[97] Albert Bonnaure, op. cit., pág. 78.

desenhou e executou um jardim lenotriano que entregou à diretoria do Museu Paulista em 1909[98]. Ainda um outro parque — o Parque Antártica — chamava nessa época a atenção do visitante Pierre Denis, o autor de *O Brasil no Século Vinte.* Escrevendo em tôrno de 1908 dizia êle que aos domingos uma multidão numerosa procurava êsse jardim público[99]. Para recreio de seus habitantes — escrevia depois Paulo Rangel Pestana — a cidade possuía êsse Parque Antártica com muitos divertimentos, os parques da Cantareira, com enorme floresta nativa e o Bosque da Saúde, no subúrbio, além dos quatro grandes jardins: o da Luz, o da praça da República, o do monumento do Ipiranga e o Anhangabaú. Dentro em pouco — notava — a êles se juntaria o parque da Várzea do Carmo, com obras ainda em andamento[100].

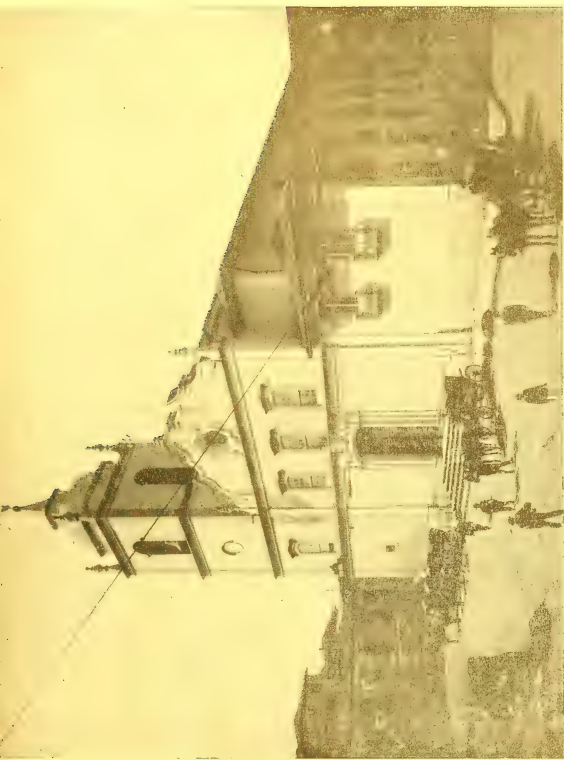
Na mesma época fazia Paul Walle, em seu livro de impressões sôbre São Paulo, referências ao Parque Antártica — criação particular de um industrial deixada à disposição do público. Quanto ao Anhangabaú — escrevia o francês — "coberto há poucos anos ainda de terrenos vagos e construções miseráveis", formava um parque belamente desenhado e de bonito efeito. O vale — dizia êle — deverá ser transformado em longa avenida central, de que uma parte forma um curioso e original parque-jardim de vegetação exótica[101]. Mas Adolfo Augusto Pinto achava em 1912 que a cidade estava mal servida de parques. "Se em São Paulo — observava — os melhoramentos

---

[98] Afonso de E. Taunay, *Antigos Aspectos Paulistas,* pág. 19.

[99] Pierre Denis, *O Brasil no Século XX,* pág. 147.

[100] Paulo Rangel Pestana, "A Cidade de São Paulo — Evolução Histórica", no álbum *A Capital Paulista,* 1920.

[101] Paul Walle, op. cit., págs. 51 a 53.

137 — O pequeno largo da Sé dos primeiros anos do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

de várias ordens têm mais ou menos acompanhado o rápido crescimento da cidade, é certo entretanto que quase não se tem cuidado de abrir e formar novos logradouros públicos, podendo-se dizer que existe hoje a tal respeito com pequena diferença aquilo mesmo que existia há algumas dezenas de anos, quando o Jardim Público, aliás maior que o atual, e a Ilha dos Amôres, de que já nem subsistem vestígios, bastavam para fazer as delícias dos paulistanos"[102]. Milcíades Porchat — *Do que Precisa São Paulo,* 1920 — também achava poucos os parques da cidade. "À exceção do vale do Anhangabaú e Várzea do Carmo, ambos desenhados pelos artistas Bouvard e Cochet, bem como o Parque da Avenida, que está sendo embelezado segundo o plano do exímio especialista inglês Parker, não temos quase arte nos nossos jardins, que são todos uniformes e monótonos"[103]. Aliás nessa época entre os jardins menores, conservados do século anterior, podiam ser lembrados o que dava para a rua do Riachuelo, nos fundos da Academia de Direito, ornado de cedros aparados à moda italiana[104], e o do largo da Memória. Em 1920, referindo-se a êste último, V. de P. Vicente de Azevedo dizia que êle era ainda o mesmo de 1870: o mesmo paredão desenxabido, os mesmos pés de cicuta enrolados sem poder trepar[105]. Mas o fato — insistia Porchat — é que os jardins existentes em São Paulo, na sua qualidade de "pulmões da cidade", não bastavam para lhe purificar a atmosfera. Com-

---

[102] Adolfo Augusto Pinto, *A Transformação e o Embelezamento de São Paulo,* pág. 7.

[103] Milcíades Porchat, op. cit., pág. 51.

[104] Ian de Almeida Prado, "São Paulo Antigo e sua Arquitetura", *Ilustração Brasileira,* Setembro de 1929.

[105] V. de P. Vicente de Azevedo, "A Pirâmide do Piques", *Revista do Brasil,* Junho de 1920, págs. 179 e seguintes.

parava São Paulo, na época, com seus doze mil habitantes para hectare de parques e jardins, com outras cidades americanas e européias: Buenos Aires, com mil e duzentos, Paris, com mil trezentos e cinqüenta e quatro, e Londres, com mil e trinta e um [106].

Dependeu por outro lado, de técnicos estrangeiros, a iluminação de ruas, largos e jardins de São Paulo, que passou a ser feita a gás em 1872. Em 1870 chegara à cidade o engenheiro-empreiteiro W. Ramsay, da Companhia do Gás, para escolher o local onde devia ficar o gasômetro. A iluminação começou a ser feita dois anos depois, na noite de 31 de março, quando foram iluminados, pelo sistema novo, a frente da catedral da Sé e do palácio do govêrno, no pátio do Colégio, onde haviam se erguido arcos festivais[107]. Daí em diante os lampiões de querosene foram sendo substituídos pelos combustores de gás e então — no dizer de um cronista — os moradores do Triângulo, por ocasião das festas e das procissões, deixaram de ornamentar e de iluminar as frentes das suas casas com os globos e as lanternas tradicionais[108].

Nos primeiros tempos da iluminação a gás ainda ficavam na penumbra, quase que recebendo apenas a luz que vinha de dentro das casas, muitas zonas da cidade. Mesmo na área central. Velhos moradores da capital contavam que algumas casas da rua Nova de São José (Líbero Badaró) era costume terem o corredor de entrada alumiado por uma lamparina de azeite. Não precisava mais nada: a luzinha incerta, avermelhada, se destacando na escuridão da rua, bastava para atrair dezenas e dezenas de rãs e de sapos

---

106 Milcíades Porchat, op. cit., pág. 50.

107 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 131, e II, págs. 59 e 188.

108 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 37.

138 — Lampião de gás na rua da Imperatriz (Quinze de Novembro) em tôrno de 1880.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

que ainda infestavam tôda a baixada do Acu[109]. Por outro lado, muitas ruas foram esquecidas nesses primeiros tempos da iluminação a gás, ficando em situação pior que a anterior, pois perderam também os seus lampiões de querosene. Em 1873 a Câmara fazia sentir ao govêrno da província a necessidade de que fôssem colocados combustores de gás nas freguesias de Santa Ifigênia e Consolação, assim como naquelas ruas que já tinham tido luz de querosene e que estavam então desprovidas de qualquer iluminação[110]. Os arrabaldes sobretudo passaram a reclamar iluminação. Em 1881 falava-se na Câmara na necessidade de aumentar, com mais duzentos, o número de combustores públicos, que deveriam ser distribuídos atendendo-se principalmente "à importância e progressivo desenvolvimento dos arrabaldes da cidade"[111].

Entretanto os quinhentos e cinqüenta lampiões do comêço da iluminação a gás foram se multiplicando: passaram logo a setecentos e em 1882 já eram mais de novecentos[112]. De ferro, pequenos, elegantes, ajudaram a modernizar a feição das ruas. Todavia fotografias da cidade nos últimos anos da monarquia mostram que na época ainda havia combustores pendurados nas paredes: na casinha térrea do largo de São Bento, onde ficava o Hotel do Oeste, por exemplo. Ou fincados em cima dos próprios chafarizes, como se pode ver em uma gravura reproduzindo o largo do Rosário em 1885. A iluminação das ruas a gás, nos primeiros

---

[109] Nuto Santana, *São Paulo Histórico*, V, pág. 189.

[110] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LIX, pág. 130.

[111] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LXVII, págs. 39-40.

[112] Nuto Santana, op. cit., II, pag. 258.

anos da República, feita através de bicos simples e de bicos com camisa incandescente — observou Cássio Mota — representavam um privilégio da capital, que se destacava, nesse particular, das outras cidades paulistas[113], embora muita gente em 1890 se queixasse da luz fornecida pela Companhia de Gás, dizendo que ela era fraca e que não estava de acôrdo com o que se combinara no contrato de concessão[114].

Veio depois a iluminação elétrica, embora se saiba que já em 1868 — por ocasião das festas da tomada de Humaitá, na Guerra do Paraguai — o frei Germano d'Annecy, professor de matemática do Seminário Episcopal de São Paulo, instalara e experimentara seu uso na fachada do edifício da Cadeia[115]. Muito depois — em 1883 — fez-se uma experiência de iluminação por eletricidade no Jardim Público da Luz[116]. E seis anos mais tarde os donos de casas das ruas da Imperatriz e de São Bento e do largo do Rosário iluminaram pelo sistema novo êsses três logradouros públicos[117]. Mas foi só em 1900 que a eletricidade passou realmente a disputar a iluminação das ruas com o gás. Muitos logradouros entretanto ainda conservavam as velhas lâmpadas a gás "Auer". A iluminação elétrica, em 1905, foi acrescida de duzentas e noventa e oito unidades no total de combustores.

---

[113] Cássio Mota, op. cit., págs. 19-20.

[114] Henrique Raffard, op. cit.

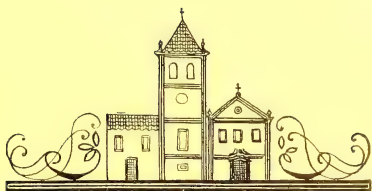
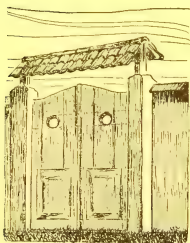
[115] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 42.

[116] Aureliano Leite, *História da Civilização Paulista*, pág. 122. Na mesma época — em 1883 e em 1885 — houve duas experiências de iluminação elétrica no Rio de Janeiro: a primeira no largo do Machado e a segunda no edifício da Biblioteca Nacional, na rua do Passeio. (Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro*, II, pág. 429).

[117] Aureliano Leite, op. cit., pág. 122.

Aumentava ao mesmo tempo o número de combustores de gás, que em 1911 se elevava a 8.706 aparelhos, ao passo que o de lâmpadas elétricas subia a 605, com refôrço enorme de iluminação nas ruas principais — escreveu Nuto Santana — e de unidades para iluminação exclusiva da Água Branca, da Lapa, da Penha e do Ipiranga. Em 1913 subia o número de combustores públicos de gás a 8.955 e o de lâmpadas elétricas a 780. E dois anos depois os primeiros se elevariam ainda a 9.396 e no ano seguinte a 9.605, ao passo que o de lâmpadas elétricas continuava sendo de 380 unidades de grande intensidade e 466 incandescentes de sessenta velas. Nessa época foi autorizada a iluminação por eletricidade do Belvedere inaugurado na Avenida Paulista — iluminação que foi custeada pelo govêrno do Estado, como também a do Triângulo, da esplanada do Teatro Municipal e dos relógios públicos. Por outro lado estudavam as autoridades, com a Light, a unificação dos contratos para iluminação elétrica das ruas e praças da cidade, terminando essas negociações em 1916, quando se assinou o contrato. Já em 1918 foi autorizado o assentamento de novas lâmpadas elétricas no parque Anhangabaú, na praça da Avenida Paulista, na Bela Vista e na praça da Concórdia. Mas muitos bairros nessa época ainda apresentavam aspectos por assim dizer antigos no setor da iluminação, pois continuavam a ser iluminados pela luz esverdeada dos lampiões de gás — embora desde meados de 1917 se observasse a queda do poder iluminativo do gás distribuído pela respectiva emprêsa[118] — e animados com a figura do acendedor de lampiões.

---

[118] Nuto Santana, op. cit., II, págs. 259 e seguintes.

III — MARCHA PARA OS ARRABALDES

Não foi tímido, como no período anterior, o crescimento da área da cidade de São Paulo na fase representada pelas três últimas décadas do século dezenove e as duas primeiras do século vinte. Sabe-se que já na época da proclamação da República quase todos os donos de chácaras antigas localizadas perto da área central ou em alguns de seus arrabaldes, começaram a mandar abrir em suas terras avenidas, ruas, alamedas e largos, vastas áreas descampadas recebendo arruamento e loteação. Foram bem poucas as chácaras que resistiram, nessas áreas, até os últimos anos do oitocentismo ou os primeiros do século atual. Êsse crescimento respondia sem dúvida ao desenvolvimento da população urbana, determinado inclusive pela fixação na cidade de imigrantes sobretudo italianos.

Assim, ao lado do desenvolvimento e da animação que ganharam certos bairros antigamente desertos e silenciosos, formaram-se outros: os fabris, particularmente ao longo das linhas das primeiras estradas de ferro. O povoamento do bairro do Brás, por exemplo, se intensificou de modo notável com o funcionamento da Estrada de Ferro do Norte. Também a zona do Bom Retiro foi então que acusou índices mais claros de povoamento e integração na zona urbana, ligando-se com o bairro da Luz, que se tornou também interessante e vivo — e não apenas pitoresco, como no passado — com o movimento dos trens da Inglêsa. Por outro lado lançaram-se as raízes de alguns futuros bairros e subúrbios por meio do estabelecimento de núcleos coloniais: Santana, Glória, São Bernardo, São Caetano.

Apesar de todos êsses desenvolvimentos, no entanto, não cresceu regularmente a área urbana em tôdas as direções, e nos últimos anos do século passado, a despeito da formação de alguns bairros aristocráticos, certas zonas do núcleo central primitivo conservaram o seu caráter de zonas residênciais elegantes também. Parece que só a partir dos primeiros anos do século atual — o crescimento urbano mal permitindo já moradias no reduzido centro — foi que se observou a tendência decisiva para que as casas se alastrassem de uma vez pelas colinas e pelos vales das redondezas, fixando-se as residências das classes mais abastadas nas zonas mais altas e saudáveis. Isso ocorreu a tal ponto que nos anos de 1911-1913 mostrava-se preocupado o poder municipal com a expansão e a dispersão da cidade: formavam-se bairros a distâncias consideráveis ao mesmo tempo que restavam, nas vizinhanças da área central, longos espaços desaproveitados.

De outra parte o primitivo Triângulo mostrava-se cada vez mais exíguo para comportar o crescente movimento comercial. O tráfego se tornara extremamente difícil, recebendo então o problema, em 1911, o que se chamou uma "solução perimetral", constituída pela rua Líbero Badaró, largo de São Francisco, rua Benjamin Constant, largo da Sé, pátio do Colégio e rua Boa Vista. Uma ligeira expansão do centro primitivo.

Com a proclamação da República quase todos os donos de chácaras antigas dos bairros de Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Consolação, Liberdade e Cambuci — escreveu Antônio Egídio Martins — mandaram abrir ruas, avenidas, alamedas e largos em suas terras[1]. Não só dêsses bairros, podia se dizer. Mas também do Higienópolis, Avenida Paulista, Mooca, Pari, Ipiranga, Barra Funda e Água Branca, onde enormes áreas descampadas foram recebendo arruamento e loteação[2].

A chácara do general José Arouche de Toledo Rendon tinha sua sede em um casarão da rua de Santa Isabel e se estendia primitivamente da rua da Alegria (Sebastião Pereira) até o beco do Mata Fome (rua Araújo). Mais tarde pertenceu a Rego Freitas e em 1894 foi vendida a um sindicato de capitalistas, abrindo-se então em suas terras — segundo Martins — as ruas Bento Freitas, Rego Freitas, Amaral Gurgel, Cesário Mota, Vila Nova, Marquês de Itu, General Jardim, Major Sertório e Santa Isabel — todo o bairro de Vila Buarque, afinal de contas[3].

---

[1] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* II, pág. 14.

[2] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas" (1887-1891), *Revista do Arquivo Municipal,* XCIII, pág. 124.

[3] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 137.

A enorme chácara das Palmeiras — que ainda em 1872 tinha casa-grande, senzalas, armazéns, cocheiras, plantações de chá e de mandioca e vastos capinzais — transformou-se nas ruas da Imaculada Conceição, Baronesa de Itu, Martim Francisco, Barão de Tatuí, São Vicente de Paula, Albuquerque Lins, Avenida Angélica, Alameda Barros e outras. Dona Maria Angélica de Sousa Queiroz Barros foi dona também de muitos terrenos na zona da Avenida Angélica, uma parte dos quais pertenceu à antiga chácara das Palmeiras[4].

Parte da rua das Palmeiras, porém, resultou do retalhamento da Chácara Mauá, de Francisco de Aguiar Barros e do alemão Frederico Glette. Essa Chácara Mauá — que antes se chamara Campo Redondo e depois, em 1868, Charpe — tinha sua sede em um enorme prédio colonial, acaçapado, que mais tarde serviria de residência episcopal e de colégio. Ali se caçavam pombos e se pescavam bagres em uma lagoa. Glette e seu patrício Nothman pegaram essas terras da chácara Mauá e fizeram delas o bairro dos Campos Elíseos, entre 1882 e 1890, com a alameda Barão de Piracicaba, o largo Princesa Isabel e as ruas General Osório, dos Protestantes, do Triunfo, dos Andradas, dos Gusmões, Duque de Caxias, Helvétia, Glette, Nothman e outras[5].

A chácara que pertenceu ao comendador Luís Antônio de Sousa Barros foi loteada para que se abrissem parte da avenida São João, o largo e a travessa do Paissandú, a rua do Seminário e a praça do Correio. A que pertenceu ao brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar contribuiu para a formação da la-

---

4 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 132.
5 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, págs. 13-14.

Suo Paulo,
das igrejas
rafia dese-
do Barão
rior).

e Cultura).

deira e do largo de Santa Ifigênia, rua da Conceição e parte da que conservou o seu nome[6].

O ex-sítio do Carvalho, que pertencera ao Barão de Iguape e que ia da estrada de Jundiaí até o Tietê, nas proximidades da Casa Verde, contribuiu para a formação em parte dos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro. A chácara do conselheiro Antônio Prado se transformou na praça Marechal Deodoro, ruas Brigadeiro Galvão, Barra Funda e Vitorino Carmilo[7]. E a chácara de Martinho da Silva Prado, na Consolação, também deu lugar a uma porção de ruas na zona em que ainda há poucos anos se encontrava a casa que foi sua sede: o casarão pegado à igreja da Consolação.

Do outro lado da cidade a chácara enorme da Tabatingüera, de Francisco de Assis Lorena, filho do governador Lorena — tendo nos fundos a fonte de Santa Luzia — transformou-se nas ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas, Tomás de Lima e Santa Luzia[8]. Dessa chácara conhece-se uma gravura de 1862: entre árvores uma casa térrea, com o tipo de casa de sítio. Telhado com beirais e um alpendre do lado.

O comêço da rua da Glória, o largo São Paulo e a rua Sinimbu desenharam-se em terras da quinta de Francisco Machado, que depois pertenceriam ao inglês Radmaker e a partir de 1824 à Santa Casa de Misericórdia. Nas terras compreendidas entre o largo da Fôrca (na Liberdade) e o da Pólvora, à direita do chamado Caminho do Carro, ficava a chácara Streib,

---

6 Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", *Revista do Arquivo Municipal*, CXI, pág. 58.

7 Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 59.

8 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 49.

em cujas proximidades havia a fonte do Moringuinho. Do caminho para o Moringuinho surgiu a rua Jaceguai. A chácara do Sertório — que em 1856 compreendia as terras situadas entre o matadouro da Pólvora e o local onde agora fica a rua Abílio Soares — transformou-se nas ruas Pedroso, Maestro Cardim, Alfredo Ellis, Martiniano de Carvalho, Artur Prado, Paraiso e outras[9].

A avenida Brigadeiro Luís Antônio foi aberta em terras da chácara do Barão de Limeira, formada ao sul dos antigos campos do Bexiga. A rua Paula Sousa, em terrenos que em outros tempos faziam parte da chácara Miguel Carlos. E o bairro da Casa Verde em um sítio que até 1830 pertenceu ao marechal Toledo Rendon e que de 1882 a 1897 foi propriedade de John Maxwell Rudge[10].

Algumas chácaras antigas todavia perduraram quase até o fim do século passado. Em 1891 as tabelas para carros e tílburis ainda mencionavam algumas delas que serviam como limites a zonas ou secções dentro das quais se cobravam determinados preços: a chácara do Doutor Albuquerque, no Bexiga, a Pedroso, na Liberdade, a do Harrah, para os lados da Mooca, a Levy, na Liberdade, a do Doutor Clímaco Barbosa, no caminho do Ipiranga, e a do Doutor Rafael de Barros, na Mooca[11]. Até 1893 existiu ainda a da Figueira, que era dos herdeiros da Marquesa de Santos, resistindo ainda até os primeiros anos do século atual — tendo sido derrubada aproximada-

---

[9] Afonso A. de Freitas, *Prospecto do Dicionário Etimológico, Histórico, Topográfico, Estatístico, Biográfico, Bibliográfico e Etnográfico Ilustrado de São Paulo*, pág. 23.

[10] Aureliano Leite, *Pequena História da Casa Verde*. pág. 46.

[11] *Almanach do Estado de São Paulo para 1891*, pág. 136.

mente em 1905 — a figueira mais do que secular e gigantesca nascida em suas terras e que estendia seus galhos pela rua a que deu o nome[12]. Resistiram também por vêzes restos dessas chácaras antigas: casarões, muros enfeitados, ou simplesmente árvores velhas. "Em 1895 — escreveu José Feliciano de Oliveira — ainda nascia chá em meu jardim"[13]. Referia-se a uma casa — de certo quase uma chácara — que habitara na Vila Buarque. E havia as chácaras inteiras, modernizadas, como a de Dona Veridiana Prado, a do coronel Rodovalho e a do doutor Domingos Jaguaribe[14].

Mas o declínio das chácaras, na segunda metade do século dezenove, particularmente em seu último quartel, correspondendo à formação e ao desenvolvimento de muitos bairros, contribuiu de um modo geral para que se alterasse e procurasse um novo equilíbrio o sistema de especializações entre as diversas zonas da cidade. Nuto Santana escreveu, a propósito, sobre dois grandes desdobramentos urbanos da capital. Um que, alargando-se formidàvelmente do Bexiga à Barra Funda, projetando-se para o Pacaembu, a Avenida Paulista, os Campos Elíseos, Perdizes, Água Branca e Lapa, constituiria a zona mais acentuadamente residencial. O outro — com base no Brás e servido por estrada de ferro a partir de 1870 — no centro industrial da cidade[15]. Ao longo das ferrovias e suas imediações era natural que se estabele-

[12] Sebastião Pagano, "Roteiro de São Paulo Antigo", *Diário de São Paulo de* 29 de Janeiro de 1950.

[13] José Feliciano de Oliveira. "Centenário de uma Aula Normal", *O Estado de São Paulo,* de 2 de junho, 16 de junho, 25 de Agôsto, 3 de Novembro de 1946.

[14] Cássio Mota, *Cesário Mota e seu tempo,* pág. 19.

[15] Nuto Santana, *São Paulo Histórico, II, págs.* 294-295.

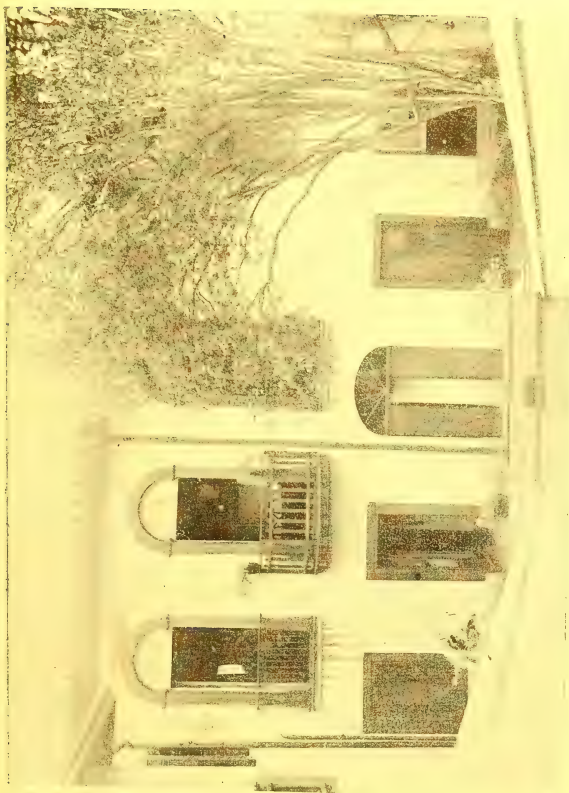
cessem os bairros operários: Ipiranga, Cambuci, Mooca, Brás, Pari, Luz, Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, Lapa (trechos dêstes últimos bairros)[16]. Alguns dêles, povoados de casinhas e cortiços onde já em 1910 o viajante Cusano assinalava os perigos da promiscuidade[17].

O povoamento do bairro do Brás sabe-se que se intensificou particularmente com o funcionamento da Estrada de Ferro do Norte. Ruas como a Piratininga, a travessa do Brás, e a Carneiro Leão, começaram então a se desenvolver[18]. O simples confronto de duas gravuras bastante conhecidas do largo e da rua do Brás — uma de 1862, outra de 1887 — basta para revelar a transformação profunda do lugar nessa época. A pavimentação e os lampiões, na gravura mais recente, contrastam vivamente com aquêle ar de mero campo descuidado que aparece na primeira estampa envolvendo a igreja e os casarões acaçapados. Ainda além do Brás se formou o bairro do Marco da Meia Légua. Foi um ponto onde as atividades industriais e comerciais se condensaram primeiro, para dar lugar a um bairro com fisionomia própria — numa época em que o Brás propriamente acabava na Estação do Norte. O marco de pedra — assinalando a meia-légua do rocio da cidade — tinha o cimo um tanto ovalado e servia também para descanso de viajantes. Ficava — segundo informação de Alexandre Haas — ao lado da chácara que descendo da

---

[16] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, vol. 7.

[17] Alfredo Cusano, *Itália d'oltre Mare,* págs. 116-117.

[18] Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", cit., pág. 56.

139 — Aspecto posterior da sede do Seminário das Educandas, na Consolação, que antes fôra a casa de chácara de Dona Veridiana Prado.

(Fotografia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, São Paulo).

rua do Brás formava o começo da rua Catumbi[19]. Ainda existia em 1886 êsse marco, segundo informação dada a Nuto Santana por Francisco Rodrigues Cesar, que passou por ali nesse ano a caminho de uma festa na Penha. E mesmo em 1892, segundo informe ainda de Alexandre Haas[20].

Também a zona do Bom Retiro foi então que se povoou mais intensamente, ganhando ares de local urbano. "Bem andou o Manfredo Meyer — escrevia Raffard em 1890 — abrindo ruas e vendendo lotes nos seus vastos terrenos do Bom Retiro". Era o bairro nesse tempo habitado exclusivamente por operários, em número de aproximadamente quatro mil[21]. Já se cuidava nessa ocasião de sua ligação com a Luz, pela abertura de uma rua que marginasse o leito da Estrada de Ferro Inglêsa, com sacrifício de um pequeno pedaço do Passeio Público; e com o Brás, pelo prolongamento, através da várzea, de ruas como a da Estação, a Episcopal e outras[22]. Raffard assinalava ainda a contribuição do fazendeiro José Estanislau do Amaral Campos para o desenvolvimento do distrito de Santa Ifigênia, aplicando parte de seus grandes haveres em edificações modernas destinadas a lojistas, no intuito de atrair para essa parte da cidade o comércio[23]. Outro bairro que se tornou particularmente vivo e interessante nas últimas décadas do século passado foi o da Luz. Com seus prédios fidalgos, seu Jardim Público e sobre-

---

19 Alexandre Haas, carta ao autor.

20 Alexandre Haas, carta ao autor, e Nuto Santana, op. cit., I, pág. 31.

21 Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

22 Henrique Raffard, op. cit.

23 Henrique Raffard, op. cit.

tudo sua estação de apenas dois trens para Santos e outros dois para o interior. A rua Alegre (Brigadeiro Tobias) animava-se particularmente nas "horas do trem", com o movimento carreado para o local[24].

Por outro lado lançavam-se as raízes de alguns futuros bairros por meio do estabelecimento de centros coloniais. Em 1879 Raffard visitou alguns dêsses núcleos localizados nos subúrbios. Um dêles, a Glória, a três quilómetros do centro, entre o Lavapés e o Ipiranga, onde dois anos antes haviam sido localizados oitenta e oito colonos que em 1878 foram libertados da tutela oficial. Escreveu Raffard que havia ali, a cento e tantos metros dos lotes coloniais, um depósito de pólvora, a morada dos guardas e os restos de muros de taipa socada "que o povo afirmava serem os vestígios de uma igreja do tempo dos Jesuítas"[25]. Outro núcleo visitado então foi o de Santana, ao norte, fundado em 1877-1878, distante seis quilómetros do centro e quatro e meio da Estação da Luz[26]. Cento e sessenta e oito colonos haviam sido ali localizados. Também foram emancipados da tutela oficial no mesmo ano que os da Glória. Esteve ainda Raffard em São Bernardo, onde haviam sido fixados quatrocentas e cinqüenta e nove pessoas, e em São Caetano, onde se localizaram cento e dezoito: apenas uma capelinha rodeada de umas dezessete casas com boas hortas e três fornos para tijolos, telhas e louças[27].

Depois de 1880 uma diferença curiosa entre certas zonas da cidade foi a observada por Június (*Notas*

---

[24] Bruno Pereira Bueno, "O Conde do Pinhal", *Rev. do Arquivo Municipal,* XLIII, pág. 69 e seguintes.

[25] Henrique Raffard, op. cit.

[26] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* II, pág. 11.

[27] Henrique Raffard, op. cit.

140 — Rua da Tabatinguera em tôrno de 1880, zona de chácaras que só se urbanizou no último quartel do século passado.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

de Viagem), baseado nas informações de um "jornalista local": entre uma zona situada ao norte da freguesia da Sé, com Santa Ifigênia, parte da Consolação e do Brás, e outra zona localizada ao sul da Sé, com a Glória, a Estrada Vergueiro, o Bexiga e também partes da Consolação e do Brás. Esta última era uma área de casas pequenas, acanhadas e sombrias, com as divisões "da antiga edificação" e quase sempre térreas; sem lojas de moda nem alfaiates ou cabeleireiros famosos; sem hotéis nem restaurantes de luxo; com uma livraria só — a pequena, de Dolivais; com moradores melancólicos, que mantinham "os mesmos hábitos e costumes antigos" e que em geral não freqüentavam os teatros, pois às oito da noite fechavam a porta da rua e iam dormir. A outra zona tinha casas alegres, construídas de acôrdo com um gôsto mais moderno; exibia lojas de modas, hotéis e restaurantes excelentes; seus moradores se divertiam passeando, freqüentando cafés e confeitarias, comprando os jornais da terra ou os de fora que se vendiam pelas ruas[28]. De certo duas partes da cidade em que dominavam velhos e novos traços de cultura em conflito: aquêles representando talvez reminiscências do passado colonial, e êstes as tendências que no século passado compunham aquêle processo de europeização das cidades brasileiras destacado em primeiro lugar por Gilberto Freyre[29].

Mas apesar de todos êsses desenvolvimentos e essas diferenciações era pequena — vista de agora — a parte verdadeiramente urbanizada da cidade em fins do século dezenove. Basta dizer que Santana — antiga fazenda jesuítica — e o Cambuci eram ainda

[28] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem,* pág. 145.

[29] Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos,* 1.ª edição, págs. 257 e seguintes.

zonas semi-rurais, onde se cultivava um pouco de tudo[30]. Referindo-se à penúltima década do oitocentismo escreveu Afonso J. de Carvalho que a cidade perdia então (como se podia ver nas plantas mais recentes) a configuração de pequeno polvo com o corpo formado pelo triângulo central e tentáculos representados por alongadas e raras ruas que levavam às saidas para o sertão, e ia adquirindo o aspecto de uma teia de aranha, pelo ligamento das ruas em torno do núcleo central. Mas a verdade é que ainda em 1884 — acrescentava — os limites da área habitada não passavam do largo do Arouche, do largo dos Guaianazes e mal tocavam no convento da Luz, na Estação do Norte, na curva final da rua da Glória e estacavam na rua do Riachuelo, por trás da Academia, e na igreja da Consolação em frente ao último ponto de bonde[31]. Como observou Everardo Valim Pereira de Sousa, a rua da Consolação acabava logo adiante da igreja e o cemitério ficava no "fim do mundo", na beira da estrada para Sorocaba, ladeado de capinzais e vacarias. A rua da Liberdade não ia muito além do largo da Pólvora. Do campinho de Santa Cecília partia a estrada para Campinas[32]. E quem nessa época descesse pelo caminho primitivo do Guaré — escreveu ainda E. V. — notaria de lado a lado, até a Ponte Grande, um número insignificante de casas, quase sempre residências senhoriais, um tanto distantes umas das outras, dentro de chácaras enormes. No Bom Retiro e na Barra Funda "tìmidamente começavam a se construir as primeiras

---

[30] Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", cit., pág. 124.

[31] A. J. Carvalho, *São Paulo Antigo,* pág. 48.

[32] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 124.

edificações", o mesmo acontecendo no Canindé, no Carandiru e no Pari[33].

Não é de estranhar porisso que ainda nos últimos anos do Império algumas áreas do primitivo núcleo urbano conservassem o seu caráter de zonas residenciais elegantes. Ostentando-se casas solarengas na própria rua da Imperatriz. O Carmo sobretudo manteve o seu prestígio tradicional sob êsse aspecto. Não parece ter outra significação o que observou a respeito Alexandre Haas: que as ruas da Boa Morte, das Flores e do Quartel, com as suas imediações, eram tidas então como o "quartel-general" das moças mais bonitas da cidade. "Filhas de austeros chefes de família, quase todos com função pública e que em bom número ainda andavam de cartola"[34]. Desde meados do século passado se acentuara a tendência de fazendeiros abastados se fixarem na cidade e então se formaram mesmo alguns bairros — como o da Luz e outros, citados por Ian de Almeida Prado — onde custosos solares foram erguidos. De modo que a observação de Haas sôbre a zona residencial elegante no centro, ainda nos primórdios da República, deve ser com referência a famílias talvez de não muitos recursos como aquelas, mas provàvelmente mais requintadamente urbanas nos seus costumes, por uma velha tradição de habitação na cidade.

---

[33] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 54.

[34] Citado por Nuto Santana, op. cit., III, pág. 275. Também no Rio de Janeiro, segundo Gastão Cruls, "o centro conservou por muito tempo o seu prestígio de zona residencial, prestígio que para alguns, é verdade que cada vez mais raros, só se apagou de todo ao dealbar de 1900". (Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro,* I, pág. 315.)

Foi sobretudo dessa época para diante que se observou a tendência para uma rápida expansão da superfície urbana, as casas se alastrando pelas colinas e pelos vales. Caio Prado Júnior publicou sôbre essa expansão uma interessante monografia mostrando que as residências burguesas ou médias que até então se confundiam com o centro comercial, destacaram-se quando o crescimento da atividade urbana já não comportava mais moradias no núcleo central. Os bairros operários — escreveu êle — estabeleceram-se nos terrenos mais ingratos das baixadas do Tietê e do Tamanduateí[35]. Sabe-se que em 1912 a Barra Funda se estendia, com o seu casario novo, atravessando as linhas férreas da São Paulo Railway e da Sorocabana e lançando a rua Anhangüera e a avenida Rudge — observou Aureliano Leite — "até onde o permitia a baixada alagadiça"[36]. As residências burguesas — disse Prado Júnior — "se fixaram nas alturas do maciço". Primeiro, na direção norte, formando o bairro de Santa Ifigênia e depois o prolongamento dos Campos Elíseos. Para o outro lado da cidade — para o oeste e para o sul — a Consolação, a Liberdade e a Vila Mariana[37]. Paul Walle, que conheceu a cidade em 1890 e depois em 1900, escreveu: "Em outra visita feita dez anos mais tarde à capital, esta, salvo no centro, não mostrava já o mesmo aspecto. A superfície urbana se estendia ràpidamente, as casas se alastravam pelas colinas e pelos vales"[38]. Em princípio do século atual — ainda de acôrdo com o estudo de Prado Júnior — os bairros residenciais

---

[35] Caio Prado Júnior, op. cit.

[36] Aureliano Leite, op. cit., pág. 105.

[37] Caio Prado Júnior, op. cit.

[38] Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* pág. 51.

141 — Várzea do Carmo e lavadeiras trabalhando no Tamanduateí em 1890.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

se lançaram decisivamente pelo flanco do maciço, subindo-lhe as encostas à procura de terrenos mais altos e saudáveis. Foi a vez do Higienópolis, que seria o bairro da aristocracia paulista das fortunas saídas do café[39]. Pode-se ter uma idéia dos limites da zona mais intensamente urbanizada nessa época, através dos pontos finais das linhas de bondes da Light, segundo o contrato firmado em 1901. Eram êsses pontos a Avenida Higienópolis, as ruas Dona Veridiana, Barra Funda, Júlio Conceição, Circular, Liberdade, largo da Água Branca, ruas Paula Sousa, Paraiso — " a longínqua e deserta rua do Paraiso", escrevia referindo-se ao ano de 1904 pessoa que morou então em São Paulo[40] — e Vila Cerqueira Cesar, Penha, avenida Tiradentes, ruas do Hipódromo, Jataí, Saldanha Marinho e largos do Cambuci e das Perdizes[41]. Subindo sempre — observou Prado Júnior — as residências alcançaram o alto do espigão, aí se instalando: a zona centralizada pela Avenida Paulista[42]. Já em 1905 Casabona considerava a cidade tão importante como algumas das grandes cidades francesas, tomando por base os bairros que conhecera. Indo à Avenida Paulista, de bonde, escreveu que passara "através de ruas em construção e por vêzes entre dois taludes de terra vermelha", pois acontecia que para continuar a sua marcha a cidade era às vêzes obrigada a riscar sulcos nas colinas dos arredores[43]. Foi ainda Caio Prado Júnior, na monografia citada, quem

---

[39] Caio Prado Júnior, op. cit.

[40] Caldeira Brant, *Memórias dum Estudante (1885-1906)*, pág. 191.

[41] *Jornal de São Paulo* de 9 de Junho de 1946.

[42] Caio Prado Júnior, op. cit.

[43] Louis Casabona, *São Paulo du Brésil,* págs. 69-74.

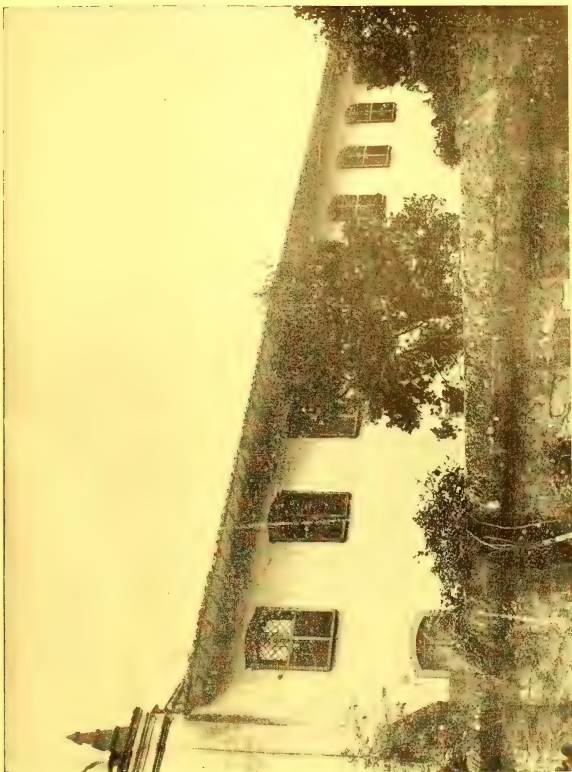
observou que pelas escarpas abruptas que damandam a várzea do rio Pinheiros começaram a se formar novos bairros de residência aristocráticos, na própria baixada: o Jardim América, inaugurado em 1910, a que se seguiram o Jardim Paulista e o Jardim Europa. Encravado nessas zonas aristocráticas ficou o bairro de Pinheiros, mais modesto, porque era um núcleo já povoado quando foi alcançado pelo crescimento urbano, e por causa da proximidade do rio, com seus mosquitos[44].

Como conseqüência dessa rápida expansão, o próprio centro da cidade em poucos anos se considerava acanhado e incapaz de comportar o movimento comercial. Silva Teles, o autor de *Melhoramentos de São Paulo* (1907) escrevia: "Não tardará muito e o centro da cidade será insuficiente para comportar o movimento; a circulação irá sendo por demais penosa. Em nossos dias, a menor concorrência é motivo para quase paralisar o trânsito em qualquer das ruas do clássico triângulo". E notava a tendência do comércio se estender francamente pelos pontos menos centrais de São Paulo[45], ao contrário do que ocorria nos primeiros tempos da República, quando, segundo Cássio Mota, "nos bairros o comércio era pequeno, espalhado, não servindo completamente às necessidades da população local. Os bairros eram quase noventa por cento residenciais, havendo ruas e ruas sem uma casa de comércio"[46]. Foi o que observou também — paralelamente ao que dissera Teles — historiando o tráfego central de São Paulo, o engenheiro

---

[44] Caio Prado Júnior, op. cit.

[45] Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo,* pág. 33.

[46] Cássio Mota, op. cit., pág. 23.

142 — Aspecto da fachada do convento da Luz, localizado em bairro que se povoou e se desenvolveu em grande parte em conseqüência das primeiras estradas de ferro.
(Fotografia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, São Paulo).

Prestes Maia, que escreveu: "Ao contrário do Rio, que teve a solução da "avenida central", recebeu São Paulo por volta de 1911 uma primeira solução perimetral (rua Líbero, rua Boa Vista e rua Benjamin Constant)". Essa solução perimetral fôra proposta pelo engenheiro Vitor da Silva Freire, e além das ruas citadas era constituída pelas comunicações Sé-Palácio e Líbero Badaró-São Francisco[47]. Mas a exigüidade da colina histórica — acrescentou Prestes Maia — fazia prever a insuficiência da solução ao fim de um quarto de século[48].

Para efeito de construções particulares, a zona central tinha já em 1918 uma amplitude maior, sendo delimitada pelo largo do Palácio, rua General Carneiro, rua 25 de Março, Anhangabaú, rua Florêncio de Abreu, rua Mauá, rua dos Protestantes, rua Ipiranga, rua Sete de Abril, ladeira e largo da Memória, largo e ladeira do Riachuelo, praça João Mendes, rua do Teatro, rua Onze de Agosto, travessa da Sé e rua do Carmo[49]. Essa delimitação mostra que a cidade, tomando-se como seu centro o largo da Sé ou mesmo o pátio do Colégio se desenvolvera e se povoara muito mais densamente em direção ao norte — por certo em conseqüência das estações de estrada de ferro, na Luz — do que no sentido do sul. A expansão da cidade e a formação de bairros novos se acentuou particularmente nas vésperas da primeira Grande Guerra. Foi sobretudo nos bairros novos que o vi-

---

[47] Prestes Maia, *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo,* pág. 35.

[48] Prestes Maia, *Os melhoramentos de São Paulo,* pág. 9.

[49] *Regulamento para Construções Particulares* (Projeto apresentado pelo Instituto de Engenharia à Câmara Municipal de São Paulo em 1918), pág. 4.

sitante Paul Walle, que esteve de novo na cidade na época, achou a transformação mais completa. Bairros residenciais que êle considerou algo excêntricos. O Brás e a Mooca, êsses se definiam cada vez mais como bairros industriais[50]. Essa expansão foi tão grande e tão vertiginosa que a municipalidade, entre os anos de 1911 e 1913, se mostrava impressionada — escreveu Alcântara Machado, então vereador — com a maneira por que São Paulo se espalhava e se dispersava em tôdas as direções e com a multiplicação dos bairros que apareciam de improviso a grande distância do centro, quando nas vizinhanças da área central havia largos espaços desocupados[51]. Também o viajante Bertarelli reparava em 1914 que a cidade se espalhara excessivamente, tendo então, com menos de quinhentos mil habitantes, uma área tão grande quanto a de Paris[52]. É que os bairros paulistanos — notou Caio Prado Júnior — nasceram em sua maioria ao acaso, sem plano de conjunto, fruto de especulação de terrenos "em lotes e a prestações". Daí terem sobrado em áreas quase centrais setores que não pareciam pertencer a uma grande cidade[53].

---

[50] Paul Walle, op. cit., pág. 51, e Bandeira Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, pág. 14.

[51] Alcântara Machado, *Problemas Municipais*, págs. 134-135.

[52] Ernesto Bertarelli, *Il Brasile Meridionale*, pág. 46.

[53] Caio Prado Júnior, op. cit.

IV — O TREM, O BONDE E OS VIADUTOS

Acentuou-se logo depois de 1870 uma tendência que se observara na fase anterior da existência de São Paulo: a decadência de certos caminhos antigos e de locais como a Freguesia do Ó, a Penha, o Ipiranga, São Bernardo — que deviam a essas vias de comunicação a vitalidade do seu comércio — em conseqüência da multiplicação das estradas de ferro. O que não quer dizer entretanto que ainda na época da proclamação da República não subsistissem quase no centro da cidade — no Piques, por exemplo, com suas invernadas — aspectos que lembravam a época de hegemonia dêsses velhos caminhos. Mas o comércio de "gêneros da terra" começou a se deslocar decisivamente do Piques para a zona das estações ferroviárias. O esplendor dos caminhos de ferro na

época foi bem simbolizado pela edificação da monumental Estação da Luz. As estradas de ferro, além de sua importância básica para o destino da cidade, condicionando a consolidação do seu caráter de metrópole do café, valorizaram certas várzeas paulistanas até então desprezadas, fazendo com que nelas se edificassem alguns bairros operários que se integraram no corpo urbano. No comêço do século vinte acrescentou-se às ferrovias o interêsse pelas estradas de rodagem, esboçando-se a era do automóvel, do caminhão e da jardineira. Às vêzes restaurando-se humildes e quase perdidos caminhos antigos: o próprio Caminho do Mar foi mais ou menos ressuscitado.

Ruas e largos desde as últimas décadas oitocentistas, e em seguida êsses caminhos dos arredores da cidade se animaram com o movimento maior de veículos. Às vêzes carros e carruagens de fabricação local, introduzindo-se ao mesmo tempo carroças mais aperfeiçoadas que as antigas, danificando menos as vias públicas. Multiplicaram-se as fábricas de seges e as cocheiras. Caracterizou também a paisagem urbana paulista das últimas décadas do século passado o bondinho de burro, enfrentando os duros problemas impostos pela topografia acidentada da cidade. E a partir do comêço do século atual o bonde elétrico e o automóvel, sem que as carruagens fôssem logo postas à margem.

Dos rios históricos, praticamente só o Tietê conservou ainda nesta fase interêsse para objetivos de ligação. Nas várzeas do Tamanduateí fizeram-se novas modificações a partir de 1872, aterrando-se os pântanos do Carmo e formando-se o local de recreio chamado Ilha dos Amôres. Sentiu-se depois a necessidade da retificação completa do leito primitivo do rio: as inundações eram tremendas. Em 1916 concluiu-se a última secção do leito artificial. Alguns

anos antes fizera-se para o Anhangabaú uma canalização coberta.

A partir de fins do século dezenove, de outra parte, começaram a ser remodeladas ou substituídas as velhas e sólidas pontes portuguêsas de pedra que, no dizer de um visitante, se ostentavam na cidade de São Paulo. E foi iniciada a era dos viadutos, construções que dariam à parte central de São Paulo alguns dos traços mais característicos de sua fisionomia moderna. O primeiro dêles — concluído em 1892 — foi o antigo Viaduto do Chá, idealizado por Jules Martin, litógrafo francês radicado na cidade. Em 1913 ficou pronto o de Santa Ifigênia.

Mas foi particularmente desde 1872 que os caminhos e sobretudo as estradas de ferro se refletiram sôbre o sistema de equilíbrio e especialização entre as zonas e os bairros da cidade. Em 1877, com a ferrovia para a zona norte da província, ligando São Paulo com o Rio de Janeiro, aconteceu com muitos lugares das vizinhanças da cidade o mesmo que ocorrera com outros quando se construiu a São Paulo Railway: perderam muito de sua importância e algumas de suas feições mais características. Já em 1880 era pequeno o movimento de tropas e de carros nos caminhos do Rio de Janeiro, de Santos e de Jundiaí. Suas vendas de beira de estrada quase tôdas tinham desaparecido. E o próprio comércio de localidades como a Penha, o Ó, o Ipiranga, São Bernardo, decaíram de modo pronunciado, desde que não contaram mais com aquelas tropas e aquêles viajantes passando para cima e para baixo[1].

---

[1] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem,* págs. 63 e 134.

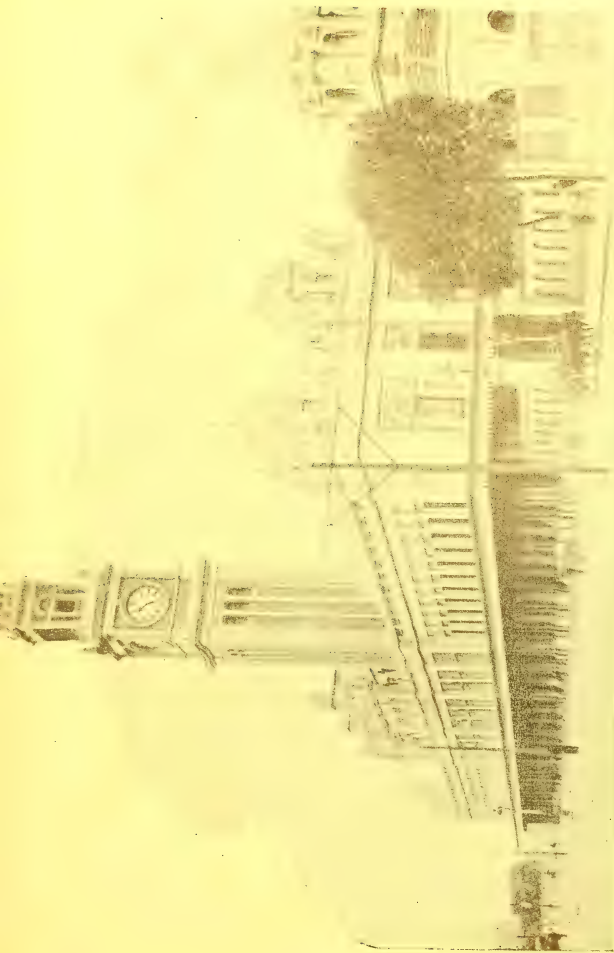
Não se descuidou no entanto o poder municipal dos caminhos ligando bairros e localidades das vizinhanças que não dispunham de estrada de ferro. É de Hadfield em 1870 a observação de que voltando a São Paulo dois anos depois de sua primeira visita, notara que as estradas, nos arrabaldes, antes pantanosas, tinham sido melhoradas e estavam em muito bom estado[2]. Caminhos que sobretudo o Código de Posturas, de 1875, procurou depois defender. Proibia estreitar, mudar ou impedir por qualquer forma as suas servidões. Fixava em treze metros o mínimo para a sua largura. E proibia os cortes de espinhos e as derrubadas de árvores pela beira dêles[3].

Mas apesar das modificações determinadas pela introdução das primeiras estradas de ferro, ainda em fins do século passado — na época da proclamação da República — bem no centro da cidade subsistiam aspectos que lembravam os tempos em que pelos velhos caminhos é que os homens e as coisas chegavam a São Paulo. Everardo Valim Pereira de Sousa, nas suas evocações, observou que até aquela época o Piques — de onde irradiavam quase tôdas as estradas antigas — era local onde havia uma porção de pousos para tropas[4]. Para isso êle contava com as suas invernadas muito boas, sempre alimentadas pelas águas do misterioso riacho Saracura. Nos anúncios dos almanaques de Seckler (nos anos de 1885 a 1888) ainda se encontram várias indicações que refletem essa função do Piques: uma espécie de boca da cidade voltada

---

[2] William Hadfield, *Brazil and the River Plate* (1870-1876), pág. 169.

[3] João Mendes de Almeida Júnior, *Monografia do Município da Cidade de São Paulo,* pág. 62.

[4] Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", *Rev. do Arquivo Municipal,* CXI, pág. 57.

143 — Estação da Luz em 1905.

(Fotografia reproduzida do álbum *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, 1905).

para o sertão, com o seu chafariz, as suas pontes, os seus riachos, as suas hospedarias, as suas invernadas, os seus ferradores. Anúncios como o do armazém de secos e molhados cuja especialidade eram os fumos de Ribeirão Preto, de Turvo e de Descalvado, além de "gêneros da terra". E depósito de sal, de açúcar e de café[5]. É verdade que através dos anúncios dêsses almanaques se observava que êsse comércio de gêneros da terra já havia se deslocado em grande parte para a zona das estações da estrada de ferro. Assim o anúncio de Frederico Krueger — rua da Estação — recebendo "café e gêneros do país em consignação para serem vendidos nos países consumidores", acrescentando que fazia "adiantamentos liberais sôbre os gêneros consignados". E o do estabelecimento de Porfírio Machado — também na rua da Estação — armazém de açúcar que "comprava e recebia à comissão café e mais gêneros do país"[6].

É que as estradas de ferro foram desalojando de sua primitiva posição de relêvo os velhos caminhos de tropas e de carros que irradiavam da cidade. Marcaram elas com novos elementos a paisagem urbana e suburbana. E representaram fatôres de enorme importância em relação ao desenvolvimento e à feição da cidade. Já em 1867 fôra feita a ligação ferroviária de Santos com Jundiaí, passando por São Paulo. Em 1875 a municipalidade, no interêsse de que a cidade fôsse o pivô de tôdas as comunicações ferro-
o ponto de partida da estrada de ferro de Bragança[7].
viárias da província, insistia em que São Paulo fôsse

[5] *Almanach da Província de São Paulo para 1888,* anúncios, pág. 63.

[6] *Almanach da Província de São Paulo para 1885,* págs. 642-643.

[7] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXI, págs. 22-23.

Nesse mesmo ano foi aberto o tráfego da Sorocabana entre a capital de São Paulo e Sorocaba. E passou a funcionar a estrada de ferro do Norte, da cidade de São Paulo até Mogi das Cruzes, em 1876 até Jacareí e Taubaté, em 1877 até o porto da Cachoeira e logo depois até a Côrte[8]. "Daqui partem quatro ferrovias — escrevia em 1885-1887 o viajante Frank Vincent — para os grandes distritos cafeeiros do interior"[9]. Essas ferrovias repetiram com pequenas variantes — notou Caio Prado Júnior — os antigos caminhos de penetração fluviais e terrestres da capitania. Com o seu centro na cidade de São Paulo, que assim continuou se beneficiando do desenvolvimento de várias zonas da província. É ainda de Prado Júnior a observação de que quando a economia paulista se deslocou do açúcar para o café, no século passado, a cidade de São Paulo esteve ameaçada momentâneamente de perder a sua posição de hegemonia, pela fixação dessa nova riqueza em zonas que não eram suas tributárias: as zonas do Vale do Paraíba. Ao contrário do que ocorrera com o açúcar, pois sabe-se que as regiões de cultura de cana foram as do centro da província: Campinas, Piracicaba, Capivari, Porto Feliz, Itu, Mogi-Mirim. Entretanto houve apenas ameaça. Pois não só a Estrada de Ferro do Norte articulou à capital da província as zonas cafeeiras do Vale do Paraíba, como a própria zona cafeeira acabou se deslocando, nas últimas décadas do século dezenove, para as terras roxas do oeste, tributárias da cidade[10].

---

[8] Adolfo Augusto Pinto, *História da Viação Pública de São Paulo,* págs. 50-55.

[9] Frank Vincent, *Around and about South America,* pág. 269.

[10] Caio Prado Júnior, "O Fator Geográfico na Formação

O esplendor ferroviário em São Paulo foi simbolizado nessa época pela construção da Estação da Luz, edifício de proporções monumentais, dotado das comodidades das mais notáveis edificações de seu gênero em todo o mundo. Construída sôbre uma área de 7.520 metros quadrados, todo o seu material — desde as plantas até aos pregos — vieram da Inglaterra. Inclusive as duas pequenas pontes que atravessam a linha. Nem sequer os tijolos foram comprados no Brasil[11]. Aliás os inglêses estiveram ligados à construção e à direção das primeiras ferrovias de São Paulo. E um filho do inglês John Rudge — John Maxwell Rudge — até se improvisou engenheiro-ferroviário depois de ter sido uma porção de outras coisas, encarregando-se de serviços de construção de linhas férreas em vários pontos da província[12]. De outra parte, aqui — como em todo o mundo, segundo a observação de Mumford em sua *Cultura das Cidades* — as ferrovias mutilaram a paisagem, inclusive a urbana. As locomotivas levaram o ruído, o pó e a fumaça ao coração da cidade. "Mais de um soberbo local urbano, como os jardins do príncipe, em Edimburgo, foi profanado pela invasão do ferrocarril". Em São Paulo, o velho jardim da Luz. Para construção da primeira estação da Inglêsa, já a Câmara fêz entrega à Estrada de Ferro, de vinte braças de terrenos — concessão que prejudicou uma grande quantidade de arvores e tirou a simetria àquele logradouro[13]. Também algu-

---

e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo", *Geografia,* n.º 3, págs. 259-261.

[11] Adolfo Augusto Pinto, op. cit., pág. 101, e *Jornal de São Paulo* de 25 de dezembro de 1949.

[12] Aureliano Leite, *Pequena História da Casa Verde*, pág. 92.

[13] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* I, págs. 142-143.

mas ruas pagaram sem dúvida o seu tributo à existência do caminho de ferro. Em 1874 o superintendente da Inglêsa, D. M. Fox, oficiava à Câmara afirmando que a emprêsa não era obrigada a cuidar dos consertos de ruas, embora reconhecesse que o mau estado delas era conseqüência do tráfego ferroviário[14].

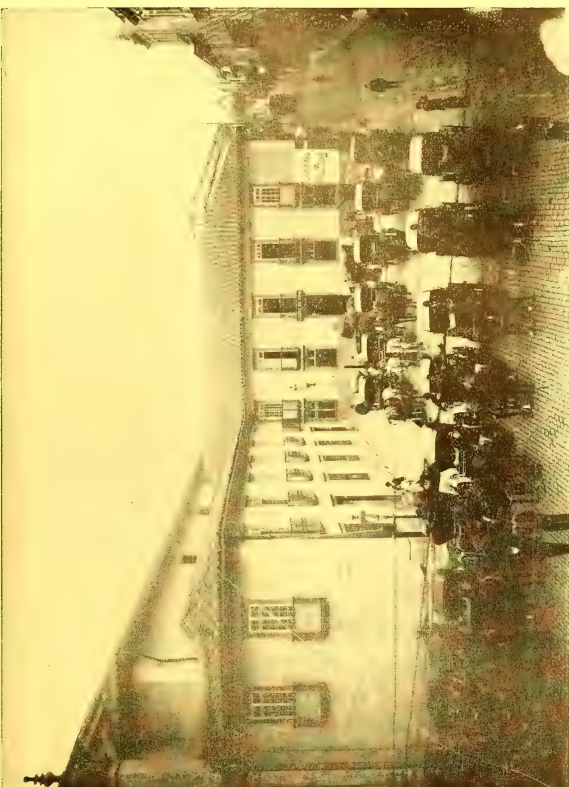
Mas o que representaram as estradas de ferro para o desenvolvimento econômico e o crescimento da cidade é coisa de observação fácil. Não só em relação ao seu comércio, articulando através de um sistema bem mais moderno que o dos caminhos e as tropas de burro o interior da província à sua capital, como relativamente à formação e à localização do seu parque industrial. Foram as estradas de ferro que valorizaram certas várzeas então desprezadas, fazendo com que em suas terras se edificassem bairros operários que se integraram no corpo urbano[15]. Para facilitar aliás ao comércio e à indústria da cidade os seus serviços de importação e exportação chegou a haver em São Paulo, a partir de 1895, uma "alfândega sêca", entre os bairros do Brás e do Pari. Uma espécie de prolongamento da de Santos. De que resta o nome, dado a uma rua[16].

Mas com o século vinte — iniciando-se a era do automóvel, do caminhão e da jardineira — ao lado do desenvolvimento das ferrovias verificou-se o das estradas de rodagem. Às vêzes a simples restauração de humildes e primitivos caminhos abandonados e

---

[14] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 109.

[15] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, vol. 7.

[16] "O Fisco Federal em São Paulo", *O Estado de São Paulo* de 1 de Janeiro de 1947.

144 — Ponto de estacionamento de tilburis no largo da Sé, no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

até já invadidos pelo mato. Algumas proezas esportivas contribuiram para isso: como a primeira viagem de automóvel do Rio a São Paulo, feita em 1908 pelo Conde Lesdain, e no mesmo ano a excursão da cidade a Santos, por iniciativa de Antônio Prado Júnior. Alguns anos depois — em 1913 — Rudge Ramos resolveu restaurar o Caminho do Mar. Encontrou porém tamanhas dificuldades que se viu pràticamente forçado a construir uma estrada quase tôda nova entre São Paulo e o Alto da Serra, reunindo recursos para comprar terrenos e máquinas[17]. Não podendo começar os trabalhos pelo lado da Vila Mariana — pois aí o caminho tinha tráfego intenso na época — preferiu "reavivar" a velha estrada de Santos — "tão querida na tradição de nossos avoengos" — marcada històricamente pela árvore chamada da separação: a secular figueira das lágrimas[18].

As ruas e os largos da cidade, e mais tarde as estradas de suas imediações se animaram com o movimento crescente de veículos. Com a fabricação de carros e carruagens na cidade — o que em 1875 já era assinalado por J. Floriano de Godoi[19], um dos primeiros industriais do ramo tendo sido o alemão Mesenberger, na rua da Constituição — multiplicou-se o número de carruagens de praça e particulares. Já em 1879 cogitava-se da introdução em São Paulo de carroças mais aperfeiçoadas do que as antigas, ao mesmo tempo que a Câmara dispunha sôbre certos requisitos visando a construção de carros que dani-

---

[17] Américo Neto, "História da Rodovia São Paulo-Santos", *Trânsito,* Dezembro de 1945.

[18] Artur Rudge Ramos, *Relatório sôbre os Trabalhos Feitos na Estrada do Vergueiro,* págs. 25-26.

[19] Joaquim Floriano de Godoi, *A Província de São Paulo,* págs. 24-25.

ficassem menos as ruas e os caminhos. Naquele ano uma emprêsa requeria concessão para introduzir "carroças de molas aperfeiçoadas"[20]. No mesmo ano propunha um vereador que se proibisse a fabricação de carroças baixas, com a chapa de ferro das rodas com menos de quatro polegadas inglêsas[21]. Logo em seguida — em 1882 — o viajante Június observava que grandes carroças conduziam carne, hortaliças, frutas, licôres — arrancando das pedras do calçamento ruídos outrora desconhecidos[22]. Alguns anos depois — em 1890 — já havia carros, como os da Coachman's Creamery, que levavam às casas leite e manteiga fresca, e o carro da "lavanderia a vapor"[23].

Por outro lado já em 1880 ninguém punha mais a cara na janela para ver de quem era o coche que passava[24]. E o largo Municipal (praça João Mendes) em noites de espetáculo no Teatro São José chegava a ficar cheio de carros de tôda a espécie[25]. Muitos de aluguel. Para êsses a municipalidade designara em 1873 os locais de estacionamento: pátio do Colégio, largo de São Gonçalo (o mesmo largo Munici-

---

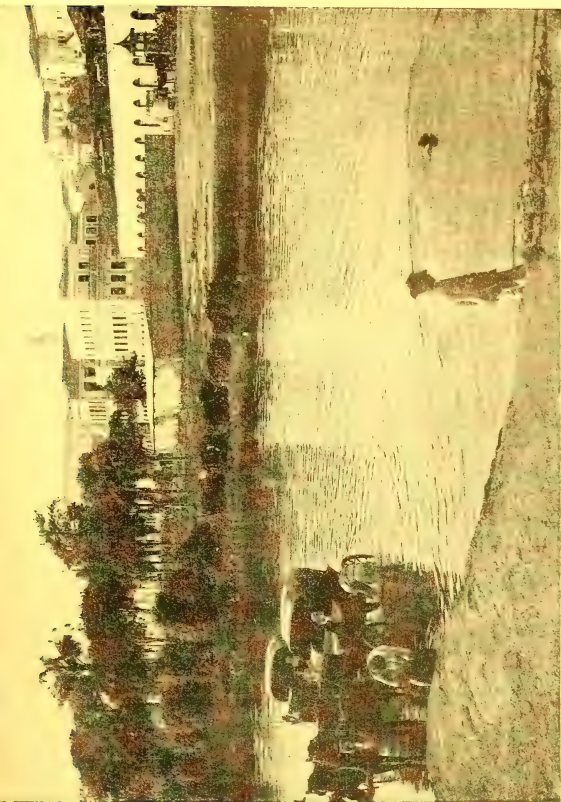
[20] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXV, pág. 38.

[21] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXV, pág. 18.

[22] Június, op. cit., pág. 48. Sabe-se que mesmo no Rio de Janeiro só em 1860 começaram a se utilizar carroças para o transporte de café e só em 1862 os carros do Expresso Smith e grandes carroças denominadas "andorinhas" passaram a ser empregadas para condução de cargas pesadas — tudo sendo até então carregado nas cabeças ou nos ombros dos escravos. (J. C. Fletcher e D. P. Kidder, *O Brasil e os Brasileiros,* I, págs. 21-22).

[23] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[24] Június, op. cit, pág. 48.

[25] Június, op. cit., pág. 103.

145 — Cocheiros lavando suas carruagens e seus cavalos no Tamanduateí, nas proximidades do Mercado Velho, em 1898.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

pal), a seis metros de distância do teatro, largo de São Francisco, e largos da Luz e do Brás a seis metros das respectivas estações[26]. Em 1883, visitando a cidade, Koseritz — que vinha da Côrte — escreveu que se encontravam, em tôdas as praças de São Paulo, carros de aluguel. E que também se viam belas carruagens particulares, puxadas por "meio-sangues" excelentes, pois "os habitantes do rico São Paulo" gostavam muito de cavalos de raça[27]. Alguns anos depois — em 1894-1895 — outro visitante da cidade, o italiano D'Atri, escrevia que se viam em São Paulo carruagens esplêndidas e mais esplêndidos cavalos guiados por simpáticos cocheiros[28].

Refletia-se nessa época nos registros e anúncios dos almanaques a multiplicação das fábricas de carruagens, das cocheiras e das oficinas de ferradores. Em 1888 um almanaque registrava as fábricas de carros e seges de Alberto Buhler & Cia, na rua 25 de Março; a de Camps & Irmão — Carroçaria Parisiense — no largo de São Francisco; e a de J. Hinze, na rua do Riachuelo. E as cocheiras de João Chavi Costa, na rua do Hipódromo; de José Chavi Mucin, na Mooca; de José Duchein, no largo de São Francisco; a de Vitor Duchein, na rua Bresser; a da Santa Casa de Misericórdia, na rua da Tabatingüera; e a da Silvado & Cia, na rua do Carmo[29]. Como complemento figuravam nesses almanaques os ferradores profissionais, de tamanha importância na época: alguns estratègicamente colocados em pontos próxi-

[26] *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873*, pág. 126.

[27] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil*, pág. 256.

[28] Alessandro d'Atri, *Uomini e Cose del Brasile*, pág. 225.

[29] *Almanach da Província de São Paulo para 1888*, pág. 248-251.

mos às entradas da cidade: Lavapés, Brás, Florêncio de Abreu, rua das Flores. E dois dêles no largo de São Francisco[30], localização também conveniente se a gente recordar que o Piques, logo ali em baixo, era não só o centro de quase todos os caminhos para o interior, como local de invernadas. Um dêsses ferradores, estabelecido no largo de São Francisco, o francês Fabien Elichalt — que se anunciava mesmo Ferrador Francês — curando animais e ferrando "por todos os sistemas conhecidos"[31]. Alguns anos mais tarde — em 1896 — o Almanaque Paulista Ilustrado mencionava a existência de três fábricas de carros na cidade: as de Alberto Buhler & Pfing, a de João Hinze e a de Rodovalho & Cia, esta na rua da Mooca. Entre as cocheiras e casas de aluguel de carros, a de Jordão Tavares & Cia, no largo do Arouche, a de Pascoal Tambosco, na rua Doutor Clímaco, a de Francisco Viil, na rua do Lavapés, a da Companhia Viação Paulista, na rua João Alfredo e a de Rodovalho Júnior & Cia na travessa da Sé[32]. Esta última emprêsa anunciava que alugava carros de tôda a espécie: cupês forrados de seda, puxados por cavalos brancos, próprios para noivos; fáetons para passeios; berlindas e caleças para batizados; vitórias para passeios e visitas; e landaus hermèticamente fechados para saida de bailes e espetáculos[33]. As carruagens tinham papel importante na vida da cidade e algumas se tornaram quase simbólicas de sua época. Quem conhe-

---

[30] *Almanach da Província de São Paulo para 1888,* pág. 259.

[31] *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para 1884,* pág. 597.

[32] *Almanach Paulista Ilustrado para 1896,* págs. 316-320.

[33] *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1896,* anúncios, pág. 25.

146 — Cocheira Duchein, na rua Florêncio de Abreu, em 1887.
(Fotografia reproduzida do álbum *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, 1905).

ceu São Paulo de há uns cinco lustros observou que à porta do Moulin Rouge, onde hoje está o Cine Avenida — escrevia há alguns anos o cronista Cursino de Moura — quase à esquina jazia estacionado dia e noite, sob o sol e a chuva, o tílburi do Garibaldi, velho italiano alto, corado, de chapéu de abas largas, "com aquela lisa e espêssa barba branca quase pela cinta aureolando o rosto grandalhão"[34]. De certo tempo em diante, os italianos foram substituindo os portuguêses como cocheiros, observava já em 1890 Raffard[35]. Algumas cavalariças de casas e solares aristocráticos subsistiram até hoje em alguns casos e até há poucos anos, em outros. O sobradão da rua do Carmo esquina de Santa Teresa — já demolido — que pertenceu ao fidalgo Dom Tomás de Molina, mostrou Nuto Santana que conservava ainda há poucos anos um barracão com jeito de cavalariça[36]. O mesmo podendo-se dizer do solar de Ramalho, na Consolação, com as suas cavalariças agora adaptadas para garage.

Mas essa — a época dos trinta últimos anos do século passado — foi sobretudo o tempo dos bondes de burro. Sabe-se que em 1871 o engenheiro Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite assinou contrato com o govêrno para construção de uma linha de diligências na cidade "por meio de trilhos de ferro, tiradas por animais". A linha para a Luz teria por ponto de partida o largo do Carmo, de onde devia começar como tronco principal, e seguindo pela rua do Carmo aí se bifurcaria: o primeiro ramo, pela travessa de Santa Teresa, largo da Sé, rua Direita,

---

[34] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora*, pág. 73.
[35] Henrique Raffard, op. cit.
[36] Nuto Santana, *São Paulo Histórico*, IV, pág. 190.

do Comércio, da Quitanda, de São Bento, de São José, ladeira do Acu, rua do Seminário e rua Alegre até a estação da estrada de ferro; o segundo, pela rua do Carmo, pátio do Colégio, travessa do Palácio, rua da Imperatriz até se encontrar com o primeiro na rua de São Bento, pela travessa do Rosário[37]. No ano seguinte a cidade começou a contar com o novo meio de condução, característico das grandes cidades no século passado: o bonde puxado por animais[38]. A primeira linha ia efetivamente do largo do Carmo até a estação da Luz. Os veículos desciam pela rua da Estação (Mauá), seguindo pela rua Alegre (Brigadeiro Tobias), atravessavam a ponte do Marechal e dali subiam para o largo de São Bento. A primeira estação dêsses bondes ficava no pátio do Colégio e era conhecida pelo nome de Califórnia — o da antiga cocheira[39]. Em 1877 se inaugurou a linha para o Brás. Da estação da cidade — contou o cronista Antônio Egídio Martins — partiram festivamente seis bondinhos especiais, enfeitados com bandeiras, carregando gente até a Estação do Norte, que era então o ponto final da linha pertencente à companhia Carris de Ferro de São Paulo[40]. As outras linhas dirigiam-se para a Mooca, os Campos Elíseos, Santa Cecília, Consolação e uma para a rua da Liberdade, fazendo ponto final na rua de São Joaquim, de onde partia um trenzinho a vapor para a Vila Ma-

---

[37] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* I, pág. 422.

[38] Na Côrte os bondes de tração animal surgiram quatro anos antes — em 1868 — explorados por uma companhia americana, a Botanical Garden Rail Road, seus primeiros carros correndo entre a rua Gonçalves Dias e o largo do Machado (Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro,* II, pág. 341).

[39] Nuto Santana, op. cit., II, pág. 59.

[40] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 163.

riana e Santo Amaro: o da Companhia Carris de Ferro de São Paulo, começada em 1883 pelo engenheiro Alberto Kuhlman, que edificara na Vila Mariana o matadouro novo[41].

Nessa ocasião Von Koseritz escreveu que São Paulo "tinha um bem organizado sistema de bondes"[42]. Para alemão ver, talvez. Porque as secções livres dos jornais viviam cheias de "mofinas" de passageiros zangados. Os bondinhos não tinham iluminação de qualquer espécie, e as viagens só eram feitas até às oito e meia. Apenas quando havia teatro é que elas se faziam até meia-noite em tôdas as linhas, com gente do São José e do Provisório[43]. De qualquer forma porém êles representaram um melhoramento considerável na época para a existência da cidade. De que foi um reflexo a insistência com que certos cafés e outras casas comerciais do centro destacavam em anúncios nos almanaques do tempo a sua localização no "ponto dos bondes". O Café Java anunciava estar colocado "no sítio mais central da cidade, o verdadeiro ponto dos bondes". Também salientavam êsse privilégio duas charutarias, uma localizada no largo de São Bento e outra no da Sé[44]. Surgiram depois outras linhas. Em 1889 Justo Nogueira de Azambuja e Francisco de Sousa Paulista assinaram contrato com o govêrno para uma linha de bondes do largo da Sé à colina do Ipiranga. No mesmo ano contratou-se com Guilherme Rudge a organização de mais duas linhas como aditamento ao contrato da

---

[41] Antônio Egídio Martins, op. cit., I. págs. 108-110.

[42] Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 256.

[43] Alberto Sousa, *Memória Histórica sôbre o Correio Paulistano*, pág. 48.

[44] *Almanach da Província de São Paulo para 1888,* anúncios, págs. 15 e 46.

linha da Penha. E no ano seguinte ratificou-se o contrato firmado entre o govêrno do Estado e a Companhia Carril de Ferro do Bom Retiro e Bela Vista, para o estabelecimento de linhas novas, com um ramal para as Perdizes e outro para o cemitério[45]. Em 1889 acentuava-se já a necessidade de se construirem linhas duplas de bondes nas ruas cuja largura tornasse isso possível[46].

Uma gravura do largo de São Francisco em 1890 — com a igreja e o velho edifício da Academia — mostra um dêsses bondinhos de burro que aparecem, aliás, em numerosas estampas antigas de São Paulo. Êles eram pequenos e abertos, de cinco ou de sete bancos, mas alguns parece que até de três bancos só. Foi o que escreveu Afonso A. de Freitas[47]. Mas em 1889, segundo o relatório da Companhia de Carris de Ferro, havia quarenta e um carros de passageiros, de quatro, de cinco, de seis e de sete bancos, e quatrocentos e setenta e três animais para o seu serviço[48]. Eram vagarosos os bondinhos, e parece que descarrilavam à toa. A topografia acidentada da cidade — suas ladeiras por vêzes bem empinadas — criavam problemas difíceis para essas linhas de bondes puxados por burros. De que resultavam cenas pitorescas, mas situações desagradáveis. Para subir da ponte do Marechal para o largo de São Bento, por exemplo, o condutor atrelava à parelha de burros do bonde, como refôrço, outra parelha que para isso

---

[45] José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, págs. 310, 385 e 501.

[46] *Relatório da Diretoria da Companhia Carris de Ferro de São Paulo* (1889), pág. 7.

[47] Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, pág. 23.

[48] *Relatório da Diretoria da Companhia Carris de Ferro de São Paulo* (1889), págs. 13-15.

147 — Bonde de burros e tílburi na rua Direita, nos últimos anos do século passado.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

já ficava esperando o veículo na sombra dos bambuais da baixada do Acu. Quando chegavam ao largo do Rosário, no alto, os animais eram soltos, e como estavam acostumados, voltavam sosinhos ao ponto de partida, à espera de outro bonde. Mas tanto nesse lugar como na subida do mercado os burrinhos precisavam de ser rudemente chicoteados pelos condutores[49]. Em 1874 o gerente da Cia. Carris de Ferro pedia à Câmara permissão para edificar um telheiro na rua Formosa, onde pudesse abrigar os animais que ficavam ali para ajudar na subida dos bondes, pois um fiscal não queria deixar que os burros estacionassem na ponte do Acu...[50] Aliás, pelas "dificuldades topográficas que a cidade oferecia à tração animal", em 1889 já se pensava na sua substituição pela elétrica[51]. Entretanto era êsse bondinho de tração animal uma das coisas que — no dizer de Cássio Mota — em fins do século passado faziam com que São Paulo se destacasse das cidades do interior[52]. Do largo do Rosário e do largo da Sé — dizia-se no álbum de Koenigswald em 1895 — partiam para todos os lados numerosas linhas de bondes. Bondes que haviam conduzido, em 1890, pouco mais de dois milhões e oitocentos mil passageiros; mais de dez milhões em 1892; e mais de dezessete milhões em 1894[53]. Com todos os seus vagares e tôdas as suas incertezas êsses veículos duraram mais de trinta anos na cidade. E ainda no século atual — depois de iniciado o serviço

[49] Nuto Santana, op. cit., III, pág. 152.

[50] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LX, pág. 33.

[51] *Relatório da Diretoria da Companhia Carrís de Ferro de São Paulo* (1889), pág. 9.

[52] Cássio Mota, *Cesário Mota e seu tempo*, pág. 19.

[53] Gustavo Koenigswald, *São Paulo* (álbum de 1895), pág. 12.

de bondes elétricos — êles continuaram trafegando para os lados da Ponte Grande e de Santana[54].

Em 1897, porém, concedia-se ao comendador A. Augusto de Sousa e a Francisco Gualco a exploração do serviço de bondes elétricos em São Paulo, concessão que êles transferiram logo depois à Light & Power. Os serviços foram iniciados em seguida, um dos primeiros diretores da companhia canadense, "sir" Alexander Mackenzie, tendo chegado ao Brasil em 1899. Assim os bondes elétricos entraram na cidade com o novo século. O contrato foi firmado em 1901 e, já no ano seguinte, várias linhas estavam em funcionamento, com pontos de partida nas ruas de São Bento, José Bonifácio, Direita, e largos de São Bento, do Tesouro e da Sé[55]. A iluminação dêsses primeiros bondes elétricos era bastante deficiente e à distância não se distinguiam as suas designações. Foram então utilizados faróis de várias côres. Havia para cada linha uma côr convencionada. E havia uma linha cujos bondes não tinham faróis — a da rua Conselheiro Furtado[56]. Já nos primeiros tempos trafegavam diàriamente sessenta e cinco carros-motores, que fazendo mil trezentas e trinta e duas viagens transportavam em média mais de quarenta e sete mil passageiros. Quando havia espetáculos nos teatros, bondes extraordinários eram colocados nas linhas[57]. Em 1906 foi de bonde que o viajante Louis Casabona (*São Paulo du Brésil*) se dirigiu da estação

---

[54] Nuto Santana, op. cit., III, pág. 287.

[55] *Jornal de São Paulo* de 9 de junho de 1946. Sabe-se que no Rio de Janeiro o primeiro bonde elétrico correu alguns anos antes — em 1892 — do Flamengo ao centro da cidade. (Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro,* II, pág. 429).

[56] *Almanaque de "O Estado de São Paulo"* (1940), pág. 133 e *Jornal de São Paulo* de 9 de Junho de 1946.

[57] Nuto Santana, op. cit., III, pág. 301.

para o centro da cidade — pátio do Colégio — assinalando que pelo largo do Rosário passavam tôdas as linhas. E foi também em um carro da Light que êle se transportou para a Avenida Paulista em alguns minutos, cruzando ruas por vêzes "entre dois taludes de terra vermelha"[58]. O centro da cidade ficou logo congestionado pelos carros elétricos. Em 1911 o viajante Forrest notava que as ruas de São Bento, Direita e Quinze de Novembro, nas horas de negócios ficavam tomadas pelos bondes, perturbando-se o trânsito[59]. Poucos anos depois — em 1914 — Paul Adam falava das ruas estreitas do centro paulistano, que os bondes atulhavam. Êles e os automóveis[60].

Pois não foi só o bonde elétrico que entrou na cidade quase quando se iniciava o século atual. Também o automóvel. Um ou dois dessês veículos, raríssimos e barulhentos. Nuto Santana citou a propósito a petição dirigida em 1901 por Henrique Santos Dumont — irmão do inventor — ao governador da cidade Antônio Prado: "O Dr. Henrique Santos Dumont vem requerer baixa no lançamento do imposto sôbre o seu "automobile", pelas seguintes razões: o suplicante, sendo o primeiro introdutor dêsse sistema de veículo nesta cidade, o fêz com sacrifício de seus interêsses e mais para dotar a nossa cidade com êsse exemplar de veículo "automobile"; porquanto após quaisquer excursões, por curtas que sejam, são necessários dispendiosos reparos no veículo devido à má adaptação do nosso calçamento, pelo qual são prejudicados sempre os pneus das rodas. Além disso o suplicante apenas tem feito raras excursões a título de

---

[58] Louis Casabona, *São Paulo du Brésil*, pág. 74.

[59] Archibald Forrest, *A Tour through South America*, pág. 304.

[60] Paul Adam, *Les Visages du Brésil*, pág. 124.

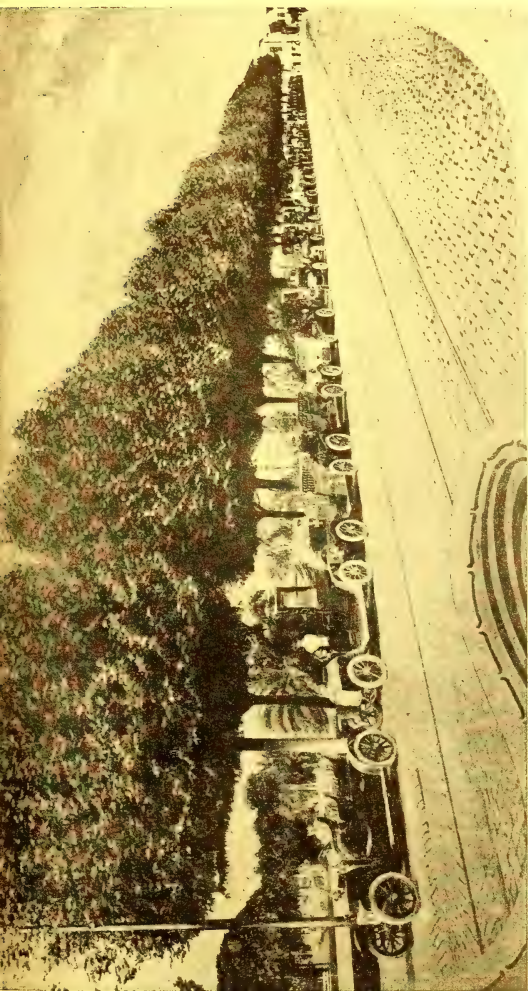
experiência e ainda não conseguiu utilizar-se de seu carro "automobile" para uso normal, assim como um outro proprietário de um "automobile" que existe aqui não o conseguiu também"[61]. Êsse outro proprietário de "automobile" parece ter sido pessoa da família Penteado. Um visitante da cidade em 1898 disse que viu certa ocasião grande ajuntamento de povo na rua Direita em tôrno "de um carro aberto, de quatro rodas de borracha, com dois passageiros e que se movia por si mesmo". "O primeiro que aparecera em São Paulo"[62].

Por essa época começaram a chegar os conhecidos carros "Benz" — escreveu Cícero Marques — e foi preciso inventar uma estrada por onde êles pudessem transitar: lembraram-se de um passeio que outrora se fazia de carro: à tradicional Freguezia do Ó[63]. Os automóveis pediam no entanto muito mais. Sabe-se que em 1908 o Conde Lesdain fez a primeira viagem automobilística do Rio a São Paulo, gastando trinta e seis dias. No mesmo ano Antônio Prado Júnior e alguns companheiros fizeram a primeira travessia de automovel entre São Paulo e Santos, gastando dois dias de trabalhos. E ainda no mesmo ano fundava-se em São Paulo o Automóvel Clube, cuja finalidade era criar e manter um centro de reunião e convívio para os seus sócios, interessar-se pelo desenvolvimento do automobilismo no Estado, correspondendo-se com as autoridades sôbre o estado e melhoramento das estradas, e estimular o gôsto pelo

---

[61] Citado por Nuto Santana, op. cit., V, pág. 32.

[62] Caldeira Brant, *Memórias dum Estudante* (1885-1906), pág. 147.

[63] Cícero Marques, *Tempos Passados*... pág. 132.

148 — Estacionamento de automóveis de aluguel, no começo do século atual, na praça da República.

(Fotografia reproduzida do livro de Reginald Lloyd *Impressões do Brasil no século XX*).

automobilismo[64]. Alguns anos mais tarde, em seu livro sôbre São Paulo, Paul Walle observou que já era considerável o número de automóveis na cidade — sendo a maioria dêles de particulares. Em 1911 já eram cerca de dois mil os automóveis existentes em São Paulo, e êles congestionavam a cidade, "encurralados nas poucas vias de sofrível rodagem"[65]. Mas assinalou também Walle a existência ainda de uma boa quantidade de carruagens descobertas puxadas por cavalos. E de um pequeno número de carruagens de praça, de dois cavalos, chamadas vitórias, com cocheiros quase todos italianos[66]. Em 1905 o visitante português Sousa Pinto, chegando à cidade, procurou um tílburi, e todos os cocheiros a que se dirigiu eram italianos, tagarelando em dialetos peninsulares "e estalando o chicote à típica moda de seu país"[67]. É claro que não apenas nos caminhos e nos arredores da cidade, como em suas próprias ruas centrais, além de tílburis e automóveis, trafegavam carroças e mesmo carros de boi. A Estrada do Vergueiro, em 1910, antes mesmo dos empreendimentos de Rudge Ramos, era utilizada intensamente por carreteiros do Rio Grande, de Capivari e de São Bernardo[68].

Os rios històricamente ligados à cidade acabaram de perder, depois de 1870, o seu interêsse para objetivos de ligação, excetuando-se em pequena escala o Tietê. Nas várzeas do Tamanduateí fizeram-se novas modificações. O presidente João Teodoro Xavier,

---

[64] *Almanaque de "O Estado de São Paulo"* (1940), pág. 298.

[65] Artur Rudge Ramos, op. cit., pág. 9.

[66] Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge*, págs. 56-72.

[67] Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras*, págs. 333-334.

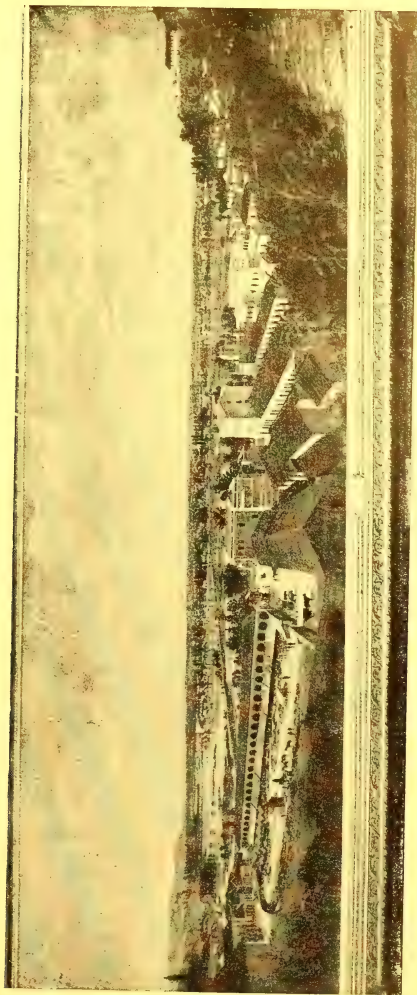
[68] Artur Rudge Ramos, op. cit., págs. 10, 25, 26.

mandando aterrar uma extensão grande dos pântanos do Carmo, construiu a chamada Ilha dos Amôres, no local do mercado velho do peixe: tinha banhos, esportes náuticos, divertimentos. Mas ela não podia ser freqüentada com facilidade. No inverno por causa do vento sul, frio e úmido; e no verão — tempo das chuvas — era em parte alagada pelas águas do Tamanduateí. Contrastava essa ilha, pela sua arrumação, com os terrenos que ficavam perto e onde se viam ossos, sapatos velhos, latas enferrujadas, colchões e travesseiros apodrecendo[69]. Sempre um depósito de lixo. Mas as várzeas continuavam representando um grave problema para a cidade. Em 1886 chegou a São Paulo o engenheiro francês Jules Revy, comissionado pelo Ministério da Agricultura, a pedido do govêrno da província, para proceder ao trabalho de saneamento da várzea do Carmo e da margem do Tietê nas imediações da cidade[70]. Estudos feitos nos anos de 1890 a 1892 mostraram a necessidade de ser feita a retificação completa do leito primitivo do Tamanduateí[71]. Ainda nesse tempo — contou Batista Pereira — havia fortes inundações na várzea. Esta virava uma vasta lagoa onde se viam algumas poucas edificações levantadas nos pequenos locais não atingidos. Improvizavam-se barcas e canoas, e apareciam peixes colhidos a mão. Aspectos maravilhosos da enchente eram então observados das casas da rua Boa Vista e da rua Quinze, como também

---

[69] Június, op. cit., pág. 102.

[70] José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 61.

[71] Afonso A. de Freitas, *Prospecto do Dicionário Etimológico, Histórico, Topográfico, Estatístico, Biográfico, Bibliográfico e Etnográfico Ilustrado de São Paulo,* pág. 80.

149 — Inundação da Várzea do Carmo em 1892.
(Quadro de Benedito Calixto — Museu Paulista).

do barranco gradeado da rua Florêncio de Abreu[72]. Ainda em fins do século passado — em 1896 — a Repartição de Águas e Esgotos estancou a corrente formada pelas águas do Tanque Zunega e pelas do riacho Iacuba, Guacuba ou Acu — corrente que desembocava no Anhangabaú. Este córrego teria uma canalização coberta no início dêste século, em 1906, em quase todo o seu trajeto, exceto para o lado das nascentes, no Paraíso[73]. Nascendo nesse local, desenvolveu-se êle em direção geral de sul a norte — escreveu Afonso A. de Freitas — paralelamente às ruas Vergueiro e Liberdade, cortando as ruas João Julião, Pedroso, Humaitá, Condessa de São Joaquim, Jaceguai, Assembléia, Asdrubal Nascimento, largo do Riachuelo. Aí contorna o planalto central da cidade pelas baixadas do viaduto do Chá, avenida São João, rua Florêncio de Abreu e extremo da Vinte e Cinco de Março, desembocando no Tamanduateí. A sua cava profunda, desde a rua do Paraíso até o largo do Riachuelo foi perdendo com o tempo sua denominação secular — notou Freitas — insensìvelmente substituída pela do Vale do Itororó[74]. Também as várzeas do Tamanduateí — onde havia em outros tempos, segundo Couto de Magalhães, quantidade enorme de formigas e muito cupim[75] — sofreram novas modificações radicais a partir do comêço do século vinte. O leito do rio já estava regularizado e suas margens

---

[72] Batista Perreira, "A Cidade de Anchieta", *Revista do Arquivo Municipal*, XXIII, pág. 66.

[73] Cursino de Moura, op. cit., pág. 68-69.

[74] Afonso A. de Freitas, *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico Ilustrado do Município de São Paulo*, I, págs. 180-182.

[75] Notas à edição definitiva de *Os Guaianases*, de Couto de Magalhães, pág. 139.

gramadas e arborizadas em 1905, como se pode ler no texto do álbum editado por Jules Martin[76]. Isso no trecho denominado Várzea do Carmo. Aproveitou-se mesmo o que havia de gracioso no curso do Tamanduateí para se conseguir efeito sugestivo no aspecto do Parque Pedro Segundo[77]. Mas também a Várzea do Mercado merecia as atenções da municipalidade, e sabe-se que em 1908 a Light retirava argila do morro do Piolho para o solevamento dela. A partir dessa época a Prefeitura mandou solevar uma extensão enorme da várzea — escreveu Afonso A. de Freitas — em cêrca de dois metros, acabando-se de uma vez com a possibilidade de se reproduzirem os transbordamentos do Tamanduateí entre o planalto central e as planícies do Brás e da Mooca. Êsse solevamento se fêz em tôda a faixa alagadiça que tomava nomes diferentes, chamando-se várzea do Cambucí no bairro dêsse nome, pasto do Meneses e depois do Osório e por fim várzea do Glicério, entre as ruas Lavapés e da Mooca, várzea do Carmo em frente à igreja dêsse nome, do Mercado e do Gasómetro na altura dêsses estabelecimentos e do Parí, do Seminário ou dos Lázaros a partir da altura do Seminário Episcopal até o rio Tietê[78]. Quanto propriamente às obras de retificação do Tamanduateí, reclamadas através de um século, observou ainda Freitas, elas tiveram seu complemento definitivo em 1916, com a inauguração da última secção do seu

---

[76] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 20.

[77] Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo*, págs. 53-54.

[78] Afonso A. de Freitas, *Dicionário...*, cit., I, págs. 102-109.

leito artificial[79]. Mas não desapareceram de todo as marcas deixadas em certos trechos da cidade pelo Tamanduateí. Ainda hoje sente-se que por detrás das casas do lado sul da rua Tabatingüera (desde a esquina da rua do Carmo até a Avenida do Estado) passava uma corrente de água que devia banhar os seus quintais.

Por outro lado já em fins do século passado a cidade se aproximara em maior extensão do Tietê. Percorrendo no ano de 1883 os arredores de São Paulo, Koseritz observou que sôbre aquêle rio, onde existia uma ponte grande, um pequeno vapor conduzia passageiros por trechos "onde cedo se ergueriam locais aprazíveis". "Durante a minha estada — escreveu êle — o pequeno vapor fêz as suas viagens de ensaio, das quais não pude infelizmente participar"[80]. Em fins do século passado e no comêço do atual passou realmente o Tietê a ter localizados nas suas margens os primeiros clubes náuticos da cidade. Em 1905, à esquerda da ponte, o lugar chamado Floresta estava ocupado pelo Clube de Regatas de São Paulo. E em frente outra associacão esportiva, o Clube Espéria, montara a sua sede[81].

Entretanto a zona urbana de São Paulo, com o seu crescimento considerável nessa época, foi engulindo uma porção de trechos de outros rios e ribeiros. Já a leste haviam surgido, em outras épocas, a Mooca, o Brás, o Pari, quando a cidade transpusera o Tamanduateí. A oeste, além do Anhangabaú, tinham aparecido a Vila Buarque, o Higienópolis, Santa Cecília, os Campos Elíseos, a Consolação, Santa

---

79 Afonso A. de Freitas, *Prospecto...*, cit., pág. 81.
80 Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 258.
81 *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 88.

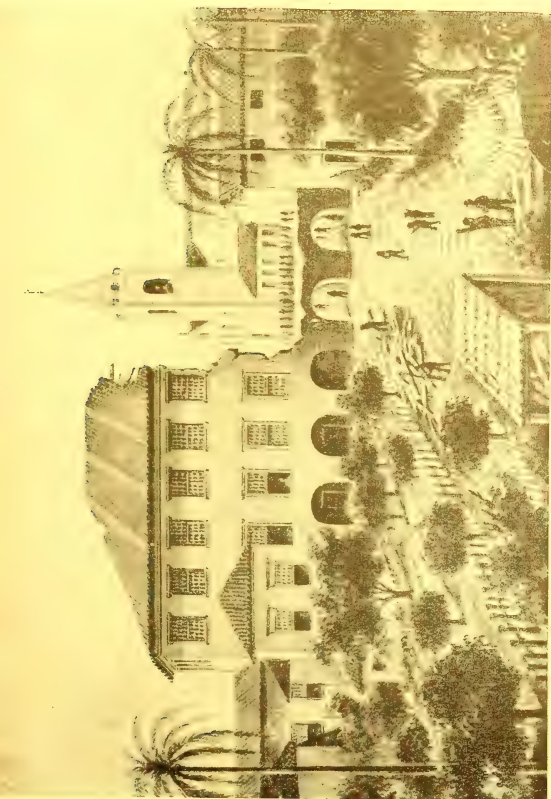
Ifigênia, a Lapa, a Luz, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Água Branca. E no norte, para alem do próprio Tietê, a cidade avançara formando-se os bairros de Santana e Casa Verde. Passaram a correr dentro da cidade em alguns pedaços de seu curso outros rios menos ligados ao passado remoto de São Paulo. Alguns dando seus nomes a bairros ou arrabaldes, como o Água Branca, o Tatuapé, o Jeribatiba, o Saracura, o rio da Mooca. E também o Ipiranga — o das margens plácidas — e ainda o Lavapés, em outros tempos limite entre a zona urbana e a rural.

Ainda outros cursos de água por assim dizer se urbanizaram: o riacho Cavandoca e o córrego do Alemão, na Mooca e no Belenzinho, o córrego do rio Verde, em Pinheiros, o ribeiro da Traição, no limite do distrito da Consolação, o ribeiro Toucinho e seus afluentes Iguatemi, Barro Branco e Cuvetinga — êstes da maior utilidade, vertendo da serra da Cantareira e abastecendo de água a cidade. Mas quase todos êles rios humildes, rios de bairro, apenas banhando hortas, recebendo o despêjo das fábricas ou fazendo dançar velhas canoas de transporte de areia ou de telha — pois como vias de comunicação se reduziu extraordináriamente a sua importância primitiva. E também de pequena significação estética em relação à cidade. Como sentiu Antônio de Alcântara Machado, faltou um rio em São Paulo: "Rio largo, rio cheio de pontes, rio cheio de curvas"[82].

Das pontes paulistanas nessa fase de sua história falou em 1883 Von Koseritz. "São na maior parte — escreveu êle — velhas pontes portuguêsas de pedra, que nada têm de bonitas, mas que são sólidas"[83]. Pa-

---

[82] Antônio de Alcântara Machado, *Cavaquinho & Saxofone*, pág. 11.

[83] Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 258.

150 — Fase final da demolição do edifício dos Barões de Tatuí, em 1889, para construção do Viaduto do Chá. Desenho provàvelmente de Jules Martin.

(Arquivo do Departamento de Cultura)

rece que com essa frase Koseritz disse tudo e descreveu com precisão as edificações que ligavam as margens do Tamanduateí e do Córrego das Almas. Entretanto sabe-se que nessa época viveu na cidade o empreiteiro e construtor italiano José Possetti, que por ocasião da construção de uma nova ponte apresentou-se à concorrência com um projeto original, prevendo o emprêgo de material ainda não conhecido em São Paulo. Não foi levado a sério, mas para provar que estava certo convidou os vereadores a verem a miniatura da ponte projetada, em sua residência da rua da Conceição. De certo se tratava de construção de concreto armado — escreve o engenheiro Agenor Guerra Correa — estando Possetti possìvelmente a par de experiências então recentes na Alemanha, na França e na Itália[84]. Foi também o viajante Koseritz quem se referiu a uma ponte grande e bonita existente no Tietê a alguma distância da cidade. Dois anos antes de sua viagem determinara o govêrno a edificação de uma ponte sôbre o Anhangabaú, depois transformada pelo prefeito Antônio Prado— já no comêço do século atual — em ponte ligando o bairro do Brás ao de Santa Ifigênia[85]. Mas já no fim do século dezenove se cogitava da reforma das velhas pontes paulistanas ou da substituição de algumas. Em 1905 — segundo o álbum de Jules Martin — a ponte sôbre o Tamanduateí, na várzea do Carmo, deixara de ser o ponto predileto das lavadeiras. E uma grande ponte de pedra, edificada em 1895, punha uma nota diferente na feição do local. A do aterrado do Gasómetro fôra feita em 1892-1896. E além das antigas pontes construídas

[84] Agenor Guerra Correia, carta ao autor.
[85] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, pág. 30.

no aterrado do Tamanduateí — escrevia em 1900 Moreira Pinto — havia "a nova e belíssima ponte de cantaria no meio da Várzea do Carmo, sôbre o aterrado do Gasómetro". Havia ainda três outras pontes então novas, sôbre vigas de ferro, assentadas nas ruas São Caetano, João Teodoro e avenida da Intendência (antiga Comércio da Luz)[86]. Quanto à velha ponte da ladeira do Carmo[87], Antônio Egídio Martins — cujo livro trás a data de 1912 — escreveu que ia ser substituída, pela Prefeitura, por uma dupla rampa de acesso à rua Vinte e Cinco de Março[88].

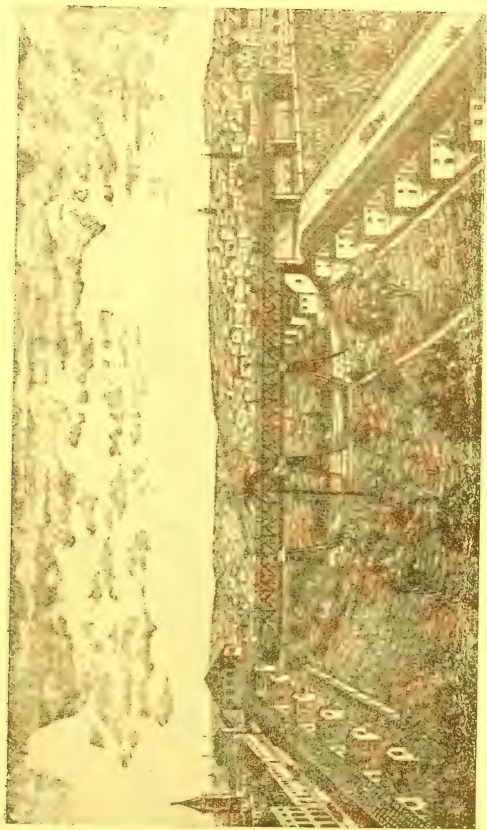
Ainda em fins do século passado começou também o que se poderia denominar a era dos viadutos — uma necessidade em face da topografia acidentada da cidade — que daria fisionomia bastante característica à área central de São Paulo. A estrutura da cidade, observou Caio Prado Júnior que foi grandemente influenciada pelo relêvo, que lhe impôs sobretudo os viadutos. Os leitos do Anhangabaú, do Saracura, e do Bexiga, principalmente, dividiram a cidade em compartimentos de comunicação difícil, forçando a construção dessas passagens[89]. O primeiro dêles foi o viaduto do Chá, idealizado por um litógrafo e publicista francês radicado na cidade: Jules Martin. Já em 1879 oferecia êle à Câmara dois quadros do desenho de seu projeto, que foi arquivado para ser

---

86 Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* pág. 187.

87 *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 20, e Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 148.

88 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 59.

89 Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", cit.

151 — Viaduto do Chá, rua Líbero Badaró, à esquerda, e Formosa, à direita. Desenho provàvelmente de autoria de Jules Martin.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

tomado em consideração "oportunamente"[90]. No mesmo ano o engenheiro Alexandre J. Fergusson propunha-se a construir um viaduto destinado a comunicar a rua Direita com a Barão de Itapetininga, no bairro do Chá[91] — propondo-se ainda a fazer construir trinta e três prédios de cada lado para serem alugados a estabelecimentos comerciais[92]. Os trabalhos planejados por Martin foram iniciados em 1888, sendo os primeiros estudos de planta e nivelamento levantados por E. Stevaux[93]. Dois anos depois chegou pelo vapor "Pascal" — contou minuciosamente Antônio Egídio Martins — a parte metálica do viaduto, feita em Duisburg, na Alemanha, pela fábrica Harkot. Os trabalhos estiveram no entanto paralisados durante algum tempo, por causa da oposição dos Barões de Tatuí, que não queriam chegar a um acôrdo para a desapropriação da casa dêles, na rua Líbero Badaró. Prosseguindo depois as obras, o antigo viaduto do Chá ficou terminado em 1892. Possuía, encaixadas em suas grades, doze placas de ferro com a inscrição dos nomes do presidente da província, Conde de Parnaíba, do concessionário Jules Martin, dos diretores e conselheiros, bem como dos engenheiros das obras, e o registro do fabricante alemão que confeccionara sua parte metálica. Media duzentos e

---

[90] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LXV, pág. 35..

[91] Daí o nome do viaduto: "Viaduto do Chá", denominação legítima, e hoje histórica, que felizmente não foi abalada pelas sugestões levianas de alguns publicistas inclinados a que êle passasse a se chamar "Viaduto do Café" em mais uma tentativa de destruição dos nomes tradicionais.

[92] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LXV, págs. 31-32.

[93] José Jacinto Ribeiro, op. cit., III, pág. 354.

quarenta metros de comprimento, sendo cento e oitenta em ferro e sessenta em atêrro sôbre a rua Barão de Itapetininga. E catorze metros de largura. Em cada um de seus extremos ficava um guarda com o relógio registrador, marcando o número de pessoas que passavam pela roda giratória e que tinham de pagar cada uma três vinténs. A entrada se fazia pela calçada do lado direito e a saída pela do lado esquerdo. No centro havia um grande portão que era aberto de manhã e fechado de noite[94].

Nas noites de bruma, um visitante da cidade em 1905, Manoel de Sousa Pinto, surpreendia "as curiosas fantasmagorias da iluminação municipal", do Viaduto do Chá, "ponte de sonho a desoras"[95]. No período de 1913 a 1916 o poeta Ricardo Gonçalves tentou realizar de sociedade com o escritor Monteiro Lobato — e aproveitando a circunstância de estarem parentes seus na Prefeitura — um projeto que consistia em transformar o viaduto do Chá — mais tarde chamado, por um cronista, de "suicidouro construído pela municipalidade"[96] — em uma rua suspensa, com casas de lojas dos dois lados. Queria o poeta construir em São Paulo algo de semelhante ao que vira em Veneza e em Florença[97].

Ainda em fins do século passado — em 1891 — começaram-se os trabalhos de construção de um outro viaduto: ligando o largo do Rosário com o largo do Paissandu. Êsse melhoramento entretanto não foi levado para a frente — escreveu José Jacinto Ri-

---

[94] Nuto Santana, op. cit., I, pág. 120, e III, págs. 103-105, e Cássio Mota, op. cit., pág. 22.

[95] Sousa Pinto, op. cit., pág. 370.

[96] Sílvio Floreal, *Ronda da Meia Noite,* pág. 23.

[97] Aureliano Leite, "No Tempo de Ricardo Gonçalves", (conferência), *O Estado de São Paulo,* de 27 de Abril de 1947.

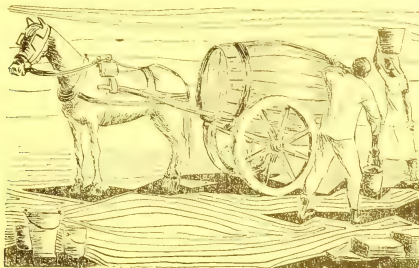
beiro — "não só pela nenhuma vantagem que poderia trazer à população, como por causa da oposição feita pela totalidade dos proprietários dos prédios por onde êle teria de passar"[98]. Em 1904 apresentou-se à Câmara um projeto para construção de outro viaduto que ligasse os largos de Santa Ifigênia e de São Bento, desafogando o tráfego da rua de São João. A concorrência para sua construção foi aberta quatro anos depois e vencida pelo engenheiro italiano Júlio Michetti, iniciando-se as obras em 1910. Com duzentos e vinte e cinco metros de comprimento e três arcos, construiu-se então o viaduto de Santa Ifigênia — que é o ainda existente, apenas com algum alargamento nas extremidades. As peças chegaram já montadas da Bélgica, onde foram construídas. Vieram até perfuradas e acertadas, e aqui apenas se armaram. Ficou concluído em 1913[99]. Na mesma época, dentro do plano de transformação do centro da cidade estabelecido pelo arquiteto Bouvard, incluía-se um viaduto ligando o pátio do Colégio à rua Boa Vista: o viaduto da Boa Vista[100].

---

[98] José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 608.

[99] *Jornal de São Paulo* de 25 de dezembro de 1949.

[100] Albert Bonnaure, *Livro de Ouro do Estado de São Paulo,* pág. 75.

V — ÁGUA E ABASTECIMENTO

A partir das últimas décadas do oitocentismo — apesar de se agravarem talvez alguns aspectos do problema do abastecimento de gêneros em conseqüência dos acréscimos rápidos de população — parecem ter melhorado as condições de alimentação dos moradores da cidade de São Paulo. O funcionamento de algumas estradas de ferro, articulando com maior facilidade muitas zonas do interior à capital da província, não deve ter contribuído pouco nesse sentido. Não deve ser esquecida por outro lado a importância da fundação de núcleos coloniais nos arredores da cidade, com culturas alimentares. Nem a remodelação do sistema de abastecimento de carne, acabando-se nesse tempo com o velho matadouro, cheio de sujeira, da baixada do Humaitá, para se edificar o novo, na

Vila Mariana. O peixe de mar, a princípio raro, como na fase anterior da história paulistana, tornou-se de consumo fácil depois que alguns imigrantes italianos organizaram o seu transporte, de Santos, e a sua distribuição no mesmo dia. Entre as frutas, além das tradicionais na região, conseguiram-se nesse tempo resultados interessantes nas experiências feitas com o pêssego, a ameixa, o caqui e sobretudo com a uva branca. Enriqueceu-se de outra parte, nessa época, a dieta do morador da cidade, sob a influência do elemento italiano. Fundaram-se as primeiras indústrias de massas alimentícias. E alguns temperos e o modo de preparar certos alimentos se incorporaram aos costumes paulistanos. Ao mesmo tempo, ao lado do vinho produzido com certa abundância nos arredores, começou a se vulgarizar o consumo de vinhos finos estrangeiros, bebendo-se também na época, ao lado das cervejas fabricadas na cidade em geral por alemães, cervejas procedentes da Alemanha.

O sistema de abastecimento de água sofreu modificações completas. Logo depois de 1870, apesar de serem edificados mais alguns chafarizes, êles e mais as bicas não forneciam ainda o líquido necessário à população. As queixas e os protestos — como em meados do século — continuavam ocorrendo e se refletindo nas críticas da imprensa. O problema entrou em fase nova no ano de 1878, quando começou a ser construída na Consolação a caixa de abastecimento para o serviço que passava ser feito pela Companhia Cantareira, com o aproveitamento de novos mananciais. Em 1882 já estavam abastecidos alguns chafarizes, e no ano seguinte já se entregavam ao uso dos moradores os esgotos do distrito da Luz. Mas era pouco Muita gente continuava recorrendo às fontes naturais e às Casas de Banho. E mesmo na zona servida

152 — A casa "Banhos da Sereia" no largo de São Bento, no período 1870-1880, quando o jardim dêsse logradouro estava ainda protegido por cêrca de arame.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

pela Cantareira, onde já havia instalações sanitárias, eram muitos os conservadores mais ferrenhos que continuavam se utilizando das antigas cloacas. Em 1893 o serviço de abastecimento passou da Cantareira para o govêrno do Estado, criando-se então a Repartição de Águas e Esgotos. Mas contando apenas com duas adutoras: Ipiranga e Cantareira. Nos últimos anos do século dezenove e nos primeiros do atual começou a se ampliar consideràvelmente a rede de distribuição de água. No entanto, apesar da construção de novos reservatórios na Consolação, no Araçá e no Belenzinho, graves crises no abastecimento se registraram em 1903 e em 1910. O crescimento extremamente rápido da cidade impediu a solução de mais êsse problema.

O estilo de alimentação do morador da cidade, na primeira parte do período de 1872 a 1918 continuou sendo em linhas gerais o de meados do oitocentismo. Com algumas tentativas para melhoria de suas condições, no entanto. Uma delas, representada pela remodelação do sistema de abastecimento de carne verde, acabando-se com os métodos do matadouro antigo, cheio de sujeira, da rua Humaitá[1]. O engenheiro Alberto Kuhlman construiu o matadouro novo na Vila Mariana e para fazer o transporte da carne planejou o trenzinho de Santo Amaro, tornando-se o superintendente da Companhia de Carris de Ferro de São Paulo a Santo Amaro, cuja linha foi começada em 1883[2]. Outra tentativa, a fundação de núcleos coloniais onde se cultivassem gêneros. Os agricultores, ainda em 1874, utilizavam apenas, segundo se dizia em uma ata da Câmara Municipal, um décimo

---

[1] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora*, pág. 236.

[2] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo*, I, págs. 108-110.

da superfície do município com culturas de cereais estabelecidas em seus pequenos alqueires de terra. Cultivava-se principalmente o milho, mas também a mandioca, o feijão, o arroz, a batata e a cana de açúcar[3]. Grande parte dos gêneros consumidos na cidade era nessa época procedente do distrito de Santo Amaro[4]. Só em 1877 teve início a colonização oficial em Santana, na Glória, em São Bernardo e em São Caetano[5].

Por outro lado leis de proteção à caça — que era fator de importância na alimentação do paulistano, desde tempos remotos — foram elaboradas sobretudo por iniciativa do caçador Antônio Francisco de Aguiar e Castro. Leis porém que cairam em desuso e foram mais tarde riscadas do Código de Posturas do município. Em 1888 José Leite da Costa Sobrinho requereu à Câmara que se confecionasse uma lei especialmente sôbre a matança de perdizes e codornas no tempo da procriação, nada conseguindo porém. O Clube de Caça e Pesca alguns anos depois — foi fundado em 1896 — voltou a se preocupar com êsse problema[6]. A pesca fornecia também produtos para a alimentação, mas antes que alguns imigrantes italianos organizassem o comércio de peixe de mar e camarão e a sua distribuição na cidade, não era fácil o seu consumo. Havia estudantes da Academia — como revelou Valentim Magalhães evocando seu tempo de acadêmico (1877-1878) — que viajavam às vêzes até Santos

---

[3] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 83.

[4] *Prospecto da Companhia Carrís de Ferro* (1883).

[5] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[6] José Leite da Costa Sobrinho, "Caça e Pesca", *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896,* pág. 57.

para poderem saborear uma peixada[7]. De outra parte o consumo de quitutes e petiscos se manteve intenso até fins do século passado. Evocando o 1886 paulistano, Everardo Valim Pereira de Sousa se referiu ao grande número de vendedores ambulantes que se postavam diante do Teatro São José, expondo pastéis, cuscus, croquetes, cubus, iscas, pinhões, pamonhas, castanhas, mingaus, mindobis, ovos quentes e outras coisas[8]. Nessa época também eram muito apreciadas as lambiscarias — particularmente as chamadas "iscas portuguêsas" — improvisadas junto à Ponte Grande, na beira do rio, disse E. V., nos parques de figueiras velhas e coqueiros. Eram preparadas ali mesmo em fogareiros[9]. Ainda no mesmo quadro evocativo da Pauliceia de há quase setenta anos fêz referência Pereira de Sousa às refeições das famílias paulistanas — por certo as mais abastadas — com detalhes que não deixam de ser interessantes sobretudo em confronto com os dados por Almeida Nogueira em relação a meados do mesmo século: às sete, café com leite, bolos e biscoitos; às nove, almôço, e ao meio dia, novo café; às duas, frutas, quase sempre do próprio quintal; às quatro, jantar; às oito, genuino chá inglês, acompanhado de novas guloseimas ainda quentes, feitas em casa mesmo pelas quituteiras[10].

Em relação às frutas, sabe-se que a partir dessa época as terras da Casa Verde se distinguiram, dentro do município paulistano, como pioneiras da nova experimentação de frutas européias e orientais. Ao lado do médico Luís Pereira Barreto e de Dona Veridiana

[7] Valentim Magalhães, *Horas Alegres*, pág. 213.

[8] Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Ha Sessenta Anos", *Revista do Arquivo Municipal*, CXI, pág. 63.

[9] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 62.

[10] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 62.

Prado, John Maxwell Rudge conseguiu resultados apreciáveis na experimentação de pêssegos, ameixas, caquis e outras frutas — baseando-se nesses trabalhos a implantação da uva branca em São Paulo[11]. Raffard, em 1890, disse que se regalou na cidade com uvas deliciosas de Santana, do Ipiranga e de outros arrabaldes[12]. Sabe-se que nessa época o chá ou o café, quando servidos em casa de residência, eram muitas vêzes acompanhados de pinhão cozido ou de milho verde, no tempo da colheita dêsses produtos[13]. O leite e a manteiga fresca, por outro lado, já eram entregues, em 1890, nas casas dos consumidores, pelos carros da Coachman's Creamery [14].

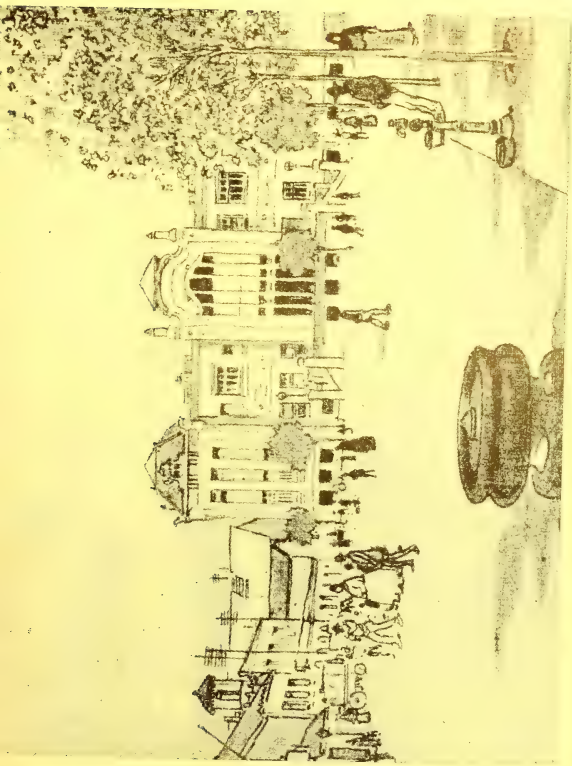
Mas é preciso registrar ainda uma outra feição da alimentação do morador de São Paulo a partir do último quartel do século passado: aquela influenciada diretamente pelo elemento italiano. Com a fixação de peninsulares em número considerável em São Paulo, desenvolveram-se muitas indústrias alimentícias. E alguns temperos, a maneira de preparar certos alimentos e ainda a preferência por outros — característicos da cozinha italiana — se incorporaram definitivamente ao padrão alimentar da cidade. Não sem que houvesse incompreensões e resistência. Quando um italiano tentou introduzir em São Paulo o queijo gorgonzola — aproximadamente em 1888 — ocorreu um episódio curioso contado por Antônio Piccarolo: um inspetor da alfândega de Santos atirou o produto aos peixes, achando que o seu cheiro

---

11 Aureliano Leite, *Pequena História da Casa Verde*, págs. 77-78.

12 Henrique Raffard, op. cit.

13 Afonso José de Carvalho, *São Paulo Antigo*, pág. 51.

14 Henrique Raffard, op. cit.

153 — Bebedouros no largo São Francisco no começo do século atual.

(**Reprodução do desenho publicado** no livro de Archibald Forrest *A tour through South America,* 1913).

característico era indício de putrefação[15]. Mas aos poucos êsse e outros produtos italianos — e sobretudo a sua maneira de preparar alguns alimentos — tornaram-se familiares aos moradores da cidade de São Paulo. Jantando em 1905 em um restaurante paulistano observou o viajante português Sousa Pinto que lhe serviam minestra e risotto. "É a Itália, escreveu êle, não há que ver, a Itália com arroz de açafrão e queijo ralado"[16]. Por outro lado, entre os gêneros alimentícios vendidos à população em 1907, Gina Lombroso notou montanhas de caixas de tomate siciliano e de massas napolitanas[17]. E o italiano Bertarelli, em seu livro sôbre o sul do Brasil escreveu — com ou sem fundamento — que o imigrante peninsular introduziu ou vulgarizou em São Paulo o pepino, o espargo, o tomate e o melão[18].

A propósito de bebidas deve-se recordar que em 1875 J. Floriano de Godoi escrevia que nos arredores de São Paulo se cultivava a vinha, que produzia muitos litros de vinho[19]. E que muita gente havia passado a se dedicar à indústria de que Xavier Pinheiro fôra o precursor no oitocentismo. Entre êsses cultivadores, Joaquim Marcelino da Silva (Califórnia), que começou suas culturas em 1868, produzindo logo depois cinqüenta pipas por ano no sítio que tinha na Penha; Antônio da Rocha Leão; João Bohemer, no

---

15 A Piccarolo, *Um Pioneiro das Relações Ítalo-Brasileiras*, pág. 56.

16 Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras*, pág. 335.

17 Gina Lombroso Ferrero, *Nell'America Meridionale*, pág. 34.

18 Ernesto Bertarelli, *Il Brasile Meridionale*, pág. 56.

19 Joaquim Floriano de Godoi, *A Província de São Paulo*, pág. 23.

Belenzinho, que em 1873 produzia doze pipas; Inácio José de Araujo, com parreiral enorme em sua chácara da avenida Rangel Pestana esquina do largo da Concórdia, começando em 1860 e com possibilidade de fabricar de oitenta a cem pipas de vinho; o dentista norte-americano Horácio Tower Fogg, com chácara no bairro do Pari e que publicou no *Correio Paulistano* um trabalho sôbre a cultura da vinha; e o conselheiro Carrão[20]. Êste se entusiasmava tanto com os seus parreirais das margens do Aricanduva que não queria saber de outra vida, esquecendo-se repetidamente de suas obrigações de professor da Academia de Direito[21]. Ao lado do vinho nacional entretanto vulgarizou-se nos últimos vinte e cinco anos do século passado o consumo de vinhos finos estrangeiros. Sabe-se que ainda em 1850 quem quisesse dar festas precisava mandar buscar vinhos caros em Santos ou mesmo na Côrte. Já depois de 1880 eram comuns, nos hotéis e restaurantes, os vinhos portuguêses, espanhois, franceses, alemães, italianos e húngaros[22]. Vinho húngaro que se encontrava sobretudo na famosa Sereia Paulista, de Fischer — casa de banhos e restaurante — e que ficou célebre. Embora a maledicência popular — segundo Afonso A. de Freitas — afirmasse que êle era simplesmente trazido de Tietê[23]. Mas a verdade é que nos anúncios publicados pelos almanaques de Seckler — no período de 1885 a 1888 — apareciam,

---

[20] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 67, Nuto Santana, *São Paulo Histórico,* II, págs. 42-43, e *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873,* págs. 80-81.

[21] Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo,* I, pág. 354.

[22] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem,* pág. 58.

[23] Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas,* pág. 20.

além dos vinhos do Pôrto, os vinhos do Reno — "vins du Rhin", como dizia um importador — e os "grands vins de Champagne"[24].

Nessa época já eram também comuns as cervejas finas de procedência alemã, acondicionadas em garrafas bojudas e vistosas, com arrolhamento encastoado e feito de fino arame[25]. A cerveja Baviera Hofbrau, a Carlsberg, a Franziskaner de Munich e a Baviera Giesinger Brauhaus de Munchen, cada uma delas tinha o seu importador exclusivo na cidade[26]. Mas havia também outros tipos de cerveja, fabricados na cidade em geral por alemães. Henrique Stupakoff foi o fundador da Cervejaria Bavaria, precursora da Antártica. Bohemer fundara outra no Marco da Meia Légua. E Pedro Kauer montou a sua no Lavapés. Em 1877 apareceram as Stadt Bern, com chopes, boliches e caramanchões. Custava então o copo de cerveja nacional cento e sessenta réis. E duzentos réis o quilo de gelo, que vinha da Noruega em barricas de frutas[27]. É claro que ao lado do vinho e da cerveja, do chope e da velha aguardente, outras bebidas eram consumidas na época. Nos primórdios da República, os quiosques se encarregavam também da venda de vinho, de cerveja, de conhaque, de caninha. E ainda de vários refrescos preparados com xarope. Entre êles a groselha e o capilé[28].

O sistema de abastecimento de água sofreu modificações profundas nessa fase da história paulista-

[24] *Almanach da Província de São Paulo,* 1888, págs. 89, 93, 94.

[25] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 62.

[26] *Almanach da Província de São Paulo,* 1886, págs. 7, 29 e 37, e 1888, pág. 113.

[27] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 61.

[28] Cássio Mota, *Cesário Mota e seu Tempo,* págs. 20-21.

na, depois de algumas tentativas inúteis no sentido de apenas melhorar o aparelhamento tradicional. De 1872 conhece-se um ofício do inspetor geral das obras públicas, remetendo à Câmara um orçamento para a canalização de água potável para o pátio do Colégio, onde se faria um chafariz piramidal com três torneiras, e rua do Comércio até o largo de São Bento, onde seriam colocadas sete torneiras em lugares apropriados[29]. No ano seguinte foi aprovada a indicação de um vereador para que fôsse construído no largo de São Gonçalo um chafariz com uma caixa contendo duas torneiras e ramificando a água pelos pontos mais convenientes da cidade por meio de seis torneiras que seriam colocadas do seguinte modo: uma nos Quatro Cantos, outra no largo de São Francisco, outra no do Carmo, outra no do Rosário, outra no de São Bento e outra na rua de São José[30]. Entretanto, em 1874 e 1875 São Paulo teve apenas mais dois chafarizes: o do largo do Rosário, construído pelo engenheiro-major Henrique Luís de Azevedo Marques, e que foi denominado Sete de Setembro; e o do largo do Carmo, que teve o nome de Chafariz Vinte e Cinco de Janeiro[31]. Mas havia necessidade de consêrto nas torneiras do chafariz do largo do Paissandú[32], e o fiscal da freguesia da Consolação transmitia à Câmara a queixa de moradores do bairro:

---

[29] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LVIII, pág. 141.

[30] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 179.

[31] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, págs. 83, 147.

[32] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 145.

154 — O chafariz do largo do Rosário (praça Antônio Prado) no ano de 1885.
(Fotografia reproduzida do álbum *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, 1905).

lavavam roupa na chácara do doutor Martinho Prado, junto do Tanque Reuno, correndo água suja de sabão para o tanque e para os chafarizes da Luz e do Piques[33]. Chafarizes, êstes dois, que já em 1876 estavam desmantelados. Além do mais, todos os chafarizes reunidos, e ainda as bicas do Baixo, do Gaio, dos Inglêses e do Moringuinho, não forneciam tôda a água necessária para abastecer a cidade. A restante era tirada ainda nessa época de poços abertos nas margens do Tamanduateí e do Lavapés, e vendida em pipas ambulantes, pelas ruas[34]. Os aguadeiros, no momento de venderem a água, deixavam um barrilzinho debaixo da torneira da carroça e enquanto êle se enchia lentamente, despejavam outro no interior da casa — traçando a carvão na parede, cada dia, um risco por vazilha fornecida, para cobrança no fim do mês[35]. Alguns italianos foram nessa época substituindo os aguadeiros portuguêses[36]. Mas a população continuava se queixando da falta de água. "Há graves queixas da população — dizia em 1875 o jornal *A Província de São Paulo* — e muito justas a respeito de água e chafarizes. Êstes, seja qual fôr o motivo, não fornecem água suficiente, e nestes últimos dias estão a meia ração: são abertos ao público somente em certos dias, e nesses durante curtíssimo prazo"[37]. No ano seguinte apareciam os versos de Luís Gama, publicados em *O Polichinelo* e dirigidos aos "senhores do govêrno":

---

[33] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 41.

[34] Afonso A. de Freitas, op. cit., págs. 25-26.

[35] Afonso José de Carvalho, op. cit., pág. 62.

[36] Henrique Raffard, op. cit.

[37] *A Província de São Paulo* de 11 de agôsto de 1875.

Mandai guardar a chuva que Deus dá
em vastos caldeirões
para pô-la depois nos chafarizes;
Senão, em vindo a sêca, a maior parte
destas populações
há de atirar aos olhos e narizes
de vossas excelências
as suas respeitosas maldições. [38]

O problema do abastecimento, que se agravava com o crescimento da cidade, entrou logo em seguida em fase nova. Em 1878, no então Alto da Consolação, começaram a ser feitas as obras da primeira caixa de abastecimento para o serviço a cargo da Companhia Cantareira[39]. A êsse reservatório — cujo portão principal ainda existe, na Consolação, em frente da rua Piauí — três anos depois chegavam as águas da Serra da Cantareira, Cabuçu e rio Cotia. Já no ano seguinte elas estavam abastecendo os chafarizes do Campo da Luz e dos largos de São Bento, dos Guaianases, Sete de Abril (praça da República) e do Pelourinho, o dêste último com bocas de leão que jorravam de dia e de noite. E em 1883 era entregue à população o uso do primeiro distrito servido por esgotos (no bairro da Luz) sendo beneficiadas de início setenta e uma casas[40]. Todavia, ainda na épo-

[38] Citado por Afonso A. de Freitas, op. cit., pág. 28.

[39] Antônio Egídio Martins, op. cit. II, pág. 145.

[40] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 147. No Rio de Janeiro, entre 1883 e 1884, diversas fontes de ferro foram colocadas nos largos do Depósito, do Matadouro, de São Domingos, da Mãe do Bispo, Santa Rita, Catete e Jóquei Clube, e em duas praças, ao mesmo tempo que de muitos rios a água passou a ser recebida em canalização de ferro. (Gastão Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro,* II, pág. 371).

ca da proclamação da República — quase no fim do século passado, portanto — os serviços de água e esgotos não eram eficientes, sendo muito poucas as casas servidas, embora pelo menos desde 1886 alguns estabelecimentos comerciais anunciassem artigos para água: bombas, arietes, depósitos de ferro, canos, esgotos[41]. Os moradores cujos prédios não tinham água continuavam sendo forçados a se abastecer nos chafarizes públicos ou nas fontes naturais[42]. E os estudantes evitavam até estabelecer repúblicas em casas que tivessem banheiro, com medo da concorrência excessiva dos colegas[43]. Daí a importância que tinham as casas de banho em São Paulo. Uma delas, a "Sereia Paulista" ou "Banhos da Sereia", do húngaro Fischer, no largo de São Bento, ficou famosa também pelos seus bifes e pelos seus vinhos estrangeiros, pois era igualmente restaurante e ponto de reunião[44]. O *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896* registrava ainda três dessas casas de banho: a de Luís Coscotino, no largo de São Bento, a de Evaristo de Andrade, na rua Boa Vista e a de Augusto Pedro de Oliveira, na rua Direita[45].

Deve-se considerar bastante exagerada a afirmativa de Koenigswald, no seu álbum editado em 1895, de que existiam por tôda a cidade redes completas de encanamento de água potável e de esgotos, "não se descurando a higiene pública de tudo o que dizia

---

41 *Almanach da Província de São Paulo,* 1886, anúncios, págs. 48 e 66.

42 Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 64, e Cássio Mota, op. cit., pág. 20.

43 Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas" (1887-1891), *Revista do Arquivo Municipal,* XCIII, pág. 112.

44 Afonso A. de Freitas. op. cit., pág. 20.

45 *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896,* pág. 310.

respeito à boa conservação do estado sanitário da cidade"[46]. Poucos anos antes — em 1887 — o inspetor da higiene Dr. Marcos Arruda escrevia no seu relatório: "Mesmo na área servida pela Cantareira existem casas onde, receiosos de entupir as latrinas e porisso pagarem trinta mil réis de multa, os proprietários e inquilinos ainda se utilizam das antigas cloacas, que são simples poços abertos na terra, cobertos ou descobertos, e prestando-se a tôdas as evaporações e filtrações porque não tem revestimento algum impermeável em suas paredes"[47]. E em 1901, estudando as indústrias e os bairros fabris de São Paulo, Bandeira Júnior mostrava que a rede de esgotos era pequeníssima. E que escasseavam os esgotos e faltava água para todos os misteres, particularmente nas zonas proletárias da cidade[48].

Da decadência dos chafarizes paulistanos foi bem representativo o episódio ocorrido em 1893. Para forçar os moradores de certos bairros a terem água em suas casas, a Cantareira mandou então demolir, além dos chafarizes que entregara ao público onze anos antes, aquêles que havia no largo do Carmo e no do Rosário. Quando derrubavam êste último, moradores do lugar e outros populares se opuseram com violência, resistindo até que a fôrça policial entrasse em ação[49]. Nesse mesmo ano, como se avolumassem as manifestações de desagrado da população ao serviço de águas da Cantareira, o govêrno do Estado

---

[46] Gustavo Koenigswald, *São Paulo* (álbum de 1895), pág. 13.

[47] A. Nogueira de Sá, "Notas à Margem de um Relatório", *Revista do Arquivo Municipal*, XXIX, pág. 78.

[48] Bandeira Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, pág. XIV.

[49] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, págs. 146-147.

155 — O pequeno chafariz do largo dos Guaianases (praça Princesa Isabel) em fins do século passado.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

chamou a si o encargo, criando-se então a Repartição de Águas e Esgotos. Nesse tempo havia apenas duas adutoras, Ipiranga e Cantareira, fornecendo um total de seis milhões de litros por dia: a primeira se servia de uma pequena reprêsa na Água Funda, servindo as zonas de além-Tamanduateí; a segunda provinha da serra da Cantareira, despejava no reservatório da Consolação e abastecia o centro da cidade[50]. Acabando-se os chafarizes de São Paulo foi pena que não se conservasse em museu — como sugeriu Antônio Egídio Martins — pelo menos o do largo da Misericórdia[51]. Em 1886 êle fôra transferido dali para o largo de Santa Cecília, onde permaneceu até os primeiros anos do século atual[52]. Desmantelado, mandaram suas peças para o Almoxarifado Municipal[53], como pobres coisas que não representassem nada de ìntimamente ligado a uma grande porção do passado da cidade. Por outro lado nessa mesma época — em 1899 — o govêrno mandou fechar a caixa dágua da rua Quintino Bocaiúva, pois um exame procedido no líquido que ali se depositava mostrou que êle era nocivo à saude[54].

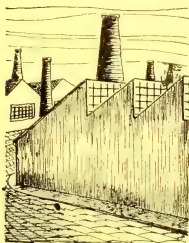
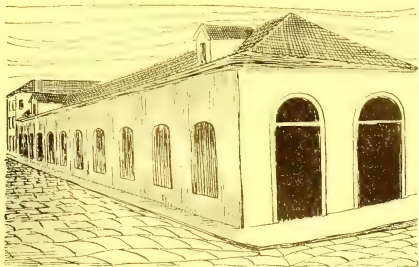
Só nos últimos anos do século dezenove e comêço do atual se ampliou a rede de distribuição de água de maneira notável. Em 1898 construiu-se novo reservatório, na Consolação, com capacidade para dezenove milhões de litros. Em 1903, contando cêrca de duzentos e cinqüenta mil habitantes, a cidade sofreu grave crise de abastecimento de água por causa de uma estiagem prolongada. Em 1907 entrou em fun-

---

50 *Jornal de São Paulo*, Reportagem.
51 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 54.
52 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 3.
53 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 10.
54 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 7.

cionamento o reservatório do Araçá, e dois anos depois o do Belenzinho, manifestando-se todavia nova crise em 1910[55]. Resolveu-se então proceder à captação das águas do Ribeirão de Cotia, tendo sido a primeira parte dessa adutora construída em 1914. No mesmo ano foram feitos mais três reservatórios, na "Avenida", na Vila Mariana e na Água Branca, subindo o volume médio por dia a cento e vinte milhões de litros, que se reduzia a noventa milhões em tempo de sêca[56].

[55] *Jornal de São Paulo,* Reportagem.
[56] *Jornal de São Paulo,* Reportagem.

VI — O MERCADO E A OFICINA

A condição de metrópole do café, consolidada pela cidade de São Paulo aproximadamente nas três últimas décadas do oitocentismo e nas duas primeiras do século vinte, se refletiu através de traços particularmente sensíveis na transformação e no engrandecimento de suas atividades comerciais e industriais. O próprio comércio de ambulantes se enriqueceu desde logo de várias modalidades novas: ao lado das velhas quitandeiras de tabuleiros — que o poder municipal vivia empurrando de um canto para outro, talvez porque elas atrapalhassem cada vez mais o trânsito, que se tornava intenso — apareceram os vendedores de jornais, em geral italianinhos imigrantes, que foram também os primeiros engraxates, enquanto que seus patrícios adultos andavam pelas ruas negociando

com flores, com frutas, com hortaliças, com peixe e camarão trazidos do litoral. Além do velho mercado da beira do Tamanduateí passou a cidade a contar com o mercadinho de São João, para verduras, na baixada do Acu. Com o barracão do largo São Paulo, logo transformado em depósito de carne verde. Com o do largo da Concórdia, que se tornou o mais elegante embora o menos freqüentado. E a partir de 1914, com as feiras-livres.

Instalaram-se por outro lado, nas últimas décadas do século passado, cafés, bares, confeitarias e cervejarias mais confortáveis que os de meados do oitocentismo. Cafés até com "gabinetes reservados para as famílias" e outros já servidos, no dizer de um cronista, "por caixeiras amáveis". Surgiram hotéis que estavam longe dos primitivos em confôrto e mesmo em luxo: sobretudo o Grande Hotel, em que mais de um visitante da cidade achou uns ares dos bons hotéis da Europa. E apareceram e proliferaram os quiosques, nas proximidades das estações, das pontes, dos mercados, vendendo um pouco de tudo. No começo do século atual as confeitarias de luxo se fixaram sobretudo no largo do Rosário e na rua Quinze de Novembro, enquanto que os hotéis de mais destaque se instalavam em edifícios espaçosos, no Triângulo, para corresponderem de certo ao enriquecimento e ao cosmopolitismo que começavam a dominar a existência da cidade.

As lojas do centro passaram a contar com fatores de sucesso desconhecidos em outros tempos. Um observador notava já em 1882 como coisa nova em São Paulo o fato de encontrar senhoras desacompanhadas, olhando as vitrinas e fazendo compras nesses magazines do Triângulo que lembravam os da Côrte pela sua elegância. As casas importadoras sobretudo

se multiplicaram notàvelmente. Principalmente im-tadoras de máquinas para a lavoura, o que é bem significativo dessa fase em que o progresso urbano era um reflexo, acima de tudo, da abastança dos fa-zendeiros.

Particularmente sensível foi todavia o desenvol-vimento da indústria, quase inexistente durante o período em que a capital da província fôra mais marcadamente um burgo de estudantes e um centro de movimentos intelectuais. Estabeleceram-se as primei-ras grandes fábricas de tecidos, multiplicaram-se as indústrias de chapéus, as serralherias e as fundições, localizando-se de início quase sempre para os lados da estação da Inglêsa. Na penúltima década do oito-centismo tomou impulso notável a indústria de má-quinas para benefício de café e de outros instrumentos agrícolas. Perturbações financeiras ocorridas nos últimos anos do século passado fizeram com que muitas dessas indústrias paulistanas desaparecessem. A par-tir de 1900, porém, reatou-se o impulso fabril, criando-se novas fábricas e modernizando-se muitas das anti-gas. Essa expansão teria ainda um fator de muita significação na primeira Grande Guerra, em vista da crise determinada na produção industrial da Europa e nos transportes marítimos. Foi também a guerra de 1914-1918 que contribuiu para firmar a função industrial como característica de alguns subúrbios paulistanos.

O mercado velho de São Paulo, construído em 1867, tinha em 1873 trinta e três quartos, sendo nove habitados, um pelo administrador, um pelo servente e sete por locatários: quatro mulheres e três homens[1].

---

[1] *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873,* pág. 123.

Mas impressionava mal. Koseritz, visitando a cidade em 1883, escrevia: "Faz muita falta ao rico São Paulo um mercado conveniente, porque o que existe são uns telheiros baixos, nas proximidades da Ilha dos Amôres, em uma praça onde as vendedoras oferecem ao ar livre as suas mercadorias"[2]. Mesmo depois que êsse mercado fôra construído, porém, continuaram algumas quitandas a funcionar na rua das Casinhas, uma das quitandeiras que ali permaneceram tendo sido Madame Bresser, dona de uma grande chácara no Brás. Em outras das velhas casinhas os legumes e verduras continuavam espalhados pelos corredores. E algumas dessas edificações foram ainda alugadas para taverneiros ou para açougueiros[3].

Mas a localização das quitandeiras avulsas continuou dando trabalho à Câmara. Em 1873 destacava-se como uma das necessidades mais urgentes da cidade uma praça para verduras, na travessa do Palácio[4]. Em 1876 a municipalidade negou um pedido das Pretas de Nação, quitandeiras de verduras, que queriam se transferir do largo do Carmo para o pátio do Colégio, lugar mais concorrido e onde podiam vender com mais facilidade as suas mercadorias. A Câmara achou que elas deviam ficar era mesmo nos largos do Carmo e de São Bento[5]. No ano seguinte porém a própria Câmara resolveu que se mudassem para a

---

[2] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pág. 258.

[3] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* I, pág. 149.

[4] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 46.

[5] Nuto Santana, *São Paulo Histórico,* IV, pág. 118. Claro que não se deve interpretar essa medida do poder municipal como envolvendo qualquer reminiscência da distinção medieval das praças das cidades em civis, comerciais e religiosas, pois em São Paulo, desde os tempos primitivos, os largos e as praças haviam se desenhado indiferentemente em tôrno das igrejas.

156 — Igreja e largo do Rosário no começo do século atual, época em que na futura praça Antônio Prado se localizavam as confeitarias de luxo da cidade.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

praça do Mercado ou para o pátio do Colégio as quitandeiras e os carroceiros que vendiam as suas mercadorias estacionados na rua do Palácio (do Tesouro) entre as ruas da Imperatriz e do Comércio (Álvares Penteado) pois neste lugar êles se tornavam inconvenientes e atrapalhavam o trânsito[6]. Talvez medidas que além de inspiradas pelas conveniências do trânsito fôssem em parte ditadas por motivos bem dizer estéticos. Evocando São Paulo do século passado escreveu Cerqueira Mendes. "Na rua das Sete Casinhas e no beco dos Minas, caipiras e pretas africanas, com insistências interesseiras, apregoavam verduras, frutas e gulodices, e saúvas torradas, e isso com grande mágoa de Jules Martin, que preferia escravizá-las e vestí-las pelos figurinos de sua imaginação delicada..."[7]

Foi nessa época — 1876 — que se inaugurou também a venda avulsa de jornais pelas ruas. Com uma touca branca na cabeça e utilizando-se de uma buzina para chamar a atenção do povo, o francês Bernard Gregoire começou a vender naquele ano *A Província de São Paulo*. Já tinha feito o mesmo serviço para o *Petit Journal* de Paris e a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro[8]. Um ano antes já um negro norte-americano que tinha banca de engraxate no largo do Rosário vendia aos seus fregueses um ou outro número da revista literária *Astréia*[9]. Em 1890 os jornaleiros já eram em sua maioria italianinhos. Era

[6] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 58.

[7] Artur de Cerqueira Mendes, *Figuras Antigas,* 1.ª série, págs. 17-18.

[8] Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 132.

[9] Valério Sálvio, "A Província de São Paulo", *O Estado de São Paulo* de 4 de janeiro de 1946.

realmente divertido — escreveu Raffard — ver sair das tipografias êsses "bambini" que haviam monopolizado a venda de jornais, cujos títulos apregoavam com pronúncia fortemente italianizada[10]. Nesse tempo ou antes um pouco aliás haviam surgido os primeiros engraxates ambulantes: menores italianos imigrantes que percorriam as estações da estrada de ferro e as ruas e os largos da cidade. Tinham em geral de dez a catorze anos de idade e recebiam pelo seu serviço três vinténs. Êsses meninos, que eram em número diminuto — segundo as notas de Antônio Egídio Martins — percorriam todos os dias quase todos os largos e ruas de São Paulo. Alguns anos depois o serviço passou a ser feito também por italianos adultos que gritavam — segundo aquêle cronista — "Ingraxatorie!" Ou então cantavam assim: "Ingraxate, ingraxate, la mode de Parisi, que seje de invernize, que seje de cordovone"[11]. Muitos dêles de certo imigrantes que chegando à cidade se recusavam a seguir para as fazendas — fato que era deplorado em fins do século passado nos relatórios de secretários da Agricultura[12]. Em 1890 já havia na cidade cadeiras de engraxates abrigadas por enormes guarda-sóis, onde os fregueses podiam ler cômodamente o seu jornal[13].

Com o desenvolvimento da corrente imigratória os ambulantes italianos apareceram também em quantidade notável pelas ruas paulistanas. Vendiam flores, frutas, hortaliças, peixe fresco e camarão. O

---

[10] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[11] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 124.

[12] Citado por Pierre Denis, *O Brasil no Século XX*, págs. 170-171.

[13] Henrique Raffard, op. cit.

peixe e o camarão êles iam buscar em Santos, entregando a mercadoria ao consumo logo que chegava o trem. Deveu-se mesmo a êles o desenvolvimento dêsse pequeno comércio[14]. As próprias italianas às vêzes conduziam carros com carvão ou com outros gêneros, que ofereciam nas casas particulares[15]. Já havendo até, em 1891, uma emprêsa, com sede na rua da Boa Vista, de Lavagem de Casas e Carregadores Ambulantes. Todavia os mercadores de tabuleiro eram muitos ainda em 1886. Em frente do Teatro São José — observou Everardo Valim Pereira de Sousa — formava-se uma fileira de tabuleiros, mesinhas, baús de folha, panelas, caldeirões, grelhas e frigideiras. E entre os pregoeiros eram comuns moleques que vendiam roletes de caianinhas do Ó em tabuleiros em cujas bordas, com uma batutinha, repinicavam toques de ritmos bem africanos. Nas noites quentes aparecia o mulatão Malaquias, um liberto que cantava assim:

Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de limão;
Quem não tem 200 réis
Não toma sorvete, não.
Sorvete, meus branco,
Pras goela refrescá
E as paqüera retemperá.[16]

Em suas evocações dessa época E. V. Pereira de Sousa falou também dos grupos de quatro ou seis negros — carregadores de piano — que faziam ponto perto da caixa dágua e que transportavam suas cargas acertando o ritmo dos passos pelo som de um maracá

---

[14] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem,* pág. 55.

[15] Henrique Raffard, op. cit.

[16] Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", *Revista do Arquivo Municipal,* CXI, pág. 63.

chacoalhado pelo maioral, entoando restos de cantigas angolesas[17]. Viam-se ainda pelas ruas algumas figuras de ambulantes vendendo balas em uma bandeja sustentada por uma correia de couro passada pelo pescoço. Ou o vendedor de garapa e de cana descascada — escreveu Cássio Mota — guiando uma carrocinha fechada, puxada por burro, dentro da qual havia um pequeno engenho movido a mão[18].

As feiras de madeiras, essas se faziam em 1877 no Bexiga e no largo da Liberdade[19]. Às sextas-feiras e aos sábados era porisso uma inferneira — segundo a evocação de Valentim Magalhães, então estudante em São Paulo — a rua de Santo Amaro. Desde cedo se ouvia o barulho dos carretões sobrecarregados de lenha e de tábuas que os caipiras de Santo Amaro e de outros lugares transportavam para a feira do Bexiga[20]. Acudiam nessas ocasiões à cidade cerca de trezentos carros de boi, conduzindo madeira, enquanto outros carregavam, também de Santo Amaro e de Itapecerica, lenha e pedra de cantaria[21]. Mais tarde — quase em fins do século passado — essas feiras passaram a ser feitas no Alto do Paraíso. A madeira serrada vinha ainda de Santo Amaro, sendo vendida a construtores de casas e fabricantes de móveis[22].

As quitandas é que nos últimos anos do oitocentismo foram se afastando aos poucos do centro da

---

[17] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 65.

[18] Cássio Mota, *Cesário Mota e seu Tempo,* pág. 24.

[19] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 67.

[20] Valentim Magalhães, *Quadros e Contos,* pág. 215.

[21] *Prospecto da Companhia Carris de Ferro* (*1883*).

[22] Pedro Luís Pereira de Sousa, "No Tempo do Velódromo", *O Estado de São Paulo* de 27 de Agôsto de 1950.

157 — Ladeira General Carneiro e o mercado (que seria demolido em 1938-1939) no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

cidade. Quase umas reminiscências das antigas eram por certo as que existiam na rua Quintino Bocaiúva, na época da proclamação da República, segundo as notas de Alexandre Haas citadas por Nuto Santana: uma, dos pretos velhos Adão e Luiza, que vendiam cocada preta e pé-de-moleque; outra, do preto-mina Vicente, que passava o dia todo sentado na porta de sua venda com um fino gorro turco na cabeça[23]. Também umas quase reminiscências das velhas quitandas e dos velhos tabuleiros foram os botequins da avenida São João, ao lado do Teatro Politeama, com os seus fogareiros de lata de querosene na porta, assando castanhas[24].

Da época da proclamação da República data a construção do mercadinho de São João, todo edificado de ferro batido em um local onde antes havia apenas arbustos, coqueiros e bambuais: a baixada do Acu. Só então portanto se tornava realidade um empreendimento que alguns negociantes tinham pensado em realizar já em 1873, quando requeriam à Câmara privilégio para construir nos lugares que mais conviessem à comodidade pública praças de mercado de ferro fundido semelhantes às que existiam na Côrte[25]. O de São João era um mercado de verduras — no dizer de José Jacinto Ribeiro — inaugurado em 1890 em edifício asseiado, bastante claro e com quartos espaçosos e arejados[26]. Foi mais tarde transferido — quando se abriu a avenida São João — para a rua Anhangabaú, debaixo do viaduto de Santa Ifigênia, destinando-se ainda principalmente à venda de verduras

---

[23] Nuto Santana, op. cit., V, págs. 73-74.

[24] Cícero Marques, *De Pastôra a Rainha,* pág. 85.

[25] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, pág. 105.

[26] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* I, pág. 600.

e de frutas[27]. Desde o ano em que se inaugurou o mercadinho do Acu deixou de se realizar na rua das Casinhas a venda de verduras e de legumes, de frutas, de leite, de aves e de ovos[28]. Mas perto da ilhota dos Amôres existia ainda em 1890 o antigo mercado, cujo pátio era em parte ocupado pelas barraquinhas de vendedores de legumes. Pelas onze horas os caipiras que vinham dos arredores com seus burrinhos carregados ainda eram vistos ali, alguns no entanto preferindo oferecer seus gêneros de porta em porta[29].

Ainda em fins do século passado se construiu no largo São Paulo um grande barracão destinado a princípio para mercado, mas logo em seguida transformado em depósito de carne verde[30]. E outro — datando de 1897 — no largo da Concórdia: um edifício quadrangular, tendo no centro um pátio com um chafariz e aos lados casas de negócios. Todo rodeado por duas galerias interiores, com o madeiramento em forma de xadrez, com quatro portas de entrada e quarenta e oito janelas, era em 1900 o mais elegante, embora o menos concorrido dos mercados de São Paulo, no depoimento de Alfredo Moreira Pinto[31]. O antigo edifício da praça do mercado, na rua Vinte e Cinco de Março — vasto telheiro de zinco — foi demolido em 1907 para se construir o mercado novo[32]. Êsse mercado ficava no fim da ladeira João Alfredo, com face também para a Vinte

---

27 "Os Mercados de São Paulo", *Ilustração Brasileira* de 12 de outubro de 1922.

28 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 149.

29 Henrique Raffard, op. cit.

30 Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900*, pág. 264.

31 Alfredo Moreira Pinto, op. cit., pág. 166.

32 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, págs. 63-64.

e Cinco de Março. Fronteiro e quase anexo a êle ficava o chamado mercado dos caipiras, sede de roceiros procedentes de Cotia, de Guarulhos, de Santo Amaro, de Itapecerica, de Parnaíba, que expunham ali mercadorias como caximbos e panelas de barro e colheres de pau[33]. Em 1914 já tinham sido suprimidos os mercados do largo da Concórdia e o que se fazia no largo do Riachuelo, e Alcântara Machado, então vereador, se batia pela demolição do mercado do Anhangabaú. "Precisamos suprimir — dizia êle — o galpão ignóbil que ali está, a dois passos do centro, afrontando a nossa cultura e conspurcando a cidade"[34].

Nesse ano instituiu-se na cidade o regime das feiras-livres. Quando se falou na Câmara em sua instituição, houve quem confundisse as feiras-livres com os primitivos mercados que se faziam ao ar livre, por exemplo na rua da Quitanda. Alcântara Machado mostrou que nessas quitandas antigas vendia-se em tabuleiro tôda a sorte de mercadorias, ao passo que nas feiras que se pretendia instituir só se venderiam certos e determinados artigos, em lugares designados e com as cautelas estabelecidas pelo poder municipal[35]. A primeira feira-livre realizada a título de experiência — e com o comparecimento de vinte e seis feirantes — teve lugar no largo General Osório. A segunda se localizou no largo do Arouche, com a presença de cento e dezesseis mercadores. E a terceira no largo Morais e Barros. Em 1915 elas já eram sete, sendo duas no Arouche, duas no largo General Osório e as demais no largo Morais e Barros, no largo São Paulo e na rua São Domingos. Esten-

---

[33] "Os Mercados de São Paulo", cit.

[34] Alcântara Machado. *Problemas Municipais*, págs. 53-54.

[35] Alcântara Machado, op. cit., pág. 56.

deram-se depois a outros locais e a sua freqüência entrou definitivamente nos hábitos da população[36]. Certos aspectos curiosos da feira do Arouche foram fixados pelo cronista Sílvio Floreal em suas reportagens sôbre coisas paulistanas reunidas depois no livro *Ronda da Meia-Noite*: "Há uma desordenada mistura de fôlhas sêcas, raízes, cascas de pau, frutas esquisitas e exóticas, figas de todos os tamanhos e côres, chifres de veado e de bode, unhas de cabra, couros de animais, pelos e uma infinidade de outras bugigangas milagrosas que servem para bruxarias e malefícios"[37]. Mas não só nas feiras se viam coisas assim. Também naquelas meias-águas de telha e zinco — escreveu F. C. Hoehne — em que os ervanários do mercado velho expunham as suas mercadorias. Tinham essas tendas uma espécie de porta formada por amarrados de ervas e cestos com sementes. E da coberta pendiam ressequidos ramos ou feixes de cipó em mistura com estorricadas peles de cobras, jacarés, lagartos, tatus e molhos de cebolas[38]. Ainda de Floreal foi a referência a velhos costumes de outros séculos que subsistiram até o atual. O de um número considerável de famílias mandarem vender à noite, nas portas dos circos de cavalinhos e dos cinemas de bairro, tôda a espécie de quitandas fritas, cozidas ou torradas, e às vêzes também tabuleiros de doces e bandejas de balas. Já entraram em decadência porém — frizava êsse reporter — dois gêneros de guloseimas noturnas: o pinhão cozido e a batata assada ao forno[39].

---

[36] "As Feiras Livres", *Ilustração Brasileira.*

[37] Sílvio Floreal, *Ronda da Meia-Noite,* págs. 142-143.

[38] F. C. Hoehne, *O que Vendem os Ervanários da Cidade de São Paulo,* pág. 214.

[39] Sílvio Floreal, op. cit., págs. 130-135.

158 — A ladeira General Carneiro em fins do século passado, vendo-se á direita a chamada Cascata do Palacio.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

Por outro lado, já em 1876 havia locais na cidade que tinham se tornado pontos de reunião boêmia, como a "Sereia Paulista", a "Stadt Coblenz" e o Hotel Planet. Nesse mesmo ano foi inaugurado ainda o Café Europeu, o primeiro estabelecimento montado no seu gênero "com luxo e esmêro" na capital da província. Ficava em uma casa térrea da rua da Imperatriz esquina do beco do Inferno (travessa do Comércio)[40]. No ano seguinte surgiram as "Stadt Bern", com chopes, boliches e cançonetas em caramanchões ao ar livre. A primeira que apareceu ficava no largo de São Bento[41]. Entre o largo do Ouvidor e a velha caixa dágua, em um sobradinho, funcionava a cervejaria literária chamada "O Corvo", do alemão Henrique Schomburg[42]. A partir de 1883 e 1884 se destacaram a Imperial Confeitaria, de Nagel, na rua da Imperatriz, e o Café Java.

Também já havia nessa época hotéis muito bons. O Maragliano, na rua de São Bento; o Hotel de França, onde a cozinha era excelente, na rua Direita; uma porção de "allogios" — "pequenos hotéis italianos", como explicou o viajante Június[43] — e principalmente o Grande Hotel, inaugurado parece que em 1878 e que, pelo aspecto suntuoso — escreveu Almeida Nogueira — atraiu grande número de hóspedes do Hotel da Paz. Inclusive diversos deputados provinciais[44]. Tinha êsse Grande Hotel uma sala enorme com inúmeros bicos de gás, candelabros, jarras

---

40 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 87.

41 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 63.

42 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 93.

43 Június, op. cit., pág. 11.

44 Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo,* VI, págs. 258-259.

com flores, espelhos. Era um estabelecimento que não tinha rival na Côrte nem nas outras capitais de província. "Senti uns ares — escreveu Június referindo-se a êle em 1882 — dos bons hotéis da Europa"[45]. Fundado pelo alemão Frederico Glette, ocupava o Grande Hotel todo um quarteirão no beco da Lapa (travessa do Grande Hotel) indo da rua de São Bento até a de São José (Líbero Badaró)[46]. Até o príncipe Henrique da Prússia, irmão de Guilherme II, esteve hospedado nele[47]. Koseritz, que conheceu a cidade em 1883, disse que era um edifício magnífico, com um vestíbulo soberbo. Achou mesmo que êle era o melhor do Brasil, nenhum hotel do Rio podendo se comparar com o de Glette no luxo e nos serviços de cozinha e de adega[48]. Candelabros a gás iluminavam o vestíbulo e por uma escada de mármore branco subia-se ao primeiro andar, onde um empregado de "irrepreensível estilo e toalete", avisado pelo porteiro por campainha elétrica, recebia o recem-chegado. Koseritz salientou ainda que o hotel tinha quartos bonitos, com mobílias elegantes, camas excelentes e mais: "banho, correio e telégrafo em casa"[49]. Mesmo descontando-se o entusiasmo alemão de Koseritz pela realização de um seu patrício, percebe-se que o hotel era qualquer coisa de fora do comum em São Paulo no seu tempo. Mesmo porque, na época da visita de Koseritz, um viajante não-alemão, Andrews, observou que como edificação era o Grande Hotel o maior e o melhor de todo o país, com

---

45 Június, op. cit., pág. 34.
46 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 14.
47 Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora,* pág. 240.
48 Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 252.
49 Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 252.

aposentos e móveis de primeira ordem. A mesa é que não era grande coisa — achou êsse visitante — e a sua porta principal se fechava ainda provincianamente às dez horas[50].

Além dêsse Grande Hotel, o *Almanaque da Província de São Paulo para 1885* registrava o Hotel Brasil e Itália (na rua Boa Vista), o Hotel Fasoli (na Senador Feijó), o Hotel Boa Vista (também na Boa Vista), o Hotel Provenceau (na São Bento), o Hotel do Oeste (no largo de São Bento), que ficava em uma casinha térrea, de aspecto colonial, com um lampião de parede bem na esquina; o Hotel de França (na rua Direita), o Hotel Maragliano (no largo de São Bento) e aguns mais modestos, sem nome, na rua do Brás. Além dêsses, o Hotel Albion (na rua Alegre, depois Brigadeiro Tobias), perto da Estação da Inglêsa, anunciando possuir três jogos de bilhar e de bola; e o Hotel das Famílias[51]. Êsse Hotel das Famílias — um sobradão bem em frente do mercado — cobrava preços especiais e era o preferido pelos calouros da Academia de Direito[52] antes de se aboletarem em alguma república. Mas os únicos hotéis realmente bons que havia em São Paulo nesse tempo eram — segundo E. V. Pereira de Sousa — o Grande Hotel e o Hotel de França. Êste último, famoso em todos os cantos da província, era sobretudo procurado pelos artistas de teatro de mais recursos quando estavam em São Paulo[53]. A êsses

---

[50] Christopher C. Andrews, *Brazil, its' condition and prospects*, págs. 143-144.

[51] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 231.

[52] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", *Revista do Arquivo Municipal*, XCIII, pág. 115.

[53] Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., pág. 122.

dois hotéis se referiu, quase na mesma ocasião, Raffard: o Hotel de França tinha aumentado as suas acomodações, anexando vários sobrados pegados. E o belo edifício do Grande Hotel tinha já em 1890 um rival no Grande Hotel Paulista, òtimamente colocado na esquina das ruas São Bento e Boa Vista[54]. Sabe-se por outro lado que nessa época — 1890 — havia na cidade dezessete restaurantes registrados, entre os quais os da Estação da Luz, da Estação do Norte, do Teatro e do Jardim[55]. Das pensões do tempo a melhor e a mais cara era a da Viúva Reis, que surgiu no período de 1872 a 1876[56]. Em 1886 — quando nela se hospedou um cronista da cidade, E. V. Pereira de Sousa — ficava na rua de São Bento esquina da travessa do Comércio. Era um velho sobrado, anteriormente residência de família abastada, e ficava por cima do estabelecimento do cabeleireiro Husson[57].

Ao mesmo tempo — como se verifica por anúncios publicados nos almanaques de Jorge Seckler — observava-se a transformação dos cafés paulistanos. O Java, que era também restaurante, anunciava que em seu estabelecimento o público podia encontrar "tôdas as condições de luxo e comodidade" e "gabinetes particulares para as famílias, com serviço especial"[58]. Em 1890 Raffard assinalava ainda a exis-

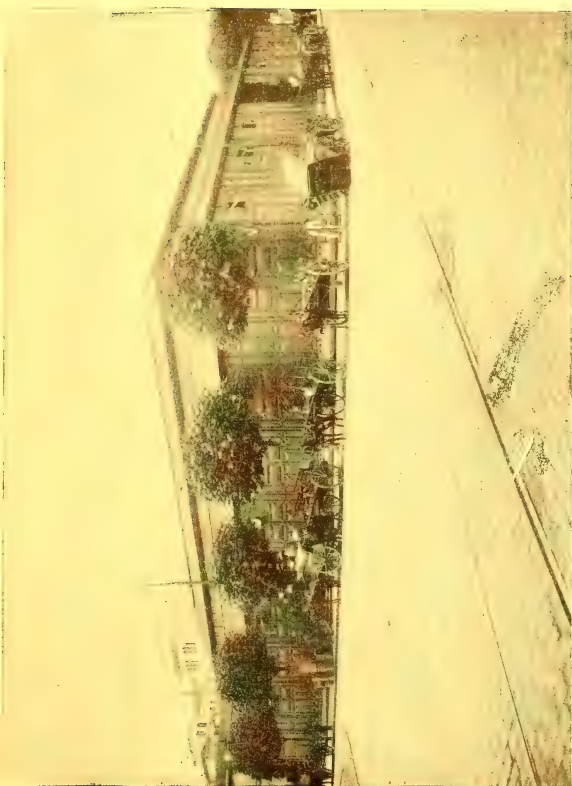
---

54 Henrique Raffard, op. cit.

55 *Almanaque do Estado de São Paulo para 1890,* págs. 183-184.

56 Almeida Nogueira, op. cit., IV, pág. 470.

57 Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* pág. 197.

58 *Almanaque da Província de São Paulo para 1888, anúncios,* pág. 15.

159 — Mercadinho São João (de verduras), na baixada do Acu, fotografado em 1915.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

tência da confeitaria de Nagel, na rua Quinze, e do Café Java, no largo do Rosário. Como novidade, o Café do Terraço Paulista, no largo de São Bento, onde serviam já "caixeiras amáveis"[59]. Quase na mesma ocasião começaram a aparecer estabelecimentos de um outro gênero: ao mesmo tempo restaurantes e botequins, vendendo café, bebidas e alimentos: os quiosques. Aliás já em 1872 dois negociantes haviam requerido à Câmara licença para estabelecerem nos largos da Memória, da Misericórdia, da Cadeia e na Estação da Luz, cafés portáteis à semelhança dos que se usavam na Côrte[60]. Os quiosques montavam-se no centro ou nos bairros, procurando sobretudo os largos, a vizinhança das estações e das pontes, a proximidade dos mercados[61]. Eram feitos de madeira e de formato cilíndrico — escreveu Cássio Mota — espécie de "cafés-bars" cravejados de moscas, onde além do popular café com leite e pão com manteiga encontravam-se refrescos diversos, bebidas, cigarros de palha e de papel, charutos, fumo de corda, biscoitos, balas de açúcar cândi, jornais e bilhetes de loteria, graxa e cordões para sapatos. Alguns eram providos de pequenas rodas que facilitavam o seu deslocamento de um ponto para outro[62]. Eram êsses quiosques-botequins paulistanos, nesse tempo, em geral maiores que os usados no Rio de Janeiro[63]. De cêrca de onze metros de diâmetro era um que se queria estabelecer

---

59 Henrique Raffard, op. cit.

60 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LVIII, pág. 100.

61 Nuto Santana, op. cit., III, págs. 41-50.

62 Cássio Mota, op. cit., pág. 21.

63 Henrique Raffard, op. cit.

em 1881[64]. Cresceram e se multiplicaram loucamente na cidade, chegando a haver de 1890 em diante uma Emprêsa Industrial de Quiosques[65]. Depois foram desaparecendo aos poucos. Mas dizem que no começo dêste século ainda havia alguns.

Em fins do século passado e no começo do atual os hotéis melhores passaram a ocupar edifícios mais imponentes, ao mesmo tempo que várias confeitarias de luxo se instalaram nas ruas do Triângulo. No largo de São Bento, em edifício de três andares, funcionou o Hotel Rebecchino[66]. Do outro lado, também em prédio de construção elegante, de três andares, o Hotel Bela Vista. Na rua Direita o Hotel de França estava ainda nos velhos sobrados de taipa de outros tempos[67]. As confeitarias de luxo, essas começaram a se localizar particularmente na rua Quinze de Novembro. No princípio do século atual, porém, parece que o largo do Rosário — aliás ponto final daquela rua — é que se tornou a localização preferida por elas. Ali, nas confeitarias — como se dizia no álbum de Jules Martin — reuniam-se os rapazes paulistanos. Confeitarias entre as quais se destacava a Castelões, com suas três portas abertas até às dez horas da noite[68]. As famílias se encaminhavam para lá — escreveu Cícero Marques evocando o 1900 paulistano — por volta das duas e meia às quatro da tarde, para tomarem seus sorvetes e comerem seus

---

[64] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXVII, pág. 61.

[65] Nuto Santana, op. cit., III, pág. 49 e seguintes.

[66] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 90.

[67] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* págs. 90-92.

[68] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 92 e Cícero Marques, *Tempos Passados...,* pág. 72.

doces. Saíam depois porque às cinco era a hora das "cocotes" de alto coturno, que então tomavam conta do local até a noite. As famílias debandavam para outras confeitarias: a Fasoli, a Nagel, na rua Quinze. Ou então o Pinoni, pegado à Casa Baruel. Ou ainda a Brasserie e a Progredior, esta na rua Quinze também[69]. Na Progredior contou Cícero Marques que se reuniam de preferência famílias estrangeiras. E que de noite era também bastante movimentado o Café Guarani, procurado sobretudo pela gente mais boêmia: freqüentadores dos espetáculos de teatro e de café-concêrto[70]. Focalizando cenas da vida paulistana em 1912, José Agudo, em seu livro *Gente Rica,* ainda se referia ao Guarani assim: "À porta, transbordando sôbre o passeio, havia o habitual agrupamento de bacharéis em perspectiva, que ali costumam expor diàriamente aos transeuntes pacatos o irrepreensível corte das calças vincadas e dos paletós cintados, a cromática mirabolância das gravatas e a estravagância morfológica dos chapéus". Dêsse cronista é também a descrição da praça Antônio Prado, onde se aglomeravam sujeitos que esperavam o bonde ou o convite para beberem. E a cena em que um dos personagens, convidado para ir ao Castelões ou à Brasserie, responde: "Vamos à Brasserie. Não me agrada a freguesia que a estas horas freqüenta o Castelões"[71]. Sabe-se que algumas confeitarias como o Fasoli e o Pinoni nesse tempo além de boa orquestra já proporcionavam à noite de graça aos seus freqüen-

---

[69] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 92 e Cícero Marques, op. cit., pág. 86.

[70] Cícero Marques, op. cit., pág. 112.

[71] José Agudo, *Gente Rica,* pág. 119.

tadores funções cinematográficas[72]. Ainda na primeira década do século atual destacavam-se entre os cafés paulistanos o Acadêmico, o Schortz — ponto predileto também de rodas literárias e boêmias — e o América. Êste último ficava entre o largo do Tesouro e a rua Quinze e era — segundo Nuto Santana — uma espécie de "bas fond" central, com fregueses em mangas de camisa: carregadores, motorneiros, pretalhões. Depois apareceram ainda outros cafés que se tornaram famosos, como o Brandão, no ponto em que mais tarde se ergueria o Edifício Martinelli[73]. Os cafés-concêrto, no começo do século — segundo a evocação de Cícero Marques — eram o Politeama, onde funcionou depois a Delegacia Fiscal, o Moulin Rouge, no largo do Paissandú, e o Cassino, na rua Vinte e Quatro de Maio, também chamado de Cassino dos Médicos[74].

Alguns anos mais tarde Paul Walle escrevia que existiam em São Paulo vários hotéis, dos quais no entanto a maioria não oferecia ainda senão confôrto elementar como serviço e como mesa. Para atender às necessidades locais e às dos estrangeiros que chegavam à cidade cada vez em quantidade maior seria necessário, segundo êsse francês, um estabelecimento no gênero do Palace, que se abrira pouco antes no Rio de Janeiro. Em São Paulo o melhor era sem dúvida, para êle, o Hotel Rotisserie Sportsman, no centro, ao lado do viaduto do Chá. Êsse estabelecimento cosmopolita, dirigido à francesa, possuía boa

---

[72] Domingos Angerami e Antônio Fonseca, *Guia do Estado de São Paulo* (1912), pág. 210.

[73] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, anúncios, pag. 15, e Nuto Santana, op. cit., V, págs. 158-159.

[74] Cícero Marques, *Tempos Passados...*, págs. 103-104.

160 — Aspecto geral do antigo mercado da rua 25 de Março.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

mesa. O edifício era novo mas não fôra construído especialmente para hotel. Tinha três pavimentos na frente da rua de São Bento e quatro para os fundos, dando para a Líbero Badaró. Em seu salão nobre, sustentado por três colunas e com palco para orquestra, é que se davam os grandes banquetes da época[75]. Entre os outros hotéis classificados como bons ou médios por Walle figuravam o Grande Hotel do Oeste, na rua Boa Vista, o antigo Grande Hotel, na de São Bento, o Hotel Suíço e a Pensão Morais, no largo Paissandú, o Grande Hotel Bristol, na Gusmões, e o Hotel Albion, na Brigadeiro Tobias[76].

As lojas paulistanas também revelaram aspectos diferentes a partir de 1870. Um observador da cidade em 1882 — observador que estivera ausente durante trinta anos — notava como coisa nova que havia grupos de senhoras passeando desacompanhadas pelo centro, olhando as vitrinas, entrando nas casas comerciais para fazer compras, freqüentando as confeitarias. Novos traços e padrões culturais — diriam os especialistas — haviam desalojado aquêles que dominavam em outros tempos. E já então, sem sair da rua da Imperatriz, uma senhora ou um homem encontravam todo o necessário "para que se apresentassem no rigor da moda de Paris", vestindo-se, penteando-se, perfumando-se, adornando-se de joias custosas[77]. A rua Direita — segundo observação de Koseritz em 1883 — essa então lembrava a Côrte, por causa das suas grandes lojas, das suas vitrinas, dos seus quiosques com bandeirolas, dos seus anúncios

[75] Alfredo Moreira Pinto, op. cit., pág. 177.
[76] Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* págs. 70-71.
[77] Június, op. cit., págs. 49 e 118-119.

coloridos em tôdas as paredes[78]. Cresceu de forma notável o número de lojas de fazendas, de armarinhos, de ferragens, de pianos e outros instrumentos musicais, de charutarias. Em 1873 já se fazia anúncio em um almanaque de um armazém de gêneros norte-americanos: o de Antônio Borges Ferrer, na rua da Imperatriz[79]. E já no *Almanaque da Província para 1885*[85] faziam anúncios cêrca de vinte e cinco casas importadoras: de bengalas, de guarda-sóis, de brinquedos, de artigos para viagens, de louças e cristais. Aliás os importadores da época — almanaques de 1885-1888 — recebiam quase sempre os gêneros mais disparatados, sendo porisso comuns os anúncios em que se faziam referências a livros ou artigos tipográficos e a vinhos, por exemplo. Ou a vinhos do Pôrto e a casimiras. J. Flasch, na rua de São Bento, anunciava artigos franceses, inglêses e alemães concernentes à alfaiataria, juntamente com vinhos do Reno e com o famoso "Tokayer". E a Casa Garraux, "grands vins de Champagne", "vins du "Rhin", conhaques e licôres, ao lado de livros, carimbos de borracha e burras de ferro[81]. É evidente, por outro lado, que os almanaques dêsse tempo ainda anunciavam também os trastes tradicionais, que continuavam sendo vendidos pelos armazéns de ferragens ou pelos importadores: as gaiolas, os baús, os lampiões de querosene. Mas o comércio das ruas centrais por certo se aristocratizara, não apenas em relação às coisas que se

---

[78] Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 255.

[79] *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873*, pág. 119.

[80] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, págs. 231-232 e 603 e seguintes.

[81] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, págs. 89, 92, 93 e 94.

vendiam, como na própria forma pela qual elas eram apresentadas ao comprador.

As modistas francesas de meados do século, madame Pascau e madame Pruvot, ainda eram citadas em um almanaque de 1873, ao lado de outras quase sempre estrangeiras: Adriana de Carvalho, Ida Fuchs, Madame Corbisier, Madame Marie Metivier e Rosalie Naret[82]. Os almanaques de Seckler, alguns anos mais tarde, não citavam mais as modistas de 1865. Citavam porém Madame Marie Escoffon, com oficina de coletes para senhoras, na travessa do Rosário. E a cabeleireira Madame Prunier, na rua da Imperatriz. As denominações francesas é que se ostentavam ainda em muitos estabelecimentos, não só de barbeiros e cabeleireiros (Au Figaro Parisien, La Grande Duchesse) como em casas de fazendas, de modas e armarinhos: Notre Dame de Paris, Notre Dame de Londres, Au Palais Royal, Au Boulevard, Au Louvre, Au Printemps — quase tôdas localizadas na rua da Imperatriz e pertencentes em geral a comerciantes de nomes brasileiros. Isso porém ao lado de casas de modas com nomes de sabor bastante português: Ao Torrador, Ao Novo Mundo, À Lealdade, Ao Rei dos Barateiros, Simpatia das Moças, e Ao Unico Mais Barateiro[83]. Particularmente de enorme importância foram nessa época as casas importadoras de máquinas e instrumentos para a lavoura. Como a de Frederico Schulze & Cia., na rua de São Bento, anunciando locomóveis e máquinas a vapor, sendo os únicos agentes de Ruston Proctor & Cia., de Lincoln (Inglaterra).

---

[82] *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873*, pág. 127.

[83] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, págs. 214, 220 e 226.

Ou J. P. de Castro & Cia., na rua do Palácio, agentes exclusivos de máquinas para a lavoura e outros instrumentos, dos fabricantes Brown & May, Devizes[84].

O desenvolvimento das lojas paulistanas se intensificou ainda mais acentuadamente no tempo da proclamação da República. Sabe-se que nessa época muitos comerciantes de artigos de moda e de joias se transferiram do interior — sobretudo de Campinas, então assolada por uma epidemia de febre amarela — para a capital de São Paulo. Foi quando surgiram na cidade também casas vendendo móveis europeus, cristais da Boêmia e de Veneza, tapetes orientais, jarrões japoneses[85] — tôda a sorte de ornamentos de luxo para a casa do antigo homem rural de Piratininga, já enriquecido e urbanizado. Entretanto ainda em 1890 não se podiam comparar as lojas paulistanas — segundo Raffard — aos "grands magazins" do Rio de Janeiro, se bem que algumas pudessem fazer boa figura nas ruas principais da capital do país[86]. A Baruel — a mais importante drogaria de São Paulo na época — funcionava em prédio abarracado, reconstruído em 1897, quando se tornou um dos melhores da cidade, como assinalava Jules Martin em seu álbum de 1905[87]. As barbearias, nessa época, ainda ostentavam na porta o distintivo do ramo: um pratinho amarelo de latão[88]. As lojas de modas — como se pode verificar pelo *Almanaque Paulista Ilus-*

---

[84] *Almanaque da Província de São Paulo para 1886,* pág. 24, e para 1888, págs. 47, 73 e 83.

[85] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", cit., págs. 123-125.

[86] Henrique Raffard, op. cit.

[87] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno,* pág. 92.

[88] Cícero Marques, *De Pastôra a Rainha,* pág. 144.

161 — Depósito de carnes do largo São Paulo (praça Almeida Júnior) em 1890.
(Arquivo do Departamento de Cultura)

trado para 1896 — eram ainda nos últimos anos do oitocentismo de proprietários em grande parte de nomes estrangeiros: Madame Berry, Fanny Vaucheret, Francisco de Lalo, Mademoiselle Idrac, Madame Ravault — todos provàvelmente franceses. Mas também alemães: Henrique Bamberg & Cia., J. Herbmeyer, Viúva Ida Weiler, Frere & Appenheim[89]. E ainda italianos. O comércio italiano já era considerável na cidade em 1895, segundo o álbum de Koenigswald. Havia mesmo em São Paulo grandes casas bancárias e comerciais entretendo relações com a Península[90]. Eram italianos — escreveu Aureliano Leite referindo-se ao 1902 paulistano — os maiores e os mais numerosos comerciantes[91]. E em 1907-1908 Gina Lombroso Ferrero, é verdade que em livro um tanto exagerado pelo seu espírito de italianidade, observava que nos negócios de vestuário, em São Paulo, figuravam com destaque os algodões lombardos e os chapéus florentinos ou alexandrinos[92].

Eram ainda quase sempre localizadas, as lojas principais, no Triângulo e suas imediações. Koenigswald, em 1895, escrevia: "As ruas de maior importância são a Quinze de Novembro, a Direita, a São Bento, a do Comércio e a do Rosário, nas quais se ostentam as grandes casas comerciais assim como os importantes edifícios bancários"[93]. Embora o capita-

---

89 *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, pág. 339.

90 Gustavo Koenigswald, *São Paulo* (álbum de 1895), págs. 13, 14, 15.

91 Aureliano Leite, "De Américo Vespucci a Francisco Matarazzo", *Fôlha da Manhã*.

92 Gina Lombroso Ferrero, *Nell'America Meridionale*, pág. 34.

93 Gustavo Koengiswald, op. cit., pág. 12.

lista José Estanislau do Amaral Campos, em tôrno de 1890, tivesse edificado, no distrito de Santa Ifigênia, muitas casas destinadas a lojistas, procurando atrair o comércio para aquêle ponto da cidade[94], nos bairros em geral — em fins do século passado — mostrou Cássio Mota que o comércio ainda deixava muito a desejar, "era pequeno e muito espalhado, não satisfazia em absoluto às necessidades da população. Os bairros eram quase noventa por cento residenciais: havia ruas e ruas sem uma casa de comércio". O alto comércio, "o comércio para tudo e para todos", escrevia êle, era no centro que se condensava. E mais especialmente na rua Quinze, que se destacava pelo luxo de suas lojas[95]. Casabona viu ali, em 1906, belas joalherias e magazines bem providos e elegantes[96]. Os armazéns eram numerosos e bem sortidos — assinalava Wiener em 1907 — embora se falasse em crise: "Diante da minha casa havia um vendedor de fonógrafos que para atrair clientes fazia tocar constantemente um de seus instrumentos"[97]. Dessa condensação do comércio quase todo no centro Silva Teles já em 1907 apontava os inconvenientes: "Não tardará muito e o centro da cidade será insuficiente para comportar o movimento, e a circulação irá sendo por demais penosa. É certo que a cidade tende a se desenvolver; o comércio se expande francamente pelos pontos menos centrais, mas indefetìvelmente o centro, onde pulsará sempre a vida do município, será o Triângulo e suas próximas adjacências"[98]. Em

---

[94] Henrique Raffard, op. cit.
[95] Cássio Mota, op. cit., pág. 23.
[96] Louis Casabona, *São Paulo du Brésil,* pág. 68.
[97] Charles Wiener, *333 Jours au Brésil,* pág. 44.
[98] Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo,* pág. 33.

1911-1912 algumas grandes casas de negócio — observou o viajante Forrest — estavam se localizando no vale que separava a velha da nova cidade: o do Anhangabaú. Escreveu êsse observador da cidade aliás que as lojas paulistanas eram bonitas e suas mercadorias bem dispostas, embora seu movimento fôsse algum tanto restrito devido ao grande número de feriados e dias santos em que permaneciam fechadas[99]. Todavia na edição de 1920 de seu livro — época em que a cidade tinha, segundo Paulo Rangel Pestana, oito mil e oitenta e cinco casas comerciais[100] — Paul Walle escrevia: "É nesse Triângulo, grande centro comercial dos negócios, que se concentram todos os bancos, os grandes armazéns e as grandes casas de negócio paulistas"[101].

Mais surpreendente que o do comércio foi no entanto, a partir do último quartel do século passado, o desenvolvimento da indústria paulistana. Em 1872 foi fundada na capital a fábrica de tecidos do major Diogo Antônio de Barros, possìvelmente como um dos resultados do desenvolvimento de cultura algodoeira na província a partir de 1866, em conseqüência da Guerra de Seccessão nos Estados Unidos. O major — que foi um autêntico pioneiro — além disso percorrera a Europa e tomara conhecimento de seu progresso industrial, resolvendo montar na cidade de São Paulo uma fábrica que pudesse produzir tecidos para concorrer com os inglêses. Funcionou em edifício que tinha sua entrada pelo atual beco da Fábrica, no quarteirão que fica entre as ruas Senador Queiroz e

---

[99] Archibald Forrest, *A Tour through South America*, pág. 304-308.

[100] Paulo Rangel Pestana. "A Cidade de São Paulo — Evolução Histórica". *A Capital Paulista* (album de 1920).

[101] Paul Walle, op. cit., pág. 52

Paula Sousa (na Florêncio de Abreu), a partir de 1872 (ou de 1874, segundo Martins)[102], com trinta teares, sessenta operários, e contramestres inglêses. Tinha descaroçadores, máquinas de benefício, fiação, tinturaria, tecelagem e enfardamento — enfim tudo o que era preciso para a fabricação do algodãozinho. Em 1872 a manufatura de chapéus também já contava com mais duas fábricas, a de Fischer e a de Guilherme Auerback & Cia. E entre 1870 e 1872 apareceram as fundições e serralherias a vapor de Hund e de A. Sydow[103]. Outro pioneiro da indústria de São Paulo, nesse tempo, foi o emigrado alemão Gustav Sydow, que montou serraria a vapor no morro do Chá, no local agora ocupado pelo Teatro Municipal e pelo Hotel Esplanada. Outras ocorrências, na mesma época, denotavam tendências progressistas na indústria paulistana. Em 1872 João Ribeiro da Silva, dono da Olaria do Bom Retiro, na Luz, pedia à Câmara consentimento para abrir uma vala na várzea, por onde pudesse entrar e atracar no seu estabelecimento o vaporzinho "Progresso", com o objetivo de facilitar o abastecimento de combustíveis e outros acessórios à sua indústria[104]. Em 1875 — segundo o balanço de J. Floriano de Godói — havia na cidade fábricas de chapéus (de sêda, de castor e de lebre), de carros e carruagens, de tecidos de algodão, de cerveja, de bilhares, de livros em branco, de móveis, de selins e arreios, de vinhos, vinagres e licôres, de fogos, de relógios — além de fundições de ferro e de

---

102 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 15.

103 Paulo Rangel Pestana, *A Expansão Econômica do Estado de São Paulo num Século* (1822-1922), pág. 27

104 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LVIII, pág. 153.

162 — Tenda de ervas e passarinhos, de Pai Inácio, no mercado velho, no começo do século atual.

(Fotografia reproduzida do livro de F. C. Hoehne *O que vendem os ervanários de São Paulo*, 1920).

bronze[105]. Mas foram se estabelecendo outras especializações fabris. Em 1878 dois italianos — Ludovico Dal Porto e Francisco Casini — fundaram a primeira fábrica de massas alimentícias que houve na cidade, e que ficava na rua Monsenhor Andrade[106]. No ano seguinte começou a funcionar na rua da Imperatriz uma oficina de instrumentos de ótica[107]. E poucos anos depois — em 1882 — o viajante Június dava suas impressões a respeito das fábricas de carros, das marcenarias e dos depósitos de móveis que vira na cidade, com vitrinas que exibiam objetos de bom gôsto e de notável valor. E observava já a afluência de gente de muitos pontos do interior de São Paulo e de outras províncias à capital a fim de se entregar a diversos ramos da indústria[108].

Em 1883 o jornalista teuto-brasileiro Von Koseritz visitou uma fábrica de chapéus — a de Schritszmeyer — que funcionava em edifício especialmente construído para ela, aparelhada com máquinas de construção moderna e onde trabalhavam cento e trinta e dois operários. As fábricas mais importantes de São Paulo nesse tempo — escreveu o autor de *Imagens do Brasil* — ficavam "na continuação da rua de São Bento", que era a da Constituição (Florêncio de Abreu); as grandes fiações de algodão do major Diogo de Barros e Kovarik; a tipografia de Seckler (que imprimiria os Almanaques da Província) e a fábrica de carros do senhor Mesemberger[109]. Essa

---

[105] Joaquim Floriano de Godoi, *A Província de São Paulo*, págs. 24-25.

[106] Bandeira Júnior, *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, pág. 81.

[107] Bandeira Júnior, op. cit., pág. 211.

[108] Június, op. cit., pág. 56.

[109] Carl Von Koseritz, op. cit., págs. 256-267.

localização das fábricas na rua da Constituição já representava o primeiro movimento de uma tendência observada recentemente pelo professor Pierre Deffontaines estudando a indústria paulistana: a de que a paisagem industrial de São Paulo foi se localizando ao longo de um eixo formado pela linha da antiga São Paulo Railway. "As fábricas sendo escravas em grande parte do exterior, para o abastecimento em matérias primas ou combustivel, a vizinhança da via férrea era indispensável"[110]. Naquele tempo, o primeiro movimento foi a localização na rua Florêncio de Abreu, que era o caminho para as estações da Inglêsa. De fato, no *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* se a gente encontra ainda referência a alguma fábrica localizada no centro da cidade (ruas do Ouvidor, do Riachuelo, Direita, São José, largo de São Francisco) e em outros pontos da cidade (ruas Sete de Abril, das Palmeiras, da Consolação) encontra muitas indústrias localizadas para os lados da estação da estrada de ferro. Eram fábricas de tecidos, de livros em branco, de licôres e vinagres, de águas gasosas, de carros, de pianos, e fundições, espalhando-se pelas ruas 25 de Março, Alegre (Brigadeiro Tobias), Florêncio de Abreu e pelo largo General Osório[111]. Êsse almanaque de 1885 fazia referência ainda a fábricas de cola, de caixas de papelão, de gêlo, de macarrão, de meias e de sabão e velas. Algumas fábricas anunciavam o adiantamento de seu aparelhamento ou o sistema de sua produção. Uma, de cervejas e limonadas gasosas, esclarecia: "sem ação

---

[110] Pierre Defrontaines, "Regiões e Paisagem do Estado de São Paulo", *Geografia,* n.º 2, pág. 117 e seguintes.

[111] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* págs. 210 e seguintes.

direta do fogo"[112]. E a fundição de Adolfo Sydow se declarava habilitada a fabricar "engenhos de açúcar, serras, bombas centrífugas, prensas, portões e grades de ferro, tesouras de ferro para tetos, pontes de ferro batido, tanques para água, instrumentos agrícolas, chapas para fogões, rodas hidráulicas e sortimento de máquinas para a lavoura"[113]. Ao lado dessas indústrias, as pequenas oficinas de trabalhos manuais, que vinham por certo de tempos remotos, estavam igualmente representadas no almanaque editado por Seckler: além das olarias, que eram quarenta e duas, pintando de vermelho a paisagem do Tatuapé, do Catumbi, da Barra Funda e da Água Branca, as oficinas de baús e canastras; duas fábricas de picar e desfiar fumo; uma oficina de gaioleiro e três de tamanqueiros[114]. Indústrias tão modestas como aquelas outras — de petecas e de baínhas de couro para facas — em que se especializara por volta de 1870 o negro Chico Mimi, morador do Morro da Fôrca[115]. Podia ainda ser colocada entre essas indústrias modestas e quase sempre caseiras — registradas em 1885 pelo *Almanaque da Província* — a de "doce nacional" anunciada como de propriedade da Viúva Reis[116], que fôra dona de uma das primeiras pensões aristocráticas de São Paulo.

---

[112] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 606.

[113] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 644.

[114] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, págs. 215, 229, 238 e 253.

[115] Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, pág. 18.

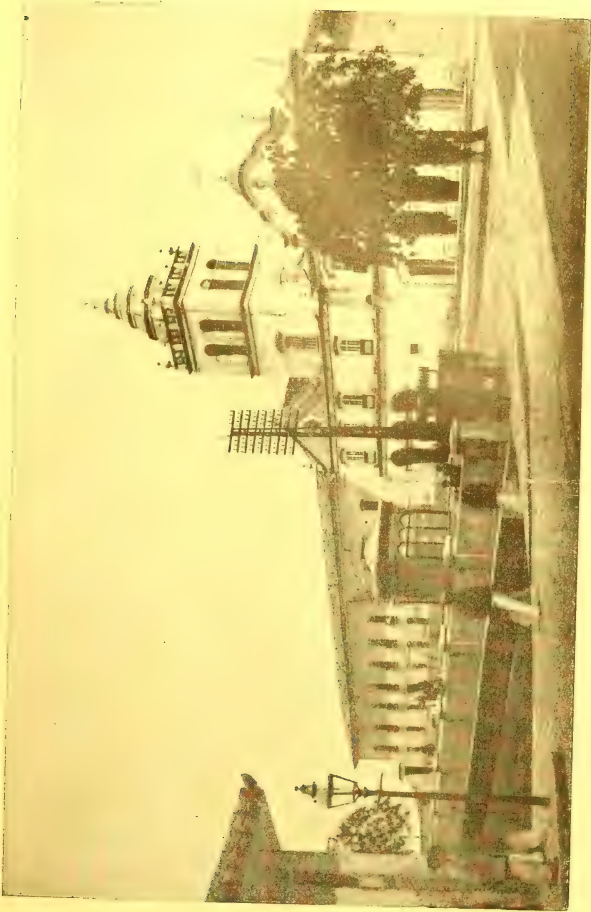
[116] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 223.

Foi sobretudo a partir de 1886 — segundo Roberto Simonsen — que diversos fatores modificaram a situação da cidade no setor das indústrias. Entre êles o fato de se ter tornado São Paulo o maior produtor de café do país. Surgiu então na cidade uma indústria regular de máquinas para benefício de café. Muitas patentes foram concedidas nesse tempo — observou Simonsen — a diversos tipos de engenhos próprios para a lavoura do café, muitos dos quais até agora são aproveitados em seus princípios fundamentais[117]. Os almanaques da província, de 1885 a 1888, registravam os anúncios de alguns dêsses fabricantes. Entre êles, o estabelecimento de Engelberg Siciliano & Cia, nos Campos Elíseos, que anunciavam o descascador de café "Engelberg"; o ventilador para café em coco "Apartador das Pedras" e a máquina de beneficiar arroz "Evaristo Conrado", privilegiados pelo govêrno imperial. Outro estabelecimento anunciava secador, despolpador, descascador e catador de café, separador de arame e batedor mecânico para refinação de açúcar. Outro ainda, um ventilador para expelir a palha do café "com peneira sem jôgo, ventilando mais de mil arrobas em dez horas de trabalho". Acrescentava detalhes: "não estremecia a casa e não deixava acumular casca dentro de casa". Inventado e fabricado por industriais radicados em São Paulo[118].

Mas a expansão fabril prosseguiu também em outros ramos. No período de 1885 a 1890 foram fundadas novas indústrias de tecidos e aniagens, de roupas, cervejas, de licores e vinagres, de corda e barbante, de livros em branco, de móveis — notando

---

117 Roberto Simonsen, *A Evolução Industrial do Brasil*, pág. 37.

118 *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, págs. 194 e 246.

163 — Quiosque localizado em frente à igreja do Carmo, provàvelmente no começo do século atual.
(Fotografia existente no Museu Paulista).

Raffard em 1890 a excelência de seus produtos confrontados com os melhores do Rio, e achando interessante, nessas fábricas, a utilização de madeiras estrangeiras como o freno da Hungria e outras da Ásia[119] — de instrumentos de música, de máquinas; uma cristalaria e uma fábrica de rolhas; a primeira de luvas (1887), de Victor Savin, na rua do Rosário[120]; uma de banhas, empregando trinta trabalhadores e que talvez fôsse a primeira de seu gênero no país[121]; e a primeira de fósforos (também em 1887) de Eisembach & Cia., montada com maquinismos importados dos Estados Unidos e que produzia por ano trinta milhões de caixinhas de fósforos imitando os Jonkopings da Suécia[122]. A fábrica de Eisembach ocupava uma área edificada de dois mil e quinhentos metros quadrados, na Vila Mariana, e empregava mais de duzentos e vinte operários[123]. Nessa época — em 1888 — a fábrica de Diogo de Barros contava já com cento e cinqüenta teares e um motor a vapor Carliss, de trezentos H. P., cujas caldeiras eram aquecidas a carvão Cardiff. A tinturaria era dotada de dois poços artesianos, um dos quais atingia duzentos metros de profundidade[124]. Segundo observação do major Diogo a um visitante da cidade, em 1882, a sua indústria exercera influência benéfica sôbre os seus trabalhadores. "Muitos aprenderam ali os serviços que hoje executam com destreza, e adquiriram hábitos de ordem e regularidade de conduta que lhes

---

119 Henrique Raffard, op. cit.

120 José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 587.

121 Alberto Sales, *A Pátria Paulista,* págs. 160-161.

122 Henrique Raffard, op. cit., e José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 665.

123 Alberto Sales, op. cit., págs. 160-161.

124 *A Noite* (São Paulo), reportagem.

têm aproveitado na vida doméstica"[125]. No fim da penúltima década oitocentista eram cento e quarenta e três os operários dessa fábrica. Já funcionavam também na cidade a indústria de tecidos de algodão de Anhaia & Cia., com duzentos teares, e a de tecidos de chita de Frederico Kowarik, empregando regularmente setenta operários[126]. Na mesma época — em tôrno de 1890 — uma das indústrias mais exploradas na cidade era a de serrar e aparelhar madeiras. Em todos os bairros paulistanos se encontravam serrarias mecânicas movidas a vapor e em geral bem montadas e munidas das máquinas mais aperfeiçoadas, utilizadas inclusive no corte de lenha em pedaços uniformes[127]. As marmorarias foram fundadas também nesse tempo sob o influxo de imigrantes italianos fixados na cidade. Das dez marmorarias registradas por uma publicação de Seckler, nove eram de italianos ou seus descendentes. Entre êles, Conti Valenti & Cia., donos da Marmoraria Central, na rua Boa Vista, que anunciavam: "Correspondência direta com as grandes caieiras de mármore de Carrara (Itália) nos põe nos casos de executar qualquer encomenda"[128]. Também pertenciam a pessoas de nomes italianos as fábricas de massas e macarrão que se estabeleceram depois daquela de Dal Porto e Casini: Carolina Gallo, Donato Marzon, Francisco Biondi, Luigi Coglardi, Miguel Riochiello, Rosário Medici e Romanelli & Cia[129].

---

[125] Június, op. cit., pág. 78.

[126] Alberto Sales, op. cit., págs. 156 e seguintes.

[127] Henrique Raffard, op. cit.

[128] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888* anúncios, pág. 48.

[129] *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, pág. 335. Entretanto nessa época — embora a indústria brasileira, de modo geral, como observou Prado Júnior, tivesse tido seu

Muitas dessas fabricas que se fundaram em São Paulo no período de 1885 a 1890 já esboçavam, pela sua localização, a formação de alguns dos bairros fabris: rua do Gasómetro, Brás, Mooca, Bom Retiro, Belenzinho, Vila Prudente, Cambuci e Ipiranga, Pari, Luz, Barra Funda, Água Branca, Lapa[130]. Essa formação dos bairros fabris se caracterizaria melhor todavia na última década do século passado e no começo do atual — época de que existem boas referências no trabalho de Bandeira Júnior sôbre a indústria paulista em 1901[131]. Entre as indústrias então mais recentes na cidade citava Bandeira Júnior a de móveis e objetos de vime, de Guilherme Witte, fundada em 1880 e com pessoal todo alemão. A fábrica de tecidos fundada em 1889 por Antônio Álvares Penteado, e em que trabalhavam, nas oficinas de aniagem, mais de oitocentas pessoas, quase tôdas italianas. E a fábrica Santa Marina (vitraria), na Água Branca, fundada em 1897 por Antônio Prado e Elias Fausto Pacheco Jordão, com duzentos trabalhadores italianos e franceses. Era essa vitraria a única no Brasil e a segunda no continente sul-americano, sendo a matéria prima e o combustível de fornalhas, dos terrenos de sua propriedade[132]. Por outro lado os

---

primeiro surto apreciável no último decênio do Império — São Paulo, apesar do seu desenvolvimento, ainda figurava em segundo plano (Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil,* págs. 208, 209 e 270).

[130] Caio Prado Júnior, "Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, vol. 7.

[131] Bandeira Júnior, op. cit.

[132] Bandeira Júnior, op. cit., págs. XVIII, 150 e 217, e Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* págs. 217-218.

irmãos Falchi haviam transformado o antigo e deserto local de Vila Prudente em vila fabril cheia de vida e de trabalho, com comércio desenvolvido, fábricas, escolas, residências mais ou menos confortáveis[133]. Nesse tempo se desenvolviam sobretudo as tecelagens, contando-se, além da de Álvares Penteado, a Companhia Industrial, com cento e sessenta e oito teares e cêrca de quatrocentos trabalhadores; e a Companhia Fabril Industrial (antiga Anhaia), com trezentos e cinqüenta operários [134]. Mas era incalculável — segundo Bandeira Júnior — o número de tendas de sapatarias, marcenarias, fábricas de massas, de graxa, de óleo, de tintas de escrever, fundições, fábricas de calçados, manufaturas de roupas e chapéus, funcionando em estalagens e em fundos de armazens. Como era considerável o número de menores, a contar de cinco anos, ocupados em serviços fabris, percebendo salários que começavam por duzentos réis a diária[135]. Não só a maioria de operários, como a maioria de industriais, era então constituída de elementos italianos. Basílio de Magalhães, em seu estudo publicado em 1913, escrevia que eram de italianos as indústrias e as fábricas mais importantes de São Paulo[136].

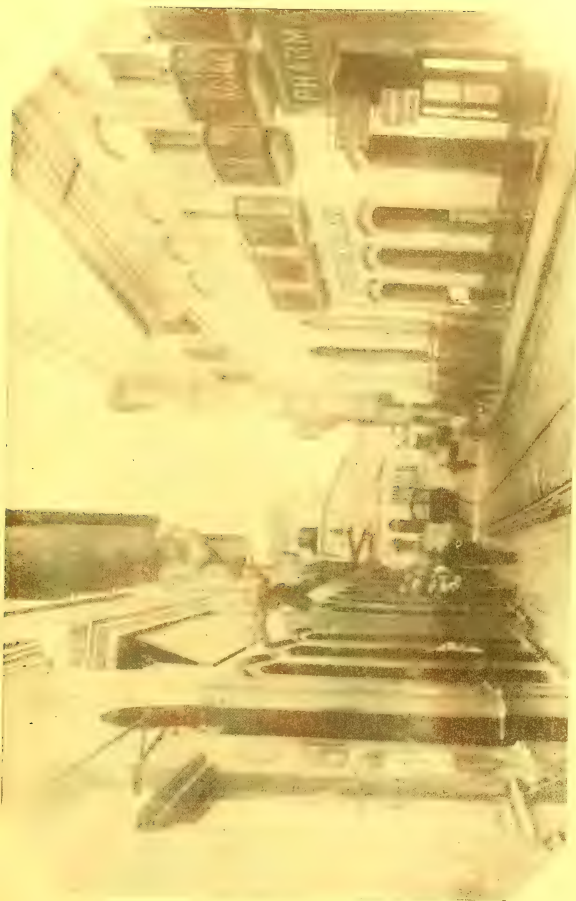
As perturbações financeiras que ocorreram de 1897 a 1900 segundo Paul Walle colocaram certos estabelecimentos fabris paulistanos em situação triste. Muitos desapareceram. Outros porém se reorganizaram e se tornaram prósperos. Foi a partir de 1900, segundo êsse cronista, que sob a proteção de nova

---

[133] Bandeira Júnior, op. cit., pág. XIX.

[134] Alfredo Moreira Pinto, op. cit., págs. 207-210.

[135] Bandeira Júnior, op. cit., págs. XI e XIII.

[136] Basílio de Magalhães, *O Estado de São Paulo e seu progresso na atualidade*, pág. 74.

164 — Rua da Imperatriz (Quinze de Novembro) em 1887, época em que aí se localizavam muitas das principais lojas elegantes da cidade.

(Coleção Paulo Florençano)

tarifa aduaneira, a indústria manufatureira começa a acusar em São Paulo progresso ainda mais rápido que o anterior[137]. Apesar de estar, desde antes, condicionada por outros fatôres favoráveis: a riqueza acumulada em conseqüência das lavouras de café, a imigração fornecendo a habilitação técnica do trabalhador europeu e a abundância de energia hidráulica, sabendo-se que em 1901 começou a funcionar a primeira usina elétrica, com capitais inglêses, belgas e franceses[138]. Criaram-se então novas fábricas e se modernizaram muitas das existentes. Tôdas eram dotadas de máquinas aperfeiçoadas, movidas a vapor ou a eletricidade, e orientadas por especialistas vindos da Europa como contramestres. As de tecidos, as de chapéus de feltro e de palha e as de massas alimentícias começaram a fornecer seus produtos não só para o interior paulista como para outras regiões do Brasil[139].

A primeira Grande Guerra contribuiu alguns anos depois para uma expansão ainda mais notável do parque industrial paulistano. Em vista da falta de produção dos países europeus e da dificuldade de transportes marítimos em conseqüência da guerra, mostrou Walle que o parque fabril de São Paulo se desenvolveu para poder atender às exigências dos mercados nacionais desprovidos de artigos estrangeiros. E porisso se criaram numerosos estabelecimentos industriais entre os anos de 1915 e 1917. Mas a principal indústria da cidade era incontestàvelmente — escreveu o francês — a de tecidos de algodão. Havia dezoito dessas fábricas nos bairros do Brás e da Mooca.

---

137 Paul Walle, op. cit., pág. 118.

138 Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil*, págs. 271-272.

139 Paul Walle, op. cit., pág. 118.

Nessa época era tão impressionante o desenvolvimento industrial da cidade, que êle absorvia tôda a energia elétrica disponível. E muitas fábricas — pequenas e grandes — tiveram de produzir energia própria, utilizando-se de motores usados, de tratores e até de automóveis[140]. Foi também a guerra de 1914-1918 que veio firmar a função industrial como característica de alguns subúrbios paulistanos: Santo André e Osasco, por exemplo, embora desde fins do século passado e começo do atual tivessem começado a aparecer as primeiras fábricas nas regiões suburbanas de São Paulo[141].

---

[140] Paul Walle, op. cit., págs. 120-122 e *Jornal de São Paulo* de 9 de Junho de 1946.

[141] Aroldo de Azevedo, *Subúrbios Orientais de São Paulo*, págs. 33-34.

VII — O CAMINHO DA SALUBRIDADE

Se houve a partir de 1870 em São Paulo recursos de medicina e de hospitalização consideràvelmente maiores que os da fase anterior — e se puderam então ser esquecidas as epidemias devastadoras sobretudo de bexigas que ocorriam em tempos mais recuados — foi a muito custo ainda que se conseguiram eliminar certos fatôres de insalubridade responsáveis provàvelmente por muitos surtos de febres. E só nos últimos anos do século passado a edificação de alguns hospitais mais amplos e a organização mais perfeita de entidades de combate a determinadas moléstias começaram a garantir para os seus moradores melhores condições de existência em face de enfermidades e epidemias.

Embora se considerasse nas últimas décadas do oitocentismo a situação de São Paulo superior à do

Rio de Janeiro, sob o ponto de vista da salubridade e da higiene, um relatório oficial de 1887 mostrava ser péssimo a êsse respeito o estado dos rios paulistanos, casos de febre acometendo por exemplo com freqüência os moradores das áreas banhadas pelo córrego Anhangabaú. Destacava-se por outro lado a necessidade de melhorar o sistema de construção em tôda a cidade e rigorosamente nos bairros baixos e úmidos. Referiu-se mesmo um viajante nessa época a paulistanos abastados, residentes em bairros novos da cidade, que iam a Paris em busca de tratamento para acessos de impaludismo causados pela moradia em habitações aparentemente muito boas e até luxuosas. Aliás a existência de domicílios insalubres, mesmo em edifícios de boa arquitetura exterior — com vários defeitos de construção e deficiência de instalações sanitárias — foi nesse tempo apontada por Emílio Ribas como um dos fatores da facilidade com que se propagava na cidade a febre tifoide. Outro fator, a presença de doentes, convalescentes ou portadores de germens, saídos dos porões dos navios, na época de imigração mais intensa. Datam no entanto das últimas décadas do século dezenove algumas iniciativas e realizações importantes na história da luta contra as enfermidades na cidade de São Paulo: entre elas, a construção do Hospital do Isolamento, da Maternidade de São Paulo e do novo Hospício de Alienados, e a fundação da Policlínica de São Paulo e da Associação Paulista de Sanatórios Populares para Tuberculosos.

Também acusaram desenvolvimento notável nas últimas décadas do oitocentismo — quando antes existiam apenas a Sociedade Portuguêsa de Beneficência e a Sociedade Artística Beneficente — as entidades

de beneficência ou de socorros mútuos, muitas delas organizadas por iniciativa de elementos de colônias estrangeiras radicadas em São Paulo. E ainda as sociedades abolicionistas.

O policiamento teve de se ampliar também de forma notável para acompanhar o crescimento industrial da cidade e de sua população, em conseqüência das construções ferroviárias e da chegada contínua de imigrantes europeus. Foi ampliada a Guarda Urbana — que passou a se distribuir por quatro postos policiais — e aumentados os efetivos do velho Corpo Policial Permanente. Em 1880 passou a cidade a contar com uma Secção de Bombeiros, sendo os sinais de fogo dados ainda pelos sinos das igrejas. Criaram-se depois sub-estações auxiliares e a corporação passou a contar, em fins do século passado, com material mais moderno. Tanto a organização policial em geral como êsse Corpo de Bombeiros foram ainda aperfeiçoados — em material, em preparo e nos seus efetivos — nas primeiras décadas do século atual, quando além de se estender ainda mais desordenadamente a área urbana, o crescimento rápido da população e do parque industrial paulistano vieram criar problemas de complexidade maior no setor da manutenção da ordem.

Sabe-se que no último quartel do oitocentismo pelo menos duas moléstias que vinham dos tempos coloniais eram ainda mais ou menos freqüentes na cidade de São Paulo: a varíola e a morféia. Ainda em 1875 se manifestava uma epidemia de bexigas que produziu inquietação. "Vai crescendo o número de variolosos nesta capital — escrevia o jornal *A Provincia de São Paulo* — sendo muito para crer que a epidemia ganhe proporções a que chegou há dois

anos"[1]. E em 1882 o doutor Vilaça, ex-delegado de Saúde Pública na capital de São Paulo, confirmava que a morféia era muito freqüente na cidade[2]. Apesar disso, no entanto, parece que a cidade estava, sob o ponto de vista das condições higiênicas, em plano superior ao Rio de Janeiro nessa época, pois a Côrte era sujeita como se sabe aos assaltos quase permanentes da varíola, da febre amarela e do cólera-morbus[3]. O que não quer dizer que fôssem então satisfatórias as condições sanitárias da capital da província. Em 1873 por exemplo destacava a Câmara Municipal, como uma das medidas mais urgentes, a mudança do matadouro para lugar mais apropriado[4]. E em 1887 o relatório do inspetor de higiene Marcos Arruda falava no péssimo estado dos rios que atravessavam a cidade, mostrando que não eram raros os casos de febres sépticas acometendo os moradores nos bairros por onde passava o Anhangabaú, que fazia a serventia do Matadouro. E insistia mesmo na necessidade de se melhorar o sistema de construções em tôda a cidade, particularmente nos bairros baixos e úmidos, "nunca consentindo aí fazer-se casas térreas e proibindo o emprêgo da cal de marisco que, pela sua natureza, conserva sempre a umidade e pela capilaridade chama a umidade do solo e provoca diversos processos de fermentação"[5]. Dizia ainda o doutor Marcos Arruda que mesmo na área servida pela Cantareira existiam casas onde os proprietários

---

[1] *A Província de São Paulo*, 11 de agosto de 1875.

[2] José Lourenço de Magalhães, *A Morféia no Brasil, Especialmente na Província de São Paulo*, pág. 50.

[3] J. Nogueira Itagiba, *Trechos de Vida*, págs. 83-84.

[4] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LIX, pág. 46.

[5] A. Nogueira de Sá, "Notas à Margem de um Relatório", *Revista do Arquivo Municipal*, XXIX, pags. 77-78.

e inquilinos, receosos de entupir as latrinas e pagar multas, utilizavam-se das antigas cloacas: poços abertos na terra, cobertos ou descobertos, prestando-se a tôdas as evaporações e filtrações[6].

Por outro lado já em 1883, na Fala à Assembléia Legislativa da Província, fazia-se referência à necessidade de medidas insistentemente reclamadas pela higiene pública da cidade. "Com a freqüência de chuvas torrenciais — dizia-se nesse documento — às quais sucediam dias de elevadíssimo calor, os lagos acidentalmente formados constituem focos de miasmas, que muito concorrem para viciar a atmosfera, alterando e agravando a constituição médica pelo predomínio das febres paludosas, com os seus variados tipos, tornando-se mais salientes as subnitrantes, que tão comumente fazem transição, revestindo-se de fisionomia tífica"[7]. "Conheço várias pessoas — escrevia em 1889 o viajante Alfred Marc — habitantes dos bairros novos de São Paulo, que vieram recentemente a Paris tratar-se de acessos de impaludismo que lhes causou a moradia nessas belas habitações aparentemente tão aperfeiçoadas"[8]. As condições higiênicas da Paulicéia não eram sempre boas — dizia em 1890 Raffard — e o *Jornal da Tarde* clamava a favor da limpeza da cidade na via pública e no interior dos domicílios, censurando o desleixo e a incúria dos fiscais. Destacava êsse jornal sobretudo o inconveniente de se achar sem esgôto a maior parte das habitações paulistanas. No Bom Retiro, especialmente, quase todos os dias se registravam casos de doenças causa-

---

[6] A. Nogueira de Sá, op. cit., pág. 78.

[7] Citado por Melo Nóbrega, *História de um Rio — o Tietê*, págs. 189-190.

[8] Alfred Marc, *Le Brésil*, II, pág. 159.

das pela água imprestável dos poços existentes[9]. Ainda nos últimos anos do século passado Emílio Ribas, então encarregado de dirigir o Serviço Sanitário do Estado, atribuía a facilidade de propagação da febre tifoide, em parte, à presença de doentes, convalescentes ou portadores de germens, saídos dos navios para a cidade, na época de imigração intensa[10]. Por outro lado, à existência daqueles domicílios insalubres a que aludiu Alfred Marc, embora às vêzes em prédios de belos efeitos arquitetônicos e de propriedade de gente abastada. Êsses domicílios revelavam defeitos muito sérios nas instalações de esgotos e aparelhos sanitários, soalhos velhos e esburacados, e não contavam com uma conveniente impermeabilização do solo[11]. Daí ter procedido Ribas à reforma dessas moradias, o que foi feito em primeiro lugar e com resultados consideráveis no bairro da Vila Buarque, onde a febre tifoide costumava se propagar com muita intensidade e de onde desapareceu depois de alguns anos[12]. O aumento da febre depois de 1908 Ribas explicava pelo desenvolvimento vertiginoso da cidade, sem que a êsse acréscimo rápido de população acompanhassem os melhoramentos necessários à ação do Serviço Sanitário[13]. De outra parte, em 1913 o viajante italiano Cusano já assinalava que as casinhas e os cortiços de certos bairros populares paulistanos (Brás, Bexiga, Cambuci) davam margem a uma promiscuidade que facilitava os contágios[14]. O índice

---

[9] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[10] Emílio Ribas, "A Febre Tifóide em São Paulo e o seu Histórico", *Boletim do Instituto de Higiene,* n.º 8, pág. 11.

[11] Emílio Ribas, op. cit., págs. 11 e seguintes.

[12] Emílio Ribas, op. cit., pág. 13.

[13] Emílio Ribas, op. cit., pág. 24.

[14] Alfredo Cusano, *Itália d'oltre Mare,* págs. 116-117.

de mortalidade infantil também se mantinha alto, sobretudo entre as crianças confiadas à Santa Casa. Mais de um século — observou o dr. Vilares — perdurou o sistema das "amas" ou criadeiras, que eram mulheres de origem modesta, residentes nas vilas mais pobres dos arredores da capital e que, recebendo a criança em sua casa, não visavam senão uma remuneração, por pequena que fôsse. "Quem já não ouviu falar das amas de Santo Amaro e Itapecerica? Muito ignorantes, pertencentes a famílias que trabalhavam na lavoura, recebiam da Santa Casa a propina mensal de quatro cruzeiros". Ainda do relatório do dr. Vilares são estas palavras: "Pudemos verificar de visu como eram assistidas as crianças entregues às amas. Em geral, abrigadas em casas primitivas, sem qualquer recurso higiênico, tratadas por pessoas incultas e paupérrimas, as crianças viviam na mais completa falta de cuidados os mais prementes. Daí o seu elevado índice de mortalidade"[15].

Por outro lado eram ainda bastante reduzidos os recursos hospitalares logo depois de 1870. O lazareto em 1875 nem merecia êsse nome — dizia um jornal — pois não dava talvez para vinte enfermos[16]. Em 1900 êle estava instalado, segundo Moreira Pinto, em uma casa baixa, de construção antiquíssima, muito arruinada, "tendo o aspecto de uma senzala das antigas fazendas"[17]. Só a partir da última década do oitocentismo e dos primeiros anos do século atual foi que algumas realizações e iniciativas aparelharam me-

---

[15] Citado por Tolstói de Paula Ferreira, "Subsídios para a História da Assistência Social em São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal*, LXVII, págs. 22-23.

[16] *A Província de São Paulo*, de 11 de agôsto de 1875.

[17] Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* pág. 146.

lhor a cidade de instituições de combate a certas moléstias. Em 1894 ampliaram-se as instalações do Hospital do Isolamento[18], que vinha funcionando, desde 1880, com um único pavilhão, destinando-se ao tratamento e observação de moléstias de isolamento compulsório, como a febre tifoide, a difteria, a escarlatina, a meningite epidêmica e outras[19]. Em 1895 foi fundada, passando a funcionar no ano seguinte, a Policlínica de São Paulo, com objetivo de proporcionar à classe pobre consultas médicas de graça, e quando possível medicamentos[20]. Na mesma época — em 1894 — fundou-se a Maternidade de São Paulo, por iniciativa do Dr. Bráulio Gomes, sabendo-se que até êsse tempo a cidade não contava com qualquer estabelecimento onde fôssem atendidas as parturientes sem recursos[21]. Nos últimos anos do século passado — em 1898 — o dr. Clemente Ferreira pensou na constituição de uma associação que, vasada nos moldes da "Verein fuer Volkkeilstatten", de Munich, tivesse como objetivos fundamentais a educação anti-tuberculosa da população, a propaganda e realização consecutiva das principais medidas contra a moléstia e a instalação de sanatórios. Foi a origem da Associação Paulista dos Sanatórios Populares para Tuberculosos, intalada em 1899[22]. Até 1891 o hospício de alienados funcionou

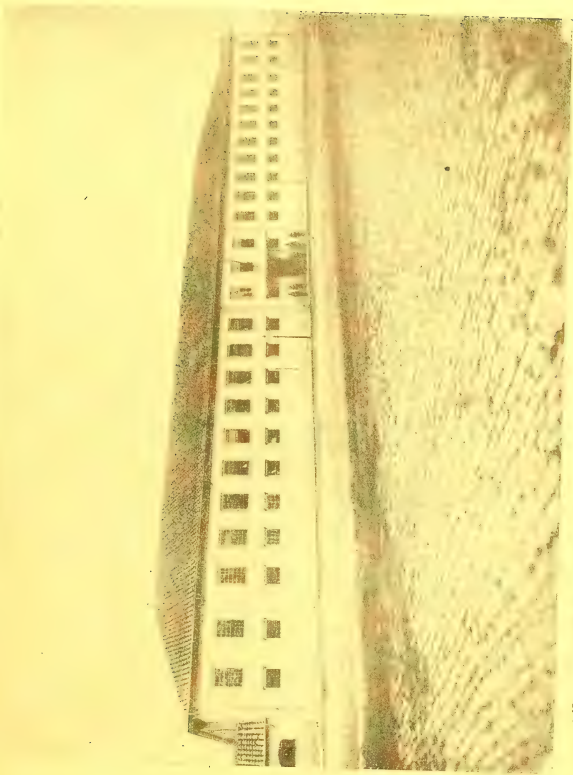
---

[18] Juan Solorzano y Costa, *El Estado de São Paulo*, pág. 79.

[19] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, n.º 19, pág. 18.

[20] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, n.º 8, pág. 37.

[21] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, n.º 16, pág. 26.

[22] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, n.º 9 pág. 24.

165 — Quartel da Guarda Cívica, na Tabatinguera, em 1907. Fôra sede da chácara do Fonseca até 1860, e depois do Seminário das Educandas e do Hospício de Alienados até 1903. (Arquivo do Departamento de Cultura).

em uma velha chácara da Tabatingüera: um velho casarão — dizia-se em 1905 — pouco apropriado ao fim a que se destinava[23]. A edificação do novo hospício só foi iniciada em 1895[24]. Sua colônia, que foi a primeira parte construída, começou a funcionar em 1898[25]. Mas parece que só em 1906 foram transferidos para o Juqueri os dementes que estavam alojados no casarão da Tabatingüera[26].

Entretanto, os moradores da cidade nessa época já podiam contar com maior assistência — não apenas médica, mas social, no sentido um pouco mais amplo — em virtude do grande número de entidades de beneficência ou de socorros mútuos que então se fundaram, muitas delas por iniciativa de elementos de colônias estrangeiras. Sabe-se que em 1874, considerando-se o grande número de pedintes existentes na cidade, foi de outra parte proposta na Câmara a criação do Asilo de Mendicidade Municipal[27]. No ano seguinte, segundo Floriano de Godoi, já existiam a Sociedade Artística Beneficente, a Sociedade Alemã Beneficente, a Sociedade Alemã de Socorro Mútuo e a Beneficência Portuguêsa[28]. Essas e ainda outras eram registradas — em 1885-1888 — pelo almanaques editados por Seckler: a Sociedade Beneficente dos Empregados Públicos, a Socie-

---

[23] Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras*, págs. 386-387.

[24] Francisco Franco da Rocha, *Hospício e Colônias de Juqueri*, pág. 1.

[25] Sousa Pinto, op. cit., págs. 386-387.

[26] Pedro Dias de Campos, "Quartéis da Capital", *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo*, XIV, pág 221.

[27] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, LX, págs. 163-164.

[28] Joaquim Floriano de Godói, *A Província de São Paulo*, pág. 24.

dade Beneficente dos Chapeleiros "Dois de Julho", o Círculo Operário Italiano, a Sociedade Italiana de Beneficência Vitorio Emanuele II, a Societá Italiana de Beneficenza, a Sociedade Suíça de Beneficência Helvetia, a Associação Tipográfica Paulistana de Socorros Mútuos, a Sociedade Beneficente Mineira, a Sociedade Beneficente dos Estudantes Fluminenses — além das sociedades abolicionistas[29]. Entre essas entidades abolicionistas aliás podia se incluir o próprio Círculo Operário Italiano, que parece que costumava realizar espetáculos teatrais em benefício da libertação dos escravos[30].

Mas também o policiamento da cidade, de modo geral, se desenvolveu e se aperfeiçoou a partir do último quartel do século dezenove, como resultado aliás de medidas que se impunham em conseqüência do crescimento de sua área e de sua população. Em 1873 considerava-se que a cidade estava mal policiada. E o chefe de polícia lembrava que era urgente criar-se uma secção de companhia, com efetivo de quarenta ou cinqüenta praças, a fim de se encarregar exclusivamente do policiamento da capital. No ano seguinte essa autoridade justificava sua idéia lembrando o extraordinário desenvolvimento industrial de São Paulo e o aumento de sua população em conseqüência das construções ferroviárias e da chegada contínua de imigrantes europeus[31]. A criação de uma secção de companhia foi autorizada em 1875. Chamava-se

---

[29] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* págs. 185 e seguintes, *para 1886,* págs. 270 e seguintes e *para 1888,* págs. 224 e seguintes.

[30] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXVII, pág. 96.

[31] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, *A Fôrça Pública de São Paulo — Esbôço Histórico,* págs. 20 a 24.

166 — Edifício do Asilo de Mendicidade, da Santa Casa de Misericórdia, na rua da Glória, no começo do século atual.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

Guarda Urbana e foi distribuida por quatro postos policiais, instalados em zonas convenientes das freguesias paulistanas. Cada posto dispunha de um contingente de dez praças, e as restantes ficavam na sede do comando central. Dois anos depois seu efetivo foi elevado para cento e vinte praças. Os elementos dessa Guarda Urbana foram apelidados de "Morcegos" pelo povo. E ainda recentemente se ouvia cantar, em certas rodas populares da cidade, uma velha modinha em que êsses milicianos eram visados pelo humorismo dos cantadores, através de uma letra assim:

> *Sou Guarda Urbano, pelas ruas vago*
> *de espada à cinta, por não ter emprego.*
> *E os transeuntes quando eu vou passando,*
> *dizem rosnando: sai daquí, morcego.*[32]

Essa letra tem sido atribuída ao poeta Álvares de Azevedo. Mas como o autor da *Noite na Taverna* morrera mais de vinte anos antes da organização da guarda dos "morcegos", se êsses versos eram dêle é claro que se referiam a policiais de outra época, cujos uniformes talvez se prestassem também àquela comparação.

Em 1878-1879 o Corpo Policial Permanente teve seu efetivo elevado para mil homens, ficando êle na realidade porém com oitocentos e dez, aumentados dois anos depois para novecentos e oitenta e sete[33]. Eram os elementos do Corpo Policial Permanente, ainda nesse tempo, os encarregados da luta contra os incêndios. A situação era exposta à Assembléia Provincial, por Laurindo de Brito: "A cada incêndio,

[32] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 6.

[33] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 21.

que felizmente rara vez alarma a população desta capital, mas para que já era tempo de estarmos preparados, atento o aumento de fogos, o acúmulo de habitantes e a importância dos prédios, ouvia-se um clamor geral contra a imprevisão que deixava, por falta de máquinas e aparelhos necessários, a cidade exposta à devastação pelo incêndio, quando êste tomasse proporções que exigissem o emprêgo de máquinas mais potentes que as bombas de jardim e deslocação de água mais prontamente do que pelos baldes dos aguadeiros"[34]. Nesse ano de 1880, em que Laurindo de Brito escrevia isso, verificou-se na cidade mais um incêndio de proporções enormes: o que destruiu a maior parte do arquivo da Academia de Direito e a capela-mor da igreja contígua a êle[35]. Ao toque de rebate de tôdas as igrejas — escreveu Vampré — acudiu muita gente às três horas da madrugada. E apareceram também o Corpo de Urbanos e o de Permanentes e até as tropas de linha. Lutaram todos contra as chamas durante largo tempo, só conseguindo acabar com o fogo às seis horas da manhã[36]. "A intensidade do fogo — contou então o jornal *A Província de São Paulo* — a falta de pessoal amestrado em serviços de extinção de incêndios, a ausência completa de instrumentos necessários em tais casos, como bombas, baldes, machados, etc., a deficiência de água nas primeiras horas da catástrofe, eram terríveis prenúncios de que não se salvariam nem o edifício da Faculdade, nem a sua biblioteca, nem a igreja da Ordem Terceira dos Franciscanos, edifícios êsses todos con-

---

[34] Citado por Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, II, pág. 417.

[35] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista,* I, pág. 303.

[36] José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 303.

tíguos e inteiramente ligados entre si"[37]. Essa ocorrência parece ter sido decisiva no sentido de que se pensasse em uma organização especialmente treinada e equipada para extinguir incêndios. Se bem que alguns anos antes — em 1874 — no govêrno de João Teodoro Xavier, tivesse sido aprovada por lei a aquisição de material destinado a combater incêndios e criada uma turma de dez homens, anexa à Companhia de Urbanos, incluindo algumas ex-praças do corpo de Bombeiros da Côrte[38]. Foi no entanto no ano de 1880 que se organizou a Secção de Bombeiros anexa à Companhia de Urbanos (depois Guarda Cívica), com sede na antiga rua do Quartel e composta de dois inferiores e dezoito praças. Para fazer sua instrução veio expressamente do Rio um comandante do Corpo de Bombeiros[39]. O material dessa secção de bombeiros se compunha de duas bombas químicas abafadoras, para socorro pronto nos pequenos incêndios; duas bombas francesas chamadas "de tina", com fôrça de projeção suficiente para mandar água à altura de um edifício de dois andares; e uma bomba vienense "de tipo aperfeiçoado", destinada aos grandes incêndios pela facilidade com que podia ser alimentada em qualquer encanamento de água[40].

Em 1882, quando ocorreu o incêndio do Hotel de Espanha, contou Afonso A. de Freitas que muitos

---

[37] Afonso A. de Freitas, *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico Ilustrado do Município de São Paulo*, I, pág. 65.

[38] Pedro Dias de Campos, "O Corpo de Bombeiros de São Paulo". *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo*, XIII, pág. 144.

[39] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 87.

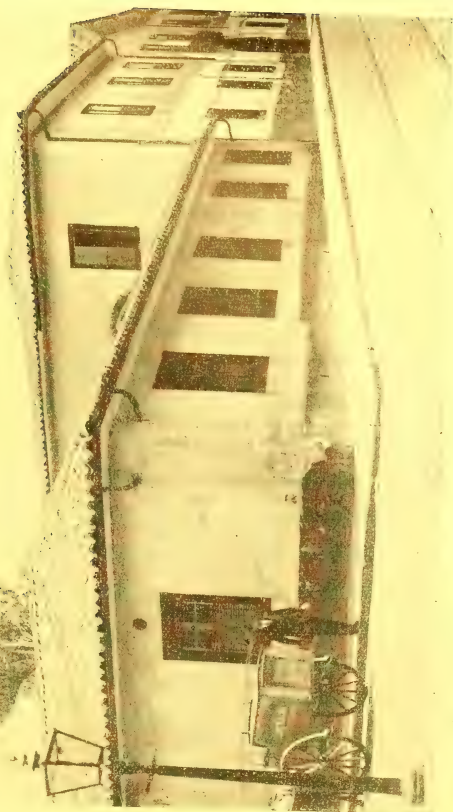
[40] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 222.

populares — de certo movidos pela fôrça do hábito, se não pela curiosidade — acorreram ao local, quando ouviram o alarme desesperado dos sinos das igrejas. Não precisaram mais de lutar contra o fogo, porém, e ficaram simplesmente assistindo ao trabalho dos bombeiros. Êstes conseguiram então evitar a destruição do edifício, pois puderam contar com a abundância de água que jorrava dos encanamentos novos da Cantareira[41]. Já em 1885 — segundo as indicações que se encontram no Almanaque da Província, de Seckler, para aquêle ano — a Secção de Bombeiros tinha cinco bombas, sendo uma puxada por animais; dois extintores portáteis; uma escada prolongável; duas escadas de gancho; três pipas para condução de água, montadas em carroças; um paraquedas e um saco salva-vidas[42]. Todo um aparelhamento que fazia esquecer os baldes dos aguadeiros e os potes das negras de outros tempos. Naquele ano recebeu ainda a organização material mais moderno do Rio, para melhoria dos seus serviços. E como o portão da Estação Central dos Urbanos não pudesse dar passagem aos carros com seus equipamentos, ela se mudou para um prédio da rua do Trem (Anita Garibaldi) onde se construíram os galpões necessários à guarda do material. Entre êsse material, uma poderosa bomba a vapor Greenwich, a primeira que a cidade conheceu[43]. Mas os sinais de fogo ainda eram dados pelas igrejas que estivessem mais perto do local. E as do centro de-

---

41 *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 48.

42 Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., págs. 222-227.

43 Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 228.

167 — Edifício do chamado Quartel de Linha, na rua 11 de Agosto, em 1914. (Arquivo do Departamento de Cultura).

viam acusar os que fôssem dados pelas dos arrabaldes. Êsses sinais precisavam de ser feitos com muita precaução — aconselhava o almanaque citado — de modo que as badaladas que indicassem os distritos não fôssem confundidas com as do rebate. Era preciso que se desse uma badalada e depois de trinta segundos, mais ou menos, o rebate, devendo êste não exceder de quinze badaladas aceleradas "e assim sucessivamente até quatro ou cinco repetições"[44].

Uma lei de 1888 elevou o efetivo da Secção de Bombeiros para trinta praças, um primeiro e um segundo sargentos. Três anos depois foi o Corpo de Bombeiros organizado com duas companhias, uma com o efetivo de 122 homens e outra com o de 118. Criaram-se então duas estações auxiliares: a do Norte, para atender aos avisos de incêndios do bairro do Brás e adjacências, já então industrializados e a do Oeste, atendendo aos bairros da Barra Funda e Cam-

---

[44] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., págs. 23-24. Segundo um registro do Almanaque de 1885, uma badalada era sinal de fogo no centro da cidade (largo da Sé, ruas Direita, do Comércio, da Quitanda, pátio do Colégio); duas, nas ruas do Quartel, da Esperança, da Assembléia; três, nas ruas das Flores, do Trem, do Carmo, da Boa Morte, da Tabatingüera; quatro, nas da Liberdade, dos Estudantes e Vergueiro; cinco, no largo Sete de Setembro e ruas da Glória e Conselheiro Furtado; seis, no largo São Francisco, ruas Riachuelo e Senador Feijó; sete, nas ruas Boa Vista, São Bento, parte da Florêncio de Abreu e 25 de Março; oito, na São João, rua Alegre e bairro do Bom Retiro; nove, na Guaianases e zona da Barão de Piracicaba; dez, na Florêncio de Abreu da ponte em diante, Campo da Luz e imediações; onze, nas ruas Sete de Abril, Barão de Itapetininga e 24 de Maio; doze, na Consolação até o cemitério, e Santa Cecília; treze, no Bexiga até "o fim da rua do Vale d'Andora": e catorze, no Brás, na Mooca e no Pari. (*Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 48).

pos Elíseos e outras zonas dessa parte da cidade. Na mesma ocasião foi autorizada a compra de outra bomba a vapor tipo Greenwich, dos fabricantes Merrywheater & Sons; de três bombas manuais Metropolitan; de um carro para transporte de mangueiras; de quatro mil e duzentos metros de mangueiras; de vinte e quatro derivantes diversos; de três bombas portáteis; e de mais utensílios necessários, como abraçadeiras para mangueiras, escadas de assalto, machadinhas e machado-picaretas[45]. Depois de 1895 foram inauguradas as sub-estações do Norte e do Oeste, a que já se fêz referência. E então foram instaladas em diferentes bairros da cidade cinqüenta caixas automáticas, ligadas diretamente à Estação Central — adotando-se o sistema telegráfico Morse — com subestação também na Repartição de Águas[46]. Mas só em 1910 seria substituído o material a tração animal pelo automóvel[47].

Quanto à Guarda Urbana, seu contingente foi elevado em 1886 para cento e cinqüenta praças, mas mesmo assim era preciso que o Corpo Policial Permanente fornecesse contingentes para o serviço de ronda, que se fazia nas freguesias do Brás e da Ponte Grande, ao mesmo tempo que uma guarnição do Exército se encarregava de patrulhar, com praças de cavalaria, Santa Ifigênia e outros bairros da mesma área da cidade[48]. Mas ainda em 1890 o policiamento era con-

---

[45] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit. págs. 222 e seguintes.

[46] Afonso Schmidt, "Tabatingüera", *A Tribuna*, de Santos.

[47] Tenório de Brito, "Memórias de um Ajudante de Ordens", *Jornal de São Paulo*, 1950.

[48] Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 228.

siderado insuficiente, mormente à noite, nas ruas onde havia poucos bicos de gás[49]. Nesse ano, aliás, teve a Guarda Urbana seu efetivo aumentado para trezentos e quarenta homens, e em 1891 para quatrocentos e sessenta e um, destinados ao policiamento da cidade, e anexada a ela uma secção de cavalaria, com sessenta praças, encarregada da ronda dos subúrbios. Entretanto no ano seguinte extinguiu-se a chamada Fôrça Policial Urbana, que compreendia a Companhia de Urbanos e a Secção de Cavalaria, suprimindo-se também o Corpo Policial Permanente. Em substituição, organizaram-se cinco corpos militares de polícia e uma companhia de cavalaria, passando o corpo policial urbano a se denominar Quinto Corpo Militar de Polícia[50]. As organizações policiais se aperfeiçoaram ainda — em material e em preparo — no comêço do século vinte. Em 1911 substituiu-se o material fabricado na Alemanha e instalado em 1895 para o Corpo de Bombeiros (caixas automáticas e serviço telegráfico) instalando-se cento e sessenta caixas tipo Gamwell, abrangendo uma vasta área urbana tendo por limites os bairros de Vila Prudente, Penha, Santana, Lapa, Pinheiros, Vila Maria e Ipiranga[51].

---

49 Henrique Raffard, op. cit.,

50 Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 25.

51 Euclides Andrade e Hely F. da Câmara, op. cit., pág. 228.

VIII — DANÇA, JÔGO E ESPORTE

Depois de 1870 acentuou-se a tendência que se esboçara no período anterior da existência da cidade: o das manifestações religiosas perderam qualquer coisa da importância de que se revestiam na era colonial. Os próprios conventos como que foram perdendo o destaque antigo que ostentavam até mesmo pelo volume de suas edificações. Começou a se alterar em São Paulo, a partir dessa época, aquela antiga desproporção entre as dimensões das construções religiosas e as demais — desproporção que, segundo Lewis Mumford, sobretudo na cidade medieval, tinha sido um símbolo da relação entre os assuntos sagrados e os profanos. As tôrres das igrejas — apesar de que elas se acotovelavam na pequena área central da cidade — foram se destacando cada vez menos na massa dos edifícios de dois ou três andares que se

levantaram por tôda parte. Por outro lado templos de outros cultos, além do católico, começaram a se estabelecer na cidade.

As procissões, mais particularmente, perderam muito de seu esplendor de outros tempos e do interêsse que despertavam. Modificações de tôda a espécie se fizeram nas mais importantes delas. Perdendo algumas o tom tradicional mas burlesco que já em meados do século provocava os reparos de certa imprensa mais atrevida. No comêço do século atual chegaram a desaparecer algumas festas religiosas também tradicionais, cujo aspecto talvez muito provinciano se chocasse com a feição cosmopolita que a cidade foi tomando.

Mas o interêsse menor da população pelas procissões deve ser explicado em grande parte — como ocorreu em outras cidades — pelo aumento dos locais de passeio e de divertimento, dos clubes recreativos e das competições esportivas. Nas últimas décadas oitocentistas surgiram em São Paulo centros de recreação como a chamada Ilha dos Amôres, alguns "tivolys" nos bairros, e no século atual parques para passeio nos arredores, como o Villon, na Avenida Paulista e o do Museu, no Ipiranga. Fundaram-se sociedades numerosas de fins recreativos, e clubes carnavalescos. Começaram a ser feitas corridas regulares de cavalos em hipódromos. Na penúltima década do século dezenove as quermesses e os pique-niques entraram nos hábitos da população paulistana. Apareceu a lanterna-mágica, precursora do cinema — cinema que se instalaria na cidade a partir do comêço do século vinte, em precários barracões de zinco, passando em seguida a edificações melhores, que se multiplicaram ràpidamente no centro e pelos bairros.

Foi ainda no último quartel do século passado que os esportes bem dizer começaram a ser praticados entre os moradores da cidade. Disputaram-se partidas de cricket entre inglêses, e depois de futebol, logo adotado pelos brasileiros, fundando-se as primeiras equipes para a sua prática. Nos últimos anos do século dezenove tomou impulso o ciclismo — como esporte e passatempo — edificando-se então o Velódromo, que dispunha também de quadras de tenis e de tanques para banho e que foi, na opinião de um observador da época, a célula-mater do atletismo paulistano. Os esportes náuticos começaram também a se desenvolver, paralelamente à proibição dos antigos banhos no Tamanduateí. Nos primeiros anos do século atual surgiram entidades para estimular o automobilismo e a equitação.

As igrejas se acotovelavam ainda no centro da cidade, observou em 1883 um viajante. Talvez assim exercessem melhor o resto de seu domínio tradicional sôbre a existência de todos os dias de seus moradores. Seus sinos repicavam a quase tôdas as horas do dia e da noite. Inclusive anunciando incêndios. O toque de recolher, dado pela igrejinha velha do Colégio às nove horas da noite — no verão às dez — mandava que se fizesse silêncio e que se fechassem as casas. Todos obedeciam. Como nas cidades medievais da Europa, os campanários paulistanos tinham um papel importante na sincronização da vida dos moradores do planalto. Mas isso tudo tendia a decair, não acompanhando o desenvolvimento da cidade e as orientações dominantes de sua existência em outros sentidos. A própria igrejinha do Colégio, na última parte do oitocentismo, perdia algo da importância que tivera antes, quando atraía quase a metade da população da cidade — no dizer exagerado de Pessanha Póvoa

— à sua "missa dos preguiçosos"[1]. Era a missa do meio-dia — a "missa chique" — assistida pela aristocracia paulistana e também pelo presidente da província e sua família, de uma tribuna que comunicava com o palácio[2].

O mesmo acontecia com os conventos, a respeito dos quais observava Koseritz em 1883: "Antigamente São Paulo tinha dezessete conventos, mas agora só possui quatro, que são os da Luz, São Bento, Carmo e Santa Teresa. De todos o beneditino é o mais importante. Não tem monges e é dirigido por um abade vindo da Bahia. Êsse abade parece ser informado das novas concepções financeiras, pois alugou os muros da sua igreja para anúncios coloridos, no estilo do Rio"[3]. Sabe-se que ainda nessa época algumas das celas do mosteiro eram cedidas de graça a rapazes "morigerados e de boa reputação"[4].

Por outro lado os templos de outros cultos foram se estabelecendo na cidade, sabendo-se que em 1868 haviam aparecido alguns pastores evangélicos na cidade, que aliás foram reptados para um debate amplo sôbre religiões, por um grupo de estudantes — realizando-se a discussão em um vasto salão da rua Líbero Badaró[5]. Em 1871 uma Igreja Alemã se instalou na ladeira de São Francisco, tendo como pastor o reverendo Krochne[6]. Em 1873 se estabeleceu a Igreja Anglicana, que em 1885 funcionava na rua Bom

---

[1] Pessanha Póvoa, *Anos Acadêmicos,* pág. 338.

[2] Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo,* IV, págs. 268-269.

[3] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pág. 254.

[4] Valentim Magalhães, *Horas Alegres,* pág. 182.

[5] Almeida Nogueira, op. cit., IV, págs. 236-237.

[6] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* II, pág. 13.

168 — Igreja do Colégio em 1896, pouco antes de ser demolida. O toque de silêncio era dado pelos seus sinos.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

Retiro, sendo seu capelão o Dr. John Cross[7]. Alguns anos mais tarde, em 1895, sabe-se que estavam abertas na cidade a Igreja Evangélica Presbiteriana, na rua 24 de Maio, e outra da mesma seita, na alameda dos Bambus; a Igreja Metodista Episcopal Sul, no largo do Arouche; a Igreja Episcopal Anglicana (English Episcopal Church) entre as ruas dos Protestantes, Bom Retiro e Vitória, e a Igreja Alemã Unida Luterana e Calvinista, na rua Florêncio de Abreu[8]. E parece que houve até na cidade, em fins do século passado, uma mesquita em que negros mussulmis celebravam o seu culto[9].

Também as procissões perderam alguma coisa do seu esplendor e do seu interêsse. Como em outras cidades brasileiras, a intensificação da vida comercial e o ritmo mais acelerado de tôdas as atividades fizeram com que elas decaíssem ou perdessem parte do seu prestígio antigo aos olhos de uma porção de gente. Dentro dos novos moldes de vida — observou Richard N. Morse — as procissões se tornaram anacrônicas: "O mundo dos bilhares, teatros e corridas de cavalo oferecia agora séria competição, especialmente porque as procissões atendiam mais a uma necessidade social do que espiritual"[10]. O que não impedia que houvesse ainda em 1873 dois estabelecimentos de "armadores de anjos de gala para procissões": os de

---

[7] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 160.

[8] *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*, págs. 162-163.

[9] Sud Mennucci, *O Precursor do Abolicionismo no Brasil*, pág. 117.

[10] Richard N. Morse, *São Paulo — Raízes Oitocentistas da Metrópole*, pág. 478.

Dona Maria Benta, na rua Boa Vista, e o de Dona Maria Luiza do Carmo e Silva, na rua da Boa Morte[11]. Mas o fato é que houve modificações de tôda a espécie no estilo das festas religiosas e das procissões. Não foi de certo por mera coincidência que por exemplo em 1869 se realizou pela última vez a procissão da Irmandade de São Benedito[12]. Que em 1870 deixou de ser feita com o aparato de outros tempos a procissão do Entêrro, da Ordem Terceira do Carmo[13]. Que em 1872 se realizou pela última vez a procissão de São Jorge acompanhando a do Corpo de Deus[14]. Que em 1873 pela última vez percorreu as ruas da cidade a procissão do Triunfo, a cargo da Ordem Terceira do Carmo[15]. Que em 1882 deixou de se fazer a procissão de Cinzas, que saía da Ordem Terceira de São Francisco[16]. Que na procissão do Senhor dos Passos — que se fazia na segunda sexta-feira da quaresma — os oratórios que havia em certas residências foram suprimidos em 1878 e os "passos" começaram a ser feitos em sete igrejas[17]. E que houve até procissões de que se aproveitaram os abolicionistas para sua campanha contra o cativeiro: como aquela organizada por Antônio Bento, com todos os irmãos da confraria dos Remédios, com hastes, entre os andores dos santos, onde iam pendurados os grilhões, os relhos e as cangas do cativeiro. E na frente um

---

11 *Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873*, pág. 124.

12 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 44.

13 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 87.

14 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 16.

15 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 43.

16 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 40.

17 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 43.

9 — Retábulo que pertenceu à Igreja do Colégio, e que atualmente se encontra na da Imaculada Conceição de Maria.

(Fotografia reproduzida do livro de Leornardo Arroyo *Igrejas de São Paulo*).

cativo — que tinha sido surrado sem dó — caminhando debaixo da imagem de Cristo Crucificado[18].

Entretanto algumas festas religiosas tradicionais — de uma delas, realizada à noite no largo de São Francisco, existe um quadro a óleo pintado em 1879[19] — se mantiveram até o comêço do século atual, desaparecendo então. A de Nossa Senhora da Penha — que se fazia cada dia 8 de setembro — até 1903[20]. E a da Santa Cruz do Pocinho até 1908. Fazia-se todos os anos no dia 3 de maio. A capelinha de Santa Cruz do Pocinho ficava na rua Vieira de Carvalho e segundo a lenda fôra edificada sôbre um poço entulhado onde morrera tràgicamente um poceiro encarregado de sua limpeza[21]. Acorria gente de todos os bairros. E o trecho que vai da praça da República ao largo do Arouche — escreveu Nuto Santana — formigava de povo, de gente que ficava ali bebendo ou comendo quitutes nas barraquinhas improvizadas ao longo da rua. A última teve lugar em 1908, datando do ano seguinte a proibição baixada pelo arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva[22]. Outra manifestação religiosa tradicional que durou até o fim do século passado foi a dos bandeireiros do Divino. Nos primeiros tempos da República eram ainda vistos nas ruas da cidade, durante o dia, êsses homens que levavam de casa em casa a bandeira do Divino, angariando

---

18 Antônio Manuel Bueno de Andrade, "A Abolição em São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal*, LXXVII, pág. 267.

19 Carlos Penteado de Rezende, "Um Inédito da Iconografia Paulistana", separata da revista *Investigações*, São Paulo, págs. 51-52.

20 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 67.

21 Miguel Milano, *Os Fantasmas da São Paulo Antiga*, págs. 40-41.

22 Nuto Santana, *São Paulo Histórico*, III, págs. 237-238.

esmolas para as suas paróquias[23]. Isso sem falar nas festas religiosas que se faziam em outras localidades e atraíam muitos moradores de São Paulo. Como a de Pirapora, que em 1875 provocava a romaria dos gráficos paulistanos em massa àquela povoação, a ponto de terem os jornais de suspender por três dias a sua publicação[24]. Mesmo essas manifestações foram porém decaindo e perdendo o prestígio de outros tempos.

É que certos derivativos vinham substituindo, desde fins do século passado, o que havia de passeio ou de divertimento nas procissões e em outras festas religiosas. Depois de 1870 uma parte da várzea do Tamanduateí reconquistou sua posição de local de recreio, com a construção da chamada Ilha dos Amôres, com banhos e outros passatempos. E a própria ponte do mercado, sôbre aquêle rio, foi ponto de atração dos antigos comerciantes paulistanos da rua da Imperatriz. Segundo o cronista de *São Paulo Antigo,* quase todos êles costumavam fazer o seu passeio até aquêle lugar, de onde voltavam para a prosa fiada nas portas das suas lojas até às nove horas da noite[25]. Além da Ilha dos Amôres — logo depois desaparecida — um almanaque de 1885 citava como passeios públicos o da Luz, os Taludes do Carmo (morro do Carmo e rua 25 de Março, descendo do largo do Carmo até o hospital dos alienados), que parecem ter sido ajardinados no tempo da administração de João Teodoro; o Jardim Municipal (largo Municipal), a Chácara da Floresta, na Ponte Grande, e o Tivoly Garten, no Marco da Meia Légua[26]. Por outro lado, a partir

---

23 Cássio Mota, *Cesário Mota e seu Tempo,* pág. 24.

24 *A Província de São Paulo* de 8 de Agôsto de 1875.

25 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 148.

26 *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* pág. 197.

170 — Imagem que foi da Igreja do Colegio, atualmente na da Boa Morte.

(Fotografia reproduzida do livro de Leonardo Arroyo, *Igrejas de São Paulo*).

de 1895 aproximadamente, lugares até então ermos se tornaram conhecidos e freqüentados, daí se originando a formação de várias chácaras e sítios para recreio nos arredores da cidade[27]. Um dêles, o Parque Villon, na Avenida Paulista, com rústicos caramanchões, mais tarde ampliado e reflorestado pelo prefeito Washington Luís[28]. No comêço do século vinte logradouro que se tornou ponto de recreio da maioria da população foi o jardim do Museu do Ipiranga. Ali se reuniam permanentemente — escreveu Gina Lombroso Ferrero — tôdas as barracas que nas cidades italianas, por ocasião do carnaval, se espalhavam por várias ruas e praças. "Tôda São Paulo o freqüenta nos domingos, em caleches, em bondes, a pé, invadindo os cafés, os jogos, os teatrinhos, o carrossel"[29]. Idêntica foi a observação de Archibald Forrest quase na mesma época. Que o passeio predileto do povo paulistano nos domingos e feriados era uma corrida de bonde do largo da Sé ao jardim e ao museu do Ipiranga[30]. Os circos, em fins do século passado e comêço do atual, mantiveram também o seu prestígio como diversão popular. Às vêzes de certo apresentando números de sensação como o do "professor mágico" inglês Saviour Boonex, multado em 1874 por um fiscal da Câmara por ter em sua casa, contrariando disposições da municipalidade, três leitões "que eram objeto do trabalho de sua profissão"[31]. Para abrigar o circo de Frank Brown foi que se construiu, por outro lado,

---

[27] Pedro Luís Pereira de Sousa, "No Tempo do Velódromo", *O Estado de São Paulo* de 27 de ágôsto de 1950.

[28] Pedro Luís Pereira de Sousa, op. cit.

[29] Gina Lombroso Ferrero, *Nell'America Meridionale,* pág. 32.

[30] Archibald Forrest, *A Tour through South America,* pág. 306.

[31] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 16.

o barracão de zinco que depois se transformou no Teatro Politeama[32]. De outra parte as reuniões dançantes — além das atividades artísticas — devem ter representado um dos objetivos de muitas das sociedades que se fundaram na última parte do século dezenove: o Cassino Paulistano e o Clube Democrático — citados em 1875 no trabalho de J. Floriano de Godoi sôbre a província de São Paulo[33] — e a Terpsicóre Paulistana e a Sociedade Recreio da Consolação, mencionadas dez anos depois pelos almanaques de Seckler[34]. E ainda, em 1895, agremiações de nomes pitorescos como a Sociedade Belas Noites e a Sociedade Dançante Flor da Aurora[35]. Já havia também sociedades carnavalescas permanentes, como o Clube dos Pindaíbas Carnavalescos, o Clube dos Fenianos e o Clube Tenentes de Plutão[36].

Outros divertimentos surgiram ou se aperfeiçoaram na cidade a partir de 1872. Em 1876, com a fundação do Jóquei Clube, corridas regulares passaram a ser feitas no hipódromo da Mooca, para onde se ia a cavalo ou de tróli[37]. No hipódromo, cujas arquibancadas comportavam mil e duzentas pessoas, faziam-se de início apenas quatro corridas por ano: em

---

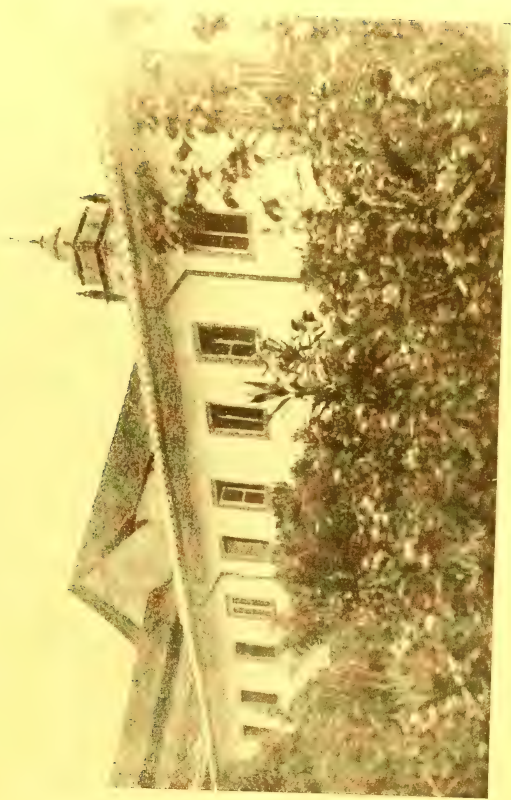
[32] Edmundo Amaral, *A Grande Cidade*, pág. 42.

[33] Joaquim Floriano de Godoi, *A Província de São Paulo*, pág. 24.

[34] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, págs. 195-196.

[35] *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*, pág. 178.

[36] *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, págs. 320 e seguintes.

[37] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 15 e Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado*, pág. 200.

171 — Perspectiva externa posterior do antigo mosteiro de São Bento, nos primeiros anos do século atual.

(Fotografia da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo

maio, em junho, em agôsto e em setembro[38]. Em 1895, no entanto, já funcionavam duas entidades turfísticas na cidade: o Derby Club, com hipódromo "na extremidade do Brás" e o Jóquei Club, com campo de corridas perto da Penha[39]. Uma vez ou outra parece que ressurgiam ainda os espetáculos de touradas. Em 1877 a Câmara negava permissão a Antônio Aragon para levantar um circo, no largo da Luz ou no Campo dos Curros, onde pretendia dar corridas de touros[40]. No mesmo ano dizia-se na Câmara que êsses espetáculos de corridas de touros só seriam permitidos quando os animais estivessem "embolados" a fim de se evitarem ocorrências funestas[41]. Sabe-se no entanto que mais tarde, em 1901-1902, a população paulistana sustentou simultâneamente duas praças de touros edificadas de madeira serrada: uma na praça da República (o velho largo dos Curros) e outra em terreno que dava para a avenida Brigadeiro Luís Antônio. Faziam-se êsses espetáculos "com emprêgo de bandarilhas, mas sem a morte dos animais"[42].

Por outro lado em 1877 fundou-se o Rink Imperial, dos Irmãos Normanton, na rua da Beneficência Portuguêsa esquina da rua Alegre (Brigadeiro Tobias)[43]. As quermesses, essas só foram conhecidas entre os anos de 1882 e 1884. A primeira que se realizou na cidade foi promovida por elementos influentes da colônia francesa, entre os quais estava

---

38 Abílio Marques, *Indicador de São Paulo* (1878), pág. 141.

39 *Completo Almanak* cit., pág. 270.

40 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 106.

41 *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 139.

42 Jerônimo Borges, entrevista a *A Noite,* São Paulo.

43 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 154.

Alberto Thiebaut, que durante certo tempo foi o guarda-livros da Casa Garraux. Teve lugar no Jardim Público da Luz[44]. Na mesma época — em 1882 — com base na ligação ferroviária de São Paulo com o Rio de Janeiro, inaugurada em 1877, um gênero novo de passeio e divertimento começou a se popularizar entre os moradores da cidade: o pique-nique em localidades da chamada zona norte da província. O primeiro dêles, promovido pelo Clube Mozart, que tinha sua sede no bairro do Brás, foi feito na cidade de Mogi das Cruzes. Muitas pessoas foram conduzidas para aquela cidade em trem especial da Estrada de Ferro do Norte. O Clube Recreativo, da rua do Gasômetro, não quis ficar atrás. E promoveu um pique-nique de seus associados em Jacareí. Também a Escola Alemã organizou duas dessas excursões de recreio, em 1884 e 1885, uma a Jacareí e outra a Guararema[45].

Outros divertimentos comuns, em fins do oitocentismo, eram os proporcionados pelos tocadores de harpa ou de realejo nas ruas e pelos cosmoramas[46], a que se seguiu a lanterna-mágica. Segundo informação dada a Nuto Santana por Alexandre Haas, em 1889 Benjamin Schalch — que morava na rua do Príncipe (Quintino Bocaiúva) — de regresso de uma viagem trouxe para São Paulo uma lanterna-mágica com cêrca de duzentos e cinqüenta discos, entre os quais vários de movimento, como o "do bigodinho dorminhoco, engulidor de camondongos". Para essa máquina, segundo o mesmo informante, o próprio Schalch tinha de fabricar um gás especial, e as

44 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 142.

45 Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 166.

46 *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, pág. 41.

172 — Praça da República em 1890. No começo do século atual se localizaria aí uma praça de touros, como no tempo remoto em que o logradouro se chamava Campo dos Curros (Arquivo do Departamento de Cultura)

exibições só eram feitas em família, para conhecidos e vizinhos[47].

Também proezas aeronáuticas, em fins do século passado e começo do atual, tiveram o sabor de festa e divertimento para os moradores da cidade. Em 1906 foi Alaor de Queiroz quem subiu temerariamente no aeróstato "Cruzeiro do Sul", no Velódromo[48]. Um ano antes um aeronauta do trapézio, Scilimbani, fizera uma demonstração em um frontão existente na velha rua 11 de Junho. O balão subiu a mais de mil metros — contou Afonso Schmidt — caindo mais tarde em Itaqüera, para onde fôra empurrado pelo vento[49]. Também o primeiro frontão de São Paulo datava de alguns anos antes: de 1903. Ao ser inaugurado, como legítima importação espanhola, na rua Vinte e Quatro de Maio — escreveu o cronista Cursino de Moura — foi o "clou" da elite paulistana[50].

O próprio cinematógrafo — não se contando a lanterna-mágica de Schalch — entrou na cidade com o século atual. Quando se iniciou, estabeleceu-se no Arouche e ao mesmo tempo no centro. Na ladeira de São João funcionaram o Bijou e o Mignon, e no Arouche o High Life. Eram barracões de zinco — observou Cursino de Moura — perigosíssimos para os inespertos "arcos voltaicos" incipientes dos aparelhos a mão. O Smart, outro cinema em frente e depois sucessor do High Life, onde hoje é a rua Frederico Steidel, disse aquêle cronista que foi o continuador dos brios da iniciativa cinematográfica pau-

---

[47] Citado por Nuto Santana, op. cit., V, págs. 73-74.

[43] Aureliano Leite, *História da Civilização Paulista*, pág. 161.

[49] Afonso Schmidt, "Tabatingüera", *A Tribuna*, Santos.

[50] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora*, pág. 122.

listana[51]. Em 1912 já funcionavam no centro da cidade três cinemas: o Bijou Theatre, na rua de São João, o Radium, na de São Bento, e o Iris Theatre, na 15 de Novembro. Nos bairros, o High Life e o Smart, na Vila Buarque, o Rio Branco e o Brasil em Santa Ifigênia, o Edison e o Eden, na Luz, o Pavilhão dos Campos Elíseos, nos Campos Elíseos, o Iris, o Popular e o Piratininga, no Brás, e o Avenida, na Liberdade, devendo-se mencionar ainda a existência de sessões cinematográficas de graça proporcionadas por algumas confeitarias de luxo aos seus fregueses[52]. Mais tarde, além de vários cinemas nos bairros, funcionaram no centro da cidade o Central (avenida São João), o Pathé (praça João Mendes), o Royal (rua das Palmeiras) e o Brasil (no Arouche). Ainda depois, o Cinema Triângulo, na rua Quinze, que passou a funcionar também de dia durante a semana. E o cinema passaria a ser considerado — é claro que com um pouco de exagêro — o único divertimento do paulistano.

Dos pontos de reunião elegante, sabe-se que em fins do século passado e comêço do atual a rua Quinze era a preferida para o "footing" de tôdas as tardes. Principalmente o seu ponto final, constituído pelo antigo largo do Rosário. Aí os passeios laterais e a tradicional Ilha dos Prontos, no centro — segundo a descrição de José Agudo em 1912 — estavam sempre cheios de gente. Gente que esperava um bonde ou um convite para beber[53]. Também em frente ao Café Guarani, segundo êsse cronista, havia sempre muita gente. Sobretudo agrupamentos de estudantes abas-

---

[51] Cursino de Moura, op. cit., págs. 70 e 135.

[52] Domingos Angerami e Antônio Fonseca, *Guia do Estado de São Paulo* (1912), págs. 210, 222 e seguintes.

[53] José Agudo, *Gente Rica*, pág. 119.

173 — Rua Quinze de Novembro no período 1896-1900. Em fins do século passado e começo do atual, era a preferida para o "footing" elegante.

(Arquivo do Departamento de Cultura)

tados que exibiam a elegância de suas roupas, seus chapéus e suas gravatas[54]. Mas isso no centro. Porque havia os locais de passeio e de recreio, como nos séculos anteriores, em locais distantes. Um dêles ainda o velho Jardim da Luz, que o prefeito Antônio Prado, no comêço do século atual, procurou transformar em ponto de reunião e diversão mais moderno para os moradores da cidade, animado por concertos musicais de boa categoria, freqüentados às vêzes pela família de Antônio Prado[55]. Alguns anos mais tarde Paul Walle observava: "Diz-se que apesar de suas belas avenidas, seus monumentos, seus jardins, São Paulo é uma cidade triste e sem distrações. Que às seis da tarde, quando o comércio se fecha, uma pesada solidão se abate sôbre as ruas centrais, que o silêncio se torna profundo e a cidade parece abandonada. Essa opinião pode ter sido sugerida pela calma que reina geralmente nos bairros residenciais. Mas é uma afirmação exagerada no que concerne às ruas centrais da cidade, que continuam animadas até horas bem mais avançadas. As salas de cinema, bastante numerosas, regorgitam de público"[56].

Foi no último quartel do século passado que os esportes começaram também a se desenvolver em São Paulo — esportes que não se reduziam mais ao simples banho de rio, parece que ainda comum entre os estudantes em 1878[57], ou aos antigos jogos de bola e de tiro ao alvo que havia nos recreios dos arrabaldes[58].

---

[54] José Agudo, op. cit., págs. 26-27.

[55] Vitor da Silva Freire, "Antônio Prado, Prefeito de São Paulo", e Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* págs. 125 e 221.

[56] Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* págs. 57-58.

[57] Silva Jardim, *Memórias e Viagens,* pág. 74.

[58] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LX, pág. 71.

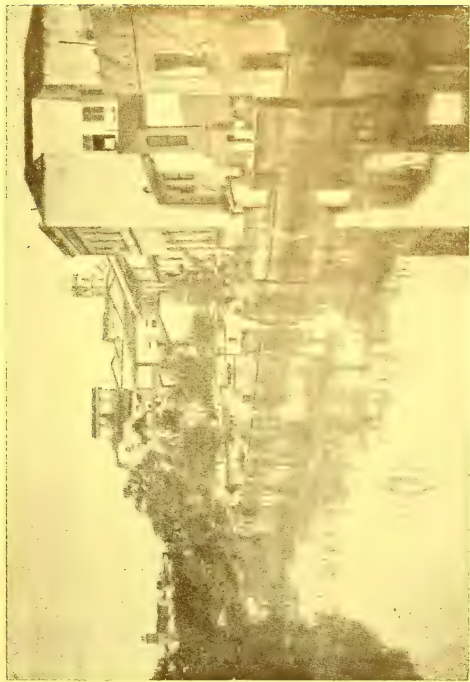
Desde o ano de 1875 jogavam-se, nas várzeas situadas perto da estação da Luz — escreveu Antônio Figueiredo — partidas de cricket entre inglêses empregados nos bancos e na São Paulo Railway. Os paulistanos não mostraram inclinação por êsse esporte, só se notando certo entusiasmo em tôrno dêle quando uma equipe argentina esteve mais tarde em São Paulo: em 1892[59]. A prática do futebol surgiu também entre inglêses residentes na cidade, mais ou menos em 1888, em local situado nas proximidades das ruas do Gasómetro e Santa Rosa. Em 1894 Charles Miller, agente da Mala Real Inglêsa, trouxe da Europa duas bolas e organizou entre os seus companheiros do São Paulo Athletic Club um quadro regular, que se bateu com outro formado por auxiliares da Companhia Inglêsa. Três anos mais tarde os funcionários da Emprêsa do Gás — também quase todos inglêses — resolveram formar diversos quadros de futebol, que se exercitavam na várzea do Carmo[60]. Fundaram-se depois outros clubes para a prática do esporte que havia de se tornar tão popular em tôda a cidade: o Wanders e o Britânia. E em 1898 os brasileiros resolveram fundar também os seu quadros, surgindo assim o dos estudantes do Mackenzie e depois o Esporte Clube Internacional, cujo primeiro campo foi a chácara Dudley, que ficava para os lados do Bom Retiro[61]. Já nos primeiros anos do século atual o jôgo de futebol começava a entusiasmar os alunos dos colégios paulistanos[62].

---

59 Antônio Figueiredo, "O Esporte em São Paulo", *A Capital Paulista* (álbum de 1920).

60 Antônio Figueiredo, op. cit.

61 Antônio Figueiredo, op. cit.

62 Caldeira Brant, *Memórias dum Estudante* (1885-1906) pág. 177.

174 — Local sujeito a inundações, na Tabatinguera. A natação no Tamanduateí, comum em meados do oitocentismo, foi reprimida pela polícia em fins do século passado (Fotografia reproduzida do álbum *A Capital Paulista*, 1920).

Foi também na última década do século passado que surgiu o esporte da bicicleta, e com o ciclismo se fêz o Velódromo. Até 1893 — segundo E. V. Pereira de Sousa — as poucas bicicletas existentes na cidade eram privilégio de mocinhos ricos. Em 1894 elas começaram porém a ser importadas comercialmente. Logo depois, "damas de respeito" e "cavalheiros austeros" aderiram ao esporte do pedal. Um dêles, o conselheiro Antônio Prado, cujas terras na Consolação foram niveladas para dar origem ao chamado Velódromo[63]. Tinha uma raia de trezentos e oitenta metros por oito de largura, e elegante arquibancada de setenta metros de comprimento, para oitocentos espectadores[64]. Além disso, quadras de tenis e tanque para banho. Foi — escreveu ainda E. V. — a célula-mater do atletismo em São Paulo[65]. Em 1895, entre as sociedades recreativas mencionadas por um almanaque, figurava o Clube Olímpico Paulista, que promovia corridas a pé e em velocípedes[66]. E no ano seguinte apareceu até um semanário intitulado *A Bicicleta,* com artigos e notícias sôbre o movimento do ciclismo em São Paulo e em todo o país[67]. Ainda nos últimos anos do século passado — em 1898 — introduziu-se na cidade o bola-ao-cêsto. Um professor do Mackenzie, Augusto Shaw, de volta dos Estados

---

63 Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., págs. 216-217.

64 Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* pág. 176.

65 Everardo Valim Pereira de Sousa, op. cit., págs. 216-217.

66 *Completo Almanak,* cit., pág. 178.

67 Afonso A. de Freitas, *A Imprensa Periódica de São Paulo,* pág. 465.

Unidos, trouxe uma bola própria para êsse esporte, que começou a ser praticado pelos alunos daquele colégio, em seu recreio[68]. Nessa época já funcionava também em São Paulo, na rua Florêncio de Abreu, um Clube Ginástico Alemão: o Deutsche Turn-Verein São Paulo[69].

Por outro lado os esportes náuticos foram se desenvolvendo a partir dos últimos anos do oitocentismo, quando os simples banhos de rio decairam sob a pressão de medidas policiais. No período de 1880 a 1889 caiu sôbre a natação feita no Tamanduateí e no Tietê o pêso dessa proibição. Talvez por causa dos espetáculos de nudismo ou pelo perigo que ofereciam essas atividades semi-esportivas sobretudo quando praticadas por menores. Foi no tempo dos Urbanos — contou Afonso A. de Freitas — então comandados por um veterano da guerra do Paraguai, o major Manuel Vieira. Os policiais chegavam a cercar as duas margens do Tamanduateí, no trecho da rua Glicério. Os nadadores, quando percebiam a presença dos Urbanos, apoderavam-se das roupas — já deixadas amarradas na margem — e nadavam para o meio do rio. Muitas vêzes os Urbanos acampavam à beira da corrente, à espera dos infratores. Mas êles nadavam rio abaixo até as matas da chácara de Dona Ana Machado, pela altura da atual rua Conde de Sarzedas, e assim conseguiam burlar às vêzes a vigilância dos perseguidores. Nessas batidas distinguia-se — ainda segundo as notas de Freitas — um "urbano"

---

[68] Antônio Figueiredo, *História do Foot-Ball em São Paulo,* pág. 17.

[69] *Almanaque do Estado de São Paulo para 1890,* pág. 149.

175 — A Floresta e a Ponte Grande em 1905, onde se localizavam as sedes do Clube de Regatas de São Paulo e do Clube Espéria.
(Fotografia reproduzida do álbum *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, 1905).

espantadiço e nervoso, que se tornou popular entre os freqüentadores do rio pelos nomes de "Assombração" e "Espanta-Gato"[70]. Mas o fato é que apesar da resistência dos moços e dos meninos que freqüentavam o pôrto dos Inglêses e a Fortunata Lopes — resistência que se fazia através dos apelidos e das vaias, como das manobras de retirada pela chácara de Dona Ana — aos poucos o costume dos banhos no Tamanduateí foi cedendo. E acabou desaparecendo. Em 1905, a Floresta das boêmias de outrora — segundo o álbum de Jules Martin — se tornára sede do Clube de Regatas de São Paulo, onde a mocidade ia buscar vigor "nas remadas fortes pelo Tietê acima". E em frente dêle outra sociedade náutica — o Clube Espéria — montara sua sede desde 1899[71]. Em 1912 uma publicação já registrava a existência dos clubes São Paulo, Espéria e Tietê, de natação e regatas, na Ponte Grande, fazendo referência à prática do tenis em São Paulo, sobretudo entre elementos da colônia inglêsa[72]. Em 1911 fundou-se o primeiro clube de equitação e esportes hípicos do país, em um recanto do Jardim da Aclimação: a Sociedade Hípica Paulista, que dez anos depois se transferiu para Pinheiros[73]. Pouco antes, em 1908, fundara-se o Au-

---

[70] Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, págs. 89 e seguintes.

[71] *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 88.

[72] Domingos Angerami e Antônio Fonseca, op. cit., pág. 227.

[73] *Almanaque de "O Estado de São Paulo"*, 1940, págs. 304 e seguintes, e *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, (Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 10, págs. 46-47.

tomóvel Clube, para se interessar pelo desenvolvimento do automobilismo e organizar concursos e corridas de automóveis que estimulassem o gôsto por êsse esporte. No mesmo ano, organizado e dirigido por essa entidade, fêz-se no circuito de Itapecerica, ligando Pinheiros a Santo Amaro, a primeira corrida de automóveis do Brasil e parece que de tôda a América do Sul[74].

[74] Américo Neto, "História da Rodovia São Paulo-Santos", *Trânsito*, dezembro de 1945.

IX — EM TÔRNO DA ACADEMIA

Sem dúvida que se prolongaram, além de 1870, certos aspectos da cidade marcados na fase anterior de sua historia pelo seu caráter de burgo de estudantes, as repúblicas de acadêmicos se agrupando ainda em determinados bairros ou ruas, de onde êles partiam em grupos, como em outros tempos, para seus passeios às chácaras dos arrabaldes. Entretanto as expansões mais ruidosas dos estudantes, nas últimas décadas do século passado, se faziam precisamente em locais assim afastados do centro, como se a intensificação dos negócios comerciais e industriais tornasse o ambiente urbano central cada vez menos propício às pândegas antigas. Em conseqüência do novo caráter, cada vez mais acentuado da cidade, a própria Academia de Direito — cujo casarão já acusa-

va em suas paredes, em seu pátio, em seus corredores, em suas vidraças e em seus bancos um estado ruinoso e desagradável — perdia um pouco de sua importância. Também o chamado "espírito acadêmico" decaiu de sua vitalidade anterior, nessa época, em parte como resultado do ensino livre instituído em 1879.

Em compensação, de modo geral, o ensino se alargava em outras direções, fazendo de São Paulo cada vez mais um centro educativo dotado de recursos mais variados e mais completos. Fundava-se o Liceu de Artes e Ofícios, reclamado pela necessidade de artífices mais experientes, em conseqüência do desenvolvimento industrial da cidade, e estabeleciam-se outros institutos de formação profissional. Surgiram várias escolas criadas por elementos de colônias estrangeiras radicadas na cidade, desenvolvendo-se particularmente o ensino alemão e depois o americano, com métodos novos e abolição dos castigos corporais. Nos últimos anos do século passado estabeleceram-se a Escola Politécnica e a Escola de Engenharia do Mackenzie College, e a Escola Normal foi transferida para um edifício de grandes proporções. No comêço do século atual fundaram-se as primeiras escolas de comércio e a Faculdade de Medicina.

Multiplicaram-se e se enriqueceram também, a partir de 1870, as bibliotecas. À da Faculdade de Direito, à Biblioteca Popular e à da Sociedade Germânia se acrescentaram, quase no fim do século passado, as do Mackenzie e da Politécnica e a grande Biblioteca do Estado, com sessenta mil volumes comprados em parte na Europa. O desenvolvimento do comércio livreiro no entanto não acusou índices muito notáveis até aproximadamente o comêço do século atual, embora a Casa Garraux já em 1883 tivesse sido considerada, por um visitante norte-americano, como a loja de livros mais bela de todo o país.

O movimento intelectual não teve, depois de 1870, o brilho que revelara em meados do século passado. Entretanto houve ainda estudantes da Academia de São Paulo que foram depois nomes de relêvo na história literária do Brasil: Teófilo Dias, Raimundo Correia, Eduardo Prado, Raul Pompéia, Inglês de Sousa, Luiz Murat, Vicente de Carvalho, Alberto Torres, Olavo Bilac e mais tarde Afonso Arinos, Paulo Prado, Valdomiro Silveira e mesmo Batista Cepelos ou Ricardo Gonçalves. Todavia nessa época se elevou o nível intelectual da cidade, sob o influxo da corrente imigratória, do contacto maior com a Europa e com os Estados Unidos e do próprio crescimento urbano, São Paulo absorvendo cada vez mais, como metrópole do café, as energias de uma vasta região. Iniciativas de caráter científico ou cultural refletiram desde as últimas décadas do século dezenove essas condições. Criou-se o Museu Paulista, com base nas coleções do major Sertório. Estabeleceu-se um observatório astronômico — o do General Couto de Magalhães — na Ponte Grande. Fundou-se o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. E foi constituída a Comissão Geográfica e Geológica do Estado.

Nos primeiros tempos desta época da existência da cidade de São Paulo se conservaram ainda muitos dos costumes que fizeram com que a capital da província fôsse, no período anterior, sobretudo uma cidade de estudantes. Entre 1872 e 1876 começou a aparecer uma ou outra casa de pensão em que se hospedavam acadêmicos. Em geral eram "de tratamento e preços democráticos". Uma apenas se mostrava mais nobre e por certo mais cara: a da Viúva Reis. Mas o sistema predominante continuou sendo

ainda o das repúblicas[1]. Geralmente agrupadas em determinadas ruas ou áreas da cidade. Em 1883, segundo Rodrigo Otávio, era o largo da Memória, no comêço da rua da Consolação, o "quartier latin" paulistano[2]. Mas também nas ruas da Assembléia, dos Estudantes e da Liberdade se viam repúblicas reunindo cada uma delas, quase sempre, acadêmicos procedentes de uma mesma província[3]. No comêço do século atual sabe-se de repúblicas de estudantes localizadas quase sempre nas imediações do largo da Sé (ruas Marechal Deodoro, Senador Feijó, Santa Teresa) ou travessas das ruas da Liberdade e da Glória (Conselheiro Furtado, São Joaquim e outras)[4].

Eram também comuns ainda os passeios de estudantes no estilo tradicional. Silva Jardim, quando estudou em São Paulo em tôrno de 1878 morava na rua de Santo Amaro e êle e seus colegas costumavam passear ao pôr do sol pelos campos adjacentes, "recitando versos ou discursos", ou no calor do dia banhando-se em bando no córrego próximo[5]. Faziam ainda os acadêmicos de Direito passeios a chácaras dos arredores da cidade. As da Bela Vista eram visitadas particularmente na época das frutas. Falando do seu tempo de estudante, em 1887-1891, Everardo Valim Pereira de Sousa escreveu que os acadêmicos costumavam freqüentar a chácara do boticário Baruel, em Santana, onde havia alegres "reuniões de noite inteira" que acabavam em um "concurso bezerril":

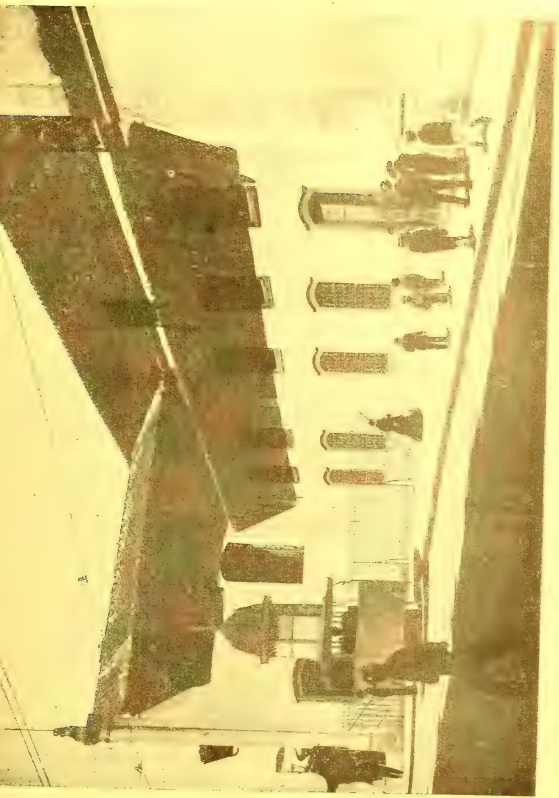
---

[1] Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, II, pág. 68.

[2] Rodrigo Otávio, *Minhas Memórias dos Outros*, 1.ª série, pág. 63.

[3] Alfonso Lomonaco, *Al Brasile*, pág. 111.

[4] Caldeira Brant, *Memórias dum Estudante*, pág. 169.

[5] Silva Jardim, *Memórias e Viagens*, pág. 74.

176 — Face lateral da Sé e comêço da rua Capitão Salomão em tôrno de 1910. Inúmeras repúblicas de estudantes se localizavam nas imediações do largo da Sé no comêço dêste século.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

vencia aquêle que pela manhã bebesse de uma vez só maior quantidade de leite quente tirado na hora[6]. Aliás, com a decadência da chamada "vida acadêmica", na cidade, depois de 1870, era sobretudo em certos bairros afastados, "fora de muros", que os estudantes podiam se dar ao luxo de algumas expansões mais ruidosas. Foi o que contou em suas memórias Rodrigo Otávio referindo-se aproximadamente ao período de 1883 a 1886. Os locais escolhidos para essas derradeiras manifestações da boêmia coletiva — notou êle — eram quase sempre o Marco da Meia Légua, no Brás, ou a Ponte Grande, na Luz[7]. Às vêzes até passeios a Santos faziam os acadêmicos "por pândega ou para comer peixe"[8]. A maioria dos estudantes de Direito — como observou Koseritz — usava nesse tempo óculos ou pince-nez. "Mais de mil estudantes — escreveu êle — tornam insegura a cidade, e no mínimo oitocentos dêles usam semelhantes instrumentos"[9]. Quase um distintivo de classe. Já Almeida Nogueira, referindo-se a época um pouco anterior, observara que entre os estudantes era praxe o uso dos óculos ou do monóculo. "Quem não usasse óculos ou monóculos não era gente. Todavia, o mais chique era mesmo o monóculo"[10], embora houvesse estudantes mais requintados que usavam pince-nez presos a trancelins de ouro[11]. Por outro lado, Valentim Magalhães notou que nesse tempo em São Paulo sujeito

---

6 Everardo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", *Revista do Arquivo Municipal,* CXI, pág. 54.

7 Rodrigo Otávio, op. cit., págs. 57 a 59.

8 Valentim Magalhães, *Horas Alegres,* pág. 213.

9 Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pág. 256.

10 Almeida Nogueira. *A Academia de São Paulo,* II, pág. 182.

11 Almeida Nogueira, op. cit., IV, págs. 194 e 200.

que não vestisse complètamente mal e que usasse pince-nez, óculos ou monóculo, era forçosamente doutor[12]. A mania dos óculos ou dos pince-nez era "reminiscência oriental, de sabor israelita", introduzida no Brasil, segundo Gilberto Freyre, por influência das tradições intelectualistas dos judeus[13].

O próprio edifício da Academia, por outro lado, também já se desgastara bastante — situação que fôra se agravando pela falta de verbas com que se fizessem os melhoramentos ou reparos que êle reclamava. Em 1881 já estava com muitas vidraças quebradas, as paredes sarapintadas "por negra e abundante varíola". Os corredores, "preciosos depósitos dos escarros de vinte gerações de bacharéis". Os bancos escolares, "feridos, furados, cobertos pelos gilvazes das assinaturas e dos números de tôdas as gerações acadêmicas"[14]. Em 1883 Koseritz confirmava que o antigo convento — sede do Curso Jurídico — estava arruinado e sujo, com os pátios cobertos de capim, o calçamento do claustro todo arrebentado, as janelas estragadas. E nas salas de aula paredes sujas, pedindo caiação há muito tempo, carteiras sem verniz e velhos bancos espalhados em tôdas as direções[15]. Até essa época o salão onde se instalou depois a biblioteca achava-se em abandono completo, sem fôrro e em parte sem assoalho — um verdadeiro depósito de cacos de telha, tábuas, baldrames, vidros quebrados, tudo coberto por alguns centímetros de pó, de cisco e de fuligem[16].

---

[12] Valentim Magalhães, *Quadros e Contos*, pág. 31.

[13] Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, 5.ª edição, págs. 404-405.

[14] Valentim Magalhães, *Quadros e Contos*, pág. 33.

[15] Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 264.

[16] Almeida Nogueira, op. cit., VII, pág. 102.

Ao lado da redução da importância da Academia de Direito como conseqüência do próprio crescimento da cidade e da complexidade cada vez maior da estrutura da sociedade paulistana depois de 1870, ocorreu também a decadência por assim dizer interna do próprio estabelecimento da Academia e do chamado "espírito acadêmico", até então cheio de vitalidade. Embora em 1879 Sousa Sá, em seus *Esboços Críticos,* escrevesse ser falso que a geração acadêmica de seu tempo não soubesse "guardar os nomes de Azevedo e Varela", não admitindo que o desânimo lavrasse "nas arcadas do velho convento"[17], o professor Brás Arruda observou que foi o ensino livre, instituído naquele ano, que transformou a vida acadêmica em São Paulo: os alunos não indo senão excepcionalmente à Faculdade, "afrouxaram-se os laços fraternos que os uniam, desapareceram as vaias, as festas acadêmicas, os prazeres em comum, as alegrias e dôres compartidas por tôda a classe". "As festividades, as ligas para os acintes aos profanos ou para as pirraças aos calouros, as serenatas, os passeios, as ceias, tudo ligava a mocidade acadêmica antes da cisão pelo ensino livre"[18]. O mesmo observou João Tomás de Melo Alves (Hinckmar) em seus *Cinco Anos numa Academia* (1878-1882), escrevendo que a reforma do ensino contribuiu então para o desaparecimento da antiga confraternização da mocidade que estudava em São Paulo[19]. O certo é que alguns anos mais

---

[17] Manuel Álvaro de Souza Sá. *Esboços Críticos da Faculdade de Direito de São Paulo em 1879*, pág. 9.

[18] Brás de Sousa Arruda, "Antigo São Paulo", *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo,* XXI, págs. 379 e seguintes.

[19] João Tomás de Melo Alves (Hinckmar), *Cinco Anos numa Academia* (1878-1882), págs. 73 e seguintes.

tarde — em 1888 — Valentim Magalhães falava na "decrépita e tristonha academia" do tempo[20]. Embora ainda em 1897, em carta de São Paulo, escrevesse Olavo Bilac que "isto ainda era a mesma Heidelberg... Andavam pelas ruas, em magotes, os estudantes"[21] e Couto de Magalhães Júnior, evocando seu tempo de estudante em 1896 falasse de repúblicas cujos utensílios de mesa eram todos tirados de cafés ou restaurantes através de expedições de rapinagem, como em outros tempos[22], e ainda que em 1903 os estudantes de uma República Mineira localizada no largo São Paulo organizassem pique-niques, com provisões de vinho e cerveja, em barcos que iam até a rampa do Mercado, pelo Tamanduateí, que passava pelos fundos da casa[23] — tudo isso devia ser já um reflexo bastante apagado da boêmia e da pândega tal como se praticavam no tempo de Bernardo Guimarães.

Entretanto, ao lado da Academia de Direito foram surgindo nesse tempo outras escolas. Em 1873 fundou-se a Sociedade Propagadora da Instrução Popular, que nove anos mais tarde se chamaria Liceu de Artes e Ofícios, com aulas noturnas, das seis às nove, de primeiras letras, caligrafia, aritmética, sistema métrico e gramática portuguêsa[24]. Em seu anúncio dizia-se que as aulas eram gratuitas e que os matriculados receberiam de graça livros, penas,

---

[20] Valentim Magalhães, *Horas Alegres,* pág. 192.

[21] Citado por Elói Pontes, *A Vida Exuberante de Olavo Bilac,* I, pág. 101.

[22] Couto de Magalhães Júnior, "No Mar... Sêco", citado por Afonso A. de Freitas, *A Imprensa Periódica de São Paulo,* pág. 460.

[23] Caldeira Brant, op. cit., págs. 179-186.

[24] Ricardo Severo, *O Liceu de Artes e Ofícios,* pág. 10.

papel e tinta. E quando fôssem assíduos, ainda cuidados médicos e remédios, além de prêmios em dinheiro ou objetos de valor[25]. O desenvolvimento da indústria e do comércio urbanos reclamava por certo artífices mais aparelhados que aquêles que vinham de outros tempos. Logo depois de criado, êsse estabelecimento se transferiu para um prédio da rua da Boa Morte e depois para outro na rua do Imperador. Esteve ainda localizado na rua de Santa Teresa e depois no edifício pegado à igreja dos Remédios, passando mais tarde para o edifício próprio edificado ao lado do Jardim da Luz por Ramos de Azevedo[26]. Sempre em mudança essas antigas escolas de São Paulo. No ano seguinte ao da criação do Liceu fundou-se o Instituto Dona Ana Rosa, destinado à formação profissional de meninos. Instalou-se na chácara do senador Queiroz, no bairro de Santa Ifigênia, na área limitada pelas ruas Brigadeiro Tobias, travessa da Beneficência, Florêncio de Abreu e Washington Luís. Em 1894 se transferiu para o edifício que ainda ocupa, na rua Vergueiro, onde se desenvolveram as suas oficinas[27]. Foi o primeiro estabelecimento de ensino profissional de iniciativa particular que houve na cidade. No mesmo ano de sua fundação o Seminário de Santana foi convertido em Instituto de Artífices. Além de instrução primária lecionavam-se ali desenho, ginástica, música e os ofícios de marcenaria, encadernação e alfaiataria, fazendo-se todos os anos exames literários e exposição de produtos artísticos[28]. Para

---

[25] Ricardo Severo, op. cit., pág. 9.

[26] Tolstoi de Paula Ferreira, "Subsídios para a História da Assistência Social em São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal,* LXVII, pág. 60.

[27] Tolstói de Paula Ferreira, op. cit., págs. 61-62.

[28] Abílio Marques, *Indicador de São Paulo* (1878), pág. 77.

êle eram transferidos, quando chegavam à idade de freqüentar escola, os meninos da Santa Casa. As meninas, para o Seminário da Glória, que nessa época, depois de uma porção de mudanças para cima e para baixo, ocupava um casarão no beco do Sapo. Em 1895 passou para outro edifício vizinho e em 1898 para a sede da chácara de Dona Veridiana Prado. na Consolação[29]: o casarão junto à igreja da Consolação, demolido há poucos anos.

Em 1875, em seu estudo intitulado *A Província de São Paulo,* J. Floriano de Godoi relacionava como estabelecimentos de ensino na cidade, além da Faculdade de Direito e dêsses educandários profissionais, um colégio de meninas dirigido por Knupel e outro por Molina, uma escola alemã para meninos e outra para meninas, a Escola Americana e o Instituto Alemão[30]. Logo depois, em 1880, fundou-se o Externato São José, para educação de meninas de famílias de recursos[31]. Nessa época — de 1881 a 1894 — a Escola Normal funcionou em um sobrado da rua da Boa Morte. Como havia uma única entrada — a que servia para as alunas — os alunos entravam pelos fundos, depois de descerem a íngreme ladeira dos Carmelitas (rua Agassiz) e percorrerem o beco (rua Ana Rosa)[32]. Sôbre a Escola Alemã escreveu Koseritz em 1883 que não estava instalada em casa pròpriamente bonita, mas bem situada e espaçosa, na rua que conduzia à fábrica de Diogo de Barros: a Flo-

---

[29] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* I, págs. 25 e seguintes.

[30] Joaquim Floriano de Godoi, *A Província de São Paulo,* pág. 24.

[31] Tolstói de Paula Ferreira, op. cit., pág. 54.

[32] Salvador Rocco, "Escola Normal de São Paulo", *Poliantéia do Centenário do Ensino Normal em São Paulo,* pág. 7.

177 — Edifício do Seminário Episcopal, na Luz, em 1905.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

rêncio de Abreu. "Assistimos ao desfile dos cento e setenta e quatro alunos das diversas classes. Entre as crianças só havia quarenta de ascendência brasileira. A escola alemã possui cinco classes, com programa similar ao das escolas alemãs. Na classe mais adiantada também se ensinam o francês e o inglês". Observou aliás Koseritz que havia em São Paulo "muito mais desenvolvimento do ensino alemão" do que em Santa Catarina. Muitas famílias faziam com que as suas crianças aprendessem o alemão antes de qualquer outra coisa. "Contribuiu muito para isso sem dúvida a circunstância de ter o falecido senador Nicolau Vergueiro feito educar todos os seus filhos na Alemanha, onde alguns serviram mesmo como oficiais na Guarda Prussiana"[33]. O jornalista teuto-brasileiro encontrou nessa ocasião em São Paulo o doutor Knigg, professor e escritor alemão "não destituído de importância, e preceptor na casa do rico Antônio Prado"[34].

Os almanaques de Seckler — no período de 1885 a 1888 — no capítulo da instrução pública registravam em primeiro lugar os estabelecimentos de maior importância da cidade: a Academia de Direito, a Escola Normal, a Associação Propagadora da Instrução Popular com o Liceu de Artes e Ofícios, e o Seminário Episcopal, no campo da Luz. Vinham menciona-

---

[33] Evocando coisas da cidade e da província de São Paulo em época um pouco anterior — em tôrno de 1870 — D. Maria Pais de Barros em seu livro *No Tempo de Dantes* aludiu à estranheza que causavam às pessoas de sua família os modos de um parente que regressara da Alemanha, onde fôra estudar: suas maneiras ásperas, sua voz alta e retumbante, os rudes hábitos nórdicos que adquirira contrastavam chocantemente com "as maneiras suaves e corteses vigentes entre nós", na época. (D. Maria Pais de Barros, *No Tempo de Dantes,* pág. 54).

[34] Carl Von Koseritz, op. cit., págs. 268 a 270.

dos também o Seminário da Glória e o Instituto Dona Ana Rosa. Esclareciam os almanaques que o primeiro dêstes dois estabelecimentos "era destinado à educação de meninas orfãs, filhas de militares mortos na pobreza". E que o segundo fôra fundado com a importância para isso deixada por Dona Ana Rosa de Araújo, falecida em 1872[35]. Uma porção de escolas e colégios vinha depois mencionada pelos almanaques: o Colégio Joaquim Carlos — com instrução primária e secundária — na ladeira Porto Geral; o Colégio Moretz Sohn, no largo de Santa Ifigênia; o Colégio Instituto Artístico, na rua do Ouvidor; o Colégio D. Maria do Amaral, na Florêncio de Abreu; o Colégio de Santa Teresa, na rua de Santa Teresa; a Aula Taquigráfica, na rua de São José; a Escola Mineira, na rua de Santa Teresa; o Colégio Cláudio, na rua Conselheiro Crispiniano; o Externato Araújo, na rua da Esperança. Figuravam também duas escolas estrangeiras: a Deutsche Schule — a que Koseritz fizera referência — e a Escola Americana, na rua de São José[36]. Já no almanaque de 1888 apareciam escolas e colégios novos: o Barjona de Freitas, no largo de São Bento; o Colégio Cross — com instrução primária, secundária e superior — na rua do Brás; o Colégio Azevedo Soares, na rua Senador Queiroz; a Escola Neutralidade — de João Kopke — na rua da Consolação; a Escola Pública do Sexo Feminino, na rua do Aterrado de Santana, na Ponte Grande; a Escola Conceição, na rua das Flores; e o Jardim da Infância, na rua Conselheiro Crispiniano. Estrangeiras, a Escola Popular Alemã, na rua 25 de

---

[35] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* págs. 108 e seguintes.

[36] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* págs. 108 e seguintes, e *para 1886,* págs. 83 e seguintes.

Março, a Escola Teuto-Brasileira, na rua Duque de Caxias, e a Ecole Française Mixte, na rua da Princesa[37]. Também anunciavam nesses almanaques da província, na época, professores particulares que davam aulas nas residências dos alunos, preparando estudantes para os exames da Academia de Direito ou da Escola Normal. Como B. Portier, professor de Francês, Inglês, Alemão, Matemática, História, Geografia e Caligrafia, "residente em São Paulo desde 1868"[38].

Como na época da publicação dos almanaques ainda eram bastante comuns nas escolas paulistanas — como nas de outras cidades brasileiras — os castigos corporais (a varada, o puxão de orelhas, o bolo de palmatória), tais como haviam sido descritos no começo do oitocentismo por Vieira Bueno, é bastante significativo o anúncio publicado então pela Escola Americana, dirigida por Mr. Lane e fundada em 1870: "Os castigos corporais são absolutamente proibidos em tôdas as repartições do estabelecimento". Aliás a Escola Americana destacava ainda em seu anúncio que "o estudo da Fisiologia, necessário à conservação da saúde, ao desenvolvimento físico e à formação de costumes puros", era obrigatório para todos os alunos, avisando ainda que o estudo era feito "por métodos intuitivos e objetivos", afastando-se o mais possível dos "antigos sistemas"[39]. Êsses "antigos sistemas" deviam ser os representados pelo estudo em voz alta, a decoração excessiva com pouco

[37] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, págs. 164 e seguintes.

[38] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, anúncios, pág. 44.

[39] *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, pág. 68.

estímulo para o pensamento. "Resolveu-se — na Escola Americana — substituir êsses métodos pelos desenvolvidos durante larga experiência nas escolas públicas dos Estados Unidos, inclusive o ensino pelo método intuitivo e o estudo silencioso"[40]. Mas o motivo principal que deu origem à fundação dessa escola na cidade foi a impossibilidade em que se achavam as crianças não-católicas de freqüentar as escolas públicas por questões de intolerância religiosa. Foi em 1870 que uma senhora americana residente em São Paulo, à rua Visconde de Congonhas do Campo, abriu para êsses alunos uma pequena escola na própria sala de jantar de sua casa. A iniciativa encontrou repercussão e o marido dessa senhora, o dr. George W. Chamberlain, resolveu ampliar o estabelecimento, que foi instalado em ponto central e com corpo docente adequado[41]. A fundação desse colégio, que depois se intitulou Mackenzie College — como a de outras escolas americanas, o Instituto Granbery em Juiz de Fora, o Instituto Gamon, também em Minas e os Ginásios Evangélicos da Bahia e de Pernambuco — Fernando de Azevedo escreveu que contribuiram notàvelmente para a mudança de métodos e a intensificação do ensino em todo o país[42]. Talvez o caso também em São Paulo do Hydecroft College, localizado no comêço do século atual na Avenida Paulista e onde se matriculavam meninos "das principais famílias da capital e do interior de São Paulo"[43].

Mas outros estabelecimentos de ensino se fundaram ainda em São Paulo nas duas últimas décadas

---

[40] W. A. Waddell, *Mackenzie College — Notas sôbre a sua história e organização,* pág. 5.

[41] W. A. Waddell, op. cit., pág. 5.

[42] Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira,* pág. 141.

[43] Caldeira Brant, op. cit., págs. 165-166.

do século passado. Em 1885 os padres salesianos, procedentes do Uruguai, criaram o Liceu de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus[44]. Em 1889 criou-se na cidade o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, que teve a princípio funções essencialmente didáticas, constituindo o Gabinete de Resistência de Materiais da Escola Politécnica — esta última criada por lei de 1893 e instalada, com trinta e um alunos e vinte e oito ouvintes, no ano seguinte. Dois anos mais tarde — em 1896 — instalou-se a Escola de Engenharia do Mackenzie College[45]. Em 1894 estabeleceu-se em seu novo e grande edifício — construído pelo arquiteto Ramos de Azevedo — a Escola Normal[46]. Nessa época eram já também numerosas na cidade as escolas particulares italianas. O Almanaque de 1891 registrava o Colégio Italiano (na ladeira de São Francisco), a Escola Giuseppe Garibaldi (na Líbero), a Escola Italiana "Sempre Avanti Savoia" (na Sete de Abril), a Escola Italiana (na rua Lourenço Gnecco) e o Colégio Regina Margherita (na rua Flórida, no Brás)[47]. No começo do século vinte — em 1902 — criaram-se as duas primeiras escolas de comércio da cidade, a do Mackenzie e a Álvares Penteado; em 1911, as duas primeiras escolas técnico-profissionais no Brás (uma feminina e outra masculina) e em 1913 a Faculdade de Medicina[48]. Em 1908 havia na capital dezoito grupos escolares com perto de

---

44 Fernando de Azevedo, op. cit., pág. 136.

45 Fernando de Azevedo, op. cit., pág. 367.

46 Fernando de Azevedo, op. cit., pág. 374, e *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno* (álbum de 1905), pág. 110.

47 *Almanaque do Estado de São Paulo para 1891,* págs. 155 e seguintes.

48 Fernando de Azevedo, op. cit., págs. 374-375, e Roberto Capri, *O Estado de São Paulo e seus municípios* (1913), págs. 89-90.

nove mil alunos — estabelecimentos que em 1913 seriam vinte e cinco[49].

No ano de 1875, por outro lado, o já citado trabalho de Floriano de Godoi a respeito da província de São Paulo mencionava entre as bibliotecas da cidade a da Faculdade de Direito, com dez mil volumes; a Biblioteca Popular, com quatro mil e quinhentos; a Alemã, pertencente à Sociedade Germânia; além de outras "de uso particular"[50]. Havendo já também um "gabinete que alugava livros" — o de Madame Guilhem — na rua da Imperatriz[51]. Uns dez anos depois sabe-se que a biblioteca da Sociedade Portuguêsa, iniciada modestamente com uma estante contendo oitenta e poucos volumes, doados pelo comendador José Alves de Sá Rocha, foi reorganizada — isso em 1883 — por iniciativa do comendador Bernardino Monteiro de Abreu, com mobília nova e aumento considerável de livros[52]. Na mesma ocasião Koseritz fazia referência à biblioteca da Sociedade Germânia, com seus três mil volumes[53]. Quase no fim do século passado foi que se fundaram algumas bibliotecas novas e de importância maior. Em 1886 a do Mackenzie College. Em 1894 a da Escola Politécnica. A Biblioteca do Estado, datando de 1895-1896, foi organizada com uma coleção de sessenta mil volumes comprados em parte na Europa e escolhidos pelo bibliotecário Jerônimo Azevedo. Nessa época a outra Biblioteca Pública (a da Academia de Direito) — que em 1890 Raffard observou ter so-

---

49 Roberto Capri, op. cit., págs. 89-90.

50 Joaquim Floriano de Godói, op. cit., pág. 25.

51 *Anexos ao Almanaque da Província de São Paulo para 1873*, pág. 119.

52 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 20.

53 Carl Von Koseritz, op. cit., pág. 258.

178 — Museu Paulista e Jardim do Ipiranga no começo do século atual.
(Reprodução de desenho publicado no livro de Archibald Forrest *A tour through South America*, 1913).

mente 4.616 livros, revistas e jornais, e se encontrar no mesmo estado de pobreza em que se encontrava em 1881, segundo o relatório de Pires da Mota[54] — enriquecida com número considerável de obras, contava com 7.541 livros em um total de 22.644 volumes[55]. Em 1896, além dessas bibliotecas, um almanaque registrava ainda a do Forum, na rua do Quartel, a do Congresso, no largo Municipal, a do Sínodo Presbiteriano, na rua 24 de Maio e a do Liceu de Artes e Ofícios, na rua de Santa Teresa[56]. Vieira Bueno, na sua *Autobiografia*, referiu-se a uma doação de livros que fêz ao Liceu de Artes e Ofícios por intermédio do conselheiro Leôncio de Carvalho. Tratava-se de todos os livros de Matemática e de Engenharia que formavam "a escolhida biblioteca" trazida dos Estados Unidos e da França por um seu filho, que falecera[57]. Mas os casos de boas coleções particulares de livros ainda deviam ser mais raros que o de bibliotecas de instituições. São Paulo não fazia nesse particular excepção ao que se passava em todo o Brasil ainda na segunda metade do século passado[58]

Em São Paulo tem-se a impressão de que mesmo nos últimos anos do oitocentismo não se desenvolvia

---

[54] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro*, vol. LV, II, pág. 169.

[55] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista*, I, pág. 471.

[56] *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1896*, pág. 88.

[57] Francisco de Assis Vieira Bueno, *Autobiografia*, pág. 75.

[58] "Nada impressiona tanto o estrangeiro — escrevera Agassiz — como a ausência de livros nas casas brasileiras. Se o pai exerce uma profissão liberal, tem uma pequena biblioteca de tratados de Direito ou Medicina, mas não se vêem livros espalhados pela casa, como objetos de uso constante; não fazem parte das coisas de necessidade corrente" (Luís e Elizabeth Cary Agassiz, *Viagem ao Brasil*, pág. 570).

acentuadamente o comércio de livros. Parece que as poucas livrarias existentes apenas mudavam de nome ou de dono de vez em quando. A princípio havia a Paulista, a Emprêsa Literária, a Dolivais — esta última recebendo novidades do exterior, pois era representante da Emprêsa Faro e Lino e da Livraria Internacional de Carrilho Videira, de Lisboa, e a Civilização, de Abílio Marques, funcionando esta em 1875 no prédio de esquina da rua do Rosário onde estava também instalado o jornal *A Província de São Paulo*[59]. Em 1885, segundo um almanaque de Seckler, as livrarias paulistanas eram a Casa Eclética, na rua de São Bento, a Emprêsa Literária Fluminense, na rua Direita, a Casa Garraux, na rua da Imperatriz — que o viajante Andrews em 1883 considerou a mais bela loja de livros e papelaria existente no Brasil[60] — e a Livraria Paulista, na rua de São Bento[61]. O almanaque de 1888 registrava a Emprêsa Corazzi Literária, no largo da Sé, Fischer Fernandes & Cia. (Casa Garraux), J. P. Leão (Livraria Escolar), na rua Boa Vista; Jerônimo Azevedo (Livraria Azevedo), na rua Direita; e Teixeira & Irmão (Livraria Paulista) na rua de São Bento — como estabelecimentos que representavam o comércio de livros na capital de São Paulo[62]. Ainda em 1896 o Almanaque Paulista Ilustrado continuava registrando a existência de apenas cinco livrarias na cidade: a de A. Thiollier & Cia., na rua Quinze, a de Alves & Cia., na

59 Valério Sálvio, "A Província de São Paulo", *O Estado de São Paulo* de 4 de janeiro de 1946.

60 Christopher C. Andrews, *Brazil, its Condition and Prospects*, pág. 144.

61 *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, págs. 232-233.

62 *Almanaque da Província de São Paulo para 1888*, pág. 265.

rua da Quitanda, a de Costa & Santos (Livraria Civilização) na rua de São João, a de Laemert & Cia., na rua Comércio e a de Melilo & Cia., na rua de São Bento[63]. Outra publicação da mesma época, no entanto, registrava a existência, em 1895-1896, de oito estabelecimentos que negociavam com livros novos e três que vendiam livros usados. Entre os primeiros, um já de livros inglêses, o "Victoria Store", na rua de São Bento[64]. Com o desenvolvimento das colônias estrangeiras na cidade — sobretudo a italiana — surgiram livrarias especializadas. No comêço do século vinte Sousa Pinto se referiu a uma livraria em que se exibiam os últimos volumes de D'Annunzio, de Ferrero e de Rovetta[65].

Tomava algum incremento a edição de livros na cidade a partir das três últimas décadas do século dezenove, através do desenvolvimento de algumas de suas casas tipográficas. Na sétima década do oitocentismo a Tipografia Alemã, da rua do Comércio n.° 2, imprimiu o volume de poesias *Auras Matinais*, do "estudante do 4.° ano da Faculdade de Direito" Hipólito de Camargo, em 1872; a Tipografia da Tribuna Liberal, do largo do Palácio n.° 2 e depois da rua da Imperatriz n.° 44, publicou em 1876 ou 1877 a *História de um Pescador* (cenas da vida no Amazonas), de Luís Dolzani (Inglês de Sousa); e em 1879 os *Cantos e Lutas*, de Valentim Magalhães. A Tipografia de Jorge Seckler imprimiu em 1873 os

---

63 *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, pág. 335.

64 *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*, pág. 232, e para 1896, pág. 252.

65 Sousa Pinto, *Terra Moça — Impressões Brasileiras*, pág. 335.

Apontamentos sôbre a Estrada de Ferro Projetada entre o Pôrto de Iguape e a Cidade de Itu, de Henrique Ernesto Bauer; em 1875 o livro de poesias *Livro de Rosa*, de Júlio Cesar Leal; em 1876 o *Primeiro Relatório da Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Paulo*, de Francisco Martins de Almeida; em 1879 o volume de poesias *Telas Sonantes*, de Afonso Celso Júnior. Na oitava década, ainda a tipografia de Seckler editou em 1882 *Cinco Anos numa Academia* de João Tomás de Melo Alves e a *Monografia do Município da cidade de São Paulo*, de João Mendes de Almeida Júnior; em 1883, *Em São Paulo — Notas de Viagem*, de Firmo de Albuquerque Diniz (Június), trabalho distribuído pela livraria de Dolivais Nunes, estabelecido na rua de São Bento e que editou ainda em 1882 os *Quadros e Contos* de Valentim Magalhães. A Livraria Popular editou em 1880 *Camões*, de Afonso Celso Júnior; a tipografia do *Correio Paulistano*, no mesmo ano, a *Arte de Formar Homens de Bem* — oferecida às mães de família — de autoria de Domingos Jaguaribe, e em 1881 o *Parnaso Acadêmico Paulistano*, de Paulo Antônio do Vale; a tipografia de *A Província de São Paulo*, em 1882, o folheto de Sílvio Romero *O naturalismo em literatura;* a tipografia Baruel, em 1886, *Algumas Notas Genealógicas — Livro de Família*, de João Mendes de Almeida.

Por outro lado, depois de 1870 ainda houve publicações literárias de acadêmicos de Direito tentando manter o prestígio das letras entre os estudantes da cidade, como nos tempos boêmios em que se destacaram alguns poetas românticos de primeira plana. Em 1876 a "República das Letras", com Américo de Campos e Lúcio de Mendonça, e "A Consciência", de

179 — Observatório do general Couto de Magalhães, na Ponte Grande, em fins do século passado.

(Fotografia reproduzida do álbum de Gustavo Koenigswald *São Paulo*, 1895)

Afonso Celso Júnior[66]. E nessa mesma época freqüentaram o Curso Jurídico de São Paulo estudantes que depois ganharam projeção nas letras nacionais: Teófilo Dias e Raimundo Correia[67]; a partir de 1877, Eduardo Prado[68], Raul Pompéia, Luís Murat, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac, Alberto Tôrres[69]; e ainda depois Afonso Arinos e Paulo Prado[70]; na última década do oitocentismo, Valdomiro Silveira e Batista Cepelos[71]; e no comêço do século atual o poeta Ricardo Gonçalves[72]. Não devendo a gente esquecer que o próprio Inglês de Sousa, que se tornaria figura de projeção nas letras nacionais, com seu romance *O Missionário*, fêz em São Paulo parte de seu curso de Direito[73].

Entretanto, se decaiu nas últimas décadas do século dezenove o movimento intelectual que tivera por centro em meados do oitocentismo o casarão do largo de São Francisco — como parece evidente — de modo geral se elevou o nível intelectual da cidade, em grande parte, segundo Raffard, sob o influxo da crescente corrente imigratória italiana para a província, muitos peninsulares tendo-se fixado na sua capital[74]. E em boa parte devido ao próprio crescimento da cidade, caracterizando-se esta cada vez mais como metrópole,

---

66 José de Freitas Nobre, *História da Imprensa de São Paulo*, pág. 117.

67 Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, V, pág. 295.

68 Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, II, págs. 375. e seguintes.

69 Spencer Vampré, op. cit., II, págs. 427 e seguintes.

70 Spencer Vampré, op. cit., II, págs. 489 e seguintes.

71 Spencer Vampré, op. cit., II, págs. 570 e seguintes.

72 Spencer Vampré, op. cit., II, págs. 658 e seguintes.

73 Almeida Nogueira, op. cit., IV, pág. 297.

74 Henrique Raffard, op. cit.

pela incorporação das energias de tôda uma vasta região. Passou mesmo a cidade a comportar, no último quartel do século passado, uma série de iniciativas de caráter científico ou intelectual, como expressões de um clima cultural bem diverso já daquele que fôra o dominante em meados do século, apesar de todo o brilho das gerações acadêmicas de então. Em 1877, por exemplo, requeria um particular licença da Câmara para fazer no Teatro São José ou em outro lugar qualquer uma exposição de "curiosidades indígenas"[75]. Em 1883 o viajante Koseritz se referia ao chamado "museu do coronel Sertório". Sertório era um homem rico que "sem preocupação científica" enchera sua casa de objetos os mais disparatados, que deveriam ser ordenados cientìficamente pelo engenheiro sueco dr. Loefgren[76]. O coronel Sertório — observou aquêle viajante — devia doar essas suas coleções à província, para servirem de base a um museu[77]. Foi o que aconteceu. Em 1890 não tinha ainda o Museu Sertório, então instalado no largo Municipal, um catálogo, mas Raffard aconselhava que quem se encontrasse em São Paulo fizesse uma visita a êle[78]. Com essas coleções de Sertório, compradas em 1890 pelo conselheiro F. de Paula Mayrinck e ofertadas ao govêrno do Estado, e mais com o velho museu da Sociedade Auxiliadora (de 1877) fundou-se o Museu Paulista, instalado no parque do Ipiranga. O edifício do Museu foi construído por Luís Pucci em 1882, segundo a planta do engenheiro Tomás G. Bezzi, e inaugurado em 1885. Em 1894 instalou-se nele o

---

[75] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LXIII, pág. 182.

[76] Carl Von Koseritz, op. cit., págs. 261 e 263.

[77] Carl Von Koseritz, op. cit., págs. 261 e 263.

[78] Henrique Raffard, op. cit.

Museu[79], sob a orientação do alemão Hermann Von Ihering, que foi o seu primeiro diretor[80]. Nesse mesmo ano foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo[81]. Na penúltima década do século passado foi ainda que o brigadeiro Couto de Magalhães montou seus telescópios no primeiro observatório astronômico da cidade, em sua chácara da Ponte Grande, na margem do Tietê[82]. Em 1886 criou-se a Comissão Geográfica e Geológica do Estado. Antes de sua criação o brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira cuidava na capital de São Paulo das observações de temperatura. Essas observações só passaram a ser feitas, sistemàticamente, na residência do professor Alberto Loefgren, na Consolação. De 1888 em diante iniciaram-se observações no posto do Jardim da Luz, onde foi construída uma tôrre meteorológica. Nessa época também na São Paulo Railway se procedia à leitura dos termómetros. Em 1895 a Central Meteorológica foi transferida do Jardim da Luz para a Escola Normal[83]. A cidade, também nos planos intelectual e científico, procurava se aparelhar para exercer as suas funções metropolitanas ou quase-metropolitanas.

---

[79] Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora*, págs. 232-233.

[80] Fernando de Azevedo, op. cit., pág. 369.

[81] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 4, pág. 17.

[82] Aureliano Leite, *O Brigadeiro Couto de Magalhães*, págs. 133-134.

[83] Lucas R. Junot, "Estudos de Temperatura da Cidade de São Paulo", *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia* — Conselho Nacional de Geografia, II, pág. 460.

X — O PIANO E A ÓPERA

A expansão e o enriquecimento da cidade de São Paulo a partir dos últimos trinta anos do século passado se refletiram desde logo na multiplicação de suas casas de espetáculo, fundando-se o pequeno Teatro Minerva, o Provisório Paulistano, o Ginásio Paulistano e o das Variedades Paulistanas, todos inferiores no entanto ao São José, que vinha do período anterior e se incendiou em 1898. Destacaram-se também na época dois teatros improvisados em barracões de zinco — o Politeama e o Eldorado — em que se fizeram todavia representações de sucesso. Edificou-se depois o Santana, com certos requisitos modernos, e o São José novo. Mas o mais importante de todos nesta fase seria o Municipal, que ao ser inaugurado em 1911 foi tido como o edifício mais importante de

São Paulo é um dos mais belos da América do Sul tôda.

Do ponto de vista da produção teatral na cidade, entretanto, o surto que se observara em meados do século passado parece ter sido de pequena duração e não ter deixado raízes que se desenvolvessem. O velho dramalhão tomou conta de novo dos palcos paulistanos, ao lado porém de comédias nacionais ou estrangeiras, de revistas e de operetas, apresentadas por companhias famosas do Rio de Janeiro e às vêzes por estrangeiras como a Dramática de Lisboa. No comêço do século atual figuras de projeção internacional se apresentaram em São Paulo contribuindo para a elevação do nível dos espetáculos e do gôsto do público.

Desenvolvimento mais positivo, nesse mesmo período, teve a música, com a intensificação do interêsse pelo piano e a fixação na cidade de numerosos professores estrangeiros. A ligação de São Paulo com a Côrte por estrada de ferro em 1877 facilitou a apresentação de companhias líricas, do Rio ou estrangeiras, no São José. Começaram a ser realizados também concertos musicais de certa importância, sobretudo a partir de 1883, com a fundação do Club Haydn por Alexandre Levy. Levy, que estudara em São Paulo e depois se aperfeiçoou na Europa, foi aliás figura bastante representativa do ambiente musical paulistano de seu tempo. Nas últimas décadas do século passado surgiram ainda outras entidades e clubes cujo objetivo era o cultivo da música, e Chiafarelli estabeleceu na cidade a sua escola, que teria influência pronunciada. No comêço do século atual — em 1906 — começou a funcionar o Conservatório Dramático e Musical.

Com relação à música popular sabe-se que, com a imigração, sobretudo italiana, entraram na cidade os instrumentos e as músicas populares da Península,

muitos italianinhos formando grupos que tocavam e cantavam pelas ruas — refugiando-se então nos arredores, como que envergonhadas de seu caipirismo, as cantigas tradicionais da terra.

As artes plásticas não tiveram ainda, nos últimos trinta anos do século passado e mesmo no começo do atual, ambiente para muita expansão em São Paulo. Pedro Alexandrino e Almeida Júnior, que figuravam em almanaques de 1888 como "retratistas a óleo", reproduziram em desenhos ou quadros certos aspectos paulistanos dêsse tempo. Pedro Alexandrino colaborou também na decoração da igreja de Santa Teresa, quando de sua restauração em 1880, e Almeida Júnior pintou alguns painéis no teto da Sé. No começo do século atual o interêsse um pouco maior pelas artes plásticas — embora ainda revelado por parte de uma elite bastante reduzida — se refletiria na instalação de uma Pinacoteca em 1911.

No setor das construções de edifícios para fins teatrais se refletiu particularmente o surto de modificações que se iniciou na cidade a partir de 1872. Já no ano seguinte fundava-se um pequeno teatro — o Minerva — no local onde se ergueu depois o Santana[1]. E na mesma ocasião se edificou o chamado Teatro Provisório Paulistano, na rua Boa Vista[2], em cujo prédio se aproveitou um portão de ferro que se achava na ponte do Balthar e que a Câmara mandou que fôsse depositado de novo no lugar em que estava[3]. Em 1881 começou a funcionar o Ginásio Paulistano[4],

---

[1] Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo,* IV, pág. 267.

[2] Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo,* II, pág. 87.

[3] *Atas da Câmara Municipal de São Paulo,* LIX, págs. 162-164.

[4] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 87.

pequena casa de espetáculos prestando-se à exibição de companhias de pessoal pouco numeroso ou que não podiam ou não queriam fazer despesas elevadas[5]. E alguns anos depois, na travessa da Boa Vista, surgiu o Teatro das Variedades Paulistanas[6]. O período de 1887 a 1891 foi retratado por Everardo Valim Pereira de Sousa nas suas "Reminiscências Acadêmicas". Havia então dois teatros na cidade — simplificou êle — um modesto, pertencente a uma sociedade portuguêsa de caráter ginástico e dramático, e outro grande — o São José — um tanto suntuoso para a época[7], mas de fachada já antiquada e paredes rachadas em 1885. segundo Lomonaco, com platéia vasta, duas ordens de camarotes e torrinhas espaçosas, que sempre se enchiam com o pessoal "das classes acadêmica, normal e caixeiral"[8]. Talvez tivessem desaparecido ou deixado de funcionar temporariamente os outros pequenos teatros da época. Dois almanaques, de 1895 e 1896, registravam a existência na cidade, — além do São José — do Politeama, do Coliseu Paulista (na rua Ipiranga) e do Apolo (na rua Boa Vista), sendo êste último, porém, o mesmo Minerva de 1873[9].

Em certa madrugada de 1898 incendiou-se o São José[10]. Pegava fogo, depois de mais de trinta anos

---

[5] Június, *Em São Paulo — Notas de Viagem*, pág. 77.

[6] Antônio Egídio Martins, op. cit., II, pág. 87.

[7] Alfonso Lomonaco, *Al Brasile*, pág. 115.

[8] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas" (1887-1891), *Revista do Arquivo Municipal*, XCIII, pág. 113.

[9] José Jacinto Ribeiro, *Cronologia Paulista*, II, pág. 325. *Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*, pág. 270, e *para 1896*, pág. 293, e *Almanach para 1896 de "O Estado de São Paulo"*, pág. 389.

[10] Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, II, pág. 197.

180 — Teatro São José (á direita) em fotografia de 1918.
(Arquivo do Departamento de Cultura).

de atividades, o casarão do largo Municipal. Ficou então com o Teatro Politeama — escreveu Cursino de Moura — a responsabilidade de manter a tradição teatral da cidade. Situava-se êle na avenida São João — observou ainda êsse cronista — e era um barracão acaçapado, desengonçado, sombrio apesar das suas luzes, com uma entrada larga e um longo corredor[11]. Velho barracão de zinco, fôra feito para abrigar o circo de Frank Brown (e porisso tinha o formato circular)[12], gozando no entanto da fama de ser o teatro de melhor acústica de São Paulo[13]. Isso apesar de ainda ter na frente botequins e a um dos lados uma escola de tiro... Contava com trinta e sete camarotes, doze frizas, duzentas varandas, galeria e platéia para quinhentas e setenta e quatro cadeiras[14]. Teve realmente dias de sucesso e foi o centro de tôda uma zona da cidade quando a antiga ladeira do Acu começou a se tornar a sede da vida noturna de São Paulo[15]. Ao lado do Politeama funcionava, em 1900, o Teatro Eldorado, também todo de zinco, com trinta e um camarotes, quatro frisas e cento e cinqüenta cadeiras. Na rua Florêncio de Abreu o Éden Club mantinha um teatrinho para representações de sócios[16].

No ano de 1900, no local onde estivera o Teatro Provisório Paulistano, na rua Boa Vista, apareceu o Teatro Santana velho, que foi no seu tempo o único verdadeiramente bom — no dizer do cronista de *São*

---

11 Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora,* págs. 70 e 137.

12 Miguel Milano, *Os Fantasmas da São Paulo Antiga,* pág. 33.

13 Edmundo Amaral, *A Grande Cidade,* pág. 42.

14 Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900,* pág. 172.

15 Cursino de Moura, op. cit., págs. 70 e 137.

16 Alfredo Moreira Pinto, op. cit., pág. 172.

Paulo de Outrora — pois o Politeama era muito inferior e o Municipal ainda não existia[17]. A construção do Santana despertava interêsse, e um observador na época registrava que sua cena seria tão vasta que nela poderia trabalhar qualquer companhia lírica de primeira ordem, havendo de doze a catorze camarins. Deveria ser iluminado, êsse teatro, a eletricidade e a gás. E tanto as cadeiras da platéia como as do balcão teriam pernas ou armação de ferro e assentos de palhinha móveis e automáticos "como as dos teatros modernos da Europa"[18]. No entanto a cidade reclamava nessa época um teatro ainda mais suntuoso. Era pelo que se batia aliás, desde 1896, F. Gomes Cardim, apresentando mesmo nesse sentido um projeto à Câmara Municipal. Os nossos teatros de então — dizia êle em artigo para a imprensa — estavam em geral entregues aos interêsses da especulação comercial e industrial[19]. Mas ainda em 1905 o almanaque publicado pela *Tribuna Italiana* registrava como funcionando na cidade apenas dois teatros, o Santana e o Politeama, além de um "magnífico salão para concertos", o Salão Steinway[20]. Alguns anos depois Paul Walle mencionava, além do Teatro Municipal, o Santana — que logo depois deveria ser demolido para dar lugar à construção do viaduto Boa Vista[21] — o Politeama, e o São José novo, êste fazendo mau efeito ao lado do Municipal, pois ficava no local onde agora se ergue o edifício da Light. Êsses teatros — dizia

---

[17] Cursino de Moura, op. cit., pág. 137.

[18] Alfredo Moreira Pinto, op. cit., págs. 170-171.

[19] *Um Realizador — Dr. P. A. Gomes Cardim*, 1929, págs. XXXVIII, XL e XLI.

[20] *Almanacco della Tribuna Italiana.*

[21] Domingos Angerami e Antônio Fonseca, *Guia do Estado de São Paulo* (1913), págs. 218-221.

Walle — só funcionavam no inverno[22]. Mas havia na época mais algumas casas de espetáculos: o Teatro Boa Vista, na rua dêsse nome; o Apolo, na Dom José de Barros; o Cassino Antártica — construído em fins de 1913[23] — na rua Anhangabaú; o São Paulo, no largo São Paulo; o Palace Theatre, na Brigadeiro Luís Antônio; o São Pedro, na Barra Funda; o Colombo, no bairro do Brás; e ainda o Variedades, na esquina do largo Paissandú com a rua Dom José de Barros[24]. Em breve seria inaugurado o novo Santana, na rua 24 de Maio[25].

Quanto ao Municipal, suas obras tiveram início em 1903, terminando em 1911, dirigidas pelos engenheiros Ramos de Azevedo, Domício e Cláudio Rossi. Já antes de terminado — em 1907 — Silva Teles falava no complemento indispensável "que mal se compreende tenha como panorama da cidade essa fila repugnante de fundos de velhas e primitivas habitações"[26]. Quando se inaugurou, em 1911, disse Aureliano Leite que o Teatro Municipal era considerado o edifício mais importante de todo o Estado. Sobranceiro ao vale do Anhangabaú, êle se destacava esplêndidamente, visto do viaduto do Chá ou da rua Líbero Badaró, com o parque emoldurando-lhe uma das fachadas laterais[27]. A sua arquitetura exterior — es-

---

22 Paul Walle, *Au Pays de l'Or Rouge,* pág. 58.

23 Albert Bonnaure, *Livro de Ouro do Estado de São Paulo* (1914), pág. 101.

24 Domingos Angerami e Antônio Fonseca, op. cit., pág. 218.

25 Agenor Barbosa, "Onde São Paulo se Diverte", *A Capital Paulista* (álbum de 1920).

26 Agenor Barbosa, op. cit., e Augusto C. da Silva Teles, *Melhoramentos de São Paulo,* pág. 39.

27 Aureliano Leite, *História da Civilização Paulista,* pág. 169.

creveu Agenor Barbosa — é composta no estilo barroco a que os artistas italianos chamam "seiscento". "É clássica, com tipos e módulos da renascença greco-romana, tendo tido o artista, para benefício mesmo da construção, usado da maior liberdade de imaginação ao empregar a linha curva dotando-a assim de motivos e detalhes ornamentais que lhe dão maior leveza e graça, aliadas ao aspecto de imponente nobreza próprio do estilo"[28]. Paul Walle considerou êsse edifício do Teatro Municipal de São Paulo em sua época um dos mais belos de tôda a América do Sul e o mais vasto do Brasil. De estilo Renascença — escreveu êle — oferecia alguma semelhança com o Teatro Municipal do Rio e com "o nosso Ópera"[29].

Relativamente às peças, sabe-se que em 1873 a inauguração do Teatro Provisório foi feita com a apresentação de "Calúnia", drama original de Carlos Ferreira e Felizardo Júnior. Mais ou menos nessa época se fêz notar na cidade um autor teatral de projeção puramente local: Francisco Emílio Opperman, tipógrafo do jornal *A Província de São Paulo* — e apelidado Chico Metralha — amador de teatro que escreveu uma comédia em quatro atos intitulada "A Costureira", cuja ação se passava no Beco do Sapo, velho local característico[30]. Mas ainda em 1882 o "dramalhão pesado" encontrava adeptos numerosos na cidade, segundo A. J. Carvalho[31]. No fim do século passado — observou também E. V. Pereira de Sousa — ainda eram bastante apreciados os espetáculos dramáticos e trágicos, com lances emocionantes, de peças como "O Conde de Monte Cristo", "As

28 Agenor Barbosa, op. cit.
29 Paul Walle, op. cit., pág. 52.
30 Antônio Egídio Martins, op. cit., I, pág. 113.
31 Afonso José de Carvalho, *São Paulo Antigo,* pág. 50.

181 — Teatro Municipal de São Paulo, inaugurado em 1911, vendo-se no primeiro plano os fundos de casas da rua Formosa.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

Duas Orfãs", "Os Sete Infantes de Lara", "O náufrágio do vapor Pôrto" e "outros lacrimogênicos dramalhões à moda antiga"[32]. Mas o interêsse era maior — ainda de acôrdo com essas evocações de Everardo Valim — quando no Teatro São José estreava alguma das companhias famosas da Côrte: a de Sousa Bastos, a de Heler, a de Dias Braga, a de Adolfo Faria, a de Guilherme da Silveira. Os astros eram na sua maioria portuguêses, e as artistas francesas, muitas delas remanescentes ainda do célebre Alcazar, que fizera sucesso no Rio antes de 1880. As representações incluiam dramalhões, comédias, operetas, mágicas, revistas. Estas, com encenação aparatosa, não faltando nem mesmo os fogos de Bengala[33]. Havia mesmo as chamadas representações "féeriques" — a que já se referia, em 1882, o viajante Június — nas quais o maquinista era quem fazia tudo. "Atirando para a sombra os autores das peças e os atores, os maquinismos destinavam-se a agradar ao público por meio de vistas e aparições deslumbrantes — escreveu o autor de *Notas de Viagem* — e ostentação de cenas extraordinárias"[34]. Mas além das companhias da Côrte outras — estrangeiras — se apresentavam na cidade. Por exemplo a Dramática, do Real Teatro Dona Maria Segunda, de Lisboa. Quando isso acontecia, o teatro paulistano passava a interessar não só ao público da cidade, como ao de Jundiaí e Campinas, de onde muita gente se transportava para a capital da província a fim de assistir aos espetáculos

---

[32] Everàrdo Valim Pereira de Sousa, "A Paulicéia Há Sessenta Anos", *Revista do Arquivo Municipal,* CXI, pág. 62.

[33] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", *Revista do Arquivo Municipal,* XCIII, págs. 113 e seguintes.

[34] Június, op. cit., pág. 77.

do São José[35]. A última peça apresentada no teatro do largo Municipal foi "A Morgadinha de Val Flor", de Pinheiro Chagas, levada à cena pelo Grupo Dramático Gil Vicente[36]. Outras sociedades dramáticas trabalharam nesse tempo em São Paulo: entre elas o chamado Grupo Dramático 29 de Julho.

Mas as representações teatrais dêsse estilo já em fins do século passado — ou pelo menos em seus últimos anos — não satisfaziam mais ao gôsto requintado de alguns, segundo opinou F. Gomes Cardim, em 1896, ao apresentar o seu projeto de construção de um grande teatro na cidade. É que os de então — dizia êle — entregues aos interêsses da especulação comercial e industrial, "se nos proporcionavam de vez em quando amostras modelares de boa arte, mais seguiam, como é natural, a corrente em que se abastardava o gôsto, com estações de brejeirice alegre, em coplas de opereta e estimulações picantes de revistas e farças grosseiras"[37]. No comêço do século atual figuras notáveis do palco internacional estiveram na cidade, contribuindo por certo para elevação do nível dos espetáculos e do gôsto do público. Aureliano Leite citou Susanne Despres, Clara de La Guardia, Coquelin, Eleonora Duse, Enrico Caruso, Tina de Lorenzo, Armando Falcone, Jacques Richepin, Graziela Pareto, Maria Gay, Helena Takowa, Pascale Amato, Gustavo Salvini, Alessandre Bonci, Tita Ruffo, Zanatello e Lúcia Crestani[38].

---

[35] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", cit., págs. 113 e seguintes.

[36] José Jacinto Ribeiro, op. cit., II, pág. 429.

[37] *Um Realizador...*, cit.

[38] Aureliano Leite, op. cit., pág. 164.

Paralelamente ao interêsse pelo teatro cresceu o gôsto pela música. Já em 1874, de um festival no Teatro Provisório constava uma parte musical a cargo de amadores da sociedade paulistana e do orfeão da sociedade alemã "Esperança"[39]. Sabe-se aliás que no ano seguinte já havia muitos professores de música e de piano, não apenas na capital como no interior da província de São Paulo. A ponto — segundo informação citada por Penteado de Rezende, de um trabalho de Nardi Filho — de ter sido convocado naquele ano, pelo mestre ituano Elias Lobo e pelo seu cunhado Tristão Mariano, um congresso de professôres de música de São Paulo "a fim de se elevar a classe e auxiliar vocações esparsas"[40]. Nas residências paulistanas já grassava a epidemia de piano com tamanha insistência — escreveu Rezende — que o folhetinista França Júnior denunciou o mal pela *A Província de São Paulo,* de 18 de maio de 1875, escrevendo da cidade em um desabafo: "És uma verdadeira Pianópolis"[41]. Nesse tempo — ainda segundo Penteado de Rezende, historiador da música em São Paulo — ensinavam música na cidade os professores Luís Maurice, de origem russa, e Gabriel Giraudon — êste tendo vindo para o Brasil em 1859 — os quais guiaram Alexandre Levy no comêço dos seus estudos. Pouco depois chegavam outros mestres: Gustavo Westheimer, musicista e pianista alemão, e George Von Madeweiss, barão prussiano que deixou

---

[39] Ricardo Severo, *O Liceu de Artes e Ofícios,* pág. 9.

[40] Carlos Penteado de Rezende, "A Primeira Professôra de Piano a Apresentar Alunas em Concêrto em São Paulo", *O Estado de São Paulo,* de 4 de Abril de 1946.

[41] Carlos Penteado de Rezende, *Dois Meninos Prodígios de Outrora em São Paulo,* págs. 45-46.

muitas peças para piano[42]. A Sociedade Germânia chegou a montar uma opereta, "Doutor Sabelbein", que foi apresentada com sucesso[43].

No ano de 1877 a ligação de São Paulo com o Rio de Janeiro pela estrada de ferro foi coisa da maior importância para o desenvovimento da vida musical da cidade, pois tornava fácil a apresentação de companhias líricas da Côrte ou estrangeiras na capital da província. Logo apareceu uma emprêsa das melhores da época — escreveu E. V. Pereira de Sousa — apresentando o Rigoleto, o Trovador, o Guarani[44]. E pouco depois era reforçado o interêsse do paulistano pela música e pelos concertos musicais com a mudança para São Paulo em 1880 — segundo as notas de Penteado de Rezende — da jovem professora de piano Emília Philipeaux, nascida no Rio de pai francês e mãe alemã; e em 1882 com a chegada de Henrique Stupakoff, alemão de Hamburgo e violoncelista que com Emília e com o violinista Frederico Krueger formou "um trio que em família era o suficiente para alegrar as horas noturnas ou os domingos e feriados"[46]. Começaram a ser realizados concertos musicais no pavilhão do Rinque, na rua Alegre (Brigadeiro Tobias) e depois na casa de H. Levy[46]. Em 1883 Alexandre Levy fundou o Club Haydn, instituição de importância para a existência

---

[42] Carlos Penteado de Rezende, "A primeira professôra de piano...", cit.

[43] Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil,* pág. 259.

[44] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", cit., págs. 111 e seguintes.

[45] Carlos Penteado de Rezende, "A Primeira Professôra de piano...", cit.

[46] Vanderlei Pinho, *Salões e Damas do Segundo Reinado,* pág. 92.

artistica da cidade, e que chegou a realizar mais de trinta concertos de boa categoria[47]. Alexandre Levy estudou com seu irmão Luís Levy, com Maurice e Giraudon, e depois com Westheimer e Madeweiss. Em 1877 estivera na Europa se aperfeiçoando. Foi autor de um "Tango Brasileiro", do "Samba" e das "Variações sôbre o Bitu"[48]. Apesar de a cidade estar na época influenciada fortemente pela música italiana — observou Gelásio Pimenta — Levy se inclinou para a música alemã[49]. Um ano depois da fundação, por Levy, do Club Haydn, fundou-se o Club Internacional — uma iniciativa de Francisco Archer Upton — de que um dos objetivos era proporcionar às famílias dos sócios concertos musicais[50]. Também a Ópera Cômica teve grande voga nessa época em São Paulo, segundo Afonso José de Carvalho. A música alegre conquistou então a cidade, trazida pelos empresários Heler e Sousa Bastos, em operetas originais ou vertidas para o português[51].

Por outro lado os almanaques de Seckler registravam, na penúltima década do século passado, a existência de algumas entidades cujos objetivos eram o cultivo da arte musical: a Sociedade de Canto Lira, o Club Mozart, do Brás, por exemplo, ou o chamado Congresso Brasileiro, com aulas de música. E em 1890 o Club Coral Mendelssohn (Gesangverein Men-

---

47 Afonso A. de Freitas, *Dicionário Histórico, Topográfico Ilustrado do Município de São Paulo,* I, pág. 86.

48 Gelásio Pimenta, "Alexandre Levy", *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo,* XV, pág. 387.

49 Gelásio Pimenta, op. cit.

50 José Jacinto Ribeiro, op. cit., I, pág. 517.

51 Afonso José de Carvalho, op. cit., pág. 50.

delssohn)[52]. Ainda no fim do oitocentismo eram freqüentes também as tocatas da Banda dos Permanentes, que se faziam aos domingos no Jardim da Luz e às quintas-feiras no jardim do palácio do govêrno, continuando as velhas tradições da banda da Euterpe Comercial, em meados do século passado: o jovem sargento Antão Fernandes tocava sempre de improviso em vários instrumentos[53]. Além de outras bandas civis e militares, havia em 1890 uma formada de artistas italianos, em sua maioria alfaiates, que nos dias festivos passeavam com a farda dos Bersaglieri[54]. Êsses concertos dados no Jardim da Luz foram estimulados, no comêço do século atual, pelo conselheiro Antônio Prado. A banda de música da Fôrça Policial passou a dar concertos com peças de Bach, de Beethoven, de Schubert, de Wagner — em um coreto de maiores proporções[55].

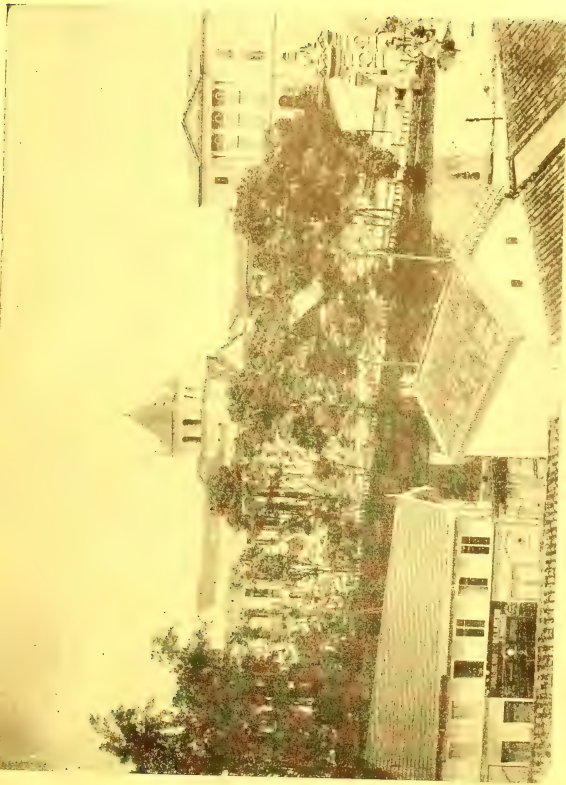
De outra parte em 1889 Luigi Chiafarelli se estabeleceu na cidade montando a sua escola de música que tanta influência teria sôbre o desenvolvimento da arte musical em São Paulo. Ao seu nome devem se juntar os do professor paulistano Paulo Florence, compositor e estudioso de coisas musicais e de Felix Otero, que se fixou na cidade em 1894, dedicando-se

---

[52] *Almanaque do Estado de São Paulo para 1890,* pág. 149.

[53] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências Acadêmicas", cit., pág. 117, e Cursino de Moura, op. cit., pág. 21.

[54] Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia", *Rev. do Inst. Hist., Geog. e Etnog. Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 159.

[55] Everardo Valim Pereira de Sousa, "Reminiscências", e Vitor da Silva Freire, "Antônio Prado, Prefeito de São Paulo", *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* págs. 221 e 125.

182 — Pátio do Colégio em 1895, época em que ainda aí se faziam, às quintas-feiras, concertos a cargo de bandas de música.

(Arquivo do Departamento de Cultura).

ao ensino da música e fundando o jornal *A Música para Todos*[56]. Nessa época — no ano de 1891 — a Casa Levy anunciava, como a maior novidade da época, caixas de música "podendo executar milhares de peças em uma só caixa". Havia sempre à venda "tôdas as novidades musicais avulsas para essas caixas de música"[57]. No ano seguinte apareceu o primeiro fonógrafo na cidade. Contou Afonso Schmidt que os jornalistas, em certo dia daquele ano, foram convidados pelo dono de uma casa de miudezas da rua de São Bento — o senhor Figner — para verem funcionar o "estranho aparelho". Era uma caixa modesta, de madeira, coberta de vidro: a máquina falante de Edison. Os cilindros chamavam-se fonogramas. Ainda não havia discos[58]. Em 1907 já um dos vendedores de fonógrafos fazia tocar constantemente um dêsses aparelhos, diante da casa em que se hospedara um viajante francês[59]. Já nessa época a cidade contava com o Salão Steinway, para concertos, e com o Conservatório Dramático e Musical, que começou a funcionar em 1906[60]. Em 1912 fundou-se a Sociedade de Cultura Artística, entidade graças à qual a cidade pôde entrar em contacto com

---

[56] *Almanacco della Tribuna Italiana.*

[57] *Almanaque do Estado de São Paulo para 1891,* anúncios, pág. 57.

[58] Afonso Schmidt, "A Máquina Falante", *A Tribuna,* de Santos.

[59] Charles Wiener, *333 Jours au Brésil,* pág. 44.

[60] Estefânia Gomes de Araújo, *João Gomes de Araújo — sua vida e suas obras,* pág. 62, e *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) n.º 9, pág. 34.

famosos artistas nacionais e estrangeiros, de uma forma muito mais permanente[61].

Por outro lado, desde as últimas décadas oitocentistas, contava a cidade com vários musicistas italianos, vindos com as primeiras correntes imigratórias, que trouxeram para São Paulo também as músicas e os instrumentos musicais populares da Península. Muitos italianinhos costumavam, formando grupos que se utilizavam de vários instrumentos, tocar e cantar cançonetas de sua terra, muitas vêzes angariando esmolas pelas ruas[62]. E assim a "prosaica e fúnebre sanfona" — como escreveu Couto de Magalhães — "ia extinguindo a poética e indígena viola ou guarará", a música e o versejar peninsulares ameaçando de fazer desaparecer os locais[63]. Refugiavam-se essas cantigas populares tradicionais nos arredores da cidade, observou Afonso A. de Freitas: o cateretê e os descantes ao desafio[64].

Expressão bem menor que o teatro ou a música tiveram as artes plásticas. Carlos Penteado de Rezende divulgou há alguns anos a reprodução de um quadro a óleo pintado em 1879 por um artista que se assinou H. Calgan, representando uma festa religiosa de São Benedito realizada à noite no largo de São

---

61 *Almanaque de "O Estado de São Paulo"* (1940), pág. 297.

62 Geraldo de Faria Lemos Pinheiro, "Reminiscências da Academia", Revista *Onze de Agôsto,* 1943.

63 Couto de Magalhães, *Anchieta, as Raças e Línguas Indígenas,* pág. 33.

64 Afonso A. de Freitas, "Folganças Populares do Velho São Paulo", *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo,* XXI, págs. 5 e seguintes.

183 — Ponte da Tabatinguera

(Quadro de Almeida Júnior — Pinacoteca do Estado).

Francisco[65]. Tudo indica tratar-se de algum pintor estrangeiro de reduzidos méritos artísticos. Mas alguns pintores brasileiros, na última parte do século passado, fixaram aspectos da cidade e realizaram alguns trabalhos em casas e igrejas paulistanas. Quando se fêz a restauração da igreja de Santa Teresa, em tôrno de 1880, sabe-se que colaborou em algumas de suas decorações, segundo Monteiro Lobato, o pintor Pedro Alexandrino[66]. Entre os quatro "retratistas a óleo" mencionados pelo *Almanaque da Província de São Paulo para 1885*, figuravam Pedro Alexandrino e Almeida Júnior. Pedro Alexandrino Borges, na rua da Glória, sabe-se que desenharia mais tarde, para o livro *Tradições e Reminiscências Paulistanas,* de Afonso A. de Freitas, dois aspectos da cidade em 1870: o Morro da Fôrca e a Chacara dos Inglêses. Almeida Júnior, com atelier na rua da Imperatriz, fixou em quadro um aspecto da cidade nessa época: aquêle em que êle retratou a ponte da Tabatingüera e algumas velhas casas de beiral, com escadas nos fundos, dando para o rio[67].

Mas pode se dizer que não havia público nem compradores para obras de arte, em geral, nessa fase da existência da cidade. Em 1888 um pioneiro das relações ítalo-brasileiras, B. Belli — contou A. Picacarollo — mandou vir da Itália objetos de arte, quadros e estátuas, dos melhores artistas vivos peninsulares, para tentar negociar em São Paulo com êsses

[65] Carlos Penteado de Rezende, "Um Inédito da Iconografia paulistana", separata da revista *Investigações,* 1950.

[66] Monteiro Lobato, "Pedro Alexandrino", *Revista do Brasil,* de Fevereiro de 1918, pág. 118 e seguintes.

[67] *Almanaque da Província de São Paulo para 1885,* pág. 243.

artigos. O insucesso foi absoluto. Quase nenhuma dessas peças encontrou comprador. Algumas foram liquidadas abaixo do preço do custo, e Belli obrigado a fechar o seu estabelecimento[68].

Na penúltima década do oitocentismo o pintor Almeida Júnior pintou nos forros internos da catedral da Sé, então restaurada, painéis representando Nossa Senhora (na capela-mor) e a conversão do padroeiro São Paulo (no corpo do edifício)[69]. Por outro lado a pintura decorativa do edifício do Teatro Municipal, já no começo do século atual, esteve a cargo de Oscar Pereira da Silva, a quem se devem as três telas que ocupam o centro do teto, no salão de festas, e também de Moselli Pusello, de Giuseppe Pangella e de Sebastião Sparapani. As esculturas em mármore, devidas a Lorenzo Massa, de Florença[70]. Nessa época um esbôço de interêsse pelas artes plásticas já se traduzia na instalação — em 1911 — da Pinacoteca do Estado, no Liceu de Artes e Ofícios[71].

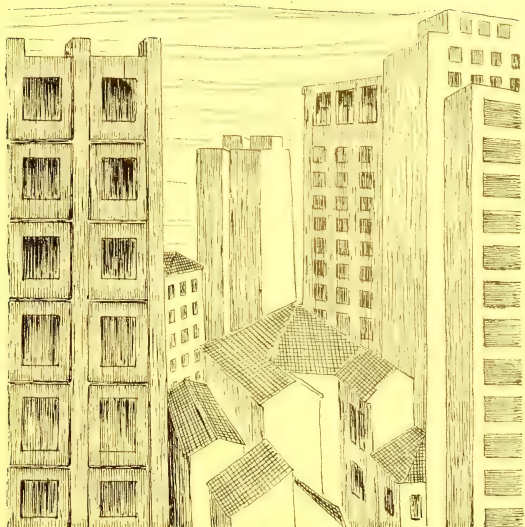
---

[68] Antônio Piccarolo, *Um Pioneiro das Relações Ítalo-Brasileiras,* pág. 57.

[69] Henrique Raffard, op. cit.

[70] Agenor Barbosa, op. cit., e *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) n.º 9, pág. 48.

[71] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* n.º 7, pag. 44.

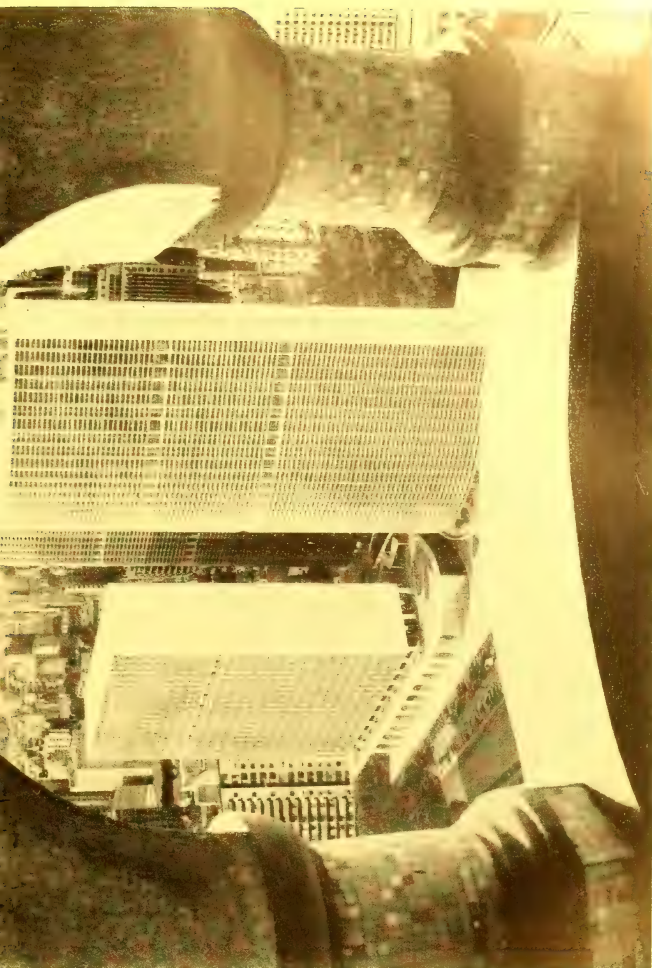
APÊNDICE
SÃO PAULO
DE AGORA
1918-1953

A Paulicéia de ruas estreitas e casas modestas, que cabia no Triângulo e existiu até a primeira Grande Guerra — observou Caio Prado Júnior — era a sede de um São Paulo poderosamente agrícola — o São Paulo do café — em que imperava uma forte aristocracia territorial: gente que tinha mais orgulho da fazenda que da cidade, e quando pensava em cidade situava essa cidade na Europa, a rigor em Paris. A Paulicéia de agora preside os destinos de outro São Paulo, de um São Paulo industrial, que vive no plano de uma economia mais intensamente moderna, cujo

espírito sobrepujou a mentalidade, os usos e os costumes da economia latifundiária[1]. Embora rigorosamente houvesse restrições a fazer a certos aspectos do quadro da Paulicéia antiga aí esboçados, o fato é que a cidade superou, nos últimos trinta e poucos anos, a sua condição anterior de metrópole do café: e entre os fatores do seu crescimento — que pode ser sem demagogia classificado de extraordinário — além do surto cafeeiro na província a partir da segunda metade do oitocentismo, e do desenvolvimento da imigração, particularmente a italiana, naquele mesmo período — deve de fato ser lembrada, a partir aproximadamente da primeira Grande Guerra, a expansão decisiva do parque industrial paulistano, exigindo espaços enormes para a localização de fábricas e de oficinas, e traduzindo-se no loteamento de grandes propriedades na área suburbana[2].

A ampliação da área da cidade, nessa fase mais recente de sua existência, atingiu porisso a proporções incomuns, e a êsse crescimento deve se acrescentar aquilo que um escritor chamou de "a influência exterior da cidade" sôbre o semi-deserto que havia em tôrno dela: a multiplicação das indústrias agrárias, do carvão de lenha, e dos locais para diversão e recreio, como Santo Amaro e a Cantareira. A êsse desenvolvimento considerável não podia deixar de corresponder uma extrema intensificação da existência urbana, que marcaria, com côres ainda menos tropicais, a fisionomia da cidade. "Aquêles que andam pelas ruas, que olham e gritam, compram e vendem — notou um observador — sentem que aí está o centro

---

[1] Citado por Hermes Lima, "São Paulo de hoje e São Paulo de amanhã", *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro.

[2] Aroldo de Azevedo, *Subúrbios Orientais de São Paulo*, págs. 27 e 28.

34 — Maqueta dos Edifícios Copan, em construção na esquina da avenida Ipiranga com a rua São Luís.

(Foto-montagem de R. Landau).

de uma metrópole moderna, internacional, de uma cidade de comércio e indústria". "Nessas ruas estreitas, de edifícios altos — acrescentava êsse visitante — os homens correm e se acotovelam como em qualquer capital da Europa"[3].

Já se procurou por outro lado caracterizar São Paulo de agora como uma espécie de cidade provisória. "Nada sobrou da cidade antiga: nem casa, nem tôrre, nem igreja, nem convento". O próprio convento dos Franciscanos — com todo o prestígio que lhe dera a instalação da Academia de Direito — foi demolido em 1934 para dar lugar a uma nova edificação. "Aqui as casas vivem menos do que os homens", chegou a escrever um dos mais curiosos cronistas paulistanos, Antônio de Alcântara Machado, acrescentando: "E se afastam para alargar as ruas. Nem há nada acabado, definitivo"[4]. O mesmo observou um visitante ilustre da cidade — Kipling — transmitindo suas impressões ao professor Cândido Mota Filho. Até hoje — escrevia êste último em 1947 — São Paulo não é uma cidade definitiva, mas uma cidade em mudança. Não tem aquêle aspecto de maioridade que possui Buenos Aires, ou aquêle aspecto pitoresco que tem o Rio de Janeiro ou aquêle aspecto definido que tem Belo Horizonte. "Percorrendo-a de uma feita em companhia de Kipling êle qualificou a imperial cidade de São Paulo de anti-imperial, tal o seu aspecto desarranjado e provisório"[5]. Todavia Ki-

---

[3] Wolfgang Hoffmann-Harnisch, *O Brasil Que Eu Vi*, págs. 75-76.

[4] Antônio de Alcântara Machado, *Cavaquinho & Saxofone*, pág. 15.

[5] Cândido Mota Filho, "Aspectos da Cidade", *Diário de São Paulo* de 2 de dezembro de 1947.

pling conheceu a cidade em uma fase talvez já menos aguda de seu processo de crescimento desordenado. O urbanista Agache, em 1941, observava que conhecendo São Paulo em 1927 achara que ela era uma cidade transbordante de atividade, mas inteiramente inorgânica. E que em 1941 constatava a transformação que se fazia: "Pouco a pouco esta cidade informe de há catorze anos toma uma fisionomia definida. Existem ainda grandes problemas a resolver, sobretudo no que concerne ao tráfego. Sinto-me feliz por ver uma cidade cheia de dinamismo como esta entrar numa fase de caráter monumental como é a presente"[6].

Os grandes problemas ainda sem solução, a que aludiu Agache, foram por certo os referidos pelo engenheiro Prestes Maia, quando escrevia em seu livro *Os Melhoramentos de São Paulo*: "Passando de média a grande cidade, e atingindo já em 1945 a 1.650.000 habitantes, vendo as casas térreas cederem lugar às de dez e vinte andares, tudo estava arriscado a comprometer-se definitivamente: circulação, transportes, expansão, salubridade e estética"[7]. As transformações urbanas mais recentes de São Paulo tiveram por objetivo fazer com que ela escapasse a êsse risco.

A primeira coisa a assinalar no capítulo da casa, na cidade de São Paulo, a partir da época da primeira Grande Guerra até os dias de hoje é a sua multiplicação muito mais intensa, como é evidente, que na fase

---

[6] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) n.º 5, págs. 36-37.

[7] Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo*, pág. 9.

185 - A rua Direita de hoje, com seu intenso trânsito de pedestres.
(Do jornal *Última Hora*, São Paulo).

anterior, acusando mesmo índices raramente atingidos em qualquer parte do mundo. A cidade, que contava menos de sessenta mil edificações em 1918-1919[8], estava com quase cem mil em 1928[9], com mais de duzentas e trinta mil nas zonas urbana e suburbana em 1944[10], e seguramente agora com mais de trezentas mil. Seria porisso mesmo difícil definir a casa paulistana nesta fase de sua existência, mais ainda que na última parte do oitocentismo e na primeira do século atual, quando já uma série de influências de tôda a sorte fazia com que São Paulo, como outras cidades brasileiras, ostentasse o carnaval arquitetônico a que se referiu Monteiro Lobato. Parece que foi aliás em parte sob a sugestão dêsse escritor, em seu livro *Idéias de Jeca Tatu,* que se iniciou na sua arquitetura uma tentativa de estilo colonial ou neocolonial, de resultados nada convincentes[11].

É evidente por outro lado que se manteve e mesmo se acentuou o contraste pronunciado entre as residências dos bairros aristocráticos e as dos bairros populares — contraste cujos aspectos detalhados e estatísticos foram revelados não faz muito tempo em pesquisa feita pelo professor Donald Pierson, através de dados colhidos no Bexiga, na Mooca e no Canindé, para representarem o "nível inferior" de moradia, e no Jardim América, Pacaembu e Higienópolis, para representarem o "nível superior". Já na área de ter-

---

[8] Paulo Rangel Pestana, "A Cidade de São Paulo — Evolução Histórica", *A Capital Paulista* (álbum de 1920).

[9] Ramiro de Almeida, "A Expansão Vertical e Latitudinal da Cidade de São Paulo", *Ilustração Brasileira,* 1929.

[10] Oscar Egídio de Araújo, "Estatística Predial", *Revista do Arquivo Municipal,* CII, pág. 8.

[11] Citado por Aureliano Leite. *História da Civilização Paulista,* pág. 174.

reno utilizada por edificação observou Pierson que no Canindé a média foi de 114 metros quadrados, no Bexiga de 202 e na Mooca de 162, ao passo que no Pacaembu foi de 883, no Higienópolis de 1.531 e no Jardim América de 1.580. Em todos os seis bairros, entretanto, constatou aquêle pesquisador que os materiais de construção variaram apenas ligeiramente, a diferença principal sendo que nas áreas de habitação inferior os prédios, com raras excepções, tinham teto de madeira, ao passo que em 85 por cento das outras áreas êles eram de estuque. Nos do Higienópolis, alguns eram ainda de madeira, e vários de madeira e estuque, certamente por ser êsse o mais antigo dos bairros de moradia "superior". Bairros êstes em que, de outra parte, se verificou que as casas se destinavam cem por cento para fins residenciais. Ao passo que nos outros três bairros, muitas eram as edificações mixtas. E com numerosos porões habitados. Alguns abaixo do nível da rua[12]. As habitações coletivas se desenvolveram em conseqüência da concentração industrial e do crescimento da população, predominando da mesma forma em determinados distritos urbanos. Segundo revelou uma pesquisa de Oscar Egídio de Araújo, se tornaram mais freqüentes essas habitações coletivas na Bela Vista, no Bom Retiro, na Consolação, em Santa Cecília, em Santa Ifigênia, na Mooca, no Pari e no Brás[13]. Os sobrados velhos, com porões habitáveis, facilitaram em certas zonas da cidade — como aquelas mais densamente povoadas por

---

[12] Donald Pierson, "Habitações de São Paulo — Estudo Comparativo", *Revista do Arquivo Municipal,* LXXXI, págs. 201 e seguintes.

[13] Oscar Egídio de Araújo, op. cit., pág. 23.

186 — Avenida Ipiranga, uma das mais modernas da cidade, aparecendo à esquerda um trecho da praça da República.

Vista aérea da parte central da cidade de São Paulo, com seus grandes blocos de arranha-céus.

(Gentileza do Serviço de Aerofotogrametria da Vasp).

sírios e por japonêses, nas imediações do centro — a formação dêsses cortiços[14].

No centro da cidade o traço mais característico foi sem dúvida o crescimento vertical das construções. Mesmo os edifícios públicos construídos no fim do oitocentismo e na primeira parte do século atual, sobretudo pelo arquiteto Ramos de Azevedo — as repartições do pátio do Colégio, os edifícios da Escola Politécnica, da Escola Normal, do Liceu de Artes e Ofícios e outros — edifícios que do ponto de vista monumental representavam avanço considerável sôbre as velhas construções de meados do oitocentismo, e que em 1920 eram postos em destaque, pelas publicações que se faziam sôbre a cidade[15], foram ficando pequenos ao lado dos arranha-céus que passaram a representar, a princípio no centro e depois em algumas áreas mais afastadas, o tipo mais freqüente de edificação. Já nas suas crônicas escritas de 1926 a 1935 e depois reunidas no volume *Cavaquinho & Saxofone,* Antônio de Alcântara Machado escrevia irônicamente, depois de se referir a um prédio de nove andares: "O que hoje não é nada, porque há no centro da cidade e fora dêle mesmo construções que têm dez, doze e quinze andares, de forma que São Paulo, continuando assim, é capaz de bater a própria Nova York"[16]. Do ponto de vista artístico êsses primeiros arranha-céus paulistanos eram de certo bastante insignificantes e em 1929 sofriam a crítica de José Maria das Neves, que fazia o confronto dêles com os norte-americanos: "Quem olhar a zona dos

---

[14] Oscar Egídio de Araújo, "Enquistamentos Étnicos", *Revista do Arquivo Municipal,* LXV, págs. 230-231 e 236-238.

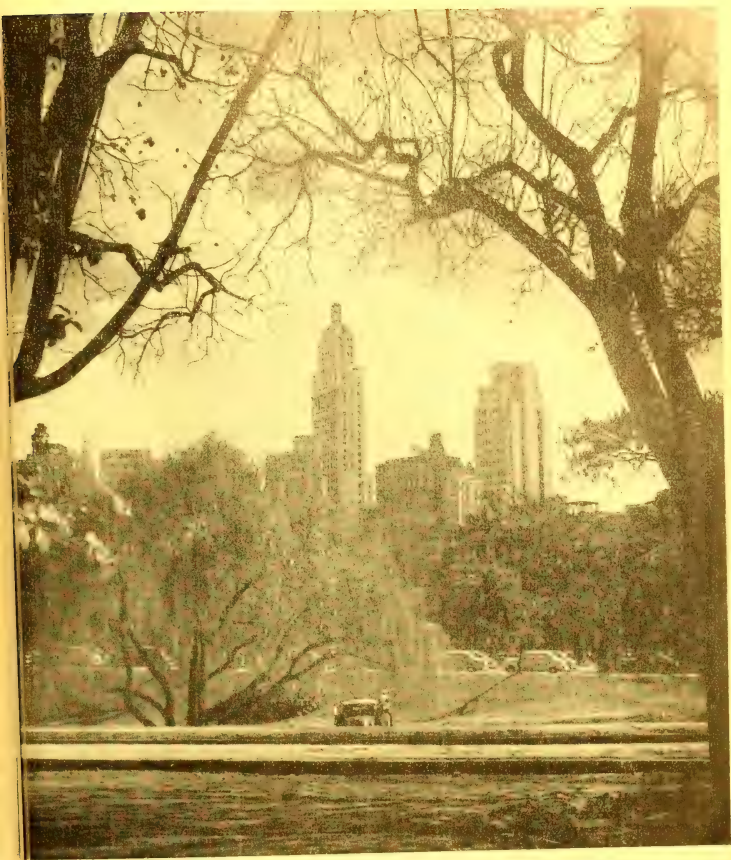
[15] *A Capital Paulista* (álbum de 1920).

[16] Antônio de Alcântara Machado, op. cit., pág. 4.

arranha-céus de São Paulo de certos pontos terá uma impressão desoladora, com os enormes paredões de divisa, sem janelas e inteiramente despidos de qualquer ornamentação. Nos Estados Unidos os arranha-céus têm geralmente as quatro faces arquitetônicamente estudadas. São verdadeiros blocos, artísticamente modelados, de onde os arquitetos tiram partido das reentrâncias para as áreas de iluminação exigidas, mas com tanto gênio nas proporções das massas e nos modelados do conjunto, que entusiasmam até pela simples vista do projeto"[17]. A partir dos seus primeiros impulsos foram no entanto se aprimorando artìsticamente os arranha-céus da cidade — alguns revelando hoje a influência das mais recentes correntes arquitetônicas em voga nos Estados Unidos ou na Europa, ao lado de orientações que até certo ponto revelam a contribuição de arquitetos brasileiros. Essas correntes modernas de arquitetura aliás, além de se refletirem nas residências e nos arranha-céus paulistanos, se exprimiram em uma igreja católica da cidade: a de Nossa Senhora da Paz, iniciativa da ordem religiosa de São Carlos Borromeu. Construída em cimento armado, de forma idêntica à posta em prática na edificação de um arranha-céu comum, sua abóboda foi montada no solo em partes só posteriormente elevadas para formarem o todo. O estilo é moderno, com inspiração no românico-franciscano e, contràriamente ao uso consagrado na maioria das igrejas brasileiras, a tôrre não fica na parte fronteira, mas na face posterior e isolada do templo[18].

---

[17] José Maria das Neves, "Uma Questão Importante para o Urbanismo Paulistano", *Ilustração Brasileira,* 1929.

[18] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 17, pág. 16.

187 — Aspecto da parte central de São Paulo focalizado do grande parque Pedro Segundo (Foto Avelino Ginjo.)

O gôsto pelos jardins particulares — que era de certa forma coisa tradicional em São Paulo — se desenvolveu e tomou novas orientações depois que as residências aristocráticas emigraram mais decisivamente do centro e suas adjacências para os bairros afastados em que houve mais espaço para cada casa. Em sua pesquisa sôbre as habitações da cidade o professor Pierson assinalou no entanto o contraste profundo, nesse como em outros aspectos, entre os bairros classificados como de moradia de "nível superior" e os de "nível inferior". Nas habitações estudadas nos últimos nenhuma apresentava jardim, ao contrário das residências dos primeiros, todos contando com seu próprio quintal e seu próprio jardim[19]. Entretanto, mesmo em certas áreas afastadas e não-aristocráticas, já em 1929 notava um observador o gôsto pelo jardinzinho particular. "É às vêzes um simples canteiro ao longo da casa, revestido de verde gramado, guarnecido por buxos e roseiras, porém carinhosamente tratado", escreveu Reinaldo Dierberger, acrescentando: "Em todos os jardins modernos de São Paulo, comparando-os com os de feitio antigo, notamos uma completa transformação quanto às idéias fundamentais". Referia-se aos caminhos dos jardins antigos, sem razões de necessidade, perdendo-se em voltas a esmo em tôrno de canteiros minúculos. Aludia ainda Dierberger aos "milagres de hibridação" de nossas velhas plantas: "A Cana Índica, a Azálea, a Dáhlia e muitas outras, há dez anos atrás eram quase que desprezadas no jardim parti-

[19] Donald Pierson, op. cit., págs. 207-208.

cular. Hoje constituem verdadeiros tesouros de beleza"[20].

Empreendimentos numerosos e complexos de remodelação urbanística — a princípio um tanto tímidos, depois mais afoitos, na tentativa permanente de ir solucionando os graves problemas da cidade — foram dando feição diferente às ruas paulistanas, desde o tempo da primeira Grande Guerra até hoje. Mas a abertura e a pavimentação de grandes avenidas radiais foram planejadas sobretudo a partir da administração Pires do Rio, pouco antes de 1930. Uma dessas avenidas, a Anhangabaú — observou Artur Saboya — velha aspiração dos paulistanos já prevista por Samuel das Neves em 1910 e que entrou antes de 1930 em execução[21]. Outras coisas foram feitas então: o prolongamento da Avenida São João, da rua Vitória até a praça Marechal Deodoro[22], o alargamento da ladeira do Carmo, a suavização do seu declive e a construção da muralha monumental[23]. Foi ainda nessa época que os serviços de pavimentação tomaram um incremento jamais observado, com a aquisição da pedreira do Rio Grande e a montagem de um grande britador[24]. Outra avenida então planejada e terminada há poucos anos foi a Nove de Julho, ligando o Parque Anhangabaú ao bairro do Jardim América, com nove quilómetros e meio de extensão

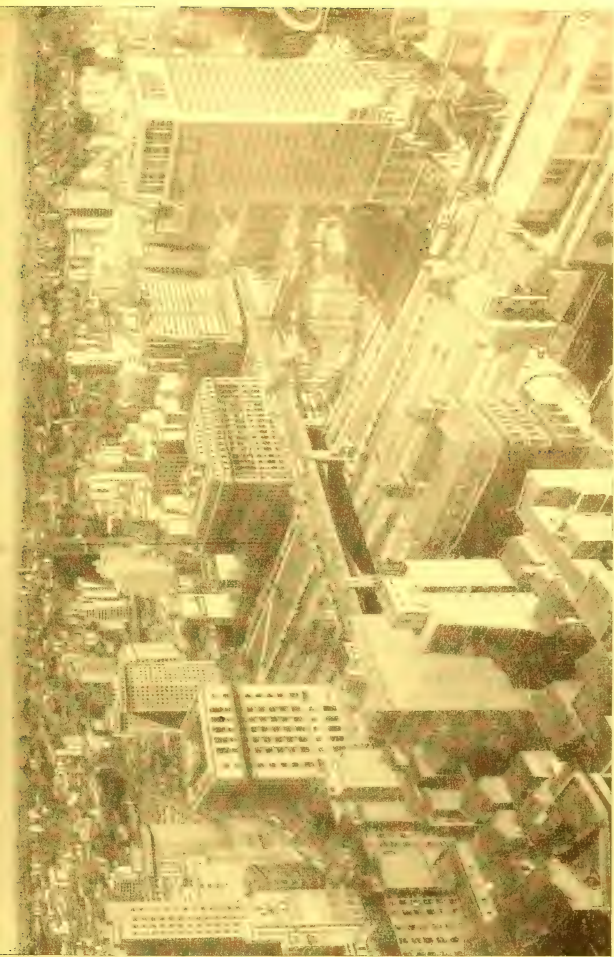
---

[20] Reinaldo Dierberger, "São Paulo e seus Jardins Particulares", *Ilustração Brasileira,* 1929.

[21] Prestes Maia, *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo,* prefácio.

[22] Prestes Maia, op. cit.

[23] Prestes Maia, op. cit.

[24] Prestes Maia, op. cit.

188 — Parque Anhangabaú e Viaduto do Chá, que emprestam ao centro da cidade a sua feição mais original e mais característica.

(Foto Avelino Ginjo).

e trinta metros de largura. Avenidas como a Nove de Julho, a Pacaembú e a Itororó é que estão dando feição urbana — observou Caio Prado Júnior — a locais até então despovoados ou povoados irregularmente, embora às vêzes situados a pequena distância do centro da cidade[25].

Para o problema do tráfego no centro — escrevia em 1945 o engenheiro Prestes Maia — Ulhoa Cintra propusera há tempos o "Perímetro de Irradiação", plano que em 1930 foi modificado e englobado no Plano de Avenidas encomendado por Pires do Rio a Prestes Maia, quando ainda persistia, como escreveu o último, "o prestígio provinciano do Triângulo"[26]. De acôrdo com êsse plano, abriu-se a Avenida Ipiranga, continuada pelas ruas São Luís, Maria Paula, praça João Mendes, rua Anita Garibaldi, praça do Carmo e ladeira do Carmo, abrangendo o setor norte as ruas Senador Queiroz, Mercúrio e Santa Rosa[27]. Os melhoramentos centrais foram completados com "ligações diametrais": a avenida Anhangabaú Inferior, tronco do chamado Sistema Y, conjunto de três grandes avenidas — observou ainda o engenheiro Prestes Maia — que atravessarão tôda a cidade, desde o Tietê até o vale do Pinheiros. A Anhangabaú Inferior, ligando o parque Anhangabaú à Ponte Grande, e incorporando em grande parte a atual Avenida Tiradentes. As hastes do galho, a Nove de Julho, já concluída, e a Itororó, com con-

---

[25] Caio Prado Júnior, "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros,* Ano III, vol. 7.

[26] Prestes Maia, op. cit., pág. 46.

[27] Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo,* págs. 9 e 10.

vergência no Piques[28]. Outros melhoramentos foram os representados, na mesma época, pelo alargamento da rua Xavier de Toledo, abertura de uma rua atrás da Escola Normal, alargamento da rua Vieira de Carvalho e da rua da Liberdade até o antigo largo da Pólvora[29].

Passaram também em anos recentes, por modificações às vêzes profundas, os parques e os jardins públicos paulistanos. A idéia da remodelação do parque Anhangabaú foi exposta em 1930 pelo engenheiro Prestes Maia em seu Plano de Avenidas: "Transformar todo o trecho do vale entre os viadutos de Santa Ifigênia e de São Francisco numa só praça de aspecto diferente de tudo o que possuem as outras cidades"[30]. De fato o Anhangabaú, ajardinado com capricho e ostentando a sua área de quarenta mil metros quadrados, empresta hoje ao centro da cidade uma de suas feições mais bonitas e mais características. Outro parque quase central — o Pedro Segundo — tem seus melhores elementos de beleza em sua arborização e nos recortes das curvas sugestivas do Tamanduateí. Foram modernamente abertas a praça do Carmo, a praça das Indústrias e a praça São Luís; modificadas, a do Patriarca, a Ramos de Azevedo, a do Arouche[31] e a João Mendes, que incorporando a antiga praça dêsse nome, o largo Sete de Setembro e uma área primitivamente ocupada por velhos quarteirões, representa um elo da Avenida de Irradiação,

---

[28] Prestes Maia, op. cit., págs. 11 e seguintes.

[29] Prestes Maia, op. cit., pág. 12.

[30] Prestes Maia, *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo,* pág. 72.

[31] Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo,* págs. 12 e 13.

39 — Vista do parque Anhangabaú em que aparecem a passagem subterrânea da avenida São João e o Viaduto do Chá.

(Foto Avelino Ginjo.)

com setenta metros de largura por quinhentos de comprimento[32]. Mais recentemente abriram-se praças e jardins de feição moderna em vários bairros: entre os quais o da Consolação, depois de demolido o velho edifício do Seminário das Educandas[33]. A êsses jardins, aos largos e às ruas dos bairros se estendeu rapidamente, nos últimos anos, a iluminação pública, sabendo-se que em 1950 brilhavam à noite nas vias do município de São Paulo mais de vinte e cinco mil lâmpadas elétricas[34].

Foi considerável o crescimento da área da cidade de 1918 aos nossos dias, alcançando os seus limites, em certos pontos, um raio de dez a quinze quilómetros em relação ao centro. Os subúrbios de 1890 — observou o geógrafo Aroldo de Azevedo — foram incluídos na massa dos bairros periféricos, sendo mesmo alguns dêles ultrapassados pela metrópole em marcha. "Hoje já se torna difícil dizer com segurança onde é que acaba a cidade pròpriamente dita e começa a zona suburbana, uma vez que arrabaldes como a Lapa, Santo Amaro ou a Penha, que distam dez quilómetros em média do centro urbano já se viram integrados na vida citadina"[35]. Uma população bastante numerosa — acrescentou êsse pesquisador — escolheu a área suburbana para residir, e daí se poder falar na função residencial como a mais generalizada

---

[32] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) n.º 9, pág. 21.

[33] Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo,* págs. 12 e 13.

[34] *Jornal de São Paulo* de 14 de Janeiro de 1950.

[35] Aroldo de Azevedo, op. cit., pág. 26.

dos subúrbios paulistanos, sem que se esqueçam todavia também as suas funções agrícola e industrial[36]. Estende-se a área suburbana em um raio muito variável. Para o norte a influência da metrópole é menor e acaba a uns dez quilómetros do centro: é a zona da Cantareira, que tem na serra dêsse nome uma barreira natural dificultando sua expansão. Para outras direções essa influência vai muito mais longe: por exemplo nos vales do Tietê e seus afluentes, sobretudo o Pinheiros e o Tamanduateí. Para leste e para oeste a zona suburbana se estende porisso em um raio de vinte e cinco a trinta quilómetros[37].

Entretanto a área bem desenvolvida da cidade acha-se pràticamente incluída — escreveram Rudolfer e Le Voici em estudo sôbre o transporte coletivo paulistano — dentro de um círculo de raio de três quilómetros e meio[38]. Diante da formação sem plano dos bairros, às vêzes desarticulados e sem ligação entre si pode-se dizer, como Caio Prado Júnior, que salvo em sua parte central e na sua vizinhança imediata, São Paulo é uma cidade "que ainda espera ser urbanizada no sentido integral da palavra"[39]. Os bairros residenciais elegantes, êsses continuaram sendo em parte o do Higienópolis, a zona centralizada pela Avenida Paulista, o Jardim Europa e o Jardim Paulista, o Jardim América — no dizer de um observador o mais belo bairro residencial do país como conjunto de moradias e parques[40] — a que se pode acrescentar mais recentemente a zona do Pacaembu.

---

[36] Aroldo de Azevedo, op. cit., págs. 33-34.

[37] Aroldo de Azevedo, op. cit., pág. 30

[38] Antônio Le Voici e Bruno Rudolfer, *O Transporte Coletivo na Cidade de São Paulo,* pág. 26.

[39] Caio Prado Júnior, op. cit.

[40] Hermes Lima, op. cit.

) — Aspecto dos Túneis Nove de Julho e das rampas que conduzem à Avenida Paulista.
(Foto Avelino Ginjo.)

Por outro lado se observou modernamente a tendência para os elementos de determinada origem — com o desenvolvimento de novas correntes imigratórias procedentes não só da Europa, como também da Ásia — se fixarem de preferência em certas zonas urbanas, criando-se o que se poderia denominar o "bairro sírio", o "bairro japonês" ou o "bairro israelita". O bairro sírio, situado ao norte do distrito da Sé e ao sul do de Santa Ifigênia — observou Oscar Egídio de Araújo — apresentando a forma aproximada de um triângulo cujos lados são as ruas 25 de Março, Cantareira e Avenida do Estado, com igrejas ortodoxas, hotéis e restaurantes sírio-libaneses, estabelecimentos vendendo livros escritos em árabe e grande número de estabelecimentos atacadistas[41]. O ponto de concentração dos japonêses localiza-se ao norte do distrito da Liberdade, limitando-se aproximadamente pelas ruas Conde de Sarzedas, Conde do Pinhal, Irmã Simpliciana (absorvida pela praça João Mendes), da Glória e dos Estudantes. Encontram-se nessa área com facilidade produtos típicos do Oriente e se importam diretamente bijuterias do Japão. Com hotéis, pensões e redações de jornais nipônicos, que até certa época ostentavam taboletas exclusivamente em sua língua[42]. No interior de alguns porões habitados dessa área viam-se ainda há alguns anos arder "lanternolas de um vermelho sanguíneo — observou um cronista — espalhando um brilho frio e doente de morgue"[43]. Outra concentração que se delineou na cidade — ainda segundo a pesquisa de O. E. de Araújo

---

[41] Oscar Egídio de Araújo, "Enquistamentos Étnicos", cit., págs. 230-231.

[42] Oscar Egídio de Araújo, op. cit., págs. 236-238.

[43] Sílvio Floreal, *Ronda da Meia-Noite*. págs. 57-60.

— foi a dos judeus, nos distritos do Bom Retiro e de Santa Ifigênia. Com sinagogas e grande número de indústrias de roupas feitas e malharias[44]. Já outros elementos — como os portuguêses, os espanhóis, os italianos — se incorporaram de maneira mais completa à população paulistana, não chegando a formar bairros ou concentrações bem delineados. Sabe-se apenas que os portuguêses, preferindo a localização nas zonas rurais ou semi-rurais por serem em sua maioria pequenos agricultores e chacareiros, a sua maior porcentagem ocorre no distrito do Belenzinho[45]. Os italianos — como também os espanhóis — agrupam-se em zona mais central: em geral o distrito da Mooca[46].

A administração Pires do Rio, ainda antes de 1930, se responsabilizou por uma tarefa importante em seu tempo: a solução de um dos problemas primordiais da cidade, que era a canalização do rio Tietê, cujo projeto foi delineado pelo engenheiro Saturnino de Brito, organizando-se então a Comissão do Tietê para estudo da canalização e retificação dêsse rio e urbanização das várzeas laterais[47]. Êsse empreendimento prosseguia ainda na gestão do engenheiro Prestes Maia, quando também o Tamanduatei foi canalizado em todo o seu trecho inferior até a foz[48]. A retificação do Tietê, estendendo-se em um vasto canal de Osasco à Penha, encurta de vinte e seis quilômetros

---

44 Oscar Egídio de Araújo, op. cit., págs. 240-241.

45 Oscar Egídio de Araujo, "Latinos e Não-Latinos no Município de São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal*, LXXV, pág. 72.

46 Oscar Egídio de Araújo, op. cit., pág. 72.

47 Artur Saboya, prefácio de *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*, de Prestes Maia.

48 Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo*, pág. 18

191 — A Ponte das Bandeiras, no Tietê, edificada em local próximo à velha Ponte Grande.
(Foto Avelino Ginjo).

o trajeto primitivo, que de 46 quilômetros passa a 20, atravessando a cidade em uma faixa retificada de duzentos metros de largura[49].

Mantem o govêrno do Estado, no Tietê, um serviço permanente de dragagem e desobstrução para facilitar e permitir a navegação de embarcações de carga de pequeno calado entre a Penha e Mogi das Cruzes. Antigamente os trabalhos se estendiam até a Ponte Grande, onde eram feitos pelos barqueiros os desembarques de materiais de construção e outros, que eram transportados por essa via fluvial. Depois de concluídos os estudos de retificação do rio no trecho entre a Ponte Grande e a Penha não foi mais permitida a construção de portos nas margens, e as descargas passaram a ser feitas da Penha para cima[50].

Não pôde São Paulo dispensar, nos últimos tempos de sua história — como ocorrera aliás desde os tempos primitivos, por motivo de sua topografia — as pontes, e mais os viadutos e os túneis. Sobretudo a partir de 1934-1935 construíram-se vários viadutos na zona central, começando-se ao mesmo tempo a abertura do túnel Nove de Julho[51], que ostenta fachada monumental e conta duas vias laterais, cada uma com nove metros e meio de largura. É das obras mais importantes da cidade — escreveu Prestes Maia — e leva a radial Nove de Julho trinta metros sob o espigão da Avenida Paulista até os novos e aristocráticos bairros do Pinheiros, medindo quatrocentos

---

[49] Célio Conde Leite, *Terra Bandeirante,* pág. 40.

[50] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 8, pág. 15.

[51] Philip L. Goodwin, *Brazil Builds,* pág. 94.

e sessenta metros de comprimento[52]. Também no centro, ligando a praça do Patriarca ao fundo do vale do Anhangabaú, se fez uma passagem subterrânea que estabelece comunicação fácil.

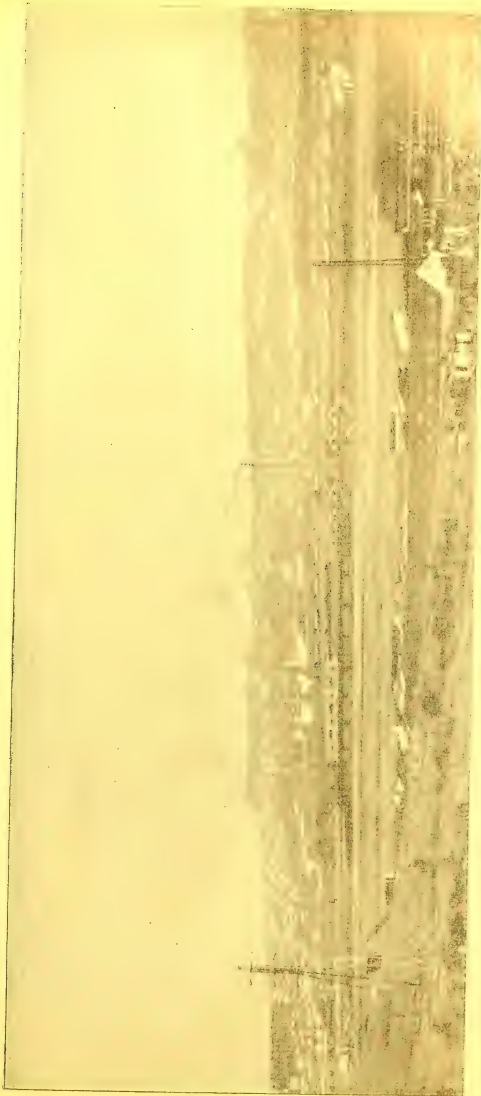
O novo viaduto do Chá — inaugurado em 1936 — transpõe o vale do Anhangabaú com um arco central medindo 66 metros, e dois vãos laterais com 17,5 metros cada um, medindo ao todo 101 metros e a largura de 25 metros, dos quais quinze destinados aos veículos, e dez aos pedestres, nos passeios. É notabilizado — observou o engenheiro Prestes Maia — pelo inédito aproveitamento da estrutura dos encontros, onde se dispuseram amplos salões para mercado de flores, espera de ônibus, exposições de pintura, garage pública, compartimentos sanitários[53]. Em 1941, referindo-se ao que estava para ser feito ou prosseguindo em sua administração, mencionava o prefeito Prestes Maia o viaduto Dona Paulina, o viaduto Jacareí (entre Santo Amaro e Santo Antônio), o viadutinho do Pacaembu e o túnel de São Bento[54]. Também faziam parte do programa de remodelação urbana nessa fase o viaduto Nove de Julho, transpondo a avenida dêsse nome e a rua Álvaro de Carvalho, como parte do Perímetro de Irradiação (largura de 33 metros e comprimento de 220), cuja construção foi iniciada em fins de 1944, os túneis do Paraíso e vinte e duas pontes sôbre o Tietê, uma ponte sôbre o Tamanduateí, na rua Mercúrio, com

---

[52] Prestes Maia, *Os Melhoramentos de São Paulo*, pág. 21.

[53] Prestes Maia, op. cit., págs. 22 e seguintes.

[54] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 4, pág. 27.

192 — Aspecto de um bairro fabril da capital paulista.
(Do jornal *Última Hora*, São Paulo).

quarenta metros de largura[55] — sem se falar na monumental Ponte das Bandeiras, construída quase no mesmo local da antiga Ponte Grande, com três vãos, tendo cento e vinte metros de comprimento e trinta e três de largura[56]. Por outro lado a projetada Avenida Itororó implica na construção de seis viadutos (Luís Antônio, Jaceguai, Condessa de São Joaquim, Pedroso, Paraíso e Oscar Horta), um túnel para tramway com novecentos metros de extensão e seis pontilhões[57].

Relativamente aos transportes coletivos, sabe-se que o número de bondes foi reduzido depois de 1920 em conseqüência da crise de energia elétrica determinada pelo desenvolvimento excepcional da indústria paulistana. Data de então — de 1924 — o aparecimento dos primeiros ônibus urbanos: pequenos, feios, sem nenhum confôrto, comportando em média de dez a doze passageiros. Trinta ou quarenta dêles circulavam pela cidade, montados em geral sôbre "chassis" de caminhões Ford. Alguns proprietários dêsses veículos, passada a oportunidade, não puderam se sustentar, organizando empresas, algumas das quais ainda existiam recentemente[58]. Multiplicaram-se depois consideràvelmente as linhas de onibus, dispondo de carros confortáveis, ao mesmo tempo que a viação urbana se estendeu por mais de duzentos quilómetros de linhas para carris elétricos[59].

Aproximadamente a partir de 1920 criou-se em tôrno da cidade de São Paulo uma verdadeira zona

---

[55] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* n.º 4, pág. 27.

[56] Prestes Maia, op. cit., pág. 24.

[57] Prestes Maia, op. cit., pág. 14.

[58] *Jornal de São Paulo* de 9 de Junho de 1946.

[59] Célio Conde Leite, op. cit., pág. 37.

hortense — observou Aroldo de Azevedo — com a multiplicação das culturas de legumes[60]. Essa zona hortense — através de áreas mais ou menos especializadas em determinados produtos e cultivadas por elementos de certas nacionalidades — amplia-se constantemente, respondendo à necessidade de abastecimento de gêneros para a população paulistana. Em direção a Cotia, campos cultivados por japonêses. Na direção da Serra da Cantareira, Guarulhos e Mogi, portuguêses e espanhois. Hortaliças para os lados de Mogi, frutas na Cantareira, além de chácaras de avicultura e produção de leite[61]. Apenas o consumo do peixe decaiu, proporcionalmente, em relação ao passado. O próprio Tietê é hoje um rio infeccionado — em conseqüência do despejo das fábricas — pelo menos até cento e cinqüenta quilômetros abaixo da cidade, e dificilmente se encontram nesse trecho sêres de vida aquática[62].

Mas a alimentação do morador da cidade, nos tempos recentes, se enriqueceu de modo geral de uma porção de pratos e combinações introduzidos por imigrantes de várias procedências — não só europeus como asiáticos — embora pesquisas realizadas sôbre o assunto revelem a preferência acentuada dos elementos de cada nacionalidade por determinado tipo de dieta. O estudo intitulado "A alimentação das classes obreiras de São Paulo", feito por Oscar Egídio de Araújo, mostrou que os brasileiros se destacaram pelo maior consumo de açúcar, arroz e feijão, e relativamente pequeno consumo de pão, batata e leite.

---

60 Aroldo de Azevedo, op. cit., págs. 33-34.

61 Caio Prado Júnior, op. cit.

62 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 4, pág. 10.

193 — Vista aérea das edificações do Hospital das Clínicas, incluindo o recente edifício do Hospital Ortopédico.

(Foto Mirko Wagner).

Os portuguêses e italianos se aproximaram da média em relação à maior parte dos alimentos; os portuguêses ultrapassaram a média quanto à batata, farinha de trigo e bacalhau, e os italianos relativamente ao macarrão, consumindo por outro lado pouca batata e pouco peixe. Os espanhois consumiram em primeiro lugar grande quantidade de pão e também de gorduras, tomate, batata e leite, e pouca farinha de trigo. Os lituanos se revelaram grandes comedores de carne de vaca, batata, peixes, farinha de trigo, queijo e manteiga[63]. De outra parte pesquisa levada a efeito por F. Pompeu do Amaral mostrou que se o café é quase universalmente consumido pela população paulistana, trinta e nove por cento dela não consome o chá, que parece ter perdido muito do prestígio que desfrutava em meados do oitocentismo[64]. Evidentemente grupos como o sírio ou o japonês conservam os seus pratos característicos e as maneiras de preparar certos alimentos, embora êsses pratos e êsses estilos não tivessem sido incorporados pela população da cidade aos seus hábitos de alimentação. Nos restaurantes do bairro sírio encontram-se quase sempre o quibe cru, o quibe com coalhada, o quibe ao forno, a fôlha de uva recheada e a cafta assada[65]. Os japonêses, de seu lado, não passam sem o seu pedaço de carne deteriorada e mal assada, nem sem o seu peixe assado ao sol[66].

Quanto ao abastecimento de água para a cidade,

---

[63] Oscar Egídio de Araújo, "A Alimentação da Classe Obreira de São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal,* LXIX, págs. 99-101.

[64] F. Pompeu do Amaral, "A Alimentação da População Paulistana", *Revista do Arquivo Municipal,* XC, pág. 77.

[65] Oscar Egídio de Araújo, "Enquistamentos Étnicos", cit., págs. 230-231.

[66] Sílvio Floreal, op. cit., págs. 57-60.

repetiam-se em tôrno de 1920 as graves crises, sobretudo na época da estiagem, que já haviam ocorrido nos primeiros anos do século atual. Partindo-se de estudos feitos em 1925, decidiu-se então a construção da adutora de Rio Claro, cujas obras inicialmente prosseguiram até 1927. Mas a crise se agravava de ano para ano, e o govêrno do Estado resolveu apelar para as águas da reprêsa do Guarapiranga, em Santo Amaro, cuja adução amenizou a situação, ficando abastecidos, em fins de 1929, 78.980 dos 111.116 prédios existentes. Em 1937, observando-se ser novamente grave a deficiência no abastecimento, foi feita a adução de emergência do ribeirão Vargem Grande, que cruza a adutora de Rio Claro. Em 1941 ficou concluído e em condições de funcionar o trecho superior da adutora de Rio Claro, começando então a vinda da água, por gravidade, desde Poço Preto até São Paulo[67].

O novo mercado paulistano foi projetado na administração Pires do Rio[68], sendo instalado em 1933, até quando funcionou o chamado Mercado Velho, que ficava à direita de quem descia a ladeira General Carneiro. Desenvolveram-se por outro lado as feiras-livres instituídas no comêço do século, e o comércio de ambulantes se ampliou de forma considerável, abrangendo desde os mercadores de víveres até os camelôs que exibem no centro tôda a sorte de bugigangas.

As lojas melhores de comércio em retalho, que ocupavam as ruas Direita e São Bento começaram — de acôrdo com o estudo feito por Bruno Rudolfer

---

67 "O Abastecimento de Água da Cidade de São Paulo", *O Estado de São Paulo* de 10 de fevereiro de 1952.

68 Artur Saboya, op. cit.

34 — Maqueta da catedral de São Paulo, que está sendo construida no largo da Sé. (Reproduzida do livro de Leonardo Arroyo *Igrejas de São Paulo*).

e Antônio Le Voici — a se mover para oeste, tendendo a atravessar o Vale do Anhangabaú. É ainda no centro da cidade — incluindo essa nova zona de além-viaduto do Chá — que se verifica o maior volume de negócios a retalho, havendo muito poucas áreas comerciais locais espalhadas pela cidade: entre essas, Santa Ifigênia, São Caetano e Rangel Pestana[69]. De outra parte se tornou enorme a atividade da praça de São Paulo como centralizadora de grande parte do comércio paulista de exportação e de importação e sede, porisso, de várias Câmaras de Comércio estrangeiras.

O desenvolvimento do parque industrial paulistano, que se esboçara de fins do século passado até a época da primeira Guerra Mundial, prosseguiu em seguida, até nossos dias, acusando índices cada vez mais impressionantes, e conferindo à cidade um caráter cada vez mais definido de metrópole industrial. Sabe-se que em 1937 era de 3.487 o número de suas fábricas (com mais de cento e vinte mil operários) e que em 1941 era de 8.016, subindo em 1945 a 11.809[70]. Pelas estatísticas de 1941, sabe-se que 36 estabelecimentos fabris empregavam mais de dois mil operários: 57, de mil a dois mil; 75, de quinhentos a mil; 192, de duzentos a quinhentos; e 263, de cem a duzentos[71]. Dêsses estabelecimentos fabris de hoje, muitos trabalhando em ramos industriais iniciados no oitocentismo: indústrias de tecidos, que se multiplicaram em dezenas

---

[69] Antonio Le Voici e Bruno Rudolfer, op. cit., págs. 24-25.

[70] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã* (boletim do Departamento Estadual de Informações) n.º 23, págs. 17 e seguintes.

[71] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã"* (boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), n.º 9, pág. 42.

de especializações; artefatos de couro; artefatos e móveis de madeira; fundições, oficinas mecânicas, de máquinas para a lavoura e a indústria; de massas alimentícias, de fósforos; marmorarias; de sabão e de velas, de chapéus, de cigarros e bebidas, olarias. Muitas outras porém dedicando-se a ramos industriais desconhecidos mesmo nos primeiros anos dêste século.

Um dos fatos capitais na história recente da cidade, no capítulo do saneamento, é o que se refere à retificação do Tietê, empreendimento de que decorre, como é evidente, a salubridade das zonas ribeirinhas, permitindo recuperar-se ao domínio do pântano uma área considerável. Por outro lado, apesar de esquecidas as epidemias terríveis de varíola que assolaram a cidade ainda no decorrer no século passado e de dominados os surtos de febre tifoide ainda bastante ameaçadores nos primeiros anos do século atual — é claro que a fixação em São Paulo de imigrantes de várias procedências, o crescimento desordenado do núcleo urbano e o desenvolvimento industrial dando margem a cortiços e favelas onde reina a promiscuidade, foram outros tantos fatores que condicionaram a ocorrência ou o contágio de doenças comuns em tôdas as grandes cidades, e São Paulo precisou ir aos poucos se aparelhando para fazer frente a todos os problemas decorrentes dessa situação.

Sabe-se por exemplo que até 1918 não havia na cidade um serviço regular para tratamento gratuito da sífilis, abrindo-se naquele ano o primeiro posto de tratamento na Santa Casa de Misericórdia, por iniciativa de estudantes da Faculdade de Medicina — serviço que se transformou mais tarde na Liga de Combate à Sífilis[72]. Em 1924 foi criado e oficializado

---

[72] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 13, pág. 39.

– Aspecto interno da igreja de N. S. da Paz, vendo-se as decorações modernas de autoria do pintor Fúlvio Penacchi.
(Reproduzida do livro de Leonardo Arroyo *Igrejas de São Paulo*).

pelo govêrno, em colaboração com a Fundação Rockfeller, o Instituto de Higiene, destinado a constituir uma escola de sanitaristas e que em 1938 seria incorporado à Universidade[73]. Em 1925 criou-se a Inspetoria de Medicina, Farmácia e Verificação de Óbitos, subordinada ao antigo Serviço Sanitário e substituída mais recentemente pelo Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional[74]. Fundaram-se ainda, a partir dessa época, numerosas entidades de assistência à infância e vários hospitais, organizando-se em 1933 a assistência hospitalar oficial[75] e inaugurando-se em 1944 o monumental Hospital das Clínicas, em edifício constituído de onze andares e cerca de mil e seiscentas dependências, projetado pelos professores Rezende Puech e Souza Campos[76].

As instituições de assistência social tiveram igualmente amplo desenvolvimento e em 1935 reorganizou-se o Serviço Social de Menores, com um abrigo central, no Tatuapé, o Instituto Modêlo de Menores, na Avenida Celso Garcia, o Instituto Modêlo de Menores para crianças do sexo feminino, na Penha, e o Instituto de Aprendizado Doméstico[77].

Centro bastante cosmopolita — sobretudo na fase mais recente de sua história — passou a cidade a contar, além de seus numerosos templos católicos, entre os

---

[73] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit. n.º 6, pág. 16.

[74] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit., n.º 3, pág. 10.

[75] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit., n.º 7, pág. 26.

[76] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit., n.º 25, pág. 25.

[77] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit. n.º 24, págs. 27 e seguintes.

quais a matriz em construção, na Sé — com igrejas de numerosas seitas protestantes, Adventista, Metodista, Presbiteriana Sinodal, Batista, Presbiteriana Independente, Congregacionista, Episcopal, Luterana, Anglicana, Ortodoxa, Unida[78], duas sinagogas hebraicas, duas igrejas ortodoxas e uma mesquita muçulmana[79].

É claro que as procissões católicas deixaram de ser, como em outras épocas, pretexto para divertimento ou recreação. Os locais de diversão, de passeio e de atividades esportivas se multiplicaram de forma notável, mesmo fora da cidade e a grandes distâncias de sua área central. Aludindo à influência exterior da metrópole paulista observou Caio Prado Júnior, entre outros fatores, que essa influência foi condicionada pelo fator diversão, representado por Santo Amaro, com as suas reprêsas, e a zona da Cantareira[80]. Santo Amaro com seus bares e restaurantes rústicos. Na Serra da Cantareira o Horto Florestal, lugar de repouso que o paulistano pode procurar nos domingos e feriados[81]. Como local de "footing" elegante no centro a rua Direita, "a mais chique da cidade" no dizer do cronista Antônio de Alcântara Machado, perdeu o seu prestígio, em anos mais recentes, cedendo a posição à area centralizada pela rua Barão de Itapetininga.

Intensificou-se de outra parte o prestígio do cinema como diversão principal da maioria da população. Depois da supremacia do República (na praça da

---

[78] Célio Conde Leite, op. cit., págs. 52-53.

[79] Célio Conde Leite, op. cit., págs. 52-53, e Oscar Egídio de Araújo, "Enquistamentos Étnicos", cit., págs. 230 e 240.

[80] Caio Prado Júnior, op. cit.

[81] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, cit., n.º 6, pág. 5.

196 — Trecho do bairro do Pacaembu, vendo-se o Estádio Municipal.

República), do Roial (na Sebastião Pereira) e mais tarde do Odeon (na Consolação) e do Paramount (na avenida Brigadeiro Luís Antônio) — pioneiro do cinema falado — casas exibidoras de maior luxo e confôrto foram inauguradas na cidade, apresentando sessões que vão do meio-dia à meia-noite.

Mas ao lado dos cinemas, cada vez mais numerosos no centro e nos bairros, alguns circos conservam uma tradição de divertimento muito paulistano. "Se eu fôsse autoridade — escrevia em 1929 Ian de Almeida Prado — proporia que os circos de São Paulo fôssem subvencionados. Os Queirolo e Piolim são divertimentos de que possuimos a exclusividade, ao passo que a tropa cantante que aqui aparece anualmente já vem estafada e desfalcada de Buenos Aires e Rio, quando não também de Montevidéu. Poderia São Paulo ser a capital do riso como Hollywood é a capital do filme. A Paulicéia poderia se tornar uma espécie de Bayreuth do circo"[82].

De outra parte as atividades esportivas tiveram um incremento excepcional e culminaram com a construção do monumental Estádio Municipal do Pacaembú. Compreendendo uma área de 75.598 metros quadrados, o terreno tem a conformação de uma bacia ou "thalweg" subsidiário do vale do Pacaembú — escreveu Nicanor Miranda — e prestou-se, pelos seus perfis, ao assentamento das grandes arquibancadas, aproveitando-se em parte os declives naturais e permitindo a formação de um plano central para suas pistas, campos de atletismo e prados de vários jogos. O campo central de esportes, circundado por uma pista

---

[82] Ian de Almeida Prado, *Circo de Cavalinhos,* págs. 43-44.

de quinhentos metros longitudinais por oito de largura, tem a forma de um retângulo com 120 por 80 metros. O ginásio serve para ginástica, festas, jogos de hóquei, bola ao cesto, tênis, vôlei, patinação e outros. Quanto à disposição de seu conjunto — observou ainda Nicanor Miranda — ele se apresenta, não como um Estádio Olímpico, mas como um Estádio Municipal no gênero dos existentes na Alemanha, em cidades como Frankfort--sôbre-o-Oder, Frankfort-sôbre-o-Meno e Colônia. Compõe-se a fachada do estádio paulista de dois torreões laterais e quatro pilones centrais, em posições simétricas, destinados às sete largas porteiras de oito metros de abertura para ingressos e saídas no campo[83].

Os esportes amadores tiveram desenvolvimento extraordinário sobretudo a partir da criação da Diretoria de Esportes, em 1939, depois convertida no Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, cujo relatório de 1952 revelava a existência, na cidade, de 484 campos de futebol, 14 quadras de bola ao cesto, 42 retângulos para voleibol, 115 quadras de tenis, 7 pistas para atletismo, 8 piscinas, 18 canchas de bochas (esporte introduzido em São Paulo pelo elemento italiano), 7 campos de malha (jôgo principalmente do gôsto da colônia portuguêsa), 10 ringues de pugilismo, 2 campos de basebol (o esporte preferido pelos japonêses e seus descendentes), 3 estandes de tiro ao alvo, 4 picadeiros para hipismo e 8 ginásios[84].

Em Cidade Jardim edificou-se o novo hipódromo — com arquibancadas de concreto, em estilo moderno

---

[83] Nicanor Miranda, "O Estádio Municipal", *Revista do Arquivo Municipal,* XXXV, págs. 68 e seguintes.

[84] *Fôlha da Tarde*, reportagem. Êsses dados se referiam às praças de esporte utilizáveis para competições oficiais.

197 — Vista parcial do moderno hipódromo paulistano em Cidade Jardim.

(Do Jornal *Última Hora*, São Paulo)

e elegante — para substituir o velho prado de corridas da Mooca.

Não caberia aqui historiar o desenvolvimento do ensino, em tôdas as suas modalidades, na fase mais recente da existência da cidade, mas deve se observar que o que deu a São Paulo o caráter de grande centro educativo foi particularmente a criação de sua Universidade, conjunto de casas de ensino que acusam índices notáveis de freqüência: a Faculdade de Medicina, a de Farmácia e Odontologia, a de Ciências Econômicas e Administrativas, a de Medicina e Veterinária, de Higiene e Saúde Pública, a de Filosofia, Ciências e Letras, a de Direito, a Escola Politécnica e, na cidade de Piracicaba, a Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz. Como instituições complementares, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, o Instituto Butatã, o Departamento de Zoologia, a Escola Livre de Sociologia e Política, a Diretoria de Assistência a Psicopatas, o Instituto Astronômico e Geofísico, o Instituto Biológico, o Instituto de Eletrotécnica, o Instituto de Rádio Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, o Museu Paulista, o Serviço Florestal e o Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Dispõe por outro lado a cidade da Universidade Mackenzie e da Pontifícia Universidade Católica, abrangendo a Faculdade Paulista de Direito, a de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, a Escola de Jornalismo Casper Líbero, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto "Sedes Sapientiae", a de Engenharia Industrial e a Escola de Serviço Social[85].

---

[85] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 23, pág. 21.

Deve-se ainda assinalar, no capítulo das atividades culturais em São Paulo a existência do Departamento de Cultura da Municipalidade, idealizado pelo escritor Mário de Andrade, compreendendo as divisões de Biblioteca, Educação e Recreio, Expansão Cultural, Documentação Histórica e Social e Divertimentos Públicos[86]. E também a do Instituto Histórico e Geográfico e do Departamento de Arquivo do Estado, que deram impulso, através de publicações e conferências, ao estudo do passado de São Paulo e do Brasil.

Conta a cidade, por outro lado, com cêrca de cento e sessenta bibliotecas públicas e especializadas[87], de que Salvador Moya relacionou as principais: a do Arquivo Público, a da Associação Paulista de Imprensa, a da Associação dos Oficiais Reformados, a do Club Português, a do Centro XI de Agôsto, a do Centro Osvaldo Cruz, a do Colégio Santo Agostinho, a do Colégio São Luís, a do Congresso Estadual, a do Convento dos Capuchinhos, a do Convento de São Bento, a do Liceu Coração de Jesus, a do dr. Antônio Augusto Meneses Drummond, a do dr. Francisco de Assis Carvalho Franco, a da Escola Politécnica, a da Faculdade de Direito, a da Fôrça Pública, a do Instituto Histórico e Geográfico, a do Instituto de Estudos Genealógicos, a da Loja Amizade, a do Museu Paulista, a do 1.º Batalhão, a do 2.º Batalhão e a mais importante de tôdas, a Biblioteca

---

86 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 5, pág. 24.

87 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 23, pág. 21.

198 — Biblioteca Pública da municipalidade de São Paulo, fotografada do jardim que lhe fica aos fundos.

(Foto Avelino Ginjo).

Pública Municipal[88], que incorporou a antiga Biblioteca do Estado e recebeu em doação a Brasiliana do historiador Ian de Almeida Prado. A biblioteca do Museu Paulista conta com cêrca de trinta mil volume, mapoteca, coleção de numismática e arquivo etnográfico[89]. A da Faculdade de Direito, coleção excepcional de obras jurídicas e leis sul-americanas e especialmente do Brasil, elevando-se o seu acervo a mais de cinqüenta mil volumes[90]. A da Faculdade de Medicina, de cêrca de dez mil revistas encadernadas e outros tantos livros[91].

A Biblioteca Municipal, fundada em 1925 e inaugurada no ano seguinte, funcionou durante quinze anos em edifício acanhado da rua Sete de Abril. Em 1936 cogitou-se da construção de um edifício especialmente destinado para ela, escolhendo-se para local uma grande área situada na rua da Consolação, em quarteirão compreendido entre as ruas São Luís e Bráulio Gomes. Os planos e a execução da obra obedeceram aos princípios da arquitetura funcional. O silêncio do local foi assegurado com a construção distando dez a vinte metros do alinhamento das ruas, e circundada de jardins. Contava já em 1938 a Biblioteca Municipal com 67.277 volumes, e mais uma coleção de quarenta mil volumes pertencentes à antiga Biblioteca do Estado, fundida com a primeira em

---

88 Salvador Moya, "Bibliotecas Latinas", *Revista do Arquivo Municipal,* XXXVI, pág. 104.

89 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 20, pág. 33.

90 Dorothy M. Gropp, "Bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo e o Movimento Bibliotecário da Capital Paulista", *Revista do Arquivo Municipal,* LXVIII, pág. 214.

91 Dorothy M. Gropp. op. cit., pág. 214.

1937. Tôda a tôrre do atual edifício, com exclusão dos dois últimos andares, é ocupada para depósito de livros, revistas e jornais — com capacidade para quatrocentos mil volumes[92]. Além das salas de leitura comuns e das cabines para estudo, dispõe a Biblioteca Municipal de uma Secção de Manuscritos, de uma Secção de Livros Raros, de uma Secção de Mapas e de uma Secção de Arte. Nesta última figuram obras sôbre música, pintura, escultura, fotografia, cinema, teatro e dança. Da Secção de Mapas destaca-se a coleção de cartas do Brasil no tempo das capitanias, mapas do Brasil antigo de Pierre Van der AA, Seutterum, e outros, além de coleção de mapas do Brasil do século dezoito adquirida juntamente com a biblioteca de Felix Pacheco. Na Secção de Manuscritos, peças de Pedro Segundo, Feijó, Rui Barbosa, Machado de Assis. Entre as obras manuscritas, o *Vocabulário da Língua Brasílica,* de Pero de Castilho, escrito em 1621, e a *Coleção de Notícias dos Primeiros Descobrimentos das Minas,* de Caetano da Costa Matoso, de 1749. A Secção de Livros Raros compreende cêrca de três mil volumes constituídos na maioria de raridades bibliográficas que pertenceram à Coleção Felix Pacheco, inclusive dois incunábulos: uma Bíblia impressa em 1492 e a Suma Teológica de Antoninus, de 1477[93].

Conta também a cidade com uma grande biblioteca destinada à infância e à juventude: a Biblioteca Infantil da Vila Buarque.

---

92 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 18, págs. 33 e seguintes.

93 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 18, págs. 33 e seguintes, e 19, págs. 31 e seguintes.

199 — Monumento das Bandeiras, de autoria do escultor Victor Brecheret, no parque Ibirapuera.

(Foto Avelino Ginjo)

Deve-se assinalar por outro lado a importância da cidade de São Paulo — através de escritores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Cândido Mota Filho, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Morais e Antônio de Alcântara Machado na realização do chamado movimento modernista e nas atividades intelectuais que se seguiram, e que teriam enorme repercussão no desenvolvimento posterior da literatura de São Paulo e de todo o Brasil até aos dias de hoje.

São Paulo se constituiu em um dos mais importantes centros artísticos do país, e essa qualidade se exprime bem nos fatores de estímulo que se estabeleceram na cidade sobretudo em relação aos artistas plásticos. A Pinacoteca do Estado, instalada em 1911 no Liceu de Artes e Ofícios e transferida em 1931 para outro local — um prédio demolido há alguns anos, na rua Onze de Agôsto — dispõe de trabalhos de artistas que se filiam a quase tôdas as escolas de arte antigas e modernas, desde o neo-clássico até o abstracionismo, desde o cubismo até o surrealismo, havendo ainda cópias, cuidadosamente decalcadas em originais, dos mais famosos museus franceses e italianos, fèitas por artistas nacionais e estrangeiros de projeção. Ali se encontram ainda as melhores telas de Almeida Júnior[94]. Os artistas plásticos de São Paulo passaram a contar, a partir de 1940, com a galeria para exposições denominada "Almeida Júnior", localizada sob o novo viaduto do Chá, na passagem subterrânea que comunica a praça do Patriarca com

---

[94] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 7 pág. 44.

o Vale do Anhangabaú. Além dessa, várias galerias se instalaram recentemente nas imediações da rua Barão de Itapetininga e praça da República, apresentando mostras ou exposições permanentes de telas. À renovação das artes plásticas no país — paralelamente à verificada nas letras, com a Semana de Arte Moderna — coube papel de muito destaque à cidade de São Paulo, através das experiências e realizações de artistas como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcante e Cândido Portinari. Mesmo em uma igreja paulistana — a moderna igreja de Nossa Senhora da Paz — as pinturas que ornam a sua capela-mor, a sua capela do Santíssimo e o colossal afresco do Juizo Universal, na parede superior à porta de entrada, estiveram a cargo do pintor moderno Fúlvio Penacchi[95]. Também obedecem a estilos modernos de arte as imagens, de mármore de Carrara, de autoria do escultor Galileu Emendabile[96]. Conta além disso a cidade, entre as suas entidades de caráter cultural e artístico mais recentes, o Museu de Arte de São Paulo — com trabalhos de Velasquez, Goya, Botticelli, Tintoretto, El Greco, Picasso, Cezanne, Renoir, Rembrandt, Perugino, Magnasco, Portinari, Van Gogh — e o Museu de Arte Moderna.

Entre os monumentos erguidos em vários pontos da cidade — alguns revelando gôsto artístico bastante duvidoso — destacam-se o da Independência, no Ipiranga, o de Ramos de Azevedo, no começo da Avenida Tiradentes, o da fundação de São Paulo, no pátio do Colégio, além de estátuas ou bustos de Alfredo

---

[95] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit., n.º 17, pág. 16.

[96] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 17, pág. 16.

Fotografia aérea do parque Anhangabaú e parte da área central da cidade

(Gentileza do Serviço de Aerofotogrametria da Vasp)

Maia, de Garibaldi, de Feijó, de Luís Pereira Barreto, de Dom José de Barros, de Verdi, de João Mendes, de Carlos Gomes, de Rui Barbosa, de Caetano de Campos, de Cesário Mota, de Álvares de Azevedo e outros. Monumento de grandes proporções, na entrada do Parque Ibirapuera, é o das Bandeiras, cuja execução foi confiada ao escultor Vitor Brecheret. Tem cinqüenta metros de comprimento, quinze de largura e nove de altura, em rampa, sendo de cinco metros o tamanho médio das figuras: bandeirantes e chefes índios[97].

No setor musical algumas entidades continuaram realizando saraus artísticos com a colaboração de artistas nacionais ou estrangeiros de relêvo. O caso da Sociedade de Cultura Artística, fundada em 1912 e que tem um limite máximo de seissentos e cinqüenta sócios[98]. O caso também da Sociedade Filarmônica de São Paulo, essa fundada em 1938 por um grupo de entusiastas da música sinfônica e que proporciona aos seus associados concertos sinfônicos e corais[99]. Por outro lado a criação da Discoteca Pública Municipal, em 1935, subordinada ao Departamento de Cultura, veio representar medida de largo alcance em relação à cultura musical e à pesquisa da música popular. Entre as suas atividades deve-se salientar a de registros sonoros de folclore musical brasileiro e de música erudita da chamada Escola de São Paulo; o museu etnográfico-folclórico de instrumentos mu-

---

97 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit., n.º 6, pág. 30.

98 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 9, pág. 48.

99 *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 10, pág. 53.

sicais brasileiros, e o arquivo de documentos musicais folclóricos grafados a mão; as coleções de discos para consultas públicas; e a biblioteca musical pública, de partituras e livros técnicos. A documentação folclórica que a Discoteca está acumulando servirá para melhor conhecimento das manifestações populares, fornecendo aos compositores uma fonte que lhes permitirá, pelo estudo de nossa música popular, orientar e fixar a sua arte dentro da tradição e do temperamento nacional[100].

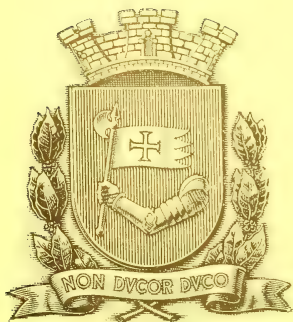
De outra parte, embora nenhuma casa de espetáculos notável tivesse sido edificada depois do Municipal — a não ser recentemente teatros como o de Cultura Artística, o Brasileiro de Comédia e o Leopoldo Frois — as atividades teatrais acusaram desenvolvimento considerável e sobretudo acentuado espírito de renovação, nos anos mais recentes, através de iniciativas como a fundação do Grupo de Teatro Experimental (iniciado em 1936 e organizado definitivamente em 1942)[101], a do Grupo Universitário de Teatro, ligado à Faculdade de Filosofia de São Paulo, em 1944[102], a do Teatro Brasileiro de Comédia e a da Escola de Arte Dramática[103].

---

[100] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit., n.º 4, pág. 18.

[101] *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã,* cit. n.º 22, pág. 16.

[102] Alfredo Mesquita, *Notas para a História do Teatro em São Paulo,* pág. 12.

[103] Alfredo Mesquita, op. cit., pág. 11.

200 — O brasão da cidade de São Paulo, de iniciativa de Washington Luís e autoria de Guilherme de Almeida e José Wasth Rodrigues: o braço de prata enfeixa na mão uma bandeira, uma alabarda em campo vermelho e o listão com a divisa: "Non Ducor Duco".

BIBLIOGRAFIA

A

Abreu, J. Capistrano de — *Caminhos Antigos e Povoamento ao Brasil* — Livraria Briguiet, Rio, 1930.

Abreu, J. Capistrano de — *Capítulos de Historia Colonial* — Livraria Briguiet, Rio, 1934.

Abreu, Manuel Cardoso de — "Divertimento Admirável", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. VI, pág. 253.

Adam, Paul — *Les Visages du Brésil* — Pierre Lafitte & Cie., Paris, 1914.

Agassiz, Luiz e Elizabeth Cary — *Viagem ao Brasil* — Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Agudo, José — *Gente Rica — Cenas da Vida Paulistana* — Tipografia Editôra O Pensamento, São Paulo, 1912.

Alencar, José de — *Sonhos d'Ouro* (*Romance Brasileiro*) — Livraria Garnier, Rio, s/d.

Alencar, José de — *Til* (*Romance Brasileiro*) — Livraria Garnier, Rio, s/d.

Alincourt, Luís d' — *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá* — Separata do vol. XIV dos "Anais do Museu Paulista", Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1950.

Almeida, Aluísio de — "O Trole e suas Origens" — *O Estado de São Paulo* de 19 de janeiro de 1947.

Almeida, Aluísio de — "Primeira Visita Imperial à Província de São Paulo" — *O Estado de São Paulo,* de 27 de dezembro de 1945.

Almeida, Aluísio de — "São Paulo em 1907" — *O Estado de São Paulo,* de 29 de dezembro de 1950.

Almeida, Francisco José de Lacerda e — *Diários de Viagem* — Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio, 1944.

Almeida, Francisco Martins de — *1.º Relatório sôbre a Santa Casa de Misericórdia da Cidade de São Paulo* — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1876, e 2.ª edição, Tipografia e Litografia A. P. de Andrade, São Paulo, 1909.

Almeida, Manuel Antônio de — *Memórias de um Sargento de Milícias* — Livraria Martins, São Paulo, 1941.

Almeida, Ramiro de — "A Expansão Vertical e Latitudinal da Cidade de São Paulo" — *Ilustração Brasileira,* 1929.

Almeida Júnior, João Mendes de — *Monografia do Município da Cidade de São Paulo* — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1882.

Alves, Antônio de Castro — *Obras Completas* — Introdução e notas de Afrânio Peixoto, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Alves, João Tomás de Mèlo (Hinckmar) — *Cinco Anos numa Academia (1878-1882)* — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1882.

Amaral, Edmundo — *A Grande Cidade* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1950.

Amaral, F. Pompeo do — "A Alimentação da População Paulistana" — *Revista do Arquivo Municipal,* XC, pág. 55.

Américo Neto — "História da Rodovia São Paulo-Santos" — *Trânsito,* de Dezembro de 1945.

Anchieta, Padre José de — *A Província do Brasil (1585)* — Secção de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, Rio, 1946.

Anchieta, Padre José de — *Cartas Inéditas* — Tipografia da Casa Eclética, São Paulo, 1900.

Andrade, Antônio Manuel Bueno de — "A Abolição em São Paulo" — *Revista do Arquivo Municipal,* LXXVII, pág. 261.

Andrade, Euclides e Câmara, Hely F. da — *A Fôrça Pública de São Paulo — Esbôço Histórico* — Sociedade Impressora Paulista, São Paulo, 1931.

Andrade, Mário de — *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* — Publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio, 1945.

Andrews, Christopher Columbus — *Brazil, its Condition and Prospects* — D. Appleton & Co., Nova York, 1887.

Angerami, Domingos e Fonseca, Antônio — *Guia do Estado de São Paulo* — Pocai e Weiss, São Paulo, 1912.

Antonil, André João — *Cultura e Opulência do Brasil* — Livraria Progresso, Bahia, 1950.

Araújo, Estefânia Gomes de — *João Gomes de Araújo (Sua vida e suas obras)* — São Paulo, 1946.

Araújo, Oscar Egídio de — "A Alimentação da Classe Obreira de São Paulo" — *Revista do Arquivo Municipal,* LXIX., pág. 91.

Araújo, Oscar Egídio de — "Enquistamentos Étnicos" — *Revista do Arquivo Municipal,* LXV, pág. 227.

Araújo, Oscar Egídio de — "Estatística Predial" — *Revista do Arquivo Municipal,* CI, pág. 7.

Araujo, Oscar Egídio de — "Latinos e Não-Latinos no Município de São Paulo" — *Revista do Arquivo Municipal,* LXXV, pág. 65.

Araxá, Visconde de — *Reminiscências e Fantasias* — Tipografia do "Vassourense", Vassouras, 1883.

Arinos, Afonso — *Lendas e Tradições Brasileiras* — 2.ª edição, Livraria Briguiet, Rio, 1937.

Arnold, Samuel Greene — *Viaje por America del Sur (1847-1848)* — Tradução de Clara de la Rosa, Emecê Editôres, Buenos Aires, 1951.

Arroyo, Leonardo — *Igrejas de São Paulo* — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1953.

Arruda, Brás de Sousa — "Antigo São Paulo" — *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo,* XXI, pág. 379.

Assier, Adolphe d' — *Le Brésil Contemporain* — Durand et Lauriel, Paris, 1867.

Atri, Alessandro d' — *L'Etat de São Paulo et le Renouvellement Economique de l'Europe* — Etienne Chiron, Paris, 1926.

Atri, Alessandro d' — *Uomini e Cose del Brasile (Descrizione dei viaggi compiuti negli anni 1894 e 1895)* — Tip. Aurelio Tocco, Nápoles, 1895-1896.

Ayrosa, Plínio — "Nomenclatura das Ruas de São Paulo" — *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,* vários volumes.

Azevedo, A. C. de Miranda — "Frederico Fomm" — *Almanaque Literário de São Paulo para 1880,* publicado por José Maria Lisboa, São Paulo, 1879.

Azevedo, Aroldo de — *Subúrbios Orientais de São Paulo* — São Paulo, 1945.

Azevedo, Fernando de — *A Cultura Brasileira (Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil)* — 2.ª edição, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1944.

Azevedo, M. D. Moreira d' — "Instrução Pública nos Tempos Coloniais" — *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro,* vol. LV, II, pág. 141.

Azevedo, Manuel Antônio Álvares de — *Obras Completas* — Edição organizada e anotada por Homero Pires, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

Azevedo, Vicente de Paulo Vicente de — *Álvares de Azevedo* — Revista dos Tribunais, São Paulo, 1931.

Azevedo, Vicente de Paulo Vicente de — "A Pirâmide do Piques", *Revista do Brasil,* Junho de 1920, pág. 179.

Azevedo, Vicente de Paulo Vicente de — "O Roubo da Cruz Preta", *Revista do Brasil,* Setembro de 1919, pág. 38.

B

Bandeira Júnior, Antônio Francisco — *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901* — Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1901.

Barata, Cândido — *Relatório Médico sôbre o Hospital Público da Cidade de São Paulo durante a Epidemia de Varíola de 1873 e 1874* — Tipografia do Correio Paulistano, São Paulo 1875.

Barbosa, Agenor — "Onde São Paulo se Diverte" — *A Capital Paulista,* álbum, São Paulo, 1920.

Barbuy, Heraldo — *Beco da Cachaça (Romance de costumes paulistas de 1860)* — Editôra J. Fagundes, São Paulo, 1936.

Barros, Maria Pais de — *No Tempo de Dantes* — Editôra Brasiliense, São Paulo, 1946.

Bastide, Roger — "O Cururu, Expressão da Alma Paulista", — *O Estado de São Paulo,* de 5 de Julho de 1951.

Basto, A. de Magalhães — *Pôrto e Brasil* — Manuel Pereira & Cia, Pôrto, 1946.

Bates, Henry Walter — *O Naturalista no Rio Amazonas* — Tradução de C. de Melo Leitão, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1944.

Bauer, Henrique Ernesto — *Apontamentos sôbre a Estrada de Ferro Projetada entre o Pôrto de Iguape e a Cidade de Itú* — Tipografia a Vapor de Jorge Seckler, São Paulo, 1883.

Belmonte — *No Tempo dos Bandeirantes* — 2.ª edição, Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.

Bernard, Charles — *Oú Dorment les Atlantes (Paysages Bresiliens)* — Du Dauphin, Anvers, 1921.

Bernardez, Manuel — *El Brasil (Su vida, su trabajo, su futuro)* — Buenos Aires, 1908.

Berrien, William e Morais, Rubens Borba de — *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* — Gráfica Editôra Sousa, Rio, 1949.

Bertarelli, Ernesto — *Il Brasile Meridionale (Ricordi e impressioni)* — Tip. Editrice Nazionale, Roma, 1914.

Beyer, Gustavo — "Ligeiras Notas de Viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo em 1813" (Tradução de Alberto Loefgren) — *Revista do Instituto Historico e Geográfico de São Paulo*, vol. XII, pág. 275.

Biard, F. — *Dois Anos no Brasil* — Tradução de Mário Sette, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1945.

Bonnaure, Albert — *Livro de Ouro do Estado de São Paulo (Relatório Industrial, comercial e agrícola)* — Duprat & Cia., São Paulo, 1914.

Bourroul, Estevão Leão — *Hércules Florence* — Tip. Andrade Melo & Cia., São Paulo, 1900.

Brant, Cícero Arpino Caldeira (Ciro Arno) — *Memórias dum Estudante (1885-1906)* — Sem indicação de editor, nem de data.

Brito, Coronel Tenório de — "Memórias de um Ajudante de Ordens" — *Jornal de São Paulo*, 1950.

Brotero, Frederico de Barros — *Traços biográficos do Conselheiro José Maria de Avelar Brotero* — Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, São Paulo, 1933.

Bueno, Bruno Pereira — "O Conde do Pinhal" — *Revista do Arquivo Municipal*, XLIII, pág. 69.

Bueno, Francisco de Assis Vieira — *Autobiografia* — Tipografia Livro Azul, Campinas, 1899.

Bueno, Francisco de Assis Vieira — "A Cidade de São Paulo — Recordações Evocadas de Memória" — *Revista do Centro de Ciências Letras e Artes* — Tip. Livro Azul, Campinas, 1903, Ano II, n.^{os} 1, 2 e 3.

Burnichon, Joseph — *Le Brésil d'Aujourd'hui* — Perrin & Cie, Paris, 1910.

Burton, Richard — *Viagens aos Planaltos do Brasil* — Tradução de Américo Jacobina Lacombe, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.

C

Câmara, Helv F. da e Andrade, Euclides — *A Fôrça Pública de São Paulo — Esbôço Histórico* — Sociedade Impressora Paulista, São Paulo, 1931.

Campos, Ernesto de Sousa — "Santa Casa de Misericórdia de São Paulo" — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XLIV, 2.ª parte, pág. 9.

Campos, Pedro Dias de — "O Corpo de Bombeiros de São Paulo" — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIII, pág. 137.

Campos, Pedro Dias de — "Quartéis da Capital" — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIV, pág. 203.

Capri, Roberto — *O Estado de São Paulo e seus Municípios* — São Paulo, 1913.

Cardim, Fernão — *Tratados da Terra e Gente do Brasil* — 2.ª edição, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1939.

Carvalho, Afonso José de — *São Paulo Antigo* — Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1944.

Carvalho, Delgado de — *Le Brésil Meridional (Etude Economique)* — Rio de Janeiro, 1910.

Casabona, Louis — *São Paulo du Brésil (Notes d'un colon français)* — E. Guilmote, Paris, s/d.

Casal, Padre Manuel Aires de — *Corografia Brazílica* — Edições Cultura, São Paulo, 1943.

Cascudo, Luís da Câmara — Prefácio e notas a *Viagens ao Nordeste do Brasil,* de Henry Koster, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

Celso Júnior, Afonso — *Telas Sonantes* — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1879.

Chamberlain, Tenente — *Views and Costumes of the City and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil* — Thomas M'Lean, Londres 1822.

Chichorro, Manuel da Cunha de Azevedo Coutinho Sousa — "Memória em que se Mostra o Estado Econômico, Militar e Político da Capitania de São Paulo em 1814" — *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro,* vol. XXXVI, I, pág. 197.

Clemenceau, Georges — *Notes de Voyage dans l'Amerique du Sud* — Hachette & Cie., Paris, 1911.

Cobra, Amador Nogueira — *Em um Recanto do Sertão Paulista* — Tip. Hennies Irmãos, São Paulo, 1923.

Codman, John — *Ten Months in Brazil* — Grant and Son, Edimburgo, 1870.

Coelho, Salvador José Correia — *Passeio à minha Terra* — Tipografia da Lei, São Paulo, 1860.

Costa, Cláudio Manuel da — *Obras Poéticas* — Livraria Garnier, Rio, 1903.

Costa, Juan Solorzano y — *El Estado de São Paulo* — Talleres Tipograficos del Diario Espanhol, São Paulo, 1913.

Costa, Lúcio — "Documentação Necessária" — *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 1, pág. 31.

Costa Sobrinho, José Leite da — "Caca e Pesca" — *Almanaque Paulista Ilustrado para 1896*, pág. 57.

Cruls, Gastão — *Aparência do Rio de Janeiro* (Notícia histórica e descritiva da cidade) — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1949.

Cusano, Alfredo — *Italia d'oltre mare* (*Impressioni e ricordi dei miei cinque anni di Brasile*) — Enrico Reggiani, Milão, 1911.

D

Davatz, Thomas — *Memórias de um Colono no Brasil (1850)* — Tradução de Sérgio Buarque de Holanda, Livraria Martins, São Paulo.

Debret, Jean Baptiste — *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* — Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins, São Paulo.

Debret, Jean Baptiste — *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* — Firmin Didot Frères, Paris, 1834-1839.

Deffontaines, Pierre — "Regiões e Paisagem do Estado de São Paulo" — *Geografia*, n.º 2, São Paulo, 1935, pág. 117.

Delessert, Eugene — *Voyages dans les Deux Oceans* — A. Franck, Paris, 1848.

Denis, Ferdinand — *Brasil* — Tradução portuguêsa, Livraria Garnier, Rio-Paris, s/d.

Denis, Pierre — *O Brasil no Século XX* — Versão portuguêsa, José Bastos & Cia., Lisboa, s/d.

Dias, Artur — *O Brasil Atual* — Imprensa Nacional, Rio, 1904.

Dierberger, Reinaldo — "São Paulo e seus Jardins Particulares", *Ilustração Brasileira*, 1929.

Domville-Fife, Charles W. — *The United States of Brazil* — Francis Griffiths, Londres, 1910.

Dória, Escragnolle — "Aspectos de São Paulo — São Paulo na Bruma", *Jornal do Comércio,* Rio, 1.º de Setembro de 1916.

Duarte, Rafael — *Campinas de Outrora* (Coisas do meu tempo, por Agrício) — Tipografia Andrade & Melo, São Paulo, 1905.

Dunlop, C. J. — *Apontamentos para a História da Iluminação da Cidade do Rio de Janeiro* — Rio, 1949.

E

Edgcumbe, Edward — *A Holiday in Brazil and on the River Plate* — Chatto & Windus, Londres, 1887.

Egas, Eugênio — "São Paulo — a Cidade" — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIV, pág. 287.

Eiró, Paulo — *Sangue Limpo* (Drama original em três atos e prólogo) — Separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. CXIX.

Ellis Júnior, Alfredo — *A Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1937.

Ellis Júnior, Alfredo — *Capítulos da História Social de São Paulo* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1944.

Ennes, Ernesto — *Dois Paulistas Insignes* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1944.

Ennes, Ernesto — *Estudos sôbre História do Brasil* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1947.

Eschwege, Wilhelm Ludwig von — *Pluto Brasiliensis* — Tradução de Domício de Figueiredo Murta, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1944.

F

Fanucle, Nicolau — *Il Brasile* — São Paulo, 1910.

Ferraz, Breno — *Cidades Vivas* — Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1924.

Ferreira, Tito Lívio — "A Igreja do Colégio", *Jornal de São Paulo.* 1950.

Ferreira, Tito Lívio — "A Propósito da Fundação da Cidade de São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal,* CXL, pág. 27.

Ferreira, Tolstoi de Paula — "Subsídios para a Hist[illegible] Assistência Social em São Paulo", *Revista do [illegible] Municipal*, LXVII, pág. 5.

Ferrero, Gina Lombroso — *Nell'America Meridionale* — Fratelli Treves, Milão, 1908.

Figueiredo, Antônio — *História do Foot-Ball em São Paulo* — Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1918.

Figueiredo, Antônio — "O Esporte em São Paulo", *A Capital Paulista*, álbum de 1920.

Fletcher, James C. e Kidder, Daniel P. — *O Brasil e os Brasileiros* — Tradução de Elias Dolianiti, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.

Floreal, Sílvio — *Ronda da Meia-Noite* (Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo) — Tipografia Cupolo, São Paulo, 1925.

Florence, Amador — "Curiosidades do Censo Paulistano de 1765", *Revista do Arquivo Municipal*, LXXIX, pág. 131.

Florence, Hércules — *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* — Tradução do Visconde de Taunay, Editôra Melhoramentos, São Paulo, s/d.

Fonseca, Antônio e Angerami, Domingos — *Guia do Estado de São Paulo* — Pocai & Weiss, São Paulo, 1912.

Fonseca, Padre Manuel da — *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes (1753)* — Reedição da Editôra Melhoramentos, São Paulo, s/d.

Fontoura, Ezéchias Galvão da — "História do Seminário", *Poliantéia*, álbum do 1.º qüinquagenário do Seminário Episcopal de São Paulo.

Fontoura, Ezéchias Galvão da — *Vida do Exmo. e Revmo. Sr. D. Antônio José de Mello, Bispo de São Paulo* — Tipografia Salesiana, São Paulo, 1898.

Forjaz, Djalma — *Senador Vergueiro, sua Vida e sua Época* — Oficinas do Diário Oficial, São Paulo, 1924.

Forrest, Archibald S. — *A Tour through South America* — Stanley Paul & Co., Londres, 1913.

França Júnior, Joaquim José da — *Meia Hora de Cinismo* — 3.ª edição, Livraria de C. Teixeira, São Paulo, s/d.

Franco, Afonso Arinos de Melo — *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil* — Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio, 1944.

Franco, Francisco de Assis Carvalho — *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940.

Freire, Vitor da Silva — "Antônio Prado, Prefeito de São Paulo", *1.º Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* São Paulo, 1946, pág. 113.

Freitas, Afonso A. de — "A Cidade de São Paulo no Ano de 1822", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XXIII, pág. 131.

Freitas, Afonso A. de — *A Imprensa Periódica de São Paulo,* Tipografia do *Diário Oficial,* São Paulo, 1915.

Freitas, Afonso A. de — *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico Ilustrado do Município de São Paulo* — Gráfica Paulista, São Paulo, 1929.

Freitas, Afonso A. de — "Folganças Populares do Velho São Paulo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XXI, pág. 5.

Freitas, Afonso A. de — "Folia do Espírito Santo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XXIII, pág. 115.

Freitas, Afonso A. de — *Plan'História da Cidade de São Paulo no período de 1800-1874* — Edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, E. Arrault & Cie., Tours, 1914.

Freitas, Afonso A. de — *Prospecto do Dicionário Etimológico, Histórico, Topográfico, Estatístico, Biográfico, Bibliográfico e Etnográfico Ilustrado de São Paulo* — J. Rossetti, São Paulo, 1924.

Freitas, Afonso A. de — "São Paulo no Dia 7 de Setembro de 1822", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XXII, pág. 3

Freitas, Afonso A. de — *Tradições e Reminiscências Paulistanas* — Edição da *Revista do Brasil,* São Paulo, 1925.

Freitas, Padre Sena — "Frei Germano de Annecy", *Poliantéia,* álbum do 1.º quinquagenário do Seminário Episcopal de São Paulo.

Freyre, Gilberto — *Casa-Grande & Senzala* — 5.ª edição, Livaria José Olympio Editôra, Rio, 1946.

Freyre, Gilberto — *Olinda* — 2.ª edição, Livraria José Olympio Editôra, Rio 1944.

Freyre, Gilberto — "O Paulista e o Catalão". *Correio Paulistano.*

Freyre, Gilberto — *Sobrados e Mucambos* — Cia. E[illegible] Nacional, São Paulo, 1936, e 2.ª edição, Livraria José Olímpio Editôra, Rio, 1951.

Froger, François — *Relation du voyage de Mr. de Gennes au detroit de Magallan* — Antoine Scheltz, Amsterdam, 1699.

G

Gaffre, L. A. — *Visions du Brésil* — Francisco Alves & Cia., Rio, e Aillaud Alves, Paris, 1912.

Gama, Luís — *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* — Tipografia Literária, São Paulo, 1859.

Gandavo, Pero de Magalhães — *Tratado da Terra do Brasil* — Edição do Anuário do Brasil, Rio, 1924.

Gardner, George — *Viagens no Brasil* — Tradução de Albertino Pinheiro, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

Godoi, Joaquim Floriano de — *A Província de São Paulo* — (Trabalho estatístico, histórico e noticioso destinado à Exposição Industrial de Filadelfia) — Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, Rio, 1875.

Godoi, Joaquim Floriano de — *A Província do Rio Sapucaí* — Tipografia Universal de Laemmert, Rio, 1888.

Gonsalves, José A. — *Notas ao Drama "Sangue Limpo"* — Separata da Revista do Arquivo Municipal, CXIX.

Gonsalves, José A. — "Anotações às poesias de Paulo Eiró", *A vida de Paulo Eiró,* de Afonso Schmidt, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940.

Goodwin, Philip L. — *Brazil Builds — Architecture new and old* — Museum of Modern Art, Nova York, 1943.

Gropp, Dorothy M. — "Bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo e o Movimento Bibliotecário da Capital Paulista", *Revista do Arquivo Municipal,* LXVIII, pág. 205.

Guimarães, Bernardo — *Rosaura, a Enjeitada* — Rio, 1944.

H

Hadfield, William — *Brazil and the River Plate in 1868* — Bates Hendy & Co., Londres, 1869.

Hadfield, William — *Brazil and the River Plate, 1870-1876* — Edward Stanford, Londres, 1877.

Hoehne, F. C. — *Botânica e Agricultura no Brasil no seculo XVI* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1937.

Hoehne, F. C. — *O que Vendem os Ervanários da Cidade de São Paulo* — Casa Duprat, São Paulo, 1920.

Hoffmann-Harnisch, Wolfgang — *O Brasil Que Eu Vi* — Tradução de Huberto Augusto, Edições Melhoramentos, São Paulo, s/d.

Holanda, Sérgio Buarque de — *Cobra de Vidro* — Livraria Martins, São Paulo, 1944.

Holanda, Sérgio Buarque de — *Monções* — Edição da Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1945.

Holanda, Sérgio Buarque de — *Raízes do Brasil* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1936, e 2.ª edição, 1948.

Houssay, Frederic — *De Rio de Janeiro a São Paulo* — Imprimerie Gauthier-Villars, Paris, 1877.

I

Itagiba, J. Nogueira — *Trechos de Vida (Memórias)* — Leuzinger S. A., Rio, 1934.

J

Jardim, Caio — *A Capitania de São Paulo sob o Govêrno do Morgado de Mateus (1765-1775)* — Departamento de Cultura, São Paulo, 1939.

Jardim, Caio — "São Paulo no Século Dezoito", *Revista do Arquivo Municipal*, XLI, pág. 149.

Jardim, Silva — *Memórias e Viagens* — Tip. da Cia. Nacional Editora, Lisboa, 1891.

Június (Firmo de Albuquerque Diniz) — *Em São Paulo — Notas de Viagem* — Dolivais Nunes Editor, São Paulo, 1883.

Junot, Lucas R. — "Estudos de Temperatura da Cidade de São Paulo", *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, Conselho Nacional de Geografia, Rio, 1942, II, pág. 460.

K

Kidder, Daniel P. — *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* — Tradução de Moacir N. Vasconcelos, Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Kidder, Daniel P. e Fletcher, James C. — *O Brasil e os Brasileiros* — Tradução de Elias Dolianiti, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.

Koenigswald, Gustavo — *São Paulo* — Álbum, São Paulo, [illegible].

Konder, Adolfo —"Mercantilismo e Estética", *XI de Agosto,* Ano IV, n.º 3, 1906, pág. 20.

Koseritz, Carl Von — *Imagens do Brasil* — Tradução de Afonso Arinos de Melo Franco, Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Koster, Henry — *Viagens ao Nordeste do Brasil* — Tradução de Luís da Câmara Cascudo, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

L

Lamberg, Maurício — *O Brasil* — Tradução de Luís de Castro, Editor Lombaerts, Rio, 1896.

Latteux — *A Travers le Brésil (Au Pays de l'Or et des Diamants)* — Aillaud Alves & Cia., Paris, 1910.

Leclerc, Max — *Cartas do Brasil* — Tradução de Sérgio Milliet, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

Leitão, C. de Melo — *O Brasil Visto pelos Inglêses* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1937.

Leitão, C. de Melo — *Visitantes do Primeiro Império* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1934.

Leite, Aureliano — "Breve História do Chá", *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio,* Ano IV, n.º 76, Dezembro de 1940, pág. 151.

Leite, Aureliano — "De Américo Vespucci a Francisco Matarazzo", *Folha da Manhã,* São Paulo.

Leite, Aureliano — *História da Civilização Paulista* — Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Leite, Aureliano — "No Tempo de Ricardo Gonçalves" (conferência), *O Estado de São Paulo,* de 27 de Abril de 1947.

Leite, Aureliano — *O Brigadeiro Couto de Magalhães* — Gráfica Sauer, Rio, 1936.

Leite, Aureliano — *Pequena História da Casa Verde* — Edição Pecai, São Paulo, 1939.

Leite, Aureliano — *Retratos a Pena* — 1.ª série, São Paulo, 1929.

Leite, Célio Conde — *Terra Bandeirante* (Algumas Impressões do Estado de São Paulo) — Revista dos Tribunais, São Paulo, 1943.

Leite, Padre Serafim — *Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940.

Leite, Padre Serafim — "Os Jesuítas na Vila de São Paulo", *Revista do Arquivo Municipal,* XXI, pág. 3.

Leite, Padre Serafim — *Páginas de História do Brasil* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1937.

Leme, Pedro Taques de Almeida Pais — *História da Capitania de São Vicente* — Edição da Cia. Melhoramentos, São Paulo, s/d.

Leme, Pedro Taques de Almeida Pais — "Nobiliarquia Paulistana", *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro,* vols. XXXII, I, págs. 175 e 209, XXXIII, I, pág. 5, e II, págs. 27 e 149, XXXIV, I, págs. 5 e 141 e II, págs. 5 e 129, e XXXV, I, pág. 5 e II, pág. 5.

Leonel, Eugênio — *Notas a Lápis* — Vanorden & Cia., São Paulo, 1890.

Le Voici, Antônio e Rudolfer, Bruno — *O Transporte Coletivo na Cidade de São Paulo* (Pesquisas, recenseamentos e estudos técnicos) — Prefeitura de São Paulo, 1943.

Levy, Hannah — "A Pintura Colonial no Rio de Janeiro", *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* n.º 6, pág. 7.

Lima, Hermes — "São Paulo de Hoje e São Paulo de Amanhã", *Correio da Manhã,* Rio.

Lima Júnior, Augusto de — "Ligeiras Notas sôbre Arte Religiosa no Brasil", *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* n.º 2, pág. 101.

Lloyd, Reginald — *Impressões do Brasil no século XX; sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos* — Lloyd's Greater Britain Publishing Co., Londres, 1913.

Lobato, Monteiro — "Pedro Alexandrino", *Revista do Brasil,* Fevereiro de 1918, pág. 118.

Lomônaco, Alfonso — *Al Brasile* — Leonardo Vallardi, Milão, 1889.

Luccock, John — *Notas sôbre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* — Tradução de Milton da Silva Rodrigues, Livraria Martins, São Paulo, s/d.

M

Machado, Antônio de Alcântara — *Cavaquinho & Saxofone* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1940.

Machado, J. Alcântara — *Brasílio Machado (1848-1919)* — Livraria José Olímpio Editôra, Rio, 1937.

Machado, J. Alcântara — "Machado d'Oliveira", *Revista do Arquivo Municipal*, LIII, pág. 83.

Machado, J. Alcântara — *Problemas Municipais* — Secção de Obras de *O Estado de São Paulo*, 1917.

Machado, J. Alcântara — *Vida e Morte do Bandeirante* — Revista dos Tribunais, São Paulo, 1929.

Macola, Ferruccio — *L'Europa alla Conquista dell'America Latina* — Ferdinando Ongania, Veneza, 1894.

Madre de Deus, Frei Gaspar da — *Memórias para a História da Capitania de São Vicente Hoje Chamada São Paulo* — Tipografia da Academia, Lisboa, 1797.

Magalhães, Basílio de — "Documentos Relativos ao Bandeirismo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XVIII, pág. 261.

Magalhães, Basílio de — *O Estado de São Paulo e seu Progresso na atualidade* — Tipografia do *Jornal do Comércio,* Rio, 1913.

Magalhães, José Couto de — "Notas à Edição Definitiva de Os Guaianás, de José Vieira Couto de Magalhães", *Os Guaianás* — Tipografia Spindola Siqueira & Cia., São Paulo, 1902.

Magalhães, José Lourenço de — *A Morféia no Brasil Especialmente na Província de São Paulo* — Tipografia Nacional, Rio, 1882.

Magalhães, José Vieira Couto de — *Anchieta, as Raças e Línguas Indígenas* — Tip. a Vapor de Carlos Gerkle & Cia., São Paulo, 1897.

Magalhães, José Vieira Couto de — *Os Guaianases* (Conto histórico sôbre a fundação de São Paulo) — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1860.

Magalhães, José Vieira Couto de — *Viagem ao Araguaia* — 3.ª edição, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1934.

Magalhães, Valentim — *Horas Alegres* — Laemmert & Cia., Rio, 1888.

Magalhães, Valentim — *Quadros e Contos* — Dolivais Nunes, São Paulo, 1882.

Maia, Francisco Prestes — *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo* — Cia. Melhoramentos, São Paulo, 1930.

Maia, Francisco Prestes — *Os Melhoramentos de São Paulo* — Prefeitura Municipal, São Paulo, 1945.

Malan, Giovanni Pietro — *Un Viaggio al Brasile* — Dai Tipi di Luigi Sambolino, Gênova, 1885.

Marc, Alfred — *Le Brésil* (Excursion a travers ses 20 provinces) — Ed. de J. G. d'Argollo Ferrão, Paris, 1889.

Marinho, Henrique — *O Teatro Brasileiro* (Alguns apontamentos para a sua história) — H. Garnier, Rio, 1904.

Marques, Abílio A. S. — *Indicador de São Paulo* — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1878.

Marques, Cícero — *De Pastôra a Rainha* (Memórias) — Edição da Rádio Panamericana, São Paulo, 1944.

Marques, Cícero — *Tempos Passados...* — Moema Editôra, São Paulo, 1942.

Marques, Manuel Eufrázio de Azevedo — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo* — Tipografia Universal de Laemmert, Rio, 1879.

Martins, Antônio Egídio — *São Paulo Antigo (1554-1910)* — 1.º volume, Livraria Francisco Alves, 1911, 2.º Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1912.

Martins, J. P. Oliveira — *História da Civilização Ibérica* — Bertrand, Lisboa, 1879.

Martius, Carlos Frederico Philippe von e Spix, João Batista von — *Através da Bahia (Excertos da obra "Reise in Brasilien")* — Tradução de Pirajá da Silva e Paulo Wolf, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Martius, Carlos Frederico Philippe von e Spix, João Batista von — *Viagem pelo Brasil* — Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, Imprensa Nacional, Rio, 1938.

Mawe John — *Travels in the Interior of Brazil, particularly on the gold and diamond districts of that Country* — Longman Hurst Rees Orme and Brown, Londres, 1812.

Mawe, John — *Viagens ao Interior do Brasil* — Tradução de Solena Benevides Viana, Editôra Zélio Valverde, Rio, 1944.

Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de — *Esboços Biográficos* — Tipografia Literária, São Paulo, 1858.

Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de — *Estudos Históricos Brasileiros* — Tipografia Dois de Dezembro, São Paulo, 1858.

Mendes, Artur de Cerqueira — *Figuras Antigas* — 1.ª série. Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", 1927.

Mendonça, Lúcio de — *Horas do Bom Tempo* (Memórias e Fantasias) — Laemmert & Cia., Rio, 1901.

Meneses, Rodrigo Otávio de Langaard — *Minhas Memórias dos Outros* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1934.

Mennucci, Sud — *O Precursor do Abolicionismo no Brasil — Luís Gama* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Mesquita, Alfredo — *Notas para a História do Teatro em São Paulo* — São Paulo, 1951.

Milano, Miguel — *Os Fantasmas da São Paulo Antiga* (Estudo histórico-literário da cidade de São Paulo) — Edição Saraiva, São Paulo, 1949.

Milliet, Sérgio — *Roteiro do Café* — São Paulo, 1938.

Miranda, Nicanor — "O Estádio Municipal", *Revista do Arquivo Municipal,* XXXV, pág. 67.

Miranda, Veiga — *Álvares de Azevedo* — Emp. Gráfica Revista dos Tribunais, São Paulo, 1931.

Moacir, Primitivo — *A Instrução e as Províncias* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1939.

Monteiro, Zenon Fleuri — *Reconstituição do Caminho do Carro para Santo Amaro* — Prefeitura de São Paulo, 1943.

Morais, Rubens Borba de e Berrien, William — *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* — Gráfica Editôra Sousa, Rio ,1949.

Morais, Rubens Borba de — Prefácio à tradução de *Viagem à Província de São Paulo*, de Auguste de Saint Hilaire — Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Morato, Francisco — "O Hino Acadêmico", *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo,* Janeiro-Abril de 1937, vol. XXIII, fascículo I, págs. 9 e seguintes.

Moreira, Gastão — "A Abadia de São Bento em São Paulo", *Ilustração Brasileira* de 15 de Novembro de 1922.

Morse, Richard N. — *São Paulo — Raízes Oitocentistas da Metrópole* — Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1950.

Mota, Cássio — *Cesário Mota e seu tempo* — São Paulo, 1947.

Mota, Otoniel — *Do Rancho ao Palácio* (Evolução da civilização paulista) — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.

Mota Filho, Cândido — "Aspectos da Cidade", *Diário de São Paulo* de 2 de Dezembro de 1947.

Moura, Gentil de Assis — *As Bandeiras Paulistas* — Editôra O Pensamento, São Paulo, 1914.

Moura, Gentil de Assis — "Santo André da Borda do Campo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIV, pág. 3.

Moura, Paulo Cursino de — *São Paulo de Outrora* (Evocações da Metrópole) — 2.ª edição, Livraria Martins, São Paulo, 1943.

Moutinho, Joaquim Ferreira — *Itinerário de Viagem de Cuiabá a São Paulo* — Tipografia Henrique Schroeder, São Paulo, 1869.

Moya, Salvador — "Bibliotecas Latinas", *Revista do Arquivo Municipal,* XXXVI, pág. 101.

Muller, Daniel Pedro — *São Paulo em 1836 — Ensaio de um quadro estatístico da província* — Reedição de "O Estado de São Paulo", 1923.

Mumford, Lewis — *La Cultura de las Ciudades* — Tradução castelhana de Carlos Maria Reyles, Emecê Editôres, Buenos Aires, s/d.

N

Nardi Filho — "Carros de Praça", *O Estado de São Paulo,* de 9 de fevereiro de 1938.

Neves, José Maria das — "Uma Questão Importante para o Urbanismo Paulistano", *Ilustração Brasileira,* 1929.

Nobre, Antônio de Goes — *Esbôço Histórico da Real e Benemérita Sociedade Portuguêsa de Beneficência em São Paulo* — Cia. de Papéis e Artes Gráficas, São Paulo, 1919-1920.

Nobre, José de Freitas — *História da Imprensa de São Paulo* — Edições Leia, São Paulo, 1950.

Nóbrega, Padre Manuel da — *Cartas do Brasil* — Edição da Imprensa Nacional, Rio, 1886.

Nóbrega, Melo — *História de um Rio — o Tietê* — Livraria Martins, São Paulo, 1948.

Nogueira, J. L. de Almeida — *A Academia de São Paulo* (Tradições e Reminiscências — Estudantes, Estudantões, Estudantadas) — Nove séries, São Paulo, 1907-1912.

Nogueira, J. L. de Almeida — *Estudos Ligeiros* (Páginas do Presente e do Passado) — São Paulo, 1914.

O

Oliveira, Albino José Barbosa de — *Memórias de um Magistrado do Império* — Cia. Editôra Nacional. São Paulo, 1943.

Oliveira, Antônio Rodrigues Vellozo de — *Memória sôbre o Melhoramento da Província de São Paulo* — Tipografia Nacional, Rio, 1822.

Oliveira, José Feliciano de — "Centenário de uma Aula Normal", *O Estado de São Paulo*, de 2 e 16 de junho, 25 de agôsto e 3 de novembro de 1946.

Oliveira, J. J. Machado d' — "Informação sôbre o Estado da Indústria na Província de São Paulo", *O Industrial Paulistano*, São Paulo, 1856.

Oliveira, J. J. Machado d' — *Quadro Histórico da Província de São Paulo até o ano de 1822,* — 2.ª edição, Tipografia Brasil, São Paulo, 1897.

Orbigny, Alcide d' — *Voyage dans les Deux Ameriques* — Furne & Cie., Paris, 1853, e nova edição, Furne Jouvet & Cie., Paris, 1867.

P

Pagano, Sebastião — "Aspectos de São Paulo Histórico", *Planalto,* janeiro-fevereiro de 1946.

Pagano, Sebastião — "Roteiro de São Paulo Antigo", suplementos do *Diário de São Paulo.*

Pantaleão, Olga — *Fontes Primárias Inglêsas para o Estudo da História de São Paulo no século XVI* — Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1949.

Pena, Martins — *Teatro Cômico* — *Edições Cultura,* São Paulo, 1943.

Pereira, Batista — "A Cidade de Anchieta", *Revista do Arquivo Municipal,* XXIII, pág. 1.

Pereira, Batista — "Piratininga no século XVI", *Revista do Arquivo Municipal,* XLIII, pág. 53.

Pereira, Teodomiro Alves — *Vida Acadêmica* — Tipografia Literária, São Paulo, 1861-1862.

Pestana, Paulo Rangel — "A Cidade de São Paulo — Evolução Histórica", *A Capital Paulista,* álbum, São Paulo, 1920.

Pestana, Paulo Rangel — *A Expansão Econômica do Estado de São Paulo num século — 1822-1922* — Serviço de Publicações da Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1923.

Piccarolo, A. — *Um Pioneiro das Relações Italo-Brasileiras — B. Belli* — Atena Editôra, São Paulo, 1946.

Pierson, Donald — "Habitações de São Paulo: Estudo Comparativo", *Revista do Arquivo Municipal,* LXXXI, pág. 199.

Pimenta, Gelásio — "Alexandre Levy", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XV, pág. 387.

Pinheiro, Geraldo de Faria Lemos — "Reminiscências da Academia", Revista *XI de Agôsto,* São Paulo, 1943.

Pinho, Vanderlei — *Salões e Damas do Segundo Reinado* — Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Pinto, Adolfo Augusto — *A Transformação e o Embelezamento de São Paulo* — Tipografia Cardoso Filho & Cia., São Paulo, 1912.

Pinto, Adolfo Augusto — *História da Viação Pública de São Paulo* — Tipografia e Papelaria de Vanorden & Cia., São Paulo, 1903.

Pinto, Adolfo Augusto — *Homenagens* — Casa Vanorden, São Paulo, 1926.

Pinto, Alfredo Moreira — *A Cidade de São Paulo em 1900* (Impressões de viagem) — Imprensa Nacional, Rio, 1900.

Pinto, Manuel de Sousa — *Terra Moça — Impressões Brasileiras* — Livraria Chardron, Pôrto, 1910.

Piza, Antônio de Toledo — "A Igreja do Colégio da Capital do Estado de São Paulo", *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro,* vol. LIX, II, pág. 57.

Piza, Antônio de Toledo — *O Edifício do Congresso do Estado de São Paulo* (Sua história e sua propriedade) — Tipografia Andrade e Melo, São Paulo, 1902.

Piza, Antônio de Toledo — "O Tenente-General Arouche Rendon", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. V, pág. 105.

Pontes, Elói — *A Vida Exuberante de Olavo Bilac* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1944.

Porchat, Milcíades — *Do Que Precisa São Paulo* — Casa Duprat, São Paulo, 1920.

Póvoa, Pessanha — *Anos Acadêmicos* (São Paulo — 1860-1864) — Tipografia Perseverança, Rio, 1870.

Póvoa, Pessanha — *Os Dois Mundos* (Academia [illegible] Tipografia [illegible] São Paulo, 18[illegible]1.

Prado, Eduardo — [illegible] — Escola Tipográfica Salesiana. São Paulo, 19[illegible].

Prado, Eduardo — "L'Art", *Le Brésil en 1889*, de F. J. de Santana Neri, — Charles Delagrave, Paris, 1889.

Prado, Ian de Almeida — *Circo de Cavalinhos* (Crônica paulistana de 1929) — São Paulo, 1931.

Prado, Ian de Almeida — "Iconografia Paulista" — *Revista do Arquivo Municipal* vol. [illegible], pág. 178.

Prado, Ian de Almeida — "São Paulo Antigo e sua Arquitetura", *Ilustração Brasileira*, Setembro de 1929.

Prado, Paulo — *Paulística* (História de São Paulo) — Editôra Ariel, Rio, 1934.

Prado Júnior, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo* — Livraria Martins, São Paulo, 1942.

Prado Júnior, Caio — *História Econômica do Brasil* — Editôra Brasiliense, São Paulo, 1945.

Prado Júnior, Caio — "Nova Contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo", *Estudos Brasileiros*, Ano III, vol. 7, 1941.

Prado Júnior, Caio — "O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo", *Geografia*, n.º 3, São Paulo, 1935. pág. 239.

Q

Queiroz, Ior — "O Teatro da Ópera", Revista *XI de Agôsto*, São Paulo, 1943.

Querino, Manuel — *Costumes Africanos no Brasil* — Civilização Brasileira, Rio, 1938.

R

Raffard, Henrique — "Alguns Dias na Paulicéia", *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*, vol. LV, II, pág. 159.

Raimundo, Jacques — *O Elemento Afro-Negro na Língua portuguêsa* — Renascença Editôra, Rio, 1933.

Ramos, Artur — *O Negro Brasileiro* — 2.ª edição, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940.

Ramos, Artur Rudge — *Relatório sôbre os Trabalhos Feitos na Estrada do Vergueiro* — Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", 1920.

Rath, Carlos — *Fragmentos Geológicos e Geográficos para a parte Física da Estatística das Províncias de São Paulo e Paraná* — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1856.

Rendon, José Arouche de Toledo — "Memória sôbre a Plantação e Cultura de Chá e sua Preparação até Ficar em Estado de Entrar no Comércio", *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo,* XLIV, pág. 217.

Rendon, José Arouche de Toledo — "Memória sôbre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo segundo Observações Feitas no ano de 1792", *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro,* vol. IV, pág. 295.

Rendon, José Arouche de Toledo — "Reflexões sôbre o Estado em que se Acha a Agricultura na Capitania de São Paulo", *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo,* XLIV, pág. 195.

Rendu, Alphonse — *Etudes Topographiques Medicales et Agronomiques sur le Brésil* — J. B. Bailliere, Paris, 1848.

Rezende, Carlos Penteado de — "A Primeira Professôra de Piano a Apresentar Alunas em Concêrto em São Paulo", *O Estado de São Paulo,* de 4 de abril de 1946.

Rezende, Carlos Penteado de — "Cronologia Musical de São Paulo", *Correio Paulistano* de 25 de Junho de 1950.

Rezende, Carlos Penteado de — *Dois Meninos Prodígios de Outrora em São Paulo* — São Paulo, 1951.

Rezende, Carlos Penteado de — *Um Inédito da Iconografia Paulistana* — Separata da revista "Investigações", São Paulo, 1950.

Rezende, Francisco de Paula Ferreira de — *Minhas Recordações* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1944.

Ribas, Emílio — "A Febre Tifóide em São Paulo e o seu Histórico", *Boletim do Instituto de Higiene,* n.º 8, São Paulo, 1921.

Ribeiro, José Jacinto — *Cronologia Paulista* — São Paulo, 1899.

Ribeyrolles, Charles — *Brasil Pitoresco* — Tradução de Gastão Penalva, Livraria Martins, São Paulo, 1941.

Ricardo, Cassiano — *Marcha para Oeste* — Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1942.

Rocco, Salvador — "Escola Normal de São Paulo", *Poliantéia do Centenário do Ensino Normal em São Paulo*, 1946.

Rocha, Francisco Franco da — *Hospício e Colônias de Juqueri* — São Paulo, 1912.

Rodrigues, José Wasth — *Documentário Arquitetônico* — Livraria Martins, São Paulo, s/d.

Romero, Sílvio — *História da Literatura Brasileira* — 3.ª edição, Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1943.

Rougier, Georges — *Le Brésil en 1911* — *Garnier Frères*, Paris, 1911.

Rudolfer, Bruno e Le Voici, Antônio — *O Transporte Coletivo na Cidade de São Paulo* (Pesquisas, recenseamentos e estudos técnicos) - - Prefeitura de São Paulo, 1943.

Rugendas, João Maurício — *Viagem Pitoresca através do Brasil* — Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

S

Sá, A. Nogueira de — "Notas à Margem de um Relatório", *Revista do Arquivo Municipal*, XXIX, pág. 69.

Sá, Manuel Álvaro de Souza — *Esboços Críticos da Faculdade de Direito de São Paulo em 1879* — Tip. do Brasil Católico, Rio, 1880.

Saia, Luís — *Fontes Primárias para o Estudo das Habitações, das Vias de Comunicação e dos Aglomerados Humanos em São Paulo no Século XVI* — Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1948.

Saia, Luís — "Notas sôbre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século", *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 8, pág. 211.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Segunda Viagem ao Interior do Brasil* — Tradução de Carlos Madeira, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1936.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)* — Tradução de Afonso de E. Taunay, 2.ª edição, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Viagem ao Rio Grande do Sul* — Tradução de Leonam de Azevedo Pena, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1939.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo* — Tradução de Rubens Borba de Morais, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* — Tradução de Clado Ribeiro de Lessa, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Saint-Hilaire, Auguste de — *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil* — Tradução de Leonam de Azevedo Pena, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1941.

Sales, Alberto — *A Pátria Paulista* — Tip. a Vapor da "Gazeta de Campinas", 1887.

Sales, Paulo — *O Jardineiro Brasileiro* — 4.ª edição, Garnier, Rio, 1895.

Salvador, Frei Vicente do — *História do Brasil* — Edição Weiszflog Irmãos, Rio e São Paulo, 1918.

Sálvio, Valério — "A Província de São Paulo", *O Estado de São Paulo* de 4 de janeiro de 1946.

Sampaio, Teodoro — "A Fundação da Cidade de São Paulo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. X, pág. 524.

Sampaio, Teodoro — "Discurso no Aniversário do Instituto Histórico em 1901", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. VI, pág. 572.

Sampaio, Teodoro — "São Paulo de Piratininga no Fim do Século XVI", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. IV, pág. 257.

Sampaio, Teodoro — "São Paulo no Século XIX", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. VI, pág. 159.

Sampaio, Teodoro — *São Paulo no Tempo de Anchieta* — Escola Tipográfica Salesiana, São Paulo, 1897.

Santana, Nuto — "A Igreja dos Remédios", *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.º 1, pág. 127.

Santana, Nuto — *Metrópole* — Departamento de Cultura, São Paulo, 1950.

Santana, Nuto — "O Prefeito Antônio Prado", *1.º Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado*, pág. 101.

Santana, Nuto — *São Paulo Histórico* (seis tomos) — Departamento de Cultura, São Paulo, 1937 a 1944.

Santos, José de [illegible] — *Mobiliário Artístico* [illegible] São Paulo, 1944.

Santos, Noronha — *[illegible] de Transporte no Rio de Jan[illegible]* — Tipografia do "Jornal do Comércio", Rio, 1934.

Schmidt, Afonso — "A Máquina Falante", "Ainda São Paulo em 1860", "O Prêto Que Não Era Leôncio" e "Tabatingüera" — Crônicas publicadas em *A Tribuna*, de Santos.

Schmidt, Afonso — *A Sombra de Júlio Franck* — Editôra Anchieta, São Paulo, 1942.

Schmidt, Afonso — *A Vida de Paulo Eiró* — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1940.

Schmidt, Afonso — "Carlos Plaster", "Fantasmas" e "Galerias de Cristal" — Crônicas publicadas no *Jornal de São Paulo.*

Schmidt, Carlos Borges — *A Instituição Vacínica da Capitania de São Paulo* — Departamento do Serviço Público, São Paulo, 1944.

Schmidt, Carlos Borges — *Construções de Taipa* — Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1949.

Severo, Ricardo — "A Casa da Faculdade de Direito de São Paulo (1643-1937)" — *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo,* vol. XXXIV, janeiro-abril de 1938, fascículo I, pág. 11.

Severo, Ricardo — *O Liceu de Artes e Ofícios* — São Paulo, 1934.

Sigaud, J. F. X. — *Du Climat et des Maladies du Brésil* — Fortin Masson & Cie., Paris, 1844.

Silva, Jacinto — *Cidade de São Paulo (Guia Ilustrado do Viajante)* — Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1924.

Silva, Joaquim Norberto de Sousa e — *Amador Bueno ou A Fidelidade Paulistana* (Drama em 5 atos) — Emp. Tip. Dois de Dezembro, Rio, 1855.

Silva, Lafaiete — *História do Teatro Brasileiro* — Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1938.

Silveira, J. F. Barbosa da — *Ramos de Azevedo e suas Atividades* — São Paulo, 1941.

Simonsen, Roberto — *A Evolução Industrial do Brasil* — São Paulo, 1939.

Simonsen, Roberto — *Aspectos da História Econômica do Café* — São Paulo, 1938.

Soares, Sebastião Ferreira — *Esbôço ou Primeiros Traços da Crise Comercial da Cidade do Rio de Janeiro em 10 de Setembro de 1864* — Eduardo & Henrique Laemmert, Rio, 1865.

Sousa, Alberto — *Memória Histórica sôbre o Correio Paulistano* — Tipografia Rosenhain e Meyer, São Paulo, 1904.

Sousa, Everardo Valim Pereira de — *A Paulicéia Há Sessenta Anos* — Separata da Revista do Arquivo Municipal.

Sousa, Everardo Valim Pereira de — "Reminiscências", *1.º Centenário do Conselheiro Antônio da Silva Prado,* São Paulo, 1946, pág. 194.

Sousa, Everardo Valim Pereira de — "Reminiscências Acadêmicas", *Revista do Arquivo Municipal,* vol. XCIII, pág. 111.

Sousa, Pedro Luís Pereira de — "No Tempo do Velódromo". *O Estado de São Paulo* de 27 de agôsto de 1950.

Sousa, Washington Luís Pereira de — *Capitania de São Paulo* (Govêrno de Rodrigo Cesar de Meneses) — Tipografia Casa Garraux, São Paulo, 1918.

Souza, T. Oscar Marcondes de — *O Estado de São Paulo* — Estabelecimento Gráfico Universal, São Paulo, 1915.

Souza Júnior, João Cardoso de Meneses e (Barão de Paranapiacaba) — *A Harpa Gemedora* — Tip. de Silva Sobral, São Paulo, 1847.

Southey, Robert — *História do Brasil* — Tradução de Luís Joaquim de Oliveira e Castro, Garnier, Rio, 1862.

Spix, João Batista von e Martius, Carlos Frederico Philippe von — *Através da Bahia* (Excertos da obra *Reise in Brasilien*) — Tradução de Pirajá da Silva e Paulo Wolf, Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

Spix, João Batista von e Martius, Carlos Frederico Philippe von — *Viagem pelo Brasil* — Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, Imprensa Nacional, Rio, 1938.

T

Taunay, Afonso de E. — *Amador Bueno e Outros Ensaios* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1943.

Taunay, Afonso de E. — "A Miragem do Chá" — *Mensário do Jornal do Comércio,* Rio, tomo VI, vol. III, junho de 1939, pág. 789.

Taunay, Afonso de E. — *Antigos Aspectos Paulistas* [illegible] Oficial, São Paulo, 1927.

Taunay, Afonso de E. — *Assuntos de Três Séculos Coloniais* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1944.

Taunay, Afonso de E. — *Ensaios de História Paulistana* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1941.

Taunay, Afonso de E. — *Escritores Coloniais* — Diário Oficial, São Paulo, 1925.

Taunay, Afonso de E. — *Estudos de História Paulista* — Diário Oficial, São Paulo, 1927.

Taunay, Afonso de E. — *História Antiga da Abadia de São Paulo* — Tipografia Ideal, São Paulo, 1927.

Taunay, Afonso de E. — *História da Cidade de São Paulo (1711-1720)* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1931.

Taunay, Afonso de E. — *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1934 e 1935.

Taunay, Afonso de E. — *História da Vila de São Paulo no século XVIII (1701-1711)* — Imprensa Oficial, São Paulo, 1931.

Taunay, Afonso de E. — *História Seiscentista da Vila de São Paulo* — Quatro tomos — Tipografia Ideal, São Paulo, 1926 a 1929.

Taunay, Afonso de E. — *Non Ducor, Duco (Notícias de São Paulo, 1565-1820)* — Tipografia Ideal, São Paulo, 1924.

Taunay, Afonso de E. — *Pedro Taques e Seu Tempo* — Diário Oficial, São Paulo, 1923.

Taunay, Afonso de E. — *Piratininga* — Tipografia Ideal, São Paulo, 1923.

Taunay, Afonso de E. — *Rio de Janeiro de Antanho* (Impressões de viajantes estrangeiros) — Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1942.

Taunay, Afonso de E. — *São Paulo no século XVI* (História da vila piratiningana) — E. Arrault & Cie., Tours, 1921.

Taunay, Afonso de E. — *São Paulo nos Primeiros Anos (1554-1601)* — E. Arrault & Cie. Tours, 1920.

Taunay, Afonso de E. — *Sob El Rey Nosso Senhor* — Diário Oficial, São Paulo, 1923.

Taunay, Afonso de E. — "Um Patriarca da Estatística no Brasil", *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio,* Rio, 1936, vol. 21, pág. 354.

Taunay, Afonso de E. — "Urbanização Setecentista", *Fôlha da Manhã*, São Paulo.

Taunay, Afonso de E. — *Velho São Paulo,* I vol., Edições Melhoramentos, São Paulo, s/d.

Taunay, Visconde de — *Memórias* — Editôra Ipê, São Paulo, 1948.

Taunay, Visconde de — *Viagens de Outrora* — 2.ª edição, Editôra Melhoramentos, São Paulo, 1921.

Teles, Augusto C. da Silva — *Melhoramentos de São Paulo* — Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1907.

Toledo, Vicente Xavier de (Ulrico Zwingli) — *Crônica Literária de São Paulo* — Tip. Econômica, Rio, 1866 e Tip. Americana, São Paulo, 1868.

Turot, Henri — *En Amerique Latine* — Vuibert et Nony, Paris, 1908.

U

Usteri, A. — *Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz* — São Paulo, 1919.

V

Vale, Paulo Antônio do — *Caetaninho ou O Tempo Colonial* (Drama histórico brasileiro em três atos) — Tipografia do Govêrno, São Paulo, 1849.

Vale, Paulo Antônio do — *Parnaso Acadêmico Paulistano* — Tipografia do Correio Paulistano, São Paulo, 1881.

Vampré, João — "A Procissão de Corpus Christi em São Paulo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIII, pág. 297.

Vampré, João — "Fatos e Festas na Tradição (A Noite de São João em São Paulo)", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XIII, pág. 285.

Vampré, Spencer — "A Academia de São Paulo na História Intelectual do Brasil", *Revista de Crítica Judiciária,* Rio, vol. VI, n.º 1, julho de 1927.

Vampré, Spencer — "A Demolição do Antigo Prédio da Faculdade de Direito e as Reminiscências que Desperta",

Revista da Faculdade de Direito de São Paulo, setembro-dezembro de [illegible], vol. XXXIII, fascículo III, pág. [illegible]

Vampré, Spencer — *Memórias para a História da Academia de São Paulo* — [illegible] Livraria Acadêmica, São Paulo, 1924.

Varela, Luís Nicolau Fagundes — *Cantos e Fantasias* — Garraux, de Lailhacar & Cia., São Paulo, 1865.

Vasconcelos, Simão de — *[illegible] da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* — 2.ª edição, J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865.

Vilhena, Luís dos Santos — *Recopilação de Notícias da Capitania de São Paulo* (Lisboa, 1802) — Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1935.

Vincent, Frank — *Around and about South America* — D. Appleton & Co., Nova York, 1890.

W

Waddell, W. A. — *Mackenzie College* (Notas sôbre a sua história e organização) — Tipografia Siqueira, São Paulo, 1932.

Wallace, Alfred Russel — *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* — Tradução de Orlando Tôrres, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1939.

Walle, Paul — *Au Pays de l'Or Rouge* (L'Etat de São Paulo) — Augustin Challamel, Paris, 1921.

Wiener, Charles — *333 Jours au Brésil* — Librairie Ch. Delagrave, Paris, s/d.

Z

Zaluar, A. Emílio — *Peregrinação pela Província de São Paulo* (*1860-1861*) — Edições Cultura, São Paulo, 1943.

Zenha, Edmundo — *O Município no Brasil* (*1532-1700*) — Editôra Ipê, São Paulo, 1948.

DOCUMENTOS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

A

A Capital Paulista — Álbum Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, edição da Sociedade Editôra Independência, São Paulo, 1920.

Almanacco della Tribuna Italiana — São Paulo, 1905.

Almanach Administrativo Comercial e Industrial da Província de São Paulo para 1884 — Organizado por F. I. X. de Assis Moura, Ed. Jorge Seckler, São Paulo, 1883.

Almanach da Província de São Paulo — Editado por Jorge Seckler, São Paulo, 1885, 1886, 1888.

Almanach do Estado de São Paulo para 1890 — Jorge Seckler & Cia., São Paulo, 1890.

Almanach do Estado de São Paulo para 1891 — Editôra Cia. Industrial de São Paulo, 1891.

Almanach para 1896 (De "O Estado de São Paulo") — J. Filinto & Cia., São Paulo, 1896.

Almanach Paulista Ilustrado para 1896 — Editado por J. G. d'Arruda Leite, São Paulo, 1896.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1857 — Marques & Irmão, Tipografia Imparcial, São Paulo, 1856.

Almanak Literário de São Paulo para 1877 — Publicado por José Maria Lisboa, Tip. da Província de São Paulo, 1877.

Almanaque de "O Estado de São Paulo" — São Paulo, 1940.

Anais da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo — Reconstituição desde 1836 até 1861 — Publicação oficial organizada por Eugênio Egas e Oscar Mota Melo — Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", 1923-1930.

Anexos ao Almanach da Província de São Paulo para 1873 — São Paulo, 1873.

A Noite — (Jornal) — São Paulo.

A Província de São Paulo — (Jornal) — Desde 1875.

"As Feiras-Livres na Cidade de São Paulo" — *Ilustração Brasileira*, 1929.

Atas da Câmara da Vila de São Paulo e Atas da Câmara Municipal de São Paulo — Publicações oficiais do Arquivo Municipal e do Departamento de Cultura, São Paulo.

C

Cabrião — (Jornal) — São Paulo, 1866-1867.

Carta — Do Sr. Agenor Guerra Correia ao autor.

Carta — Do Sr. Alexandre Haas ao autor.

Completo Almanak Administrativo, Comercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895 e 1896 — Organizados por Canuto Thorman, Editôra Cia. Industrial de São Paulo, 1895 e 1896.

Correio Paulistano — (Jornal) — São Paulo, 1832.

Correio Paulistano — (Jornal) — Desde 1854. São Paulo.

D

Diabo Coxo — (Jornal) — São Paulo, 1864.

"Documentos do Arquivo do Mosteiro de São Bento em São Paulo", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XVI, pág. 243.

Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo — Publicações do Arquivo do Estado de São Paulo.

E

Ensaios Literários — (Revista acadêmica) — São Paulo, 1847-1850.

Ensaios Literários do Ateneu Paulistano — (Revista acadêmica) — São Paulo, 1853-1859.

I

Ilustração Brasileira — (Revista) — Rio, 1929.

J

Jornal de São Paulo — (Jornal) — São Paulo, 1950.

L

L'Etat de São Paulo (Guides de l'Etoile du Sud) — 2.ª edição. Rio, 1906.

M

Melhoramentos do Centro da Cidade de São Paulo (Projeto apresentado pela Prefeitura Municipal) — Tipografia Brasil, São Paulo, 1911.

Memórias da Associação Culto à Ciência — (Revista acadêmica) — São Paulo, 1859-1863.

O

O Estado de São Paulo — (Jornal) — São Paulo.

O Farol Paulistano — (Jornal) — São Paulo, 1830.

"O Fisco Federal em São Paulo" — *O Estado de São Paulo* de 1.º de janeiro de 1947.

O Industrial Paulistano — (Jornal) — São Paulo, 1856.

O Kaleidoscópio — (Revista acadêmica) — São Paulo, 1860.

O Novo Farol Paulistano — (Jornal) — São Paulo, 1831-1832.

O Pensador — (Jornal) — São Paulo, 1839.

"Ordens Régias" — *Revista do Arquivo Municipal,* vários números.

"Os Mercados de São Paulo" — *Ilustração Brasileira* de 12 de Outubro de 1922.

P

"Papéis Avulsos" — Revista do Arquivo Municipal, vários números.

Poliantéia — Álbum Comemorativo do 1.º Qüinquagenário da Fundação do Seminário Eposcipal de São Paulo (1856-1906) — São Paulo, 1906.

Poliantéia Comemorativa do 1.º Centenário do Ensino Normal em São Paulo — São Paulo, 1946.

Prospecto da Companhia Carris de Ferro — São Paulo, 1883.

R

"Recenseamentos de Ordenanças da Cidade de São Paulo e seu Município (1768)" — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,* vol. XXXIV, pág. 435.

Registro Geral da Câmara da Cidade de São Paulo — Publicação do Departamento de Cultura, São Paulo.

Regulamento para Construções Particulares — Projeto apresentado pelo Instituto de Engenharia à Câmara Municipal de São Paulo, 1918.

Relatório da Diretoria da Companhia Carris de Ferro de São Paulo — Tipografia de Jorge Seckler, São Paulo, 1889.

Relatório da Repartição de Polícia da Província de São Paulo — Tipografia Americana, São Paulo, 1872.

Relatório do Presidente da Província Antônio Cândido da Rocha — Tipografia Americana, São Paulo, 1870.

Relatório do Presidente da Província Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1864.

Relatório do Presidente da Província Francisco Xavier Pinto Lima — Tipografia Americana, São Paulo, 1872.

Relatório do Presidente da Província João Crispiniano Soares — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1865.

Relatório do Presidente da Província João da Silva Carrão — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1866.

Relatório do Presidente da Província João Jacinto de Mendonça — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1862.

Relatório do Presidente da Província Joaquim Floriano de Toledo — Tipografia Imparcial, São Paulo, 1866.

Relatório do Presidente da Província José Antônio Saraiva — — Tipografia Dois de Dezembro, São Paulo, 1855.

Relatório do Presidente da Província José Fernandes da Costa Pereira Júnior — Tipografia Americana, São Paulo, 1872.

Relatório do Presidente da Província José Joaquim Fernandes Tôrres — Tipografia Dois de Dezembro, São Paulo, 1858.

Relatório do Presidente da Província José Tomás Nabuco de Araújo — Tipografia do Govêrno, São Paulo, 1852.

Relatório do Vice-Presidente da Província Antônio Roberto d'Almeida — Tipografia Dois de Dezembro, São Paulo, 1856.

Revista da Associação Clube Acadêmico — São Paulo, 1863.

Revista da Associação Recreio Instrutivo — São Paulo, 1861-1862.

Revista da Associação Tributo às Letras — São Paulo, 1863-1866.

Revista da Sociedade Brasília — São Paulo, 1859.
Revista da Sociedade Filomática — São Paulo, 1833.
Revista do Ensaio Literário — São Paulo, 1871.
Revista do Instituto Científico — São Paulo, 1862-1863.
Revista Dramática — São Paulo, 1860.
Revista Guaianá — São Paulo, 1856.
Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano — São Paulo, 1859.
Revista Paulistana — São Paulo, 1857.
Revista Trabalhos Literários — São Paulo, 1860.
"Ruas e Praças de São Paulo" — Série publicada no *Correio Paulistano,* São Paulo.

S

São Paulo Antigo e São Paulo Moderno — Álbum organizado por Jules Martin, Nereu Rangel Pestana e Henrique Vanorden, São Paulo, 1905.
São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã — Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, depois Departamento Estadual de Informações, São Paulo.

U

Um Realizador (*Dr. A. P. Gomes Cardim*) — Tipografia Cruzeiro, São Paulo, 1929.

NOTAS
SÔBRE AS
GRAVURAS

Gravura que abre o capítulo "Cidades-Grandes do Brasil" — Pag. 31

Silhueta das cidades-grandes brasileiras no passado, marcadas por seus telhados característicos, seus sobradões, seus edifícios conventuais enormes e as tôrres coloniais de suas igrejas.

Gravura fora do texto — Entre págs. 40 e 41

O litoral vicentino, a serra de Paranapiacaba e a vila de São Paulo de Piratininga aparecem nesse mapa do atlas de João Teixeira Albernaz (1631), reproduzido de cópia existente na Mapoteca do Itamarati. A localização do povoado piratiningano, tendo-se em vista as péssimas condições do Caminho do Mar no seiscentismo, pode dar idéia do isolamento em que êle viveu no período colonial.

Gravura 1 — Pág. 53

Cena comum em todas as principais cidades brasileiras até meados do século passado: escravos negros. com potes de barro, em tôrno dos chafarizes. As fontes da Bahia, do Rio de Janeiro, de Vila Rica sobretudo, foram descritas por viajantes numerosos. Na capital de Minas Gerais, segundo um dêsses observadores, "havia uma fonte quase em cada rua". Os chafarizes eram bem construidos, "embora não fôssem de arquitetura comparável à das fontes italianas".

Gravura 2 — Pág. 61

Aspecto bastante característico da primeira metade do oitocentismo e em certos casos até de fins do mesmo período nos principais núcleos urbanos do país. As zonas centrais dessas cidades eram ainda as preferidas pelas famílias mais abastadas para residência, em geral em sobrados de numerosas janelas e longos balcões. Mesmo no Rio de Janeiro só em meados do século começou a se observar a tendência de muitas dessas famílias residirem em bairros ou em subúrbios.

Gravura que abre o capítulo "Arraial de Sertanistas" — Pag. 71

Desenho simbolizando a fase mais remota da existência da povoação de Piratininga: sôbre o fundo representado pelas silhuetas humildes da igreja e das casas aparecem as figuras básicas da vida piratiningana nos tempos coloniais: o indígena, o jesuita e o colonizador branco, que seria sobretudo o desbravador de sertões.

Gravura 3 — Pág. 75

A povoação de São Paulo teve, particularmente em seus anos primitivos, um colorido fortemente indígena, caráter que em seguida se

atenuou em vista da afluência cada vez maior de povoadores brancos. Entretanto os índios continuaram sendo elementos constantes da existência piratiningana no decorrer dos tempos coloniais.

Gravura fora do texto — Entre págs. 80 e 81

O grande mural de Clovis Graciano fixa a partida de uma bandeira. Movem-se as figuras — sertanistas, religiosos, escravos, animais — tendo como fundo a paisagem (esquematizada) da região de São Paulo, em que aparecem o Tietê e o morro do Jaraguá.

Gravura 4 — Pág. 83

São Paulo foi, no seiscentismo e no setecentismo, principalmente o arraial em que se organizavam as bandeiras que devassaram o sertão brasileiro. A vila chegou a se despovoar e a se enfraquecer, nos tempos coloniais, em consequência da debandada de moradores que se enfiavam pelo mato à cata de índios e de ouro.

Gravura 5 — Pág. 89

"Mulheres rebuçadas em dois côvados de baeta preta, assim como se cortavam nas lojas, e com chapéus desabados na cabeça" andavam pelas ruas e entravam nas igrejas, segundo uma referência do capitão-general Martim Lopes em 1775. Mas a cidade era quase um deserto nessa fase de decadência em que se tornou falada a "preguiça paulista".

Gravuras que abrem o capítulo "A Rótula sôbre a Taipa" — Pág. 99

O primeiro desenho reproduz o aspecto tradicional do velho mosteiro e da antiga igreja dos Beneditinos, edificados em 1598-1600, e que passaram por várias reformas em 1650 e mais tarde no período compreendido entre os anos de 1733 e 1743, só então se completando a construção da tôrre do templo. Foi no convento beneditino que se refugiou em 1641 Amador Bueno da Ribeira ao ser aclamado Rei de São Paulo. O segundo desenho mostra uma rótula "à maneira mourisca", freqüente nas portas e janelas, e que representou solução constante nas edificações antigas de São Paulo. No começo do século passado ainda o viajante Saint-Hilaire, falando das casas térreas paulistanas, observou que elas se fechavam com rótulas "formadas de travessas de madeira cruzadas obliquamente".

Gravura 6 — Pág. 101

O padre José de Anchieta nasceu na ilha de Tenerife (Canárias) em 1533. Estudou, em Coimbra, Língua Latina, Belas Letras e Filosofia e aos dezessete anos ingressou na Companhia de Jesus, partindo em 1553 para o Brasil. Foi um dos fundadores da vila de São Paulo e uma das maiores figuras da Catequese, ensinando curumins, estudando a "língua da terra", compondo hinos e autos para conversão dos selvagens. Segundo Simão de Vasconcelos, "era de estatura medíocre, diminuto de carnes, côr trigueira, olhos em parte azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro alegre e amavel." Morreu na aldeia de Reritiba (Espírito Santo) em 1597.

Gravura 7 — Pág. 107.

Quadro de Wasth Rodrigues (Museu Paulista) feito por incumbência do historiador Afonso de E. Taunay e baseado em uma planta rudimentar da região de São Paulo traçada em 1628 por D. Luís de Céspedes Xeria. O cronista Belmonte pôs em dúvida que D. Luís tivesse pretendido reproduzir a Casa da Câmara da Vila de São Paulo, mostrando que, de acôrdo com referências das atas em 1623 e em 1634-1635, o edifício ocupado pela edilidade piratiningana dispunha de alpendre e de balcão, elementos inexistentes no desenho do roteiro de Xeria. "Por muito mau desenhista que porventura fôsse o governador itinerante — escreveu o autor de *No Tempo dos Bandeirantes* — não se concebe que, copiando uma casa, êle empalmasse um alpendre e um balcão."

Gravura 8 — Pág. 113

Fernão Dias Pais (1608-1681) foi como é sabido uma das maiores figuras do seiscentismo paulista. Em 1674 organizou a famosa expedição ao sertão do Sabarabussú na esperança de encontrar esmeraldas — empreendimento de que resultou o conhecimento de grande parte do território de Minas Gerais e de seu povoamento, a partir da fundação, pelo próprio sertanista, de núcleos como São Pedro de Paraopeba, Sumidouro e Ibituruna.

Gravura 9 — Pág. 121

Essa igreja de Nossa Senhora da Glòria, que em 1857 já estava em ruinas, segundo o *Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial da Província de São Paulo* para êsse ano, parece que se originara de uma capela e, remotamente, de uma cruz pequena, de madeira, existente na parte baixa do morro e conhecida popularmente por Santa Cruz do Cambuci. A gravura mostra ainda uma tropilha cargueira. O quadro é de Adelaide G. Cavalcanti (Museu Paulista) baseado em desenho de Carlos Frederico José Rath, geólogo e geógrafo, autor de mapas topográficos da província, planta do porto de Santos e do trabalho intitulado *Fragmentos Geológicos e Geográficos para a parte física da Estatística das províncias de São Paulo e Paraná*, publicado em São Paulo em 1856. Escreveu Rath tambem uma extensa "memória" mostrando a inconveniência da construção de um cemitério no Campo Redondo (ante uma deliberação da Câmara nesse sentido em 1855) e achando que o local próprio era o Alto da Consolação. Foi ainda o autor de um quadro intitulado "Germânia em guarda no Reno", que ornava em fins do século passado uma das paredes da sede do Clube Germânia, de São Paulo. Morreu em 1876.

Gravura 10 — Pág. 127

A Sé primitiva, inacabada ou em forma de humilde capela, existia desde fins do quinhentismo. Em 1745 demoliu-se a construção primitiva, edificando-se outra no mesmo local, cujo frontispício só ficou concluido em 1764. A aquarela é de Thomas Ender, que acompanhou Von Spix e Von Martius em parte de sua excursão pelo Brasil, e cujos

trabalhos se conservam na Academia de Belas Artes de Viena da Áustria. O desenho foi reproduzido do livro de Afonso de E. Taunay *Velho São Paulo*, onde êsse historiador declara que a sua reprodução se deveu à obsequiosidade do dr. Siegfried Freiberg, diretor da Biblioteca da referida Academia. A Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo cogita de obter cópia de todos os trabalhos constantes do álbum de Thomas Ender.

Gravuras 11 e 12 — Págs. 133 e 139

Casas rústicas dos arredores de São Paulo em 1825. "As casas dos lavradores da região — escrevera em 1808 o viajante John Mawe — são miseráveis choupanas de um pavimento, o chão não é pavimentado nem assoalhado e os compartimentos são formados de vigas trançadas, emplastadas de barro e nunca regularmente construidas." Casas como essas são as reproduzidas pelos desenhos, de autoria de Hércules Florence, e doados pelo historiador Afonso de E. Taunay à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo. Hércules Florence (1804-1879) nasceu em Nice, na França, e de 1825 a 1829 percorreu as províncias de São Paulo, Mato Grosso e Pará como desenhista da expedição do consul da Rússia Barão de Langsdorff. Os desenhos que então executou, sobretudo fixando aspectos das monções, das cavalhadas e da velha indústria açucareira paulista, constituem documentos iconográficos dos mais importantes para a história social de São Paulo e do Brasil.

Gravuras que abrem o capítulo "Os Becos e os Pátios" — Pág. 149

Numerosas referências das atas da Câmara da Vila de São Paulo, desde o comêço do século dezessete, aludiam à obrigação dos moradores, de mandarem seus escravos carpir ruas e praças, pois era comum, no período colonial sobretudo, que êsses pátios e ruas vivessem cheios de ervas e de matos, além de sujeiras de bichos, valetas e covas. O segundo desenho reproduz aspecto possivelmente um tanto freqüente nos dois primeiros séculos, na vila, a despeito das recomendações dadas aos almotacés para que não consentissem que os moradores atirassem bêstas, cães ou gatos mortos "nem outras coisas sujas e de mau cheiro" nas ruas e pátios da povoação, e fizessem com que os donos enterrassem "os cadaveres de seus bichos".

Gravura 13 — Pág. 167

Pesquisando os inventários coloniais, escreveu Alcântara Machado que viu citado pela primeira vez o "terreiro do Colégio" em um documento de 1637. Mas é provável que muito antes — pràticamente desde os tempos da fundação — o local fôsse conhecido mesmo por "terreiro" ou "pátio" do Colégio, pois o nome da Casa dos Padres da Companhia não podia deixar de ter prevalecido sôbre qualquer outro. Era um pátio pelado ainda no comêço do oitocentismo, quando desenhado por Thomas Ender, e talvez um pouco mais amplo que os da Sé e de São Bento. A propósito de Thomas Ender — autor do desenho — veja-se nota sôbre a Gravura 10.

Gravura 14 — Pág. 175

Francisco de Assis Vieira Bueno, evocando aspectos da cidade começo do século passado, se referiu ao "fogo que caminhava durante a noite" sôbre a cabeça das negras quitandeiras de pinhão. Êsse fogo, e mais o dos rolos de cêra preta pregados na guarda dos tabuleiros de outras vendedoras, eram as únicas luzes da rua paulistana na época.

Gravuras que abrem [illegible] dos Sítios e dos Bairros" — Pág. 181

O primeiro desenho é baseado em antiga gravura reproduzindo aspecto da rua Miguel Carlos (mais tarde Constituição e depois Florêncio de Abreu), onde aparecem, aos fundos, o mosteiro de São Bento e parte do largo dêsse nome. Até meados do século dezoito, essa rua fôra apenas o Caminho do Guaré, só em 1784 se abrindo efetivamente aí uma rua "do canto da tôrre dos Beneditinos até o converto da Luz." O segundo desenho fixa os fundos de uma casa de sítio. Desde o começo do seiscentismo difundiram-se ao redor da vila, mas às vezes a distâncias consideráveis, as chácaras, as roças e os sítios. Entre as chácaras, algumas habitadas por moradores dos mais importantes de São Paulo, que dentro da vila dispunham apenas de casa para passarem os domingos ou dias de procissão. Eram numerosos tambem os sítios de gente mais humilde — habitando casas como a que aparece na gravura — formando verdadeiros bairros rurais que só em fins do século passado se urbanizariam.

Gravura 15 — Pág. 187

Os campos da região piratiningana foram no primeiro século particularmente férteis em searas de trigo e grandes vinhas, algodoais, abundância de legumes da terra e de Portugal. Pois as velhas plantas clássicas trazidas da Europa foram cultivadas ao lado das espécies indígenas novas para os colonos — como observou Eduardo Prado — na própria horta que os padres da Companhia plantaram ao lado de sua igreja, e depois nas chácaras e nos sitios que se multiplicaram em tôrno da povoação.

Gravura 16 — Pág. 191

Essa "vista nas proximidades de São Paulo" acha o historiador Afonso de E. Taunay que representa a Várzea da Lapa, sendo o morro do Jaraguá a elevação que se vê no fundo. Além dêsse aspecto desenhou o Tenente Chamberlain em São Paulo, antes de se passar para a capitania de Minas — segundo Ian de Almeida Prado — esboços das montanhas de São Sebastião e da estrada de Santos. O Tenente Chamberlain (1796-1844) era filho de "sir" Henry Chamberlain, consul britânico no Rio de Janeiro de 1815 a 1829. Veio o desenhista, para o Brasil, como Tenente da Artilharia Real, em 1819, datando dêsse ano e do seguinte as suas aquarelas, muitas das quais figuram no álbum que publicou em Londres em 1822 sob o título de *Views and Costumes of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil.*

Gravura 17 — Pág. 195

Em 1580 Afonso Sardinha constatou vestígios de ouro no Jaraguá, iniciando-se em 1600 a exploração das minas, que prosseguiu, com maiores ou menores resultados, ao longo dos séculos dezessete e dezoito. Em 1808 foi o local visitado pelo mineralogista John Mawe, que escreveu a propósito do lugar e da técnica da exploração: "Nos pontos em que a água se encontra em um nível suficientemente elevado para ser dirigida, o terreno é escavado em degraus, cada um dos quais com 20 a 30 pés de comprimento, 2 ou 3 de largura e mais ou menos 1 de altura. Próximo ao fundo abre-se uma trincheira de cêrca de 2 a 3 pés de profundidade. Em cada degrau ficam 6 ou 7 negros que, à medida que a água corre colina abaixo, conservam a terra continuamente em movimento, com auxílio de pás, até que fique reduzida a uma água lamacenta, levada mais abaixo. As partículas de ouro existentes nessa terra descem à trincheira." John Mawe (1764-1829) nasceu no Derbyshire. Em 1804 partiu para o Rio da Prata, de onde viajou para o Brasil em 1807, conhecendo as suas províncias do sul, o Rio de Janeiro e Minas Gerais, e regressando à Inglaterra em 1811. Seu livro sôbre o Brasil, *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that country*, apareceu em 1812.

Gravura 18 — Pág. 203

A vista foi tomada da Várzea do Tamanduateí e nela se vêem, destacando-se das demais edificações, as tôrres das igrejas e a massa dos edifícios conventuais. A área da cidade era na época ainda bastante reduzida e apenas havia transposto as escarpas e ladeiras que primitivamente haviam representado seus limites. A aquarela — que é de autoria de Arnaldo Juliano Pallière (ou Arnaud Julien Pallière) natural de Bordeus e genro do arquiteto Grandjean de Montigny — pertence à coleção do historiador Ian de Almeida Prado.

Gravuras que abrem o capítulo "As Tropas e as Várzeas" — Pág. 209

O primeiro desenho retrata uma tropa cargueira. Essas tropas começaram a se tornar cada vez mais freqüentes, a partir de meados do século dezoito, nos caminhos da região e nas ruas da cidade de São Paulo. Passavam a caminho do pôrto de Santos ou retornavam do litoral, havendo ainda as tropilhas de martimento procedentes de Cutia, de Nazaré, de Juqueri e de outras localidades que cooperavam para o abastecimento do mercado paulistano. A segunda gravura reproduz aspecto do comêço da estrada para o Rio de Janeiro. Na época da viagem de Saint-Hilaire, ela dispunha de uma "bela pavimentação de cêrca de quatrocentos passos de extensão através do brejo marginal do Tamanduateí". Para além da ponte de pedra lançada sôbre o rio, estendia-se uma planície vasta, que parecia ser uma continuação dos "campos de Piratininga", existentes do outro lado da cidade. Dali para diante havia apenas casas de campo.

Gravura 19 — Pág. 215

O rancho comum de tropeiros na região de São Paulo — de acôrdo com a descrição feita em 1838 pelo reverendo Kidder — nada mais era

do que um teto de sapé sustentado por moirões, tendo inteiramente aberto o espaço que lhe ficava por baixo. Era propositadamente construido para abrigar viajantes. Os que chegavam primeiro, descarregavam suas mulas e empilhavam a carga e os arreios, às vezes em forma de quadrado, dentro do qual deitavam para repousar, sôbre peles estendidas no chão ou em rêdes. A gravura é reprodução do quadro de Francisco Richter (Museu Paulista), baseado em desenho de Hércules Florence fixando aspecto observado em tôrno de 1825. A propósito de Hércules Florence veja-se nota sôbre a Gravura 11.

Gravura 20 — Pág. 221

A primeira "cadeirinha" que trafegou pelas ruas paulistanas teria sido a da fluminense Maria Mendonça, em meados do século dezessete. Entre as curiosidades do Museu Paulista — observou o cronista Antônio Egídio Martins — figura uma "cadeirinha" ofertada em 1886 ao Museu Sertório por D. Rita de Cássia da Silva Bueno, e que havia pertencido ao terceiro bispo de São Paulo, Frei Manuel da Ressurreição, falecido em 1789. Martins citou, a propósito, a nota publicada em 1886 pelo *Diário Popular*: "... uma cadeirinha (que no século passado servia para conduzir gente), dourada e pintada de vermelho externamente, e tendo na caixa delicados painéis a óleo, representando alegorias mitológicas. Internamente a cadeirinha é tôda forrada de veludo carmezim e as suas vidraças adornadas com ramagens a ouro."

Gravura 21 — Pág. 227

Aspecto da via de comunicação de São Paulo com o litoral no comêço do século passado. Hércules Florence se referiu ao péssimo caminho, calçado de grandes lajes, na maior parte deslocadas, o que tornava a subida sobremaneira fadigosa, pois o declive era de 25 a 30 graus. "Caminhava-se sempre no meio de basto arvoredo — escreveu êsse viajante — que impedia o gôzo de perspectivas sem dúvida magníficas." Essa pavimentação de pedra da descida da serra fôra feita em fins do século anterior por iniciativa do governador Bernardo José de Lorena, tendo ficado as obras a cargo do sargento-mor engenheiro João da Costa Ferreira. Como escreveu Frei Gaspar da Madre de Deus, com essa realização "evitou-se a aspereza do caminho com engenhosos rodeios, e com muros fabricados junto aos despenhadeiros se desvaneceu a contingência de alguns precipícios." Quadro de Oscar Pereira da Silva (Museu Paulista), baseado em desenho de Hércules Florence. A propósito dêste último, veja-se nota sôbre a Gravura 11.

Gravura 22 — Pág. 231

Embora o primeiro caminho de São Paulo para o Rio de Janeiro tivesse sido começado em 1725, parece que só em fins do século dezoito se estabeleceram comunicações regulares por terra entre as duas cidades. Em 1783 Manoel Cardoso de Abreu dizia dos moradores da cidade de São Paulo que alguns "se limitavam a negócio mercantil, indo à cidade do Rio de Janeiro buscar as fazendas para nela venderem." Também os mercadores de cavalo, além dos tropeiros paulistas, passaram a freqüentar o Rio de Janeiro. O desenho reproduzido é do Tenente Chamberlain e figura em *Views and Costumes of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil,* explicando-se no respectivo

texto que os tropeiros ou muladeiros aí fixados são de São Paulo. "O paulista a cavalo é de classe superior aos que estão a pé, como se pode observar pelos arreios do animal, que tem os freios e os estribos de prata maciça." A respeito de Chamberlain, veja-se nota sôbre a Gravura 16.

Gravura 23 — Pág. 235

A arte de andar a cavalo foi no século dezoito — em que as cavalhadas representavam esporte fidalgo — pretexto para que se destacassem alguns figurões, que às vezes decerto se excediam em galopadas perigosas pelo meio das ruas. Em meados do século sobressaíu-se principalmente Bento do Amaral da Silva, que no dizer de Pedro Taques "montava o mais manhoso cavalo sem perder o assento da sela nem a reta postura do corpo, nem as estribeiras, e quando se apeava já o cavalo estava manso e sem os defeitos de corcovear."

Gravura 24 — Pág. 239

O paulista e o mineiro — escreveu o desenhista Jean Baptiste Debret — são os especialistas brasileiros em negócios de cavalos. "Vão anualmente comprar cavalos novos e bêstas, principalmente nos campos de Curitiba, trazendo-os para as suas províncias, onde os ensinam, para vendê-los em seguida na capital." "Negociantes Paulistas de Cavalos" é o título da estampa de Debret aqui reproduzida. Jean Baptiste Debret (1768-1848) nasceu em Paris e se destacou em seu país como pintor de grandes quadros históricos. Veio para o Brasil em 1816, com a Missão Artística, e foi no Rio professor da Escola de Belas Artes. Regressou à França em 1831, publicando de 1834 a 1839 os três volumes da sua *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil.*

Gravura 25 — Pág. 243

As liteiras ou bangüês, geralmente tirados por duas bêstas ajaezadas com luxo, eram utilizados nas viagens, sobretudo de famílias de fazendeiros abastados, para se transportarem do interior da província para a cidade de São Paulo. Quadro de Adelaide G. Cavalcanti (Museu Paulista), baseado em original de Miguel Arcanjo Benício Dutra (1810-1875), nascido em Itu.

Gravuras que abrem o capítulo "Mantimentos da Terra e do Reino" Pág. 253

A partir de meados do setecentismo alguns chafarizes foram edificados na cidade, o mais importante dêles tendo sido o da Misericórdia, no largo dêsse nome, em fins do século dezoito. Os locais dos chafarizes viviam cheios de escravos e eram por isso palco de discussões e de brigas. A segunda gravura mostra uma índia cozinhando em trincça. A maneira de cozinhar dos índios teve influência marcada na dos colonos de São Paulo. Um estudioso do passado paulista chegou a formular a hipótese, bastante aceitável, de que na era seiscentista essa influência tivesse sido particularmente acentuada, a ponto de se introduzir o costume de cozinhar não em fogões fixos, dentro das casas, mas em trincças — dado o aproveitamento de mulheres indígenas para cozinheiras.

Gravura 26 — Pág. 281

Nos tempos primitivos abasteciam-se os habitantes da vila da água dos ribeirões e daquela que brotava de algumas fontes naturais, que logo se tornaram por isso locais imundos, sempre desafiando os propósitos de limpeza revelados através de medidas do poder municipal.

Gravuras que abrem o capítulo "As Quitandas e os Lares" — Pág. 293

Os panos de algodão, ainda no começo do século passado, eram em geral fiados e tecidos, na região de São Paulo, nas casas de muitos moradores ou no tear de algum tecelão de sua vizinhança. E mesmo as donas de casa mais abastadas faziam vender os seus rolos de pano, as suas rêdes e as suas colchas felpudas, "algumas bem vistosas — como escreveu Vieira Bueno — pelas figuras e desenhos de côres vivas entretecidos com fios de lã tirados de retalhos de baetas." A matéria-prima provinha de um algodoeiro arbóreo que, decotado depois da colheita, durava anos produzindo. A segunda estampa fixa uma taverna. Em fins do século dezesseis e sobretudo no começo do dezessete várias tavernas começaram a se estabelecer na vila. O ramo verde colocado na porta era o distintivo das casas que vendiam vinho.

Gravura 27 — Pág. 301

Os escravos, no setecentismo paulistano, vendiam pelas ruas milho verde, capim, muitos gêneros e bugigangas, ficando para isso às vezes acocorados na rua da Quitanda — aspecto ainda surpreendido por Saint-Hilaire no começo do século seguinte. As "correntes de galés", por outro lado, eram vistas pelas ruas desde manhã bem cedo: eram os sentenciados que saíam para execução de serviços públicos.

Gravura 28 — Pág. 309

Procedentes das regiões vizinhas, as tropilhas cargueiras abasteciam o mercado paulistano no comêço do oitocentismo. De Cutia, de Juqueri, de Jundiaí, de Nazaré, de Atibaia, durante os séculos dezoito e dezenove, vinham essas tropas carregadas, conduzindo produtos dos sítios de roceiros dessas localidades para se venderem nas chamadas Casinhas de São Paulo.

Gravura 29 — Pág. 313

Êsse sítio do Juqueri, que em 1818 o viajante Luís D'Alincourt dissera que só contava dois moradores, um em cada margem do rio, que se passava por uma ponte arruinada, servia de pouso para os viajantes que transitavam entre a cidade de São Paulo e a vila de Jundiaí. Aí, em 1825, o desenhista Hércules Florence tomou refeição em uma casinha onde — como contou em sua descrição de viagem — comeu pela primeira vez a canjica paulista. Foi baseado em desenho de Florence (a respeito do qual há referências na nota sôbre a Gravura 11) que Henrique Távola fixou o aspecto aqui reproduzido, em quadro existente no Museu Paulista.

Gravuras que abrem o capítulo "Epidemias e Quilombos" — Pág. 329

No setecentismo o sossêgo da maioria da população era pôsto em xeque por bandos numerosos de índios, de mamelucos, de negros e de mulatos que, armados de paus e de facas, andavam ameaçadoramente pelas ruas. "Com paus de ponta e de massa" ou "embuçados em baetas", como se dizia em um edital da municipalidade em 1735. E até com espadas e espingardas, como referia um bando de D. Luís de Mascarenhas em 1743. As medidas das autoridades se repetiram indefinidamente contra êsses abusos. A segunda gravura mostra a Fôrca. Em 1721 uma carta de D. Rodrigo Cesar de Menezes ao Vice-Rei dizia que como "matar gente era vício mui antigo nos naturais da cidade de São Paulo e seu distrito", êle tinha resolvido mandar levantar de novo a fôrca, "na mesma parte em que ela estava antigamente, para que à vista dela se pudessem abster de continuarem semelhantes delitos."

Gravura 30 — Pág. 335

Referem documentos de 1659 que muitos negros — as referências eram provàvelmente a índios, os chamados "negros da terra" — costumavam aparecer na vila vendendo couros de boi. E como eram homens que não tinham gado nenhum, nem outra espécie de recursos, o couro só podia ser de boi roubado. Ordenava-se por isso aos homens livres que não comprassem nada de negros: nem couro nem outras coisas de valor.

Gravura 31 — Pág. 345

No primeiro plano aparecem o rio Tamanduateí e suas várzeas, as quais, reduzidas a um pântano contínuo, eram consideradas fatores de insalubridade na época. "É preciso que a sã política — escrevia em 1822 Velozo de Oliveira em sua "memória" — faça pouco a pouco desaparecer esta origem de incômodos, moléstias e mortalidade: por exemplo a Várzea do Carmo, inferior à cidade, cobrindo-se das águas do Tamanduateí, que podiam, segundo penso, correr livremente para o Tietê, sendo dessecada por meio de diferentes valas, não atacaria para o futuro a cidade com nevoeiros importunos, umidades, defluxos e reumatismos." De fato, em 1822, segundo um Registro da própria Câmara, a Várzea do Carmo estava reduzida a um pântano, "devido a ter-se consentido que alguns particulares, atendendo apenas aos seus interêsses ou aos seus caprichos, desviassem do seu leito natural as águas do Tamanduateí, arruinando o caminho e tornando doentio o clima desta cidade por sua natureza sadio." A aquarela reproduzida é de Arnaldo Juliano Pallière (veja-se, a propósito, a nota sôbre a Gravura 18) e pertence ao historiador Ian de Almeida Prado.

Gravura 32 — Pág. 351

Casa em que residiu o bispo D. Mateus de Abreu Pereira, à rua do Carmo. Contou Antônio Egídio Martins que em frente a essa "casa de sobrado, de janelas de rótula, existente no antigo número 20 da rua do Carmo", havia um cisqueiro e matos onde era costume enjeitarem crianças, pelo que D. Mateus, logo que ouvia chôro de criança nova, se apressava em mandar para lá um criado, e da janela batizava o recem-

nascido, receando que ele fósse devorado pelos porcos que [illegible] soltos no local. Foi para se abolir o uso de se enjeitarem crianças nesse lugar que se instituiu em 1824 a Roda dos Enjeitados na Santa Casa. O quadro, existente no Museu Paulista, é de autoria de A. Figurey.

Gravura 33 — Pág. 355

Veja-se nota sôbre gravuras que abrem o capítulo "Epidemias e Quilombos."

Gravuras que abrem o capítulo "Entre Nichos e Mascaradas" — Pág. 363

Foram principalmente as procissões, desde os tempos primitivos, as coisas que exprimiram de modo mais vivo a religiosidade de que estava impregnada a existência dos moradores da vila de São Paulo No seiscentismo, três eram as procissões oficiais: a do Corpo de Deus, a da visitação de Nossa Senhora e a do Anjo da Guarda. No século seguinte, além dessas, a de São Sebastião. Por ocasião dessas festividades, ornamentavam-se fantàsticamente as ruas e as casas, sendo minuciosas a respeito as determinações do poder municipal. O segundo desenho é relativo às "mascaradas", que se faziam em ligação com as procissões, nos tempos primitivos. Se elas não foram depois permitidas livremente, observou Afonso A. de Freitas, também nunca sofreram proibição, dependendo sempre de consentimento transitório das autoridades.

Gravura 34 — Pág. 369

Colonizadores brancos, desde os tempos da fundação, participavam dos ajuntamentos e bailes do gentio em terras de Piratininga. Em 1623 dizia o procurador da Câmara: "O gentio desta vila fazem bailes de noite e de dia, e percoanto nos ditos bailes socedia muitos pecados mortais e ensulencias contra o serviço de Deus e de sua majestade e bem comum", não deviam os vereadores tolerar a sua continuação. Já em 1583 legislava-se que "todo homem cristão branco que não fôsse negro de fora e se achasse em aldeia de negros forros ou cativos, bebendo e bailando ao modo do dito gentio", sofresse punição severa.

Gravura 35 — Pág. 377

Era costume setecentista em São Paulo o de se conduzirem defuntos em rêde e se enterrarem ocultamente — a êle recorrendo famílias que não queriam fornecer cêra para o acompanhamento. Apesar de em 1775 ter sido publicado um bando proibindo o costume de se fornecerem velas para os que acompanhassem enterros, êsse hábito persistiu. Motivara o bando a observação de que o costume de fornecer cêra representava uma vaidade que fazia com que muitas famílias vendessem ou empenhassem coisas da maior utilidade para poderem fazer frente a essa despesa, ou então se vissem forçadas a enterrar seus mortos ocultamente.

Gravura 36 — Pág. 383

A imagem de São Jorge era figura obrigatória no préstito do Corpo de Deus. "Rompia a marcha a cavalgata de São Jorge —

escreveu Vieira Bueno — na seguinte ordem: um cavaleiro chamado Casaca de Ferro, envergando armadura de papelão pintado, que hasteava bandeirola vermelha com uma cruz branca no centro; dois cavaleiros negros, vestindo calções amarelos, colêtes vermelhos, capas agaloadas da mesma côr, tendo na cabeça chapéus com plumas. Um dêles tirava de um clarim sons descompassados e o outro tangia dois tímbales. Seguiam-se os chamados cavalos de Estado. Por fim aparecia São Jorge. Era uma figura de guerreiro de cara redonda e rubicunda, com bigodes retorcidos e olhos arregalados, vestindo arnês de ferro (pintado sôbre madeira), capa de veludo carmezim agaloada, chapéu com pluma branca e uma lança em riste."

Gravuras que abrem o capítulo "O Colégio e as Letras" — Pág. 393

A propósito do pátio do Colégio veja-se nota sôbre a Gravura 13. A Casa dos Jesuitas foi pràticamente, durante o período colonial, o único centro de instrução na povoação de São Paulo. O edifício foi reformado em 1765-1769, pelo Morgado de Mateus, passando pelas modificações necessárias para que se adaptasse a sede do govêrno da capitania. O segundo desenho se refere a livros, cuja pobreza foi patente na vila nos primeiros tempos. Apenas quinze espólios em que se descreviam êsses objetos foram encontrados por Alcântara Machado ao pesquisar os inventários processados de 1578 a 1700. Mesmo durante o século dezoito e o comêço do dezenove foi grande a falta de livros e pequeno o interêsse dos paulistanos por êles. Criou-se no entanto em 1825 uma Biblioteca Pública.

Gravura 37 — Pág. 399

Aparece nesta gravura o antigo edifício do Colégio ou convento dos Jesuitas, ainda com os seus dois corpos que se completavam formando um ângulo reto. Saint-Hilaire achou que êle não passava de um "disparate arquitetônico", pela colocação defeituosa de suas portas e janelas. Veja-se a respeito a nota anterior.

Gravura fora do texto — Entre págs. 402 e 403

Reprodução da ata da Câmara da Vila de São Paulo (1564) que traz a declaração de que João Ramalho recusou o cargo de vereador: "E depois disto aos quize dias do mes de fevereiro da era de mill e quinhentos e seceta e quatro haros nesta vila de são paulo eu j.º frz escrivão da quamara da dita vila cõ beltezar roiz procurador do cõselho da dita vila fomos as casas de luiz martiz q̃ são na dita vila haonde hai estava j.º ramalho pouzado a lhe requerermos q̃ aceitase ho quargo de vereador desta dita vila pr quãto saira na eleisão e pautoa q̃ nesta dita vila se fez pr vereador e pelo dito j.º ramalho nos foi dito q̃ ele era hũ home velho q̃ passava de seteṇta anos e q̃ estava tão bem e hũ lugar ẽ tera dos cõtrairos desta vila digo dos cõtrairos da paraiba e q̃ estava tão bem como degregado no dito lugar e q̃ pelas tais rezoes não podia servir ho dito quargo e q̃ suas merses chamase outro ho, q̃ hasinou daqui eu j.º frz ho escrevi — j... lho — bailtezar roiz." (Atas da Câmara da Vila de São Paulo, I, págs. 34-37.)

Gravura fora do texto — Entre págs. 402 e 403

Em tôrno do "sinal público" aparecem aí as assinaturas de membros da Câmara da Vila de São Paulo em 1556: Manoel Ribeiro, João Rodrigues, Gonçalo Fernandes, Francisco Avel, Diogo Fernandes, Manoel Fernandes. Afonso Sardinha, Alonso Anes, João Ramalho, Francisco Peres e Simão Jorge.

Gravura 38 — Pág. 405

Diogo Antônio Feijó (1784-1843) foi, como é sabido, um dos homens de maior projeção política na fase de fundação e consolidação do Império Brasileiro. Deputado às Côrtes de Lisboa (1822), à Assembléia Geral Legislativa (1826-1830), Ministro da Justiça na Regência Provisória (1831-1832), Senador (1833-1835 e 1839) e Regente do Império (1835-1837), na cidade de São Paulo viveu em uma chácara na Água Rasa (no local em que hoje está o Asilo Anália Franco) e aí cultivou o chá.

Gravura 39 — Pág. 415

José Arouche de Toledo Rendon (1756-1834) nasceu na cidade de São Paulo e estudou em Coimbra, onde obteve em 1779 o grau de doutor em leis. Voltando à sua terra, dedicou-se à advocacia e à magistratura, desempenhando depois comandos militares, demarcando e arruando em 1811 a chamada Cidade Nova e abrindo o largo que tem hoje o seu nome, para exercício das tropas. Fez parte, em 1823, da Assembléia Constituinte, e foi o primeiro diretor da Academia de Direito de São Paulo, cargo que ocupou até 1833. É autor de "memórias" sôbre as aldeias de índios, a situação da agricultura e a cultura do chá na capitania de São Paulo (dizem que chegou a ter 54 mil arbustos na sua chácara do Morro do Chá) e deixou também alguns trabalhos "de fantasia", entre os quais Toledo Piza mencionou "A superioridade das letras sobre as armas, isto é, dos Filhos de Minerva sobre os Aluros de Marte". Em 1825 doou seiscentos volumes para a Biblioteca Pública que então se fundou. Vieira Bueno contou que para se matricular na Academia em 1832 indo à chácara de Arouche com seu requerimento, foi recebido pelo homem "trajando um pitoresco robe de chambre de côres vivas, e de cabeleira empoada, munida do competente rabicho com laçadas de fita preta."

Gravuras que abrem o capítulo "O Cururu e a Casa da Ópera" — Pág. 421

O primeiro teatro paulistano — não se falando de uma casa da rua de São Bento onde se fizeram representações — foi o chamado Teatro da Ópera ou Casa da Ópera, no pátio do Colégio, ao lado do palácio dos governadores. Levantado em 1793, diferia pouco dos demais sobrados da cidade. A sala tinha vinte e oito camarotes em três ordens, e a lotação total era de trezentas e cinqüenta pessoas. Escreveu Saint-Hilaire em 1819 que as suas decorações, pano de bôca e pintura do teto não valiam grande coisa. O segundo desenho se refere à música em São Paulo, o gôsto por essa arte tendo se desenvolvido entre os paulistas provàvelmente no setecentismo, pois no comêço do século passado mais

de um viajante estrangeiro se referiu ao desembaraço com que algumas mulheres cantavam ou tocavam guitarra, ao passo que uma das surprêsas maiores que teve o pesquisador dos inventários coloniais de São Paulo — Alcântara Machado — foi a ausência quase completa, nas relações desses espólios, de violas e guitarras, "êsses companheiros da gente peninsular."

Gravura 40 — Pág. 427

Os "autos" dos Jesuitas foram representados, desde os tempos primitivos, na povoação de São Paulo: já em 1570 Anchieta ao lado da igrejinha do Colégio, apresentara "A Pregação Universal". Enquanto não houve casas de espetáculo, não só em São Paulo como nas demais vilas brasileiras, o teatro se fazia em tablados em geral improvisados nos terreiros das igrejas. Tablados — como escreveu Melo Morais Filho — em tôrno do qual cresciam festões vegetais formados de trepadeiras e parasitas.

Gravura 41 — Pág. 431

Escreveu João Maurício Rugendas que a música, a dança e a conversação substituiam, entre os paulistas, o jôgo, que era um dos divertimentos principais na maioria das outras regiões brasileiras, onde eram seguidos, nesse ponto, os hábitos portuguêses ou inglêses, ao passo que os paulistas haviam conservado as tertúlias da Espanha. Em seu desenho intitulado "Costumes de São Paulo", aqui reproduzido, aparece um mulato tocando violão. Infelizmente, segundo Ian de Almeida Prado, o litógrafo deformou e amaneirou o trabalho original do desenhista. João Maurício Rugendas (1802-1858) nasceu em Ausborg, Alemanha. Veio para o Brasil contratado como desenhista da expedição do consul da Rússia Barão de Langsdorff (1825), mas abandonou os companheiros e começou a viajar particularmente. Regressando à Europa publicou, em francês e em alemão, em 1835, a primeira edição de seu livro com desenhos feitos em nosso país.

Gravura fora do texto — Depois da pág. 438

Rufino José Felizardo e Costa — autor da primeira planta da cidade de São Paulo — nasceu parece que em Portugal, em 1784, e morreu em São Paulo em 1824. Quando executou o mapa era segundo-tenente do Real Corpo de Engenheiros. Foi auxiliar do engenheiro João da Costa Ferreira e mais tarde diretor da Fábrica do Ipanema. Um gravador do Rio de Janeiro, M. J. Cardoso, foi quem imprimiu em 1841 a planta de Rufino feita em 1810, com os desenhos que aí aparecem, provàvelmente de autoria de Miguel Arcanjo Benício Dutra, a propósito do qual veja-se nota sôbre a Gravura 25. Os edifícios são, à esquerda, a partir do alto: o Palácio do Govêrno e a igreja do Colégio; o Quartel; o convento de Santa Teresa; a Câmara e Cadeia; e a Academia de Direito e igrejas do largo de São Francisco; no centro, igrejas de São Pedro e da Sé; à direita, pirâmide de Piques; claustro de São Francisco; o convento da Luz; o convento de São Bento; e o convento e igrejas do Carmo.

Gravura que abre o capítulo "Burgo de Estudantes" —

O desenho mostra o velho edifício da Academia de Direito, com a igreja contígua, e figuras típicas da rua paulistana na época: uma negra com seu tabuleiro, estudantes de casaca ou de ponche, uma mulher de mantilha. Sabe-se que as mulheres das classes mais abastadas ainda em meados do século passado usavam em São Paulo mantilhas de pano fino com largas rendas de retrós, enquanto que as de classe mais humilde e as escravas embrulhavam a cabeça e os ombros em dois côvados de pano ou baeta.

Gravura 42 — Pág. 443

Reprodução do desenho estampado no livro de Kidder e Fletcher *O Brasil e os Brasileiros.* Segundo o reverendo Fletcher, as numerosas tôrres e os velhos edifícios conventuais — que aparecem na gravura — davam a São Paulo um aspecto mais imponente que o de uma cidade de maior população. Provàvelmente o Elliot, de São Paulo, mencionado como autor dêsse panorama, era o engenheiro inglês William Elliot, que pouco depois da visita de Fletcher (1855) foi encarregado, pelo govêrno da província, de proceder a uma nova canalização de água para os chafarizes da cidade. Daniel Parrish Kidder (1815-1891), missionário protestante norte-americano, chegou ao Rio em 1837, percorreu as províncias do sul e depois as do norte do Brasil, regressou aos Estados Unidos em 1840 e em 1845 publicou o seu livro, ampliado e refundido mais tarde por seu colega James Cooley Fletcher, nascido em 1823 e cujas viagens em nosso país foram realizadas entre os anos de 1851 e 1855. Em 1857 apareceu a primeira edição de *Brazil and the Brazilians.*

Gravura 43 — Pág. 449

Maqueta da cidade em 1841. Aparecem aí, no centro, os fundos da igreja do Rosário e a rua de São Bento, em cuja extremidade figuram as igrejas de São Francisco e da Ordem Terceira dos Franciscanos e a Academia de Direito; à direita a rua Nova de São José (Líbero Badaró) e à esquerda, aos fundos, a igreja de São Gonçalo, no pátio da Cadeia. A maqueta, existente no Museu Paulista, foi modelada por Henrique Bakkenist, sob as indicações do historiador Afonso de E. Taunay, e baseada em planta cadastral existente no Arquivo do Ministério da Guerra.

Gravura 44 — Pág. 453

Igreja e mosteiro de São Bento em 1835, segundo desenho de Wasth Rodrigues existente no Museu Paulista. A propósito dêsses edifícios veja-se nota sôbre gravuras que abrem o capítulo "A Rótula sôbre a Taipa".

Gravura 45 — Pág. 457

Igrejas de São Francisco e da Ordem Terceira de São Francisco em tôrno de 1870. A primeira se originou de capela provàvelmente edificada nos últimos anos do quinhentismo ou nos primeiros

do seiscentismo, e a segunda em 1646, tendo sido aumentada e remodelada por volta de 1784.

Gravuras que abrem o capítulo "Os Sobrados e os Balcões" — Pág. 465

O primeiro desenho reproduz uma casa da rua do Príncipe (Quintino Bocaiuva), quando ainda era comum a residência de famílias abastadas de São Paulo em sua área central, em sobradões com janelas de rótula ou guarnecidas de longas sacadas de ferro que abraçavam tôdas as janelas, ostentando esteios para as luminárias. O segundo desenho fixa o aspecto de um sobrado existente em meados do século passado na rua do Rosário ou da Imperatriz (15 de Novembro) e pertencente a Domingos de Paiva Azevedo. As casas de dois e principalmente as de mais de dois pavimentos parecem ter tomado impulso mais notável em São Paulo a partir de meados do século, e já em 1849 a Câmara confeccionava uma postura a fim de que os prédios a ser construídos de então em diante tivessem um padrão que regulasse suas alturas para que conservassem "a beleza da igualdade".

Gravura 46 — Pág. 467

Rua Direita em 1870, vendo-se aos fundos à esquerda a igreja de Santo Antônio. Em fins do quinhentismo já existia na vila a ermida de Santo Antônio, que deu seu nome à primitiva caracterização da rua Direita: "Direita da Misericórdia para Santo Antônio". As casas de taipa continuavam sendo o tipo de construção dominante até para os edifícios de maiores proporções. A taipa impunha o beiral saliente, pois era preciso impedir que a água das chuvas molhasse e fizesse apodrecer os alicerces das edificações. O viajante Saint-Hilaire não achou exagerados os beirais das casas paulistanas. Não tanto, pelo menos, como os que conhecera em Vila Rica. Os beirais e as goteiras pendentes davam ao conjunto das edificações de São Paulo em meados do oitocentismo, segundo o reverendo Fletcher, "um pitoresco suiço".

Gravura 47 — Pág. 471

Casas de taipa e beirais na rua de São Francisco em tôrno de 1860. A propósito de edificações de taipa, e de beirais, veja-se nota sôbre a gravura anterior. Nesta fotografia aparecem, ao fundo, o chafariz e a pirâmide do Piques.

Gravura 48 — Pág. 475

Casas com rótulas e beirais na rua Onze de Agosto, que se chamou primitivamente rua do Quartel e cujo trecho inicial, entre as ruas Venceslau Brás e Santa Teresa (Rangel Pestana) denominou-se antes beco dos Minas. Na gravura aparece, aos fundos, o comêço da rua da Glória.

Gravura 49 — Pág. 481

Mosteiro e igreja de São Bento em 1847, a propósito dos quais veja-se nota sôbre as gravuras que abrem o capítulo "A Rótula

sôbre a Taipa". Precisamente em 1847 foram essas edificações examinadas pelo engenheiro militar Ouriques, em vista do aspecto algo ruinoso que ostentavam. Escreveu a respeito Ouriques: "A tôrre é exteriormente sombria, sem elegância, é um pensamento pesado; ao vê-la senti tambem como que uma proximidade de desmoronamento; mas a análise prova o contrário". A propósito de Dutra — autor do desenho aqui reproduzido — veja-se nota sôbre a Gravura 25.

Gravura 50 — Pág. 485

Igreja de São Pedro, no largo da Sé, em 1860. Datava de 1740, e ficava no ponto em que agora se acha o edifício da Caixa Econômica. O sobrado de rótulas que lhe fica contíguo seria demolido em fins do século passado para melhor alinhamento da rua da Fundição (Floriano Peixoto). Em 1869 entraria em obras a igreja, ficando fechada até 1871. Em fins do século passado suas paredes enegrecidas lhe davam um aspecto lúgubre. Seria demolida no comêço do século atual.

Gravura 51 — Pág. 489

Igreja de Santa Ifigênia em meados do século passado, segundo quadro de Wasth Rodrigues existente no Museu Paulista. Em forma de capela ficara concluida em 1795, edificada pelos negros da confraria de Santa Ifigênia e Santo Elesbão. Um manuscrito dessa época, citado pelo *Almanaque Literário de São Paulo para 1877,* dizia: "A presente capela é mais um palheiro que outra coisa".

Gravura 52 — Pág. 493

Sobradões edificados em 1852 e 1854 por Antônio Cavalheiro e Domingos de Paiva Azevedo, na esquina da rua do Rosário ou Imperatriz (15 de Novembro) com a do Tesouro. Segundo o cronista Antônio Egídio Martins, Azevedo perguntara a Cavalheiro: "Está fazendo o seu sobradão? — Estou sim, isso é para quem tem ânimo... — Ah, é para quem tem ânimo? Pois vais ver um outro, de três andares.

Gravura 53 — Pág. 497

O sobrado de Domingos de Paiva Azevedo, fotografado de outro ângulo. Veja-se nota anterior.

Gravuras que abrem o capítulo "Sob a Luz do Azeite" — Pág. 503

Os primeiros lampiões da cidade, para iluminação das ruas, eram colocados em geringonças prêsas nas paredes de algumas casas. Enorme geringonça de ferro — como escreveu o cronista Vieira Bueno — que pregada na parede de uma esquina, estendia por cima da rua longo braço. Algumas dessas armações subsistiram até a segunda metade do século passado, mesmo depois que a maioria dos lampiões passou a ser colocada no alto de postes. O segundo desenho mostra caveiras de bois no beco dos Cornos. Êsse beco ficava nas proximidades do antigo Matadouro, e nêle se depositavam os chifres, os ossos e outros resíduos imundos dos animais abatidos.

Gravura 54 — Pág. 507

Pavimentação com pedras irregulares, no Piques. Vieira Bueno, referindo-se à época em tôrno de 1830, escreveu que o calçamento das ruas de São Paulo era péssimo, feito de pedras não aparelhadas e além disso de qualidade má para essa aplicação, por serem de forma irregular e sem nenhuma resistência. Sôbre essa má pavimentação das ruas paulistanas existem referências constantes na correspondência do poeta Álvares de Azevedo.

Gravura 55 — Pág. 513

Calçadas estreitas na rua Direita (1865-1870). Posturas dessa época determinavam que os donos de casas de algumas ruas — entre as quais a Direita — seriam obrigados a calçar as suas testadas com lajes de Itu ou pedras de cantaria lavradas, que tivessem a largura de seis palmos. A gravura mostra que essas determinações nem sempre eram cumpridas, pois os passeios que aí aparecem não chegavam certamente a um metro de largura.

Gravura 56 — Pág. 519

Rua da Boa Morte com casas de rótulas (1870). Além da péssima pavimentação, aparecem aí casas com janelas de rótula abertas sôbre os passeios, contrariando disposições do poder municipal. Já em 1855 uma postura proibia que essas rótulas se abrissem para fora. Os que eram partidários da abolição das rótulas aludiam sempre ao perigo de abalroamento por parte de transeuntes desprevenidos.

Gravura 57 — Pág. 527

Rua da Esperança (1860-1870). De leito bastante irregular, cercada por casas térreas com janelas de rótula e sobrados com sacadas, de largos beirais. Desapareceria no comêço do século atual, com a demolição de vários quarteirões para ampliação do largo da Sé. Era paralela à do Quartel (Onze de Agosto).

Gravura 58 — Pág. 531

O pátio do Colégio em 1847, desenho de Miguel Arcanjo Benício Dutra existente no Museu Paulista. Sôbre o pátio, veja-se nota sôbre a Gravura 13; sôbre o convento dos Jesuitas, nota sôbre a gravura que abre o capítulo "O Colégio e as Letras" e sôbre a Gravura 37. A igreja do Colégio, contemporânea da fundação do povoado, foi sendo aos poucos ampliada e sucessivamente reformada. Já era uma construção regular quando da expulsão dos Jesuitas, em 1640. Em 1701 passou por outra reforma, concluindo-se então a sua tôrre de pedra e cal. A propósito de Dutra veja-se nota sôbre a Gravura 25.

Gravura 59 — Pág. 539

Lampião preso a uma porta (1860). O edifício é o dos Barões de Tatuí, na rua Nova de São José (Líbero Badaró), que seria mais tarde demolido para construção do Viaduto do Chá. Sôbre lampiões de geringonça, veja-se nota sôbre a gravura que abre o capítulo "Sob a Luz do Azeite."

Gravura 60 — Pág. 543

Lampião prêso a uma parede, na rua da Tabatinguera. Bastante irregular essa rua, sem passeios em alguns de seus trechos, com um ou outro sobrado e pequenas casas térreas com janelas de rótula. À esquerda um lampião colocado da forma por que se fizera quando do início da iluminação pública na cidade.

Gravura 61 — Pág. 547

Rua da Imperatriz (15 de Novembro) à noite, em 1862. Quadro de Wasth Rodrigues (Museu Paulista), baseado em fotografia da época. Sobradões com janelas de rótula e outros com balcões. Passeios estreitíssimos.

Gravuras que abrem o capítulo "No Retiro das Chácaras" — Pág. 555

O primeiro desenho reproduz o aspecto fixado na Gravura 60. A rua da Tabatingüera era na época o extremo da parte mais densamente urbanizada da cidade, daí para diante estendendo-se, sôbre as várzeas do Tamanduateí, apenas uma ou outra casa de campo. O segundo desenho fixa um portão de chácara. As chácaras mais aristocráticas dos arredores da cidade, em meados do século passado, ostentavam muros com leões de louça e portões de ferro batido, de arabescos caprichosos.

Gravura 62 — Pág. 557

Maqueta da cidade em 1841 (veja-se nota sôbre a Gravura 43). Em primeiro plano a Várzea do Tamanduateí; no centro os fundos do antigo convento e da igreja dos Jesuitas, os fundos da igreja de São Pedro e a fachada da Sé; nos fundos o largo e a igreja de São Gonçalo; mais para a esquerda o convento de Santa Teresa e as igrejas do Carmo e Ordem Terceira do Carmo; à direita a igreja da Misericórdia.

Gravura 63 — Pág. 561

Chácara da Tabatingüera (1862), tambem chamada do Osório ou do Menezes. Pertenceu a Francisco de Assis Lorena, filho do governador Bernardo José de Lorena, e em suas terras se abririam, em fins do século passado, as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas, Bonita (Tomás de Lima) e Santa Luzia.

Gravura 64 — Pág. 565

Chácara Mauá, Charpe ou do Campo Redondo, em tôrno de 1870. Em 1879 seria comprada pelo alemão Frederico Glette, que mandaria abrir em suas terras as ruas dos Protestantes, do Triunfo, dos Andradas, dos Gusmões, General Osório, Duque de Caxias, Barão de Piracicaba, Helvetia, alamedas Glette e Nothman.

Gravura 65 — Pág. 569

Chácara Bresser em 1860. Localizava-se no Brás e pertenceu ao alemão Carlos Abraão Bresser, que foi engenheiro da Câmara. O

bairro do Brás era nessa época, segundo Emílio Zaluar, notável pelas suas chácaras onde viviam famílias abastadas. José de Alencar, em um de seus romances, referiu-se a uma casa-grande abarracada, "ao gôsto paulista", em uma chácara extensa que ficava em um "dos mais pitorescos arrabaldes da capital de São Paulo": o Brás.

Gravura 66 — Pág. 573

Chácara Loskiell em 1860, localizada logo depois da rua da Figueira, na rua do Brás (Rangel Pestana). Veja-se nota anterior.

Gravuras que abrem o capítulo "Carruagens e Pontes de Pedra" — Pág. 581

Na primeira metade do século passado eram pouquíssimas as carruagens particulares existentes na cidade, e em 1850 ainda chamavam a atenção dos moradores. Os primeiros carros de praça, por outro lado, só apareceram em 1865, com ponto no largo da Sé. Em tôrno de 1870 já circulavam pelas ruas quarenta carruagens particulares e setenta e sete de aluguel, sendo vinte e dois tílburis. O segundo desenho mostra a ponte de pedra do Carmo, sôbre o Tamanduateí. Pontes como essa davam um aspecto pitoresco à várzea e eram pontos de aglomeração de gente que lavava roupa ou que fazia horas.

Gravura 67 — Pág. 585

Ponte e Serra do Cubatão e Caminho do Mar em 1855, desenho reproduzido do livro *O Brasil e os Brasileiros* de Kidder e Fletcher. "Na gravura a atual estrada real, relativamente ainda muito sinuosa — escreveu Fletcher — mostra o seu forte contraste com a estrada quase vertical feita pelos primeiros Jesuitas. A estrada dos Jesuitas é a linha escura que parece dividir a montanha cônica em partes iguais". Sôbre a autoria do desenho, disse o mesmo autor: "Em Limeira encontrei um engenheiro alemão que, com sua espôsa hamburguêsa, uma senhora bastante instruida (a quem devo os esboços da ponte do Cubatão e da casa de um colono alemão)..." A propósito de Kidder e de Fletcher veja-se nota sôbre a Gravura 42.

Gravura 68 — Pág. 589

A cidade vista do Caminho da Penha em 1854, segundo quadro de J. V. Adams (Museu Paulista) provàvelmente baseado no desenho de Elliot estampado no livro de Kidder e Fletcher. Veja-se nota sôbre a Gravura 42.

Gravura 69 — Pág. 593

A primitiva estação da Estrada de Ferro Inglêsa em 1867. Para sua edificação o Jardim Público da Luz fôra em 1860 desfalcado de vinte braças de terreno. O funcionamento da primeira estrada de ferro, nessa época, marcou o comêço da decadência das tropas e dos velhos caminhos, e até de povoações e bairros que ao primitivo movimento cargueiro deviam a sua vitalidade: Ipiranga, São Bernardo, a Freguesia do Ó.

Gravura 70 — Pág. 599

Cavalos estacionados na rua de São Bento em 1860. Em proibia o poder municipal que se largassem cavalos soltos pelas ruas ou então atados a portas, janelas e lampiões, atrapalhando o trânsito. No ano seguinte apresentava-se na Câmara um projeto de postura proibindo o uso de se amarrarem animais nas esquinas e nos batentes das portas das casas, nas freguesias da Sé e Santa Ifigênia, para que ficasse livre o trânsito pelos passeios. Mas é evidente que nem sempre eram obedecidas essas determinações. Em 1854 o *Correio Paulistano* escrevia que não havia dia em que não se vissem muitas ruas, "mesmo as mais públicas", obstruidas de carros e de animais por todos os cantos.

Gravura 71 — Pág. 603

Reprodução de desenho estampado no livro de Alfonso Lomonaco *Al Brasile*, fixando aspecto provàvelmente em tôrno de 1870. Até 1867 os carros de boi trafegavam pelas ruas da cidade como nas estradas: com os bois embalados pela música dos eixos em que se prendiam as rodas maciças. Só naquele ano (1867) uma postura proibiu o "chio".

Gravura 72 — Pág. 609

De enorme importância se revestiam e por isso eram numerosos na cidade em meados do século passado os ferradores e os veterinários rústicos, em vista da quantidade de tropas cargueiras que transitavam por São Paulo, e em seguida pelo aumento do número de carruagens.

Gravura 73 — Pág. 617

As lavadeiras de roupa que trabalhavam no Tamanduateí, geralmente perto das pontes contrariavam-se com a permanência ali (sobretudo na ponte do Mercado), segundo Martins, de comerciantes da rua da Imperatriz que faziam ao local seus passeios, tôdas as tardes, retornando depois para as suas lojas. A ponte que aparece na gravura ligava a ladeira do Carmo ao aterrado do Brás.

Gravuras que abrem o capítulo "Saúva e Chafarizes" — Pág. 625

A gravura reproduz o mais famoso dos chafarizes paulistanos, o do Tebas ou da Misericórdia, que datava de fins do século dezoito. O segundo desenho fixa o Cacório, tipo popular das ruas paulistanas na primeira metade do século passado, que andava de camisolas e ceroulas curtas de algodão, vendendo garapa.

Gravura 74 — Pág. 627

Casa do Brigadeiro Tobias e bica do Acu — aspecto baseado em desenho que figura no *Prospecto do Dicionário Etimológico, Histórico, Topográfico, Estatístico, Biográfico, Bibliográfico e Etnográfico Ilustrado de São Paulo*, de Afonso A. de Freitas. A casa tinha nos fundos um pátio interessante, todo rodeado de varandas, com escadas

comunicando com todos os andares: um ar de habitação espanhola, segundo Ian de Almeida Prado. A bica do Acu era utilizada desde os tempos coloniais para abastecimento de água e foi reedificada pela Câmara em 1783. Fornecia no entanto água impura, com mau cheiro e horrendo sabor (como se registrava nas próprias atas da Câmara) fazendo jus ao seu nome, pois segundo Freitas Acu ou Iacuba significam veneno ou água venenosa. A casa e a bica localizavam-se entre a rua Brigadeiro Tobias e a ladeira de Santa Ifigênia.

Gravura 75 — Pág. 633

Nesses Campos do Bexiga, à beira da então estrada de Santo Amaro, localizava-se em tôrno de 1830 o curral do Conselho. A rua de Santo Amaro — segundo um cronista, depois de 1870 — "era rua quiçá dos diabos, que nunca daquele santo. Tortuosa, grimpante, esburacada, triste: sorte de ruela romanesca, propícia a deslombamentos e derriços".

Gravura 76 — Pág. 645

Chafariz e igreja da Misericórdia por volta de 1870. O chafariz fôra construido em 1792 com pedras da região de Santo Amaro transportadas em canoas e desembarcadas no porto da Tabatingüera, pelo mestiço Tebas. Em 1886, quando da ampliação do largo da Misericórdia, seria transferido dali para o largo de Santa Cecília, onde permaneceu até o comêço do século atual, quando foi demolido. A igreja da Misericórdia, que em forma de humilde capela existia desde o comêço do seiscentismo, teve nova edificação em 1717.

Gravura 77 — Pág. 651

Chafariz e pirâmide do Piques em 1860. Edificados em 1814 sob a orientação do marechal Daniel Pedro Muller. O obelisco foi construido pelo pedreiro Vicente Gomes Pereira, o "Mestre Vicentinho", constituindo homenagem do Conde da Palma ao governador Bernardo José de Lorena. Ficava primitivamente dentro da água que enchia a bacia, a qual só foi retirada dali — escreveu Vieira Bueno — depois que numa noite roubaram uma grade de ferro que rodeava a construção. O chafariz era abastecido com água captada no Tanque Reuno. O marechal Daniel Pedro Muller, filho de alemães que se fixaram em Portugal, nasceu no mar quando sua família viajava para Lisboa, e veio para o Brasil como ajudante-de-ordens do governador Franca e Horta (1802-1811). Era engenheiro militar, e além da pirâmide e do chafariz do Piques dirigiu a construção da antiga ponte do Carmo. Em 1836 organizou o conhecido Quadro Estatístico da Província de São Paulo. Morreu em 1842.

Gravura 78 — Pág. 655

Reprodução de desenho publicado em 1865, no jornal *Diabo Coxo*, pelo notável caricaturista Ângelo Agostini. "Um pouco por espírito, um pouco por maldade — escreveu Afonso A. de Freitas — invocando a passagem bíblica do fornecimento de água aos israelitas no deserto, aconselhou aos sedentos paulistanos a aplicarem o mesmo processo do profeta, tocando os chafarizes da Paulicéia com varas ou

varapaus; o resultado foi a quase redução a cacos dos pou[illegible] fontanários que possuíamos." Ângelo Agostini era italiano e [illegible] e ilustrou vários jornais no Rio e em São Paulo. *Diabo Coxo* apareceu em 1864 e desapareceu no ano seguinte. Era redigido por Luís Gama e imprimia-se na Tipografia Alemã, de Henrique Schroeder.

Gravura 79 — Pág. 661

Em 1847 tratou-se de fazer uma bica ou chafariz na fonte do Miguel Carlos, considerando-se que ela era a "primeira que fornecia água para toda a cidade, pela sua riquíssima qualidade." Sabe-se que a essa bica do Miguel Carlos um grupo de estudantes brincalhões, moradores nas suas imediações — segundo narrativa de Almeida Nogueira — munindo-se de jarros, bacias, baldes e outros vasilhames, costumava ir buscar água, de noite, improvisando curioso cortejo em que figuravam sujeitos mais ou menos em trajes de Adão: uns em fraldas de camisa, outros de ceroulas e cartola.

Gravura 80 — Pág. 665

Desenho publicado por Ângelo Agostini no jornal *Cabrião* em 1866 e reproduzido do *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico Ilustrado do Município de São Paulo,* de Afonso A. de Freitas. Trecho do Tamanduateí em frente à zona do Mercado, aparecendo no fundo o convento dos Carmelitas. Em consequência da insuficiência de àgua nos chafarizes, os moradores continuavam, ainda nessa época, a recorrer à água do Tamanduateí ou a comprar o líquido em barris, das pipas ambulantes, o que vinha a dar na mesma. "É verdade que por aí rolam pipas soberbas — escrevia um jornal do tempo — que se propõem matar nossa sêde, todavia apesar dessa virtude evangélica que tanto as honra por fora, por dentro nada são senão o Tamanduateí, com a diferença de ser a dinheiro e mais prejudicial à saude, porque passa pelo lodo e pelas imundícies intestinas das pipas..." A propósito de Ângelo Agostini, veja-se a nota sôbre a Gravura 78.

Gravuras que abrem o capítulo "Lojas, Fábricas, Hotéis" — Pág. 671

O primeiro desenho é baseado em fotografias de velhas lojas de fazendas nas rúas centrais da cidade. Sabe-se que em meados do século passado elas se localizavam quase tôdas nas ruas do Triângulo e mais nas da Quitanda, de Santa Teresa (Rangel Pestana) e largo da Sé. Em geral, até 1860 aproximadamente, não faziam propaganda nem ostentavam letreiros ou tabuletas em suas fachadas. O segundo desenho fixa vendedoras de peixe estacionadas nas calçadas da igreja do Carmo. Elas usavam, segundo a descrição de Antônio Egídio Martins, saias curtas e xales pequenos de baeta azul.

Gravura 81 — Pág. 675

As chamadas Casinhas em 1860, à esquerda de quem descia a ladeira do Carmo. As primeiras Casinhas que serviram de mercado urbano foram feitas em 1773 (na rua das Casinhas), datando de alguns anos depois as que aparecem na gravura. Tinham chiqueiros nos fundos, onde os roceiros podiam recolher porcos e capados. À

direita aparece a antiga muralha do Carmo e aos fundos a várzea, inundada

Gravura 82 — Pág. 679

Reprodução de desenho estampado no livro de Kidder e Fletcher *O Brasil e os Brasileiros* fixando o próprio reverendo Fletcher cruzando, a cavalo, as planícies do Ipiranga, quando de viagem para São Bernardo. Era um 4 de Julho, e o viajante americano, na presença do local em que se proclamara a independência do Brasil, "animado pelo entusiasmo", deu curso ao seu patriotismo "gritando furiosamente Yankee Doodle e o Hail Columbia e causando não pequena diversão e espanto a uns viajantes negros". Êsses humildes figurantes do esbôço parecem ser, no entanto, negros vendedores de mercadorias, com seus tabuleiros. A propósito de Kidder e de Fletcher, veja-se nota sôbre a Gravura 42.

Gravura 83 — Pág. 683

Quitandeiras de peixe no Carmo em 1854. Da mesma forma que para os negociantes de cereais e as negras quituteiras, havia locais determinados para a venda do peixe aos consumidores em meados do século passado. As calçadas da igreja do Carmo foram por muito tempo uma espécie de mercado de peixe da cidade. Veja-se nota sôbre gravuras que abrem o capítulo "Lojas, Fábricas, Hotéis".

Gravura 84 — Pág. 687

Ladeira General Carneiro em 1860. No primeiro plano à direita o muro que circundava em outros tempos o quintal do antigo convento dos Jesuitas. Foi entre os anos de 1848 e 1851 que o govêrno determinou a abertura dessa rua (antes chamada João Alfredo) em terrenos até então pertencentes ao Palácio do Govêrno.

Gravura 85 — Pág. 691

O Hotel Palm em 1870. Só aproximadamente em tôrno de 1855 parece que começaram a aparecer, na cidade, os primeiros hotéis que davam hospedagem sem cartas de recomendação. Um dêsses primeiros hotéis paulistanos foi o focalizado na estampa: o Hotel Palm, primitivamente Hotel dos Viajantes, até que em 1860 passou para a propriedade de Carlos Palm.

Gravura 86 — Pág. 695

Êsse Grande Hotel da Paz parece ter sido, na sétima década do século passado, um dos melhores da cidade, pois foi o que sofreu maior concorrência, logo em seguida, do Grande Hotel, inaugurado em 1878 pelo alemão Frederico Glette. Muitos hóspedes do Hotel da Paz — inclusive alguns deputados — se transferiram para o novo estabelecimento.

Gravura 87 — Pág. 701

Henrique Fox se tornou bastante conhecido entre os moradores da cidade a partir de meados do século dezenove, e simbolizou bem

a pontualidade famosa dos britânicos. No andar [illegible] onde morava, na rua da Imperatriz (15 de Novembro) tinha loja de joias, relógios e instrumentos de música. Em 1842 construiu o relógio da torre da Sé e foi seu zelador durante 49 anos, até 1891, quando morreu. A Sé nunca atrasou um minuto, escreveu Cursino de Moura, acrescentando: "Fox, tôdas as tardes, erecto, de suiças, dobrava a esquina da Sé pelo lado da rua Capitão Salomão, e entrava na catedral para inspecionar a sua obra".

Gravura 88 — Pág. 707

Lojas de fazendas na rua Direita no período 1860-1870. Veja-se nota sôbre gravuras que abrem o capítulo "Lojas, Fábricas, Hotéis."

Gravura 89 — Pág. 713

O largo do Brás em 1860. Em 1865 passaria a se denominar praça da Concórdia. À esquerda a igreja de Bom Jesus do Matozinhos, que havia sido reedificada em 1800-1803. O bairro do Brás começou a se povoar mais intensamente e a se desenvolver em meados do século, quando foi descrito por Bernardo Guimarães: "A capela de São Brás, com seu campanário branco, e aquelas casas dispersas pela planície, exalam um perfume idílico que enleva a imaginação."

Gravuras que abrem o capítulo "Febres e Crimes" — Pág. 723

Alguns conventos paulistanos prestavam, através de esmolas, assistência aos necessitados. Sabe-se por exemplo que os frades Franciscanos repartiam pelos mendigos todos os dias, na portaria do seu convento, na rua do Riachuelo (que por isso mesmo se chamou rua da Casa Santa) um caldeirão de feijão. Também as religiosas da Luz repartiam com os pobres as esmolas que recebiam de fiéis. O segundo desenho mostra um galé trabalhando. Os sentenciados empregados em serviços públicos eram fiscalizados pela chamada Companhia de Pedestres e a partir de 1858 pela Guarda Urbana. Saíam para o trabalho, essas chamadas "correntes de galés", de manhã bem cedo. Os condenados — segundo nota de um jornal em 1854 — passeavam garbosos pelas ruas da cidade e alguns negociavam com chapéus de palha, pentes e cuias.

Gravura 90 — Pág. 731

O chamado Aterrado do Brás por volta de 1870, vendo-se à esquerda a chácara do Ferrão ou da Figueira. Em meados do século passado esteve sempre em foco (como se verifica pela leitura das atas da Câmara ou dos relatórios do Govêrno da Província) o problema da limpeza da várzea do Tamanduateí, para se evitar a estagnação das águas do rio, que prejudicava as condições de salubridade pública. Veja-se nota sôbre as gravuras que abrem o capítulo "As Tropas e as Várzeas".

Gravura 91 — Pág. 739

Convento da Luz em 1870. O recolhimento primitivo datava de 1744 e foi substituido por edifício concluido em 1788. Em 1844 foi

feito o curioso enxêrto arquitetônico que pode ser observado na gravura: a frente da igreja voltada para a avenida Tiradentes.

Gravura 92 — Pág. 743

As capoeiras e os capinzais que havia em tôrno do Tanque Reuno no Bexiga, como em outros pontos da baixada em que corriam o Anhangabaú e o riacho Saracura, serviram sempre de esconderijo onde se aquilombavam negros cativos e desordeiros. Era o que dizia em 1831 o requerimento apresentado por várias pessoas ao govêrno da cidade, pedindo permissão até para fecharem os lugares por onde passava o Anhangabaú para a parte do Bexiga, em cujas margens se acoitavam ladrões e escravos fugidos. O tropel dos capitães de mato — escreveu um cronista — deve ter soado muitas vezes pelas suas barrocas e pelos seus precipícios.

Gravura 93 — Pág. 747

Edifício da Câmara e Cadeia, no largo de São Gonçalo ou da Cadeia, em 1860. Construido em 1784-1788, nele funcionaram até 1877, além da Câmara Municipal e da Cadeia Pública, o Açougue e um depósito de materiais denominado o Armazém.

Gravuras que abrem o capítulo "Festas de Brancos e de Negros" — Pág. 753

O primeiro carnaval de feição moderna em São Paulo parece que foi feito em 1855, não conhecendo o paulistano até essa época senão o entrudo primitivo. Em 1857 apresentaram-se ao público os primeiros carros carnavalescos e em 1860 percorreu as ruas um bando intitulado Os Zuavos. O segundo desenho fixa a figura do Farricoco, personagem que aproximadamente até o ano de 1856 desfilava à frente da procissão do Senhor dos Passos, vestido com uma camisola de pano preto e um chapéu da mesma côr, e carregando uma trombeta e um chicote para escorraçar os moleques que investiam contra ele a pedradas.

Gravura 94 — Pág. 757

Mosteiro e igreja de São Bento em 1870. Sôbre essas edificações em épocas anteriores, vejam-se notas sôbre as Gravuras 44 e 49. Em 1860 a tôrre e o frontispício da igreja haviam sido reconstruidos sob direção do abade frei João de S. Bento Pereira, uma parte do edifício tendo sido ornamentada — segundo o viajante William Hadfield — com gôsto notavel.

Gravura 95 — Pág. 761

Enquanto não houve grandes cemitérios públicos na cidade — até meados do século passado — os sepultamentos se faziam nas igrejas: a da Misericórdia, a da Boa Morte, a do Rosário. Êsses enterramentos eram feitos às vezes por africanos — sobretudo na igreja do Rosário — que, à medida que jogavam terra sôbre o cadáver e socavam com mão de pilão, entoavam cantigas soturnas.

Gravura 96 — Pág. 705

Êsse cruzeiro de cantaria do largo do Capim (do Ouvidor) — desaparecido em 1870 — tinha em seus últimos tempos os braços caídos, em consequência da travessura de um estudante — contou Almeida Nogueira — que em troça noturna com outros colegas trepara por êle para dali discursar. Aos fundos as igrejas de São Francisco e da Ordem Terceira de São Francisco.

Gravura 97 — Pág. 709

É bastante conhecido o episódio da Cruz Preta. Era uma grande cruz de madeira existente na frente de um sobrado da rua da Cruz Preta (Quintino Bocaiuva), que um grupo de estudantes, certa noite, arrancou do lugar e foi atirar no Anhangabaú. O Visconde de Araxá — que tomou parte, quando estudante, nessa aventura — contou em suas memórias que o povo da cidade costumava rezar diante dêsse cruzeiro, cujos braços excediam a altura das sacadas do sobrado. Encontrada, no córrego, por um morador da vizinhança, deu origem a uma capela no Piques.

Gravura 98 — Pág. 775

Veja-se a propósito da imagem de São Jorge a nota sôbre a Gravura 36. A cavalgata de São Jorge se fêz em São Paulo, com muita pompa, até o ano de 1860, decaindo em seguida. Em 1870 fêz-se o possível para ressuscitar essa tradição, sem sucesso. O *Correio Paulistano,* em seu número de 18 de junho de 1870, escrevia que a Guarda Nacional não comparecera, "deixando o Santo General sem tropa para comandar."

Gravura 99 — Pág. 779

Igreja da Sé em 1860. Sôbre o mesmo edifício, em épocas anteriores, veja-se a nota sôbre a Gravura 10. Sofreu reparos e reformas, a matriz paulistana, no período de 1845 a 1850.

Gravura 100 — Pág. 787

Igreja do Rosário dos Pretos (1860-1870) aos fundos da rua da Imperatriz (15 de Novembro). Edificada em 1715, segundo certos autores, ou em 1725, de acôrdo com outros, ficava no largo do Rosário (praça Antônio Prado) com a fachada voltada para a rua da Imperatriz. Em meados do século passado junto dela faziam-se, depois das procissões, congadas, batuques, sambas e moçambiques, promovidos pela Irmandade dos Homens Pretos e mais tarde reprimidos pelas autoridades.

Gravura 101 — Pág. 799

A Marquesa de Santos, depois de repudiada pelo imperador Pedro I, casou-se com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar e foi figura de prestígio enorme na sociedade paulistana de seu tempo, constando que lhe eram reservados lugares especiais nas festas a que comparecia: uma cadeira mais cômoda ou mais solene, a que se dava o nome de "o trono da Marquesa". "Sua casa da rua do Carmo — escreveu Alberto

Rangel — cujo quintal descia a várzea no abrando de um extenso capinzal, tinha três grandes salas de forros apainelados, ostentando retratos a óleo." Morreu em 1857.

Gravuras que abrem o capítulo "A Presença dos Acadêmicos" — Pág. 807

As arcadas do velho convento franciscano, a partir de 1828 sede do Curso Jurídico de São Paulo. Elas se comunicavam, por meio de corredores, com as tribunas e sacristias da igreja de São Francisco. "Depois das aulas vinham os frades passear entre os arcos, que assumiam então até ao cair da noite — observou Spencer Vampré — uma seriedade e silêncio monásticos, em vivo contraste com a ruidosa freqüência do período da manhã." O segundo desenho fixa uma figura de estudante. A presença de acadêmicos numerosos, a partir de 1828, contribuiu para alterar a fundo a existência da cidade. Muitos dêsses estudantes — pelo menos os mais abastados — deviam de início espantar os moradores pacatos da cidade pelo luxo ou a extravagância de seus trajes.

Gravura 102 — Pág. 811

O prédio da Academia de Direito, na sétima década do século passado, conservando a fachada primitiva. O antigo convento franciscano mantinha a sua humilde aparência setecentista, com seu telhado de beirada larga, suas pequenas janelas, e como única entrada a velha portaria do convento. A função primitiva do edifício (habitação coletiva destinada à vida monástica) mostrou Ricardo Severo que lhe dera essa feição característica: longa fachada de dois pisos, com filas de janelas repartidas de conformidade com as celas internas. O arco do seu portal era lavrado em belo mármore italiano.

Gravura 103 — Pág. 815

Convento e igrejas do Carmo e da Ordem Terceira do Carmo aproximadamente em 1870. A primitiva igreja do Carmo datava de 1592, e de quatro anos depois o primeiro convento, sendo de 1648 a antiga igreja da Ordem Terceira. No comêço do século passado (em 1818) o viajante Von Martius considerou o mosteiro dos Carmelitas como um dos pouquíssimos edifícios imponentes e de bom estilo existentes na cidade. Em 1831 passaram a ficar aquartelados em uma parte dêsse edifício os soldados do Corpo Policial Permanente. As sacadas de ferro que se vêem em suas janelas foram colocadas em meados do século, quando a edificação passou por várias reformas. Nessa época moraram tambem aí — como em outros conventos — estudantes de Direito.

Gravura 104 — Pág. 821

A Chácara dos Inglêses, em desenho executado de reminiscência, a pedido do historiador Afonso A. de Freitas, para seu livro *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, pelo pintor Pedro Alexandrino. A Chácara dos Inglêses ficava na Glória, no local em que depois se abriu o largo São Paulo (praça Almeida Júnior), e em sua sede funcionou, de 1825 a 1840, o hospital da Irmandade da Misericórdia. Em meados do século foi o sobrado que aparece no desenho sede de uma república de

estudantes em que mora[illegible] entre outros, os acadê[illegible] Azevedo e Bernardo Guimarães. Ferreira de Rezende, também mora-dor dessa república na época, assim descreveu o lugar: "... um grande sobrado que tendo em frente o cemitério (dos Aflitos) e pelos fundos o Tamanduateí, se denominava a Chácara ou a Casa dos Inglêses. Isolada, por assim dizer, no meio do campo... não existindo ali uma simples horta, a casa era tudo quanto constituía a chácara." A denominação se originara do fato de que antes de ser da Santa Casa a chácara pertencera ao inglês John Radmaker.

Gravura 105 — Pág. 827

A igreja da Sé em 1847, segundo desenho de Miguel Arcanjo Benício Dutra existente no Museu Paulista. A propósito da igreja da Sé, vejam-se notas sôbre as Gravuras 10 e 99. Em relação ao desenhista, nota sôbre a Gravura 25.

Gravura 106 — Pág. 839

Primeiro número (de 7 de fevereiro de 1827) do primeiro jornal impresso de São Paulo: o semanário e depois bissemanário *O Farol Paulistano*, fundado por José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre, que teve como principal auxiliar Antônio Mariano de Azevedo Marques, o "Mestrinho". Colaboraram nesse jornal, entre outros, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, padres Manuel Joaquim do Amaral Gurgel e Vicente Pires da Mota, e Manoel Odorico Mendes durante o tempo em que esteve em São Paulo. Durou até 1832 êsse jornal, que era de feitio pequeno (30 por 21 centímetros), com 4 páginas, dando o noticiário da Secretaria do Govêrno e da Câmara Municipal, cartas e reclamações dos leitores, transcrição de alguns trabalhos, pequenas Notícias Marítimas de Santos (entradas e saídas de embarcações) encimadas pela figura de dois naviozinhos — e anúncios.

Gravura 107 — Pág. 845

O primeiro jornal diário que circulou na cidade de São Paulo foi *O Constitucional*, em 1853. Mas o primeiro de existência duradoura foi o *Correio Paulistano*, aparecido em 1854. Nos primeiros tempos foi impresso em prelo de pau e depois em prelo manual; de 1863 em diante, em máquina Alauzet, a primeira que houve na cidade, também movida a braço e a partir de 1869 movida a vapor. A fotografia reproduz o primeiro número do *Correio Paulistano*, de 26 de junho de 1854.

Gravura 108 — Pág. 853

Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) nasceu na cidade de São Paulo. Viveu de 1833 a 1848 no Rio de Janeiro, retornando nesse último ano à sua cidade natal para cursar a Academia de Direito. No tempo de estudante em São Paulo morou em uma república localizada na Chácara dos Inglêses (largo São Paulo, agora praça Almeida Júnior), convivendo sobretudo com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Foi retratado, por seu companheiro Bernardo Guimarães, em um dos personagens do romance *Rosaura, a Enjeitada*. Além de estudos

e discursos, deixou a *Lira dos Vinte Anos*, *O Poema do Frade*, *O Conde Lopo* e em prosa *Noite na Taverna*, *O Livro de Fra Gondicário* e *Macário*.

Gravuras que abrem o capítulo "Entre Comédias e Serenatas" — Pág. 861

O primeiro desenho reproduz a parte central da fachada do Teatro São José, no largo do Teatro ou da Cadeia (depois praça João Mendes), inaugurado em 1864. Ficava encaixado entre as ruas da Esperança e do Imperador, desaparecidas quando da ampliação do largo da Sé. "Se não é um monumento de arte — dizia-se dele em um relatório do Govêrno da Província — sobretudo em relação à arquitetura exterior, que podia ser mais elegante, é contudo um dos mais vastos do Império." Só ficaria definitivamente acabado em 1874, dispondo de acomodações para mais de mil e duzentas pessoas. Seria destruido por um incêndio em 1898. O segundo desenho se refere à importância que teve a Academia de Direito relativamente às atividades musicais na cidade, sabendo-se que em tôrno de 1860 começaram a se tornar mais freqüentes os concertos a cargo de musicistas estrangeiros de certo renome.

Gravura 109 — Pág. 865

À direita da gravura, com um lampião na frente, aparece uma parte da Casa da Ópera ou Teatro da Ópera, no pátio do Colégio, próximo à igreja dos Jesuítas. Foi a Casa da Ópera edificada em 1793 e era construida em "estilo moderno", segundo Von Martius, em 1818. A sala dispunha de 28 camarotes em três ordens. Trezentas e cinqüenta pessoas cabiam nessa casa de espetáculos que foi a mais importante da cidade desde a sua construção até o ano de 1864, em que se inaugurou o Teatro São José. Foi demolida em 1870.

Gravura 110 — Pág. 871

O edifício do Teatro São José, no largo do Teatro ou da Cadeia, cêrca de 1870. Veja-se, a propósito, nota sôbre as gravuras que abrem o capítulo "Entre Comédias e Serenatas".

Gravura 111 — Pág. 877

Em 1870, em consequência de seu estado de ruina, arrasou-se a Casa da Ópera. O incumbido da demolição foi o português Antônio dos Santos Chumbinho, "que possuía veia dramática — escreveu Alberto Sousa — assinalado pelos grandes lances trágicos, e que representara várias vêzes na Ópera. Conta-se que Chumbinho foi visto chorando junto dos escombros do teatro. E tempos depois seus olhos cegaram incuràvelmente, quem sabe se para não reverem nunca mais o local onde antigamente se erguera o teatro de suas glórias artísticas."

Gravura 112 — Pág. 887

Em meados do século passado — segundo referências do cronista Almeida Nogueira — em noites de luar alguns estudantes de Direito

costumavam dar verdadeiros concertos musicais, no [illegible]
çalo, ouvidos por famílias que ficavam passeando [illegible]
sentavam nas escadarias da igreja da Sé.

Gravura 113 — Pág. 891

Largo de São Gonçalo ou da Cadeia (praça João Mendes) em tôrno de 1860, vendo-se à esquerda a igreja dos Remédios e contíguo a ela um pequeno prédio que seria demolido na oitava década do século passado para que se estabelecesse ligação entre o largo de São Gonçalo e o do Pelourinho (Sete de Setembro), ambos englobados modernamente na denominação de praça João Mendes. Sôbre serenatas de estudantes, nesse local, veja-se nota anterior.

Gravura fora do texto — Depois da pág. 896

Mapa da Capital da Província de São Paulo, seus Edifícios Públicos, Hotéis, Linhas Férreas, Igrejas, Bondes, Passeios, Etc., publicado por Fr. de Albuquerque e Jules Martin em 1877. O francês Jules Martin fixara-se em São Paulo em 1870, abrindo um curso de desenho e de pintura, e fundando no ano seguinte o primeiro estabelecimento de litografia que existiu na cidade. Além dessa planta da capital de São Paulo publicou Jules Martin um mapa da província. Em 1885 era professor de Modelação do Liceu de Artes e Ofícios, dono da Litografia Imperial, a vapor, na rua de São Bento, e presidente da Societé Française 14 Juillet. Planejou logo em seguida a construção do Viaduto do Chá.

Gravura que abre o capítulo "Metrópole do Café" — Pág. 899

Foi sobretudo o desenvolvimento da lavoura cafeeira na província (no Oeste particularmente desde meados do século) e em seguida as ligações ferroviárias que se estabeleceram, que condicionaram o desenvolvimento da cidade de São Paulo nas últimas décadas oitocentistas e nas primeiras do século atual. Articulando-se ao pôrto de Santos e às principais zonas cafeeiras por Caminhos de ferro a cidade consolidou a sua importância econômica e a sua situação de metrópole do café.

Gravura 114 — Pág. 901

Estação do Norte, no Brás, em 1889. Fôra inaugurada em 1877, ano em que se completou a ligação ferroviária entre a capital da província e a Côrte, pela Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro.

Gravura 115 — Pág. 905

Largo e igreja da Sé no comêço do século atual. A propósito da igreja em épocas anteriores veja-se nota sôbre a Gravura 10. Sua fachada era sombria e triste, dizia-se em um álbum de 1905. Tinha um portal branco encimado pela coroa real portuguêsa. Seria demolida em 1912 para ampliação do largo da Sé.

Gravura 116 — Pág. 909

Os leitos do Anhangabaú, do Saracura e de outros riachos, dividiram a cidade em compartimentos de comunicação difícil, impondo a

construção de viadutos. O primeiro deles foi o do Chá, idealizado pelo litógrafo Jules Martin, e cujas obras foram iniciadas em 1888 e concluídas em 1892. Em cada um de seus extremos ficava um guarda com um relógio registrador marcando o número de pessoas que passavam pela roda giratória e que tinham de pagar o pedágio. Na gravura aparece a casinha dos empregados nesse serviço de pedágio, que seria suprimido em 1897.

Gravuras que abrem o capítulo "Palacetes e Chalés" — Pág. 917

O primeiro desenho reproduz um aspecto da sede da chácara Charpe, Mauá ou do Campo Redondo, a propósito da qual veja-se nota sôbre a Gravura 64. O segundo desenho mostra um chalé. Os chalés começaram a aparecer com freqüência na paisagem urbana de São Paulo na sexta década do século passado: ladeados de portão, com pilastra encimada por cães ou leões de faiança portuguêsa, segundo Ian de Almeida Prado, na época em que se construía a São Paulo Railway. Também chalés imitando os suiços se espalharam logo pela zona do Chá, dos Campos Elísios e da Estrada Vergueiro. Na parte nova da cidade êles predominavam já em tôrno de 1885, de acôrdo com a observação de um viajante italiano.

Gravura 117 — Pág. 923

Rua 7 de Abril em fins do século passado, com chalés então modernos ao lado de velhas casinhas de beiral que vinham de outros tempos. A antiga rua da Palha, em meados do século passado, ainda parecia um simples caminho: com casas muito distantes umas das outras — segundo a evocação de Ferreira de Rezende — habitadas por gente muito pobre ou servindo de sede para repúblicas de estudantes. Algumas não passando mesmo de casebres.

Gravura 118 — Pág. 927

Fundos da Sé, velhos telhados e rua da Esperança aproximadamente em 1910. Sôbre a igreja da Sé, vejam-se notas sôbre as Gravuras 10 e 115. A propósito da rua da Esperança ou do Santíssimo Sacramento — que desapareceria em 1912 com a ampliação do largo da Sé — veja-se nota sôbre a Gravura 57.

Gravura 119 — Pág. 931

Rua da Imperatriz (15 de Novembro) no período 1870-1880. Ostentando ainda casarões quase todos edificados de taipa e com largos beirais. Era comum ainda na época a residência de famílias abastadas nos pavimentos superiores dêsses edifícios cujas janelas eram abraçadas por longos balcões.

Gravura 120 — Pág. 935

Edifício da Câmara, no largo da Cadeia (João Mendes), em 1890. A respeito dessa edificação, em épocas anteriores, veja-se nota sôbre a Gravura 93. Na fotografia aparece quando tinha passado por algumas reformas. Segundo o viajante Lomonaco, cujo livro foi publicado

em 1885, era um edifício retangular, "do modelo [illegible]
as Câmaras Municipais francesas." A propósito do largo da Ca[illegible]
ou de São Gonçalo veja-se nota sôbre a Gravura 113.

Gravura 121 — Pág. 941

Fundos e tôrre do recolhimento de Santa Teresa em 1907. Sua edificação primitiva datava de 1685, sendo a tôrre erguida pelo mestiço Tebas em meados do século dezoito. O recolhimento dispunha de painéis de assuntos religiosos executados em meados do século passado pelos alunos da Escola de Pintura do professor Jorge José Pinto Vedras, e talvez de óleos de autoria do padre Jesuino do Monte Carmelo.

Gravura 122 — Pág. 945

Perspectiva externa do claustro do mosteiro de São Bento. A propósito do mosteiro em épocas anteriores vejam-se notas sôbre as gravuras que abrem o capítulo "A Rótula sôbre a Taipa" e sôbre a Gravura 44.

Gravura 123 — Pág. 949

Aspecto da rua João Bricola em 1902. Na fotografia aparecem parte da igreja do Rosário, um sobradão de feição oitocentista e à direita parte do prédio em que funcionou a redação de *A Provincia de São Paulo* (depois *O Estado de São Paulo*) de 1876 a 1906.

Gravura 124 — Pág. 953

Convento dos Carmelitas e igrejas do Carmo e da Ordem Terceira do Carmo no comêço do século atual. Sôbre essas edificações em épocas anteriores veja-se nota sôbre a Gravura 103. Até 1906 parte do pavimento térreo do convento serviu de quartel da Fôrça Policial.

Gravura 125 — Pág. 957

Rua do Carmo no comêço do século atual, vendo-se aos fundos a fachada do recolhimento de Santa Teresa, a propósito do qual veja-se nota sôbre a Gravura 121.

Gravura 126 — Pág. 961

Pátio interno do convento da Luz, a propósito do qual veja-se nota sôbre a Gravura 91.

Gravuras que abrem o capítulo "As Avenidas e as Árvores" — Pag. 967

Praça da República no comêço do século atual. Era o primitivo Campo dos Curros, onde se faziam touradas e cavalhadas. Em meados do século passado foram plantadas no local árvores de grande porte. O velho largo (que tambem se chamou 7 de Abril, depois de 1865) foi regularizado na administração João Teodoro (1872-1875) e ajardinado em 1902-1904. O segundo desenho mostra um poste de iluminação elétrica, de feitura elegante, utilizado no comêço do século em algumas áreas da cidade.

Gravura 127 — Pág. 971

João Teodoro Xavier, governando a província de São Paulo de 1872 a 1875, se preocupou bastante com os problemas urbanísticos de sua capital: regularizou o largo dos Curros (praça da República); abriu a rua do Conde d'Eu (Glicério), ligando a Tabatingüera ao Lavapés, a rua do Hospício até a ponte da Mocca, as ruas João Teodoro e São Caetano; fêz realizar melhoramentos na ruas do Pari e do Gasômetro e obras de segurança no paredão do Carmo; construiu a Ilha dos Amores, no Tamanduateí e reformou o Jardim da Luz; e foi na sua administração que o problema de pavimentação das ruas entrou em fase nova.

Gravura 128 — Pág. 975

Pavimentação com pedras irregulares, na esquina das ruas José Bonifácio e Quintino Bocaiuva, no comêço do século atual. Os velhos sistemas de calçamento de meados do século passado persistiram em algumas zonas da cidade. Em fins do século passado havia ruas calçadas a paralelepípedos, outras apedregulhadas e outras ainda pavimentadas pelo velho sistema das pedras irregulares, tendo havido na Câmara longos debates a propósito da conveniência de macadamização de outros logradouros.

Gravura 129 — Pág. 981

Rua Líbero Badaró e ladeira Doutor Falcão em 1912. Era, como se vê, estreitíssima a primeira dessas ruas, e em 1907, em seu livrinho *Melhoramentos de São Paulo,* Augusto C. da Silva Teles, abordando problemas urbanísticos, mostrava que se impunha de forma radical seu alargamento. Alargamento que representaria alguns anos depois — em 1910 — um dos pontos básicos do plano de obras elaborado por Vitor da Silva Freire e Eugênio Guilhem e encaminhado pelo prefeito Antônio Prado ao govêrno do Estado.

Gravura 130 — Pág. 985

Avenida Paulista em 1891, quando de sua inauguração. Quadro de Jules Martin (Museu Paulista). Foi aberta a Avenida Paulista, como outras ruas de suas imediações, em terras que pertenciam a Joaquim Eugênio de Lima. Em 1912 o viajante Gaffre diria não saber comparar a Avenida Paulista senão a certas avenidas de Nova York. O seu Parque Paulista ou Parque Siqueira Campos — antigo Parque Villon, que dispunha de caramanchões rústicos — seria embelezado segundo o plano do especialista inglês Parker. A propósito de Jules Martin, veja-se nota sôbre a gravura fora do texto, depois da pág. 896.

Gravura 131 — Pág. 989

Avenida Tiradentes em fins do século passado. Essa via pública — antigo Campo da Luz ou do Comércio da Luz — parecia ainda em 1870, segundo Antônio Egídio Martins, "um pátio de fazenda", pois seus moradores mantinham nela todas as espécies de criações. Na fotografia reproduzida, ostenta ainda o local grandes árvores, e só no

comêço do século atual t[illegible] [illegible] semelhan[illegible] [illegible]
hoje.

Gravura 132 — Pág. [illegible]

O Jardim da Luz em 1886. Tendo sido começado em 1799, ficou concluido e foi posto à disposição do público em 1825, denominando-se primitivamente Jardim Botânico e passando em 1838 a se denominar simplesmente Jardim Público. Em 1852 foi cercado por um gradil de ferro e enriquecido com grande quantidade de plantas indígenas e exóticas. Pouco depois — em 1860 — foi desfalcado de parte de suas terras em benefício da construção da primeira estação ferroviária. De 1869 em diante recebeu vários melhoramentos. Na fotografia aparecem o seu lago central, em forma de Cruz de Savoia, e o chamado Canudo do Doutor João Teodoro, observatório mandado edificar ali, em 1874, por êsse presidente da província, e demolido em 1900. Em 1904 o Jardim da Luz passou por uma transformação "à moda inglêsa".

Gravura 133 — Pág. 997

Jardim da praça João Mendes em 1890. A propósito do antigo largo veja-se nota sôbre a Gravura 113. O ajardinamento foi feito em 1879 e resultou de uma idéia infeliz, segundo João Mendes Júnior, pois o local, contando com um teatro (o São José), duas igrejas (dos Remédios e São Gonçalo) e das repartições da Assembléia e da Camara, exigia espaço para que o trânsito não ficasse congestionado. Apesar de protegido por gradil êsse jardim da praça João Mendes, malfeitores, durante a noite, roubavam plantas e faziam estragos. Na fotografia aparecem, à esquerda, a igreja de São Gonçalo e aos fundos o edifício da Câmara.

Gravura 134 — Pág. 1001

Antônio da Silva Prado (1840-1929) nasceu na cidade de São Paulo, estudou no Rio, no Colégio do Barão de Tautphoeus e depois no Pedro II, onde se bacharelou em letras em 1856, cursando depois a Academia de Direito de São Paulo, onde se formou em 1861. Em 1866 abriu a famosa Fazenda Santa Veridiana, a primeira propriedade cafeeira estabelecida além do rio Mogi-Guaçu e em 1895 fundou, com Elias Fausto Pacheco Jordão, a grande Vidraria Santa Marina, em São Paulo. Teve seu nome ligado à expansão ferroviária paulista, à abolição do cativeiro e à implantação do trabalho livre na agricultura. Foi vereador à Câmara Municipal de São Paulo, em 1865; deputado provincial de 1866 a 1869; deputado geral de 1872 a 1884; presidente da Câmara Municipal de São Paulo em 1877; Ministro da Agricultura de 1884 a 1887; Senador do Império em 1887; Ministro de Estrangeiros em 1889; e Prefeito de São Paulo de 1899 a 1910, quando realizou importantes transformações urbanísticas, dando à cidade uma nova feição.

Gravura 135 — Pág. 1005

Largo de São Bento em 1888. Em 1886 foram iniciadas e no ano seguinte concluidas as obras do jardim. Na fotografia aparecem um

de seus dois portões e o gradil de ferro em que o jardineiro francês Fourchon pendurava as plantas que cultivava com o maior carinho. O gradil de ferro seria retirado nos últimos anos do século passado.

Gravura 136 — Pág. 1009

Pátio do Colégio no começo do século atual. A propósito dêsse local vejam-se notas sôbre as Gravuras 13 e 58. Em 1885 fizera-se um jardim gradeado em frente ao Palácio do Govêrno, onde havia aléias sombrias e belas árvores, e foi sentado em um de seus bancos, ouvindo o canto dos passarinhos e o pregão dos quitandeiros, em um domingo de sol, que o viajante Archibald Forrest — de cujo livro *A tour through South America* (*1913*) foi reproduzido o desenho — sentiu o que escreveu: "Seria difícil imaginar cidade e povo mais felizes." À direita, o edifício da Secretaria da Fazenda, construido pelo arquiteto Ramos de Azevedo.

Gravura 137 — Pág. 1013

Igreja e largo da Sé no comêço do século atual. Veja-se, a propósito, a nota sôbre a Gravura 115.

Gravura 138 — Pág. 1017

Rua da Imperatriz (15 de Novembro) em 1880. Ainda com passeios bastante estreitos, e casas de taipa com beirais. À direita aparece um poste com lampião de gás. Êsse tipo de iluminação foi inaugurado na noite de 31 de março de 1872. Em 1889 a futura rua 15 de Novembro teria já iluminação elétrica.

Gravuras que abrem o capítulo "Marcha para os Arrabaldes" — Pág. 1025

Casinhas se alastrando pelas colinas — aspecto que foi destacado pelos viajantes que em fins do século passado e começo do atual estiveram em São Paulo. Essa foi uma época de retalhamento de chácaras, de loteamento e arruamento de terras, de formação de novos bairros. O segundo desenho mostra um portão de chácara antiga.

Gravura fora do texto — Entre págs. 1028 e 1029

Reproduções fotográficas de uma litografia desenhada por A. Sauvage e publicada no *Album de Vues du Brésil*, editado em 1889 sob a direção do Barão do Rio Branco. As duas estampas formam o panorama de tôda a parte central da cidade vista da Várzea do Carmo, vendo-se o Hospital dos Alienados, Aterrado do Brás, ponte do Meio, ladeira Tabatingüera, igreja da Boa Morte, ponte do Carmo, convento, igreja, ladeira e largo do Carmo, tôrre da igreja de Santa Terêsa, igrejas da Sé e do Colégio, fundos do palácio do govêno, ladeira General Carneiro, local em que foi construido o mercado, tôrre da igreja do Rosário, rua 25 de Março, igreja de São Bento e ladeira da Constituição.

Gravura 139 — Pág. [illegible]

Fundos da sede da chácara de Dona Veridiana Prado, na Consolação. Nessa casa nasceu o escritor e publicista Eduardo Prado. Quando demolido, há poucos anos, o edifício era sede do Seminario das Educandas da Glória.

Gravura 140 — Pág. 10[illegible]

Rua da Tabatingüera em tôrno de 1880. Compare-se com a Gravura 60, que mostra o mesmo local uns vinte anos antes. Nesta fotografia já aparecem casas com calhas, beirais mais regulares, lampiões de gás em lugar de candeeiros presos às paredes, e melhor nivelamento do leito da rua e dos passeios. Foi na sétima década do século passado que a rua da Tabatingüera se ligou ao Lavapés, com a abertura da rua do Conde d'Eu (Glicério).

Gravura 141 — Pág. 1043

Várzea do Carmo e lavadeiras trabalhando no Tamanduateí, nas proximidades da rua da Figueira, em tôrno de 1890. Estudos feitos em 1890 e 1892 mostraram a necessidade de ser feita a retificação completa do leito primitivo do rio. A chácara da Figueira se manteve até 1893, e a figueira secular que lhe deu o nome até o comêço do século atual.

Gravura 142 — Pág. 1047

Aspecto da fachada do convento da Luz, localizado em bairro que se povoou e se desenvolveu em grande parte em consequência das primeiras estradas de ferro da província. Vejam-se notas sôbre as Gravuras 91 e 126.

Gravuras que abrem o capítulo "O Trem, o Bonde e os Viadutos" — Pág. 1053

O primeiro aspecto é o da demolição da casa dos Barões de Tatuí para construção do primeiro Viaduto do Chá. A frente do edifício ficava na rua Líbero Badaró, e os fundos no Anhangabaú. O segundo desenho simboliza o desenvolvimento ferroviário da província, na segunda metade do século passado, tendo como centro a cidade de São Paulo. A Inglêsa, a São Paulo e Rio de Janeiro, a Mogiana, a Paulista, a Sorocabana, articularam pelo caminho de ferro inúmeras zonas paulistas — sobretudo aquelas em que se alastravam ou tendiam a se alastrar os cafezais — à capital da província.

Gravura 143 — Pág. 1057

A construção da Estação da Luz simbolizou bem o esplendor do ciclo ferroviário em São Paulo. Edifício de proporções monumentais, dotado das comodidades das mais notáveis edificações do seu gênero em todo o mundo, foi erguido sôbre uma área de 7.250 metros quadrados, sabendo-se que todo o seu material — desde as plantas até aos pregos — vieram da Inglaterra.

Gravura 144 — Pág. 1063

Ponto de estacionamento de tílburis no largo da Sé, no comêço do século atual. A propósito do largo da Sé, veja-se nota sôbre a Gravura 10. O local foi o primeiro ponto de estacionamento, quando surgiram na cidade os carros de praça, em 1865. Até o ano de 1870, no edifício contíguo à igreja, funcionaram aulas de Latim e Teologia, e a primeira Escola Normal.

Gravura 145 — Pág. 1067

Cocheiros lavando carruagens e cavalos no Tamanduateí, nas proximidades do Mercado velho, em 1898. Nessa fotografia aparecem o Tamanduateí ainda não retificado, a tôrre da igreja do Carmo, aos fundos, e à direita um quiosque.

Gravura 146 — Pág. 1071

Rua Florêncio de Abreu em 1887, vendo-se a Cocheira Duchein. Até fins do século passado ainda eram comuns as cocheiras que alugavam carros ou cavalos, embora desde a época em tôrno de 1870 as estradas de ferro fizessem concorrência e quase desbancassem o transporte por bêstas de carga.

Gravura 147 — Pág. 1077

Rua Direita em fins do século passado, em fotografia que fixa um aspecto típico do trânsito urbano na época, marcado pelo tílburi e o bondinho puxado por burros. Foi no ano de 1872 que a cidade passou a contar com linhas dêsses bondes, a primeira delas do largo do Carmo à Estação da Luz. Eram bondes abertos, pequenos, de apenas 4, 5, 6 ou 7 bancos. Continuaram trafegando até o comêço do século atual — mesmo depois de iniciado o serviço de bondes elétricos — sobretudo para os lados da Ponte Grande e de Santana.

Gravura 148 — Pág. 1083

Estacionamento de automóveis de aluguel, no comêço do século atual, na praça da República. Os primeiros automóveis apareceram na cidade nos último anos do século passado. Em 1898 um visitante observou certo dia na rua Direita grande ajuntamento de povo "em tôrno de um carro aberto, de quatro rodas de borracha, com dois passageiros e que se movia por si mesmo."

Gravura 149 — Pág. 1087

Ainda nessa época (1892) eram impressionantes as enchentes na várzea. Segundo Batista Pereira, "improvisavam-se barcas e canoas, e apareciam peixes colhidos a mão." Aspectos maravilhosos das inundações — escreveu êsse cronista — eram observados das casas da rua da Boa Vista e da rua 15, como tambem do barranco gradeado da rua Florêncio de Abreu. O quadro, existente no Museu Paulista, é de autoria de Benedito Calixto (1853-1927), nascido em Itanhaem e que deixou trabalhos numerosos, muitos dos quais se encontram no Museu Paulista, no Museu de Arte, no Museu Naval, na Catedral, na Prefei-

tura e na Bolsa de [illegible] Câmara de São Vicente [illegible]
Govêrno de Belém [illegible] Calixto foi também [illegible]
zando interessantes pesquisas.

Gravura 150 — Pág. [illegible]

Fase final da demolição do edifício dos Barões de Tatuí para construção do primeiro Viaduto do Chá. Aparecem aí os fundos do prédio, e a igreja de Santo Antônio. A gravura é de 1889, e provàvelmente de autoria de Jules Martin, a propósito do qual vejam-se referências [illegible]

Gravura 151 — Pág. [illegible]

Reprodução de gravura, provàvelmente de Jules Martin, que figurava no convite para inauguração do primeiro Viaduto do Chá em 1892. Aparecem aí, à esquerda, a rua Líbero Badaró e a igreja de Santo Antônio, no centro o córrego Anhangabaú e à direita a rua Formosa. A propósito de Jules Martin veja-se nota sôbre a gravura fora do texto, depois da pág. 896.

Gravuras que abrem o [illegible]

Carroças-pipas de venda de água, com referência às quais veja-se nota sôbre a Gravura 80. O outro desenho reproduz o obelisco e o chafariz do Piques. Veja-se nota sôbre a Gravura 77.

Gravura 152 — Pág. 1107

Largo e rua de São Bento no período 1870-1880, vendo-se à direita a casa "Banhos da Sereia". O jardim, protegido por simples cêrca de arame, teria em 1887 gradis de ferro. A casa "Banhos da Sereia" pertencia ao húngaro Fischer e ficou famosa tambem pelos seus bifes e seus vinhos estrangeiros, pois era igualmente restaurante e ponto de reunião. A propósito do largo de São Bento veja-se nota sôbre a Gravura 135.

Gravura 153 — Pág. 1113

Largo de São Francisco no começo do século atual, vendo-se aos fundos o edifício da Escola de Comércio Álvares Penteado e, no primeiro plano, um bebedouro. O largo fôra primitivamente quintal do convento franciscano, transformando-se em logradouro público na época da instalação da Academia de Direito, em 1828. Em meados do século passado faziam-se aí feiras de madeira, trazida dos arredores da cidade. Desenho reproduzido do livro de Archibald Forrest, *A tour through South America*, 1913.

Gravuras 154 — Pág. 1119

O largo do Rosário (praça Antônio Prado) em 1885, vendo-se o chafariz construido em 1874-1875 pelo engenheiro major Henrique Luís de Azevedo Marques e denominado Chafariz Sete de Setembro. Em 1893 seria demolido pela Companhia Cantareira, medida que foi

recebida com revolta por populares, tornando-se necessária a intervenção da fôrça policial. Sôbre o largo do Rosário em épocas anteriores veja-se a nota relativa à Gravura 100.

Gravuras [illegible] — Pág. 1125

Aspecto do largo dos Guaianases (praça Princesa Isabel) em fins do século passado, vendo-se o pequeno chafariz aí edificado. O antigo Campo Redondo teve a denominação de Guaianases em 1865, e em 1897 seria ajardinado.

Gravuras que abrem o capítulo "O Mercado e a Oficina" — Pág. 1131

Antigo mercado da rua 25 de Março esquina de General Carneiro, inaugurado em 1867 depois de estudos e preocupações da Câmara desde 1860, quando se dizia que com a construção da primeira estrada de ferro — a Inglêsa — se tornaria urgente a criação de um centro geral para a compra e venda de comestíveis na cidade. Dentro de seu pátio se fincaram estacas para se amarrarem os animais que ali permanecessem durante as vendas. O segundo desenho simboliza o desenvolvimento do parque industrial paulistano, que começou a se esboçar no último quartel do século passado, embora só depois da primeira Grande Guerra tomasse maior impulso.

Gravuras 156 — Pág. 1135

Igreja e largo do Rosário (praça Antônio Prado) no comêço do século atual. A propósito vejam-se notas sôbre as Gravuras 100 e 154.

Gravura 157 — Pág. 1141

Ladeira General Carneiro e parte do mercado (que seria demolido em 1938-1939), no comêço do século atual. A propósito vejam-se notas sôbre as Gravuras 84 e as que abrem o capítulo "O Mercado e a Oficina".

Gravura 158 — Pág. 1147

Ladeira General Carneiro em fins do século passado, vendo-se à direita, no primeiro plano, a chamada Cascata do Palácio. A respeito da Ladeira General Carneiro em épocas anteriores vejam-se as notas sôbre as Gravuras 84 e as que abrem o capítulo "O Mercado e a Oficina."

Gravura 159 — Pág. 1153

O Mercadinho São João (de verduras) em 1915. Localizava-se no ponto em que esteve depois a estátua de Verdi, em frente ao antigo edifício da Delegacia Fiscal, e seria demolido em 1915-1917. A fotografia reproduzida foi tirada de ponto próximo à rua Formosa em direção à praça Antônio Prado.

Gravura 160 — Pág. 1159

Aspecto geral do mercado da rua 25 de Março, sôbre o qual veja-se nota relativa às gravuras que abrem o capítulo "O Mercado e a Oficina".

Gravura 161 — Pág. [illegible]

Depósito de [illegible] São Paulo [illegible]
em 1890. Edificado para mercado, foi logo em seguida transformado em depósito de carnes (em 1888), para aí sendo conduzidas as reses abatidas no matadouro da Vila Mariana, em carros especiais. Em 1904 o prédio foi reformado passando a ser a sede do Teatro Colombo e mais tarde do Teatro São Paulo.

Gravura 162 — Pág. 1171

Tenda de ervas e passarinhos de Pai Inácio, no Mercado velho, no começo do século atual. Os ervanários expunham suas mercadorias — observou F. C. Hoehne — em meias-águas de telha e zinco, com uma espécie de porta formada por amarrados de ervas e cêstos com sementes. "Da coberta pendiam ressequidos ramos ou feixes de cipó em mistura com estorricadas peles de cobras, jacarés, lagartos, tatus e molhos de cebola."

Gravura 163 — Pág. 1171

Convento e igrejas do Carmo e da Ordem Terceira do Carmo no começo do século atual, vendo-se ao centro da fotografia um quiosque. Êsses estabelecimentos surgiram em quantidade na cidade nas últimas décadas do século passado. Montavam-se no centro ou nos bairros, procurando sobretudo os largos, a vizinhança das pontes e das estações, as proximidades dos mercados. Eram feitos de madeira, e alguns providos de pequenas rodas que facilitavam o seu deslocamento de um ponto para outro. Vendiam café com leite, refrescos, cigarros e charutos, fumo de corda, balas, jornais e bilhetes de loteria.

Gravura 164 — Pág. 1183

Aspecto da rua da Imperatriz (15 de Novembro) em 1887, época em que aí se localizavam muitas das principais lojas elegantes da cidade. A propósito dessa rua em épocas anteriores, vejam-se notas sôbre as Gravuras 61, 71, 119 e 138.

Gravuras que abrem o capítulo "O Caminho da Salubridade" — Pág. 1189

O primeiro desenho fixa a várzea do Tamanduateí, a propósito da qual vejam-se referências nas notas sôbre as Gravuras 90, 141 e 145. O segundo desenho mostra um cavalariano rondando os subúrbios. O aumento da população da cidade em consequência da imigração e da concentração pelo desenvolvimento industrial, em fins do século passado, tornou necessária a ampliação dos efetivos encarregados do seu policiamento. Enquanto o Corpo Policial Permanente se incumbia da ronda de certas freguesias, os cavalarianos do Exército cuidavam do patrulhamento das áreas suburbanas.

Gravura 165 — Pág. 1197

Edifício do quartel da Guarda Cívica, na Tabatingüera, em 1907. A edificação primitiva, aí existente, foi sede da chácara do Fonseca, até 1850, em seguida do Seminário das Educandas de Santana e das

Educandas da Glória e depois do Hospício de Alienados, até 1903. A partir de 1906 — depois de obras de adaptação — aquartelamento da tropa federal.

Gravura 166 — Pág. 1201

Edifício do Asilo de Mendicidade da Santa Casa de Misericórdia, na rua da Glória, no começo do século atual. No mesmo local (proximidades da rua dos Estudantes) havia funcionado, de 1840 a 1884, o antigo Hospital da Misericórdia.

Gravura 167 — Pág. 1207

Edifício do chamado Quartel de Linha, na rua Onze de Agôsto, em fotografia de 1914. Sua construção fôra iniciada em 1775 pelo governador Martim Lopes e concluida parcialmente, em 1790, pelo governador Lorena, ficando terminada em tôrno de 1810. Teve por primeiro ocupante o Corpo de Voluntários Reais. Em 1887 já se encontrava o edifício em estado ruinoso, e sua demolição ocorreu em 1915.

Gravuras que abrem o capítulo "Dança, Jôgo e Esporte" — Pág. 1215

O futebol — introduzido em São Paulo por Charles Miller — começou a ser praticado em tôrno de 1888, por inglêses residentes na cidade, nas várzeas próximas às ruas do Gasometro e de Santa Rosa. Aproximadamente em 1898 fundaram-se clubes de brasileiros para sua prática: o Internacional e o dos estudantes do Mackenzie. O segundo desenho fixa um aspecto das velhas danças de salão. As reuniões dançantes — além de atividades artísticas — representaram o objetivo de muitas das sociedades e clubes que se fundaram em São Paulo nas últimas décadas do século passado, reuniões que por certo deixavam a perder de vista as provincianas "partidas" da Concórdia Paulistana, em meados do século, quando Álvares de Azevedo se queixava que os bailes paulistanos acabavam melancòlicamente à meia-noite.

Gravura 168 — Pág. 1219

Igreja do Colégio em 1896, pouco antes de ser demolida. A propósito dêsse templo, em épocas anteriores, veja-se nota sôbre a Gravura 58.

Gravura 169 — Pág. 1223

Essa obra de talha — velha relíquia da igreja do Colégio — encontra-se atualmente na capela do Santíssimo da igreja da Imaculada Conceição de Maria, à rua Jaguaribe.

Gravura 170 — Pág. 1227

Imagem notável pelo seu realismo, consta — segundo Leonardo Arroyo, em seu livro *Igrejas de São Paulo* — que figurava no altar-mor da antiga igreja do Colégio, achando-se hoje no templo da Boa Morte, à rua do Carmo.

Gravura 171 — P[illegible]

Perspectiva [illegible] do antigo m[illegible] nos primeiros anos do século atual. A propósito do mosteiro dos Beneditinos em épocas anteriores vejam-se notas sôbre as gravuras que abrem o capítulo "A Rótula sôbre a Taipa", e sôbre as Gravuras 49 e 94.

Gravura 172 — Pág. [illegible]

Praça da República em 1890, em fotografia tirada de ponto próximo à rua dos Timbiras, em direção à Barão de Itapetininga. Seria ajardinada no período 1902-1904. Veja-se nota sôbre as gravuras que abrem o capítulo "As Avenidas e as Árvores".

Gravura 173 — Pág. 1239

Rua 15 de Novembro no período 1896-1900. A propósito da antiga rua da Imperatriz, em outras épocas, vejam-se notas sôbre as Gravuras 61, 71, 119 e 138.

Gravura 174 — Pág. 1243

Local sujeito a inundações, na Tabatingüera. As águas atingiam os fundos das casas dessa via pública, no local em outros tempos ocupado por um braço do Tamanduateí. Fotografia reproduzida do álbum *A Capital Paulista*, 1920.

Gravura 175 — Pág. 1247

A Floresta e a Ponte Grande em 1905. A Chácara da Floresta era mencionada em um almanaque de 1885 como local de passeio e recreação, onde se faziam piqueniques junto aos parques de figueiras velhas e coqueiros. Em fins do século passado e comêço do atual duas sociedades de esportes náuticos haviam instalado suas sedes no local: o Clube de Regatas de São Paulo e o Clube Espéria, surgindo depois o Clube de Regatas Tietê.

Gravuras que abrem o capítulo "Em tôrno da Academia" — Pág. 1253

Em lugar das minguadas escolas de primeiras letras de outros tempos já funcionavam — em prédios como o que aparece no desenho — em 1908 dezoito Grupos Escolares e em 1913 vinte e cinco, na cidade de São Paulo. O segundo desenho mostra estudantes de *pince-nez*. "Mais de mil estudantes — observou um viajante em 1883 — tornam insegura a cidade" e no mínimo oitocentos dêles usavam óculos ou *pince-nez*, quase um distintivo de classe.

Gravura 176 — Pág. 1257

Face lateral da antiga igreja da Sé e comêço da rua Capitão Salomão aproximadamente em 1910. A propósito da igreja da Sé e da rua Capitão Salomão (antiga da Esperança), vejam-se notas sôbre as Gravuras 10, 57 e 99.

Gravura 177 — Pág. 1265

Edifício do Seminário Episcopal, na Luz, em 1905. Construido de taipa, em meados do século passado, por não haver ainda na cidade indústria de tijolos que pudesse fazer o fornecimento necessário, ficou concluido em 1855. O estabelecimento foi fundado pelo bispo D. Antônio Joaquim de Melo, e em 1862 já contava com 229 estudantes que aprendiam matemáticas, línguas, astronomia, física, retórica, filosofia, história universal, história sagrada e teologia.

Gravura 178 — Pág. 1273

Museu Paulista e Jardim do Ipiranga no comêço do século atual. As obras do edifício, iniciadas em 1885, foram executadas pelos engenheiros Luís Pucci e Tomás Bezzi, tendo sido o prédio inaugurado em 1895. O ajardinamento do local foi feito em 1907 pelo paisagista Arsênio Puttemans. Iniciaram-se as coleções do Museu Paulista com o material do velho museu da Sociedade Auxiliadora (1877) e com o de Sertório, ordenados cientificamente pelo engenheiro Loefgren. O desenho aqui reproduzido é do livro de Archibald Forrest *A tour through South America*, 1913.

Gravura 179 — Pág. 1279

Observatório do brigadeiro Couto de Magalhães, na Ponte Grande, em fins do século passado. Foi na penúltima década do século passado que o brigadeiro montou os telescópios na sua chácara das margens do Tietê. Foi o primeiro observatório astronômico da cidade.

Gravuras que abrem o capítulo "O Piano e a Ópera" — Pág. 1287

Recitativo com acompanhamento de piano. Nas últimas décadas do século passado, nas residências paulistanas de gente mais abastada, o piano era já coisa indispensável. A ponto de França Júnior, em um folhetim de 1875, ter escrito da cidade, em um desabafo: "És uma verdadeira Pianópolis..." O segundo desenho fixa um italiano tocador de sanfona. Os imigrantes peninsulares introduziram na existência de São Paulo muitas de suas melodias e de seus instrumentos musicais. A poética viola indígena — como observou Couto de Magalhães — começou a se refugiar nos arredores, combatida pela "prosaica e fúnebre sanfona".

Gravura 180 — Pág. 1291

Fotografia de 1918 em que aparece, à direita, no local em que agora se encontra o edifício da Light, o Teatro São José (o novo). Aí se exibiam as companhias líricas, as de operetas e as de revistas e comédias, francesas, italianas, espanholas e portuguêsas, no comêço do século atual.

Gravura 181 — Pág. 1297

Teatro Municipal de São Paulo (inaugurado em 1911) vendo-se no primeiro plano os fundos de casas da rua Formosa, e à esquerda o Viaduto do Chá e o Teatro São José. As obras de construção do Municipal, iniciadas em 1903, foram dirigidas pelos engenheiros Ra-

mos de Azevedo, [illegible] Rossi [illegible]
com o Municipal do Rio [illegible]
considerado, na época de sua inauguração, o edifício mais importante de todo o Estado de São Paulo.

Gravura 182 — Pág. 1305

O pátio do Colégio em 1895, antes da demolição da velha igrejinha dos Jesuitas. A propósito do local e do edifício da Secretaria da Fazenda, que aparece no fundo, à direita, vejam-se notas sôbre as Gravuras 13 e 136.

Gravura 183 — Pág. 1309

"Ponte da Tabatingüera", quadro de Almeida Júnior (Pinacoteca do Estado). Velhas casas de beiral, com escadas nos fundos, dando para o Tamanduateí, ao lado da ponte. José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) nasceu em Itu, estudou na Academia de Belas Artes do Rio e freqüentou depois a Escola de Belas Artes de Paris. Regressou a São Paulo em 1882, e em 1888 figurava como "retratista a óleo", com *atelier* na rua da Imperatriz (15 de Novembro), em um almanaque. Almeida Júnior pintou alguns painéis no teto da Sé antiga, e entre os seus trabalhos destaca-se a "Partida da Monção", existente no Museu Paulista.

Gravura que abre o apêndice "São Paulo de Agora" — Pág. 1315

O desenho fixa um aspecto moderno da cidade, com seus grandes blocos de arranha-céus. De há uns vinte anos aos dias de hoje a multiplicação dos grandes edifícios e ùltimamente a sua melhor arquitetura deram nova fisionomia à cidade.

Gravura 184 — Pág. 1317

Maqueta dos monumentais edifícios Copan, que estão sendo construídos na esquina da Avenida Ipiranga com a rua São Luís.

Gravura 185 — Pág. 1321

Apesar do deslocamento das grandes casas comerciais para a zona além-Viaduto do Chá, as velhas ruas do Triângulo paulistano — Quinze de Novembro, Direita e São Bento — ostentam ainda uma vitalidade que se traduz em aspectos como o que a fotografia registra: a movimentação impressionante de grandes massas de pedestres.

Gravura 186 — Pág. 1325

Aspecto da Avenida Ipiranga, uma das mais modernas e características do centro da cidade. De acôrdo com o Plano de Avenidas encomendado por Pires do Rio ao engenheiro Prestes Maia, pouco antes de 1930, abriu-se a Avenida Ipiranga, continuada pelas ruas São Luís, Maria Paula, praça João Mendes, rua Anita Garibaldi, praça Clovis Bevilaqua e ladeira do Carmo, ruas Senador Queiroz, Mercúrio e Santa Rosa.

Gravura fora de texto — Entre págs. 1326 e 1327

Feição monumental da parte central da cidade de São Paulo em nossos dias, com seus grandes blocos de arranha-céus. Sabe-se que em 1911-1913 a própria municipalidade paulistana procurou promover o crescimento urbano no sentido vertical, criando obstáculos à abertura de novas ruas. Os primeiros arranha-céus de São Paulo (segundo observação de 1929) eram artisticamente pobres, mas muitos dentre os atuais revelam a influência das mais modernas correntes arquitetônicas.

Gravura [illegible] — Pág. 1329

Parte central da cidade vista do grande Parque Pedro Segundo. No comêço do século atual, depois de novas obras de regularização do leito do Tamanduateí e da arborização de suas margens, o local mostrava já aspecto bastante diferente do que ostentava no passado. Mas o ajardinamento da Várzea só foi feito depois que em 1910-1911 o assunto foi abordado no plano de Vitor da Silva Freire encaminhado ao govêrno do Estado por Antônio Prado, ao deixar a Prefeitura.

Gravura 188 — Pág. 1333

Parte da área central da cidade em que aparecem o Parque Anhangabaú e o novo Viaduto do Chá. A idéia de remodelação do Parque Anhangabaú foi exposta em 1930 pelo engenheiro Prestes Maia: "Transformar todo o trecho do vale entre os viadutos de Santa Ifigênia e de São Francisco numa só praça de aspecto diferente de tudo o que possuem as outras cidades." O novo Viaduto do Chá — inaugurado em 1936 — transpõe o vale do Anhagabaú com um arco central medindo 66 metros e dois vãos laterais com 17,5 metros cada um. Largura de 25 metros.

Gravura 189 — Pág. 1337

Aspecto do Vale do Anhangabaú, com a passagem subterrânea e o Viaduto do Chá, aparecendo, entre outros edifícios, o dos Correios e Telégrafos, à direita, o arranha-céu do C. B. I. e à esquerda o edifício Matarazzo. A propósito do parque Anhangabaú e do viaduto do Chá veja-se a nota anterior, relativa à Gravura 188.

Gravura 190 — Pág. 1341

Foi em 1934-1935 que se começou a abertura do Túnel Nove de Julho, que ostenta fachada monumental e conta duas vias laterais, cada uma com nove metros e meio de largura. Leva a radial Nove de Julho — escreveu o engenheiro Prestes Maia — trinta metros sob o espigão da Avenida Paulista até os novos e aristocráticos bairros do Pinheiros, medindo 460 metros de comprimento.

Gravura 191 — Pág. 1345

Aspecto da monumental Ponte das Bandeiras, edificada quase no mesmo local da antiga Ponte Grande, no Tietê, com três vãos, tendo cento e vinte metros de comprimento e trinta e três de largura.

Gravura 192 [illegible]

Fotografia [illegible] de São Paulo. Êsse desenvolvimento, que se esboçara de fins século passado [illegible] em seguida, até [illegible] nantes e conferindo à cidade um caráter cada vez mais definido d metrópole industrial.

Gravura 193 — Pág. [illegible]

O Hospital das Clínicas, projetado pelos professores Rezende Puech e Souza Campos, foi inaugurado em 1944: edifício de onze andares e cêrca de mil e seiscentas dependências, cujo plano de construção obedeceu a um critério de alto rendimento racional e científico. Sua função: prestar assistência médica a indigentes, servir de campo para instrução de estudantes, médicos, enfermeiros, proporcionar meios para o desenvolvimento de pesquisas científicas e contribuir para a educação sanitária do povo. Junto ao primeiro edifício foi construido recentemente o destinado às Clínicas Ortopédica e Traumatológica.

Gravura 194 — Pág. 1357

Maqueta da Catedral da Sé. Em estilo gótico, segundo projeto de autoria do arquiteto Max Hehl, professor de Arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo, sua construção foi iniciada a 16 de junho de 1912. Medirá 112 metros de comprimento e 47 de largura, podendo abrigar cêrca de oito mil pessoas. Será um dos poucos templos, em todo o mundo, totalmente construido de granito.

Gravura 195 — Pág. 1361

A igreja de Nossa Senhora da Paz, iniciativa da ordem religiosa de São Carlos Borromeu, foi construida de cimento armado, de forma idêntica à posta em prática para edificação de arranha-céus. As pinturas que ornam a sua capela-mor, a sua capela do Santíssimo e o colossal afresco do Juizo Universal, na parede superior à porta de entrada, estiveram a cargo do pintor Fúlvio Penacchi.

Gravura 196 — Pág. 1365

Compreendendo uma área de 75.598 metros quadrados, o Estádio do Pacaembu foi construido em terreno com a conformação de uma bacia ou "thalweg", que se prestou, pelos seus perfis, para o assentamento das grandes arquibancadas, aproveitando-se em parte os declives naturais. O campo central de esportes, circundado por uma pista de 500 metros longitudinais por 8 de largura, tem a forma de um retângulo com 120 x 80 metros. Quanto à disposição de seu conjunto, apresenta-se como Estádio Municipal no gênero dos existentes na Alemanha.

Gravura 197 — Pág. 1369

Para substituir o velho hipódromo da Mooca, edificou-se em Cidade Jardim o novo Hipódromo Paulistano, com arquibancadas de concreto, em estilo moderno e elegante, e pistas de areia e de grama.

Gravura fora do texto — Entre as págs. 1370 e 1371

Vista aérea do parque Anhangabaú e parte da área central da cidade. No primeiro plano a praça das Bandeiras, ponto de confluência do Y formado pelo tronco (Avenida Anhangabaú) e as duas hastes (avenidas Nove de Julho, à esquerda e Itororó, à direita), aparecendo ainda na fotografia, além dos maiores edifícios paulistanos, os viadutos do Chá e de Santa Ifigênia.

Gravura 198 — Pág. 1373

Foi em 1936 que se cogitou da construção de um edifício especialmente destinado para funcionamento da Biblioteca Municipal, que desde sua fundação, em 1925, estava estabelecida em prédio acanhado da rua Sete de Abril. Os planos e a execução do novo edifício obedeceram aos preceitos da arquitetura funcional, assegurando-se inclusive o silêncio do local — na área compreendida entre as ruas São Luís, Bráulio Gomes e Consolação — com a construção distando dez a vinte metros do alinhamento das ruas e circundada de jardins, como se vê na fotografia. Tôda a tôrre, com exclusão dos dois últimos andares, é ocupada para depósito de livros, revistas e jornais.

Gravura 199 — Pág. 1377

Monumento de grandes proporções, na entrada do Parque Ibirapuera, e cuja execução foi confiada ao escultor Vitor Brecheret. Tem cinqüenta metros de comprimento, quinze de largura e nove de altura, em rampa, sendo de cinco metros o tamanho médio das figuras de bandeirantes e chefes índios. Todo o monumento é constituido de blocos superpostos de granito, de vinte a vinte e cinco toneladas.

Gravura 200 — Pág. 1383

O Brasão de Armas da Cidade e Município de São Paulo, de iniciativa de Washington Luís quando Prefeito da cidade, e de autoria de Guilherme de Almeida e José Wasth Rodrigues, foi instituido por ato municipal de 8 de março de 1917. O braço de prata enfeixa na mão uma bandeira, uma alabarda em campo vermelho e o listão com a divisa: Non Ducor Duco.

Gravura fora do texto — Depois da pág.

Planta Turística da Cidade de São Paulo, organizada pela Comissão do IV Centenário e executada pelo desenhista Paulo Amaral. Estão aí indicados todos os pontos e recantos interessantes e pitorescos da metrópole paulista, seus bairros, seus edifícios principais e suas artérias de maior importância. O Brasão de Armas foi reproduzido segundo as côres originais.

ÍNDICE DE ASSUNTOS E DE LUGARES

[illegible] ÁGUA

ADUTORAS — 110[illegible], [illegible] 135[illegible].
ÁGUA DE RIOS E RIBEIROS — 200, 278, 279, 28[illegible] [illegible] 663, 1092, 1431.
AQUEDUTOS PRIMITIVOS — 279.
BICAS
[illegible], do — 284, 289, [illegible] 1444.
Baixo, de — 1121.
Gaio, do — 1121.
Miguel Carlos, do — 290, 661.
CARROÇAS-PIPAS — 241, 611, 629, 650, 655, 667, 749, 1121, 1445, 1461.
CASAS DE BANHO — 452, 1106, 1107, 1116, 1123, 1149, 1461.
CHAFARIZES — 67, 283, 992, 1106, 1118, 1122, 1123, 1124, 1127, 1430.
Jardim da Luz, do — 664, 995, 1121, 1122.
Largo da Concórdia, do — 1144.
Largo de São Bento, do — 664, 1122.
Largo de São Gonçalo, do — 664, 1118.
Largo do Carmo, do — 1118, 1124.
Largo do Pelourinho, do — 664, 1122.
Largo do Rosário, do — 1019, 1118, 1119, 1124, 1461.
Largo Guaianases, do — 1122, 1125, 1462.
Liberdade, da — 653, 657.
Miguel Carlos, de — 290, 650, 659, 660, 661, 1445.
Misericórdia, da — 278, 285, 286, 287, 288, 353, 645, 650, 663, 664, 668, 1007, 1127, 1430, 1445, 1444.
[illegible] 658, 1059, 1121, 1438, 1444, 1461.
[illegible]
São Francisco, de — 287, 288, 659.
Desmantêlo dos chafarizes — 288, 626, 629, 650, 653, 992, 1118, 1121.
Encanamentos — 67, 629, 654, 657, 658, 660, 663, 664, 667, 1437.
ESCASSEZ DE ÁGUA — 287, 288, 654, 655, 657, 658, 663, 664, 667, 668, 1106, 1121, 1122, 1123, 1127, 1128.
ESGOTOS — 67, 452, 523, 524, 1106, 1109, 1122, 1123, 1124, 1193, 1194.
FONTES NATURAIS — 278, 279, 281, 1123, 1431.
Chá, do — 657.
Ingleses, dos — 657, 1121.
Moringuinho, do — 657, 1030, 1121.
Santa Luzia, de — 1029.
Aglomerações nas fontes — 279, 280, 281, 288.
IMPUREZA DAS ÁGUAS — 284, 288, 289, 342, 350, 353, 629, 653, 654, 1121, 1127.
RESERVATÓRIOS — 286, 287, 663 664, 1106, 1109, 1122, 1127, 1149.
Água Branca, da 1128.
Araçá, do — 1128.
Avenida, da — 1128.
Belenzinho, do — 1128.
Consolação, da — 1122, 1127.

Rua do Príncipe, da — 286, 287, 663, 664.
Vila Mariana, da — 1128.
SÉCULO ATUAL, NO — 1109, 1127, 1128, 1355, 1356.
TANQUES
Arouche, do — 814.
Matadouro, do — 654, 781.
Municipal — 654, 664.
Reuno ou do Bexiga — 205, 283, 288, 289, 615, 653, 654, 738, 995 1121, 1444, 1448.
Santa Teresa, de — 165, 278, 283, 285, 287, 654, 664.
São Francisco, de — 278, 280, 285.
Teobaldo, do — 247.
Zunega, do — 178, 247. 289, 657, 659, 1089.
VERTENTES DE ABASTECIMENTO — 654, 658, 664, 667, 1092, 1106, 1122, 1127, 1128.

ALIMENTOS E BEBIDAS

ASPECTOS GERAIS
Carência de gêneros
Atravessadores — 255, 265, 266, 626, 630.
No oitocentismo — 269, 270, 625, 626, 629, 630.
Nos tempos coloniais — 254, 265, 266, 267, 625.
Dieta dominante no oitocentismo — 270, 630, 623, 1111.
Fartura de gêneros alimentícios — 49, 255, 268, 269, 629.
Horário de refeições no oitocentismo — 631, 1111.
Influência francesa — 65.
Influência indígena
Consumo de raizes, frutas selvagens e bichos — 41, 253, 255, 258, 259, 262, 273, 351, 626, 636.
Maneira de cozinhar dos índios — 253, 259, 1430.
Sauva torrada — 41, 273, 274, 275, 626, 638, 1137.
Influência italiana — 59, 1106, 1112, 1115.
Consumo de massas — 59, 1106, 1115, 1180. 1355.
Paralelo com outras regiões do Brasil — 36, 37, 253.
CONSUMO DE ALIMENTOS
Angu de fubá ou farinha — 254, 259, 269, 270.
Arroz — 262, 269, 304, 629, 631, 635, 1110, 1115, 1352.
Batata — 1110, 1352, 1355.
Canjica — 254, 259, 262, 273, 1341.
Carência de sal — 254, 259, 273.
Carne — 253, 255, 256, 257, 265, 269, 270, 274, 294, 304, 307, 308, 342, 626, 629, 631, 632, 635, 637, 673, 693, 1105, 1109, 1144, 1355.
Doces — 626, 631, 635, 638, 673, 693, 820, 829, 874.
Feijão — 254, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 304, 629, 631, 635, 737, 1110, 1352.
Frutas — 202, 233, 255, 263, 275, 276, 571, 575, 576, 626, 635, 637, 638, 1066, 1111, 1112, 1144, 1256, 1352.
Leite — 268, 270, 304, 635, 1066, 1112, 1144, 1155, 1259, 1352, 1355.
Manteiga — 270, 635, 1066, 1112, 1155, 1355.
Ovos — 635, 1111, 1144.
Pão — 33, 59, 261, 262, 267, 270, 626, 631, 635, 639, 1155, 1352, 1355.
Trigo — 33, 185, 186, 254, 257, 260, 261, 262, 267, 639.
Peixes de mar — 258, 626, 637, 1105, 1106, 1110, 1111, 1131, 1132, 1139, 1259, 1355.
Peixes de rio — 73, 254, 257, 258, 271, 272, 300, 303, 306, 626, 636, 637, 683, 685, 1028, 1086, 1110, 1352.
Produtos da caça — 41, 198, 202, 254, 257, 258, 259, 271, 272, 273, 556, 568, 571, 626, 636, 1028, 1110.
Queijo — 270, 673, 1112, 1115, 1355.
Quitutes — 175, 273, 275, 300, 626,

631, 638, [illegible] 1112, 1146.
Toicinho [illegible]
308, 629, 630.
Verduras — 2[illegible], [illegible], 274, 575, 631, 1066, 1115, 1143, 1144, 1352.
Zona hortense — 1344, 1351, 1352.
CONSUMO DE BEBIDAS
Aguardente — 264, 267, 276, 339, 626, 643, 644, 673, 716, 749, 803, 1117.
Café — 202, 233, 277, 820, 829 1112, 1155, 1355.
Caramuru — 626, 649.
Cerveja — 277, 626, 649, 690, 712, 717, 1106, 1117, 1174, 1176, 1262.
Chá — 277, 500, 571, 575, 576, 626, 631, 635, 639, 640, 641, 643, 673, 709, 820, 1111, 1112, 1355, 1435.
Chocolate — 829.
Garapa — 626, 644, 647, 1140, 1443.
Gengibirra — 626, 649.
Licores — 673, 710, 711, 712, 717, 1162, 1170 1174, 1176.
Refrescos — 829, 1117, 1155, 1174.
Vinhos — 185, 263, 276, 294, 295, 644, 647, 648, 673, 697, 709, 1106, 1115, 1116, 1117, 1170, 1262, 1431.
Espanhois — 626, 647, 1116.
Estrangeiros em geral — 276, 1106, 1116, 1117, 1123, 1162.
Portugueses — 264, 626, 647, 648, 1116.

ARTES PLÁSTICAS

ASPECTOS GERAIS
Baixo nivel artístico no oitocentismo — 422, 429, 1311, 1312.
Museus de Arte — 1380.
Pinacoteca do Estado — 1289, 1305, 1312, 1379.
Século atual, no — 1380, 1469.
DESENHO E PINTURA
Desenhistas
[illegible]
[illegible]
[illegible] 1455.
[illegible]
424.
Pintores — 123, 124, [illegible], 1469.
Almeida Júnior — 1289, [illegible], 1311, 1312, 1379, 1467.
Borges, Pedro Alexandrino — 1289, 1311.
[illegible] — 429.
Silva, Oscar Pereira da — 1312.
Quadros de assuntos religiosos — 423, 864, 1455, 1469.
Quadros seiscentistas — 421, 422, 423.
DOURAÇÃO E ENTALHE — 123, 124, 422, 429.
ESCULTURA
Monumentos — 1377, 1380, 1381, 1470.

ASSISTÊNCIA

ASSISTÊNCIA SOCIAL
Asilo de Mendicidade — 1199, 1201.
Entidades de beneficência — 725, 737, 738, 1190, 1191, 1199, 1200.
Esmolas — 341, 725, 736, 737, 739, 938, 1199, 1226, 1308.
Roda dos Enjeitados — 49, 50, 349, 351, 725, 737, 1432, 1433.
Santa Casa de Misericórdia — 49, 50, 341, 342, 343, 725, 736, 1195.
Século atual, no — 1363.
ASSISTÊNCIA MÉDICA
Doenças e Epidemias
Bexigas — 219, 329, 330, 332, 334, 337, 338, 339, 340, 344, 347, 626, 630, 724, 728, 729, 730, 782, 1189, 1191, 1192, 1360.
Fiscalização de entrada de negros — 334, 337, 338.
Doenças de negros — 353.
Febres — 330, 347, 348, 724,

730, 733, 1190, 1192, [illegible].
1360.
Icterícias — 330, 341.
Lepra — 266, 330, 331, 341, 724, 733, 734, 1191, 1192.
Moléstias endêmicas — 42, 339, 344, 347.
Moléstias da pele — 347, 348.
Reumatismo — 347, 348, 349.

Higiene e Salubridade

Condições de higiene pública — 330, 342, 344, 349, 521, 537, 559, 614, 631, 632, 667, 715, 723, 724, 725, 726, 728, 733, 1086, 1109, 1124, 1127, 1190, 1192, 1193, 1360.
Domicílios insalubres — 1109, 1124, 1190, 1193, 1194, 1360.
Fatores de insalubridade no oitocentismo — 42, 330, 345, 349, 350, 353, 455, 559, 614, 632, 667, 723, 724, 726, 727, 728, 731, 733, 1086, 1124, 1127, 1190, 1192, 1193, 1432.
Focos de infecção — 330, 342, 349, 350, 353, 1193.
Salubridade natural — 350, 723, 725, 726, 1190, 1432.

Hospitais e enfermarias

Combate à tuberculose — 1190, 1196.
Hospício de alienados — 564, 724, 734, 1190, 1196, 1197, 1199, 1226, 1458, 1464.
Hospitais
Hospital das Clínicas — 1353, 1363, 1469.
Hospital de Isolamento — 1190, 1196.
Isolamento dos bexiguentos — 334, 337, 338, 339, 340.
Lazareto — 344, 348, 724, 733, 734, 1195.
Maternidade de São Paulo — 1190, 1196.
Oitocentistas — 173, 344, 348, 349, 584, 724, 730, 733, 734, 735, 814, 864.
Policlínica de São Paulo — 1190, 1196.
Primitivos — 331, 332, 342.
Século atual, no — 1360, 1363.
Setecentistas — 125, 126, 131, 342, 343.

Medicamentos

Cachaça — 264, 339.
Caseiros — 64, 263, 339, 340, 347, 736.
Erva de bicho — 353.
Ingleses — 63, 64.
Plantas medicinais — 264, 347, 729, 736.
Vacinação — 330, 344, 347, 348, 349, 724, 728.
Contra bexigas — 338, 339, 340, 728, 729.
Vinho — 264.

Médicos e farmacêuticos

Benzedeiros e curandeiros — 329, 331, 347.
Drogaria e laboratórios — 344, 348, 1164.
Farmacêuticos — 316, 317, 318, 347, 348, 667, 735, 824, 1164.
Jesuítas como médicos e enfermeiros — 329, 330, 331.
Médicos — 343, 344, 347, 724, 735.
Primeiros médicos — 329, 331.

BAIRROS E SUBÚRBIOS

Aclimação — 1249.
Acu — 160, 205, 305, 525, 556, 568, 619, 726, 1019, 1079, 1132, 1143, 1153.
Água Branca — 230, 315, 576, 741, 956, 984, 1021, 1027, 1031, 1032, 1092, 1175, 1181.
Agua Rasa — 1435.
Anastácio — 571.
Anhangabau — 201.
Arcçá — 276, 1109.
Areal — 194, 741.
Aricanduva — 193.
Baixada do Buracão — 283, 304, 685, 784, 868.
Barra Funda — 576, 577, 1027,

1029, 1031, [illegible]
1092, 1175, 1181, 1209, 1295.
Barro Branco — 31 [illegible]
Bela Vista — 276, 1021, 1076 [illegible]
1256, 1324.
Belenzinho — 583, [illegible]
1116, 1181, 1344.
Bexiga — 49, 306, 315, 521, 571, 582, 583, 738, 829, 907, 956, 1030, 1031, 1039, 1140, 1174, 1209, 1323, 1324, 1444, 1448.
Bom Retiro — 474, 576, 717, 956, 970, 984, 1026, 1027, 1029, 1032, 1035, 1040, 1076, 1092, 1181, 1193, 1209, 1242, 1324, 1344.
Brás — 199, 201, 202, 233, 536, 546, 556, 564, 567, 568, 569, 572, 575, 576, 577, 636, 642, 711, 712, 730, 731, 733, 774, 817, 818, 836, 855, 901, 907, 956, 963, 984, 987, 1026, 1027, 1031, 1032, 1035, 1039, 1050, 1062, 1070, 1074, 1090, 1091, 1095, 1134, 1181, 1185, 1194, 1209, 1210, 1233, 1234, 1238, 1259, 1271, 1295, 1303, 1324, 1441, 1442, 1447, 1458.
Butantã — 184, 185.
Caaguaçu — 170, 189, 193, 217
Cambuci — 576, 583, 615, 793, 829, 867, 925, 956, 1027, 1032, 1039, 1090, 1181, 1194.
Campo Redondo — V. Campos Elíseos
Campos Elíseos — 568, 576, 642, 792, 921, 925, 947, 948, 1028, 1031, 1042, 1074, 1091, 1176, 1209, 1210, 1238, 1425, 1454.
Canindé — 1041, 1323, 1324.
Cantareira — 193, 1316, 1340, 1352, 1364.
Carandiru — 1041.
Carapicuiba — 185, 214, 230.
Carmo — 563, 1041.
Casa Verde — 1029, 1030, 1092, 1111.
Catumbi — 1175.
Chá — 202, 556, 559, 568, 640, 643, 907, 921, 1099, 1170, 1435, 1454.
Cidade Nova — 170, 177, 230, 560, 654, 1435.
Consolação — 560, 57[illegible]
[illegible]
1039, 1042, 1073, 1074, [illegible]
1092, 1106, 1109, 1118, 11[illegible]
1245, 1264, 1283, 1324, 14[illegible]
1459.
[illegible] 185, 237, [illegible]
1352, 1428, 1431.
[illegible]
Embuaçava — 184, 193, 201, 214, 218.
Estrada Vergueiro — 568, 921, [illegible]
[illegible]
Glória — 344, 349, 549, 577, 1026, 1036, 1039, 1110, 1450.
[illegible]
[illegible]
Guarulhos — 49, 185, 213, 630, 829, 1145, 1352.
[illegible]
984, 1027, 1045, 1091, 1323, 1324, 1340.
Humaitá — 616, 1105.
Ibatuia — 214.
Ibirapuera — 184, 185, 214, 333, 1377, 1381.
Ipiranga — 184, 185, 189, 194, 201, 214, 224, 588, 829, 956, 987, 1011, 1021, 1027, 1030, 1032, 1036, 1053, 1055, 1075, 1092, 1112, 1181, 1211, 1380, 1442, 1446.
Itapecerica — 49, 218, 1140, 1145, 1195, 1250.
Itaquaquecetuba — 185.
Itaquera — 1237.
Jaraguá — 193, 195, 218.
Jardim América — 276, 951, 964, 1046, 1323, 1324, 1332, 1340.
Jardim Europa — 1046, 1340.
Jardim Paulista — 1046, 1340.
Jeribatiba — 1092.
Juquerí — 185, 237, 304, 308, 312, 313, 583, 1199, 1428, 1431.
Lapa — 956, 984, 1021, 1031, 1032, 1092, 1181, 1211, 1339, 1427.
Lavapés — 338, 509, 582, 608, 1036, 1070, 1092, 1117, 1456, 1459.
Lavras Velhas — 213.

Liberdade — 283, 366, 576, 921, 1027, 1030, 1042, 1238, 1343.
Luz — 109, 174, 186, 194, 201, 214, 286, 305, 306, 315, 317, 365, 386, 496, 536, 537, 571, 582, 591, 611, 613, 619, 734, 755, 759, 783, 802, 1026, 1032, 1035, 1041, 1047, 1049, 1073, 1092, 1106, 1122, 1170, 1181, 1238, 1259, 1265, 1466.
Mandaqui — 185.
Marco da Meia Legua — 194, 710, 963, 1032, 1035, 1117, 1226, 1259.
Moinho — 741.
Moinho Velho — 337.
Monjolinho — 583.
Mooca — 170, 205, 234, 478, 568, 576, 607, 802, 803, 907, 908, 1027, 1030, 1032, 1050, 1069, 1074, 1090, 1091, 1092, 1181, 1185, 1209, 1230, 1323, 1324, 1344, 1371.
Morro da Fôrca — 373, 1175, 1311.
Morro Vermelho — 608.
Morumbí — 641.
Nossa Senhora das Mercês — 193.
Nossa Senhora do Ó — 49, 111, 193, 276, 339, 359, 372, 591, 602, 636, 644, 829, 1053, 1082, 1139, 1442.
Osasco — 1186, 1344.
Pacaembu — 218, 339, 642, 1031, 1323, 1324, 1340, 1365.
Paraíso — 577, 741, 1089, 1140.
Parí — 170, 193, 201, 205, 213, 214, 233, 258, 271, 568, 576, 615, 682, 1032, 1041, 1062, 1090, 1091, 1116, 1181, 1209, 1324.
Parnaiba — 82, 138, 185, 225, 241, 266, 396, 1145.
Penha — 170, 193, 194, 213, 233, 246, 312, 339, 359, 372, 387, 564, 567, 583, 606, 642, 649, 690, 699, 802, 829, 855, 907, 1021, 1027, 1045, 1053, 1055, 1076, 1116, 1211, 1233, 1339, 1344, 1347, 1363.
Perdizes — 247, 647, 1031, 1075.
Piaçaguera — 213, 214.
Pinheiros — 77, 151, 184, 185, 193, 194, 201, 214, 218, 230, 248, 358, 602, 741, 781, 829, 1046, 1092, 1211, 1249, 1250.
Piques — 151, 201, 205, 230, 245, 289, 507, 556, 568, 571, 598, 601, 654, 698, 711, 726, 1053, 1056, 1070, 1336, 1436, 1440, 1449.
Piquirí — 184, 213, 214.
Pirajuçara — 193, 201.
Pirapora — 829, 1226.
Pólvora — 550, 653.
Ponte Grande — 907, 1011, 1040, 1080, 1111, 1210, 1226, 1247, 1249, 1255, 1259, 1268, 1279, 1283, 1335, 1347, 1460, 1465.
Quatro Cantos — 1118.
Quebra-Bunda — 550.
Quitauna — 185.
Samambatiba — 184.
Santa Cecília — 560, 929, 980, 1074, 1091, 1209, 1324.
Santa Ifigênia — 145, 198, 205, 248, 348, 512, 515, 560, 571, 576, 597, 602, 620, 636, 712, 726, 782, 835, 836, 855, 868, 921, 995, 1019, 1027, 1035, 1039, 1042, 1091, 1092, 1095, 1168, 1210, 1238, 1263, 1324, 1343, 1344, 1443.
Santana — 193, 194, 272, 359, 602, 829, 1026, 1036, 1080, 1092, 1110, 1112, 1211, 1460.
Santo Amaro — 49, 166, 184, 185, 193, 214, 217, 245, 285, 299, 359, 601, 640, 736, 829, 882, 1075, 1109, 1110, 1140, 1145, 1195, 1250, 1316, 1339, 1356, 1364, 1414.
Santo André — 1186
Santo André da Borda do Campo — 71, 72, 73, 151, 193, 211.
São Bernardo — 170, 193, 274, 359, 588, 591, 611, 642, 705, 855, 1026, 1036, 1053, 1055, 1085, 1110, 1442.
São Caetano — 193, 1026, 1036, 1110.
São Gonçalo — 166.
São Miguel — 77, 185, 193, 213, 705.

Saracura — 1092.
Sé — 515, 597, [illegible] 836, 1039, 1343, [illegible]
Tabatinguera — [illegible] 205, 214, 338, 366, 387, 536, 829, 1197, 1199, 1243, 1456, 1463, 1465.
Taipas — 218, 583.
Tatuapé — 193, 201, 202, 246, 312, 564, 583, 829, 1092, 1175, 1363.
Tejuguaçu — 214.
Tremembé — 185, 193, 641.
Triângulo — 710, 911, 968, 1016, 1021, 1027, 1132, 1156, 1167, 1168, 1169, 1315, 1335, 1445, 1467.
Ururaí — V. São Miguel.
Várzea do Carmo — 36, 166, 198, 200, 212, 213, 241, 345, 349, 350, 386, 563, 567, 568, 608, 614, 615, 727, 920, 1007, 1080, 1087, 1090, 1095, 1242, 1432, 1459.
Vila Buarque — 478, 576, 921, 947, 948, 1027, 1031, 1091, 1194, 1238.
Vila Cerqueira Cesar — 1045.
Vila Maria — 1211.
Vila Mariana — 792, 963, 1042, 1065, 1074, 1075, 1105, 1109, 1463.
Vila Prudente — 1181, 1182, 1211.

CASAS — HABITAÇÕES

CONSTRUTORES
Arquitetos italianos — 60, 918, 921, 930, 943, 951.
Construtores primitivos — 99, 100, 103, 110, 111, 126.
Mestres-de-obra estrangeiros — 60, 918.
EDIFÍCIOS PÚBLICOS — 125, 130, 131, 136, 934, 935, 943, 944, 1004, 1016, 1218, 1327, 1434, 1436.
Casa da Câmara e Cadeia — 103, 105, 107, 110, 118, 120, 130, 153, 157, 201, 541, 7?7, 934, 935, 973, 991, 1020, 1436, 1448, 1454, 1455, 1457.
ILUMINAÇÃO DAS CASAS
Azeite, a — 117, 143, 144, 178, 499, 500, 746, 852, 959.
Eletricidade, a — 959, 960.
Gás, a — 959, 960.
[illegible], no — 143, 499, [illegible] 959.
Querosene, a — 959.
Vela de cera, a — 117, 149, 500, 959.
Vela de sebo, a — 500, 959.
ÍNDICE DE CONSTRUÇÕES
Oitocentismo, no — 466, 920, 922.
Século atual, no — 912, 1320, 1323.
JARDINS E QUINTAIS
Flores — 919, 960, 964, 1008, 1331, 1332.
Jardins — 66, 144, 145, 466, 496, 499, 919, 921, 939, 951, 960, 963, 964, 1015, 1331, 1332.
Pátios internos e quintais — 66, 116, 144, 145, 186, 466, 469, 470, 479, 496, 512, 571.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Alicerces de pedra — 138, 473.
Carência de pedra — 117, 118, 120.
Palha aguarirana ou sapé — 99, 100, 103, 104, 110, 178, 568, 919.
Pau-a-pique — 99, 100, 103, 118, 129, 1426.
Taipa — 78, 99, 100, 104, 105, 106, 109, 110, 117, 118, 120, 125, 126, 129, 131, 132, 135, 138, 435, 465, 469, 470, 471, 473, 474, 478, 479, 511, 512.
Telhas — 99, 100, 104, 105, 106, 110, 125, 126, 135, 469, 473, 474, 504, 577.
Tijolos — 473, 576.
MOBILIÁRIO
Colonial — 116, 117.
Oitocentista — 142, 143, 144, 477, 478.

REFORMAS E REEDIFICAÇÕES
Oitocentismo, no — 466, 918.
Século atual, no — 918.
RESIDÊNCIAS
Casas sem conforto, em — 956.
Cortiços, porões e pardieiros, em — 956, 1032, 1194, 1324, 1327, 1343, 1360.
Sobrados, em — 61, 66, 446, 469, 495, 496.
TIPOS DE CONSTRUÇÃO.
Arranha-céus — 955, 956, 1217, 1319, 1327, 1468.
Casas de chácara — 66, 87, 94.
Casas quase provisórias — 99, 100.
Chalés — 499, 918, 921, 923, 1454.
Contrastes no oitocentismo — 66.
Detalhes
Alpendres — 105, 1425.
Balcões — 44, 65, 105, 135, 136, 137, 237, 469, 474, 491, 492, 931, 955, 1425, 1438.
Beirais — 78, 106, 118, 129, 136, 137, 467, 469, 471, 474, 477, 491, 577, 923, 931.
Cachimbos — 120, 491.
Janelas — 99, 105, 118, 119, 120, 129, 130, 132, 135, 137, 435, 465, 470, 478, 491, 492, 515, 920, 955.
Ornamentação — 135, 136, 474, 478, 491.
Pintura — 110, 119, 120, 129, 130, 136, 137, 376, 435, 465, 469, 470, 919, 948, 955.
Portões — 65, 435, 446, 465, 475, 478, 499.
Rótulas — 44, 51, 56, 66, 106, 135, 137, 138, 178, 237, 469, 470, 492, 495, 504, 515, 519, 907, 917, 919, 1424, 1432, 1438, 1439, 1440.
Vidraças — 37, 66, 137.
Estilo, Arquitetura — 65, 105, 106, 129, 130, 132, 136, 137, 469, 491, 492, 496, 918, 919, 921, 930, 933, 943, 944, 947, 948, 951, 955, 1323, 1328.
Habitações primitivas — 78, 99, 100, 103, 105, 109.
Palacetes e solares no século dezenove — 60, 66, 132, 496, 917, 918, 921, 929, 930, 1041.
Palacetes no século dezoito — 132.
Século atual, construções no — 66, 944, 951.
Sobrados — 99, 105, 106, 111, 116, 118, 129, 132, 136, 137, 138, 466, 469, 473, 488, 491, 493, 922, 931, 940, 949.

CHÁCARAS E SÍTIOS

CASAS DE CHÁCARA — 478, 572, 576, 1029, 1028, 1033, 1040, 1427.
CHÁCARAS
Água Branca, da — 233.
Ana Machado, de — 205, 1246, 1249.
Anastácio, do — 571.
Antônio Prado, de — 1029.
Barão de Itapetininga, do — 205, 283, 568.
Barão de Limeira, do — 1030.
Baruel, do — 1256.
Bela Vista, da — 276.
Bexiga, do — 205, 241.
Brás, do — 569, 572, 575, 577, 712.
Bresser — 569, 577, 1442.
Brigadeiro Baumann, do — 145, 276.
Cadete Santos, do — V. do Barão de Itapetininga.
Campo Redondo, do — 205, 565, 576, 1028, 1441, 1454.
Capitão Nazaré, do — 241.
Charpe — V. do Campo Redondo.
Clímaco Barbosa, de — 1030.
Cônego Fidelis, do — 205.
Coronel Rodovalho, do — 1031.
Domingos Jaguaribe, de — 1031.
Doutor Albuquerque, do — 1030.
Dudley — 1242.
Fagundes, do — 205.
Ferrão, do — 205, 1447.

[illegible], da — [illegible] 1459.
[illegible], d[illegible] — [illegible]
[illegible], d[illegible] — [illegible]
Glória, da — 205, 338, 404, 572, 729.
Harrah, do — 1030.
Ingleses, dos — [illegible], 584, 724, 734, 735, 814, 821, 855, 1311, 1450, 1451.
Levy — 1030.
Loskiel — 573, 577, 1442.
Luís Antônio de [illegible], de — 1028.
Marechal Arouche, do — 205, 247, 277, 576, 640, 1027, 1435.
Martinho Prado, de — 205, 1029, 1033, 1121, 1264, 1459.
Mauá — V. do Campo Redondo.
Meneses, de — V. do Osório.
Miguel Carlos, do — 205, [illegible] 1030.
Mooca, da — 607.
Osório, do — 205.
Palmeiras, das — 576, 1028.
Pedroso — 1030.
Quebra-Bunda, do — V. do Telégrafo.
Rafael de Barros, de — 1030.
Rafael Tobias de Aguiar, de — 1028.
Regente Feijó, do — 1435.
Senador Queiroz, do — 1263.
Sertório, do — 205, 577, 795, 908, 1030.
Tabatinguera, da — 561, 577, 1029, 1441.
Tatuapé, do — 564.
Telégrafo, do — 741.
Veridiana Prado, de — 1031, 1033.
CHÁCARAS CULTIVADAS — 94, 185, 186, 202, 255, 268, 275, 571, 576, 626, 637, 638, 641, 681, 1031.
DISTANTES DA POVOAÇÃO — 185, 186, 571.
HABITAÇÃO EM CHÁCARAS — 88, 94, 198, 202, 205, 446, 465, 478, 479, 525, 571, 572, 801, 803, 814, 1031.
HABITAÇ[illegible] FESTAS [illegible]
[illegible] CARAS — 555, 556, 559, 575, 1027, 1028, 1029, 1030, 1031.
SÍTIOS
[illegible] — 577, 102[illegible].
Tapanhoim, do — 205.

DIVERSÕES E FESTAS

CARNAVAL
Entrudo Primitivo — 320, 385, 755, 794, 795, 796, 797, 1448.
[illegible] — 7[illegible] 795.
Feição moderna, de — 755, 794, 795, 796, 1448.
Bailes de — 755, 795, 796.
Bandos e cordões — 755, 795, 796, 1448.
Carros carnavalescos — [illegible] 795.
Entidades carnavalescas — 795, 796, 1216, 1230.
CENTROS DE DIVERSÃO
Cafés-concerto — 1158.
Circos — 755, 793, 1146, 1229, 1293, 1367.
Jogos de cartas e dados — 55, 371, 385, 387, 388, 792, 793.
Recreios de tipo alemão — 792, 1117, 1149.
Rinhas de galo — 794.
Tívolis — 791, 796, 1216, 1226.
CINEMA
Cosmoramas e caixas óticas — 755, 794, 1234.
Lanterna-mágica — 1216, 1234, 1237.
Primeiros cinemas — 1216, 1237, 1238.
Século atual, no — 1073, 1146, 1157, 1158, 1216, 1238, 1241, 1364, 1367.
DANÇAS DE SALÃO — 388, 445, 755, 784, 785, 829, 875, 890, 1230, 1414.
Ao ar livre — 792.
Oitocentismo no — 55, 385, 755, 784, 785, 829, 890.

Sociedade Concórdia Paulistana — 755, 784, 1464.
DANÇAS POPULARES
Batuque — 308, 357, 358, 388, 422, 430, 433, 785, 863, 895.
Caiapós — 741, 785, 786, 863, 895.
Congada — 785, 786, 789, 894, 895.
Índios e mamelucos, de — 67, 368, 369, 1433.
Moçambique — 785, 895.
Repressão de — 741, 785.
Samba — 785, 863, 895.
FESTAS RELIGIOSAS — 60, 67, 120, 164, 829, 1225.
Festas de Junho — 205, 382, 385, 425, 781.
Folias do Espírito Santo — 382, 425, 782, 783, 895.
Natal — 205, 382, 385.
Penha, da — 605, 829, 911, 1035, 1225.
Pirapora, de — 1226.
Santa Cruz do Pocinho, de — 829, 911, 1225.
São Benedito, de — 1308.
Semana Santa — 729.
FESTEJOS COLONIAIS
Luminárias — 120, 159, 365, 376, 386.
Noites de Encamisadas — 364, 365, 385.
LOCAIS DE PASSEIO E RECREAÇÃO
Banhos de rio — 364, 371, 1217, 1241, 1243, 1246, 1249.
Bosque da Saude — 1012.
Chácara da Floresta — 1226.
Ilha dos Amores — 995, 996, 1015, 1054, 1086, 1134, 1144, 1216, 1226, 1456.
Jardim e sítio da Luz — 194, 306, 365, 386, 533, 534, 755, 783, 791, 1012, 1015, 1226, 1241, 1304.
Jardim do Museu Paulista — 1012, 1216, 1229, 1273.
Jardim do Palácio — 1304.
Largo do Rosário e Rua 15 de Novembro — 1003, 1004.
Parque Antártica — 1012.
Parque da Avenida — 1216, 1229.
Parque da Cantareira — 1012, 1316, 1364.
Passeios campestres — 385, 387.
Passeios de barco — 784.
Piqueniques — 1216, 1234.
Quermesses — 1216, 1233.
Santo Amaro — 1316, 1364.
Várzea do Tamanduateí — 213, 350, 365, 386, 387, 755, 783, 1226.

ECONOMIA

AGRICULTURA E CRIAÇÃO
Açucar — 34, 44, 46, 47, 77, 91, 92, 93, 185, 253, 264, 312, 321, 366, 441, 447, 448, 466, 581, 596, 643, 644, 718, 899, 1059, 1060, 1110, 1176, 1426.
Agricultura — 45, 86, 91, 92, 93, 213, 253, 255, 265, 268, 306, 323, 410, 441, 460, 625, 767, 1109, 1110, 1435.
Pequena agricultura — 45, 87, 91.
Aguardente — 264, 267, 276, 304, 339.
Algodão — 185, 320, 325, 1169, 1427, 1431.
Anil — 88.
Arroz — 93, 262, 269, 304, 629, 699, 1110.
Café — 47, 63, 202, 233, 277, 442, 447, 448, 596, 899, 900, 904, 918, 920, 943, 951, 1045, 1054, 1059, 1060, 1133, 1176, 1185, 1315, 1316, 1453, 1457.
Cereais — 46, 307, 441, 1110.
Chá — 277, 448, 571, 575, 576, 626, 640, 641, 642, 643, 1028, 1435.
Criação — 33, 45, 74, 86, 93, 186, 189, 253, 255, 256, 257, 265, 266, 268, 269, 297, 299, 304, 366, 441, 575, 576, 625, 629, 631, 632, 699, 767.
Feijão — 93, 253, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 304, 629, 1110.

Fertilidade das terras — [illegible], 253.
Frutas — 33, 45, [illegible], 262, 263, 275, 276, 575, 576, 626, 635, 637, 638.
Fumo — 185, 304.
Laticínios — 268, 270, 304, 635.
Mandioca — 46, 253, 259, 260, 266, 269, 270, 366, 441, 1028, 1110.
Milho — 93, 253, 259, 260, 264, 265, 268, 269, 270, 274, 300, 304, 629, 1110.
Trigo — 33, 34, 185, 186, 254, 257, 260, 261, 262, 267, 626, 1427.
Verduras — 268, 269, 274, 575, 1427.
Vinha — 185, 263, 366, 648, 649, 1115, 1427.

COMÉRCIO — 42, 45, 46, 71, 86, 88, 91, 92, 93, 213, 257, 293, 298, 311, 317, 318, 441, 447, 451, 466, 581, 596, 671, 899, 903, 907, 951, 1059, 1062, 1359.
Gado, de — 45, 47, 88, 91, 92, 441, 448, 1429, 1430.
Interno em geral — 42, 45, 86, 88, 91, 466, 581, 1429, 1430.

INDÚSTRIA — 91, 293, 297, 298, 319 a 326, 410, 460, 671, 673, 710 a 719, 907, 951, 1169 a 1186, 1315, 1316, 1359, 1360, 1469.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA — 94, 95, 296, 452, 921, 1167.

SERTANISMO — 39, 41, 44, 45, 46, 48, 71, 81, 82, 87, 95, 96, 99, 112, 113, 116, 142, 154, 193, 213, 220, 225, 253, 254, 259, 260, 262, 263, 265, 347, 354, 397, 398, 421, 1423, 1424, 1425.
Caça ao Índio — 39, 45, 48, 80, 81, 83, 86, 116, 186, 189, 220, 254.
Ouro e Pedras — 39, 44, 45, 46, 81, 85, 86, 91, 92, 112, 186, 195, 254, 257, 265, 330, 354, 398, 1424, 1425, 1428.

EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

CAPELAS

Aflitos, dos — 559, 584
Belem, do — 483.
Casas particulares, de — 767.
Chácara da Glória, da — 572.
Cemitério, do — 483.
José Brás, de — 246, 564, 567, 1447.
Santa Cruz, de — 798, 925.
Santa Cru[illegible], de — 1425.
Santa Cru[illegible], de — 1225.
São Miguel, de — 925.

CONVENTOS

Carmo, do — 109, 137, 141, 151, 166, 181, 190, 200, 363, 409, 480, 487, 742, 754, 767, 771, 813, 814, 915, 953, 1007, 1177, 1218, 1436, 1445, 1450, 1455, 1458, 1463.
Detalhes arquitetônicos — 67, 115, 484, 487, 488, 939, 1434.
Jesuítas, dos — 73, 74, 79, 100, 101, 104, 125, 138, 151, 158, 181, 187, 200, 234, 343, 363, 394, 395, 426, 767, 918, 929, 937, 992, 1004, 1426, 1434, 1436, 1440, 1441, 1446.
Luz, da — 132, 197, 201, 230, 278, 283, 386, 480, 483, 659, 737, 739, 803, 864, 961, 1040, 1047, 1218, 1427, 1436, 1447, 1448, 1455, 1459.
Recolhimento de Santa Teresa — 115, 129, 165, 190, 278, 283, 366, 480, 483, 545, 777, 864, 922, 941, 957, 1218, 1436, 1441, 1455.
Reformas e reedificações — 67, 100, 112, 120, 124, 125, 141, 483, 484, 768, 937, 1424.
São Bento, de — 109, 111, 112, 113, 124, 125, 141, 151, 155, 157, 158, 174, 181, 186, 197, 200, 256, 258, 271, 303, 363, 453, 480, 481, 483, 484, 530, 559, 615, 654, 657, 767, 768,

813, 911, 939, 945, 1218, 1231, 1372, 1424, 1427, 1436, 1437, 1438, 1439, 1448, 1455, 1465.

São Francisco, de — 115, 141, 142, 160, 174, 181, 189, 190, 201, 276, 277, 278, 280, 283, 287, 363, 403, 404, 409, 410, 462, 480, 484, 487, 521, 526, 546, 737, 767, 810, 813, 918, 926, 1319, 1447, 1450, 1461.

IGREJAS CATÓLICAS

Boa Morte, da — 480, 483, 584, 759, 922, 1227, 1448, 1458, 1464.

Brás, do — 607, 1032, 1447.

Carmo, do — 109, 111, 115, 151, 157, 170, 189, 380, 429, 672, 682, 683, 685, 815, 925, 927, 953, 1177, 1436, 1441, 1445, 1446, 1450, 1455, 1458, 1460, 1463.

Colégio, do — 33, 100, 104, 109, 112, 115, 117, 125, 138, 186, 394, 426, 480, 483, 484, 864, 918, 929, 937, 1217, 1218, 1219, 1223, 1227, 1427, 1436, 1440, 1441, 1452, 1458, 1464.

Consolação, da — 230, 480, 483, 607, 1029, 1040, 1264.

Decorações de igrejas — 115, 123, 124, 125, 422, 429.

Detalhes arquitetônicos — 115, 116, 123, 124, 138, 480, 926, 938, 939, 940, 1328, 1331.

Glória, da — 121, 483, 925, 1425.

Imaculada Conceição, da — 1223, 1464.

Misericórdia, da — 111, 123, 126, 151, 155, 159, 198, 304, 343, 479, 480, 483, 645, 672, 681, 759, 925, 937, 1441, 1444, 1448.

Nossa Senhora da Luz, de — 109, 111, 607.

Nossa Senhora da Paz, de — 1328, 1380, 1469.

Nossa Senhora do Ó, de — 111, 339.

Ordem 3.a de São Francisco, da — 115, 131, 457, 480, 925, 1204, 1436, 1437, 1438, 1449.

Ordem 3a. do Carmo, da — 115, 380, 429, 480, 772, 773, 815, 925, 953, 1177, 1436, 1441, 1450, 1455, 1463.

Penha, da — 243, 568, 605 782, 911.

Reformas e remodelações — 100, 110, 112, 124, 125, 126, 131, 479, 480, 918, 922, 925, 1425, 1438, 1440.

Remédios, dos — 123, 480, 483, 530, 891, 925, 973, 996, 1263, 1453, 1457.

Rosário, do — 123, 304, 480, 483, 674, 759, 785, 786, 787, 863, 895, 925, 926, 939, 1437, 1448, 1449, 1455, 1458, 1462.

Sagrado Coração de Jesus, do — 925.

Sagrado Coração de Maria, do — 925.

Santa Ifigênia, de — 132, 178, 480, 489, 575, 911, 938, 1439.

Santa Teresa, de — 922, 1289, 1311, 1458.

Santo Amaro, de — 193.

Santo Antônio, de — 109, 124, 155, 157, 217, 467, 480, 483, 1438, 1461.

São Bento, de — 106, 109, 112, 113, 124, 125, 157, 189, 197, 453, 480, 481, 483, 484, 756, 757, 785, 863, 895, 905, 911, 922, 939, 988, 1424, 1427, 1437, 1438, 1439, 1449, 1458.

São Francisco, de — 111, 157, 189, 457, 487, 925, 1436, 1437, 1438, 1449, 1450.

São Gonçalo, de — 123, 480, 483, 922, 925, 926, 973, 1135, 1437, 1441, 1448, 1457.

São José do Belém, de — 925.

São José do Ipiranga, de — 925.

São Pedro, de — 123, 169, 480, 483, 485, 925, 926, 937, 938, 1011, 1436, 1439, 1441.

Sé, da — 104, 106, 109, 110, 111, 126, 127, 158, 169, 364, 367, 372, 425, 433, 480, 545, 700,

701, 754, 76[illegible], [illegible], [illegible], 826, 827, 832, 848, 870, 889, 893, 911, 925, 938, [illegible], [illegible], 995, 1008, 1011, 1013, 1016, 1257, 1289, 1312, 135[illegible], 136[illegible], 1425, 1436, 1441, 1447, 1449, 1451, 1453, 1454, 1458, 1465, 1469.

TEMPLOS DE OUTRAS RELIGIÕES
- Igrejas Ortodoxas — 1343, 1364.
- Igrejas Protestantes — 1218, 1221, 1364.
- Mesquitas Muçulmanas — 1221, 1364.
- Sinagogas — 1364.

ENSINO E ESTUDANTES

ASPECTOS GERAIS
- Castigos corporais — 407, 835, 1254, 1269.
- Colégio dos Jesuítas — 73, 79, 100, 383, 394, 395, 398, 399, 401, 408, 1434.
- Escola Americana — 1254, 1264, 1268, 1269, 1270.
- Escolas alemãs — 1234, 1254, 1264, 1267, 1268, 1269.
- Escolas francesas — 1269.
- Escolas italianas — 1271.
- Nivel intelectual no oitocentismo — 60, 417, 442, 1281.
- Professores particulares — 1269.
  - No seiscentismo — 395.

ENSINO PRIMÁRIO
- Colégios e liceus no oitocentismo — 808, 834, 835, 1268, 1269.
- Escolas-Menores — 393, 403.
- Escolas primárias no oitocentismo — 403, 404, 407, 764, 835, 836.
  - No século atual — 1271, 1272, 1465.
- Externato São José — 1264.
- Mestres de Meninos — 402.
- Mestres-Régios — 403, 404, 407.
- Método Lancasteriano — 407, 836.

ENSINO PROFISSIONAL
- Escolas de Comércio — 1254, 1271.
- Técnico Pro[illegible]
- Instituto D[illegible] A[illegible] 1011, 1263, 126[illegible]
- Liceu de Artes e O[illegible] 1254, 1262, 1263, 1267, 1275 1312, 1327, 1453.
- Seminário das Educandas — 31[illegible], 404, 725, 736, 823, 833, 835, 836, 1033, 1197, 1264, 1268, 1339, 1459, 1463, 1464.
- Seminário de Santana — 274, 404, 716, 832, 833, 835, 1263, 1264, 1463.

ENSINO SECUNDÁRIO E SUPERIOR
- Aulas de Filosofia — 393, 403, 404, 405, 407, 417, 831, 834.
- Aulas de Latim — 395, 402, 404, 417, 832.
- Aulas de Matemática — 402, 403, 407, 831, 834.
- Aulas de Retórica — 403, 404, 417.
- Aulas de Teologia — 404, 832, 834, 835.
- Curso de Cirurgia — 344.
- Escola Normal — 764, 808, 832, 835, 934, 1254, 1264, 1267, 1269, 1271, 1283, 1327, 1336, 1460.
- Escola Politécnica — 1254, 1271, 1272, 1327, 1371, 1372.
- Faculdade de Medicina — 1254, 1271, 1360, 1371, 1375.
- Gabinete Topográfico — 808, 832, 835.
- Mackenzie College — 1242, 1245, 1246, 1254, 1270, 1271, 1272, 1371.
- Seminário Episcopal — 474, 808, 833, 834, 1020, 1090, 1265, 1267, 1466.
- Universidade — 1371.

ESTUDANTES DE DIREITO — 33, 36, 43, 445, 446, 455, 459, 582, 595, 682, 690, 703, 704, 755, 830, 847, 907, 908, 1110, 1151.
- *Academia de Direito* — 33, 36, 43, 44, 141, 410, 442, 445, 455, 456, 459, 460, 465, 526, 529, 555,

559, 595, 629, 718, 725, 807, 810, 836, 907, 1435.
Corpo Acadêmico — 446, 460, 808, 829, 830.
Curso Anexo — 529, 759, 808, 831.
Decadência da vida acadêmica — 1254, 1259, 1261, 1262.
Edifício da Academia — 141, 142, 201, 410, 484, 487, 526, 759, 801, 810, 811, 829, 837, 838, 864, 926, 929, 1040, 1076, 1204, 1253, 1254, 1260, 1319, 1436, 1437, 1450, 1461.
Importância para a cidade — 629, 718, 807, 809, 810.
Professores — 1116.

Arte e Literatura de Estudantes
Atividades teatrais — 861, 862, 864, 867, 876, 880, 883, 1290.
Jornais e revistas — 807, 809, 848, 849, 856, 862, 1278.
Sociedades literárias — 809, 848, 849, 856, 1278.

Costumes, Diversões, Esportes
Bailes — 829.
Banhos de rio — 829, 1241, 1256.
Bilhar — 755, 791, 808.
Brincadeiras e troças — 446, 447, 461, 660, 661, 705, 754, 764, 769, 807, 808, 817, 824, 825, 826, 830, 852, 855, 1253, 1256, 1259, 1262, 1449.
Caçadas — 636.
Cafés e Confeitarias — 647, 690, 693, 697, 826.
Capoeira — 756, 797.
Cavalhadas — 801.
Corridas de Cavalo — 803.
Esgrima — 756, 801.
Ginástica — 756, 801.
Incidentes com a polícia — 808, 825, 826, 827.
Jogos de cartas e dados — 793.
Malha — 801.
Natação — 829, 1241, 1256.
Passeios a pé ou a cavalo — 461, 829, 852, 855, 1256, 1261.
Passeios de canoa — 829, 1262.
Serenatas — 829, 862, 887, 891, 893, 1261, 1452, 1453.
Vestuário — 35, 36, 456, 703, 704, 1241.
Óculos, monóculos ou pincenez — 1259, 1260, 1465.

Habitações, Repúblicas
Chácaras — 801, 808, 814, 855.
Conventos — 754, 767, 808, 810, 813, 814, 815.
Pensões — 1255.
Repúblicas — 456, 466, 478, 575, 635, 756, 807, 808, 814, 817, 818, 819, 820, 853, 894, 1253, 1255, 1256.
Criados, escravos e cozinheiros — 52, 466, 635, 682, 808, 819, 820.
Instalação e mobiliário — 478, 817, 818, 819, 852, 894, 1123.
Lavagem de roupa — 820.
Localização — 575, 808, 814, 817, 818, 821, 825, 855, 978, 1253, 1256, 1257, 1262.

ESCRAVOS

CASTIGOS, CRIMES, FUGAS
Armados pelas ruas — 333.
Brigas nos chafarizes — 446, 650, 1430.
Castigos — 738, 741.
Chácaras onde se castigavam escravos — 741.
Crimes — 487.
Fugas e quilombos — 357, 358, 359, 556, 571, 725, 738, 743, 745, 781, 1448.
Proibições
— de frequentar bilhares — 790.
— de negociar com certas mercadorias — 316, 333, 334, 335, 1432.
— de transitar pelas ruas depois do toque de silêncio — 725, 741.

COSTUMES E DIVERSÕES
Alojamento — 66, 496.
Bailes e Jogos — 368, 371, 725, 741, 785, 853.

Capoeira — 755, 766, 797.
Danças nas procissões — 379.
Sepultamento — [illegible].
Vestuário — 55, [illegible] 1437.
Exibição de jó[illegible] — 7[illegible].
ESPECIALIZAÇÕES E SERVIÇOS
Ambulantes e quit[illegible] — 300, 335, 678, 681, 1431, 1432.
Cocheiros e tratadores de animais — 592, 605.
Construção e reparo de caminhos e pontes — 223, 229, 230.
Escravos de
Africanos Livres — 674.
Chácaras — 205.
Estudantes — 466, 820.
Ordens Religiosas — 131, 253, 767.
Indústria de tecidos e chapéus — 297, 298, 326.
Lavras de ouro — 1428.
Limpeza de ruas — 367, 530.
Lojas — 297.
Preparo do chá — 641, 642, 643.
Serviços domésticos — 238, 279, 280, 288, 290, 500, 518, 592, 629, 657, 681, 833, 873, 1430.
Transporte entre São Paulo e Santos — 637.
MERCADO E PREÇOS
Especulação com escravos — 789.
Mercado — 80, 116.
Preços — 718.
PROCEDÊNCIAS — RAÇAS
Indígenas — 48, 50, 51, 86, 112, 116, 117, 183, 219, 223.
Procedentes de fora — 334, 335, 337, 338.
PROPAGANDA ABOLICIONISTA E ABOLIÇÃO — 903, 930, 1191, 1200, 1222, 1225.

ESPORTES

Atletismo — 1217, 1245, 1368.
Automobilismo — 1065, 1085, 1217, 1249, 1250.
Basebol — 1368.
Bilhar — 693, [illegible] 791, 792, 808, 1151.
Bocha — 1368.
Bola ao cesto — [illegible] 1245, [illegible] 1368.
Boliche ou Jôgo de Bola — 7[illegible], 790, 791, 792, 1117, 1149, 1151, 1241.
Capoeira — 741, 756, 797.
Cavalhadas — 234, 237, 756, 801, 1426, 1430.
Ciclismo — 797, 1217, 1245.
Corridas de cavalo — 756, 802, 803, 1216, 1230, 1233, 1368.
Em hipódromos regulares — 1216, 1230, 1233, 1371.
Em raias retas — 756, 802, 803.
Hipódromo de Cidade Jardim — 1368, 1369, 1371, 1469.
Cricket — 1217, 1242.
Equitação e Hipismo — 1217, 1249, 1368.
Esgrima — 756, 798, 801.
Frontão — 797, 1237.
Futebol — 60, 797, 1217, 1242, 1368, 1464.
Ginástica — 756, 801, 1246, 1368.
Malha — 801, 1368.
Natação e Regatas — 456, 756, 797, 798, 1086, 1091, 1217, 1246, 1247, 1249, 1368, 1465.
Patinação — 1233.
Peteca — 797.
Praças de Esporte — 1368.
Estádio do Pacaembu — 1365, 1367, 1368, 1469.
Velódromo — 1217, 1237, 1245.
Proezas aeronáuticas — 1237.
Pugilismo — 1368.
Tenis — 1217, 1245, 1249, 1368.
Tiro-ao-alvo — 1241, 1368.
Touradas — 365, 385, 389, 390, 1233, 1235.
Volibol — 1368.

HOSPEDARIAS E CAFÉS

BOTEQUINS — 319, 359, 455, 525, 647, 1134, 1143.

Chico Ilhéu, de — 276, 647.
Manecco Vira-Copos, de — 647
Tavernas primitivas — 293, 294, 319, 1431.

CAFÉS E CONFEITARIAS
Café Europeu — 1149.
Café Java — 1075, 1149, 1152, 1155.
Cafés — 672, 697. 698. 749, 1132, 1149, 1152, 1157, 1158.
Meados do oitocentismo, em — 452, 456, 672, 697, 698.
Confeitarias — 452, 672, 698, 1132, 1135, 1149, 1155, 1156, 1157, 1238.
Recreios e cervejarias — 698, 792. 1117, 1132, 1149.
HOSPEDARIAS — 293, 315, 672.
Século XVIII, no — 315.
Século XIX, no — 315, 672, 689, 690.
Hospedaria do Bexiga — 233, 248, 293, 315.
HOSPITALIDADE PARTICULAR — 689, 690.
HOTÉIS
Fins do século XIX — 698, 934, 1019, 1132, 1149, 1150, 1151, 1152, 1156.
Grande-Hotel — 1132, 1149, 1150, 1151, 1152, 1446.
Meados do século XIX — 456, 672, 690, 691, 693, 694, 695, 697, 791, 1446.
Século atual — 1156, 1158, 1161.
PENSÕES — 672, 697, 1152, 1161, 1175.
POUSOS E RANCHOS — 215, 311, 312, 581, 582, 596, 672, 689, 1428, 1429.
Água Branca, da — 233, 315, 583.
Barro Branco, do — 312.
Bexiga, do — 312, 582, 583, 615.
Ferrão, do — 312, 582.
Guaré, do — 312, 315, 582.
Juqueri, do — 312, 582. 583.
Lavapés, do — 312, 582, 583.
Tatuapé, do — 312, 583.
QUIOSQUES — 1117, 1132, 1155, 1156, 1177, 1463.
RESTAURANTES
Casas de comer primitivas — 293, 294, 295.
Restaurantes oitocentistas — 452, 456, 647, 690, 693, 698, 1116, 1152.

INDÚSTRIAS

ASPECTOS GERAIS
Era Colonial — 319.
Teares e seus apetrechos — 297.
Oitocentismo — 451, 460, 673, 710, 717, 718, 1133.
Condições favoráveis — 322, 323.
Condições desfavoráveis — 321, 322, 710, 718, 719.
Disposições sôbre localização — 715.
Fiação caseira — 320, 324, 325, 673, 681.
Apetrechos — 325, 326.
Paralelo com cidades do interior — 718.
Século Atual — 47, 1133, 1181, 1182, 1185, 1186, 1359, 1360, 1469.
Trabalhadores — 58, 321, 322, 323, 324, 325, 715, 716, 717, 1179, 1180, 1182, 1185, 1359.
Utilização de energia hidráulica — 1185.
Utilização do vapor — 717, 718, 1170, 1173, 1174, 1179, 1180, 1185.
Zonas industriais — 1031, 1032, 1050, 1124, 1133, 1174, 1181, 1182, 1185, 1186, 1469.
FÁBRICAS
Armas, de — 294, 321, 322.
Arreios e selas, de — 237, 673, 711, 713, 1170.
Bainhas para faca, de — 1175.
Banha, de — 1179.
Baús e canastras, de — 1175.
Bilhares, de — 1170.
Caixas, de — 1174.
Carros e carruagens, de — 606, 711, 1054, 1065, 1069, 1070, 1170, 1173, 1174.

Cerveja, de — 649, 673, [illegible], 71[illegible], 1106, 1117, 1170, 1714, 1176.
Chapéus, de — 293, [illegible], [illegible], 673, 711, 712, 715, 716, 717, 718, 1133, 1170, 1173, 1182, 1185, 1360.
Charutos, de — 716, 717.
Cigarros, de — 1360.
Cola, de — 1174.
Colchões, de — 711, 875.
Cordas e barbantes, de — 1175.
Cristais, de — 1179.
Curtimento de couro — 673, 710, 711, 716.
Doces, de — 1175.
Ferro, de — 299.
Fogos, de — 1170.
Fósforos, de — 1360.
Fundições — 710, 716, 1133, 1170, 1173, 1174, 1175, 1179, 1182, 1360.
Gaiolas, de — 1175.
Gás hidrogênio, de — 546, 716.
Gêlo, de — 1174.
Graxa, de — 1182.
Instrumentos de música, de — 433, 895, 1174, 1179.
Instrumentos de ótica, de — 1173.
Licores, de — 673, 710, 711, 717, 1170, 1174, 1176.
Livros em branco, de — 1170, 1174, 1176.
Louça de barro, de — 293, 320.
Luvas, de — 1179.
Máquinas agrícolas, de — 47, 321, 1133, 1175, 1176, 1360
Marmelada, de — 294, 298, 299.
Marmorarias — 1180, 1360.
Massas alimentícias, de — 1106, 1173, 1174, 1180, 1182, 1185, 1360.
Meias, de — 1174.
Móveis, de — 1140, 1170, 1176, 1181, 1360.
Óleos, de — 1182.
Petecas, de — 1175.
Projéteis para entrudo, de — 320.
Redes, de — 293, 297, 320, 325.
Relógios, de — 1170.
R[illegible] [illegible] 516, 1176, 1182, 1344.
Rolhas, de — 1179.
Sabão, de — 717, 1174, 1360.
[illegible]
Tecidos, de — 293, 294, 297, 298, 299, 320, 321, 323, 324, 325, 673, 715, 716, 959, 1133, 1169, 1170, 1173, 1174, 1176, 1180, 1181, 1182, 1185, 1359, 1431.
Telhas e tijolos, de — [illegible] 104, 11[illegible], 298, 299, 473, 474, 717, 767, 1170, 1175, 1360.
Tintas, de — 1182.
Velas, de — 673, 710, 712, 715, 717, 1174, 1360.
Vidros, de — 1181.
Vinagres, de — 712, 717, 1170, 1174, 1176.
Vinhos, de — 1115, 1116, 1117, 1170.

OFÍCIOS
Alfaiates — 295, 298, 299, 515, 516, 1176, 1182, 1344.
Barbeiros e Cabeleireiros — 67, 295, 298, 703, 706, 709, 1163.
Carpinteiros — 298, 299, 325.
Engraxates — 1131, 1137, 1138.
Espadeiros — 299.
Ferradores — 237, 289, 299, 710.
Oleiros — 104, 298, 299, 611, 613, 717, 767.
Sapateiros — 295, 298, 299, 515, 1182.
Seleiros — 237, 673, 711, 713, 1170.
Serralheiros — 1133, 1170, 1180.

LITERATURA E CIÊNCIA

INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS
Arquivo do Estado — 1372.
Comissão Geográfica e Geológica — 1255, 1283.
Departamento de Cultura — 1372.
Discoteca Pública — 1381, 1482.
Instituto Histórico e Geográfico — 1255, 1283, 1372.

Museu Paulista — 1011, 1012, 1229, 1255, 1273, 1282, 1283, 1371, 1372, 1375, 1425, 1429, 1430, 1431, 1433, 1437, 1439, 1440, 1441, 1442, 1451, 1460, 1466, 1467.
Museu Sertório — 1255, 1282, 1429, 1466.
Observatório Astronômico — 1255, 1279, 1283, 1466.
LITERATURA
Aspectos Gerais
A cidade como centro intelectual — 47, 807, 809, 850, 851, 853, 855, 856, 1255, 1281, 1282.
Começo do século dezenove — 385, 411, 417, 809.
Literatura popular — 856, 857, 1203.
Meados do século dezenove — 807, 809, 848, 849, 850, 851, 852, 855, 856, 1278.
Século atual — 60, 1100, 1310, 1379.
Tempos primitivos — 393, 394, 397.
Escritores
Abreu, Manoel Cardoso de — 414.
Alencar, José de — 43, 44, 615, 724, 809, 850, 862.
Almeida, Francisco José de Lacerda e — 414.
Alves, Antônio de Castro — 36, 56, 564, 704, 809, 856, 865.
Anunciação, Frei Miguel Arcanjo da — 414.
Arinos, Afonso — 1255, 1281.
Azevedo, Manuel Antônio Álvares de — 36, 52, 598, 809, 814, 821, 844, 848, 850, 851, 852, 853, 1203, 1261, 1440, 1451.
Barbosa, Rui — 809, 856.
Bastos, José Tavares — 855.
Bilac, Olavo — 1255, 1262, 1281.
Carvalho, Vicente de — 1255, 1281.
Cepelos, Batista — 1255, 1281.
Correa, Raimundo — 1255, 1281.
Dias, Teófilo — 1255, 1281.
Eça, Matias Aires Ramos da Silva de — 412, 413.
Eiró Paulo — 856.
Gama, Luís — 842, 856, 1121, 1122.
Gonçalves, Ricardo — 1100, 1255, 1281.
Guimarães, Bernardo — 55, 56, 567, 614, 615, 724, 726, 767, 809, 813, 814, 817, 820, 823, 842, 848, 850, 852, 857, 890, 1262, 1451.
Guimarães Júnior, Luís — 856.
Juzarte, Teotônio José — 413.
Leme, Pedro Taques de Almeida Pais — 394, 411, 412.
Lessa, Aureliano — 850, 852, 1451.
Madre de Deus, Frei Gaspar da — 394, 412, 414.
Madureira, Pedro de Morais — 397, 398.
Magalhães, José Vieira Couto de — 843, 852, 855, 1255, 1279.
Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de — 842, 855.
Morais, Padre Manuel de — 398.
Murat, Luís — 1255, 1281.
Nabuco, Joaquim — 809, 856.
Oliveira, Antônio Rodrigues Vellozo de — 414.
Oliveira, José Joaquim Machado de — 417, 843.
Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e — 413.
Orta, Maria Margarida da Silva e — 413
Pereira, Lafaiete Rodrigues — 855.
Pinheiro, José Feliciano Fernandes — 414.
Pompéia, Raul — 1255, 1281.
Prado, Eduardo — 1255, 1281.
Prado, Paulo — 1255, 1281.

Ramalho, J[illegible] — 842, 855.
Rendon, José Ar[illegible] [illegible]ledo — 413, [illegible]
Ribas, Antônio Joaquim — 842, 850.
Ribeiro, Francisco Bernardino — 849.
Rocha, Justiniano José da — 849.
Rosa, Francisco Otaviano de Almeida — 850.
Sampaio, Francisco Leite de Bittencourt — 855.
Silva, Firmino Rodrigues da — 850.
Silva, José Bonifácio de Andrade e — 394, 403, 414.
Silva, José Bonifácio de Andrada e (o Moço) — 842, 848, 852.
Silveira, Valdomiro — 1255, 1281.
Sousa, Inglês de — 1255, 1277, 1281.
Sousa, João Silveira de — 850, 852.
Sousa, Pedro Luís Pereira de — 855.
Souza Júnior, João Cardoso de Menezes e — 841, 850, 852.
Tinoco, Diogo Grason — 398.
Torres, Alberto — 1255, 1281.
Vale, Paulo Antônio do — 841, 842, 852, 1278.
Varela, Luís Nicolau Fagundes — 564, 699, 809, 830, 843, 848, 855, 1261.

LIVRO E IMPRENSA

Livros

Biblioteca do Estado — 1254, 1272, 1375.
Biblioteca Municipal — 1373, 1375, 1376, 1470.
Biblioteca Pública (Academia de Direito) — 394, 410, 484, 836, 837, 838, 1254, 1260, 1272, 1275, 1434, 1435.
Bibliotecas oitocentistas — 408, 409 410, 484, 1254, 1272, 1275.
Bibli[illegible] — 408, 1434.
Comércio de [illegible] — 456, 710, 809, 844, 847, 848, 1039, 1254, 1275, 1276, 1277.
Casa Garraux [illegible] — 1276.
Frequentadas no R[illegible] — [illegible] 844.
Interesse por livros — 408, 808, 847, 848, 1275.
Livros na era colonial — [illegible], [illegible], 1434.
Livros no oitocentismo — 408, 808, 833, 836, 837, 1275, 1434.
[illegible] — 410, 411, 809, 838, 841, 842, 843, 844, 1173, 1277, 1278.
Imprensa — 410, 411, 809, 838, 839, 841, 842, 845, 850, 1226, 1245, 1307, 1451.
Livros impressos na cidade — 808, 809, 841, 842, 843, 1277.

LOCALIZAÇÃO E PAISAGEM

ÁREA E ESTRUTURA DA POVOAÇÃO

Rocio — 183, 556, 563, 576, 1032, 1035.
Marcos de pedra — 183, 184, 1032, 1035.
Meia Légua — 194, 556, 563, 1032, 1035.
Séculos dezesseis e dezessete — 181.
Centro de residências provisórias — 79, 80, 95.
Estrutura primitiva — 79, 80, 104.
Habitação nas roças e bairros — 95, 154, 186, 189, 202.
Muros e estacadas — 153, 182, 183.
Século dezoito — 181, 189, 190, 193, 197, 201, 202.
Século dezenove — 181, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 529, 555, 556, 559, 560, 563, 571, 575, 576.
Casas de campo — 202, 233.

Triângulo — 65, 173, 189, 555.
Século dezenove (fins) — 1025, 1026, 1027, 1028, 1029, 1030, 1031, 1032, 1035, 1036, 1039, 1040, 1041.
Carater provisório — 912, 913.
Século atual (começo) — 1025, 1026, 1027, 1028, 1029, 1030, 1031, 1032, 1035, 1036, 1039, 1040, 1041, 1042, 1045, 1046, 1049, 1050, 1091, 1092, 1316.
Século atual (hoje) — 1316, 133[illegible], 1340.
Metrópole industrial — 47, 1315, 1316, 1319.

PAISAGEM E CLIMA DA REGIÃO

Paisagem
Beleza do sítio — 145.
Contrastes com a marinha — 38, 64, 72, 73.
Horizontes e luz da região — 38, 191, 233.
Mutilada pelas ferrovias —
Vegetação — 33, 34, 35, 36, 37, 46, 145, 185, 187, 191, 230, 441.
Clima
Amenidade — 145, 903.
Inexistência de lareira nas habitações — 34, 35, 143.
Contraste com o de outras regiões do país — 32, 33, 34, 35, 36, 37, 77, 322, 347, 635, 852, 999.
Frio no oitocentismo — 34, 35, 36.
Frio, nos séculos XVI e XVII — 33, 34.
Semelhanças com o clima do Reino — 33, 36, 37, 45.
Frio saudavel — 34, 35, 77.
Garoa — 38.
Geadas — 35, 36, 37.
Mudanças bruscas — 38, 348, 903.

LOGRADOUROS PÚBLICOS

ILUMINAÇÃO
Era colonial — 159, 178, 308, 1427.
Luminárias — 120, 159, 365, 376, 386, 491, 1438.
Oitocentismo — 452, 491, 504, 538, 541, 542, 545, 546, 549, 550, 704.
A azeite de mamona ou de peixe — 491, 504, 538, 541, 542, 546, 550, 1016.
A azeite resinoso fotogênico — 551.
A eletricidade — 970, 1020, 1021, 1339, 1458.
A gás — 551, 730, 970, 1016, 1017, 1019, 1020, 1021, 1459.
A gás hidrogênio líquido — 546.
Geringonças — 474, 477, 538, 539, 542, 543, 545, 546, 550, 1019, 1151, 1439, 1440, 1441.
Globos e lanternas — 1016, 1455.
Postes — 542, 545, 546, 550, 970, 1017, 1019, 1439, 1455.
Século atual — 1020, 1021, 1339.
JARDINS
Aspectos gerais
Cercados de gradís de ferro — 67, 969, 991, 992, 995, 999, 1000, 1004, 1005, 1007.
Flores — 144, 145, 186, 496, 499, 771, 919, 960, 963, 964, 1008, 1331, 1332.
Influência norte-americana — 969, 1000.
Jardins
Largo da Memória, do — 1015.
Largo Guaianases, do — 992, 1462.
Largo Paissandú, do — 1011.
Luz, da — 37, 173, 288, 386, 504, 530, 534, 535, 536, 664, 969, 991, 992, 995, 996, 999, 1000, 1008, 1012, 1015, 1020, 1035, 1122, 1152, 1226, 1234,

1241, 1263, 1283, 1304, 1442
1456, 1457.
Destaque em sua [illegible]
535, 1035, 1061, 1457.
Estátuas — 533, 536, 995, 1008.
Lago central — 533, 535, 536, 992, 1457.
Observatório — [illegible], 995, 1000 1283, 1457.
Morro do Carmo, do — 9?5, 1226.
Parque Anhangabaú — 9?9, 1007, 1012, 1015, 1021, 1295, 1332, 1333, 1335, 1336, 1337, 1459, 1468, 1470.
Parque Antártica — 969, 1012.
Parque da Avenida — 1015, 1021, 1216, 1229, 1456.
Parque do Museu — 969, 1011, 1012, 1216, 1273, 1466.
Parque D. Pedro II — 952, 969. 1007, 1012, 1015, 1090, 1329, 1336, 1468.
Pátio do Colégio, do — 1004, 1305, 1458.
Praça Buenos Aires, da — 1011.
Praça da Consolação, da — 1339.
Praça da República, da — 1012, 1455, 1465.
Praça João Mendes, da — 1226, 1457.
Praça José Roberto, da — 1011.

LARGOS PÁTIOS E PRAÇAS

Água Branca, da — 1045.
Alagoas, das — V. do Paissandú.
Alegria, da — V. do Pelourinho, Sete de Setembro, João Mendes.
Almeida Júnior — 349, 556, 559, 584, 724, 734, 814, 821, 996, 1029, 1132, 1144, 1145, 1165, 1262, 1295, 1450, 1463.
Antônio Prado — 65, 123, 174, 190, 338, 434, 488, 517, 526, 674, 755, 774, 785, 786, 795, 955, 970, 973, 978, 988, 1003, 1004, 1019, 1020, 1079, 1081, [illegible]
[illegible]
1461, 1462.
Arouche, do — 177, [illegible] 530, [illegible]07, 1040, 1070, 1145, 114?, 1221, 1225, 1237, 1238, 1336, 1435.
[illegible], da — V. do [illegible]
Bandeiras, das — 217, 530, [illegible], 631, 793, 907, 1049, 1089, 1145, 1470.
Bexiga, do — V. das Bandeiras.
Brás, do — V. da Concórdia.
Buenos Aires — 1011.
Cadeia, da V. João Mendes.
Cambuci, do — 1045.
Campo Redondo — V. Princesa Isabel.
Capim, do — V. do Ouvidor.
Carmo, do — V. Clovis Beviláqua.
Chafariz, do — V. da Misericórdia.
Clovis Beviláqua — 308, 526, 537, 560, 601, 672, 677, 678, 795, 1073, 1074, 1118, 1134, 1226, 1335, 1336, 1458, 1460, 1467.
Colégio, do — 112, 151, 158, 167, 174, 200, 300, 376, 434, 436, 509, 526, 529, 531, 537, 607, 674, 693, 735, 774, 795, 796, 842, 865, 867, 869, 875, 943, 969, 992, 1004, 1008, 1009, 1016, 1027, 1049, 1066, 1074, 1081. 1101, 1118, 1134, 1137, 1209, 1277, 1305, 1327, 1380, 1426, 1434, 1435, 1440, 1452, 1458, 1467.
Concórdia, da — 530, 713, 1021, 1032, 1069, 1116, 1132, 1144, 1145, 1447.
Consolação, da — 602, 1339.
Correio, do — 190, 245, 1028.
Curral, do — V. do Riachuelo.
Curros, dos — V. da República.
Curso Juridico, do — V. de São Francisco.
Fôrca, da — V. da Liberdade.
General Osório — 1145, 1174.
Glória, da — V. Almeida Júnior.

Guaianases — V. Princesa Isabel.
Hospício, do — 213.
Independência, da — 1011.
Indústrias, das — 1336.
Ingleses, dos — V. Almeida Júnior.
João Mendes — 123, 130, 174, 217, 308, 338, 506, 509, 511, 517, 524, 526, 530, 541, 550, 584, 601, 607, 664, 678, 693, 795, 869, 870, 871, 875, 883, 891, 893, 935, 940, 973, 991, 996, 997, 1049, 1066, 1118, 1122, 1155, 1209, 1226, 1238, 1275, 1282, 1293, 1300, 1335, 1336, 1343, 1437, 1441, 1448, 1452, 1453, 1454, 1455, 1457, 1467.
José Roberto — 1011.
Legião, da — V. do Arouche.
Liberdade, da — 559, 653, 672, 685, 797, 1029, 1140.
Marechal Deodoro — 1029, 1332.
Memória, da — 1015, 1049, 1155, 1256.
Mercado, do — 517, 1137.
Misericórdia, da — 123, 158, 159, 174, 286, 295, 300, 526, 650, 663, 674, 678, 784, 996, 1127, 1155, 1430, 1444.
Morais e Barros — 1145.
Municipal — V. João Mendes.
Ouvidor, do — 602, 694, 700, 754, 764, 765, 1149, 1449.
Paissandú, do — 177, 178, 283, 289, 526, 529, 530, 602, 659, 907, 926, 1011, 1028, 1100, 1118, 1158, 1161, 1295.
Palácio, do — V. do Colégio.
Patriarca, do — 969, 1011, 1336, 1348, 1379.
Pelourinho, do — V. Sete de Setembro e João Mendes.
Perdizes, das — 1045.
Pólvora, da — 996, 1029, 1040, 1336.
Princesa Isabel — 530, 607, 760, 992, 1028, 1040, 1122, 1125, 1462.
Ramos de Azevedo — 1336.
República, da — 205, 365, 389, 390, 526, 530, 535, 608, 672, 685, 734, 801, 934, 970, 996, 1053, 1122, 1225, 1233, 1235, 1325, 1367, 1388, 1455, 1456, 1460, 1465.
Riachuelo, do — V. das Bandeiras.
Rosário, do — V. Antônio Prado.
Santa Cecília, de — 1007, 1040, 1127, 1444.
Santa Ifigênia, de — 602, 1029, 1101, 1268.
São Bento, de — 156, 157, 158, 174, 190, 308, 434, 478, 509, 526, 530, 537, 560, 563, 601, 607, 664, 674, 678, 681, 774, 785, 793, 934, 988, 992, 1000, 1005, 1019, 1074, 1075, 1076, 1080, 1101, 1107, 1118, 1122, 1123, 1134, 1149, 1151, 1155, 1156, 1268, 1426, 1427, 1457, 1461.
São Francisco, de — 142, 174, 308, 484, 515, 517, 526, 529, 537, 598, 601, 607, 608, 609, 659, 672, 678, 685, 698, 793, 818, 820, 829, 1027, 1049, 1069, 1070, 1076, 1113, 1118, 1174, 1209, 1225, 1308, 1311, 1436, 1461.
São Gonçalo, de — V. João Mendes.
São Luís — 1336.
São Paulo — V. Almeida Júnior.
Sé, da — 123, 126, 158, 166, 173, 174, 194, 276, 304, 376, 485, 525, 526, 527, 529, 576, 582, 607, 611, 647, 698, 774, 779, 795, 842, 905, 938, 940, 969, 973, 992, 1008, 1011, 1013, 1027, 1049, 1063, 1073, 1075, 1079, 1080, 1209, 1229, 1256, 1257, 1276, 1357, 1426, 1439, 1440, 1442, 1445, 1447, 1452, 1453, 1454, 1460.
Sete de Abril — V. da República.
Sete de Setembro — V. João Mendes.
Teatro, do — V. João Mendes.
Tesouro, do — 1080, 1158.
Verde, do — V. do Riachuelo.
Visconde de Congonhas — 1008.
Zunega, do — V. do Paissandu.

RUAS E AVENIDAS

Arborização — 65, [illegible] 967, 984, 987, 1003.

Aspectos Gerais

Arruamentos primitivos [illegible] 150, 154, 160, 161, 162, 172.

Largura e traçado — 65, 66, 78, 152, 154, 160, 171, 172, 505, 518, 521, 525, 968, 974, 979, 980, 984, 987, 988, 991, 1003.

Leito e nivelamento — 149, 152, 155, 162, 506.

Limpeza — 164, 171, 376, 506, 530, 724, 728, 1426.

Bichos soltos — 112, 149, 153, 154, 164, 165.

Enxurradas e poças de água — 152, 153, 155, 164, 169, 170, 504, 506, 515.

Mato e porcarias — 149, 152, 153, 156, 165, 166, 169, 181, 182, 202, 206, 512, 518, 526, 530, 724, 728, 1426.

Serviços de limpeza

Carroças — 504, 517, 518.

Covões — 165, 166, 169, 198, 504, 518, 563.

Século atual — 988.

Trabalhos de galés — 169.

Tigres — 169, 724, 728.

Pavimentação — 67, 163, 504, 509, 510, 511, 518, 521, 522, 523, 524, 606, 967, 978, 1081, 1456.

Asfalto — 988.

Carência de pedra — 163, 506, 510.

Carradas de pedra — 170, 171.

Cintas de pedra — 163.

Macadame — 67, 504, 522, 523, 524, 974.

Paralelepípedos — 970, 973, 974, 977, 978.

Passeios — 513, 522, 524, 1440.

Pedras brutas — 163, 171, 506.

Pedras irregulares — 67, 163, 171, 504, 506, 507, 509, 510, 973, 974, 975, 978, 1440.

Século XVIII [illegible] 504.

Século XIX [illegible] 171, 452, 505, 506, 509, 510, 511, 518, 521, 522, 523, 524, 606, 970, 973, 977, 978.

Século XX — 1332.

Ruas [illegible] Avenidas

[illegible] Soares — 1030.

[illegible] — 984.

[illegible] Ladeira [illegible] — V. Avenida São João.

[illegible] V. Seminário.

[illegible] 1264.

[illegible] — 984.

[illegible] 1028.

Alegre — V. Brigadeiro Tobias.

Alegria [illegible] Ipiranga [illegible]

Alfândega, da — 1062.

Alfredo Ellis — 1030.

Alvares Machado — 525, 526, 1439.

Alvares Penteado — 173, 300, 318, 374, 595, 674, 693, 698, 709, 712, 735, 749, 791, 937, 970, 979, 1074, 1118, 1137, 1167, 1209, 1277.

Álvaro de Carvalho — 1348.

Amador Bueno — 516.

Amaral Gurgel — 1027.

América — V. do Paraíso.

Américo de Campos — 795.

Ana Cintra — 980.

Ana Rosa — 1264.

Anchieta — 166, 304, 474.

Andradas, dos — 1028, 1441.

Angélica — 576, 984, 1028.

Anhangabaú — 1049, 1143, 1295, 1332, 1335, 1470.

Anhanguera — 1042.

Anita Garibaldi — 516, 525, 1206, 1209, 1335, 1467.

Aracajú — 984.

Araújo — 517, 1027.

Artur Prado — 1030.

Asdrubal do Nascimento — 1089.

Assembléia, da — 517, 61[illegible], 790, 1089, 1209, 1256.
Aterrado de Santana — 1258.
Aurora — 516, 947, 999.
Bahia — 984.
[illegible], dos — V. do Mercado e 25 de Março.
Bambús, dos — V. Visconde do Rio Branco.
Barão de Iguape — 795.
Barão de Itapetininga — 956, 960, 988, 1099, **1100**, ·1165, 1209, 1364, 1380.
Barão de Paranapiacaba — 938, 1008.
Barão de Piracicaba — 987, 1028, 1209, 1441.
Barão de Tatuí — **980**, **1028**.
Barbas, dos — V. Porto Geral.
Baronesa de Itú — 1028.
Barra Funda — 1029, 1045.
Barros, alameda — 1028.
Bela — V. dos Timbiras.
Beneficência Portuguesa, da — 1233, 1263.
Benjamin Constant — 173, 288, 525, 843, 875, 1027, 1049.
Bento Freitas — 1027.
Bexiga — V. de Santo Amaro.
Boa Morte, da — V. do Carmo.
Boa Vista — 166, 173, 509, 537, 693, 746, 771, 774, 795, 826, 834, 979, 1008, 1027, 1049, 1086, 1101, 1123, 1139, 1151, 1152, 1161, 1180, 1209, 1221, 1222, 1272, 1289, 1290, 1293, 1295, 1460.
Boa Vista, travessa — V. Três de Dezembro.
Bom Jesus, beco do — 160.
Bom Retiro — 516, 517, 1218, 1221.
Bonita — V. Tomás de Lima.
Brás, do — V. Rangel Pestana.
Brás, travessa do — 1032.
Bráulio Gomes — 925, 1375, 1470.
Bresser — 1069.
Brigadeiro Galvão — 1029.
Brigadeiro Luís Antônio — 217, 947, 948, 1030, 1233, 1295, 1367.
Brigadeiro Tobias — 247, 470, 698, 712, 802, 977, 1029, 1036, 1074, 1151, 1161, 1174, 1209, 1233, 1263, 1302, 1444.
Cadeia, da — V. da Assembléia.
Caixa Dágua, da — V. Barão de Paranapiacaba.
Camargos, dos — 166.
Campo Redondo, do — V. dos Guaianases.
Cantareira, da — 1343.
Canto da Lapa — 198.
Capitão Salomão (Desaparecida) — 173, 525, 527, 700, 870, 927, 1011, 1209, 1257, 1268, 1440, 1447, 1452, 1454, 1465.
Carandirú — 193.
Carmelitas, dos — 516, 564.
Carmelitas, ladeira dos — V. Agassiz.
Carmo, do — 132, 151, 157, 162, 173, 190, 197, 213, 316, 349, 380, 412, 478, 506, 517, 519, 563, 584, 605, 677, 717, 771, 773, 774, 777, 791, 795, 869, 957, 1041, 1049, 1069, 1073, 1074, 1091, 1209, 1221, 1222, 1263, 1264, 1268, 1432, 1440, 1449, 1455, 1464.
Carmo, ladeira do — 165, 169, 200, 213, 245, 290, 304, 517, 605, 675, 784, 868, 1332, 1443, 1445, 1458, 1467.
Carneiro Leão — 1032.
Casa Santa, beco da — V. do Riachuelo.
Casinhas, das — V. do Palácio.
Catumbí — 1035.
Celso Garcia — 194, 1363.
Cemitério, do — V. da Glória.
Cesário Mota — 1027.
Circular — 1045.
Colégio, beco do (desaparecido) — 160, 563, 774, 834.
Comércio, do — V. Álvares Penteado.

Comércio, tr[illegible] — 371, 517, 525, 978, 1149, 1152.
Conceição — [illegible] 1095.
Conde de Sa[illegible] — 10[illegible], 1246, 1343, 1441.
Conde do Pinhal — [illegible]
Condessa de São Joaquim — 1089.
Cônego Leão — V. da Liberdade.
Conselheiro Crispiniano — 9[illegible], 1268.
Conselheiro Furtado — 814, 1029, 1080, 1209, 1256, 1441.
Conselheiro Nébias — 947.
Consolação, da — 283, 571, 783, 977, 983, 987, 1040, 1174, 1209, 1256, 1268, 1367, 1375, 1470.
Constituição, da — V. Florêncio de Abreu.
Constituição, ladeira da — 1458.
Cornos, beco dos — V. Álvares Machado.
Cotovelo, do — V. da Quitanda.
Cruz Preta, da — V. Quintino Bocaiuva.
Cubatão — 984.
Direita — 112, 117, 151, 155, 157, 160, 162, 166, 172, 173, 190, 197, 230, 297, 316, 317, 318, 319, 343, 373, 380, 467, 513, 522, 603, 672, 673, 698, 700 707, 735, 771, 774, 796, 831, 834, 937, 955, 970, 973, 984, 1011, 1073, 1077, 1080, 1081, 1082, 1099, 1123, 1149, 1151, 1156, 1161, 1167, 1174, 1209, 1276, 1321, 1356, 1364, 1438, 1440, 1447, 1460, 1467.
Dom José de Barros — 983, 1295.
Domingos de Morais — 217.
Dona Veridiana — 1045.
Doutor Clímaco — 1070.
Doutor Falcão — 190, 517, 981, 1456.
Duque de Caxias — 1028, 1269, 1441.
Episcopal — 517, 1035.
Es[illegible] — [illegible] Salomão.
Estação, da — V. Mauá.
Estado, do — 1091, 1343.
Estreita — V. do Bom Retiro.
Estudantes, dos — 735, 1209, 1256, 1343, 1464.
Fábrica, beco da — 1169.
Faculdade de Direito, da — V. do Riachuelo.
Figueira, da — 212, 1031, 1442, 1459.
Florêncio de Abreu — 190, 197, 201, 245, 517, 524, 525, 614, 619, 710, 802, 817, 834, 960, 973, 977, 988, 1049, 1065, 1070, 1071, 1089, 1173, 1174, 1209, 1221, 1246, 1263, 1264, 1267, 1268, 1293, 1427, 1460.
Flores, das — V. Silveira Martins.
Floriano Peixoto — 160, 693, 1439.
Flórida — 1271.
Fonseca, ladeira do — 290.
Fôrca, da — V. da Liberdade.
Formosa — 556, 568, 1079, 1097, 1297, 1461, 1462, 1466.
Frederico Steidel — 1237.
Freira, da — V. Senador Feijó.
Fundição, da — V. Floriano Peixoto.
Gasômetro, do — 234, 970, 1181, 1234, 1242, 1456, 1464.
General Carneiro — 556, 564, 672, 685, 687, 1049, 1070, 1141, 1144, 1147, 1356, 1446, 1458, 1462.
General Jardim — 1027.
General Osório — 1028, 1441.
Glette, alameda — 947, 987, 1028, 1441.
Glicério — 245, 798, 970, 1246, 1456, 1459.
Glória, da — 157, 373, 523, 735, 795, 814, 1029, 1040, 1201, 1209, 1256, 1311, 1343, 1438, 1464.
Goiás — 984.

Grande Hotel, travessa do — V. Miguel Couto.
Guaianases — 516, 947, 1209.
Gusmões, dos — 1028, 11[illegible], 1441.
Helvétia — 970, 1028, 1441.
Higienópolis — 964, 983, 1045.
Hipódromo, do — 1045, 1069.
Hospício, do — 564, 970, 1456.
Humaitá — 781, 1089, 1109.
Imaculada Conceição, da — 1028.
Imperador, do — V. Marechal Deodoro.
Imperatriz, da — V. Quinze de Novembro.
Independência — 987.
Inferno, beco do — V. travessa do Comércio.
Intendência — 1096.
Ipiranga — 517, 575, 1049, 1290, 1317, 1325. 1335, 1467.
Irmã Simpliciana (Desaparecida) — 517, 529, 1049, 1343.
Irradiação — 1336, 1339.
Itacolomí — 984.
Itambé — 984.
Itatiaia — 984.
Itororó — 1335, 1351, 1470.
Jaceguai — 657, 1030, 1089.
Jaguaribe — 925, 1464.
Jardim, do — 517.
Jataí — 1045.
João Alfredo — V. General Carneiro.
João Brícola — 949, 1074, 1163, 1167, 1276, 1455.
João Julião — 1089.
João Teodoro — 1096, 1456.
Jôgo de Bola — V. Benjamin Constant.
José Bonifácio — 173, 509, 525, 700, 706, 736, 842, 975, 1080, 1174, 1268, 1456.
José Paulino — 1008.
Júlio Conceição — 1045.
Lapa, beco da — V. Miguel Couto.
Lavapés, do — 970, 1070, 1090.
Liberdade, da — 217, 517, 550, 781, 977, 983, 987, 1040, 1045, 1074, 1089, 1209, 1256, 1336.
Líbero Badaró — 166, 169, 173, 197, 518, 539, 545, 560, 571, 894, 944, 979, 980, 981, 1011, 1016, 1027, 1049, 1074, 1097, 1099, 1118, 1150, 1161, 1174, 1218, 1268, 1271, 1295, 1437, 1440, 1456, 1459, 1461.
Lombardi — 980.
Lopes de Oliveira — 987.
Lourenço Gnecco — 1271.
Maestro Cardim — 1030.
Major Sertório — 1027.
Maranhão — 984.
Marechal Deodoro (Desaparecida) — 595, 711, 771, 842, 869, 870, 973, 1011, 1256, 1263, 1452.
Maria Paula — 1335, 1467.
Marquês de Itú — 1027.
Martim Afonso — V. São Bento.
Martim Francisco — 1028.
Martiniano de Carvalho — 1030.
Mata-Fome, beco do — V. Araujo e Ipiranga.
Matemático, do — V. Tabatinguera.
Mato Grosso — 984.
Mauá — 1035, 1049, 1059, 1074.
Meio do — V. Amador Bueno.
Memória, ladeira da — 1049.
Mercado, do — 517.
Mercúrio — 1335, 1348, 1467.
Miguel Carlos — V. Florêncio de Abreu.
Miguel Couto — 374, 506, 1150.
Minas, beco dos — V. Onze de Agosto.
Monsenhor Andrade — 234, 1173.
Mooca, da — 1070, 1090.
Mosquitos, beco dos — 1011.
Municipal — V. General Carneiro.

Nothmen, alam[illegible] [illegible]
1441.
Nova de São J[illegible] [illegible]ro Badaró.
Nova do Guaçú — 162.
Nove de Julho — 13[illegible], 1[illegible], 1341, 1347, 1348, 1468, 1470.
Onze de Agosto — 1[illegible], [illegible], 525, 1041, 1049, 1137, 1205, 1207, 1209, 1275, 1379, 1438, 1440, 1464.
Onze de Junho — 1237.
Ouvidor — V. José Bonifácio.
Ouvidor, ladeira do — 525.
Pacaembú — 1335.
Paissandú, travessa do — 1028.
Palácio, do — 162, 307, 308, 433, 493, 497, 517, 638, 674, 682, 1134, 1137, 1144, 1164.
Palha, da — V. Sete de Abril.
Palmeiras, das — 988, 1028, 1174, 1238.
Paraíso, do — 516, 1030, 1045, 1089.
Paredão, do — V. Xavier de Toledo.
Parí, do — 970, 1456.
Paula Sousa — 1030, 1045, 1170.
Paulista — 194, 947, 948, 951, 958, 983, 985, 987, 988, 1021, 1027, 1031, 1045, 1081, 1229, 1270, 1340, 1341, 1347, 1456, 1468.
Pedroso — 1030, 1089.
Pelourinho, do — 316.
Piauí — 984, 1122.
Piques, ladeira do — V. Quirino de Andrade
Piratininga — 1032.
Pólvora, da — 659, 717.
Ponte do Acú, ladeira da — V. São João.
Porto Geral, ladeira — 160, 290, 611, 834, 925, 1258.
Princesa, da — 1269.
Príncipe, do — V. Quintino Bocaiuva.
Protestantes, dos — 1028, 1049, 1221, 1441.
Quartel, do — V. Onze de Agosto.
[illegible] [illegible] Teatro.
Quatro Cantos [illegible] 380.
Quintino Bocaiuva — 173, 214, 287, 517, 525, 560, 563, 663, 664, 698, 705, 754, 764, 769, 794, 875, 975, 979, 991, 1127, 1143, 1234, 1438, 1449, 1456.
Quinze de Novembro — 123, 151, 162, 166, 172, 318, 380, 491, 493, 495, 497, 509, 537, 547, 621, 672, 698, [illegible], 706, 709, 711, 737, 746, 771, 787, 791, 795, 836, 844, 931, 937, 970, 978, 979, 984, 1017, 1020, 1041, 1074, 1081, 1086, 1132, 1137, 1149, 1155, 1156, 1157, 1158, 1161, 1162, 1163, 1167, 1168, 1173, 1179, 1183, 1226, 1238, 1239, 1272, 1276, 1277, 1311, 1438, 1439, 1441, 1447, 1449, 1454, 1458, 1460, 1463, 1465, 1467.
Quirino de Andrade — 863, 977.
Quitanda, da — 162, 166, 300, 307, 506, 525, 672, 674, 698, 749, 970, 991, 1074, 1145, 1209, 1277, 1431, 1445.
Quitanda, travessa da — 537.
Rangel Pestana — 165, 173, 190, 202, 380, 478, 509, 517, 525, 542, 560, 573, 582, 698, 699, 795, 834, 956, 963, 987, 1011, 1032, 1035, 1073, 1116, 1151, 1256, 1263, 1268, 1275, 1359, 1438, 1442, 1445.
Rego, do — V. de Santa Cruz.
Rego Freitas — 1027.
Riachuelo, do — 160, 287, 517, 521, 525, 597, 601, 737, 893, 894, 1040, 1049, 1069, 1174, 1209, 1447.
Rodrigo Silva — 217.
Rosário, do — V. Quinze de Novembro.
Rosário, travessa do — V. João Brícola.
Rudge — 1042.
Sabará — 984.
Saldanha Marinho — 1045.

Santa Cruz — 289, 353, 517, 541.
Santa Ifigênia, de — 512, 988, 1359.
Santa Ifigênia, ladeira de — 247, 1029, 1444.
Santa Isabel — 1027.
Santa Luzia — 1029, 1441.
Santa Rosa — 1242, 1335, 1464, 1467.
Santa Teresa — V. Rangel Pestana.
Santa Teresa, travessa de — 525.
Santíssimo, travessa do — 795.
Santo Amaro — 217, 365, 517, 571, 616. 633, 977, 978, 987, 1140, 1256, 1348, 1444.
Santo Antônio — 315, 987, 1145, 1209, 1348.
Santo Antônio, ladeira — V. Doutor Falcão.
Santo Elesbão — V. Aurora.
São Bento, de — 65, 137, 151, 157, 158, 160, 162, 166, 172, 173. 197, 230, 303, 319, 340, 370, 374. 434, 560, 599, 693, 695, 698, 706, 712, 715, 764, 774, 796, 824, 842, 844, 937, 955, 963, 970. 977, 978, 984, 988, 1011, 1020, 1074, 1080, 1081, 1123, 1149, 1150, 1151, 1152, 1161, 1163, 1167, 1173, 1209, 1238, 1276, 1277, 1278, 1307, 1356, 1435, 1437, 1443, 1453, 1461, 1467.
São Caetano — 1096, 1359, 1456.
São Francisco — 162, 166, 471, 711, 712, 1438.
São Francisco, ladeira de — 1218, 1271.
São Gonçalo Garcia — 163, 173, 380, 795, 824, 841.
São João — 190, 506, 517, 525, 734, 940, 956, 987, 1028, 1074, 1089, 1101, 1143, 1209, 1237, 1238, 1277, 1293, 1332, 1337.
São João, ladeira de — 525.
São Joaquim — 1074, 1256.
São Luís — 521, 572, 1317, 1335, 1375, 1467, 1470.
São Vicente de Paula — 1028.
Sapo, beco do — V. travessa do Seminário.
Sebastião Pereira — 1027, 1367.
Seminário do — 344, 516, 693, 1028, 1074.
Seminário, travessa do (Desaparecida) — 160, 246, 517, 525, 834, 1264, 1296.
Senador Feijó — 173, 517, 525, 825, 875, 1011, 1151, 1209, 1256.
Senador Queiroz — 1169, 1335, 1467.
Sergipe — 984.
Sete Casas, das — V. Barão de Paranapiacaba.
Sete Casinhas, das — 1137.
Sete de Abril — 166, 571, 575, 817, 923, 1049, 1174, 1209, 1271, 1375, 1454, 1470.
Silveira Martins — 162, 166, 173, 404, 542, 734, 771, 795, 819, 842, 1041, 1070, 1209, 1268.
Sinimbú — 1029.
Tabatinguera — 157, 172, 173, 286, 543, 559, 563, 564, 576, 621, 734, 970, 1037, 1069, 1091, 1209, 1441, 1458, 1459.
Tamandaré — 583.
Teatro, do — V. Irmã Simpliciana.
Tesouro, do — 491, 1439.
Timbiras, dos — 512, 516, 1465.
Tiradentes — 65, 480. 615, 759, 987. 989, 1008 1045, 1335, 1380, 1448, 1456, 1457.
Tomás de Lima — 814, 1029, 1441.
Trás da Cadeia, de — V. da Assembléia.
Trás da Sé, de — V. Santa Teresa.
Trás do Carmo, de — V. dos Carmelitas.
Trás do Quartel, de — V. Anita Garibaldi.
Três de Dezembro — 1290.
Triunfo, do — 1028, 1441.

Vale d'Andora, do — V. Santo Antônio.
Verceslau Br[illegible] — [illegible]
Vergueiro — [illegible], [illegible], 1089, 1209, 1263.
Vieira de Carvalho — 1225, 1336.
Vila Nova — 1027.
Vinte e Cinco de Março — 517, 556, 564, 605, 614, 615, 672, 686, 1049, 1069, 1089, 1096, 1144, 1145, 1159, 1174, 1209, 1226, 1268, 1269, 1343, 1458, 1462.
Vinte e Quatro de Maio — 1158, 1209, 1221, 1237, 1275, 1295.
Visconde de Congonhas do Campo — 1270.
Visconde do Rio Branco — 511, 512, 524, 525, 571, 575, 817, 1221.
Vitória — 1221, 1332.
Vitorino Carmilo — 1029.
Voluntários da Pátria — 194.
Washington Luís — 1263.
Xavier de Toledo — 283, 521, 572, 1336.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE

AUTOMÓVEIS
Automobilismo — 1065, 1082, 1085, 1217, 1249, 1250.
Caminhões — 1054, 1062.
Jardineiras — 1054, 1062.
Ônibus — 1351.
Primeiros automóveis — 978, 1081, 1082, 1460.
Século atual — 65, 1054, 1062, 1081, 1083, 1085, 1460.

BONDES
De burro — 611, 908, 984, 1054, 1073, 1074, 1075, 1076, 1077, 1080, 1460.
Deficiências — 1075, 1076.
Lotação — 1076.
Elétricos — 65, 217, 984, 1003, 1004, 1045, 1054, 1079, 1080, 1081, 1351.

CAMINHOS
Aspectos [illegible]
Caminhos [illegible] — 186, 189, 20[illegible], [illegible], 219.
Conservação e reparos — [illegible], 189, 219, 220, 229, 583, 591, 1056.
Restauração de caminhos antigos — 1054, 10[illegible]2, 1085
Rodovias — 1054, 1062, 1082, 1085.
Trilhas de índios — 214.
[illegible] Cima, da — 190, 230
Campinas, de — 230, 560, 1040.
Carapicuíba, de — 214, 230.
Carro, do (Santo Amaro) — 214, 217, 607, 631, 654, 710, 717, 1029, 1444.
Embuaçava, de — V. de Pinheiros.
Freguesia do Ó, da — 588, 591.
Glória, da — 608.
Guaré, do — 190, 194, 201, 214, 1040, 1427.
Ibatata, de — V. de Pinheiros.
Jundiaí, de — 583, 1029.
Mar, do — 38, 39, 40, 73, 151, 205, 214, 218, 219, 220, 224, 225, 227, 294, 312, 327, 582, 583, 584, 585, 587, 595, 596, 613, 1423, 1427, 1429, 1442.
Calçada do Lorena — 226, 227, 229, 587.
Fechado por causa de epidemias — 219, 332.
Melhoramentos no setecentismo — 226, 229.
Oitocentismo — 582, 583, 584, 587, 588.
Restauração no século atual — 1054, 1065.
Trânsito de carros — 218, 587.
Trânsito perturbado por feras — 219.
Mooca, da — 213, 234, 711.
Parí, do — 205, 214, 233.
Penha, da — 213, 233, 311, 339, 564, 567, 589, 606, 782, 792, 1442.

Pinheiros, de — 151, 214, 217.
Piquirí, do — 214.
Rio de Janeiro, do — 195, 199, 202, 213, 225, 229, 233, 248, 563, 595, 1428, 1429.
Santo André, de — 151.
Sertão, do — 151.
Sete Voltas, das — 160.
Sorocaba e Itú, de — 230, 248, 560, 621, 1040.
Tabatinguera, da — 214.
Tejuguaçú, do — 214.

CARROS
Banguês ou Liteiras — 51, 95, 210, 238, 243, 592, 595, 1430.
Cadeirinhas — 220, 221, 234, 238, 592, 1429.
Carroças — 241, 605, 611, 1085.
Aperfeiçoadas — 1054, 1065, 1066.
De venda de água — 241, 611, 650, 665, 667, 749.
Carros-de-boi — 49, 95, 210, 234, 238, 506, 613, 694, 825, 1085, 1140.
Folia do Espírito Santo, na — 783.
Trânsito na zona urbana — 241, 601, 602, 605.
Carruagens — 65, 234, 241, 242, 567, 582, 592, 605, 606, 608, 611, 1054, 1065, 1067, 1069, 1070, 1085.
Diligências — 592, 605, 611.
Praça, de — 58, 452, 852, 605, 607, 611, 1030, 1063, 1065, 1066, 1069, 1085, 1460.
Tílburis — 58, 606, 607, 608, 609, 611, 1030, 1063, 1067, 1069, 1071, 1077, 1085, 1460.
Trânsito, posturas sôbre — 242.
Traquitanas — 234, 241, 242.
Troles — 608.
Fábricas de carros e carruagens — 711, 1054, 1065, 1069, 1070, 1170, 1173, 1174.

FERROVIAS
Aspectos gerais — 448, 451, 581, 582, 637, 697, 698.
Competição inicial com as tropas — 582, 588, 598, 601, 1053, 1059.
Estabelecimento de hotéis, influências sôbre o — 697, 698.
Formação de bairros, influência sôbre a — 496, 499, 575, 582, 588, 591, 783, 784, 1026, 1031, 1032, 1047, 1053, 1054, 1055, 1059, 1062.
Significação econômica — 63, 448, 451, 452, 499, 575, 582, 637, 672, 685, 899, 900, 918, 920, 967, 1031, 1032, 1053, 1054, 1055, 1060, 1062, 1105, 1453, 1459.
Estações
Luz, da — 496, 535, 591, 593, 611, 783, 784, 995, 1036, 1054, 1057, 1061, 1069, 1074, 1133, 1151, 1152, 1155, 1174, 1242, 1442, 1459, 1460.
Norte, do — 246, 901, 1032, 1040, 1069, 1074, 1152, 1453.
Estradas de Ferro
Mogiana — 1459.
Paulista — 1459.
Santos-Jundiaí — 499, 535, 537, 582, 588, 591, 593, 601, 607, 611, 637, 672, 685, 697, 698, 899, 970, 1026, 1035, 1042, 1055, 1059, 1062, 1174, 1242, 1283, 1454, 1459, 1462.
São Paulo-Bragança — 900, 1059.
São Paulo-Rio de Janeiro — 63, 1026, 1032, 1055, 1060, 1234, 1288, 1302, 1453, 1459.
São Paulo-Sorocaba — 1042, 1060, 1459.
Trenzinho a vapor para Santo Amaro — 1074, 1075, 1109.
Técnicos europeus — 67, 1061.

PONTES E VIADUTOS
Pontes
Aspectos gerais
Estragos devidos à passagem das boiadas — 224.
Ferro, de — 621.

Insuficiência dos vãos — 619.
Locais de aglomeração — 621.
Madeira roliça, [illegible] 210, 224, 242, 245, 246, 247, 249, 619, 620, 621.
Madeira tosca, de [illegible] 224, 619.
Oitocentismo, no — 616, 619, 620, 621, 1092, 1095, 1096.
Pedra, de — 210, 245, 246, 247, 248, 249, 619, 620. 621, 1055, 1092, 1095.
Reformas e remodelações de — 246, 247, 616, 620, 621, 1095.
Século atual, no — 1348.
Tempos primitivos, nos — 223.

Denominações

Abdicação, da — 166, 169, 198, 245, 246, 247, 248, 286, 509, 541, 559, 560, 601, 615, 619, 620, 677, 825, 868, 1074, 1076, 1079.
Acú, do — V. da Abdicação.
Almas, das — V. Pequena.
Anastácio, do — 247.
Anhangabaú, do — 224.
Antônio Manuel, de — 616.
Aricanduva, do — 246.
Aterrado do Gasômetro, do — 1095, 1096.
Balthar, do — 1289.
Bandeiras, das — 1345, 1351, 1468.
Bexiga, do — V. de Antônio Manuel.
Carmo, do — 166, 245, 246, 303, 509, 541, 559, 563, 601, 612, 614, 617, 677, 1095, 1096, 1442, 1444, 1458.
Cisqueiro, do — V. da Abdicação.
Constituição, da — 205, 601, 726.
Cruz das Almas, da — V. Pequena.
Debaixo da Casa Carmelitana — V. do Carmo.
Ferrão, d[illegible] 582, 619.
Fonseca, do — [illegible]
Franca, do — 201.
Grande — 223, 225, 247, 613, 620, 784, 1345, 1351, 14[illegible]8.
Guaré, do ou *Guarepe*, do — V. Grande.
Ingleses, dos — 798.
Ipiranga, do — V. da Tabatinguera.
Lavapés, do — 201.
Limpeza, da — 616.
Lorena, do — 201, 230, 233, 245, 246, 247, 248, 286, 289, 509, 541, 568, 616, 619.
Manuel da Cunha, de — V. Debaixo da Casa Carmelitana.
Marechal, do — V. da Abdicação.
Meio, do — 246, 1458.
Mercado, do — 621, 1226, 1443.
Miguel Carlos, do — 245, 616, 619.
Mooca, da — 970, 1456.
Nicolau, do — 246.
Pacaembú, do — 247.
Pequena — 224, 615.
Pinheiros, de — 225, 242, 247, 621.
Piques, do — 518, 616, 712.
Santana, de — 621.
Tabatinguera, da — 213, 224, 509, 601, 1309, 1311, 1467.
Tamanduateí, do — V. da Tabatinguera.
Tapanhoim, do — V. do Lavapés.
Tatuapé, do — 246.

Viadutos — 1096, 1347, 1454.
Boa Vista, da — 1101, 1294.
Chá, do (novo) — 1333, 1337, 1348, 1359, 1379, 1468, 1470.
Chá, do (velho) — 909, 933, 1055, 1089, 1092, 1096, 1097, 1099, 1100, 1158,

1295, 1440, 1453, 1454, 1459, 1461, 1466.
Rosário-Paissandú (projeto) — 1100, 1101.
Santa Ifigênia, de — 1055, 1101, 1143, 1336, 1468, 1470.
Viadutos modernos — 1347, 1348, 1351.

RIOS E NAVEGAÇÃO
Aspectos gerais
Canalizações e retificações — 209, 211, 213, 349, 350, 521, 727, 1054, 1055, 1085, 1086, 1089, 1090, 1344, 1347, 1468.
Lavadeiras — 198, 212, 284, 342, 350, 353, 617, 621, 1043, 1095, 1121, 1459.
Localização de moradores primitivos — 211.
Pesca — 193, 253, 257, 258, 271, 272, 626, 636, 637, 685, 1028, 1086, 1110, 1352.
Barbasco, cal, coca e trovisco, com — 272.
Pari e tresmalho — 193, 258, 272. 636, 637.
Piracemas — 271.
Redes de arrasto — 271.
Timbó ou tinguí, com — 253, 258, 271, 272.
Solevamento de várzeas — 1090.
Transbordamentos e inundações — 211, 350, 470, 614, 615, 616, 619, 620, 1054, 1086, 1087, 1090. 1243, 1460, 1465.
Navegação
Portos
Coronel Paula Gomes, do — 612.
Figueira, da — 612.
Ingleses, dos — 1249.
Porto Geral — 611, 612, 563, 564.
Tabatinguera, da — 285, 612, 1444.
Séculos XVI e XVII — 209, 210.
Séculos XVIII — 211, 285, 581.
Século XIX — 581, 611, 612, 613, 685, 1054, 1085, 1091.
Século XX — 1054, 1092, 1347.
Rios e Várzeas
Acú — 242, 279, 1089.
Água Branca — 247, 276, 1092.
Alemão, do — 1092.
Almas, das — V. Anhangabau.
Anhangabaú — 160, 166, 170, 181, 189, 190, 197, 198, 201, 205, 210, 217, 224, 241, 245, 246, 248, 278, 279, 283, 284, 285, 290, 315, 342, 366, 541, 566, 568, 575, 612, 615, 616, 619, 723, 726, 733, 738, 764, 769, 781, 877, 933, 1055, 1089, 1091, 1095, 1096, 1190, 1192, 1448, 1449, 1453, 1461.
Anhembi — V. Tietê.
Aricanduva — 1116.
Barro Branco — 1092.
Bexiga — 1096.
Cambucí — 205, 217, 287, 572.
Cavandoca — 1092.
Cotia — 1122, 1128.
Cuvetinga — 1092.
Grande — 184.
Jacuba — V. Acú
Iguatemí — 1092.
Ipiranga — 205. 1092
Jeribatiba — 184, 211, 225, 299, 1092.
Jurubatuba — V. Jeribatiba.
Lavapés — 205, 337, 584, 592, 1092, 1121.
Limpeza — V. Anhangabaú.
Mooca — 211, 1092.
Pacaembú — 247. 276, 1367.
Pedra Branca — 667.
Pinheiros — 183, 217, 230, 242, 249, 276, 294, 612, 613, 977, 1046, 1335, 1340, 1347, 1348, 1352, 1360, 1424.
Rio Verde, do — 1092.
Santo Antônio — 337.
Saracura — 241, 253, 288, 738, 977, 1056, 1092, 1096, 1448, 1453.
Tamanduateí — 119, 160, 165, 166, 181, 183, 189, 190, 198, 200, 201, 205, 209, 210, 211,

214, 224, 233, 245, 246, 248, 258, 278, 279, 284, 290, 300, 330, 342, 344, 349, 350, 353, 365, 366, 372, 530, 541, 556, 559, 564, 567, 581, 611, 612, 614, 615, 619, 621, 663, 665, 667, 672, 685, 724, 727, 733, 756, 798, 814, 817, 829, 977, 1007, 1042, 1043, 1054, 1067, 1085, 1086, 1089, 1090, 1091, 1095, 1096, 1121, 1127, 1132, 1217, 1243, 1246, 1249, 1262, 1336, 1340, 1344, 1348, 1428, 1432, 1442, 1443, 1445, 1456, 1459, 1460, 1465, 1468.

Tatuapé — 1092.

Tieté — 183, 194, 209, 210, 211, 214, 225, 233, 247, 248, 271, 276, 300, 349, 372, 387, 564, 567, 611, 612, 613, 614, 620, 621, 637, 734, 784, 798, 829, 1029, 1042, 1054, 1085, 1086, 1090, 1091, 1092, 1095, 1246, 1249, 1283, 1335, 1340, 1344, 1345, 1347, 1466, 1468.

Toucinho — 1092.

Traição, da — 1092.

Vale do Anhangabaú — 201, 217, 733, 743, 944, 977, 987, 1169, 1295, 1348, 1359, 1379, 1468.

Várzea do Tamanduateí — 166, 211, 212, 233, 315, 330, 345, 724, 733, 755, 783, 817, 908, 977, 1008, 1054, 1085, 1089, 1226, 1428, 1441, 1465.

Várzea do Tieté — 977.

TROPAS CARGUEIRAS — 47, 95, 198, 210, 231, 234, 237, 241, 308, 309, 312, 441, 448, 452, 541, 568, 582, 583, 587, 588, 592, 596, 599, 601, 611, 626, 630, 1055, 1425, 1428, 1431.

Competição com as ferrovias — 588, 591, 598, 601.

Emprêsas de transporte — 582, 595, 596, 601.

Estacionamento de tropas na cidade — 198, 233, 241, 568, 598, 1056.

P[illegible] e R[illegible] — 233, 311, 312, 313, 581, 582, 583, 596, 616, 672, 689, 1056, 1428, 1429.

[illegible] de tropas [illegible] na — 234, 237, 241, 441, 452, [illegible], 582, 583, [illegible], [illegible], [illegible], 1055.

Tropeiros — 231, 237, 311, 550, 588, 595, 598, 626, 630, 689, 729, 802, 1429, 1430.

Bois como cavalgaduras — 220.

Burros e cavalos — 220, 234, 239, 504, 515, 587, 592, 597, 599, 605, 1069.

Cavaleiros — 95, 210, 234, 235, 237, 550, 592, 596, 605, 801.

Indústrias e atividades afins

Ferradores — 237, 515, 598, 608, 609, 1069, 1070.

Seleiros — 237, 713, 1170.

Veterinários — 598.

TÚNEIS E PASSAGENS SUBTERRÂNEAS

Passagem Avenida São João — 1337, 1468.

Passagem Patriarca-Anhangabaú — 1348.

Túneis — 1348, 1351.

Tunel Nove de Julho — 1341, 1347, 1348, 1468.

MERCADOS E LOJAS

FEIRAS E QUITANDAS

Feiras-Livres — 293, 300, 305, 306, 317.

Madeiras, de — 49, 672, 685, 1140.

Pilatos, de — 305, 306, 317, 320, 386.

Primitivas — 293, 294, 295, 1145.

Século atual, no — 1132, 1145, 1146, 1356.

Mercados

Casinhas — 266, 283, 294, 303, 304, 307, 308, 358, 671, 672, 674, 675, 677, 682, 685, 686, 1431, 1445.

Abusos nas — 671, 674.
Insuficiência das — 304, 305, 307, 671.
Limpeza das — 304, 307, 672, 686.
Mercado de 1933 — 1356.
Mercado de São João — 1132, 1143, 1144, 1145, 1153, 1462.
Mercado do Largo da Concórdia — 1132, 1144, 1145.
Mercado do Largo São Paulo — 1132, 1144.
Mercado Velho — 605, 672, 685, 686, 687, 689, 1067, 1090, 1132, 1133, 1134, 1141, 1144, 1145, 1146, 1159, 1171, 1460, 1462, 1463.
Mercados provisórios — 671, 672, 677, 678.
Quitandas
Barracas, em — 678, 681.
Horário de — 299, 303, 358, 359, 678.
Locais de — 178, 293, 299, 300, 307, 308, 359, 495, 638, 672, 674, 677, 678, 681, 895, 1134, 1137.
Quitandeiros — 673, 1134, 1140, 1143, 1146.
Içá, de — 273, 275.
Milho verde, de — 275, 300, 1431.
Peixe, de — 303, 306, 672, 677, 678, 682 683, 685, 1086, 1445, 1446.
Quitutes, de — 255, 275, 672.
Tabuleiros, em — 67, 178, 308, 357, 358, 626, 672, 679, 681, 1131, 1139, 1143, 1146, 1427, 1437, 1446.
Vendedores ambulantes — 67, 308, 637, 638, 963, 1111, 1131, 1138, 1139, 1356.
Balas, de 1140.
Bugigangas, de — 67, 307, 1431.
Capim, de — 300, 1431.
Flores, de — 963, 1132, 1138.
Garapa, de — 644, 647, 1140, 1443.
Jornais, de — 1131, 1137, 1138.
Pinhão, de — 175, 178, 273, 275, 1427.
Tempos primitivos, nos — 294, 296.
LOJAS E MERCADORIAS
Localização e horário
Horários de funcionamento — 299, 316, 358, 700, 703.
Localização das principais — 161, 198, 316, 317, 318, 319, 621, 672, 673, 698, 1035, 1039, 1132, 1161, 1167, 1168, 1169, 1183, 1356, 1359.
Lojas em bairros — 1035, 1039, 1046, 1168.
Lojas fechadas, vendendo pelas janelas — 311.
Lojistas provisórios — 699.
Lojas — 293, 296, 303, 316, 317, 318, 319, 495, 672.
Bijuterias, de — 698, 699.
Calçados, de — 698, 700.
Fazendas e armarinhos, de — 161, 297, 307, 319, 698, 699, 707, 709, 710, 791, 1162, 1163.
Ferragens, de — 318, 319, 698, 1162.
Indistinção do comércio — 295, 296, 299, 300, 303, 317, 318, 673, 709, 710, 1162.
Joias e relógios, de — 699, 700, 710, 1168.
Louças, de — 319, 698.
Modas e confecções, de — 673, 703, 705, 706, 710, 1161, 1163, 1164, 1167.
Nas mãos de franceses — 67, 673, 706, 710, 1163, 1167.
Móveis, de — 1164.
Secos e molhados, de — 161, 303, 307, 318.
Procedência de mercadorias
Casas importadoras — 1132, 1133, 1162, 1163, 1164.
De máquinas e instrumentos agrícolas — 1133, 1163, 1164.
França — 318.
Rio de Janeiro — 318, 499, 500, 703, 704.
Propaganda
Fins do oitocentismo — 1161, 1162.

Meados d[illegible] — 70[illegible].
Tempos coloniais [illegible]
Lojas primitivas — 2[illegible], 2[illegible],
296.
Negociantes ab[illegible] — 2[illegible]
297, 316, 317.

MULHERES

CLASSES HUMILDES DE
Armadas, pelas ruas — 553.
Auxiliando no combate aos incêndios — 749.
Começo do oitocentismo, no 323.
Teatro, no — 51, 52.
COSTUMES E USOS
Casamento — 43.
Costumes — 477, 756.
Desacompanhadas, nas ruas — 1132, 1161.
Leviandade — 88.
Reclusão — 51, 317, 495, 694.
Uso de banguês ou cadeirinhas — 238, 592.
DIVERSÕES
Bailes e festa — 43. 784.
Bicicleta — 1245.
Carnaval — 795.
Corridas de cavalo — 802, 803.
Passeios campestres — 387.
Teatro — 51, 52, 874.
ENSINO
Aulas de dança — 785.
Escolas para meninas — 832, 833, 1264, 1268, 1271.
Incultura — 52.
INDÍGENAS E SERTANEJAS
Indígenas — 48, 50, 77, 219, 253, 259, 260, 279, 280, 401, 1430.
Sertanejas — 347.
MÚSICA E DANÇA
Canto — 890.
Danças — 388, 430.
Negras, de — 786, 789.
Procissões, nas — 376.
Instrumentos musicais — 430.
Piano — 890.
OCUPAÇÕES, PROFISSÕES
Armadoras de anjos — 1221, 1222.
[illegible]
[illegible]
[illegible]
635, 819, 820, 1430.
Criadeiras — 49.
Donas de fábrica — 715.
Estalajadeiras — 294.
Fabricantes de cigarro — 823.
Fabricantes de velas — 712, 715.
Lavadeiras — 621.
Modistas — 706, 710.
Mulheres da vida — 446, 817, 1157.
Operárias — 642.
Padeiras — 261, 267, 376
Professoras de dança — 785.
Quitandeiras — 175, 303, 308, 357, 376, 638, 672, 678, 681, 682, 1133, 1134, 1137, 1139, 1141, 1437.
Rendeiras — 320.
Serviços domésticos — 279, 280, 286, 290, 518, 681, 682.
Tecelãs — 324, 325.
RELIGIOSIDADE
Interêsse pelas procissões — 777, 778.
Puxadoras de rezas — 374.
Recolhidas de Santa Teresa — 366.
SAUDE, DOTES FÍSICOS
Andar — 171, 172.
Beleza — 36, 52, 56, 387, 1041.
Dentes — 52.
Morféticas — 733.
TRAJES E ADORNOS
Embuçadas — 46, 55, 56, 89, 1424, 1437.
Profusão de joias — 786.
Trajes — 55, 56, 78, 88, 388, 510, 682, 704, 709, 774, 1437.

MÚSICA

INSTRUMENTOS MUSICAIS — 425, 430.
Cavaquinho — 893.
Clarineta — 893.
Flauta — 893.
Fonógrafos — 1168. 1307.

Guitarra — 425, 430, 1435, 1436.
Harpa e cítara — 425, 430, 1234.
Maracá — 1139.
Marimba — 895.
Órgão — 425.
Piano — 430, 862, 890, 893, 894, 1288, 1301, 1466.
Pistão — 893.
Puíta — 895.
Rabecão — 404, 893.
Realejo — 1234.
Reco-reco — 895.
Sanfona — 1308, 1466.
Tamborim — 895.
Tambú — 895.
Trompa — 893.
Urucungo — 895.
Viola — 308, 425, 433, 895, 1308, 1436, 1466.
Violão — 876, 879, 893, 1436.
MÚSICA ERUDITA — 421.
Companhias líricas — 1288, 1302.
Compositores — 899.
Gomes, Carlos — 863, 894, 1303.
Itiberê, Brasílio — 863, 894.
Levy, Alexandre — 1288, 1301, 1302.
Concertos musicais — 893, 894, 1241, 1288, 1302, 1303, 1452.
Salões para concertos — 1294, 1302, 1307.
Sociedades musicais — 862, 1288, 1302, 1303, 1307, 1381.
Música Religiosa — 422, 425, 426, 433, 889.
Professores de música — 890, 893, 1288, 1301, 1304.
Conservatório Dramático e Musical — 1288, 1307.
Mestres de capela — 422, 425, 426, 433, 760, 889, 890.
MÚSICA POPULAR — 55, 388, 430, 431, 895, 1381, 1382, 1435, 1436.
Africana — 67, 423, 430, 759, 1139, 1140.
Música do Tambaque — 786.
Bandas militares, de — 60, 67, 386, 389, 1304, 1305.
Batuque — 308, 357, 358, 388, 423, 430, 433, 785, 863, 895.
Caiapós — 741, 785, 786, 863, 895.
Caipira — 308, 433, 895.
Cânticos de catequese — 394, 423, 425.
Cantigas de índios — 422, 423, 430.
Canto — 422, 430, 431, 890.
Serenatas — 829, 862, 887, 893, 891, 1452, 1453.
Cateretê — 424, 425, 1308.
Congada — 785, 786, 789, 894, 895.
Cururú — 422, 424, 425.
Italiana — 890, 1288, 1289, 1308, 1466.
Lundús e modinhas — 308, 430, 431, 433, 863, 889, 890, 894, 895.
Moçambique — 785, 895.
Profana nas igrejas — 754, 760, 890.
Samba — 785, 863, 895.

POLICIAMENTO

CRIMES E OCORRÊNCIAS
Assaltos nos caminhos — 330, 332, 333, 357, 358.
Assassinatos — 333, 353, 354, 359, 741.
Bandos armados — 329, 330, 333, 353, 354, 355, 359, 738, 1432.
Banhos de rio — 798, 1243, 1246, 1249.
Capoeira — 741, 756, 797.
Danças populares — 368, 369, 371, 388, 430, 433, 755, 785, 786, 1433.
Desordeiros e valentões — 329, 332, 333, 353, 359, 738, 741, 1432.
Escravos fugidos — 357, 358, 359, 725, 738, 743, 745, 1448.
Calhambolas — 330, 357, 358, 359, 725, 738, 742, 781, 1448.
Forasteiros desocupados — 329, 330, 333, 354, 357.
Imoralidade nas fontes — 280, 281, 286, 288.

Incêndios
Causas nos tempos primitivos — 103, 159, 749, 750.
Causas no oitocentismo — [illegible]
Jogos proibidos — 357, [illegible], 741, 792.
Ladrões — 300, 305, 333, 357, 358, 359, 536, 545, 738, 742, 745.
Troças de estudantes — 808, 825, 826, 827.

ORGANIZAÇÕES POLICIAIS
Corpo Policial Permanente — 725, 742, 745, 749, 750, 771, 1191, 1203, 1210, 1211, 1450, 1463.
Fins do oitocentismo e século atual — 1200, 1210, 1211, 1463.
Fiscalização das correntes de galés — 169, 301, 725, 745, 746, 1431, 1447.
Fôrca — 353, 354, 1432.
Guarda Urbana — 725, 1191, 1201, 1203, 1205, 1210, 1211, 1246, 1249.
Guardas Municipais — 742, 745, 746, 750, 1191, 1197, 1200.
Oitocentismo — 174.
Quadrilheiros coloniais — 329, 332, 742.
Secção de Bombeiros — 725, 746, 749, 1191, 1205, 1206, 1209, 1210, 1211.
Combate a incêndios — 725, 745, 746, 749, 763, 1203, 1204, 1205, 1206 1217.

POVOADORES E HABITANTES

Africanos — 41, 48, 93, 297, 337, 353, 354, 376, 430, 517, 634, 674, 681, 729, 759, 761, 786, 1137, 1448.
Alemães — 58, 321, 322, 523, 535, 595, 649, 663, 672, 700, 710, 718, 759, 844, 939, 951, 1028, 1065, 1106, 1149, 1150, 1167, 1170, 1181, 1283, 1301, 1302, 1441, 1446.
Austríacos — 58.
Belgas — 58.
Brasileiros de outras [illegible] 801, 809, 810, 818, [illegible]
[illegible]
864, 1344, 1352, 1355.
Franceses — 58, 67, 318, 446, 516, 522, 639, 672, 673, 689, 693, 697, 699, 706, 710, 746, 749, 801, 835, 844, 847, 963, 979, 992, 1055, 1070, 1096, 1137, 1163, 1167, 1181, 1233, 1234, 1453, 1458.
Húngaros — 1123, 14[illegible].
Indígenas — 33, 39, 41, 45, 48, 49, 50, 51, 56, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 86, 96, 99, 100, 103, 110, 112, 116, 150, 182, 183, 184, 186, 189, 200, 210, 214, 218, 219, 220, 223, 229, 233, 253, 254, 258, 259, 260, 263, 273, 274, 279, 297, 311, 320, 329, 331, 332, 333, 353, 354, 355, 357, 364, 368, 369, 371, 394, 401, 424, 430, 433, 626, 636, 1423, 1424, 1430, 1432, 1433, 1435.
Ingleses — 42, 58, 529, 620, 632, 640, 641, 660, 667, 700, 1029, 1170, 1217, 1242, 1249, 1447, 1451, 1464.
Israelitas — 1343, 1344.
Italianos — 58, 59, 60, 607, 637, 709, 785, 907, 918, 919, 921, 925, 948, 951, 963, 964, 1025, 1071, 1085, 1095, 1101, 1106, 1110, 1112, 1115, 1121, 1131, 1137, 1138, 1139, 1167, 1173, 1180, 1181, 1182, 1277, 1281, 1288, 1289, 1304, 1308, 1311, 1316, 1344, 1355, 1368, 1445, 1466.
Japoneses — 1327, 1343, 1352, 1355, 1368.
Lituanos — 1355.
Mamelucos — 48, 49, 50, 77, 79, 80, 202, 258, 329, 331, 332, 353, 355, 357, 364, 1432.
Negros — 36, 53, 67, 131, 169, 175, 238, 301, 307, 308, 321,

330, 334, 337, 343, 353, 354, 357, 358, 359, 376, 388, 430, 433, 436, 592, 605, 638, 672, 679, 681, 686, 706, 738, 741, 749, 755, 768, 785, 786, 789, 790, 797, 803, 813, 820, 825, 836, 894, 895, 926, 1134, 1137, 1139, 1141, 1158, 1206, 1221, 1428, 1432, 1437, 1439, 1446.
Norte-americanos — 1116, 1137.
Paulistas — 368, 424, 430, 433.
Portugueses — 41, 56, 58, 71, 74, 135, 150, 319, 323, 389, 413, 425, 446, 523, 647, 672, 689, 737, 875, 877, 919, 964, 1071, 1121, 1290, 1344, 1352, 1355, 1368.
Sírios — 1327, 1343, 1355.
Suecos — 58, 1282.
Suiços — 318.
LINGUAGEM
Fala paulista — 50, 51, 52.
Língua castelhana — 55.
Língua da terra — 50, 51, 55.
Língua italiana — 58, 59, 1085.
Língua portuguesa — 50, 55, 58.
Vocábulos tupís — 51, 394.
VESTUÁRIO
Era Colonial
Falta de panos — 39, 78, 296.
Mulheres embuçadas — 46, 55, 56, 88, 89, 1424.
Quinhentismo, no — 78.
Século XIX.
Agasalhos, capotes — 35, 36, 51, 354.
Calças brancas masculinas — 515.
Confecção de roupas elegantes — 63, 64, 703, 704.
Mantilhas e rendas — 51, 55, 56, 446, 510, 907, 1437.
Modas — 388.
Simplicidade — 319, 1435.
Trajes
Banho, de — 798.
Escravos cocheiros, de — 605.
Estudantes, de — 35, 36, 456, 703, 704, 1241, 1437.
E ornatos femininos — 52, 55, 56, 388, 682, 704, 709, 874.
Quitandeiras de peixe, de — 682.
Uniforme de Guarda Urbana — 745.
Século XIX (fins) e comêço do atual
Cartolas — 1041.
Influência francesa — 65, 67.
Influência italiana — 59.
Trajes masculinos — 1157.

REFERÊNCIAS GEOGRÁFICAS

BRASIL
Bahia — 92, 321, 809, 831, 926, 1218, 1270.
Salvador — 32, 36, 37, 42, 46, 64, 79, 142, 143, 171, 199, 238, 296, 379, 401, 429, 433, 435, 437, 455, 516, 592, 690, 797, 926, 1423.
Ceará
Fortaleza — 455.
Distrito Federal
Rio de Janeiro — 32, 36, 37, 42, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 64, 79, 92, 94, 115, 118, 143, 144, 171, 172, 199, 213, 225, 229, 231, 248, 255, 265, 268, 277, 289, 294, 296, 300, 316, 317, 318, 321, 347, 374, 379, 385, 386, 394, 408, 422, 429, 433, 434, 435, 442, 445, 446, 447, 455, 456, 459, 474, 491, 492, 495, 506, 509, 516, 518, 522, 523, 524, 534, 537, 542, 545, 549, 563, 592, 595, 607, 608, 640, 641, 660, 672, 682, 690, 703, 704, 706, 711, 718, 755, 782, 784, 795, 809, 810, 831, 844, 847, 862, 863, 870, 881, 886, 908, 912, 926, 973, 984, 995, 999, 1020, 1041, 1049, 1055, 1060, 1065, 1066, 1069, 1074, 1080, 1082, 1116, 1122, 1132, 1137, 1143, 1150, 1155, 1158, 1161, 1164, 1179, 1190,

1192, 1205, 1206, 1218, 1288. 1296, 1302, 1319, 1367, 1423, 1427, 1428, 1429, 1430, 1436 1437, 1445, 1451, 1457, 1467.
Espírito Santo — 273, 1424.
Goiás — 225, 230, 354, 813.
Maranhão — 810.
São Luís — 46, 142, 143, 174, 409, 434.
Mato Grosso — 230, 810, 1426.
Cuiabá — 85, 234, 354, 357, 455.
Minas Gerais — 57, 85, 91, 92. 130, 174, 225, 330, 334, 337, 357, 394, 417, 430, 433, 435, 491, 625, 630, 729, 809, 818, 831, 908, 925, 1270, 1425, 1427, 1428.
Belo Horizonte — 32, 38, 1319,
Ibituruna — 1425.
Juiz de Fora — 1270.
Ouro Preto — 131, 137, 199. 238, 287, 435, 437, 657, 881, 911, 1423, 1438.
Sabarabuçu — 1425.
São João del Rey — 146, 778.
São Pedro de Paraopeba — 1425.
Sumidouro — 1425.
Vila Rica — V. Ouro Preto.
Pará — 1426.
Belém — 46, 455, 495, 606, 753, 1461.
Paraná — 802.
Curitiba — 38, 92, 225, 1430.
Pernambuco — 93, 856, 926, 1270.
Olinda — 199.
Recife — 32, 36, 37, 42, 44, 46, 64, 132, 136, 142, 143, 171, 316, 409, 433, 455, 495, 926.
Rio de Janeiro — 92, 174, 222, 448, 810.
Niterói — 455.
Parati — 337, 430.
Petrópolis — 456, 459.
Rio Grande do Sul — 174, 274, 322, 441, 802, 810, 831.
Porto Alegre — 455.

Atibaia — 241, 254, 266, 301, 312, 629, 1431.
Bougí — V. Mogí das Cruzes.
Bragança — 254, 266, 629, [illegible] 1059.
Cachoeira — 1060.
Campinas — 46, 92, 225, 230, 321, 448, 451, 455, 560, 597, 630, 686, 729, 823, 903, 1060, 1164, 1299.
Capivarí — 10[illegible]0.
Caveiras — 595.
Cubatão — 588.
Descalvado — 1059.
Franca — 225, 625, 630, 729.
Guararema — 1234.
Iguape — 900.
Itanhaem — 1460.
Itú — 82, 92, 225, 230, 248, 312, 522, 560, 900, 1060, 1430, 1440.
Jacareí — 1060, 1234.
Jaguari — V. Bragança.
Jundiaí — 92, 218, 230, 248, 304, 549, 583, 588, 899, 1055, 1059, 1299, 1431.
Limeira — 585, 1442.
Mogí das Cruzes — 213, 241, 266, 613, 648, 1060, 1234, 1347, 1352.
Mogi-Guaçu — 51.
Mogí-Mirim — 1060.
Nazaré — 213, 237, 254, 266, 308, 629, 1428, 1431.
Piracicaba — 92, 474, 1060. 1371.
Ponto Alto — 595.
Porto Feliz — 92, 1060.
Ribeirão Preto — 1059.
Rio Grande — 595, 1085, 1332.
Santos — 39, 46, 47, 72, 91, 94, 95, 194, 219, 226, 230, 237, 258, 296, 332, 337, 338, 412, 441, 455, 492, 536, 541, 549, 582, 583, 584, 588, 591, 592,

595, 596, 597, 613, 637, 718, 838, 899, 903, 973, 999, 1036, 1055, 1062, 1065, 1082, 1106, 1110, 1112, 1116, 1139, 1259, 1428, 1451, 1453, 1461.
São João do Ipanema — 277, 321, 322, 1436.
São Sebastião — 92, 1427.
São Vicente — 72, 79.
Sorocaba — 82, 92, 225, 230, 248, 321, 621, 718, 1060.
Taubaté — 82, 900, 1060..
Tietê — 1116.
Turvo — 1059.
Ubatuba — 92, 900.
Zanzalá — 588, 595.
CONTINENTES E PAÍSES
Africa — 91, 118, 296, 537.
Cabo da Boa Esperança — 592.
América do Norte
Estados Unidos — 63, 64, 1169, 1179, 1245, 1246, 1255, 1270, 1275, 1328, 1437.
Hollywood — 1367.
Nova York — 647, 698, 983, 1327, 1456.
América do Sul — 1288.
América Espanhola — 469, 1422.
Paraguai — 750.
Rio da Prata — 257, 388.
Buenos Aires — 296, 1016, 1319, 1367.
Uruguai — 1271.
Montevidéu — 1367.
Ásia — 277, 639, 1179, 1343.
China — 238, 277, 492, 642.
Cantão — 641.
Índia — 238, 277, 626, 640, 641
Japão — 499, 1343.
Europa — 442, 549, 1133, 1169, 1185, 1217, 1242, 1254, 1255, 1272, 1288, 1294, 1303, 1315, 1319, 1328, 1343, 1427, 1436.
Alemanha — 403, 851, 1095, 1099, 1106, 1211, 1267, 1368, 1436, 1469.
Ausburg — 1436.
Colônia — 1368.
Frankfort-sôbre-o-Meno — 1368.
Frankfort-sôbre-o-Oder — 1368.
Hamburgo — 1302.
Munchen — 1117.
Munich — 1117, 1196.
Áustria — 64.
Viena — 524, 1426.
Bélgica — 65, 929, 939, 1101.
Bruxelas — 66, 978.
Espanha — 33, 55, 255, 263, 390, 426, 1436.
França — 65, 473, 760, 793, 843, 1095, 1275, 1426, 1430.
Bordéus — 1428.
Nice — 948, 1426.
Paris — 65, 66, 380, 911, 1016, 1050, 1137, 1138, 1161, 1190, 1193, 1296, 1315, 1430, 1467.
Hungria — 64, 1179.
Inglaterra — 46, 65, 643, 1061, 1163, 1459.
Edimburgo — 1061.
Londres — 46, 65, 66, 380, 524, 537, 621, 1016, 1427.
Itália — 58, 59, 64, 65, 287, 947, 1095, 1115, 1167, 1180, 1288, 1308.
Florença — 1100, 1312.
Milão — 59, 978.
Nápoles — 59, 66, 978.
Roma — 66.
Turim — 59, 66.
Veneza — 1100, 1164.
Noruega — 1117.
Portugal — 33, 38, 39, 40, 45, 55, 65, 78, 85, 91, 117, 118, 120, 124, 130, 264, 293, 296, 397, 412, 414, 421, 426, 442, 648, 844, 881, 1427, 1436, 1444.
Coimbra — 394, 411, 413, 414, 842, 1424, 1435.
Lisboa — 65, 79, 118, 123, 130, 131, 234, 296, 407, 412, 414, 433, 435, 842, 1276, 1288, 1292, 1435, 1444.
Porto — 65, 647, 698.
Rússia — 1426, 1436.
Suécia — 1179.

RELIGIÃO, PROCISSÕES

CATOLICISMO

Catequese — 72, 77, 96.

Culto — 364, 372, 754, 756, 760, 767, 1218.

Orações nas escolas — 764.

Preces públicas — 339, 340, 364, 373, 374.

Cruzes nas ruas — 754, 764, 765, 769, 1449.

Nichos e oratórios — 364, 373, 374, 380, 763, 764, 771.

Bom Jesus, do — 340, 374.

Nossa Senhora da Lapa, de — 340, 374, 764.

Santo Antônio, de — 340, 373.

Repique de sinos — 67, 117, 749, 754, 760, 763, 1191, 1204, 1206, 1209, 1217, 1219.

Organização

Bispado, criação do — 364, 372.

Confrarias — 763.

Bentinho, do — 365.

Cadeinha, da — 365.

Nossa Senhora do Carmo, de — 365.

Nossa Senhora do Rosário, de — 365.

Remédios, dos — 1222.

Santa Ifigênia e Santo Elesbão, de — 132, 1439.

Santa Luzia, de — 365.

Santíssimo Sacramento, do — 365.

São Roque, de — 365.

Irmandades — 381, 763, 768.

Misericórdia, da — 331, 342, 343, 365, 734, 736, 814.

Nossa Senhora da Consolação, de — 733.

Rosário dos Pretos, do — 781, 786, 1449.

São Benedito, de — 1222.

Ordens — 72, 77, 96.

Beneditinos, dos — 109, 111, 112, 113, 124, 125, 141, 155, 186, 197, 200, 256, 258, 271, 365, 366, 480, [illegible] 767, 813, 855.

[illegible] 813, 814, 855, 1222.

Franciscanos, dos — [illegible], 141, 142, 201, 276, 277, 278, 280, 285, 287, 365, 366, 374, 403, 404, 409, 410, 484, 487, 526, 659, 737, 763, 767, 773, 810, 813, 1222, 1447.

Jesuítas, dos — [illegible], 56, 57, 72, 73, 74, 77, 79, 99, 100, 101, 103, 104, 112, 125, 131, 138, 141, 150, 158, 182, 185, 190, 200, 253, 273, 329, 330, 331, 363, 365, 366, 395, 397, 399, 407, 408, 423, 426, 484, 767, 1036, 1039, [illegible], 1436, 1442.

Terceira de São Francisco — 115, 131, 374 379.

Terceira do Carmo — 115, 379, 380.

Procissões e Romarias

Anjo da Guarda ou Anjo Custódio, do — 368, 375, 1433.

Bandeiras do Divino — 782, 1225, 1226.

Cinzas, de — 379, 488, 773, 774, 1222.

Corpo de Deus, do — 67, 305, 365, 367, 375, 376, 379, 381, 383, 755, 771, 774, 775, 1222, 1433, 1434.

Cavalgata de São Jorge — 67, 381, 382, 383, 755, 771, 772, 775, 1222, 1433, 1434, 1449.

Festa de Timbales — 772.

Críticas às — 1216.

Danças nas procissões — 376, 379.

Declínio das procissões — 773, 1216, 1221.

Divertimento nas procissões — 364, 368, 375 469, 755, 768, 777, 778, 1216, 1221, 1226, 1364.

Entêrro, do — 379, 380, 381, 755, 772, 773, 1222.
Farricocos — 67, 755, 768, 1448.
Fradinhos nas procissões — 374.
Irmandade de São Benedito, da — 1222.
Oitocentismo, no — 379, 380, 381.
Ornamentação de casas e ruas durante as procissões — 67, 367, 376, 755, 774.
Passos, dos — 67, 156, 158, 366, 368, 379, 380, 755, 768, 771, 1222, 1448.
Préstitos profano-religiosos — 367, 376, 768.
Mascaradas nas procissões — 368, 376, 379, 754, 768, 1433.
Quinhentistas — 367.
Reunião do povo urbano e rural — 366, 367, 368, 375, 777.
Santa Isabel, de — 156, 366.
São João, de — 781.
São Paulo, de — 768, 781.
São Sebastião, de — 368, 375 1433.
Trajeto das procissões — 774, 777.
Triunfo, do — 774, 1222.
Visitação de Nossa Senhora — 368, 375, 1433.
Visitas de Nossa Senhora da Penha — 67, 781, 782.
Sepultamentos
Cemitérios, em 373, 559, 584, 753, 754, 756, 759, 760, 814, 1040, 1076, 1209, 1425, 1448, 1451.
Cera para acompanhamento — 374, 375, 1433.
Defuntos conduzidos em rêdes — 375, 377, 1433.
Igrejas, nas — 67, 106, 339, 364, 373, 754, 756, 759, 761, 1448.
CRENDICES AFRICANAS E CABOCLAS — 67, 789, 1146.
Casas mal-assombradas — 137.
Chafariz mal-assombrado — 288.
IGREJA ISRAELITA — 1364.
IGREJA MAOMETANA — 1221, 1364.
IGREJA ORTODOXA — 1343, 1364.
IGREJA PROTESTANTE — 1218, 1221, 1364.

TEATRO

AUTORES TEATRAIS
Alencar, José de — 862, 883.
Alves, Antônio de Castro — 885.
Amaral, Ubaldino do — 885.
Andrade, Martim Francisco Ribeiro de — 879.
Araujo, Tito Nabuco de — 880.
Branco, Camilo Castelo — 880.
Campos, Américo de — 885.
Chagas, Pinheiro — 1300.
Cunha, Felix Xavier da — 880.
Dumas, Alexandre — 880.
Eiró, Paulo — 560, 856, 882.
Falcão Filho — 885.
Felizardo, José — 885, 1296.
Ferreira, Carlos — 885, 1296.
França Júnior — 791, 793, 824, 862, 882, 883, 885.
Leal, Mendes — 880.
Ludovico, João — 885.
Macedo, Joaquim Manuel de — 862, 883, 885.
Marques, Joaquim Cândido de Azevedo — 880.
Mendonça, Diogo de — 885.
Nabuco, Sizenando — 882, 883, 885.
Oppermann, Francisco E. — 1296.
Otávio, Rodrigo — 884.
Pena, Martins — 862, 876, 881, 883.
Pereira, Teotônio da Costa — 884.
Produções locais — 862, 876, 880, 884, 885, 886, 1288.
Revistas teatrais acadêmicas — 862, 881.
Vale, Paulo Antônio do — 841, 842, 879, 880, 883.

CASAS DE ESPETÁCULO
Acomodações — [illegible], [illegible], 873, 874, 875, 1290, 1293, 1294, 1435, 1452.
Apolo — 1290, 1295.
Batuira, do — 794, 875.
Boa Vista — 1295.
Casa da Ópera — 422, 434, 435, 436, 693, 796, 826, 861, 864, 865, 867, 868, 869, 870, 873, 874, 875, 876, 877, 879, 1435, 1452.
Cassino Antártica — 1295.
Coliseu Paulista — 1290.
Colombo — 1295, 1463.
Decoração, cenografia, acústica — 436, 870, 873, 1290, 1293, 1435.
Eden Club — 1293.
Eldorado — 1287, 1293.
Espectadores — 52, 436, 873, 874, 885, 1039.
Ginásio Paulistano — 1287, 1289.
Harmonia Paulistano — 861, 867.
Minerva — 1287, 1289, 1290.
Municipal — 952, 1021, 1170, 1287, 1288, 1294, 1295, 1296, 1297, 1312, 1382, 1465, 1467.
Palace Theatre — 1295.
Politeama — 1143, 1229, 1230, 1257, 1290, 1293, 1294.
Provisório — 1075, 1287, 1289, 1293, 1301.
Santana (novo) — 1295.
Santana (velho) — 1287, 1289, 1293, 1294.
São José (novo) — 1287, 1291, 1294, 1466.
São José (velho) — 678, 796, 861, 862, 869, 870, 871, 873, 874, 883, 885, 973, 991, 1066, 1069, 1075, 1111, 1139, [illegible], 1282, 1287, 1288, 1290, 1293, 1299, 1300, 1452, 1457.
São Paulo — 1295.
São Pedro — 1295.
Século atual — 1382, 1463.
Variedades — 1295.
Variedades Paulistanas — 1287, 1290.

CURSO JURÍDICO
Influência do — 456, 852, 861, 862, 864, 867, 876, 883.
EMPRESAS TEATRAIS
Artistas — 436, 437, 875, 876, 882, 883, 884, 885, 1151.
Artistas internacionais — 1283, 1300.
Côrte, da — 1288, 1299, 1302.
Grupos Dramáticos — 868, 879, 882, 1300.
Mágicas e Revistas, de — 1299.
PEÇAS TEATRAIS — 437, 876, 1288.
Autos religiosos — 394, 422, 426, 1436.
Clássicas — 436, 437.
Comédias espanholas — 422, 426, 436.
Dramalhões — 876, 879, 880, 881, 883, 1288, 1296, 1299.
Dramas Pastorís — 422, 426.
Entremeses — 436, 880, 882.
Operetas — 1288, 1299, 1300, 1302, 1303.
Portuguesas — 436, 876.
TEATRO PRIMITIVO — 394, 422, 426, 427, 1436.
Tablados — 422, 426, 427, 429, 434, 1436.

ÍNDICE
DE NOMES

A

AA, Pierre Van der — 1376.
Abreu, Bernardino Monteiro de — 1272.
Abreu, Casimiro de — 848.
Abreu, Florêncio de — 996.
Abreu, J. Capistrano de — 24, 39, 41, 45, 220, 259, 263, 1387.
Abreu, João Rodrigues de — 334.
Abreu, Manuel Cardoso de — 21, 88, 91, 129, 162, 317, 386, 414, 1388, 1429.
Abreu, Vicente Ferreira de — 711.
Adam, Paul — 23, 65, 952, 955, 1081, 1387.
Adams, J. V. — 589, 1442.
Adão — 1143.
Agache, Alfred — 1320.
Agassiz, Elizabeth Cary — 690, 693 863, 1275, 1387.
Agassiz, Luís — 690, 693, 863, 1275, 1387.
Agostini, Ângelo — 20, 655, 665, 1444, 1445 .
Agudo, José — 24, 1003, 1004, 1157, 1238, 1241. 1387.
Aguiar Rafael Tobias de — 470, 533, 584, 605; 627, 742, 1028, 1443, 1449.
Aguirra, João Batista de Campos · 315.
Aires, Francisco Coelho — 316.
Aires, Matias — V. Eça, Matias Aires Ramos da Silva de.
Alard — 893.
Alberraz, João Teixeira — 1423.
Albuquerque, Frederico de — 963, 1453.
Alegrete, Marquês de — 387.
Aleixo — 706.
Alencar, José de — 23. 24, 43, 44, 572, 615, 724, 809, 850, 862, 883 8[illegible]5, 1387, 1442.
Alexandrino, Pedro — V. Borges, Pedro Alexandrino.
Alfieri — 436.
Aliaro, Miguel — 925.
Alighieri, Dante — 848.
Alincourt Luís d' — 22, 34, 172, 230, 1387, 1431.
Alkmin, João Capistrano Ribeiro — 893.
Almeida, Aluísio de — [illegible], 879, 955, 1387.
Almeida, Antônio José de — 889.
Almeida Antônio Roberto de — 523, 550, 1419.
Almeida, Francisco José de Lacerda e — 34, 40, 41, 414, 1387.
Almeida, Francisco Martins de — 123, 126, 341, 343, 349, 480, 735, 737, 1278, 1387.
Almeida Guilherme de — 1379, 1383, 1470.
Almeida, Guilherme Pompeu de — 3[illegible]6 408.
Almeida, Manuel Antônio de — 56, 1388.
Almeida, Ramiro de — 1323, 1388.
Almeida, Raquel de — 893.
Almeida, Tomé — 295.
Almeida Júnior, João Mendes de — 920, 974, 991, 1056, 1278, 1381, 1388, 1457.
Almeida Júnior, José Ferraz de — 1289, 1309, 1311, 1312, 1379, 1457.
Alvarenga, Manuel Inácio da Silva — 411, 848.
Álvares, Fernão — 104.
Alves, Antônio de Castro — 24, 36, 56, 564, 704, 809, 856, 885, 1388.

Alves, Ferreira — 882.
Alves, Francisco — 233.
Alves, João Tomás de Melo — — 1261, 1278, 1388.
Alves, Joaquim — 674.
Alvim, Francisco Taques — 551.
Amaral, Capitão — 643.
Amaral, Edmundo — 24, 1230, 1293, 1388.
Amaral, F. Pompeu do — 24, 1355, 1388.
Amaral, Paulo — 1470.
Amaral, Tarsila do — 1380.
Amaral, Ubaldino do — 885.
Amaro, João — 785.
Amato, Pascale — 1300.
Américo Neto — 1065, 1250, 1388.
Anchieta, José de — 21, 33, 38, 71, 74, 100, 101, 103, 218, 219, 255, 258, 260, 393. 394, 413, 422, 424, 426, 1388, 1424, 1436.
Andrada, Martim Francisco Ribeiro de (I) — 170, 403.
Andrada, Martim Francisco Ribeiro de (II) — 560, 605, 793, 876, 879.
Andrade, Antônio Manuel Bueno de — 1225, 1388.
Andrade, Euclides — 742. 745, 750. 1200, 1203, 1205, 1206, 1209, 1210, 1211, 1388, 1391.
Andrade, Evaristo de — 1123.
Andrade, Gomes Freire de — 95.
Andrade, Mário de — 24, 429, 1372, 1379, 1388.
Andrade, Olímpio de Sousa — 27.
Andrade, Oswald de — 1379.
Andrade, Paulo Fortunato Gonçalves Pereira de — 889.
Andrews, Christopher Columbus — 22, 930, 1150, 1151, 1276, 1388.
Anes, Alonso — 1435.
Angerami, Domingos — 20, 1158, 1238, 1249, 1294, 1295, 1388, 1395.
Anhaia — 1180.
Anhanguera — V. Silva, Bartolomeu Bueno da.
Annecy, Frei Germano de — 842, 1020.
Annes, Joanne — 279.
Annunzio, Gabriel D' — 1277.
Antonil, André João — 213, 1388.
Antoninus — 1376.
Antunes, Antônio Lousada — 842.
Antunes, José — 404.
Anunciação, Frei Miguel Arcanjo da — 414.
Appenheim — 1167.
Aragon, Antônio — 1233.
Araujo, Ana Rosa de — 1268.
Araujo, Estefânia Gomes de — 1307, 1388.
Araujo, Henrique Henriksen — 712.
Araujo, Inácio José de — 1116.
Araujo, José Tomás Nabuco de — 448, 511, 534, 583. 620, 654, 716, 727, 746, 833, 864, 869, 1419.
Araujo, Lopes de — 852.
Araujo, Oscar Egídio de — 24, 1323, 1324, 1327, 1343, 1344, 1352, 1355, 1364, 1389.
Araujo, Tito Nabuco de — 880.
Araxá, Visconde de — 23, 764, 1389, 1449.
Arinos, Afonso — 72, 73, 1255, 1281, 1389.
Arnold, Samuel Greene — 22, 469, 470, 483, 505, 534, 587, 642, 689, 690. 1389.
Arroyo, Leonardo — 26, 1223, 1227, 1357, 1361. 1389, 1464.
Arruda, Brás de Sousa — 1261, 1389.
Arruda, Marcos — 1124, 1192.
Ascoli, Rafael — 693.
Assier, Adolphe d' — 22, 856, 1389.
Assis, Joaquim Maria Machado de — 848, 885, 1376.
Assunção, Manuel do Sacramento da — 790.
Atri, Alessandro d' — 23, 65, 66, 912, 960, 963, 977, 1069, 1389.
Aubertin, João Jacques — 621.
Auerback, Guilherme — 1170.
Augusto, Huberto — 1398.
Augusto Filho, Joaquim — 882.
Avel, Francisco — 1435.
Ayrosa, Plínio — 22, 835, 1389.
Azambuja, Bernardo de — 876.
Azambuja, Justo Nogueira de — 1075.
Azevedo, A. C. de Miranda — 1389.
Azevedo, Aroldo de — 24, 1186, 1315, 1339, 1340, 1352, 1389.

Azevedo, Bernardino Antônio de — 705.
Azevedo, Domingos [illegible] — 488, 491, 922, 1348, 1439.
Azevedo, Fernando de — 24, 116, 124, 131, 363, 395, 407, 413, 424, 434, 832, 834, 835, 886, 947, 1270, 1271, 1283, 1389.
Azevedo, Jerônimo — 1272, 1276.
Azevedo, João Velho de — 118.
Azevedo, Júlia de — 882.
Azevedo, Manuel Antônio Álvares de — 23, 24, 36, 52, 442, 445, 499, 500, 509, 510, 549, 598, 641, 703, 730, 754, 784, 785, 809, 814, 821, 844, 848, 850, 851, 852, 853, 855, 879, 890, 895, 1203, 1261, 1381, 1390, 1440, 1451, 1464.
Azevedo, Moreira de — 395, 1389.
Azevedo, Pedro Vicente de — 999, 1000.
Azevedo, Ramos de — 929, 937, 944, 1263, 1271, 1295, 1327, 1380, 1458, 1466, 1467.
Azevedo, Vicente de Paulo Vicente de — 22, 705, 764, 824, 926, 1015, 1390.

B

Bach — 1304.
Bafejador, Joaquim — 644.
Bakkenist, Henrique — 449, 557, 1437.
Bamberg, Henrique — 1167.
Bamberg, Luís — 700.
Bananere, Juó — 60.
Bandeira Júnior, Antônio Francisco — 21, 956, 984, 987, 1124, 1173, 1182, 1390.
Barata, Cândido — 730, 1390.
Barbosa, Agenor — 1295, 1296, 1312, 1390.
Barbosa, Clímaco — 1030.
Barbosa, Rui — 809, 856, 1376, 1381.
Barbuy, Heraldo — 992, 1390.
Barreto, Gaspar — 423.
Barreto, Luís Pereira — 1111, 1381.
Barreto, Tobias — 36.
Barros, Aguiar de — 930.
[illegible]
[illegible]
[illegible]
Barros, Francisco de Aguiar 1082.
Barros, Francisco Xavier Pais de — 539, 1093, 1099, 1459, 1461.
Barros, João de — 851.
Barros, D. José de — 1381.
Barros, [illegible] Antônio Monteiro de — 137.
Barros, D. Luís Antônio de Sousa — 1028.
Barros, Maria Angélica de Sousa Queiroz — 1028.
Barros, Maria Pais de — 23, 52, 448, 488, 496, 500, 530, 592, 631, 637, 643, 704, 736, 756, 785, 1267, 1390.
Barros, Pais de (família) — 496.
Barros, Pedro Vaz de — 116, 423
Barros, Rafael de — 1030.
Baruel — 1256.
Bastide, H. — 620.
Bastide, Roger — 24, 116, 124, 130, 425, 1390.
Basto, A. de Magalhães — 1390.
Bastos, José Tavares — 855.
Bastos, Sousa — 1299, 1303.
Bates, Henry Walter — 605, 753, 754, 1390.
Batista, João Bernardino — 889.
Batuira, Antônio Gonçalves da Silva — 794, 875.
Bauer, Henrique Ernesto — 900, 1278, 1390.
Baumann, Brigadeiro João Jacomo de — 145, 276, 479.
Beck, João — 473.
Beethoven — 1304.
Belli, B. — 1311, 1312.
Belmonte — 22, 100, 106, 117, 152, 185, 211, 263, 264, 296, 423, 1390, 1425.
Benedito (escravo) — 518.
Benevides, Salvador Correa de Sá e — 218.
Benjamin, Capitão — 607.
Bernard, Charles — 23, 64, 1390.
Bernardes, Pedro — 397.
Bernardez, Manuel — 23, 947, 1390.

Berrien, William — 123, 1391, 1403.
Berry, Madame — 1167.
Bertarelli, Ernesto — 23. 951, 964, 983, 988, 1050, 1115, 1391.
Bexiga — 205, 233, 248, 293, 315.
Beyer, Gustavo — 22, 211, 269, 275, 277, 287, 317, 318, 320, 347, 387, 430, 1391.
Bezzi, Tomás — 929, 1011, 1282, 1466.
Biard, F. — 778, 1391.
Biard, Henrique — 705.
Bierrenbach, Bárbara — 715.
Bilac, Olavo — 1255, 1252 1281.
Biondi, Francisco — 1180.
Boas Noites (apelido) — 319.
Bobadela, Conde de — V. Andrade, Gomes Freire de.
Bohemer, João — 1115, 1117.
Boileau — 848.
Bom Fumo (apelido) — 319.
Bonci, Alessandre — 1300.
Bonilha, Francisco Martins — 591.
Bonnaure, Albert — 988, 1011, 1101, 1295, 1391.
Boonex, Saviour — 1229.
Borba, Baltazar Roiz — 358.
Borges, Jerônimo — 1233.
Borges, Pedro Alexandrino — 821, 1289, 1311, 1450.
Bossel, Henrique — 715.
Bossignon, Francisco — 706.
Bossuet — 847.
Botticelli — 1380.
Bourgad, Pedro — 516.
Bourroul, Camilo — 551.
Bourroul, Celestino — 699, 709.
Bourroul, Estêvão — 699.
Bourroul, Estêvão Leão — 21, 560, 605, 867, 876, 1391.
Bouvard — 897, 1015, 1101.
Braga, Dias — 1299.
Braga, F. de Paula Cunha — 717.
Branco, Castelo — 368.
Branco, Camilo Castelo — 880.
Brandão, Paulo Rodrigues — 331.
Brandford, Vitor — 31.
Brant, Cícero Arpino Caldeira — 23, 911, 1045, 1082, 1242, 1256, 1262, 1270, 1391.
Brás, Afonso — 103.
Brás, José — 246, 564.
Brecheret, Vitor — 1377, 1381, 1470.
Bresser, Carlos Abraão — 581, 615, 710, 1441.
Bresser, Madame — 1134.
Brito, Camilo Augusto Maria de — 813.
Brito, Laurindo de — 1203, 1204.
Brito, Mário da Silva — 26.
Brito, Saturnino de — 1344.
Brito, Tenório de — 1210, 1391.
Brotero (família) — 496.
Brotero, Frederico de Barros — 495, 1391.
Brotero, João Dabney de Avelar — 842, 885.
Brown, Frank — 1229, 1293.
Brucker — 404.
Brunless, James — 667.
Brusque, Francisco Carlos de Araujo — 801.
Bueno, Bruno Pereira — 1036, 1391.
Bueno, Francisco de Assis Vieira — 21. 46, 47, 50, 51, 55, 95, 141, 142, 169, 172, 178, 202, 237, 274, 275, 276, 277, 288, 289, 290, 308, 319, 325, 326, 353, 373, 374, 380, 381, 382, 403, 404, 407, 417, 433, 441, 469, 484, 487, 506, 511, 526, 529, 530, 533, 538, 541, 556, 559, 583, 584, 587, 596, 629, 631, 639, 640, 644, 647, 689, 735, 737, 755, 777, 810, 819, 829, 876, 895, 1269, 1275, 1391, 1427, 1431, 1434, 1435, 1439, 1440, 1444.
Bueno, José Custódio de Siqueira — 832.
Bueno, Rita de Cássia da Silva — 1429.
Buhler, Alberto — 1069, 1070.
Burchard, Martinho — 984.
Burnichon, Joseph — 23, 47, 1391.
Burton, Richard F. — 311, 777, 778, 874, 1391.
Byron — 848.

C

Cabral, Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga — 703.

Cachoeira, [illegible] — V. Melo, Luís José de Carvalho e.
Cacório (ape[illegible]
Cairú, Visconde de — V. Lisboa José da S'lva.
Caldas, Antônio Pereira Sousa — 411.
Calgan, H. — 1308.
Califórnia (apelido) — 605.
Calixto, Benedito — 1087, 1460, 1461.
Calógeras — 851.
Câmara, Eugênia — 882, 885.
Câmara, Helv F. da — 742, 745, 750. 1200, 1203, 1205, 1206, 1209. 1210, 1211, 1388, 1391.
Câmara, Joaquim da — 882.
Camargo, Hipólito de — 1277.
Camargo, Joaquim dos Santos — 321.
Cameron, John — 620. 660.
Camões, Luís de — 848.
Campos, Américo de — 885, 1278.
Campos, Caetano de — 1381.
Campos, Ernesto de Sousa — 332, 365, 1363, 1392, 1469.
Campos, José Estanislau do Amaral — 1035, 1168.
Campos, Pedro Dias de — 22, 131, 1199, 1205, 1392.
Camps — 1069.
Cantú, Cesar — 851.
Capri, Roberto — 20, 934, 1271, 1272, 1392.
Caravelas, Marquês de — 854.
Cardim, F. Gomes — 1294, 1300.
Cardim, Fernão — 21, 39, 78, 105, 185, 255, 258. 263, 695, 366. 367, 1392.
Cardoso, M. J. — 1436.
Carlos, Miguel — 290.
Carmo, Antônio Carlos do — 793.
Carrão, João da Silva — 535, 1419.
Caruso, Enrico — 1300.
Carvalho, Adriana de — 1163.
Carvalho, Afonso José de — 22, 996, 1040, 1112, 1121, 1296, 1303, 1392.
Carvalho, Delgado de — 1392.
Carvalho. Jacinto Pereira de — 790.
Carvalho, J[illegible] 542. 545.
Carvalho, José d[illegible] 1451.
Carvalho, Leôncio de — 870, 1275.
Carvalho, Vicente de — 1255, 1281.
Casabona, Louis — 23. 947, 984. 1004, 1045, 1080, 1081, 1168, 1392.
Casal, Manuel Aires do — 249, [illegible], 1392.
Cas[illegible], Luís da Câmara — 78[illegible], 1392. 1399.
Casini, Francisco — 1173. 1180.
Castelhanos, João de Toledo — 186.
Castelnau, Francis de — 607.
Castilho, Antônio Feliciano de — 848.
Castilho, P[illegible] — 1[illegible].
Castro, André da Silva Gomes de [illegible]
Castro, Antônio Bento de Sousa — 1222.
Castro, Antônio Francisco de Aguiar e — 1110.
Castro. Bento Joaquim de Sousa — 784, 868.
Castro, J. P. de — 1164.
Castro, Júlio Amando de — 638, 813.
Castro, Luís de — 1399.
Castro, Luís Joaquim de Oliveira e — 1412.
Cavalcanti, Adelaide G. — 121, 243, 1425, 1430.
Cavalcanti, Di — 1380.
Cavalli — 893.
Cavendish, Thomas — 39.
Celso Júnior, Afonso — 1278, 1281, 1392.
Cepelos, Batista — 1255, 1281.
Cerqueira, José Joaquim Cesar de — 542.
Cervantes — V. Saavedra, Miguel de Cervantes.
Cesar, Francisco Rodrigues — 1035.
Cesar, Martiniano Rubim — 478, 817.
Cezanne — 1380.
Chagas, Pinheiro — 1300.
Chamberlain, George W. — 1270.

Chamberlain, Henry — 1427.
Chamberlain, Tenente — 191, 231, 392, 1427, 1429, 1430.
Charles — 672, 689.
Chateaubriand — 847.
Chaves, Marina — 111, 112.
Chiafarelli, Luigi — 1288, 1304.
Chichorro, Manuel da Cunha de Azevedo Coutinho Sousa — 21, 837, 1392.
Chico Ilhéu (apelido) — 276, 647.
Chico Metralha (apelido) — V. Oppermann, Francisco Emílio.
Chico Mimi (apelido) — 1175.
Chinchon, Conde de — 81.
Chiquet, Pedro — 699.
Chumaker, Carlos — V. Schumaker, Carlos.
Chumbinho, Antônio dos Santos — 875, 877, 1452.
Cícero — 402.
Cintra, Ulhoa — 1335.
Claesyens, Simão — 712.
Clausen, Cristiano — 700.
Clemenceau, Georges — 23, 1392.
Cleto, Marcelino Pereira — 91.
Cobra, Amador Nogueira — 1392.
Cochet — 1015.
Codman, John — 22, 451, 459, 697, 1392.
Coelho, Furtado — 882.
Coelho, Salvador José Correa — 843, 1392.
Coglardi, Luigi — 1180.
Colbert — 837.
Contagem, Martinho — 636.
Coquelin — 1300.
Corbisier, Madame — 1163.
Corneille — 436.
Cornélio, Luís — 704.
Correa, Agenor Guerra — 26, 1095, 1417.
Correia, Francisco Xavier — 242.
Correia, Manuel Francisco — 848.
Correia, Raimundo — 823, 1255, 1281.
Correia, Raimundo da Mota de Azevedo — 823.
Corso, Serafim — 964.
Coscotino, Luís — 1123.
Costa, Antônio Pereira da — 395.
Costa, Cláudio Manuel da — 40, 398, 411, 1393.
Costa, Henrique José da — 882.
Costa, João Chavi — 1069.
Costa, João Cruz — 26.
Costa, Juan Solorzano y — 20, 987, 1196, 1393.
Costa, Lúcio — 24, 119, 135, 1393.
Costa, Pedro Homem da — 403.
Costa, Rufino José Felizardo e — 1436.
Costa, Venancinho — 882.
Costa Sobrinho, José Leite da — 1110, 1393.
Couvrechet, Jacques — 699.
Crestani, Lúcia — 1300.
Crispim, Manuel Pereira — 315.
Cromner — 893.
Cross, John — 1221.
Cruls, Gastão — 374, 386, 435, 795, 1020, 1041, 1074, 1080, 1122, 1393.
Cruz, Ana Joaquina da — 712.
Cunha, Brasílio Itiberê da — 863, 894.
Cunha, Felix Xavier da — 880.
Cunha, Joaquim Manuel Carneiro da — 94.
Cunha, Manuel da — 224.
Cunha, Pedro Congo de Morais — 789.
Cusano, Alfredo — 23, 951, 956, 964, 1032, 1194, 1393.

D

Davatz, Thomas — 22, 1393.
Debret, Jean Baptiste — 172, 239, 277, 300, 474, 1393, 1430.
Deffontaines, Pierre — 24, 1174, 1393.
Delessert, Eugene — 22, 725, 1393.
Denis, Ferdinand — 22, 55, 1393.
Denis, Pierre — 23, 38, 47, 904, 912, 1012, 1138, 1393.
Despres, Susanne — 1300.
Dias, Antônio Gonçalves — 848, 850.
Dias, Artur — 913, 1393.
Dias, João — 299.
Dias, Teófilo — 1255, 1281.

Dierberger, Reinaldo — 1332, 1393.
Diniz, Firmo de Albuquerque — V. Június.
Dolianiti, Elias — 1395, 1398.
Dolzani, Luís — V. Sousa, Inglês de.
Domingos Cai-Cai (apelido) — 319.
Domville-Fife, Charles W. — 23, 65, 1393.
Dória, Escragnolle — 1394
Droz — 837.
Drummond, Antônio Augusto Menezes — 1372.
Duarte, Benedito — 26,
Duarte, Rafael — 894, 1394.
Duchein, José — 1069.
Duchein, Vitor — 1069.
Dumas, Alexandre — 847, 880.
Dumont, Henrique Santos — 978, 1081.
Dunlop, C. J. — 144, 549, 1394.
Durão, José de Santa Rita — 411, 848.
Duse, Eleonora — 1300.
Dusser, Adolfo — 693.
Dutra, Miguel Arcanjo Benício — 243, 481, 531, 827, 1430, 1436, 1439, 1440, 1451.
Dutton, José — 551.
Duvel, Inês — 893.

E

Eça, Matias Aires Ramos da Silva de — 412.
Edgcumbe, Edward — 22, 1394.
Egas, Eugênio — 22, 315, 403, 1394, 1416.
Eiró, Paulo — 24, 560, 856, 882, 1394.
Eisembach — 1179.
Elias, Joaquim — 801.
Elichalt, Fabien — 1070.
Elídia, Florência Maria — 749.
Elliot, William — 443, 523, 589, 620, 660, 663, 1437, 1442.
Ellis, Guilherme — 735.
Ellis Júnior, Alfredo — 22, 1394.
Embliger, João Guilherme — 710, 716.
Emendabile, [illegible]
Emílio Antônio [illegible] — 595.
Emzina, João de [illegible]
Encarnação, Manuel José da 164.
Ender, Thomas — 127, 167, 1425, [illegible]
Ennes, Ernesto — 124, 413, 429, 1394.
[illegible] Wilhelm Ludwig von 22, 49, 92, 299, 388, 710, 1394.
Escoffon, Madame Marie — 1163.
Estadens, Martin d' — 523, 620.
Etchecoin, Carlos Pedro — 736.

F

[illegible]
Falcão, Conselheiro — 607
[illegible]
Falcone, Armando — 1300.
Fanuele, Nicolau — 23, 948, 1394.
Faria, Adolfo — 1299.
Feijó, Diogo Antônio — 403, 405, 417, 641, 1376, 1381, 1435.
Felizardo, José — 885.
Felizardo Júnior — 1296.
Fergusson, Alexandre J. — 1099.
Fernandes, Antão — 1304.
Fernandes, Aurélio Joaquim de Sousa — 595.
Fernandes, Baltazar — 33.
Fernandes, Diogo — 1435.
Fernandes, Florestan — 26.
Fernandes, Gonçalo — 1435.
Fernandes, José — 26.
Fernandes, Manuel (século 16) — 1436.
Fernandes, Manuel (século 17) — 295.
Fernandes, Pedro — 123.
Ferraz, Breno — 1394.
Ferreira, Carlos — 885, 1296.
Ferreira, Clemente — 1196.
Ferreira, Ildefonso Xavier — 832.
Ferreira, João da Costa — 130, 164, 226, 1429, 1436.
Ferreira, Tito Lívio — 22, 72, 125, 1394.

Ferreira, Tolstoi de Paula — 22, 50, 341, 343, 738, 1195, 1263, 1264, 1395.
Ferrer, Antonio Borges — 1162.
Ferrero — 1277.
Ferrero, Gina Lombroso — 23, 59, 1115, 1167, 1229, 1395.
Figner — 1307.
Figueiredo, Antônio — 22, 1242, 1246, 1395.
Figurey, A. — 351, 1433.
Filinto — 851.
Fischer — 1116, 1123, 1170, 1461.
Flasch, J. — 1162.
Fletcher, James C. — 22, 35, 47, 199, 443, 447, 477, 483, 495, 518, 521, 524, 585, 587, 592, 605, 641, 642, 643, 679, 682, 791, 1036, 1395, 1398, 1437, 1438, 1442, 1446.
Floreal, Sílvio — 1100, 1146, 1343, 1355, 1395.
Florençano, Paulo — 27, 527, 645, 905, 1183.
Florence, Amador — 22, 42, 193, 198, 1395.
Florence Hércules — 22, 80, 133, 139, 215, 227, 270, 313, 318, 322, 639, 1395, 1425, 1429, 1431.
Florence, Paulo — 1304.
Fogg, Horácio Tower — 1116.
Fonseca, Antônio — 20, 1158, 1238, 1249, 1294, 1295, 1388, 1395.
Fonseca, Antônio J. O. da — 518.
Fonseca, Manuel da — 21, 50, 159, 193, 194, 245, 259, 262, 267, 354, 371, 372, 401, 1395.
Fontaine — 672.
Fontana, Dino Fáusto — 26.
Fontoura, Ezéchias Galvão da — 22, 389, 474, 717, 1395.
Forjaz, Djalma — 1395.
Forrest, Archibald — 23, 984, 1004, 1009, 1031, 1113, 1169, 1229, 1273, 1395, 1458, 1461, 1466.
Forte, Ana Joaquina Josefa de Abelho — 545.
Fourchon — 992, 1458.
Fox, Daniel Makinson — 667, 1062.
Fox, Henrique — 699, 700, 701, 709, 1446.
França, Antônio Galvão de — 790.
França Júnior, Joaquim José da — 24, 791, 793, 824, 862, 882, 883, 885, 1301, 1395, 1466.
Franck, Júlio — 759, 841, 851.
Franco, Afonso Arinos de Melo — 24, 118, 1395, 1399.
Franco, Francisco de Assis Carvalho — 22, 1372, 1396.
Frank, Cristiano — 473.
Franklin — 837.
Frazer, Hugo — 711.
Frederico, José Maria — 876.
Freese — 851.
Freiberg Siedfried — 1426.
Freire, Vitor da Silva — 980, 1007, 1049, 1241, 1304, 1396, 1455, 1468.
Freire Júnior, José Manuel — 636.
Freitas, Afonso A. de — 21, 72, 103, 123, 129, 150, 160, 161, 165, 173, 201, 202, 205, 210, 212, 213, 214, 217, 237, 241, 242, 264, 276, 280, 283, 304, 312, 315, 319, 340, 368, 373, 374, 379, 380, 382, 411, 414, 433, 478, 526, 564, 568, 571, 582, 607, 608, 611, 615, 616, 627, 639, 643, 644, 647, 653, 658, 664, 665, 667, 694, 705, 709, 710, 725, 734, 735, 768, 773, 782, 785, 786, 790, 792, 795, 796, 797, 798, 814, 856, 857, 885, 895, 938, 940, 943, 996, 1030, 1076, 1086, 1089, 1090, 1091, 1116, 1121, 1122, 1123, 1175, 1205, 1245, 1246, 1249, 1252, 1303, 1308, 1311, 1396, 1433, 1443, 1444, 1445, 1450.
Freitas, Rego — 1027.
Freitas, Sena — 834, 1396.
Frere — 1167.
Fretin — 791.
Freyre, Gilberto — 24, 27, 37, 44, 63, 118, 136, 199, 253, 503, 992, 1039, 1250, 1396, 1397.
Freger, François — 40, 1397.
Fuchs, Ida — 1163.
Funtan, Cipriano — 283.
Furtado, Conselheiro — V. Mendonça, Francisco Maria de Sousa Furtado de.
Furtado, Francisco — 157.

G

Gaffre, L. A. — 23, 943, 951, 963, 964, 983, 987, 1003, 1397, 1456.
Galino, Pedro — 792.
Gallo, Carolina — 1180.
Gama, Basílio da — 411, 848.
Gama, Chichorro da — 410.
Gama, Luís — 842, 856, 1121, 1397, 1445.
Gandavo, Pero de Magalhães — 21, 77, 261, 1397.
Garcia, M. — 963.
Gardner, George — 506, 657, 690, 1397.
Garibaldi — 1073.
Garibaldi, Giuseppe — 1381.
Garraux, Anatole — 844, 847.
Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida — 851.
Gauthier, Theophile — 848.
Gay, Maria — 1300.
Geddes, Patrick — 31.
Gerard, Marcelino — 522, 746, 791.
Ginjo, Aveliro — 26, 1321, 1329, 1333, 1337, 1341, 1345, 1349, 1373, 1377.
Giraudon, Gabriel — 1301, 1303.
Glette, Frederico — 1028, 1150, 1441, 1446.
Gneco, Lourenco — 709.
Godinho — 693.
Godoi, Joaquim Floriano de — 21, 56, 57, 885, 900, 1065, 1115, 1170, 1173, 1199, 1230, 1264, 1272, 1397.
Gogh, Van — 1380.
Góis, Fernando — 26.
Gomes, Antônio Carlos — 863, 894, 1381.
Gomes, Bráulio — 1196.
Gomes, José Santana — 894.
Gomes, Coronel Paula — 612.
Gonçalves, Agostinho — 852.
Gonçalves, Cristóvão — 104.
Gonçalves, Francisco — 882.
Gonçalves, Ricardo — 1100, 1255, 1281.
Gonçalves, José A. — 560, 882, 1397.
Gonzaga, Tomás Antônio — 411, 848.
Goodwin, Philip [illegible] 1397.
Gouveia, Padre Cristó[illegible] 105.
[illegible] — 1380.
Grã, Padre Luís da — 74.
Graciano, Clovis — 27, 53, 61, 75, 83, 89, 101, 113, 175, 187, 221, 235, 281, 301, 309, 335, 355, 369, 377, 383, 405, 415, 427, 661, 701, 743, 761, 769, 799, 853, 877, 887, 971, 1424.
Graeser, Germano — 26.
Graham, Maria — 135, 171.
Gravesnor, Gustavo — 844.
Greco, El — 1380.
Gregoire, Bernard — 1137.
Grellet — 318.
Gropp, Dorothy M. — 24, 1375, 1397.
Gualco, Francisco — 1080.
Guardia, Clara de La — 1300.
Guerreiro, Pedro Roiz — 154.
Guilhem, Eugênio — 980, 1456.
Guilhem, Madame — 1272.
Guilherme II — 1150.
Guimarães, Bernardo — 23, 55, 56, 442, 479, 512, 534, 535, 567, 614, 615, 649, 724, 725, 727, 809, 813, 814, 817, 818, 821, 823, 842, 848, 850, 852, 857, 890, 1262, 1397, 1447, 1451.
Guimarães Júnior, Luís — 856.
Guizot — 844, 847.
Gurgel, Manoel Joaquim do Amaral — 1451.
Gusmão, Alexandre de — 847, 848.

H

Haas, Alexandre — 26, 700, 875, 969, 1032, 1035, 1041, 1143, 1234, 1417.
Hadfield, William — 22, 35, 451, 452, 459, 483, 518, 524, 598, 608, 635, 686, 706, 767, 768, 771, 777, 874, 886, 900, 1056, 1397, 1448.
Harral, Geo N. — 974.
Hehl, Max — 940, 1469.
Heiderich, Jacó — 639.
Heine — 848.

Heler — 1299, 1303.
Helond, Gustavo — 893.
Henschel, Alberto — 64.
Herbmeyer, J. — 1167.
Herculano, Alexandre — 851.
Hinckmar — V. Alves, João Tomás de Melo.
Hinze, João — 1069, 1070.
Hoehne, Frederico C. — 255, 258, 260, 263, 1146, 1171, 1397, 1398, 1463.
Hoffmann-Harnisch, Wolfgang — 1319, 1398.
Hollanda, Sérgio Buarque de — 24, 27, 41, 44, 50, 150 162, 260, 262, 267, 340, 899, 1379, 1393, 1398.
Homero — 848.
Hooper — 667.
Horácio — 836.
Horta, Antônio José da Franca e — 57, 93, 246, 338, 344, 359, 385, 1444.
Houssay, Frederic — 22. 492, 535, 643, 694, 706, 870, 1398.
Houssaye, J. G. — 640.
Hugo, Vitor — 700, 847, 848.
Hund — 1170.
Husson — 1152.

I

Idrac, Mademoiselle — 1167.
Iguape, Barão de — 1029.
Ihering, Hermann Von — 1283.
Itagiba, J. Nogueira — 23, 1192, 1398.
Itaparica, Frei Manuel de Santa Maria — 397.
Itapetininga, Barão de — V. Silva, Joaquim José dos Santos.
Itauna, Barão de — V. Monteiro, Cândido Borges.
Itú, Marquesa de — 930.

J

Jaguaribe, Domingos — 1031, 1278.
Jardim, Caio — 22, 88, 1398.
Jardim, Felisberto — 704.
Jardim, Silva — 23, 978, 1241, 1256, 1398.
João (escravo) — 518.
João Nhá Mãe (apelido) — 781.
João VI, Dom — 322, 323, 389, 495, 886.
Joaquim, Bispo D. Manuel — 864.
Joly, J. Júlio — 963.
Jordão, Elias Fáusto Pacheco — 1181, 1457.
Jordão, Gertrudes Galvão de Moura Oliveira Lacerda — 546.
Jordão, Joaquim Pires de Albuquerque — 735.
Jorge, Francisco — 298.
Jorge, Simão — 1435.
Josefa (escrava) — 376.
Julien, Paul — 882, 893.
Június — 23, 572, 591, 606, 637, 649, 693, 699, 742, 783, 823, 844, 847, 873, 904, 907, 921, 960, 963, 1036, 1039, 1055, 1066, 1086, 1115, 1139, 1149, 1150, 1161, 1173, 1180, 1278, 1290, 1299, 1398.
Junot, Lucas R. — 1283, 1398.
Justi — 709.
Juzarte, Teotônio José — 413.

K

Kant — 403, 404.
Kauer, Pedro — 1117.
Kidder, Daniel P. — 22, 35, 47, 199, 443, 447, 466, 469, 470, 477, 483, 495, 505, 518, 524, 533, 571, 583, 584, 585. 587, 592, 606, 641, 643, 644, 647, 679, 682, 689, 690, 699, 733, 760, 768, 786, 791, 835, 836, 837, 1066, 1395, 1398, 1428, 1437, 1442, 1446.
Kippling, Rudyard — 1319.
Kirsten, Roberto — 963.
Kleinz, Jorge — 717.
Knigg — 1267.
Knosel, U. — 844.
Knupel — 1264.
Koenigswald, Gustavo — 20, 58, 923, 934, 959, 989, 1079, 1123, 1124, 1167, 1279, 1399.
Konder, Adolfo — 955, 1399.
Kopke, João — 1268.
Koseritz, Carl von — 22, 911, 922, 925, 926, 929, 963, 974, 999, 1069,

1075, 1091, 1092, 1095, 1134, 1150, 1161, 1162, 1173, 1218, 1259, 1260, 1264, 1267, 1268, 1272, 1282, 1302, 1399.
Koster, Henry — 132, 174, 316, 409, 495, 786, 1392, 1399.
Kovarik, Frederico — 1173, 1180.
Krochne — 1218.
Krueger, Frederico — 1059, 1302.
Kuhlman, Alberto — 1075, 1109.
Kunz — 717.

L

Lacerda, João Antônio de — 316.
Lacombe, Américo Jacobina — 1391.
Laemert — 1277.
Lagarde, Madame — 693, 791.
Lago, Emílio do — 893.
Lahmeyer, Lúcia Furquim — 1402, 1412.
Lalo, Francisco de — 1167.
Lamartine — 844, 847, 848, 951.
Lamberg, Maurício — 23, 64, 904, 913, 930, 934, 1399.
Lammenais — 847.
Landau, R. — 1317.
Lane — 1269.
Langsdorff, Barão de — 1426, 1436.
Latteux — 33, 1399.
Lauriano — 373.
Leal, Júlio Cesar — 1278.
Leal, Mendes — 880.
Leão, Antônio da Rocha — 1115.
Leão, J. P. — 1276
Leclerc, Max — 23, 933, 1399.
Lefebre — 693, 791
Lehmann, Júlio — 735.
Leibnitz — 847.
Leitão, C. de Melo — 136, 171, 435, 1390, 1399.
Leite, Aureliano — 22, 55, 58, 170, 344, 425, 435, 455, 474, 640, 960, 1020, 1030, 1042, 1051, 1100, 1112, 1167, 1237, 1283, 1295, 1300, 1323, 1399.
Leite, Célio Conde — 1347, 1364, 1399.
Leite, Francisco Rodrig[illegible]
Leite, Ni[illegible] tos França — 1073.
Leite, Rodrigo — 882.
Leite, Padre Serafim — 72, 7[illegible] 103, 1399, 1400.
Lème, Mateus — 396.
Leme, Pedro Taques de Almeida Pais — 21, 45, 115, 186, 220, 234, 237, 238, 257, 261, 297, 366, 394, 396, 397, 398, 412, 1400, 1430.
Lemmi, Nemo — V. Voltolino.
Le Notre — 144.
Leonard, Gaspar — 698.
Leonel, Eugênio — 564, 1400.
Leôncio (escravo) — 820.
Lesdain, Conde — 1065, 1082.
Lessa, Aureliano — 850, 852, 1451.
Lessa, Clado Ribeiro de — 1410.
Lessas — 693, 826.
Le Voici, Antônio — 24, 1340, 1359, 1400, 1409.
Levy, Alexandre — 1288, 1301, 1302, 1303.
Levy, Hannah — 424, 1400.
Levy, Henrique Luís — 894, 1302.
Levy, Luís — 1303.
Lima, Francisco Xavier Pinto — 719, 1419.
Lima, Hermes — 1315, 1340, 1400.
Lima, Joaquim Eugênio de — 983, 1456.
Lima, José Porfírio de — 521.
Lima Júnior, Augusto de — 115, 116, 1400.
Limeira, Barão de — 605, 1030.
Linhares, Manuel Pais de — 425.
Lisboa, José da Silva — 42.
Lisboa, José Maria — 1416.
Lloyd, Reginald — 1083, 1400.
Lobato, José Bento Monteiro — 919, 947, 1100, 1311, 1323, 1400.
Lobo, Elias — 1301.
Lobo, José Raimundo Chichorro da Gama — 245.
Locke — 847.
Loefgren, Alberto — 1282, 1283, 1391, 1466.
Lomonaco, Alfonso — 23, 64, 603, 908, 913, 921, 933, 934, 977, 1256, 1290, 1400, 1443, 1454,
Lopes, Marcos — 294, 315.

Lorena, D. Bernardo José de — 91, 92, 130, 161, 164, 226, 229, 241, 245, 256, 285, 339, 358, 584, 1029, 1429, 1441, 1444, 1464.
Lorena, Francisco de Assis — 1029, 1441.
Lorenzo, Tina de — 1300.
Loskiell, Jacó — 698.
Luccock, John — 44, 130, 131, 136, 146, 289, 408, 409, 495, 881, 1400.
Ludovico, João — 885.
Luísa — 1143.
Luz (estudante) — 825.
Luz, José Manuel da — 641.

M

Macedo, Joaquim Manuel de — 852, 883, 885.
Machado, Álvares — 417.
Machado, Ana — 205, 1246, 1249.
Machado, Antônio de Alcântara — 24, 60, 884, 1092, 1319, 1327, 1354, 1379, 1400.
Machado, Brasílio — 174.
Machado, Francisco — 1029.
Machado, José de Alcântara — 22, 48, 106, 111, 112, 116, 117, 118, 129, 130, 157, 158, 189, 219, 245, 259, 261, 263, 297, 298, 330, 331, 395, 396, 397, 403, 423, 425, 926, 956, 1050, 1145, 1401, 1426, 1434, 1436.
Machado, Nunes — 855.
Machado, Porfírio — 1059.
Mackenzie, Alexander — 1080.
Macola, Ferruccio — 23, 58, 933, 1401.
Madein, João Lourenço — 939.
Madeira, Carlos — 1409.
Madeweiss, George Von — 1301, 1303.
Madre de Deus, Frei Gaspar da — 21, 40, 77, 91, 229, 394, 412, 414, 582, 583, 1401, 1429.
Madureira, Pedro de Morais — 397.
Magalhães, Basílio de — 50, 948, 1182, 1401.
Magalhães, Domingos de — 840.
Magalhães, José Couto de — 1401.
Magalhães, José Lourenço de — 344, 733, 1192, 1401.
Magalhães, José Vieira Couto de — 21, 125, 394, 425, 448, 592, 595, 613, 636, 638, 801, 814, 843, 852, 855, 938, 1039, 1255, 1279, 1283, 1308, 1401, 1466.
Magalhães, Valentim — 23, 49, 978, 1110, 1111, 1140, 1218, 1259, 1260, 1262, 1277, 1278, 1401.
Magalhães Júnior, Couto de — 12?2.
Magnasco — 1380.
Magro, Hilário — 693.
Maia, Alfredo — 1380, 1381.
Maia, Francisco Prestes — 24, 1049, 1320, 1332, 1335, 1336, 1339, 1344, 1347, 1348, 1351, 1401, 1402, 1467, 1468.
Malan, Giovani Pietro — 22, 930, 1402.
Malaquias — 1139.
Maldonado, João da Conceição — 515.
Malfatti, Anita — 1380.
Malvina, Maria Augusta — 749.
Maneco da Ferragem (apelido) — 319.
Maneco Entrecosto (apelido) — 319.
Maneco Vira-Copos (apelido) — 647.
Mansilla, Padre Justo — 100, 189.
Maragliano, José — 694.
Marc, Alfred — 23, 1193, 1194, 1402.
Maria Benta — 1222.
Maria Punga (apelido) — 697.
Mariano, Tristão — 1301.
Marinho, H. — 881.
Marinho, Henrique — 426, 1402.
Marmottant — 699.
Marques, Abílio — 19, 960, 1233, 1263, 1276, 1402.
Marques, Antônio Mariano de Azevedo — 410, 1451.
Marques, Cícero — 23, 1082, 1143, 1156, 1157, 1158, 1164, 1402.
Marques, Henrique Luís de Azevedo — 1118, 1461.

Marques, Joaquim Cândido de Azevedo — 880.
Marques, Joaquim Roberto de Azevedo — 842, 843.
Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo — 21, 71, 72, 95, 96, 124, 131, 163, 229, 374, 474, 648, 973, 1402.
Martin, Jules — 20, 639, 835, 934, 938, 978, 979, 985, 1003, 1004, 1007, 1055, 1090, 1093, 1095, 1096, 1097, 1099, 1137, 1156, 1164, 1249, 1420, 1453, 1454, 1456, 1461.
Martin, Madame — 706.
Martins, Antônio Egídio — 21, 109, 111, 112, 123, 126, 131, 132, 152, 173, 284, 320, 344, 349, 366, 372, 379, 386, 387, 404, 433, 480, 484, 487, 488, 491, 492, 495, 516, 533, 535, 536, 549, 551, 564, 568, 605, 611, 614, 615, 619, 621, 639, 644, 647, 648, 649, 654, 658, 660, 663, 674, 681, 682, 700, 704, 705, 706, 709, 710, 729, 734, 735, 736, 749, 759, 760, 763, 764, 767, 771, 772, 773, 774, 781, 782, 786, 789, 792, 795, 802, 814, 832, 834, 835, 841, 863, 864, 867, 889, 919, 921, 922, 925, 937, 970, 973, 983, 987, 991, 992, 995, 996, 999, 1000, 1007, 1016, 1020, 1027, 1028, 1029, 1061, 1074, 1075, 1096, 1099, 1109, 1116, 1118 1122, 1124, 1127, 1134, 1137, 1138, 1144, 1149, 1150, 1170, 1218, 1222, 1225, 1226, 1230, 1233, 1234, 1264, 1272, 1289, 1290, 1296, 1402, 1429, 1432, 1439, 1443, 1445, 1456.
Martins, J. P. Oliveira — 1402.
Martius, Carlos Frederico Felippe von — 22, 35, 94, 136, 137, 143, 144, 145, 171, 270, 275, 287, 307, 316, 321, 347, 348, 379. 380, 387, 388, 389, 390, 404, 409, 430, 435, 436, 437, 505, 516, 1402, 1412, 1425, 1450, 1452.
Marzon, Donato — 1180.
Mascarenhas, D. Luís de — 354, 1432.
Massa, Lorenzo — 1312.
Matemático (apelido) — 563.
Mateus, Morgado [illegible] rão, D. Luís Antônio de [illegible] Botelho.
Matos, Euzébio de — 397.
Matos, Gregório de — 397, 852.
Matos, Vicente — 316.
Matoso, Caetano da Costa — 1376.
Maurice, Luís — 1301, 1303.
Maurício, José — 889.
Mawe, John — 22, 34, 42, 135, 136, 145, 169, 170, 195, 247, 248, 268, 270, 271, 275, 276, 287, 312, 317, 320, 344, 348, 385, 387, 388, 435, 794, 1402, 1426, 1428.
Mayrinck, F. de Paula — 1282.
Medici, Rosário — 1180.
Meilo — 1277.
Melo, Frei Antônio Inácio do Coração de Jesus e — 487.
Melo, Bispo D. Antônio Joaquim de — 389, 754, 760, 890, 1466.
Melo, Francisco Inácio Marcondes Homem de — 842, 855, 1402, 1419.
Melo, José Luís de Carvalho e — 268.
Melo, José Marcondes Homem de — 202, 205, 234, 385, 668.
Melo, Manuel Felizardo de Sousa e — 534, 614.
Melo, Oscar Mota — 1416.
Melo, Sebastião José de Carvalho e — V. Pombal, Marquês de.
Mendes, Artur de Cerqueira — 23, 495, 496, 939, 963, 1137, 1403.
Mendes, Francisco Pereira — 316.
Mendes, Manuel Odorico — 1451.
Mendes, Ubirajara Dolácio — 27.
Mendonça, Antônio Manuel de Melo Castro e — 286, 305, 306, 317, 320, 341, 344. 373, 403, 408.
Mendonça, Edgar Sussekind de — 1387.
Mendonça, Francisco Maria de Sousa Furtado de — 826.
Mendonça, João Jacinto de — 873, 1419.
Mendonça, Lúcio de — 23, 638, 801, 825, 1278, 1403.
Mendonça, Maria — 221, 223, 1429.
Menezes, Agrário de — 885.

Menezes, Artur de Sá e — 48, 50.
Meneses, Ferreira de — 5[illegible]4.
Menezes, Francisco da Cunha — 163, 164. 387.
Menezes, Rodrigo Cesar de — 82, 85, 229, 353. 354, 1432.
Menezes, Rodrigo Otávio de Langard — 23, 478, 884, 908, 1256, 1259, 1403.
Mennucci, Sud — 1221, 1403.
Mesemberger — 1065, 1173.
Mesquita, Alfredo — 1382, 1403.
Metastasio — 436.
Metivier, Madame Marie — 1163.
Meyer. Manfredo — 1035.
Michels, Jacó — 711, 712, 715, 717.
Michetti, Júlio — 1101.
Milano, Miguel — 22, 926, 992, 1225, 1293. 1403.
Miltão — 491.
Miller, Charles — 1242, 1464.
Milliet, Afonso — 546, 654, 660, 716.
Milliet, Sérgio — 24, 27, 1379, 1393. 1399, 1403, 1409.
Milton — 848.
Minelvina — 882.
Miranda, Antônio Ribeiro de — 715.
Miranda, Nazário Antônio de — 790.
Miranda, Nicanor — 24, 1367, 1368, 1403.
Miranda, Veiga — 598, 631, 711, 1403.
Moacir. Primitivo — 832, 833, 834, 835. 1403.
Molière — 436.
Molina — 1264.
Molina, D. Tomás de — 478, 1073.
Mont'Alverne, Frei Francisco do — 403.
Montanha, F. Rodrigues — 357.
Monte Alegre, Marquês de — 1451.
Monte Carmelo, Jesuino do — 429, 1455.
Monteiro, Cândido Borges — 685, 704.
Monteiro, Zenon Fleuri — 217, 1403.
Montigny, Grandjean de — 1428.
Morais, Manuel de — 298.
Morais, Rubens Borba de — 24, 90, 123, 1379. 1391, 1403, 1410.
Morais Filho, Melo — 426, 1436.
Morato, Francisco — 894, 1403.
Moreira, Gastão — 483, 1403.
Moreira. Jorge — 73.
Morse, Richard N. — 24, 63, 95, 446, 455, 456, 810. 831, 907, 908, 912, 913, 1221, 1403.
Mota, Cássio — 22, 959, 978, 1000, 1003, 1020. 1031, 1046, 1079, 1100, 1117, 1123, 1140, 1155, 1168, 1226, 1403.
Mota, Cesário — 1381.
Mota, Fernando Sebastião Dias da — 876.
Mota, Otoniel — 22, 223, 261, 263, 269, 1403.
Mota, Vicente Pires da — 1275, 1451.
Mota Filho, Cândido — 1319, 1399, 1403.
Moura. D. Antônio Rolim de — 234, 237.
Moura, Diogo de — 396.
Moura, F. I. X. de Assis — 1416.
Moura. Gentil de Assis — 22, 72, 73, 259. 263, 1404.
Moura, Olinto — 27.
Moura, Paulo Cursino de — 26, 177, 700. 741, 873. 922. 938, 970, 992, 996. 1000, 1073, 1089, 1109, 1150, 1237, 1238, 1283, 1293, 1294, 1304. 1404, 1447.
Mourão, D. Luís Antônio de Sousa Botelho — 87, 88, 126, 129, 135. 141, 144, 190, 226, 265, 312, 341, 342, 343, 358, 402, 1434.
Mourato. Manuel — 157.
Moutinho, Joaquim Ferreira — 480, 686, 843, 1404.
Moya, Salvador — 1372, 1375, 1404.
Mucin, José Chavi — 1069.
Mugnani, Miguel — 639.
Muller, Daniel Pedro — 21, 274, 288, 389, 410, 619, 629, 640, 641, 647, 673, 698, 710 736, 737, 767, 837. 841, 1404, 1444.
Muller, Jesus Christus — 831.

Mumford, Lew[illegible] — [illegible], 1031, 1215, 1404.
Murat, Luís — 1255, 1281.
Murger — 848.
Murta, Domício de Figueiredo — 1394.
Musset, Alfred de — 848.

N

Nabuco, Joaquim — 808, 813, 856.
Nabuco, Sizenando — 813, 882, 883, 885.
Nagel — 1149, 1155, 1157.
Nardi Filho, Francisco — 607, 1301, 1404.
Naret, Rosalie — 1163.
Nascimento, Josino do — 876.
Nascimento, Manuel do — 712.
Nazaré, Capitão — 241.
Neme, Mário — 26.
Nemitz, Francisco — 963.
Neri, Frederico José de Santana — 145, 1407.
Neukomm, Sigismundo — 434, 886.
Neves, José Maria das — 1327, 1328, 1404.
Neves, Samuel das — 1332.
Nhá Bupi (apelido) — 374.
Nhá Umbelina (apelido) — 826, 829.
Nhô Quito (apelido) — 478.
Nobre, Antônio de Gois — 88, 125, 129, 135, 144, 571, 598, 1404.
Nobre, José de Freitas — 411, 838, 1281, 1404.
Nóbrega, Padre Manuel da — 21, 73, 74, 1404.
Nóbrega, Melo — 1193, 1404.
Nogueira, José Luís de Almeida — 23, 42, 43, 49, 94, 141, 142, 417, 437, 446, 452, 474, 478, 484, 495, 496, 500, 509, 512, 567, 568, 587, 592, 595, 601, 605, 630, 631, 635, 636, 638, 642, 643, 648, 649, 657, 660, 694, 697, 698, 703, 704, 709, 730, 733, 764, 781, 791, 793, 796, 797, 798, 801, 802, 813, 814, 817, 818, 819, 820, 823, 824, 825, 826, 829, 830, 842, 844, 847, 848, 849, 850, 855, 856, 857, 867, 868, 873, 876, 879, 880, 881, 88[illegible], 889, 893, 894, 907, 929, [illegible], 1152, 1218, [illegible], 1404, 1445, 1449, 1452.
Nogueira, José [illegible]
[illegible]
Notaraberto, Francisco — 955.
[illegible] — 10[illegible].
Novais, Antônio Dias — 793.
Nunes, Dolivais — 1039, 1278.
Nunes, Jacomo — 457.

O

Odoardo, Domingos — 709.
Oliveira, [illegible] Barbosa de — 23, 571, 572, 1405.
Oliveira, [illegible] de — 7[illegible]5.
Oliveira, Antônio Rodrigues Velho de — [illegible], 414, 417, 632, 1405, 1432.
Oliveira, Augusto Pedro de — 1123.
Oliveira, Barbosa de — 930.
Oliveira, Bernardo José Torres de — 844.
Oliveira, Joaquim Anselmo de — 832, 848.
Oliveira, José Feliciano de — 1031, 1405.
Oliveira, José Joaquim Machado de — 21, 82, 85, 87, 109, 186, 286, 305, 386, 417, 717, 843, 1283, 1405.
Oliveira, Manuel d' — 790.
Oliveira, Manuel Botelho de — 397, 426.
Oliveira Silviano de — 27.
Olympio, José — 27.
Onel, Guilherme Carlos — 963.
Opperman, Francisco Emílio — 1296.
Orbigny, Alcide d' — 22, 441, 477, 1405.
Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e — 413.
Orga, Ana Maria — 925.
Orta, Teresa Margarida da Silva e — 413.
Oswald, Carlota — 890, 893.
Otero, Felix — 1304.
Ouriques, José Jacques da Costa — 483, 1439.

Oyenhausen, João Carlos Augusto de — 321, 348.

P

Pacheco, Felix — 1376.
Pagano, Sebastião — 22, 926, 1031, 1405.
Pai Inácio (apelido) — 1171, 1463.
Pais, Fernão Dias — 112, 113, 185, 1425.
Pais, João — 157.
Paiva, — V. Azevedo, Domingos de Paiva.
Paiva, João Luís — 882.
Paixão, Luís Maria da — 735.
Pallière, Arnaldo Juliano — 203, 345, 1428, 1432.
Palm, Carlos — 694, 1446.
Palma, Conde da — 1444.
Pangella, Giuseppe — 1312.
Pantaleão, Olga — 46, 1405.
Paranapiacaba, Barão de — V. Souza, João Cardoso de Menezes e.
Pareto, Graziela — 1300.
Parker — 1015, 1456.
Pascau — 706.
Pascau, Madame — 706, 1163.
Paulista, Francisco de Sousa — 1075.
Pedro I, Dom — 1449.
Pedro II, Dom — 876, 1376.
Peixoto, Afrânio — 1388.
Peixoto, Bernardo José Pinto Gavião — 605.
Peixoto, Inácio José de Alvarenga — 411.
Pena, Leonam de Azevedo — 1409, 1410.
Pena, Luís Carlos Martins — 24, 638, 862, 881, 883, 1405.
Penacchi, Fúlvio — 1361, 1380, 1469.
Penalva, Gastão — 1408.
Penteado (família) — 1082.
Penteado, Antônio Álvares — 1181, 1182.
Pereira, Antônio Batista — 22, 72, 1086, 1089, 1405, 1460.
Pereira, Bento José — 835.
Pereira, Bernardo Martins — 712.
Pereira, Frei João de São Bento — 1448.
Pereira, João Batista — 813.
Pereira, Joaquim Gaspar dos Santos — 991.
Pereira, José Roiz — 316.
Pereira, Lafaiete Rodrigues — 855.
Pereira, D. Mateus de Abreu — 241, 349, 351, 410, 1432.
Pereira, Teodomiro Alves — 51, 52, 56, 448, 512, 550, 551, 819, 820, 823, 843, 874, 1405.
Pereira, Teotônio da Costa — 884.
Pereira, Vicente Gomes — 1444.
Pereira Júnior, — 698.
Pereira Júnior, José Fernandes da Costa — 455, 1419.
Peres, Francisco — 1435.
Perigaut ou Perigout, Luís — 791, 801.
Perugino — 1380.
Pestana, Nereu Rangel — 20, 1420.
Pestana, Paulo Rangel — 22, 321, 718, 920, 1012, 1169, 1170, 1323, 1405, 1406.
Petit, Paulo — 882.
Petrarca — 848.
Pfing — 1070.
Philipeaux, Emília — 1302.
Picasso — 1380.
Piccarolo, Antônio — 1112, 1115, 1311, 1312, 1406.
Picchia, Menotti del — 1379.
Pierson, Donald — 24, 1323, 1324, 1331, 1406.
Pilatos, General — V. Mendonça, Antônio Manuel de Melo Castro e.
Pimenta, Gelásio — 1303, 1406.
Pimentel, Osmar — 27.
Pinhal, Conde do — 496,
Pinheiro, Albertino — 1397.
Pinheiro, Geraldo Faria Lemos — — 1308, 1406.
Pinheiro, Gustavo — 882.
Pinheiro, Joaquim Xavier — 648, 1115.
Pinheiro, José Feliciano Fernandes — 268, 414.
Pinho, José Vanderlei de Araujo — 22, 524, 704, 802, 874, 1302, 1406.

Pinto, Adolfo Augusto — 24, 613, 939, 940, 988, 999, 1000, 1007, 1011, 1012, 1015, 1060, 1061, 1406.
Pinto, Alfredo Moreira — 23, 460, 568, 793, 875, 937, 984, 1096, 1144, 1161, 1182, 1195, 1245, 1293, 1294, 1406.
Pinto, Antônio Pereira — 843.
Pinto, Bento Teixeira — 397.
Pinto, Caetano — 824.
Pinto, Diogo de Mendonça — 835, 842, 885.
Pinto, Fernão Mendes — 396.
Pinto, José Maria de Sousa — 876.
Pinto, Manuel de Sousa — 23, 38, 58, 59, 60, 63, 456, 831, 903, 904, 913, 943, 944, 947, 1085, 1100, 1115, 1199, 1277, 1406.
Piolim — 1367.
Piquerobí — 798.
Piracicaba, Barão de — 496.
Pires, Gonçalo — 111.
Pires, Homero — 1390.
Pittaluga, João Batista — 790.
Piza, Antônio de Toledo — 21, 72, 115, 126, 130, 135, 151, 343, 394, 413, 446, 592, 1406, 1435.
Planel — 697.
Planet — 791, 792.
Planitz — 851.
Plaster, Carlos — 478.
Poelitz, H. L. — 841.
Pombal, Marquês de — 86, 125.
Pompéia, Raul — 1255, 1281.
Pontes, Padre Belchior de — 159, 262, 267.
Pontes, Elói — 1262, 1406.
Pontrimoli, Antônio — 709.
Porchat, Milcíades — 24, 988, 991, 1015, 1016, 1406.
Portinari, Cândido — 1380.
Porto, Jacinto Nunes — 51.
Porto, Ludovico Dal — 1173, 1180.
Portugal, Marcos — 434, 886.
Portugal, Tomás Antônio Vilanova — 321.
Possetti, José — 1095.
Póvoa, José Joaquim Pessanha — 23, 510, 803, 843, 851, 852, 855, 870, 881, 883, 884, 1217, 1218, 1406, 1407.
Prado, Almeida — 930.
Prado, Antônio — [illegible] 980, 1001, 1003, 1007 1081, 1095, 1157, 1181, 1241, 12[illegible] 1267, 1304, 1456, 1457, 1468.
Prado, Eduardo — 24, 33, 145, 186, 1255, 1281, 1407, 1427, 1459.
Prado, Ian de Almeida — 24, 26 132, 135, 185, 203, 345, 470, 496, 499, 921, 1015, 1041, 1367, 1375, 1407, 1427, 1428, 1432, 1436, 1444.
Prado, João do — 110.
Prado, Martinho da Silva — 205, 1029, 1121.
Prado, Paulo — 24, 39, 46, 81, 225, 1255, 1281, 1407.
Prado, Veridiana — 929, 1031, 1033, 1111, 1112, 1264, 1459.
Prado Júnior, Antônio — 1065, 1082.
Prado Júnior, Caio — 24, 45, 46, 85, 92, 93, 210, 448, 899, 900, 907, 913, 914, 948, 951, 952, 977, 978, 1032, 1042, 1045, 1046, 1050, 1060, 1062, 1096, 1180, 1181, 1185, 1315, 1335, 1340, 1352, 1364, 1407.
Prunier, Madame — 1163.
Prússia, Henrique da — 1150.
Pruvot, José — 706.
Pruvot, Madame — 706, 1163.
Pucci, Luís — 1282, 1466.
Puech, Rezende — 1363, 1469.
Pusello, Moselli — 1312.
Puttemans, Arsênio — 1011, 1466.

Q

Quartim, Antônio Bernardo — 535, 678, 869.
Quartim, Antônio M. — 321, 324.
Queirolo — 1367.
Queiroz, Alaor de — 1237.
Queiroz Ior — 435, 1407.
Queiroz, Senador — 1263.
Querino, Manuel — 797, 798, 1407.
Quesada, João Elói — 882, 885.
Quitéria — 379.

R

Rabecão, Francisco (apelido) — 404.

Racine — 436.
Rademaker, John — 1029, 1451.
Raffard, Henrique — 22, 58, 59, 60, 591, 903, 933, 937, 960, 964, 991, 922, 996, 1000. 1020, 1035, 1036. 1066, 1073, 1110, 1112, 1121, 1138, 1139, 1144, 1152, 1155, 1154, 1168, 1179, 1180, 1193, 1194, 1211, 1272, 1275. 1281, 1282, 1304, 1312, 1407.
Raimundo, Jacques — 785, 1407.
Ramalho, João — 218, 798, 1434, 1435.
Ramalho, Joaquim Inácio — 842, 855, 1073.
Ramos, Artur — 1407.
Ramos, Artur Rudge — 1065, 1085, 1408.
Ramos, José da Silva — 124, 429.
Ramsay, W. — 1016.
Rangel, Alberto — 802, 1449, 1450.
Rath, Carlos Frederico José — 121, 523, 530, 760, 843, 1408, 1425.
Ravault, Madame — 1167.
Reichert, — 893.
Reimann, Frederico — 685.
Reis, Antônio Álvares — 305.
Reis, Viuva — 1152, 1175, 1255.
Reis Júnior, Antônio Gomes dos — 636.
Rembrandt — 1380.
Rendon, Irmãs — 474.
Rendon, José Arouche de Toledo — 21, 48, 49, 91, 141, 142, 177, 205, 247, 266, 270, 274, 277, 324, 410, 413, 415, 478, 576, 640, 643, 681, 810, 1027, 1030, 1408, 1435.
Rendu, Alphonse — 22, 448, 1408.
Renoir — 1380.
Ressurreição, Frei Manuel da — 1429.
Revy, Jules — 1086.
Reyles, Carlos Maria — 1404.
Rezende, Carlos Penteado de — 22. 26. 889, 890, 893, 894, 1225, 1301, 1302, 1308, 1311, 1408.
Rezende, Domiciano de Sales Viana de — 813.
Rezende, Francisco de Paula Ferreira de — 23, 452, 512, 575, 630, 637, 682, 725, 726, 814, 817, 1408, 1451, 1454.
Ribas, Antônio Joaquim — 842, 850.
Ribas, Emílio — 1190, 1194, 1408.
Ribbio — 876.
Ribeira, Amador Bueno da — 442, 1464.
Ribeiro, Francisco Bernardim — 849.
Ribeiro, Gonçalo — 295, 315.
Ribeiro, José Jacinto — 21, 123, 126, 137, 166, 197, 205, 234, 286, 287, 325, 343, 354, 385, 410, 517, 522, 530, 560, 588, 605, 615, 678, 686, 716, 760, 790, 844, 869, 885, 890, 925, 992, 1000, 1036, 1074, 1076, 1086, 1099, 1100, 1101, 1143, 1179, 1204, 1275, 1290, 1300, 1303, 1408.
Ribeiro, Júlio — 944.
Ribeiro, Manuel — 1435.
Ribeiro, Tomás — 848.
Ribeyrolles, Charles — 518, 537, 1408.
Ricardo, Cassiano — 24, 1379, 1408.
Ricchiello, Miguel — 1180.
Richepin, Jacques — 1300.
Richter, Francisco — 215, 1429.
Rio, Pires do — 1332, 1335, 1356, 1467.
Rio Branco, Barão do — Entre 1028 e 1029, 1458.
Rocco, Salvador — 1264, 1409.
Rocha, Antônio Cândido da — 536, 1419.
Rocha, Francisco Franco da — 734, 1199, 1409.
Rocha, José Alves de Sá — 1272.
Rocha, Justiniano José da — 849.
Rochat, Madame — 706.
Rodovalho — 698, 1031, 1070.
Rodovalho Júnior — 1070.
Rodrigues, Antônio — 331.
Rodrigues, Francisca — 294, 315.
Rodrigues, João (Século 16) — 1435.
Rodrigues, João (Século 19) — 789.
Rodrigues, José Wasth — 22, 107, 135, 453, 489, 491, 492, 547. 1383, 1409, 1425, 1437, 1439, 1441, 1470.

Rodrigues, Milton [illegible]
Rodrigues, Raimundo [illegible]
Rohe, Germano — 711.
Roiz, Baltazar — [illegible]
Roland, Alexandre Monteiro da Silva — 717.
Romanelli — 1180.
Romero, Sílvio — 24, 71, 397, 398, 411, 412, 414, 434, 849, 850, 851, 852, 885, 1278, 1281, 1409.
Romieu, Charles — [illegible]
Ronsard — 848.
Rosa, Clara de la — 1389.
Rosa, Francisco [illegible] Almeida — 850.
Rosa, Manuel Rodrigues Fonseca — 735.
Rossi, Cláudio — 1295, 1467.
Rossi, Domício — 1295, 1467.
Rougier, Georges — 23, 1409.
Rousseau, Jean Jacques — 847.
Rovetta — 1277.
Rudge, Guilherme — 1975.
Rudge, John — 640, 1061.
Rudge, John Maxwell — 1030, 1112.
Rudolfer, Bruno — 23, 1340, 1356, 1359, 1400, 1409.
Ruffo, Tita — 1300.
Rugendas, João Maurício — 22, 55, 131, 171, 388, 430, 431, 1409, 1436.
Ruxaque, Lourenço — 111.

S

Sá, A. Nogueira de — 1124, 1192, 1193, 1409.
Sá, Antônio de Azevêdo de — 116, 297, 396.
Sá, Manuel Álvaro de Sousa — 1261, 1409.
Saavedra, Miguel de Cervantes — 396.
Saboya, Artur — 1332, 1344, 1356.
Sacramento, Frei Leandro do — 640.
Saia, Luís — 24, 26, 79, 119, 138, 185, 259, 260, 1409.
Saint-Hilaire, Auguste de — 22, 37, 45, 73, 77, 81, 93, 94, 96, 129, 136, 137, 141, 143, 145, 171, 172, 174, 200, 202, 211, 212, 230, 233, 248, 249, 269, 273, 274, [illegible] 307, 311, 315, 318, 321, 322, [illegible] 348, 388, 389, 417, 429, 435, 436, 437, 479, 505, 510, 585, [illegible] 705, 735, 1403, 1409, 1410, 1421, 1428, 1431, 1434, 1435, 1438.
Saldanha, Martim Lopes Lobo de — 88, 131, 226, 339, 340, 372, 374, 1424, 1464.
Sales, Alberto — 1179, 1180, 1410.
[illegible]
Sales, Paulo — 1410.
Salgado, Plínio — 1379.
Salvador, [illegible] 33, 78, 255, 256, 261, 263, 1410.
Salvini, Gustavo — 1300.
Sálvio, Valério — 1137, 1276, 1410.
Sampaio, Francisco Leite de Bittencourt — 855, 894.
Sampaio, Teodoro — 21, 51, 72, 74, 77, 95, 103, 106, 136, 142, 151, 163, 166, 198, 199, 209, 210, 211, 237, 238, 241, 278, 394, 424, 442, 459, 929, 1410.
Santana, Nuto — 22, 26, 72, 109, 111, 115, 120, 123, 130, 132, 144, 159, 160, 163, 164, 171, 172, 184, 185, 190, 193, 194, 200, 201, 213, 214, 217, 219, 223, 242, 245, 246, 247, 264, 267, 271, 272, 283, 284, 285, 288, 300, 303, 304, 305, 315, 324, 338, 339, 340, 357, 358, 366, 386, 402, 433, 434, 473, 480, 484, 505, 515, 524, 525, 538, 541, 545, 550, 563, 564, 582, 583, 597, 602, 605, 611, 612, 616, 619, 620, 632, 660, 664, 681, 686, 729, 733, 738, 763, 764, 772, 777, 794, 795, 833, 835, 837, 875, 938, 978, 979, 995, 1018, 1019, 1021, 1031, 1035, 1041, 1073, 1074, 1079, 1080, 1031, 1082, 1100, 1134, 1143, 1155, 1156, 1158, 1225, 1234, 1237, 1410.
Santos, Augusto dos — 974.
Santos, Cadete — V. Silva, Joaquim José dos Santos.
Santos, Gabriel José Rodrigues dos — 867.
Santos, Hermenegildo José dos — 908.
Santos, José de Almeida — 82, 1411.

Santos, Marquesa de — 132, 605, 799, 802, 1030, 1449.
Santos, Noronha — 238, 1411.
São Carlos, Frei Francisco de — 411, 848.
São Leopoldo, Visconde de — V. Pinheiro, José Feliciano Fernandes.
Saraiva, José Antônio — 37, 523, 534, 663, 864, 1419.
Sardinha, Afonso — 185, 365, 1428, 1435.
Sauvage — 749.
Sauvage, A. — Entre 1028 e 1029, 1458.
Savin, Virot — 1179.
Schalch, Benjamin — 1234, 1237.
Schaumann, Gustavo — 667, 735, 824.
Schiller — 848.
Schmidt, Afonso — 22, 288, 478, 550, 705, 820, 831, 841, 882, 979, 1210, 1237, 1307, 1397, 1411.
Schmidt, Carlos Borges — 26, 136, 348, 1411.
Schoen, Guilherme — 875.
Schomburg, Henrique — 649, 1149.
Schritszmeyer — 1173.
Schroeder, Henrique — 843, 1445.
Schubert — 1304.
Schulze, Frederico — 1163.
Schumaker, Carlos — 711, 715.
Schwindt, João Pedro — 639, 715.
Sci.imbani — 1237.
Seckler, Jorge — 19, 843, 922, 1056, 1116, 1152, 1163, 1173, 1175, 1180, 1199, 1206, 1267, 1276, 1277, 1278, 1303.
Seechrist, Cristiano — 473.
Serafana, A. J. — 963.
Sertório — 1255, 1282, 1466.
Sertório, Joaquim — 795, 908.
Sette, Mário — 1391.
Seutterum — 1376.
Severino, Donato — 607.
Severo, Ricardo — 487, 1262, 1263, 1301, 1411, 1450.
Shaw, Augusto — 1245.
Sigaud, J. F. X. — 22, 639, 1411.
Silva, André da — 693.
Silva, Antônio Cavalheiro e — 491, 1439.
Silva, Antônio José da — 436.
Silva, Antônio Marques da — 173.
Silva, Bartolomeu Bueno da — 225.
Silva, Bento do Amaral da — 234, 1430.
Silva, D. Duarte Leopoldo e — 1225.
Silva, Firmino Rodrigues da — 850.
Silva, Padre Inácio de Azevedo — 166.
Silva, Inácio Joaquim da — 545.
Silva, Jacinto — 20, 925, 939, 1411.
Silva, João Ribeiro da — 781, 1170.
Silva, Joaquim José dos Santos — 205, 283, 568.
Silva, Joaquim Marcelino da — 1115.
Silva, Joaquim Norberto de Sousa e — 426, 848, 1411.
Silva, Joaquim Pereira da — 595.
Silva, José Bonifácio de Andrada e — 170, 323, 394, 403, 404, 407, 410, 414.
Silva, José Bonifácio de Andrada e (O Moço) — 842, 848, 852.
Silva, José Gonçalves da — 894.
Silva, Lafaiete — 426, 429, 436, 881, 883, 1411.
Silva, Mamede José Gomes da — 889.
Silva, Manuel da Fonseca Lima e — 510, 658.
Silva, Maria Luisa do Carmo e — 1222.
Silva, Matias Rodrigues da — 423.
Silva, Oscar Pereira da — 227, 1312, 1429.
Silva, Pirajá da — 1402, 1412.
Silvado — 1069.
Silvana, Tia (Apelido) — 635.
Silveira, Costa — 841.
Silveira, Guilherme da — 1299.
Silveira, J. F. Barbosa da — 930, 944, 1411.
Silveira, Valdomiro — 1255, 1281.
Simonsen, Roberto — 24, 1176, 1411.
Sinhá Maria Paneleira (Apelido) — 705.
Siqueira, Francisco Nunes de — 157, 423.
Soares, João Crispiniano — 621, 1419

Soares, Macedo — 886.
Soares, Sebastião Ferreira — 448, 451, 1412.
Sobral, Silva — 841.
Sousa, A. Augusto de — 1080.
Sousa, Alberto — 22, 523, 838, 875, 879, 883, 1075, 1412, 1452.
Sousa, Antônio Francisco de Paula — 417.
Sousa, Bento de Paula — 793.
Sousa, Deolinda de — 882.
Sousa, Everardo Valim Pereira de — 22, 478, 511, 903, 930, 933, 977, 1003, 1018, 1027, 1029, 1032, 1040, 1041, 1056, 1111, 1117, 1123, 1139, 1140, 1151, 1152, 1164, 1181, 1230, 1241, 1245, 1256, 1259, 1290, 1296, 1299, 1300, 1302, 1304, 1412.
Sousa, D. Francisco de — 78.
Sousa, Inglês de — 1255, 1277, 1281.
Sousa, João Silveira de — 850, 852.
Sousa, Joaquim Augusto Ribeiro de — 882, 884, 885.
Sousa, José Fernandes de — 844.
Sousa, Frei Luís de — 851.
Sousa, Manuel de — 303.
Sousa, Martim Afonso de — 44, 218, 576.
Sousa, Militão Augusto de — 882.
Sousa, Paulino José Soares de — 819.
Sousa, Pedro Luís Pereira de — 855, 1140, 1229, 1412.
Sousa, Washington Luís Pereira de — 21, 82, 95, 190, 357, 1229, 1383, 1412, 1470.
Sousa Filho, Clemente Falcão de — 838, 885.
Souza, João Cardoso de Menezes e — 509, 564, 587, 592, 698, 730, 841, 850, 852, 1412.
Souza, T. Oscar Marcondes de — 1412.
Southey, Robert — 46, 258, 261, 1412.
Sparapani, Sebastião — 1312.
Spix, João Batista von — 565, 1402, 1412, 1425.
Stevaux, Euzébio — 1099.
Stupakoff, Henrique — 1117, 1302.
Sydow, Adolfo — 1170, 1175.
Sydow, Gustav. — 1170.
[illegible]
[illegible]
[illegible]
Francisco Xavier Pais de.
Taunay, Afonso de E., — 21, 33, 34, 38, 39, 40, 45, 48, 81, 82, 86, 87, 91, 100, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 116, 117, 118, 120, 125, 127, 133, 139, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 167, 172, 174, 177, 182, 183, 184, 189, 190, 194, 197, 203, 214, 218, 220, 223, 224, 225, 229, 230, 234, 238, 242, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 271, 273, 279, 280, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 303, 316, 317, 332, 334, 337, 341, 343, 345, 353, 365, 366, 367, 368, 371, 375, 376, 381, 382, 385, 394, 395, 396, 397, 398, 401, 402, 403, 412, 413, 414, 423, 425, 434, 436, 449, 451, 456, 487, 488, 491, 557, 598, 607, 640, 657, 718, 833, 837, 841, 1011, 1012, 1409, 1412, 1413, 1414, 1425, 1426, 1427, 1437.
Taunay, Visconde de — 23, 495, 524, 588, 596, 697, 704, 873, 874, 884, 885, 1395, 1414.
Tautphoeus — 851.
Tavares, Francisco Gomes — 161.
Tavares, Jordão — 1070.
Tavola, Henrique — 313, 1431.
Tebas, Joaquim Pinto de Oliveira — 126, 129, 285, 286, 1455.
Teco, Manuel Joaquim da Paixão — 319, 699.
Teixeira, Antônio Soares — 715.
Teixeirão (apelido) — 614.
Teixeirinha (apelido) — 876.
Teles, Augusto C. da Silva — 24, 943, 952, 979, 980, 988, 1007, 1046, 1090, 1168, 1295, 1414, 1456.
Teles, Carlos José da Silva — 835.
Teyssier, Inácio Pinto — 706.
Teyssier, Pedro — 706.
Thermacis, Hugo — 648.
Thiebaut, Alberto — 1234.
Thiollier, A. — 1276.

Thorman, Canuto — 1417.
Tibiriçá — 798.
Tinoco, Diogo Grason — 398.
Tintoretto — 1380.
Tito Lívio — 836.
Tocha, Tomás Rodrigues — 323.
Toledo, Bonilha de — 642.
Toledo, Joaquim Floriano de — 524, 621, 1419.
Toledo, Vicente Xavier de — V. Zwingli, Ulrico.
Torres, Alberto — 1255, 1281.
Torres, Ferreira — 852.
Torres, José Carlos Pereira de [illegible] — 533.
Torres, José Joaquim Fernandes — 587, 663, 734, 864, 1419.
Torres, Orlando — 1415.
Trancoso, Anastácio de Freitas — 571, 641.
Tres Rios, Marquês de — 478.
Tschudi, Joann Jakob von — 22, 451, 455, 487, 488, 491, 598, 657, 833, 837.
Turot, Henri — 23, 1414.
Tut, Henrique — 712.

U

Upton, Francisco Archer — 959, 1303.
Usteri, A. — 1414.

V

Vale, Paulo Antônio do — 842, 849, 851, 852, 879, 880, 883, 1278, 1414.
Vampré, João — 22, 257, 365, 1414.
Vampré, Spencer — 22, 43, 268, 273, 274, 460, 644, 647, 694, 697, 699, 759, 791, 793, 813, 818, 823, 829, 830, 837, 838, 844, 847, 855, 856, 870, 875, 876, 883, 929, 1116, 1204, 1256, 1281, 1290, 1414, 1415, 1450.
Vanorden, Henrique — 20, 1420.
Varela, Luís Nicolau Fagundes — 24, 510, 564, 809, 930, 843, 848, 855, 1261, 1415.
Varela, Tomé Manuel de Jesus — 324.
Varnhagen, Francisco Adolfo de — 425.
Vasconcelos, Bernardo Pereira de — 94, 417.
Vasconcelos, Fernando Pereira de — 640.
Vasconcelos, Moacir N. — 1398.
Vasconcelos, Simão de — 21, 185, 185, 255, 261, 263, 1415, 1424.
Vasques, Antônio Correa — 882.
Vaucheret, Fanny — 1167.
Védia ou Vedras, Jorge José Pinto — 863, 864, 1455.
Velasquez — 1380.
Veluti, Maria — 882.
Ventura, Padre — 435.
Verdi, Giuseppe — 1381.
Vergueiro, Nicolau Pereira de Campos — 588, 1267, 1451.
Viana, Luís Simeão Ferreira — 737.
Viana, Solena Benevides — 1402.
Vicente — 1143.
Vicente, Gil — 426, 436, 848.
Vicentinho, Mestre (apelido) — V. Pereira, Vicente Gomes.
Vide, D. Sebastião Monteiro da — 842.
Vieira, Padre Antônio — 397.
Vieira, João Marcos — 323, 324.
Vieira, Manuel — 1246.
Vigny, Alfred de — 847, 848.
Vilaça, Dr. 1192.
Vilares, Dr. — 1195.
Vildien, Reine — 639.
Vilhegas, Estebam Manuel de — 396.
Vilhena, Luís dos Santos — 21, 270, 1415.
Vill, Francisco — Francisco — 1070.
Viller — 404.
Vincent, Franc — 23, 1000, 1050, 1415.
Vines, José Lince — 42.
Vioget, João Jacques — 794.
Virgílio — 848, 896.
Vitorino, José — 882.
Vollsack — 64.

Waddell, W. A. — 1270, 1415.
Wagner [illegible]
Wagner, Mirko — 1353.
Wallace, Alfred Russel — 1415.
Walle, Paul — 23, 944, 948, 987, 1012, 1042, 1050, 1085, 1158, 1161, 1169, 1182, 1185 118[illegible], 1241, 1294, 1295, 1296, 1415.
Waterton, Charles — [illegible]
Weiler, Viuva Ida — 1167.
Westheimer, Gustavo — 1301, 1303.
Wienan, Henrique — 712.
Wiener, Charles — 22, 913, 933, 1168, 1307, 1415.
Wille, Theodor — 700.
Witte, Guilherme — 1181.
Wolf, Paulo — 1402, 1412.
Wyzenski, Crist'no ou Wyzewski, G. — 473, 619.

[illegible] 995, 996, 1085, 1205, 1226, 1455, [illegible]
Xavier, Luís Ernesto — 882.
[illegible] 189, 1425.

Zacheli — 437.
Zaluar, A. Emílio — 22, 56, 57, 459, 460, 572, 694, 705, 706, 718, 818, 819, 849, 870, 1415, 1442.
[illegible]
[illegible]
[illegible]
Zenha, Edmundo — 79, 1415.
[illegible] 884, 886, 1414.

PLANTA DA
CIDADE DE SÃO PAULO
CONFECCIONADA PELA
COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO
REFERÊNCIAS
1 - Catedral
2 - Banco do Estado
3 - Basilica de São Bento
4 - Teatro Municipal
5 - Biblioteca Municipal
6 - Faculdade de Direito
7 - Palacio da Justiça
8 - Assembleia Legislativa
9 - Estação da Luz
10 - Estação da Sorocabana
11 - Jardim da Luz
12 - Parque da Aeronáutica
13 - Observatorio Astronômico
14 - Penitenciaria
15 - Parque da Água Branca
16 - Estadio Municipal
17 Cemiterio do Araçá
18 Faculdade de Medicina
19 Cemiterio da Consolação
20 Parque Siqueira Campos
21 Tunel 9 de Julho
22 Basilica N. S. do Carmo
23 Instituto Butantã
24 - Joquei Clube
25 Monumento às Bandeiras
26 Sociedade Hipica
27 - Instituto Biologico
28 - Aeroporto de Congonhas
29 Estação Roosevelt
30 Museu e Monum. do Ipiranga
31 - Rio Tamanduatei
(REPRODUZIDA POR ESPECIAL GENTILEZA DA COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO)
VILA SANTA MARIA
CHORA MENINO
NOSSA SENHORA DO Ó
CASA VERDE
SANTANA
JARDIM SÃO PAULO
FREGUEZIA DO Ó
CARANDIRÚ
BAIRRO DO LIMÃO
VILA MARIA
VILA GUILHERME
PARQUE NOVO MUNDO
VILA ANASTACIO
BOM RETIRO
VILA LEOPOLDINA
LAPA
BARRA FUNDA
PARÍ
CANINDÉ
ÁGUA BRANCA
CATUMBÍ
TATUAPÉ
ALTO DA LAPA
CAMPOS ELISEOS
VILA POMPÉIA
ORIENTE
PERDIZES
HIGIENÓPOLIS
BELEMZINHO
BOAÇAVA
BRÁS
VILA GOMES CARDIM
SUMARÉ
CONSOLAÇÃO
ALTO DE PINHEIROS
MOÓCA
ÁGUA RASA
CIDADE UNIVERSITARIA
BELA VISTA
LIBERDADE
ALTO DA MOÓCA
CERQUEIRA CEZAR
CAMBUCÍ
JARDIM AMÉRICA
PARAISO
BUTANTÃ
PINHEIROS
JARDIM EUROPA
ACLIMAÇÃO
VILA PRUDENTE
JARDIM PAULISTA
VILA MARIANA
ITAIM
CIDADE JARDIM
IPIRANGA
MIRANDÓPOLIS
BROOKLIN PAULISTA
VILA CLEMENTINO
INDIANÓPOLIS
PLANALTO PAULISTA
BOSQUE DA SAÚDE
BROOKLIN PAULISTA
SÃO CAETANO
SAÚDE
ALTO DA BOA VISTA
CONGONHAS

*

TERMINOU-SE A REEDIÇÃO DESTA OBRA EM JULHO DE 1954, NO 4.º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO A CONFECÇÃO TIPOGRÁFICA FOI REALIZADA NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA A

LIVRARIA *JOSÉ OLYMPIO* EDITORA,

RIO DE JANEIRO.

*